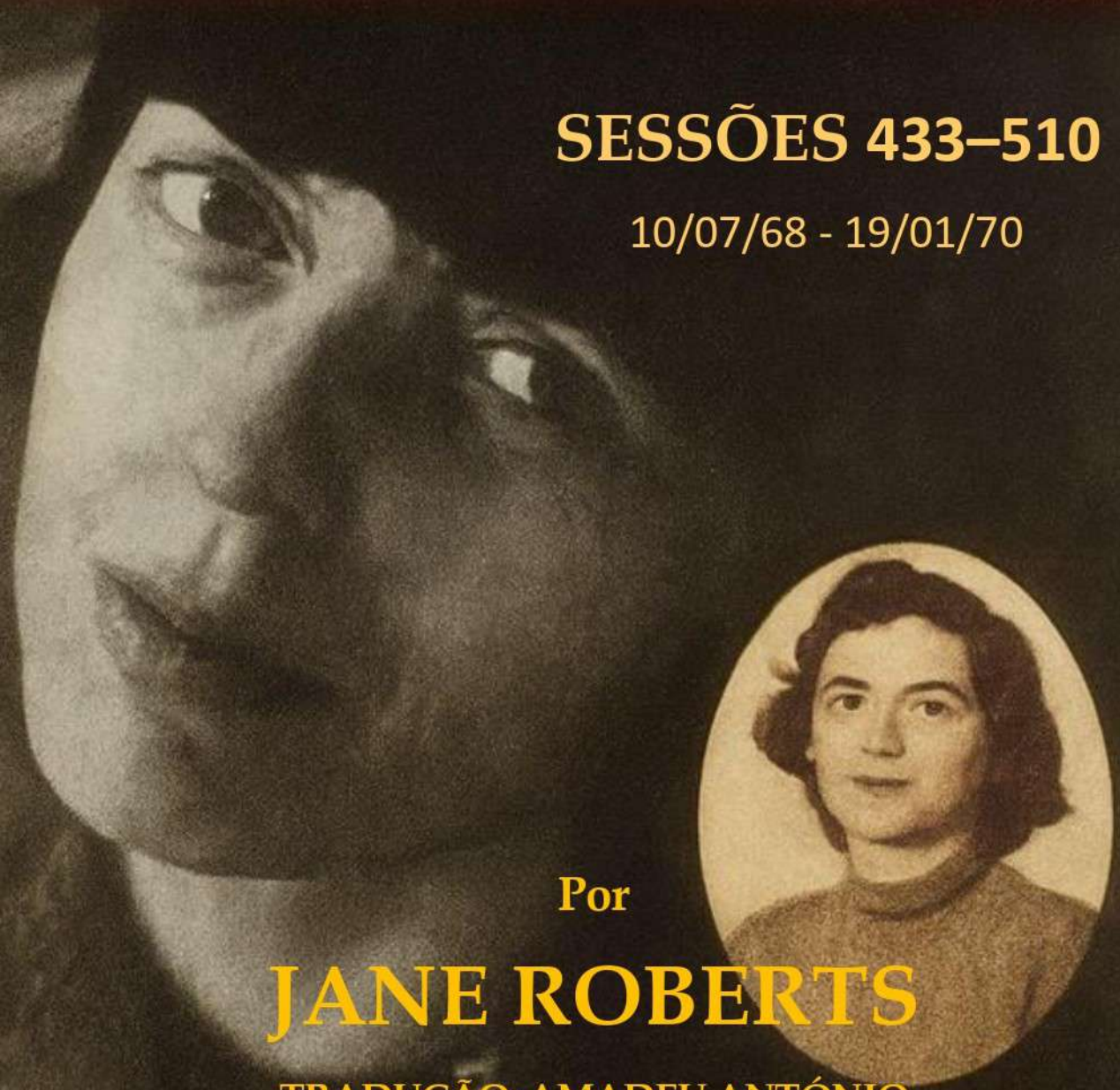
UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 9 do Material Seth



SESSÕES 433–510

10/07/68 - 19/01/70

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

AS SESSÕES INICIAIS
Livro 9 de "O Material de Seth"
Sessões 422–510
10/07/68–19/01/70

© 2000 Robert Butts
© 2014 Laurel Davies Butts
Publicado por New Awareness Network Inc.
New Awareness Network Inc.
P.O. Box 192
Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre assuntos de saúde e medicina expressas neste livro são da autoria do autor e não são necessariamente as do editor nem por este endossadas. Essas opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de consulta com um médico devidamente habilitado.

Design da capa: Michael Goode
Fotografia: fotos da capa de Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.
Edição: Rick Stack
Composição e paginação: Raymond Todd, Joan Thomas, Michael Goode

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, no todo ou em parte, sem autorização escrita do editor, exceto por um crítico que possa citar passagens breves numa recensão; nem qualquer parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida por qualquer forma ou meio — eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem autorização escrita do editor.

Dados de catalogação na publicação da Library of Congress
Seth (Espírito)
As sessões iniciais: volume 8 de O material de Seth / [canalizado] por Jane Roberts;
notas de Robert F. Butts.
p. cm.—(Um livro de Seth)

1. Escritos mediúnicos. 2. Eu — miscelânea.
   I. Roberts, Jane, 1929–1984. II. Butts, Robert F. III. Título.
   IV. Série: Seth (Espírito), 1929–1984. Livro de Seth.

Número de catálogo da Library of Congress: 96-69349

SESSÃO 422
10 DE JULHO DE 1968

(Às 20h45 de hoje, a Jane disse que o Seth ia falar sobre as aparições de York Beach que criámos nesse resort no verão de 1963, quando lá estávamos de férias, no Maine. A Jane tinha estado a escrever sobre o incidente esta tarde e eu tinha-me perguntado em voz alta se o Seth poderia dar mais dados sobre isto. Ele também o discutiu, até certo ponto, nas primeiras sessões.)

(A Jane começou a falar ao modo habitual do Seth.)

Agora, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Podes dizer ao Ruburt que ele não perdeu o seu eu luminoso, e que ele não foi a lado nenhum.

(Isto referia-se a um poema que a Jane escreveu depois do jantar desta noite, quando estava em baixo de ânimo.)

Diz-lhe para se lembrar de um poema, Rapunzel, que escreveu há anos.

Ele simplesmente negou expressão ao seu eu luminoso. O poema desta noite de facto continha, e era em si mesmo, uma inspiração intuitiva. Foi uma saudação ao eu espontâneo, expressa criativamente.
A ideia é excelente. Uma declaração poética tem peso para a sua personalidade, e esta declaração poética tem conotações quase mágicas. Tal como os nativos fazem uma dança para provocar a chuva, muitas vezes com excelentes resultados, assim o poema do Ruburt representa o mesmo tipo de encantamento.

O ato de escrever o poema neste momento, independentemente da mensagem do poema, percebes, representa uma vontade de permitir a expressão do eu espontâneo. A própria mensagem, então, reforça duplamente a sugestão.

Mesmo a emoção na primeira parte, expressa espontaneamente e formada criativamente em arte, é um bom indício.

Agora, quanto às vossas imagens de York Beach. Aqui, energias agressivas e destrutivas foram projetadas para fora de forma inconsciente, dotadas de uma pseudorrealidade e de uma validade física temporária. Houve uma perda de proteínas da vossa parte.

Tais imagens são construídas de energia emocional, mas também são parcialmente formadas a partir da estrutura química do indivíduo ou indivíduos por detrás de tais produções. O corpo físico tem então de

trabalhar horas extra. O ímpeto é emocional, e a pseudossustentação é formada de energia emocional, mas a própria imagem tem de ser construída em parte de componentes físicos, e estes têm de vir de algum lado.

Agora, mesmo no caso de alucinações, o originador utiliza projeções da sua própria estrutura física, que depois percebe. Embora a mente, ou melhor, o cérebro, possa parecer passivo no caso do percecionador, o metabolismo acelera, pois o corpo está a usar energia a um ritmo acelerado.

A carga emocional fornece o padrão e o ímpeto para a criação e, no caso de York Beach e em situações semelhantes, fornece a própria projeção ou externalização. Consoante a validade física ou a extensão da realidade física a alcançar, o corpo físico do originador então cede, ou transpõe ou transfere, partes da sua própria estrutura química. Utilizam-se proteínas, e há uma grande perda de hidratos de carbono por parte do originador. Inconscientemente, utilizam-se então os métodos físicos ao alcance em tais empreendimentos. É altamente invulgar, mas possível, consoante a força do descontentamento psíquico, que a consciência possa então dividir-se, residindo uma parte na nova imagem.

Agora. A doença física não é uma condição natural. Ela também exige trabalho adicional deste mesmo tipo, daí muitas vezes as deficiências de vitaminas físicas que ocorrem. Em muitos casos, elas não causam a doença, mas são o resultado dela. Da mesma forma que as proteínas e estruturas químicas do corpo podem ser usadas para formar vários tipos de imagens, também podem ser utilizadas, de forma menos intensa, para, digamos, formar uma úlcera, um bócio, ou para provocar outras alterações.

Mais uma vez, o corpo está a trabalhar em excesso. Aqui, emoções particulares são dissociadas, negadas. O indivíduo não as quer aceitar como parte de si. Em vez de as projetar para fora, como vocês fizeram nessas imagens, são dirigidas para uma área específica do corpo; ou, noutros casos, deixadas vaguear, por assim dizer, “agentes de perturbação itinerantes”, por todo o sistema físico.

É necessária energia definida para as sustentar. Não entraremos numa discussão completa, mas deveis conseguir ver a ligação entre alguns tipos de imagens e úlceras, ou outros crescimentos.

Quando a emoção ofensiva é reconhecida como parte do eu, pode então ser eliminada de forma bastante inofensiva. Toma o seu lugar juntamente com outros traços de personalidade. Ganha o seu poder e força apenas quando é isolada à força, pois então não pode fundir-se com o fluxo e refluxo normais da atividade subjetiva.

Os bons acontecimentos não a podem ajudar, então, pois a personalidade não admite que ela é parte de si mesma.

Podem fazer um intervalo e continuaremos.

(21h31. O transe da Jane tinha sido bom, com um ritmo bastante rápido. Já, disse ela, sabia sobre o que o Seth ia falar depois do intervalo. Retomar às 21h45.)

As imagens que viram eram de eus mais velhos e cansados, as linhas de frustração e amargura claramente inscritas nos traços e aparentes na postura dos corpos.

Usaram as vossas próprias reservas corporais para produzir as imagens. Enfrentaram a amargura de frente e viram-na objetificada. Depois, pela primeira vez, aceitaram-na completamente como parte de vós. Neste ponto, ela regressou a vós e perdeu a sua importância explosiva e isolada. Tornou-se apenas uma emoção entre outras.

Foi o início, no vosso caso, da recuperação. A comunicação telepática entre ti e o Ruburt também esteve envolvida. O Ruburt percebeu que, à medida que mudasses, ele também mudaria. Agora, este mesmo tipo de deterioração ao longo de um período mais longo pode ocorrer na imagem física original, quando a energia não é projetada numa estrutura mais ou menos independente. Compreendes?

("Sim.")

Agora. O Ruburt tinha razão. Ele não queria admitir a sua própria natureza fortemente espontânea. Ela não foi a lado nenhum. Ele só precisa desejar com força que ela regresse, nos seus termos, e irá encontrá-la. No seu caso, fez alterações que impediram severamente a expressão da espontaneidade, no movimento físico. Até certo ponto, isto destinava-se a tranquilizá-lo. Quando ele perceber, e tu podes ajudá-lo, que está de facto seguro apenas quando confia na sua espontaneidade, então ficará livre.

Ele está no processo de se libertar, mas as tuas garantias podem acelerar o processo consideravelmente. O horário de trabalho também ajudará, pois, ao ver o produto da sua espontaneidade, sabe que pode confiar nela. O corpo trabalhou horas extra a reprimir a espontaneidade e usou reservas necessárias para manter os sintomas. As mesmas reservas, percebes, podem ser usadas para construir imagens. Quando aparecem imagens de personalidades de sobrevivência, elas também têm de utilizar tais propriedades.

Confia sempre no movimento e na mudança em detrimento da permanência ou da rigidez.

("Quanto é que a Jane está agora a contribuir, fisicamente, para a tua presença?")

Eu não estou aqui numa materialização física de mim próprio. Se estivesse, seriam necessárias proteínas e propriedades químicas adicionais

da parte do Ruburt. Nas nossas sessões, costumo trazer energia adicional comigo, e o Ruburt sabe como a manejar. Se recordas aquelas declarações anteriores que fiz acerca da natureza do seu padrão de energia, ele está preparado para lidar com grandes quantidades de energia e para as usar.

("Sim.")

É por isso que lhe custou tanto refrear a sua própria energia.

(Inclinando-se para a frente, olhos abertos, de modo bem-humorado:)

Forçar uma tampa sobre essa panela foi um trabalho e tanto.

Agora. A razão do seu desassossego ontem e hoje é simples. Uma reação. Ele temeu que o seu eu espontâneo tivesse sido engolido nas nossas sessões. A reação emocional foi bastante natural, uma vez que a nossa última sessão tocou em pontos profundos.

O poema foi, no entanto, a resolução do medo e um bom sinal. Ele não precisa temer a libertação súbita do eu espontâneo. (A Jane apontou para mim para dar ênfase.) Ele sabe que está a ser libertado. Ele sabe que está a libertá-lo. Mas tem receado libertá-lo de repente, com medo de que o engolisse. Isto é, claro, um sintoma de todo o problema.

(Inclina-se para a frente.)

É a principal razão pela qual ainda tem sintomas. É por isso que as poucas libertações súbitas, como com a carta à Prentice, foram no passado seguidas por dias piores durante algum tempo.

Agora tocámos aqui em algo importante. Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Braços livres, para ele, representam abandono, no sentido de ceder, livre e abertamente. Ele tem tido medo de ceder completamente.

Agora, ele não tinha consciência do seu medo de ser, de repente, libertado por completo. O conhecimento consciente ajudará imenso. Em todos os exercícios de relaxamento, deve imaginar-se como fluido, como vento ou água, e não como uma estátua. A regularidade das sessões, das nossas sessões, também ajudará agora. O material de hoje à noite deverá ter um efeito benéfico, definido e observável, sobre ele.

Também podes ajudar lembrando-lhe que a sua segurança reside na espontaneidade, e que a alegria resultará de qualquer libertação completa e súbita. No passado, ele não quis aceitar a sua natureza espontânea porque sentia que não era suficientemente disciplinado ou forte para a controlar, e não queria aceitar a responsabilidade por ela.

Não é algo a ser controlado. É algo que encontrará o seu lugar entre os outros elementos da sua personalidade, fundir-se-á com ela, acrescentará a sua força e estabelecerá o seu próprio sistema de equilíbrios com outros agrupamentos de características. Esses agrupamentos equilibram-se a si

mesmos. Diz-lhe isto. Não há necessidade de tratar uma característica como enteado.

Agora, podem fazer uma pausa, terminar a sessão ou fazer perguntas.

("O que é que a Prentice achou da tua carta?")

(Ver a 420.ª Sessão, The Early Sessions, Volume 8.)

Ao princípio ficaram estupefactos.

("Bem, pergunto-me porquê?")

A Sr.ª Carr ficou perturbada. Não se enquadrava na categoria de procedimento empresarial adequado, percebes. No entanto, causou a impressão que eu pretendia, e vocês ouvirão notícias em breve. (Ouvimos, ao fim de dois dias.) Terão negócios com eles durante algum tempo. Uma data, 18 de abril, parece ligada a isto.

Aguardo o vosso prazer, como sempre. O meu prazer, esta noite, reside no facto de ter feito algum bem ao nosso Ruburt.

("Enquanto a Jane e eu estávamos a lidar com aquelas pseudoimagens que tínhamos criado em York Beach, naquele estabelecimento de dança cheio de gente — os outros na sala sabiam o que se passava?")

Foram observadas por outros. Eram produções histéricas, nascidas do vosso próprio desespero e dotadas de validade física instantânea. A vossa perceção inconsciente estava dentro delas. Não tinham uma consciência de personalidade independente própria.

("O que é que a nova personalidade, o Seth maior, pensa do nosso sistema temporal? Ele deve ter experienciado muitos diferentes.") (Sorriso.) A sua atenção não está dirigida para isso. Levar-me-ia muitas horas a explicar. Agora, se quiserem que o faça, dedicarei o tempo... (Bem-humorado.)

("Pois, eu gostaria, mas...")

Podem terminar a sessão ou fazer uma pausa.

("Então faremos uma pausa. Posso fazer uma pergunta?")

(O Seth não respondeu à minha pergunta — creio que porque a fiz quando ele próprio começava a falar.)

Uma nota... Diz ao Ruburt que pense na comparação entre as imagens e as mãos extra acrescentadas a...

(Aqui o Seth refere-se à nossa sessão espírita do início de 1964, e a alguns efeitos físicos manifestados nas mãos da Jane. Agora a Jane ergueu uma mão e depois apontou para ela.)

("Os nós dos dedos?")

... formações das mãos. Depois, que simplesmente imagine esses segmentos extra a desaparecer, tal como as imagens desapareceram.

(22h30. A Jane disse que o transe tinha sido profundo. De algum modo, sentiu-se mais livre durante ele, disse. Retomar às 22h43.)

Temos mais uma nota. A natureza espontânea do Ruburt é tolerante, solar, bastante nativamente boa nos seus termos — qualidades que ele acha tão difíceis quando tenta fabricá-las ao mesmo tempo que nega a espontaneidade.

Espero agora uma mudança definida para melhor e, assim que o Ruburt estiver pronto, começaremos então o meu livro.

Se preferires, em qualquer intervalo, utilizarei algum tempo de sessão para responder à pergunta que fizeste esta noite.

("Acho que isso me agradaria, sim.")

Então será esse o nosso procedimento. Não é possível (pausa) compreender a fundo uma sequência temporal sem alguma participação no sistema em causa. Partes da entidade Seth global participaram no vosso sistema, como sabes.

("Sim.")

Outras partes não participaram. O conhecimento está disponível para todas as partes da entidade. No entanto, não é tão direto nem tão significativo para aquelas partes que não participaram.

(Pausa.) É melhor esperarmos pela nossa próxima sessão, pois já estou envolvido com uma única ideia que levará algum tempo a explicar.

("Que pena, mas teremos de esperar.")

Um ponto: o eu espontâneo é o curador. Diz isso ao Ruburt. (Pausa.) Agora vou encerrar a nossa sessão e deixar-vos, assim o espero, na expetativa da próxima.

("Muito bem.")

Posso ficar um bocado esta noite —

("A Jane dará por isso?")

— e ver se consigo ajudar o Ruburt de outras maneiras durante o sono dele.

No entanto, despeço-me, desejando-vos boa noite.

("Boa noite, Seth. Foi muito interessante.")

(22h53. A Jane estivera novamente em transe profundo, mas saiu dele rapidamente. Disse que sentira uma energia forte, como acontece quando lhe parece estar "dentro" da voz. Retomar brevemente às 22h54.)

E que o Ruburt leia esta sessão todas as manhãs durante uma semana, antes de iniciar as suas atividades de trabalho.

("Eu tinha planeado isso.")

(22h55.)

SESSÃO 423
17 DE JULHO DE 1968

(A noite estava muito quente e húmida; tinha chovido há pouco. Sentámo-nos para a sessão por precaução. Não houve sessão na segunda-feira anterior porque estivera igualmente quente. A Jane estava exausta.)

(A Jane pensou que o Seth falaria se houvesse sessão, mas tal não se verificou. Contudo, às 20h55, a Jane recebeu lampejos do Seth de que talvez o Seth estivesse a instruir outras personalidades, em planos intermédios, para contactarem personalidades no nosso plano.)

(A Jane também teve uma breve projeção pouco antes das 21h. Planeamos acampar em Enfield Glen, perto de Ithaca, Nova Iorque, na próxima semana. Em seguida, teve um lampejo interior de que "algo de bom, em termos de experiência interior", lhe aconteceria enquanto estivesse lá em cima. Depois pareceu projetar-se — sentiu que pairava no ar sobre o parque de campismo do Glen, que conhecemos tão bem, e que olhava para as árvores verde-escuras a escurecer, tal como apareceriam neste momento — ao crepúsculo.)

(Às 20h59, a Jane disse: "Vai levar uns minutos, mas noto que vai correr bem", querendo dizer que haveria sessão. Contudo, falou a entidade do Seth. A Jane ficou muito quieta durante alguns momentos; quando reparei que parecia procurar palavras, mexendo os lábios sem som, achei que a entidade do Seth daria a sessão. O arrefecedor estava ligado e as primeiras palavras da entidade ouviram-se mal — tive de me inclinar para perto. No entanto, a voz foi-se fortalecendo gradualmente.)

(Mais uma vez, a voz da nova personalidade era aguda, ténue, clara e distante. Como de costume, as frases terminavam muitas vezes em tom ascendente. A Jane começou de olhos fechados, com muitas pausas.)

Boa noite.

("Boa noite.")

A janela está mais límpida e transparente, e os canais estão, portanto, mais claros.

Muitos elementos separam-nos, mas o tempo e o espaço pouco têm a ver com as distâncias entre nós. As coordenadas têm de se cruzar, é verdade, e no entanto, uma vez que tal área neutra esteja estabelecida, tem de haver ausência de fricção.

(Muitas pausas neste parágrafo.)

Nos vossos termos, a fricção pode ser comparada aos ventos e tempestades da atmosfera física. Nos nossos termos, porém, a fricção tem

tom emocional. Têm de existir aberturas através das tempestades de medo, dúvidas ou iras. Estas são naturais para vós, mas não se aplicam a mim. Quando as condições são boas, então, podemos aproveitar as coordenadas adequadas. Podem ser ativadas e usadas. São canais, a abrir-se, formando acesso claro através de muitos sistemas de camuflagem. Não estamos cientes das vossas vidas pessoais em detalhe, nem compreendemos completamente as vossas atividades.

Estamos cientes de vós em termos muito diferentes. Compreendemos a vossa realidade e interpretamo-la de modos que vós não compreenderíeis. Estamos cientes de uma mudança neste contacto que torna as nossas condições mais vantajosas.

Consideramos o medo um uso extremamente primitivo da energia, como vocês poderão considerar o fogo primitivo em comparação com a atividade nuclear. Compreendemos o medo, contudo, como uma barreira erguida em pânico; e é de força tremenda (pausa), a sua intensidade nada tendo que ver... *(pausa)* não temos a certeza da palavra... em termos percentuais... com os estímulos que o causaram.

Estas forças primitivas são fortes, prendem-vos a vós e não a nós. O Ruburt, em tais circunstâncias, não pode viajar simbolicamente para fora da sua própria atmosfera, mesmo que os contactos do nosso lado estejam claros. Sentimos as vossas emanações, e elas mudaram e estão mais brilhantes.

Tornam-se mais notáveis. Não é tão difícil encontrar-vos.

(Pausa longa, cabeça baixa. Os lábios da Jane moveram-se sobre palavras inaudíveis várias vezes. Estava muito quieta, dedos entrelaçados no colo.)

Para compreender o vosso tempo, teríamos de nele entrar completamente, pois não tem significado senão para a vossa experiência subjetiva. (Pausa.) Estamos cientes do que significa para vós, e de que o considerais parte da vossa identidade, como se o eu existisse algures entre dois pontos, numa linha sólida. Um ponto representando um nascimento, e outro uma morte.

Posso obter uma compreensão conceptual comunicando com outras partes da minha identidade que o experienciaram diretamente. É uma experiência confinante, na qual eu próprio não escolhi participar. Participei noutros modos de existência e pontos-momento que vocês poderiam achar confinantes, mas que para mim eram desafiantes. *(Sorriso.)*

Estais em posição muito melhor do que estivestes. As vossas emanações atraem mais atenção e, portanto, mais atenção e ajuda. *(Pausa.)*

(A Jane estava muito quieta, de olhos fechados. Depois acenou várias vezes com a cabeça. As mãos continuavam entrelaçadas. Passou um minuto.)

("Tudo bem, Jane?")

(A Jane anuiu, enquanto eu ponderava pedir um intervalo, pois eram agora 21h30. Finalmente, a Jane abriu os olhos e começou a sair do transe, que fora profundo. Descobriu que tinha de separar as mãos à força, com esforço considerável.)

(A Jane também experienciou o agora familiar efeito de cone ou pirâmide quando a nova personalidade escolheu falar. Ver descrições disto em sessões anteriores. Este efeito eleva-se por cima da sua cabeça, verticalmente. A Jane descreveu agora um efeito desta noite em que pareceu experienciar uma projeção horizontal, novamente de forma triangular.)

(Este triângulo tinha a sua ponta, disse ela, atrás dos olhos, em direção à parte posterior da cabeça, e irradiava para a frente e para fora. A Jane disse que teve a sensação de que "alguém", que não o Seth, olhava através dos seus olhos, não da forma como o Seth o faz. Os olhos dela abriram-se muitas vezes durante a transmissão, mas eu não notei nada de diferente. A Jane, no entanto, estava bastante ciente de uma diferença subjetiva, distinta do Seth, mas não conseguia explicar como o sabia.)

(A Jane disse que a nova personalidade não era tão familiar com as palavras como ela própria. Disse que sentia que o Seth se colocava entre ela e a nova personalidade para atuar como tradutor em ambas as direções. Eu especulei que a Jane teria de fazer um esforço maior de tradução.)

(A Jane ainda estava um tanto atordoada, disse, mas alerta. Enquanto aguardava o fim do intervalo, sentiu-se "diferente", por isso pensámos que a nova personalidade retomaria. A Jane sentou-se direita na cadeira de baloiço, reclinando a cabeça para trás, olhos fechados, mãos espalmadas sobre as coxas. Os lábios começaram novamente a formar palavras, sem som, devagar, mantendo este esforço por pelo menos dois minutos.)

(Quando retomou, a voz nova continuava aguda, mas não tão forte, e usava muitas pausas próximas entre si. 21h50.)

Em *(pausa)* certas *(pausa)* atividades vocês juntam as vossas forças.

Tu, Joseph, amplificas e atuas como condutor.

Tenho estado a comunicar com o Seth tal como o conheceste. Ele diz-me que se deu uma abertura, e que vocês estão mais aptos a atuar juntos como (olhos abertos) um só, quase, nestas circunstâncias.

(A cabeça da Jane começou agora a inclinar para a esquerda; olhos fechados.)

Tem havido uma unidade emocional que é muito propícia. Estamos agora a usar alguma energia, através do corpo físico do Ruburt, ativando certas áreas que facilitarão a recuperação.

(De olhos fechados, a Jane começou a rodar lentamente a cabeça.)

Não sei explicá-lo de forma adequada. Tentando drenar qualidades e elementos negativos do sistema para que possam ser substituídos por positivos. Ativando certos centros e desativando outros.

(O andamento da Jane era agora lento; de novo a cabeça começou a inclinar-se, depois iniciou uma rotação lenta.)

Esta é uma razão para a comunicação verbal lenta. Mantemo-la para que percebas que continuamos em contacto.

O Ruburt está consciente de um alívio nas mãos. Libertações ocorrerão na área da clavícula esquerda, à medida que várias manipulações forem feitas na cintura escapular...

(Inclinando-se para a frente na cadeira de baloiço, olhos fechados, a Jane estava agora a mover lentamente o tronco e a cabeça. A voz, contudo, ia enfraquecendo.)

Manipulações no cotovelo esquerdo (pausa), joelho e tornozelo esquerdos...

(Tive de pedir que repetisse as últimas palavras. Então:)

Vamos terminar a sessão.

(22h00.)

("Muito bem. Muito obrigado.")

(A Jane acenou que estava bem às minhas perguntas, mas demorou muito a sair totalmente do transe. Tive de insistir, sobretudo para que abrisse os olhos. Tinha deixado os óculos postos durante a transmissão.)

(A Jane estava de facto muito relaxada. Os braços caíram pesadamente sobre os apoios da cadeira antes de a sessão terminar. Disse que tinha algo para me dizer, mas tinha dificuldade em concentrar-se. Sentou-se no divã ao meu lado e, às 22h10, estava praticamente a dormir.)

(Finalmente, a Jane disse que, depois do intervalo, a personalidade não conseguia pôr a sua caixa de voz a funcionar. A Jane não tinha receio de que algo estivesse mal fisicamente com a garganta. Era apenas que a personalidade tinha dificuldade em operar o mecanismo da voz.)

(Quando a personalidade mencionou a zona do ombro da Jane, ela disse que sentiu dor ali, mas que agora estava aliviada. A Jane continuava muito relaxada. Disse que, quando as mãos foram mencionadas, teve a

sensação de que se estavam a erguer por vontade própria, ou de que eram capazes de o fazer. Na verdade, não se moveram que eu tivesse visto.)

(A Jane teve novamente o efeito de cone ou pirâmide após o intervalo.)

(Note-se que é a primeira vez que a entidade maior do Seth falou de assuntos pessoais. A Jane disse que usava "eles" ao falar do Seth e da sua entidade, e acrescentou depois que talvez "sejam mais que os dois".)

SESSÃO 424
29 DE JULHO DE 1968

(Estivemos de férias em Enfield Glen de 19 a 28 de julho, e não houve sessões.)

(Esta tarde, a Jane escreveu uma carta a um curador espiritual, Harry Edwards, em Inglaterra, mas ainda não a enviou. Perguntou-se o que o Seth diria sobre isso. Por volta das 20h30 desta noite recebeu um lampejo do Seth, a comentar o facto de ela pedir ajuda, de forma divertida mas não sarcástica.)

(Às 20h55, enquanto nos sentávamos para a sessão, a Jane recebeu outro lampejo, acerca do tempo, de que este é "intensamente pessoal, que o criamos", da parte do Seth. Pensou que o Seth falaria sobre o tempo esta noite, em continuação da resposta à minha pergunta na 422.ª sessão; sobre o modo como a entidade maior do Seth apreende o nosso sistema temporal.)

(Começou a falar com voz bastante forte, olhos muitas vezes abertos, andamento mais rápido do que o habitual.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Dividiremos a nossa sessão em duas partes.

Agora. O tempo é o padrão da perceção. É altamente pessoal e não tem significado sem experiência pessoal. Para vós, então, o tempo é o resultado dos vossos mecanismos de perceção. Sabeis que os sentidos vos obrigam a perceber a experiência segundo certos padrões. Como eu também segui esta realidade particular, ela é significativa para mim e posso compreendê-la.

Há, no entanto, personalidades para quem isto é altamente alienígena. Tem de ser interpretado. Usando conceitos, posso transmitir a minha compreensão do vosso padrão temporal a outros, de modo clarividente. Outras partes da minha entidade têm consciência dele, por um processo de osmose mental, por assim dizer.

As partes da minha entidade que não tiveram experiência física, porém, não operam dentro desse sistema temporal, em tempo algum *(sorriso)*, se me perdoam o trocadilho. Não lhes é inacessível. Simplesmente não escolheram essa experiência particular, nem se aprofundaram nesse ponto-momento.

Agora, as palavras pertencem ao vosso sistema temporal específico. Sem ele, não são necessárias. Portanto, a comunicação depende do vosso sistema temporal. O eu interior, porém, não é tão limitado, como sabeis, e as comunicações interiores continuam sempre, para além das palavras. As estruturas de palavras e a própria língua possuem uma precisão matemática ímpar. A colocação da ênfase, as vogais e consoantes, o tempo necessário para as pronunciar — todas estas questões estão intimamente ligadas aos vossos próprios sistemas nervosos e aos intervalos inerentes ao vosso sistema temporal, entre pensamento e ação.

Existem, então, unidades — mal contempladas — entre a linguagem, a comunicação exterior, o sistema nervoso físico e o tempo, ou a vossa ideia dele. Estas unem-se de forma tão bela que todas servem para formar um quadro aparentemente perfeito da realidade física. A camuflagem não seria eficaz se fosse menos perfeita. *(Pausa.)*

Estais a começar a perceber as falhas na camuflagem, pois eu vo-las apontei. São portas para realidades interiores, e outras realidades, tal como estas sessões. Aqueles que sobreviveram à morte física, nos vossos termos, têm de usar palavras nas suas comunicações, pois vós não compreendeis comunicações sem palavras. Eles próprios, contudo, estão muito mais livres.

Devemos talvez diferenciar entre palavras-pensamento e fala, ou palavras faladas. Palavras-pensamento são usadas por muitos durante algum intervalo. Refiro-me àqueles que sobreviveram à morte nos vossos termos. Eles não precisam da palavra falada. Mesmo a comunicação por pensamento, porém, não tem necessariamente de seguir a forma das palavras. Pode haver pensamento sem palavras *(sorriso)*, por outras palavras.

Para simplificar, digamos que há um processo de mudança. Os vivos, nos vossos termos, dependem pelo menos exteriormente da palavra falada. Aqueles que partiram e sobrevivem, usam palavras-pensamento mas não precisam de falar, embora o possam *(sublinhado)*. À medida que a proficiência aumenta e os sentidos interiores são mais plenamente usados, a necessidade até de palavras-pensamento desvanece.

Ocorrerão vários outros métodos de comunicação. Não surgem do nada. Vós já os utilizais, abaixo do nível consciente, até certo ponto. Eles ganham destaque. Imagens são amplamente usadas, mas essas imagens seriam, na vossa forma de pensar, de quarta dimensão. Estão longe de ser

planas. Têm realidade, e são aquilo a que já leram chamar-se formas-pensamento.

Os sentimentos tornam-se também muito mais vívidos, pulsantes e vivos. Experienciam-nos mais diretamente e, paradoxalmente, não vos identificais com eles de forma errónea, como muitas vezes acontece na vossa situação atual. Podeis experienciar sentimentos de modo mais vívido e poderoso porque percebeis que eles não são vós, e a vossa identidade não pode ser arrastada por eles.

Não tendes medo deles. Tudo isto é uma progressão, direi para simplificar. Agora, num tal ambiente, o tempo tal como o conheceis não existe. Esta é uma das razões pelas quais algumas projeções são tão confusas, particularmente quando o ego é levado a reboque. *(Bem-humorado.)* Está habituado a passado, presente e futuro, mantidos agradavelmente separados. *(Sorriso.)* Estou a dar-vos isto como material preliminar, pois perguntaste como é que o meu "irmão mais velho" experiencia o tempo. *(Ver página 5.)* Queres fazer uma pausa?

(Eram 21h30. "Estou bem.")

Então. Parte dois, e a saga da saúde do Ruburt.
Isto não implica que eu não seja compassivo. Ele recordou correta mas imperfeitamente um sonho durante as vossas férias, no qual eu o ajudava com os seus problemas de saúde.

(Este é o primeiro sonho incluindo o Seth de que a Jane se consegue lembrar.)

Na manhã seguinte, a sua condição estava pior do que durante todas as vossas férias. A partir daí, no entanto, melhorou. Ele não teria sido capaz de fazer as vossas incursões pelas montanhas de todo, antes. Eu estava a ter com ele uma conversa de coração aberto. Tive outras, mas foi a primeira vez de que ele mal se lembrou.

Outras melhorias íntimas manifestaram-se, e são sintomas de vitalidade aumentada e de libertação, à medida que a espontaneidade é permitida e regressa. Todo o quadro está melhor. A mudança foi boa.

A carta que o Ruburt escreveu é significativa de modos que não vistes. *(Pausa.)* O Sr. Edwards admite que recorre a personalidades sobreviventes, curadores que sobreviveram à morte nos vossos termos. No passado, o Ruburt basicamente não admitiria que tal sobrevivência fosse um facto, quanto mais pedir ajuda a tais instâncias.

A própria carta representa, portanto, um avanço e um ato de fé. Isto resulta em parte da nossa pequena conversa, de que ele tem a mais ténue memória. Por outras palavras, muitas daquelas condições que causavam os sintomas estão a começar a desintegrar-se.

Antes de as nossas sessões começarem, consegues imaginá-lo a pedir ajuda a tais instâncias? Ele não acreditava que existissem.

Agora. Nada é realmente feito a sós *(sorriso)*, e nada é realmente feito a não ser que seja feito a sós. Eu deveria terminar aqui a sessão e deixar-vos com esta, mas explicarei o que quero dizer.

Quando dizes "Vou fazer isto sozinho", estás a falar com uma ideia limitada de identidade. És mais do que pensas. O "tu" que pinta os teus quadros é muito mais do que o Bob Butts por que te chamas, embora sejas esse Bob Butts. É uma questão de termos. Agora, poderás dizer que o Ruburt fez sozinho todo o trabalho árduo que conduz à recuperação; mas ele teve ajuda. A própria recuperação, porém, dependia totalmente da crença dele nela. *(Pausa.)* Esta foi a sua batalha principal, pois ele acabou por compreender o que a doença representava. Cada personalidade é diferente. Os pré-requisitos para a recuperação são, portanto, diferentes em cada caso.

Em alguns casos de cura espiritual, a crença não é necessária. No caso do Ruburt, crença e descrença faziam parte do próprio problema. A crença, portanto, era necessária, pois a descrença na espontaneidade, o medo da espontaneidade, eram uma causa básica da dificuldade.

A libertação recente e altamente significativa numa certa área é um sinal de melhoria mais significativo do que pensais. No entanto, a carta deve ser enviada. Conduzirá o Ruburt a novos contactos, e os seus resultados fortalecerão certos sentimentos interiores que surgiram e estão a emergir. *(Pausa longa.)* Se a tua mão está cansada, podes fazer uma pausa.

("Está bem."

(21h50. O transe tinha sido profundo, mas a Jane emergiu facilmente. Durante o intervalo ainda se sentia parcialmente "sob". Retomar às 22h01.)

A reação inicial desfavorável na manhã a seguir à nossa pequena conversa foi simplesmente o resultado de um medo temporário de deixar ir. No entanto, foi de curta duração. O Ruburt sentiu uma sensação de liberdade nas vossas caminhadas como resultado, o que foi altamente benéfico; e tais atividades são boas, pois aumentam a sua confiança. Claro que foi mais difícil descer as colinas — o significado de "deixar ir" é mais evidente.

(A Jane portou-se de facto muito bem nas nossas caminhadas. Uma montanha que subimos, do leito do riacho até ao cimo, tinha várias centenas de pés de altura, e era íngreme, etc.)

A própria água, água natural, como a da lagoa, tem também qualidades curativas de que ele foi capaz de usufruir. A mudança que percebe no vosso apartamento é, claro, o resultado de uma mudança interior para melhor.

A liberdade mostrar-se-á também nas nossas sessões, e de forma bastante óbvia, dentro de muito pouco tempo. Já é evidente. Tomar consciência de outros indivíduos que não estão dentro do vosso sistema ser-

lhe-á benéfico. Ajudá-lo-á também a compreender e apreciar a minha própria realidade única, e esta crença agora crescente deverá resultar numa maior familiaridade. Ele deverá ser capaz de me perceber até certo ponto antes de muito tempo.

Por todas estas razões sugiro que a carta seja enviada. O simples facto da carta mostra que ele atingiu um certo nível de aceitação e compreensão. Estas pessoas podem e irão ajudá-lo, acrescentando a sua energia mental e psíquica à dele de modo fortemente sustentador. Serão capazes de ativar outras camadas da sua consciência, e estão de facto profissionalmente talhadas para o fazer, assim como eu o estou para ensinar.

Na sua vida diária, porém, como já lhe disse no passado, os exercícios de ioga devem continuar. Ele concorda comigo, mas depois deixa-os cair. São exercícios psíquicos, espirituais e físicos que lhe permitirão manejar a energia de forma mais eficaz e libertar as suas capacidades de modo fluido. Como parte da sua vida diária, facilitarão o desenvolvimento das suas faculdades e, portanto, ajudarão nas nossas sessões.

Com esta condição atual completamente banida, atitudes corretas e o uso adequado dos exercícios de ioga permitir-lhe-ão manter-se com excelente saúde. Não haverá reaparecimento de sintomas uma vez banidos, portanto. Os exercícios de ioga incluem, de forma bastante indolor e num só pacote, técnicas de maior benefício para a manutenção da saúde espiritual, mental e física.

A cura mostrará que as causas estão eliminadas. Outras causas não devem ser autorizadas a surgir, percebes. A devida atenção ao trabalho e aos exercícios mencionados manterá o sistema em equilíbrio e garantirá saúde continuada.

A espontaneidade erguer-se-á durante as horas dedicadas ao trabalho, e fora dessas horas, mas ele deve manter aqueles hábitos dos quais depende o seu bem-estar. A energia que será libertada manifestar-se-á da forma mais benéfica, sendo direcionada para os vossos outros assuntos. As nossas sessões realizar-se-ão agora com regularidade normal e, muito em breve, começarei o meu próprio livro. Tenho trabalhado nele, percebes. *(Divertido e confidencial.)*

Agora terminei o que pretendia dizer. Podem terminar a sessão ou fazer as perguntas que tiverem. Primeiro dá-me um momento aqui. *(Pausa.)* Isto é para ti. *(Para mim.)* Vamos tentar torná-lo claro. Não uses sépia com a mão demasiado pesada.

("Sim." Concordei enquanto ponderava este comentário, embora me tenha ocorrido de imediato um caso recente em que isso poderia ter acontecido num retrato.)

Agora aguardo o vosso prazer, como sempre.

(Na página 6, ver as minhas notas no terceiro parágrafo antes da Sessão 423.)

("Sobre o lampejo que a Jane teve de ti antes da 423.ª sessão. Isso tem a ver com o sonho que ela teve contigo enquanto estávamos de férias? O lampejo disse-lhe que algo benéfico, de natureza interior, lhe aconteceria enquanto estivéssemos fora.")

Isto teve a ver com a nossa conversa, que ele recorda como um sonho. Resultou nos vossos "tombos de montanha", que foram muito importantes para ele. Algumas mudanças bastante importantes cristalizaram, o que parece um tanto contraditório, no que toca aos próprios pensamentos dele. Ele deixou isso implícito quando te disse que estava a concentrar-se na recuperação.

(No princípio desta noite, a Jane disse-me enfaticamente que havia agora uma diferença nas suas atitudes. Estava a concentrar-se na recuperação em vez de nos sintomas.)

As afirmações são úteis, e a sua atitude global mudou de forma clara e significativa.

Agora, ele foi capaz de absorver energia nos vossos ambientes naturais e de a usar. Claro, estava pronto para o fazer. A atividade física desviou a sua mente consciente, de modo que o eu interior pôde progredir sem ser vigiado a cada momento.

("E quanto à carta do Gene Bernard? O que é que as pessoas da Prentice-Hall acharam disso? Quero dizer, realmente?"
Pouco antes de partirmos de férias, a 19 de julho, recebemos uma cópia de uma carta do Dr. Bernard que ele enviara aos nossos editores na Prentice-Hall.)

Ficaram profundamente impressionados. No entanto, não perceberam o sentido real de Bernard. O Van Over pressentiu-o. Ele tem algumas capacidades próprias, aliás, de que não tem consciência. Quando o Ruburt estiver completamente curado, a sua saúde será exuberante — nada de meios-termos. É o feitio dele. *(Divertido.)*
("Porquê o comentário sobre a sépia?")

Isto foi-me dado. Captei-o durante a sessão, e é uma mensagem para ti do teu outro amigo.

(O pintor, o artista belga do século XIV Van Elver, uma personalidade sobrevivente de cujo retrato pintei. Ver as sessões 401.ª, 402.ª e 414.ª, entre outras.)

Espero tê-la recebida corretamente. Eu tinha a certeza quanto à cor, mas não tinha a certeza se a estavas a usar demasiado carregada ou não carregada o suficiente. Era simplesmente um conselho amigável. Dá-nos um momento.

(Pausa.) Não tenho o nosso amigo diretamente. Isto é algo como uma mensagem mental destinada a mim. *(Pausa.)* Há alguma reação com sépia, que pode levar a um efeito de arroxeado desagradável ou indesejado. "Sim. Já notei isso e afastei-me dessa direção."

(Este efeito surgiu pouco antes das férias, numa cabeça experimental a óleo em que eu estava a trabalhar. O castanho foi uma das cores usadas e pode ter contribuído para a indesejável tonalidade arroxeada na carne. O efeito apareceu antes de eu me aperceber. Não posso afirmar com certeza que a sépia causou o efeito sem fazer algumas experiências deliberadas para ver, mas certamente contribuiu.

(A cabeça a óleo em questão está no meu estúdio, ainda por acabar, e a Jane já a viu muitas vezes. Uma nota de interesse: tecnicamente falando, as cores a óleo que uso não contêm nenhuma cor chamada, especificamente, sépia, embora, claro, inclua uma gama de vermelhos e castanhos de terra. Sépia é um castanho. A palavra específica "sépia" é mais frequentemente aplicada às aguarelas, tanto quanto sei, do que aos óleos. A Jane também usou tanto aguarela como óleo, tal como eu; e as minhas aguarelas contêm sépia.)

(Sorriso.)

Então não entreguei a mensagem cedo o suficiente. "Está bem… suponho que por agora é isso, então."

Algumas indicações adicionais aqui com sépia — para conseguir agora qualquer coisa diferente, um efeito solarengo e límpido, uma novidade, uma forma de aplicar sépia com branco; em camadas finas, com um tipo particular de verniz…

(Pausa.)

"Que tipo de verniz?"

Parecemos ter, em resposta à tua pergunta, sons fortes de A… Acqua — mas isto não está certo — Acramont?

(A Jane olhou para mim. "Não." Abanei a cabeça.)

Um tipo de verniz feito perto de Akron, Ohio. "Sim."

(Pausa.)

Tem tendência a realçar os tons claros da sépia em detrimento dos escuros. Abrandar o castanho e fazer sobressair a luz.

(Isto seria uma técnica admirável. Tanto quanto sei, a Jane não pensa em pintar nesses termos.)

"Queres dizer verniz damar?"

(Pausa.)

Vou ter de confirmar. "Posso nomear outros tipos de verniz."

(A Jane acenou com a cabeça.)

Vai em frente.

"Mástique?"

(Hesitei.) Lista-os.

"Bem, há damar, mástique, copal e alguns dos novos vernizes sintéticos de polímero."

Creio que é um novo verniz sintético. Existe um verniz acrílico?

"Sim, há vários tipos, feitos pela Permanent Pigments em Cincinnati—"

Ohio.

(Cincinnati fica no Ohio.)

"Sim."

Agora estamos em cima do assunto. Consegues nomeá-los?

"Há um verniz acrílico mate e um brilhante. Também um verniz para quadros da Grumbacher que contém alguma resina sintética—"

Vou ter de confirmar com o nosso amigo, e ele não está disponível neste momento. "Está bem." Ele ainda há de fazer de mim um ajudante de artista. "Sim."

Em qualquer caso, espero que a informação tenha sido útil.

"Sim. Não pensaria que o Van Elver soubesse muito sobre vernizes novíssimos — ou saberia?"

Ainda estamos a ter dificuldades com o nome. Ele está de facto a par de novas técnicas, pois dá uma olhadela a vocês de vez em quando.

(Pausa.)

Se tiveres mais perguntas, fá-las, ou termina a sessão, como preferires. "Acho que vamos ter de terminar." Obviamente estive convosco ocasionalmente durante as vossas férias. Desejo-vos uma boa noite. "Boa noite, Seth. Foi muito interessante."

(10:46. A Jane estava de novo em transe profundo. Falei com ela e ela saiu bem. Disse que se sentia "como se a energia estivesse a passar por mim".

(A propósito, o Seth pronunciou sépia como "sépia".)

SESSÃO 425
31 DE JULHO DE 1968

(A Jane começou a falar como Seth, em transe, a um ritmo bastante rápido.) Boa noite. "Boa noite, Seth."

Agora, Van Over, em resposta à tua pergunta, tinha consciência telepática da carta do Bernard e compreendeu-a. Ele tem, de facto, capacidades. Está consciente delas até certo ponto. No entanto, não as utiliza e não se apercebe da sua importância. *(Ver a página 15 da última sessão. A informação acima abrange a carta recente do Dr. Gene Bernard, em nosso nome, à Prentice-Hall, e a compreensão telepática de Raymond Van Over da mesma.)*

Agora, para regressarmos à nossa discussão. A questão do tempo é altamente importante se tiveres alguma esperança de compreender o eu na sua totalidade, ou outras personalidades que não operam dentro do teu sistema. As molduras psicológicas são tão diferentes. A aparente sequência de causa e efeito está ausente, e a identidade conhece-se a si própria por meios diferentes da continuidade, nos teus termos.

O teu ego ganha segurança a partir do que parece ser a memória do seu passado imediato. Um homem que perde a memória de acontecimentos passados sente-se inseguro e perdido, mas outros tipos de gestalts de personalidade operam de forma bastante diferente. Em vez de uma sequência temporal que governe, ou pareça governar, o pensamento, a atividade mental de qualquer tipo e a ação manifesta, tens processos associativos, desdobramentos e possibilidades. Em certa medida podes formar uma ideia disto através de um exame do teu próprio fluxo de consciência. Mas a comparação é altamente superficial, pois aqui também a continuidade reina, mesmo que às associações seja dado maior espaço.

Como já mencionámos até certo ponto anteriormente, aqui temos viagem através de ações prováveis, onde cada ação concebível é experienciada. O eu permite-se mudar ao mesmo tempo que retém o conhecimento de que é o próprio eu quem muda. Desenvolve-se através das mudanças. O tempo só pode ser medido através da experiência. É óbvio que outras personalidades-gestalt experienciam mais numa quantidade equivalente do vosso tempo, mas este não é o ponto.

O ponto é que o tempo, como algo que vem e vai e passa, que traz à existência e destrói, não tem tal realidade fora do vosso próprio sistema. Ora, o vosso próprio sistema inclui não só o vosso universo físico tal como o conheceis, mas também quaisquer personalidades, vivas ou mortas nos vossos termos, que sejam fisicamente orientadas.

O presente espaçoso é muito mais uma realidade vívida para aqueles que estão fora do vosso sistema. O vosso tempo parece marcado, individualmente, pelo nascimento e pela morte. Quando estes são

conhecidos pelo que são, quando a personalidade pode mudar de forma à vontade, tal "calendarização" é destituída de sentido.

Também o são todas as estruturas neurobiológicas que dependem de um sistema temporal, como por exemplo o vosso próprio sistema nervoso.

À medida que uma personalidade aprende a usar as suas capacidades, torna-se mais consciente da complexidade e apta a operar como uma identidade dentro dela. Como eu conheci o vosso tempo, ele é significativo para mim, embora já não me tolha. Limito-me a compreender a sua realidade para vós. Outras estruturas psicológicas não estiveram inicialmente cientes desta relação peculiar entre a vossa estrutura física e o vosso conceito de tempo.

É-lhes muito difícil compreender as vossas ideias de passado, presente e futuro. Agora dá-nos um momento. *(Sem verdadeira pausa.)* Noutras dimensões, ou se preferires noutros estádios de desenvolvimento, a personalidade multidimensional tem consciência da sua identidade primeira e está também, simultaneamente, ciente dos desdobramentos de personalidade que enviou para muitas realidades, para sistemas prováveis, enquanto prossegue todos os atos e criações prováveis que são inerentes à sua natureza.

Não é preciso dizer que estes desenvolvimentos não são ao acaso e que, ao prosseguir literalmente infinitudes de ações prováveis, a identidade primeira tem objetivos definidos em mente. Estes objetivos não podem ser plenamente explicados aqui, e eu não estou ciente de todos eles.

Há sempre uma tensão criativa, na qual a consciência tenta expressar-se, e isto foi explicado anteriormente. O facto mantém-se de que o Todo-O-Que-É está sempre a esforçar-se por ser mais. Em todos os universos que conhecemos, criatividade e expansão são as regras.

O Todo-O-Que-É está ele próprio a evoluir. Não tem consciência de todos os seus próprios objetivos, pois alguns deles são sempre novos. Sob certos aspetos, portanto, não há respostas estanques. No que diz respeito ao vosso próprio sistema, disse-vos que o passado está sempre a mudar, e aqui entramos no domínio das probabilidades; porque, em qualquer ponto da vida de qualquer homem, onde uma decisão foi tomada, as outras ações alternativas prováveis também foram empreendidas.

Há em tudo isto uma ordem. É uma ordem que o eu interior tem de aprender. É conhecida intuitivamente, mas tem de ser realizada. Existem personalidades muito mais desenvolvidas do que a minha; há personalidades que operam num contexto que até eu acharia extremamente estranho, mas nenhuma partícula de individualidade se perde, e nenhuma experiência.

Vão poder olhar para esta e outras vidas e vê-las como totalidades. Também poderão ver o vosso próprio desempenho em universos prováveis, que coexistem com estes, e de todos eles aprendereis enquanto vos

observais nesta variedade de papéis. Depois avançareis para outros sistemas.

Antes de fazermos o nosso intervalo, diz ao Ruburt que irei espreitar telepaticamente a tua amiga de Boston e, noutro nível, darei a ajuda que puder. Na verdade, já lá estive uma vez esta noite. Podem fazer o intervalo.

(9:34. O transe da Jane foi bom, mas saiu dele com alguma facilidade, enquanto bocejava bastante. O parágrafo acima refere-se a Pat Norelli, em Boston; ela telefonou à Jane mais cedo esta noite.
(Durante o intervalo perguntei em voz alta se a entidade do Seth, a personalidade maior do Seth, estaria a escutar os dados do Seth para os captar sem esforço à medida que eram transmitidos.
(Pouco antes do fim do intervalo, a Jane disse: "O Seth esteve ausente durante o intervalo, mas acabou de voltar; consigo senti-lo. Senti o seu regresso. Aposto que foi a Boston." Retomar às 9:44.)

Agora. O sonho do Ruburt foi uma experiência legítima. Ele ajudou a Sr.ª Callahan no passado da mesma maneira, mas não foi capaz de recordar a experiência.

(Muito recentemente a Jane teve uma experiência enquanto dormia, em que estava a ajudar a Sr.ª Callahan. A Sr.ª Callahan, falecida, ainda não sabia que estava morta, e a Jane estava a explicar-lhe a situação. O apartamento dela ficava ao lado do nosso.)

Ele também ajudou outros, aqueles com quem tinha qualquer contacto emocional, quando estava clarividentemente ciente da situação deles. Estive de facto em casa da tua amiga durante o vosso período de descanso e voltarei a verificar mais tarde esta noite. Dá-nos um momento.

(Pausa. Sorriso.) O meu irmão mais velho não tem de se sintonizar, percebes, à hora da sessão. A sessão existe em todo o tempo. Está-lhe disponível quando ele deseja a informação — e ele tem, ou está, ou irá *(sorriso)*, tirar partido disso, percebes.

Agora, ele sabe o que eu sei, embora algumas experiências que são exclusivamente minhas ele nunca as possa saber como eu as sei. Quando eu souber tudo o que ele sabe, então, falando simbolicamente, estarei onde ele está — mas então, também simbolicamente falando, ele terá partido.

Pelo que vos disse é óbvio que pode haver memória do futuro assim como memória do passado. É igualmente verdade dizer que as vossas mortes desta vida já estão consumadas, como é dizer que ainda não nascestes nesta vida. Segues o meu raciocínio? "Sim."

Isto não significa de forma alguma que a experiência seja um sonho. Significa simplesmente que, no presente, percebes apenas uma pequena porção de ti próprio e em termos limitados. Eu já sou, entre aspas, "Grande Irmão", percebes.

Agora, a sequência temporal, embora seguida fisicamente pelos vossos animais, é experienciada psicologicamente de forma bastante

diferente. Eles são muito mais livres. O vosso passado, presente e futuro não lhes dizem respeito. Eles também têm memória do passado e do futuro, mas sempre experienciada no contexto do presente; e isto está bastante em desacordo com a vossa própria experiência.

Eles também emergem dentro de realidades e podem atingir uma consciência superior, em desenvolvimentos futuros, àquela que é presentemente conhecida pelo homem. Alguns sistemas são construídos inteiramente nestes moldes. Há sempre a expansão da consciência, embora as linhas dessas progressões possam ser bastante alheias às vossas.

Existem discussões demasiado complexas nesta linha em particular, por isso não tentaremos o assunto agora, limitando-nos a assinalá-lo como um que desenvolveremos no futuro.

Agora dá-nos um momento.

(Pausa.

(O Seth discute agora o meu sonho de 30 de julho de 1968; descrevi-o à Jane antes da sessão.)

O eu que te apunhalou pelas costas era o eu desenvolvido negativamente *(sublinhado)* na existência inicial desta vida. Tentou apunhalar-te pelas costas, e fê-lo, mas tu foste capaz de retaliar e de matar o teu potencial assassino.

Repara, contudo, que a faca usada poderia ter sido mais perigosa, mais letal, pois esse eu não queria realmente matar-te. Era simplesmente uma porção tua, formada por inferências negativas, que se tornou um inimigo inadvertido do eu em que te tinhas tornado.

Quando foi morto, ganhou liberdade, pois os elementos negativos foram libertados das suas compulsões, e do comportamento ritualizado que era simbolizado pela roupa formal do teu sonho. O contexto histórico destinava-se simplesmente a representar o passado nesta vida em particular, contudo, e o Ruburt foi teu aliado.

A liberdade emocional que demonstraste recentemente com o Ruburt resulta também do domínio, em termos mais amplos, desse conflito. Essa liberdade exigiu a espontaneidade do Ruburt, tal como a espontaneidade agora liberta do Ruburt te ajudou no conflito.

(Agora sobre o meu sonho de 27 de julho de 1968, envolvendo o meu pai e eu.)

A interpretação do outro sonho feita pelo Ruburt foi correta e representou conhecimento intuitivo. Tu sabias disso.

O calor emocional que agora faísca entre vocês é de grande valor terapêutico fisicamente da parte do Ruburt, psiquicamente e espiritualmente da parte de ambos, e mesmo para ti é sustentador de modo físico. Está também ligado ao facto de estares agora a começar a recordar os teus sonhos uma vez mais.

Agora, também tens ajudado outros a ajustar-se após a morte, mas não te tens lembrado. Deverás ser capaz se fizeres o esforço.

O nosso amigo artista *(Van Elver; ver os dados da última sessão relativamente à sépia)* não está disponível esta noite, mas se fizeres questão de me lembrar antes das sessões, eu tratarei de obter mais informações para ti.

Podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem. "Faremos o intervalo." *(10:13.)*

Recebeste, aliás, benefícios das tuas férias. O simples facto de estares ao ar livre permite uma maior troca entre as moléculas do sistema físico e a atmosfera.

A ociosidade, se prolongada, não é ociosidade. A concentração em dados físicos leva a mente consciente a viajar, e dá ao eu interior maior liberdade para iniciar novos desenvolvimentos e criações intuitivas. Estas, aliás, podem ajudar-te a compreender a verdadeira natureza do tempo. Agora faz o intervalo. *(10:17 a 10:31.)*

Iremos agora, de facto, terminar a nossa sessão. Uma nota: o Ruburt acredita agora que eu posso influenciar e ajudar a tua amiga de Boston. Isto dá-nos energia adicional com que trabalhar, pois também posso usar as ligações emocionais do Ruburt com a jovem e isso é-nos vantajoso.

Não é que eu não pudesse ajudar antes, pois ajudei. As condições tornaram-se simplesmente mais favoráveis e, com a ajuda do Ruburt, outros canais tornam-se disponíveis. Também posso ajudar mais o Ruburt à medida que ele acredita na minha capacidade de o fazer, embora, mais uma vez, eu o tenha ajudado no passado.

Também teremos outras observações a fazer tratando, em termos gerais, do tipo de ajuda que eu posso dar e que outros como eu podem dar — informações às quais o Ruburt está agora mais recetivo. O calor emocional entre vocês é, naturalmente, sinal de renascimento, nutritivo, pois mostrar-se-á em todos os vossos empreendimentos.

Desejo-vos agora uma calorosa boa noite. Fico feliz por estarem de volta a um horário regular; e se não fizeres a tua datilografia, então eu farei com que o Ruburt te auxilie. *(Sorriso.*

("Boa noite, Seth, e obrigado."

(10:35. O transe da Jane tinha sido bom; reteve pouca memória do que dissera desde o primeiro intervalo.)

SESSÃO 426
5 DE AGOSTO DE 1968

(De acordo com a política de tentar mantermo-nos a par dos tópicos surgidos durante as sessões, mencionei esta noite à Jane que gostaria de mais dados do Van Elver através da discussão sobre "sépia", iniciada na 424.ª sessão; e alguns dados sobre as impressões da Jane relativamente ao livro dos sonhos quando esteve na Parker. Ver The Early Sessions, Volume 8, páginas 329-330, 29 de junho de 1968.
(A Jane disse que gostaria de alguns dados sobre a personalidade Ignaptha, mencionada pelo Seth durante a sessão realizada para o Gene Bernard há um par de anos.
(A Jane começou a falar a um ritmo rápido, à sua maneira habitual como Seth.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. A vossa ideia de espaço e tempo é, então, definitivamente determinada pela vossa estrutura neurológica.

A camuflagem é executada e criada de modo tão engenhoso, claro, pelo eu interior, que tendes de necessidade de focar a vossa atenção na realidade física que foi criada. As drogas psicadélicas alteram o funcionamento interno neurológico e, portanto, podem dar ligeiros vislumbres de outras realidades.

As realidades, claro, existem quer as percebam quer não. Na verdade, o "tempo", entre aspas, existe à medida que os impulsos saltam as extremidades nervosas. Não é um procedimento simultâneo. Têm então de experienciar lapsos. Passado, presente e futuro parecem altamente convincentes e lógicos quando tem de haver um lapso de tempo entre cada experiência percecionada.

Não há tal lapso em muitas outras estruturas de personalidade. Os acontecimentos, muitos acontecimentos, são percecionados simultaneamente. As reações são também quase instantâneas, nos vossos termos. O crescimento e o desafio são proporcionados não em termos de realização ou desenvolvimento no tempo, mas sim em termos de intensidades. Uma personalidade assim é capaz, nos vossos termos, não só de reagir e apreciar o acontecimento A, digamos, no vosso presente, mas também de experienciar e compreender o acontecimento A em todas as suas ramificações e em todas as suas probabilidades.

Ora, esse é o desafio e o ideal, e é alcançado em graus variados por personalidades em vários estádios de desenvolvimento. Obviamente, tais personalidades precisam de muito mais do que os sistemas neurológicos de que estais atualmente dotados. Para tais sistemas, tal experiência é

literalmente impossível. Agora, o vosso sistema neurológico é físico, mas baseia-se nas vossas próprias capacidades interiores do, cito, "agora".

É uma materialização de uma estrutura interior, uma estrutura psíquica interior. Muitas outras estruturas de personalidade não necessitam de uma estrutura percetiva materializada, como esta, mas uma organização psíquica interior está sempre presente. Ela também representa as capacidades presentes da personalidade.

Agora, o vosso tempo, o vosso passado, presente e futuro, tal como os concebeis, seriam experienciados inteiramente como presente por muitas destas outras estruturas de personalidade. No entanto, o vosso passado, presente e futuro seriam experienciados total e completamente como passado por outras estruturas de personalidade.

Podeis então considerar passado, presente e futuro como uma delineação em linha única da experiência, nos vossos termos, sendo que a linha, porém, continua indefinidamente. Outras estruturas de personalidade de outras dimensões poderiam teoricamente observá-la a partir de uma infinidade de pontos de vista. Contudo, há muito mais do que isto. A linha única é meramente o fio de superfície ao longo do qual pareceis viajar. É tudo o que de vós percecionais, pelo que, quando imaginam outras dimensões, sois forçados a pensar em termos de observadores muito acima do fio, olhando para ele a partir de qualquer ponto de vista dado.

Na realidade, seguindo a imagem, e estritamente como analogia, haveria também um número infinito de fios, tanto acima como abaixo do vosso, todos parte de uma teia inconcebivelmente miraculosa. Ainda assim, cada fio, em si, não seria unidimensional, mas de muitas dimensões e, concebivelmente *(sublinhado)*, se soubésseis como *(a Jane apontou para mim para dar ênfase, continuando a falar rapidamente)*, haveria maneiras de saltar de um fio para outro. Não seríeis, portanto, forçados a seguir qualquer fio particular de forma linear.

Agora, há personalidades suficientemente desenvolvidas para fazer isto. E cada ato de "salto", por assim dizer, forma um novo fio. Agora, prosseguindo com a nossa analogia, imagina-te A. Vamos começar-te na realidade física no fio A, embora já tenhas percorrido muitos outros fios para chegar onde estás. Estamos apenas a começar com o fio A, já que esta é a tua situação presente.

Agora. Qualquer eu A, sem compreensão ou atalhos, desenvolvimento ou mesmo progressão média, percorreria o fio A ao longo da linha estreita em direção ao infinito. Em algum ponto, no entanto, o fio A transformar-se-ia no fio B. Do mesmo modo, em algum ponto, o fio B transformar-se-ia no C e assim por diante.

Em algum ponto inconcebível, todos os fios seriam por sua vez percorridos. O eu A, agora no fio A, não estaria ciente, no seu presente, dos, cito, "eus futuros" nos outros fios. Só encontrando um desses outros

eus, porém, poderá tornar-se ciente da natureza desta estranha estrutura pela qual está a viajar.

Há, no entanto, um eu que já percorreu essas rotas, de que esses outros eus não são senão parte. Esse eu, em sonhos e em estados dissociados, comunica-se com esses vários, cito, "eus ascendentes". Mas, à medida que o eu cresce em realização de valor, pode tornar-se ciente desses outros viajantes noutros fios, que lhe poderiam parecer eus futuros.

"Mais tarde", entre aspas, aprende a tornar-se um ou outro desses, cito, "eus futuros", saltando, por assim dizer, de um fio para o outro.

Agora, tudo isto soa complicado, mas apenas porque temos de lidar com palavras. Intuitivamente, espero, conseguirás compreendê-lo. Entretanto, o eu global está a formar novos fios de atividade, percebes. As estruturas que deixa para trás podem ser usadas por outros. *(Pausa. Como eu perguntara antes.)*

O propósito é, muito simplesmente, ser, em oposição a não-ser. Estou a dizer-te o que sei, e há muito que não sei. Sei que a ajuda deve ser dada, uns aos outros, e que a extensão e a expansão são auxiliares do ser.

Agora. Existe, e isto parecer-vos-á certamente uma contradição em termos, existe o não-ser. *(Pausa. A Jane acendeu um cigarro.)* É um estado, não de nada, nos vossos termos, mas um estado em que probabilidades e possibilidades são conhecidas, antecipadas, mas bloqueadas de toda a expressão. De forma vaga, através do que chamaríeis uma história, mal lembrada, houve tal estado. Foi um estado de agonia em que os poderes da criatividade e da existência eram conhecidos, mas as formas de os produzir não eram conhecidas.

Esta é a lição que o Todo-O-Que-É teve de aprender, e que não podia ser ensinada. Esta é a agonia de onde a criatividade foi originalmente extraída, e o seu reflexo ainda é visível.

(O nosso telefone tocou, interrompendo.) Eu estava pronto para o nosso intervalo. *(9:43. A Jane saiu facilmente do transe, que tinha sido profundo. A chamada foi do Bill Macdonnel em Santa Bárbara, Califórnia. Depois de desligar, a Jane disse-me que, antes da sessão, tivera a sensação de que seríamos interrompidos de alguma forma — provavelmente por uma visita; mas não mo dissera de antemão.*

(O ritmo dela foi rápido durante a maior parte da transmissão. Retomou do mesmo modo às 9:54.)

O Todo-O-Que-É, nos vossos termos, retém a memória desse estado, e isso serve como impulso constante para uma criatividade renovada.

Cada eu, como parte do Todo-O-Que-É, retém, portanto, também a memória desse estado. É por essa razão que cada porção do Todo-O-Que-É, cada consciência por mais diminuta, é dotada do impulso para a sobrevivência, mudança, desenvolvimento e criatividade. Não basta que o

Todo-O-Que-É, como gestalt de consciência primária, deseje mais ser; é necessário que cada porção dele também transporte esta determinação.

No entanto, a própria agonia foi usada como meio, e a própria agonia serviu de impulso, suficientemente forte, finalmente, para que o Todo-O-Que-É iniciasse dentro de si os meios de ser.

O Todo-O-Que-É, portanto, conhece a agonia do que chamaríeis o não-ser.

O não-ser, noutros termos, é impossível. É ser sem os meios de expressar o ser. Agora, cada porção de consciência está imbuída de conhecimento inato relativamente aos meios de expressão e de criatividade. Se, e isto é impossível, todas as porções exceto a unidade mínima e última do Todo-O-Que-É fossem destruídas, o Todo-O-Que-É poderia ainda assim continuar, pois dentro da mais pequena porção reside o conhecimento inato do todo.

O Todo-O-Que-É protege-se, portanto, a si próprio e a tudo o que tem, é e criará.

Quando falo do Todo-O-Que-É, tens de compreender a minha posição dentro dele. O Todo-O-Que-É não conhece outro. Isto não significa que não possa haver mais para conhecer. Não significa — e aqui as palavras falham-nos — não significa que o Todo-O-Que-É, em quaisquer termos que possamos conceber, não possa ser limitado. Ele não conhece outro.

Não sabe se outros como ele podem existir. Não está ciente deles, se existirem. Procura constantemente. Sabe que algo existia antes do seu próprio dilema primário, quando não podia expressar-se.

É então concebível que ele próprio tenha evoluído, nos vossos termos, há tanto tempo que esqueceu a sua origem, que se tenha desenvolvido a partir de outro primário que, nos vossos termos, há muito seguiu o seu próprio caminho. Portanto, há respostas que não vos posso dar, pois não são conhecidas em parte alguma no sistema em que temos a nossa existência.

Sabemos que, dentro deste sistema, deste sistema global agora, do nosso Todo-O-Que-É, a criação continua e os desenvolvimentos nunca cessam. Podemos, portanto, deduzir que, noutros níveis de que não estamos cientes, o mesmo é verdade.

Agora. Este primeiro estado de busca agonizada por expressão pode ter representado as dores de nascimento do Todo-O-Que-É tal como o conhecemos. Existiam, e claramente, as possibilidades de criação tal como a conhecemos, mas os meios não eram conhecidos. Imagina então que possuías dentro de ti o conhecimento, a visão, de todas as obras-primas do mundo em escultura e arte, que elas pulsavam e latejavam como realidades dentro de ti, mas que não tinhas aparelho físico, nem conhecimento de como as realizar; que não havia nem rocha, nem pigmento, nem fonte de nada disso, e que doías de anseio por produzi-las — e isto, numa escala

infinitesimal, dar-te-á talvez, como artista, alguma ideia da agonia e do impulso que foram sentidos.

E cada eu é dotado da agonia e do impulso, pois é um tecido a partir do qual o Todo-O-Que-É fez a si mesmo e a tudo o que conheces. Talvez agora possas compreender por que é tão difícil tentar explicar-te assuntos em termos que possas entender.

O Todo-O-Que-É ama tudo o que criou, até ao mínimo, pois reconhece o carinho e a singularidade de cada consciência que foi arrancada *(soletrado)* a tal estado e a tal preço; e está triunfante e jubiloso a cada novo desenvolvimento empreendido por cada consciência, pois isso é um triunfo adicional contra aquele primeiro estado, e uma segurança adicional contra esse primeiro estado, e deleita-se e regozija-se com o mais pequeno ato criativo de cada uma das suas emanações.

(A Jane falava tão depressa aqui que eu não conseguia acompanhar, e pedi ao Seth que esperasse. Perdi uma ou duas palavras, mas foi tudo. Era óbvio que o transe da Jane era muito profundo.)

Ele, por si mesmo e a partir desse estado, deu vida a infinitudes de possibilidades. Da sua agonia encontrou o modo de irromper em liberdade, através da expressão, e ao fazê-lo deu existência a consciências individualizadas que continuam para sempre o processo. Por isso está, com toda a razão, jubiloso.

Estas ligações entre vocês e o Todo-O-Que-É não podem nunca ser cortadas, e a sua perceção é de facto tão delicada e focada que a sua atenção é *(sublinhado)* dirigida, com o amor de um criador primeiro, a cada consciência.

Fui enviado para vos ajudar, e outros têm sido enviados ao longo dos séculos do vosso tempo, pois à medida que vos desenvolveis também formais novas dimensões e ajudareis outros. É melhor fazerem o vosso intervalo.

(10:20. Isto revelou-se o fim da sessão. Foi, na minha estimativa, o transe mais profundo até então alcançado pela Jane. De olhos fechados, acabou por me dizer: "Não sei se estou aqui ou lá. Estou tão longe… Estou sentada aqui a falar e sinto-o nos dedos dos pés."

(Decorreram quinze minutos até ela conseguir abrir os olhos. Foi-lhe difícil desprender-se, embora em momento algum mostrasse qualquer preocupação ou apreensão. Parecia ser um longo caminho de volta para a Jane. Suspeitei que a sua sensibilidade ao calor e à humidade possa ter contribuído para a profundidade do transe; antes da sessão não se sentia muito ativa, mas quis na mesma realizar a sessão.

(Repara que não foram recebidas respostas às perguntas mencionadas no início da sessão, e eu não interrompi. O Seth mergulhou no material. A Jane disse que sentira fortemente o conteúdo do material,

para além das palavras, à medida que o transmitia. Em outras palavras, experienciou-o.

(Vinte minutos após o fim da sessão, a Jane estava de pé, a lavar a cara, etc., mas ainda a sentir os efeitos do transe. Foi para a cama e dormiu profundamente apesar do calor; manteve-se quente toda a noite.)

SESSÃO 427
7 DE AGOSTO DE 1968

(A noite estava novamente muito quente e húmida, e a Jane fora incomodada por tais condições todo o dia; mas quis realizar a sessão como de costume. Pouco antes das nove relatou lampejos do Seth.

(O seu ritmo como Seth foi mais lento do que o de segunda-feira, mas ainda bom. Pausas e olhos abertos, etc.) Boa noite.

"Boa noite, Seth."

Agora. Desejo, vontade e expectativa regem todas as ações e são a base de todas as realidades.

Dentro do Todo-O-Que-É, então, o desejo, a vontade e a expectativa de criatividade existiam antes de toda a outra realidade. Parte desta exposição está condenada a sofrer distorção, porque tenho de ta explicar em termos de tempo, tal como o entendes.

Falarei, portanto, em teu benefício, de um passado indescritivelmente distante, em que estes eventos ocorreram. A força e a vitalidade desses desejos e expectativas, nos teus termos, tornaram-se tão insuportáveis que o Todo-O-Que-É foi impelido a encontrar os meios de os produzir.

Agora, quando digo que houve um estado de não-ser e, no entanto, falo do Todo-O-Que-Era a existir simultaneamente nesse estado, quero dizer *(pausa)* que o Todo-O-Que-É existia, ele próprio, obviamente num estado de ser, mas num estado em que não conseguia encontrar expressão para o seu próprio ser. Este foi o estado de agonia de que falei. Ainda assim, é duvidoso que, sem este "período", entre aspas, de anseio contraído, o Todo-O-Que-É pudesse concentrar a sua energia de modo suficiente para criar as realidades que existiam em suspensão provável dentro de si.

A própria agonia e o estupendo desejo de criar representaram a sua prova da sua própria realidade. As sensações, por outras palavras, eram prova adequada para o Todo-O-Que-É de que ele era. *(Pausa.)*

Ao princípio, nos teus termos, toda a realidade provável existia como sonhos nebulosos dentro da consciência do Todo-O-Que-É. Mais tarde, a natureza não especificada desses "sonhos", entre aspas, tornou-se mais particular e vívida. Os sonhos passaram a ser reconhecíveis uns dos outros,

até atraírem a atenção consciente do Todo-O-Que-É. E, com curiosidade e anseio, o Todo-O-Que-É prestou cada vez mais atenção aos seus próprios sonhos.

Depois deu-lhes propositadamente cada vez mais detalhe, e aspirou a essa diversidade e passou a amar aquilo que ainda não estava criado a partir de si. Concedeu consciência e imaginação a indivíduos quando ainda estavam apenas dentro dos seus sonhos. Estes também ansiaram então por ser reais, pelo que faltava ainda essa derradeira irrupção.

Indivíduos potenciais, nos teus termos, tinham pois consciência antes do princípio, ou de qualquer princípio, tal como o conheces. Clamavam por ser libertados para a atualidade, e o Todo-O-Que-É, numa indizível compaixão, procurou dentro de si os meios.

Na sua maciça imaginação, compreendeu a multiplicação cósmica da consciência que não poderia ocorrer dentro daquele enquadramento. A atualização era uma necessidade, se essas probabilidades haviam de nascer. Viu então uma infinidade de indivíduos conscientes prováveis, e previu todos os desenvolvimentos possíveis, mas estavam encerrados dentro dele a menos que encontrasse os meios.

Isto foi de facto, nos teus termos, um dilema cósmico primário *(pausa)*, e um com o qual lutou, até que Todo-O-Que-Ele-Era ficasse completamente envolvido e envolto dentro desse problema cósmico.

Ora, se não o tivesse resolvido, o Todo-O-Que-É, de modos que não podem ser compreendidos, ter-se-ia confrontado com a insanidade, e teria havido literalmente uma realidade sem razão, e um universo em desvario.

A pressão, de certo modo, vinha de duas fontes: dos eus individuais prováveis, mas conscientes *(sublinhado)*, que se descobriam vivos no sonho de um Deus, e do Deus que ansiava por libertá-los. Por outro lado, poder-se-ia dizer que a pressão existia simplesmente do lado de Deus, uma vez que a criação existia no seu sonho. Mas, nestes termos, tal poder tremendo reside em tais gestalts piramidais primários que até os seus sonhos são dotados de vitalidade e realidade. *(Pausa.)*

Este é, então, o dilema de qualquer gestalt piramidal primária. Ele cria realidade, ponto. Agora. Ele também reconheceu dentro de cada consciência o potencial maciço que existia. Os meios então ocorreram-lhe. Tinha de libertar as criaturas e as probabilidades do seu sonho.

Fazê-lo dar-lhes-ia atualidade. Contudo, significava também "perder", entre aspas, uma porção da sua própria consciência, pois era dentro dessa porção que eles eram mantidos cativos. O Todo-O-Que-É teve de largar. Enquanto pensava nesses indivíduos como suas criações, mantinha-os como parte de si e recusava-lhes a atualidade.

Deixá-los ir era perder essa porção de si que os criara. Já mal conseguia acompanhar a miríade de probabilidades que começavam a emergir de cada consciência separada. Com amor e anseio, soltou essa

porção de si, e eles ficaram livres. A energia psíquica explodiu num relâmpago de criação.

Podem fazer o intervalo.

(9:43. A Jane voltara a estar em transe profundo, mas saiu dele rapidamente. O seu ritmo tinha sido relativamente rápido. Retomou às 9:55.)

Agora, portanto, o Todo-O-Que-É "perdeu", entre aspas, uma porção *(sublinhado)* de si mesmo nesse esforço criativo. Contudo, todos os indivíduos recordam a sua fonte e agora sonham com o Todo-O-Que-É, tal como o Todo-O-Que-É em tempos sonhou com eles. E anseiam por essa fonte imensa e, ao mesmo tempo, por libertá-la, dando-lhe atualidade através das suas próprias criações.

A força motivadora continua a ser o Todo-O-Que-É, mas a individualidade não é uma ilusão. Da mesma forma, vós dais liberdade aos fragmentos de personalidade dentro dos vossos próprios sonhos, e pela mesma razão. E criais pela mesma razão, e dentro de todos vós está a memória daquela agonia primordial — esse impulso para criar e libertar todas as consciências prováveis para a atualidade.

(Pausa longa.) Esta sessão precisa de ser lida muitas vezes, pois há implicações que não são óbvias de início. *(Pausa.)* Agora dá-nos um momento.

O formato das tuas perguntas é bom. É uma boa ideia leres as perguntas antes das sessões e, quando eu tiver respostas, dar-tas-ei.

Neste momento não tenho nada sobre sépia.

(Ver a 424.ª sessão de 29 de julho e a sugestão do desencarnado Van Elver de que eu não use sépia — o Seth pronuncia "sepia" — em demasia. Esta foi uma das perguntas que fiz esta noite antes da sessão.

(A Jane ergueu uma mão, significando espera.)

Precisamos de mais tempo.

Parece que algo está a chegar e estamos com dificuldade em localizá-lo.

(Do Van Elver?)

Uma recomendação. Palavra adicional em breve da Prentice. Uma nota da Instream, não necessariamente para ti.

(Ver, por exemplo, a Sessão 215 no Volume 5.)

Parece haver alguma mudança definida na situação presente, em relação ao statu quo, isto é, no que diz respeito ao livro. *(Pausa.)*
O material sobre realidade elétrica deve aguardar.

(Outra pergunta feita antes da sessão: a própria definição de realidade elétrica por parte do Seth, em ligação com o livro sobre o material de Seth que a Jane está agora a escrever.)

O material que te estou a dar agora é um desdobramento do material sobre o tempo que pediste, que em breve regressará a esse tema, e o material da realidade elétrica seguirá aí naturalmente.

Quando recebo impressões a este nível, nem sempre estou certo da sua origem. É melhor lembrares-me de explicar essa afirmação e acrescentá-la às tuas perguntas.

Uma impressão aqui, relacionada com distância a oeste de ti, possivelmente a Califórnia, uma carta ou comunicação — não sei a sua importância relativa.

Noutros níveis o Ruburt está a ir bem e deverá também experienciar mais projeções conscientes noutros níveis. Houve algo que ele não captou na noite passada, mas terá oportunidade de o fazer em breve.

Agora, tentarei entrar em contacto com ele nas suas excursões astrais. No passado, ele não me queria envolvido nelas, e isso tornou automaticamente altamente improvável que ele me percecionasse.

(Para mim.) Ajudaste duas pessoas que andaram na escola contigo. Isto é em resposta a uma das tuas perguntas. Uma, um nome curto começado por A, ou com sons fortes de A, e um apelido relacionado com água. Espera. *(Apontando para mim.)* Ajudaste o Dave Lake a nível astral, durante uma doença recente dele. Era esse o som e a água. Ambos ajudaram outras pessoas que não conheciam.

(Terminei o liceu em Sayre, Pensilvânia, em 1937, e creio que o Dave Lake o fez um ano depois. Vive agora em Waverly, Nova Iorque, a 18 milhas de Elmira. Vemo-nos raramente, e de vez em quando oiço alguma notícia dele através da minha família ou de um amigo em Sayre, que confina com Waverly. No entanto, não vejo o Dave há bem mais de um ano e não sei se esteve doente. Nem ouvi nada sobre ele durante este tempo, tanto quanto sei.)

Pode esperar-se uma reviravolta de algum tipo, nos teus assuntos mundanos. *(Pausa.)* Sugiro que terminemos a sessão, embora eu permaneça aqui por algum tempo. O Ruburt, noutros níveis, pediu que eu o ajudasse em vários empreendimentos. Deves imaginar-te no teu estúdio, a trabalhar, quando adormeces. Isso facilitar-te-á a projeção para lá.

Os meus mais calorosos votos para ambos. O estado de transe mais profundo serve para compensar a reação do Ruburt ao calor e a algumas circunstâncias adversas naturais que ocorrem atmosfericamente nesta altura do ano.

— "Podes dar-me uma pista quanto à outra pessoa que ajudei, que andou na escola comigo?"

Dar-te-ei essa informação na nossa próxima sessão. Lembra-mo.

— "Está bem. Boa noite, Seth, e obrigado."

(10:23. A Jane voltou a ter um transe profundo, mas regressou facilmente. Estranhamente, e pela primeira vez após uma sessão, descobriu

que não conseguia operar a voz. Sorriu e tentou várias vezes responder às minhas perguntas. Mais tarde disse que não estava preocupada, que sabia que a voz estava bem. Sugeri que pigarreasse, fazendo barulho assim. Ela fê-lo, soando normal. Depois sussurrou a palavra "aí". Quando lhe pedi que repetisse o que dissera, proferiu a mesma palavra de novo, alto e de forma algo explosiva. A voz passou então a operar como de costume.

(A Jane disse que achava que a outra pessoa que eu ajudara astralmente, dos tempos do liceu, estava morta. Disse que as impressões pareciam vir-lhe de outro nível, entre o do Seth e o dela — "como que numa sintonia de rádio diferente", mas não o conseguia explicar.)

SESSÃO 428
12 DE AGOSTO DE 1968

(Às 20h55, a Jane teve a impressão do nome Alice Prentice como sendo o da colega de liceu falecida que eu tinha ajudado astralmente. Ver página 30. Achei o nome Alice familiar, mas não consegui confirmar quanto a Prentice. Talvez tenha alguns materiais antigos da escola arquivados que possam fornecer dados.)

(A Jane estava cheia de energia inquieta e positiva esta tarde e noite. Vi isso como uma expressão útil e perguntei-me se estaria ligado à carta que tinha recebido de Harry Edwards, em Inglaterra, na sexta-feira passada, 9 de agosto. Na carta, Edwards falava de um programa que tinha iniciado para enviar energia de cura à Jane.)

(A Jane falou ao telefone hoje com Don Wollheim, da Ace Publications, e ele pediu-lhe que lhe enviasse o livro dela sobre sonhos. Antes da sessão, mostrei à Jane a lista de perguntas que tínhamos compilado a partir das sessões recentes.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora é importante que percebam que usámos analogias de forma bastante livre nas nossas duas últimas sessões, pois não havia outra maneira de vos dar qualquer conceito claro do material que eu queria apresentar.

Os vossos cérebros físicos simplesmente não conseguem lidar com certos tipos de informação. Mais uma vez, a estrutura neurológica tem muito a ver com isto. Estão tão habituados a lidar com certos tipos de conceitos e a interpretá-los de determinada maneira que os caminhos para dados mais complexos simplesmente ainda não existem em termos físicos.

Eles surgiriam. As estruturas neurológicas criariam novos caminhos para acomodar tal conhecimento quando o próprio conhecimento fosse procurado. As estruturas cerebrais da vossa raça, portanto, tornaram-se mais complexas à medida que o conhecimento interior procurava dar-se a conhecer à criatura física.

Estou a falar agora em termos de evolução. O material das últimas duas sessões foi-vos dado, portanto, em termos que pudessem compreender. *(Pausa.)* Conceitos multidimensionais não podem ser recebidos nem interpretados, neste momento, pelo cérebro físico. A mente e o eu interior podem tornar-se conscientes de tais conceitos. Agora deem-nos um momento. *(Pausa.)*

Em resposta a uma das vossas perguntas. O nome Alice. Um apelido como Prince, com inicial S, ou como Prentice. Alguém que tenta, um aprendiz. 1963, Florida, uma dificuldade pulmonar. Dois filhos, um com um nome parecido com Gina *(soletrado)*; uma parente em Schenectady, Nova Iorque. Doente em 1963. Morreu em 1965.

Não sei agora a que exatamente se refere o seguinte: uma ligação com a Srta. L. Estiveram numa turma juntos? Com uma professora chamada Srta. L... *(Pausa.)* Ligação com desenho ou mapas ou geografia.

"Eu tive uma professora no ensino básico em Sayre, chamada Srta. Lennon."

(Não houve resposta do Seth a isto. Ao refletir, e sem consultar os registos, acredito que a Srta. Lennon possa ter sido minha professora no ensino preparatório, ou talvez quando estava no primeiro ano do liceu.)

A rapariga andava com, ou gostava de, um Tom... Algo como Torrid para o apelido. Ajudaste em várias ocasiões após a morte dela.

(Nada dos dados acima, exceto a familiaridade com o nome Alice, significava algo para mim. Formei-me no liceu em Sayre em junho de 1937, há 32 anos, e raramente voltei a ver colegas. A turma era também bastante grande.)

(Na pausa, disse à Jane que também tinha tido uma professora chamada Srta. Prince, mas agora não tenho certeza do ano que ela lecionava. A Jane, por exemplo, não sabia da existência nem da Srta. Lennon nem da Srta. Prince.)

Dá-me um momento. *(Pausa.)* Em relação a outra pergunta, sobre as estruturas deixadas para trás. Lembras-te?

("Sim.")

(Ver página 24, 426ª sessão de 5 de agosto. A minha pergunta: Que estruturas, deixadas para trás pelo eu viajante A, podem ser usadas por outros?)

Sabes que uma estrela pode iluminar um universo escuro, uma paisagem escura, e ajudar um viajante no seu caminho. Servirá um propósito e será uma realidade no teu tempo. De forma semelhante, as estruturas de personalidade podem ser uma ajuda e ser realidades para ti dentro do teu tempo, embora há muito tenham entrado noutras dimensões.

Isso é o mais próximo que posso chegar para responder a essa pergunta. Percebes o que quero dizer?

("Sim.")

Há uma diferença, claro. A estrela não sabe sobre quem a sua luz incide. É cega para a paisagem que ilumina. Não pode ver aquilo que ilumina. No caso destas estruturas psicológicas, no entanto, devido aos aspetos multidimensionais, há compreensão e propósito. Uma porção desse tipo de estrutura de personalidade sabe bem que, embora o seu foco principal de consciência tenha entrado noutras dimensões, será no entanto percecionada por outros em qualquer ponto dado.

Ela permite que a luz da sua personalidade brilhe propositadamente nos caminhos de onde veio, para ajudar outros que seguirão; mas a luz é a luz da vitalidade e carrega consigo traços da personalidade que a deixa brilhar.

Mental e emocionalmente, tal personalidade pode mesmo viajar para baixo *(a Jane fez um gesto descendente)* para ajudar outro. Esta é uma explicação muito simplificada, pois ainda não estão prontos para estudar a realidade da personalidade multidimensional a fundo. *(Pausa.)* À medida que os pensamentos criam traços e novos padrões, novos caminhos elétricos no cérebro físico, torna-se então mais fácil para o cérebro entreter essas linhas habituais de pensamento.

É então mais fácil que pensamentos semelhantes sigam. Assim, num sentido mais amplo, à medida que as personalidades deixam o vosso sistema, à medida que viajam para outras dimensões, também criam caminhos elétricos, e cada personalidade que o faz torna esses caminhos mais fáceis para outros. Percebes?

("Sim.")

Agora, porque o presente espaçoso existe, noutros termos, esses eus estão de facto em todos os lugares ao mesmo tempo. Quando pareces

aproximar-te de diferentes dimensões, no entanto, então pareces aproximar-te de uma personalidade que existe no momento da tua perceção dela.

Isto pareceria negar a ideia de progressão, já que vos digo que todas as porções, ou todas as aparências, ou todos os aspetos e todos os níveis de qualquer personalidade dada existem ao mesmo tempo. No entanto, os eus imediatamente conscientes progridem na sua realização. Não basta que o eu interior saiba. As várias porções imediatamente conscientes da personalidade evoluem e mudam à medida que reconhecem estas verdades.

Eles chegam então a compreender a sua unidade básica, mantendo ainda assim a sua própria identidade, já que a mudança nunca é imóvel. Entre aspas: "Quando" essa realização chega, o preenchimento interior de valor já criou novas realidades. A resposta, o mais próximo que posso aproximar para vocês, é esta: o propósito é o ser. Isto é algo diferente da vossa ideia *(sublinhado)* de mera sobrevivência bruta.

Vida e consciência, sem meios de expressão, não são desprovidas de sentido, pois vida e consciência têm os seus próprios propósitos; e sobre esses propósitos não estou preparado, neste momento, para vos falar.

Podem fazer a vossa pausa.

(21h56. A Jane tinha estado num bom transe, mas saiu dele facilmente. O ritmo não tinha sido tão rápido como em sessões recentes. Retomou às 22h12.)

Devem perceber, mais uma vez, que nada é estático, muito menos a atividade psicológica.

No vosso estado de desenvolvimento, não conseguem facilmente compreender o significado da palavra "propósito", pois para vocês o termo implica inevitavelmente uma rigidez eventual, um objetivo com um fim, uma progressão, literalmente, em direção a um nada que teria de seguir uma vez alcançado um objetivo nesses termos.

A palavra propósito implica dimensão limitada. O preenchimento de valor não tem tais implicações, e os propósitos de que falei são multidimensionais. É tudo o que vos direi por agora a esse respeito.

Um parêntesis aqui: enquanto eu sou eu mesmo, tal como me conhecem, também sou a outra personalidade que por vezes fala. Isto não significa que aquilo que sou, tal como me conhecem, termina *(ou se esgota)* naquilo que ele é.

(Com humor.) Estou extremamente satisfeito por ser o eu que conhecem *(sorriso)*, e de facto tenho prazer nessa existência e em enfrentar

as suas responsabilidades. *(Pausa.)* A outra personalidade *(sorriso)*, que também sou eu, tem um carinho especial por mim *(voz mais forte, enfática)*, embora, novamente, ele não o colocasse nesses termos. Ele aprecia a sua própria existência.

Ambos somos obviamente, então, porções de um eu maior, e manifestações dele, mas um não termina no outro, e o propósito de um não é tornar-se o outro. Nós todos, simplesmente, somos. Mantenham este tipo de coisa em mente quando pensarem em termos de propósitos. Pois a palavra pode distrair-vos e levar-vos a conceitos restritivos.

Conheces o indivíduo por volta de 1938, se isso ajudar. Uma ligação com raposa; por exemplo, ela morava numa Fox Street. Um animal como uma raposa é a ligação.

("Formei-me no liceu em 1937.")

Ainda tenho uma forte ligação com 1938. Dá-nos um momento.

A rapariga trabalhava numa sapataria em 1938. A tua mãe, creio eu, estava ciente disso ou mencionou-to na altura. *(Pausa.)* A raposa é uma ligação forte aqui. Um endereço, talvez 428. Isto pode ser uma Fox Street, na área exterior da cidade...

("Acho que isso é possível.")

(Mais tarde, a Jane disse-me que sentia que a rua ficava a sul da casa dos meus pais em Sayre — e onde eu tinha vivido enquanto andava no liceu. Eu tinha por acaso um mapa das ruas de Waverly, Sayre e Athens e verifiquei antes de escrever isto. Não havia nenhuma Fox Street. As cidades ficam lado a lado: Waverly está em Nova Iorque, Sayre e Athens na Pensilvânia.)

... e uma ligação com duas pessoas idosas que, acredito, viviam lá. Vamos ver isto até ao fim. A rapariga esteve ligada a ti duas vezes, presumivelmente em aulas. Um irmão mais novo. Uma amiga íntima chamada Cheryl. Casou-se com um homem com um nome parecido com scramble ou scrapple. *(Pausa.)*

Tens alguma pergunta?

("Queres dizer algo sobre o livro dos sonhos e as impressões de Parker?")

(Ver The Early Sessions, Volume 8, páginas 329–330.)

Vamos ver. Antes de mais, num sonho ele viu que o livro seria publicado. As impressões estavam deslocadas. Ele saltou para o futuro, por

desejo de que isso ocorresse. Por outras palavras, as impressões estavam totalmente deslocadas no tempo.

(As impressões foram dadas a 29 de junho. Nos dias 16 e 23 de junho, o caderno da Jane mostra que ela teve sonhos vagos e encorajadores sobre escrever, publicar e Nova Iorque. O livro dos sonhos não foi mencionado especificamente no caderno. A 5 de julho, no entanto, a Jane teve um sonho muito vívido no qual viu o livro dos sonhos publicado em formato de bolso.)

("E quanto a Ignaptha?")

(Esta é uma palavra usada pelo Seth na sessão realizada para Gene Bernard há alguns anos.)

Não entraremos nisso agora. Não se encaixa no material que estamos a entregar. E não é importante o suficiente para o interromper.

("O que pensas da carta da Jane do Harry Edwards?")

(Recebida na sexta-feira passada, 9 de agosto.)

Por implicação, mais ou menos já vos dei a minha opinião sobre o assunto. Claramente, creio eu. O assunto é legítimo, e o Ruburt no estado de sonho está ciente disso.

("Por que razão a Jane estava tão inquieta e zangada esta tarde?")

Ele tem alguma perceção disso. Sentimentos precisavam ser expressos e direcionados para fora. Problemas a serem reconhecidos em vez de escondidos. Onde estavam a fermentar. Foram-lhe dadas garantias no estado de sonho de que isso era satisfatório e recomendado.

("Alguma ligação aqui com o assunto do Edwards?")

É a isso que me refiro, sobre o estado de sonho. Está também ligado ao seu sono melhorado.

("Alguma coisa do Van Elver?")

Não sei a que te referes.

(Isto surpreendeu-me.)

("Van Elver e o uso de sépia.")

Van Elver.

(O Seth repetiu o nome, o que me surpreendeu novamente. Creio que esta é uma das pouquíssimas vezes em que a minha pergunta pareceu apanhá-lo desprevenido, ou fora de guarda, ou algo do género.)

Ele deixou-te uma mensagem.

(As minhas perguntas e declarações eram, admitidamente, breves, e podem ter sido demasiado breves. Tenho mencionado o desencarnado Van

Elver em quase todas as sessões recentes. Na 424ª sessão, de 29 de julho, o Seth disse que Van Elver, cujo retrato pintei recentemente, deixou-me uma mensagem mental; no sentido de que eu não deveria usar sépia com mão demasiado pesada. As razões específicas não foram dadas, o Seth dizendo que me transmitiria o material quando voltasse a ouvir de Van Elver. Tenho tentado obter o resto desses dados desde então, já que o Seth disse para o lembrar disso.)

(Agora eu tinha a sensação bastante nítida de que o Seth estava algo aborrecido ao dar o material seguinte. Talvez eu tenha insistido demais com o assunto do Van Elver.)

Agora. É um universo vasto, e não circulamos pelos mesmos caminhos. Quando eu tiver informação para ti vinda dele, então transmito-ta. Já que ele parece manter-te suficientemente na mente para dar as mensagens, podes presumir que continuará a fazê-lo; e quando ele comunicar claramente comigo, então eu perguntá-lo-ei a esse respeito.

("Está bem.")

O nosso círculo de atividade não é o mesmo.

Agora podes fazer mais perguntas, fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

"Acho que vamos terminar então."

Os meus mais calorosos votos para ambos, e uma boa noite cheia de afeto.

"Boa noite, Seth."

(22h43. A Jane estava num bom transe, mas saiu bem dele.)

SESSÃO 429

14 DE AGOSTO DE 1968

(A Jane e eu tivemos uma discussão sobre as perguntas que compilei para fazer ao Seth, através do nosso novo sistema, antes das sessões, daí termos começado tarde. Perguntávamo-nos quanto tempo devíamos reservar para obter respostas, etc., versus manter-nos a par dos dados teóricos atuais.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Queres uma explicação sobre o episódio do sépia, ou queres, agora, algum material sobre a entidade e o tempo?

("Prefiro o segundo.")

(Disse isto porque receava que a explicação do sépia pudesse ser longa. Ver página 35 para o material e notas sobre o estado atual desta questão do sépia e do Van Elver.)

Basta dizer que eu não estava aborrecido. *(Sublinhado.)*

(Novamente, ver página 35.)

Agora. Como vos disse, há uma duração de certo tipo. Algo que corresponderia, de qualquer forma, à vossa ideia de duração dentro do presente espaçoso; no entanto, é uma questão de intensidades. Agora, a entidade é em si composta por tais intensidades. Apenas para efeito de analogia, imagina a imagem, uma imagem humanoide, de uma entidade de tamanho gigantesco, espalhada por qualquer lugar no vosso universo físico. E se a imagem fosse projetada contra um céu noturno, dentro dos seus limites aparentes verias uma multitude de planetas e estrelas. Que estes representem pontos-momento.

Por um lado, eles são parte da entidade, como as tuas células são parte do teu corpo. Por outro lado, a consciência da entidade pode viajar através deles. São portas dentro da sua própria constituição psicológica, para experiências.

É como se pudesses conscientemente entrar em contato com cada uma das tuas próprias células e tornar-te consciente, nos teus termos, do futuro e do passado delas. Este viajar através, obviamente, muda a natureza dos pontos-momento. É, novamente, ação a trabalhar dentro de si mesma. O elemento tempo, tal como o entendes, mal existe.

Agora, a analogia da imagem é, sob certos aspetos, distorcida, mas suficiente para os nossos propósitos presentes. Pois quando pensas na matéria das tuas células apenas como matéria, torna-se difícil seguir a nossa analogia. Mas quando percebes que as tuas próprias células corporais são muito mais do que físicas, que contêm a sua própria compreensão encapsulada, então verás que elas poderiam, pelo menos teoricamente, operar dessa forma se pudesses lançar a tua própria consciência nelas e perceber a experiência aparentemente alienígena delas.

A entidade e o seu tempo não são separados. São um só. Basicamente, o tempo é simplesmente experiência psicológica, independentemente das lacunas entre perceção ou do modo de perceção. A entidade é a sua própria experiência.

O tempo poderia ser pensado como os tecidos da entidade. Estes estariam em constante mudança. Na nossa analogia, a imagem projetada pareceria flutuar, incluindo estrelas e planetas sempre diferentes dentro dos seus limites. A tua própria estrutura temporal seria muito diminuta nesta imagem.

Agora, os pontos-momento também poderiam representar várias personalidades pertencentes à entidade, porções da sua própria consciência que ela envia nas jornadas de exploração e descoberta. É como se os núcleos de uma célula pudessem viajar através de si mesmos. Os limites da entidade seriam imaginários, englobando tantos pontos-momento quantos a entidade sentisse que poderia lidar. *(Pausa.)*

Agora. Algumas personalidades podem fazer parte de mais de uma entidade.

("Não." Totalmente novo, e interessante, dado.)

As entidades, sendo ação, estão sempre a mudar e a deslocar-se. Não há nada de arbitrário nos seus limites. As personalidades têm a mesma liberdade. Como peixes, podem nadar para outros riachos. Dentro delas está o conhecimento de todas as suas relações.

Qualquer personalidade pode tornar-se uma entidade por si própria. Isto envolve um conhecimento altamente desenvolvido do uso de energia e das suas intensidades. Tal como os átomos têm uma mobilidade, também as estruturas psicológicas têm, à sua maneira. Elas movem-se através do clima de valor da realidade psicológica com tanta liberdade como os átomos se movem através do vosso tempo.

O preenchimento de valor corresponde ao vosso tempo nessa área.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(21h50. A Jane tinha estado num bom transe. Disse agora que não tinha certeza de que conseguiríamos ter uma sessão esta noite, devido à nossa discussão prévia. Nota que a sessão não começou até às 21h27. Não foi porque a discussão a tivesse perturbado, mas porque a tinha estimulado. Ela precisa estar relaxada para iniciar uma sessão. Retomou às 22h01.)

Agora. O que estou a tentar dizer-vos é que um pensamento ou um sentimento, com todas as suas variedades de intensidades, é mais parecido com o tempo, com a verdadeira natureza do tempo, do que todos os vossos minutos ou horas.

Um pensamento pode ser intenso, depois desvanecer-se parcialmente e voltar a crescer em intensidade. *(Pausa.)* A sua própria natureza regula a sua intensidade, em vez de quaisquer regras inerentes à natureza da própria intensidade. Alguns destes conceitos são difíceis de vos explicar. Nos vossos termos, seria como se experienciasses um evento futuro, depois um evento passado distante, depois um momento do presente. Não compreenderias o que se está a passar, nem verias a lógica interior nisso.

Há aqui uma ligeira analogia com os vossos processos associativos, onde podes pensar numa pessoa tal como a conheceste em diferentes períodos de tempo, e manter essa ideia no teu presente; mas isso faz pouco para te dar a noção da complexidade do conceito. Esta sessão, aliás, terá de se desenvolver noutras, pois concentrei aqui algum material sobre o qual terás muitas perguntas quando o leres.

Tens simplesmente, e de forma prática, de tentar desfazer-te de todas as ideias de tempo tal como o conheces, para esta discussão. Basicamente, aquilo a que chamas tempo não existe. Estou a tentar dizer-te o que existe em vez disso. A questão do tempo e das entidades, percebes, não pode ser verdadeiramente respondida da forma como a colocaste.

(Ver página 5, a 422ª sessão de 10 de julho de 1968. A minha pergunta original, que o Seth tem vindo a discutir desde então, foi: "O que pensa a nova personalidade, a entidade maior Seth, do nosso sistema temporal? Ele deve ter experienciado muitos diferentes.")

Intemporalidade e entidades — isso sim é outro assunto. *(Sorriso.)* Pois é isso que realmente vamos discutir.

Agora, não podes manter demasiados pensamentos na cabeça, entre aspas "ao mesmo tempo", e muitos dos teus próprios pensamentos

escapam-te conscientemente. As entidades estão conscientes de todas as suas personalidades e acompanham-nas muito melhor do que tu acompanhas os teus próprios pensamentos.

Estas personalidades, por si mesmas, estão constantemente a desenvolver-se e a mudar, tal como um pensamento pode transformar-se noutro ou fazer surgir outro. A experiência subjetiva destas personalidades, a existência psicológica destas personalidades *(pausa longa)*, é composta de *(pausa, franzir de sobrolho)* dimensões de preenchimento de valor, tal como, considerando o teu tempo, as horas são compostas de momentos.

Neste caso, no entanto, tanto as horas como os momentos seriam eles próprios conscientes e vivos. Não sei quanto conseguirás retirar desta sessão. Teremos de esclarecer muitos pontos para ti, mas temos de começar algures, com várias analogias, para fazer uma brecha.

Como uma espécie de tratamento de choque, quase temos de arrancar à força as tuas ideias estereotipadas de tempo antes de podermos avançar com este tema em particular.

Dá-nos um momento.

Eu não estava aborrecido. Simplesmente não queria envolver-me com o assunto naquela altura, já que não fazes ideia de onde isso nos levaria.

Há momentos em que várias circunstâncias estão certas, e quando estas ocorrem as mensagens do teu amigo artista *(Van Elver)* chegam muito fortemente, e muitas vezes de repente. Em certas ocasiões, a ligação é muito menos do que perfeita, e há um esforço tanto da parte dele como da minha. Portanto, como regra, esperamos automaticamente até que os sinais estejam claros.

Agora, por trás dessa explicação simples, percebes, há muitos assuntos nos quais ainda não nos aventurámos. Não queria adiar uma resposta. Simplesmente não estava pronto para te dar uma completa.

Agora, podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

("Bem, acho que podemos terminar então.")

Tens de te lembrar de que a palavra tempo é em si distorcida. Ela projeta limitações sobre outros sistemas de realidade que não existem. Temos de a usar para as nossas explicações, mas a intemporalidade aproxima-se muito mais da realidade.

(Com humor.) Nenhum tempo é o meu tempo... Agora, desejo-te uma calorosa boa noite e os meus mais afetuosos votos a ambos.

"Boa noite, Seth."

(22h27.)

SESSÃO 430
22 DE AGOSTO DE 1968

(A sessão foi testemunhada por Emolene Frazer; ela é uma estudante de ESP da turma de quinta-feira da Jane. Esta é a sessão regular que normalmente se realizava à quarta-feira. Foi marcada um dia mais tarde para que Emolene pudesse assistir.

(O tempo estava muito quente, húmido e pegajoso. Muitas vezes, em tais ocasiões, a Jane não sente vontade de fazer uma sessão, sendo bastante sensível a mudanças meteorológicas. Esta noite, porém, não só sentiu vontade de fazer uma sessão, como, pouco antes dela, disse-me que acreditava que a entidade maior Seth, aquilo a que chamamos a entidade Seth, iria falar.

(Pareceu-me que isso poderia complicar as coisas, por isso manifestei a preferência de que fosse o Seth a falar. Ele então procedeu, a um bom ritmo e com uma voz algo mais forte do que o habitual.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Tiveste a tua escolha esta noite.

"Sim."

(Pausa.) O meu amigo ia dar-te a sua própria perspetiva sobre a intemporalidade, e as condições estavam bastante boas. No entanto, não senti que tu ou o Ruburt quisessem particularmente esse arranjo esta noite...

("Provavelmente não.")

... e então, como vês, como sempre, eu sei das vossas preferências. *(Sorriso.)*

Agora, as minhas boas-vindas à nossa amiga aqui presente, e continuaremos, por agora, com a nossa discussão. O termo identidade, como muitos outros termos, é limitado, pois pensas em identidade como sendo uma unidade indivisível. Agora. A identidade não depende de nenhum tipo de estrutura, tal como a conheces.

A identidade psíquica não precisa de estabelecer barreiras para reconhecer as individualidades. Uma personalidade pode, portanto, ser parte de mais de uma entidade e ainda assim manter a sua própria identidade, a sua própria individualidade. Existem vários agrupamentos de

experiência. É o teu conceito de tempo que limita fortemente a tua ideia de individualidade.

Parece-te que qualquer personalidade que se preze deve ter uma série de memórias, de acontecimentos que existiram no passado e progrediram para um presente e um futuro. Como o tempo não existe dessa forma, então não deves projetar as tuas ideias de tempo sobre a realidade básica.

Na experiência de personalidades fora do teu sistema, os acontecimentos não são recordados nem mantidos dessa maneira. Uma personalidade fora do teu sistema não recorda, portanto, acontecimentos de vidas ditas anteriores em qualquer forma sequencial. Os acontecimentos são mantidos simultaneamente.

As várias estruturas de ego, portanto, existem simultaneamente. Estão totalmente fora de qualquer enquadramento desse tipo. Estão conscientes da tua perceção do tempo, mas isso nada lhes significa. Os vários egos de qualquer personalidade não pensam em si próprios como tendo existido uns antes dos outros.

Mesmo na reencarnação, por exemplo, um ego que experienciou uma vida na Guerra Civil americana está agora consciente de outro ego que pode ter experienciado vida no ano três mil. Dentro do ciclo terrestre, tal conhecimento não é transmitido ao cérebro físico, mas é sempre conhecido.

Segue-se então que eu estou consciente da outra personalidade Seth, e ele de mim. Por causa dos vossos equívocos sobre o tempo, cometes erros graves sempre que tentas fazer previsões sobre a vida após a morte ou a vida dentro de outros sistemas que não o teu. É muito difícil para ti conceber um ego que experiencie acontecimentos não em forma sequencial. Quando se tenta qualquer contato em chamadas situações mediúnicas, espera-se então que a personalidade sobrevivente “recorde”, entre aspas, acontecimentos como tu os recordas; mas os acontecimentos já não existem dessa maneira.

Os processos associativos determinam não só quais os acontecimentos que têm significado, mas também a “ordem”, entre aspas. Um acontecimento ocorrido, digamos, em 1948, de grande importância para a pessoa presente, pode já não ter qualquer significado para a personalidade sobrevivente.

As tuas mãos estão cansadas?

(“Não.”) (21h30.)

Agora. Se tal é o caso com personalidades tão intimamente ligadas à tua, então talvez possas compreender quão alienígena é a tua ideia de tempo para personalidades que nunca existiram dentro do teu sistema físico. Elas estão habituadas a experienciar acontecimentos não em qualquer sequência temporal. Em vez disso, pontos-momento são experienciados plenamente, desenvolvimentos abrem-se simultaneamente, e "acontecimentos" são reconhecidos como ocorrências psíquicas e psicológicas não necessariamente ligadas a qualquer circunstância exterior.

Em alguns sistemas, portanto, não é necessário qualquer camuflagem exterior. Agora podes fazer uma pausa, e continuaremos.

(21h01. A Jane tinha estado num bom transe, mas saiu dele com alguma facilidade. Pensou que o transe tinha sido mais profundo do que o habitual para cobrir muitas distrações: o tempo e a nova chuva, o ruído do trânsito, uma festa a decorrer no andar de baixo, etc.
O quarto estava quente, por isso o arrefecedor estava ligado, acrescentando às possíveis distrações. No entanto, quando retomou às 21h15, a voz da Jane, como Seth, facilmente assumiu volume suficiente para sobrepor-se ao ruído.)

Tens de entender que, de qualquer forma, a tua situação e qualquer que conheças da realidade física são altamente artificiais. São uma criação coletiva formada pelas tuas ideias interiores. O conceito de tempo é apenas um exemplo, e é responsável por muitos dos teus equívocos mais queridos. Tens de formar ideias em materialização física para reconhecer a força por trás das ideias que estás a aprender a usar e a compreender. No entanto, tais materializações são apenas necessárias em certos níveis. O esquema temporal parece válido apenas dentro desse enquadramento.

Quando a ideia já não precisa de materialização física, então o conceito de tempo torna-se inútil. A intensidade da experiência e o preenchimento de valor ocupam o lugar do tempo. Desenvolvimentos abrem-se, nos teus termos, de uma vez só. A organização de acontecimentos interiores é gerida de acordo com os interesses internos das várias personalidades e das intensidades com que qualquer dado acontecimento é experienciado.

Nos teus termos, então, um acontecimento futuro existiria antes de um acontecimento passado. Percebes-me?

"Sim."

Portanto, estás limitado na tua tentativa de compreender personalidades que não existem dentro do teu sistema, pois a identidade não está, portanto, estruturada em qualquer tipo de sequência temporal, e aquilo a que chamas memória sai pela janela.

Uma entidade não "se recorda" de quando uma parte dela existiu dentro do teu sistema. No tempo dela, essa parte simplesmente é. O conceito de tempo conduz então a uma ideia limitada, pois não consegues conceber uma identidade sem memória do passado nos teus termos.

Isto também é responsável pelo facto de ser difícil entender como uma personalidade, mantendo a sua individualidade, pode ser parte de mais do que uma entidade, e teremos mais a dizer sobre esse assunto à medida que continuarmos com o conceito de tempo.

Agora dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Para a nossa amiga aqui *(a Jane apontou para a Emolene)*, uma existência na terra chamada Grécia, antes de ter esse nome. Uma existência na Bélgica do século XIV. *(Pausa.)* Uma vida num ambiente espanhol, com pessoas de língua espanhola, mas na América do Sul. Isto nos anos 1200. A personalidade esteve muitas vezes numa posição de trabalhar com construção, e nas suas construções, e foi instrumental em trabalhar os princípios por trás do arco *(a Jane fez um gesto)*, forma arqueada.

(A data de 1200 levanta questões. Tanto quanto vai a nossa história aceite, não teria havido colónias ou grupos de língua espanhola na América do Sul nos anos 1200. A América Latina foi aberta à colonização espanhola nos anos 1500, claro, após a viagem de Colombo em 1492...)

Dá-nos um momento. A personalidade foi homem em quatro vidas, e em cada uma delas houve interesse por construção, embora numa delas o trabalho principal envolvesse irrigação e aquedutos.

Então havia um amor pelo detalhe e pelo planeamento, e a capacidade de formar na mente planos de construção complicados para outros realizarem. A personalidade esteve muitas vezes envolvida então no período de florescimento das civilizações, quando tais construções eram normalmente realizadas. A capacidade artística está ligada aos desenhos detalhados feitos no passado.

Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Houve, no entanto, uma impaciência para que as obras fossem executadas por outros, em estrita conformidade com os planos originais. O jardim e os terrenos agora à volta da atual casa da personalidade são réplicas de jardins projetados pela mesma

personalidade na era espanhola. E novamente, esses jardins rodeavam a residência da personalidade.

A certa altura, a irmã da personalidade foi pai da atual personalidade. Como muitos dos planos de construção envolviam a construção de vários tipos de templos, a personalidade tem estado sempre interessada em adquirir conhecimento sobre a natureza da realidade. Houve pouca preocupação com o comércio. Há uma necessidade, por parte da personalidade presente, de entender a sua própria natureza e de usar as suas capacidades de forma construtiva. A personalidade ainda não enfrentou verdadeiramente a si mesma, mas tem a persistência interior e a intuição para o fazer.

Agora podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

"Vamos fazer uma pausa."

(21h43. A Jane esteve novamente num transe muito bom, e demorou um pouco a sair dele. A Emolene Frazer saiu agora, mas antes descreveu-nos a sua casa atual com algum detalhe, já que a Jane e eu nunca a vimos. Os terrenos que rodeiam a casa são muito elaborados, bem e profusamente decorados, e estendem-se por várias centenas de metros desde a estrada à frente até à margem posterior da propriedade, onde encontra o rio Chemung.)

(Não sabíamos se a sessão terminara agora, por isso retomámos os nossos lugares depois de a Emolene sair. O Seth voltou então a manifestar-se às 22h00.)

Agora. Entende que não podes compartimentar material como este.

Uma insistência exagerada em manter-se num só tema impõe limitações. Não há linha de fronteira entre, por exemplo, experiência e tempo, nem qualquer separação natural. Tais separações artificiais podem fazer parágrafos mais organizados, Rob... *(Com humor.)*

"Sim?"

…mas limitam os saltos intuitivos que, de outro modo, poderiam ser dados.

Haverá sempre uma organização geral no nosso material, mas não tratemos a matéria como uma cerca, onde tudo deve ser arrumado em categorias ordenadas.

Tem algum comentário?

("Não, creio que não. Acho que concordo.")

(*Os comentários de Seth referem-se a alguns dos meus feitos antes da sessão desta noite.*)

A verdadeira organização não é lógica, em qualquer caso.

("Sim.")

À pergunta: O que é o tempo? Poder-se-ia dar a seguinte resposta, perfeitamente válida: O tempo é uma maçã. O tempo não é uma maçã. O tempo (*sorriso*) é um verme numa maçã. O tempo é um verme que não está numa maçã.

E, no entanto, tais definições serão absolutamente sem sentido para a maioria das pessoas, pois só conseguem pensar no tempo em termos de dias ou horas, e não pensam no tempo como experiência em si, ou, muito simplesmente, como ser.

E, no entanto, tais definições estão muito mais próximas da verdade do que aquelas que têm a ver com medições. Não existem medições de qualquer tipo. A realidade, por si só, forma uma maçã. A sua perceção da maçã permite-lhe vê-la aos pedaços.

A maçã é o tempo. É um acontecimento. São os tantos dias ou meses que, nos seus termos, foram necessários para a sua produção, ou os anos que foram necessários para produzir a árvore. É tanto um acontecimento no tempo como um acontecimento no espaço.

Aqui estou apenas a usar os seus termos para ilustrar o ponto. Existem coisas naturais, como maçãs, percebe? Não existem coisas naturais, como minutos ou horas. Estes são conceitos impostos à realidade, mas isso não os torna reais por si mesmos.

Um indivíduo — e estou a falar nos seus termos, novamente, para ilustrar o ponto — um indivíduo é os 60 ou 70 anos da sua existência terrena, tanto quanto é as 150 libras (cerca de 68 quilos) que possa ter.

Agora, a menos que tenha perguntas, terminaremos a sessão.

("Creio que não.")

Os meus últimos comentários destinaram-se a esclarecer, se possível, alguns dos mal-entendidos que tem acerca do seu próprio conceito de tempo. Tenha em mente que o conceito só é válido dentro das suas circunstâncias actuais.

Desejo-lhe, então, uma boa noite. Os meus melhores votos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

10h14.

(*Jane estava novamente bem dissociada. O material foi transmitido bastante rapidamente ao longo da sessão, excepto no que dizia respeito aos dados de Frazer.*)

SESSÃO 431

26 de Agosto de 1968

(A entidade Seth, ou personalidade superior, falou durante a sessão. Como habitual, a voz era aguda e ténue, muito clara mas distante, com muitas pausas por vezes. Mais uma vez, a maioria das frases da Jane terminava com uma inflexão ascendente.

(Às 21h18, a Jane disse-me que começava a sentir a "sensação de pirâmide". Para explicações sobre esta experiência subjetiva, ver sessões anteriores: 411, 412, 413, 419, etc. Disse: "Acho que vou receber a outra", referindo-se à personalidade superior de Seth. O efeito da pirâmide parecia fazê-la manter a cabeça bastante imóvel e equilibrada, como se executasse um ato de equilíbrio para a pirâmide subjetiva. Sugeri que relaxasse o pescoço e assim fez.

(Olhos frequentemente fechados durante a sessão.)

Boa noite.

("Boa noite.")

Vamos discutir os números em termos de identidades. Isto está relacionado com as palestras que lhe estão a ser dadas, relativas ao tempo e à identidade. Embora os números sejam abstratos, podem servir-nos bem aqui. Um número, por exemplo o sete, pode ser considerado, ele próprio, como uma identidade. Ora, pode tornar-se parte de outros números, em variedades infinitas, e, ainda assim, será sempre ele próprio.

Pode ser parte de muitos agrupamentos, mas continua a manter-se ele próprio. Três e quatro somam sete, mas três e quatro têm as suas identidades, e serão sempre assim, nos seus termos. Os números do outro lado do zero, os números negativos, representam identidade naquele tempo de relativo não-ser. O paradoxo é que, portanto, os números não podem ser concebidos como não sendo, e assim usa-se o sinal de menos.

A unidade dos números, por si só, significa a sua existência. Ora, a matemática não é minimamente compreendida dentro do seu sistema. Uma matemática de quarta e quinta dimensão não pode ser iniciada de dentro do seu próprio sistema. É como se cada número representasse não apenas o

número em si, não apenas uma unidade a ser somada, subtraída, multiplicada ou dividida, mas também como se cada número tivesse infinitas variedades de intensidades que não percebe.

Não estou a falar de unidades mais pequenas dentro desse número, mas da natureza da própria unidade. Essas intensidades multidimensionais seriam consideradas como qualidades inerentes a cada número. Representariam outras realidades dimensionais inerentes ao número em si, e, sendo os números apenas símbolos, representariam, portanto, outras realidades dimensionais inerentes à unidade que o número simboliza.

Assim como um número pode, simplesmente, ser somado a outro, sem negar a validade de nenhum dos números, nem a individualidade de nenhum dos números, também ocorre um outro tipo de agrupamento, envolvendo manipulações matemáticas dessas outras intensidades que residem nas unidades numéricas.

De modo algum isto altera o carácter individual de qualquer unidade numérica. Já que estamos envolvidos nesta discussão, vou dar-lhe uma analogia simples, e por favor entenda que é apenas uma analogia, destinada apenas a simplificar a ideia. Imagine, então, que atrás ou dentro, mas invisível para si, atrás ou dentro do número um, por exemplo, há um número infinito de outros uns, alinhados, por assim dizer, atrás do um que vê.

(A *Jane inclinou-se para a frente, gesticulando*)
O um que vê é o eu que vê ou reconhece dentro do seu sistema. Os uns por trás não são seriais, nem idênticos, nem duplicados. São todos, contudo, variações, mas nenhum é modelado a partir de qualquer outro. Cada número, na nossa "linha" original, que vê, tem, portanto, dentro de si essas outras unidades individuais.

Atrás do um, então, imagine os infinitos outros uns, literalmente, para efeito da analogia, um atrás do outro. Agora, esta longa linha de uns pode parecer estender-se indefinidamente (A *Jane abriu os braços*), ou pode parecer (A *Jane bateu palmas*) comprimir-se num só. Há expansão e contração dentro deste simples número um, então, dentro de qualquer número ou unidade.

Este tipo de expansão e contração nada tem a ver com adição ou subtração, multiplicação ou divisão; mas é uma qualidade inerente a todas as unidades. Agora imagine o número dois colocado ao lado do número um, o número dois também com infinitas variações por trás. Essas

variações, incidentalmente, devem ser pensadas em termos de intensidades. As intensidades são, elas próprias, individuais.

Pegue nos dois números principais, um e dois; à medida que estão lado a lado, tornam-se doze, e, ainda assim, o um e o dois permanecem inalterados. Da mesma forma, qualquer das intensidades unitárias por trás de cada número pode mudar de posição, enquanto continua a ser ela própria, mantendo a sua individualidade como unidade. Se usar x e y em vez de um e dois, basicamente o mesmo é verdadeiro.

Agora, esta analogia aplica-se à identidade. Está num mundo onde vê uma determinada unidade de intensidade — pertencente, digamos, ao número um. Não percebe as outras unidades de intensidade às quais pertence. Percebe — noutros termos — o um, digamos, como uma linha plana sobre uma superfície plana, e é incapaz de imaginar a existência, a intensidade, dentro dessa simples unidade numérica.

(*Sem aviso, a Jane parou de falar; a cabeça tombou para trás na cadeira de baloiço. A paragem foi abrupta e sem anúncio. A Jane acenou afirmativamente à minha pergunta, e saiu lentamente do transe. "É sempre assim", disse ela. "Vou avançando numa linha recta, e de repente, bum, desaparece, e começo a descer."*)

(*A Jane disse que "desceu" com facilidade, no entanto. Sentiu um pouco o efeito da pirâmide durante a pausa. A Jane sabe nada sobre matemática e disse que a personalidade a estava a pressionar "como louca" para que tentasse fazer tudo corretamente. Teve uma imagem, enquanto falava, de uma fila de números, com outros atrás de cada número da fila da frente. A Jane disse que cada número da frente estava no meio de uma fila infinita, da esquerda para a direita. Também sentiu que os números alinhados atrás podiam expandir-se e contrair-se e assumir várias variações e combinações sem fim. "Coisas que não poderíamos conceber em termos matemáticos."*)

(*A Jane sentiu que as ideias estavam a chegar-lhe tão rapidamente que não conseguia falar suficientemente depressa para acompanhar, quando, na verdade, a entrega tinha sido lenta, na maioria das vezes. Ficou surpreendida ao saber disso.*)

Retomemos da mesma forma às 10h10.

Estou a tentar dizer-vos que os números são apenas símbolos para o vosso tipo de realidade. Eles não são símbolos multidimensionais. Os vossos físicos podem teorizar até certo ponto. O bloqueio ocorre porque os

símbolos usados para retratar a realidade estão, eles próprios, limitados pela realidade que conhecem. São como chaves que só encaixam nas vossas próprias portas. Podem abrir portas sem fim com elas, mas apenas portas dentro do vosso próprio sistema.

Por esta razão, as vossas ideias de tempo e identidade continuam limitadas. Agora, outras realidades dimensionais aparecem dentro do vosso sistema, mas não as reconhecem. Podemos familiarizar-vos com algumas delas. Podemos dizer-vos como aparecem dentro da vossa própria realidade. (*Longa pausa.*)

Podem aprender a experienciar algumas delas, e a experiência do intemporalidade é um aspeto particular ao qual me refiro. A experiência em si permitirá automaticamente, até certo ponto, que compreendam as dimensões da vossa própria identidade, mas os velhos apoios familiares não estarão disponíveis.

Um de nós dar-vos-á instruções em breve, e estas deverão ser seguidas quando estiverem prontos, sem qualquer alteração da vossa parte. Experimentarão, pelo menos em pequena medida, o que é ser uma personalidade fora do contexto do tempo tal como o conhecem.

Este é o melhor processo de aprendizagem. Dizer-vos isto foi o propósito da sessão. Agora vamos encerrá-la.

10h19.

(*Mais uma vez, o final abrupto. A Jane saiu lentamente de um bom transe; bateu várias vezes com a palma da mão no topo da cabeça enquanto o fazia. "Estou sempre a tentar enfiar todo o meu eu de volta dentro da minha cabeça", disse ela. "A maior parte de mim está aqui em baixo", disse, batendo na cadeira, "à espera do resto de mim. A parte aqui em baixo não sabe nada sobre números. Não sei se os dados são bons ou não — mas a parte lá em cima continua a fornecê-los..."*)

(*A Jane voltou a ter imagens enquanto falava. Teve dificuldade em pô-las em palavras: "Algo a ver com feixes de luz angulados. Continuava a receber: 'atirar a consciência para feixes de luz angulados', ao que parece."*)

(*A voz maior de Seth manteve, ao longo de tudo, a sua qualidade aguda, ténue, clara e distante.*)

SESSÃO 432

28 de Agosto de 1968

(*As páginas imediatamente anteriores contêm a sessão da aula de ESP da Jane de terça-feira, 20 de Agosto de 1968. Trata-se de uma sessão muito boa, abordando probabilidades, consciências pessoais de vários tipos, realidades elétricas, etc. Alguns dos dados sobre a consciência corporal não tinham sido apresentados desta forma por Seth nas sessões regulares.*)

(*Nota acrescentada 33 anos mais tarde: Esta sessão será apresentada aquando da publicação eventual das sessões da aula de ESP pela New Awareness Network, Inc.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Ora bem. Tudo isto não significa que as personalidades dentro de outros sistemas não construam os seus próprios tipos de estruturas temporais, mas, em todos esses casos, as personalidades percebem muito bem que as estruturas são adaptadas para o bem da organização da experiência. Não supõem que qualquer sistema de tempo tenha uma realidade própria. Tais sistemas não usam, no entanto, a estrutura consecutiva do vosso. De forma muito semelhante, materializações de certo tipo podem ser utilizadas, mas as personalidades não atribuem às materializações qualquer realidade fora de si mesmas. Elas conhecem a origem das imagens.

É bastante difícil para aqueles que nunca estiveram no vosso sistema compreender que vocês atribuem ao tempo e às imagens uma realidade própria, como se existissem separados de vocês. A forma não pressupõe necessariamente a existência de imagens. (*Longa pausa.*) Deem-nos um momento aqui.

A forma não depende da massa. Isto aproxima-se mais do que estou a tentar dizer-vos. No vosso sistema temporal, o crescimento da massa parece depender da continuidade dos momentos. O tempo, no entanto, nada tem a ver com a forma. A personalidade que por vezes fala (*a entidade maior de Seth*) pode mudar de forma à vontade. Nunca esteve aprisionada pela crença de que uma personalidade existe dentro de uma única forma. No vosso modo de pensar, ele mudaria de forma consoante o seu estado de espírito; tal como pensa, assim é. (*Enfatizado.*)

O desenvolvimento dele começou, nos vossos termos, em tempos tão antigos que, para todos os efeitos, poderia dizer-se que, em termos de realização de valor, estava tão avançado que era completamente alienígena.

Agora, algumas personalidades de um sistema ajudam outras personalidades dentro de outros sistemas, mas personalidades altamente desenvolvidas, aquelas que, nos vossos termos, estão tão avançadas, atribuir-se-ão a tarefa de ajudar uma civilização inteira; de assistir ao desenvolvimento de um novo sistema e, por vezes, iniciar a existência desse sistema.

Disse-vos que há muito que eu não sei, e, para fins práticos, há muito que não é conhecido. Agora, vocês estão a ajudar no desenvolvimento das consciências que compõem as células e moléculas dentro dos vossos próprios corpos. Elas aprendem convosco quase através de um processo de osmose. Vagamente, através de muitos ciclos de tais atividades, tornam-se conscientes da existência do pensamento conceptual. Ao mesmo tempo, apoiam-vos. A compreensão encapsulada dentro delas evoluirá cada vez mais na direção do esforço consciente.

Cada uma aprenderá a organizar por si mesma porções maiores de energia. É difícil colocar isto em palavras que compreendam. São personalidades incipientes e latentes. Isto não significa, no entanto, que todas se materializarão dentro do vosso próprio sistema, mas representam, nos vossos termos, os futuros habitantes do vosso sistema.

Agora, é perfeitamente possível que as personalidades avançadas de que falei assumam a camuflagem de um sistema particular, entrem nele, tornem-se, entre aspas, “durante um tempo”, dependentes das suas regras a fim de ajudar aqueles que nele habitam; e isto tem sido feito em ocasiões demasiado numerosas para mencionar.

Noutros casos, o contato é feito através de uma personalidade dentro do sistema. A personalidade dentro do sistema pode ou não saber que tal contato foi feito. As ideias podem ser inseridas, no vosso caso, através do subconsciente enquanto o indivíduo dorme. Quando isto acontece, então, seguindo os vossos próprios padrões psicológicos, as ideias surgiriam mais ou menos naturalmente, com pouca indicação da sua origem, e o indivíduo envolvido poderia muito bem considerá-las suas.

A personalidade bem-avançada está, então, consciente do intemporalidade, mas pode usar as ilusões temporais dos outros e pode entrar nas estruturas de camuflagem particulares. O princípio do

intemporalidade, no entanto, opera de tal forma que uma personalidade só pode participar das formas que descrevi, em sistemas com os quais tenha alguma familiaridade por causa da sua própria experiência.

Seria extremamente difícil para o nosso amigo, por exemplo, limitar-se à existência dentro do vosso horário temporal. A ilusão dele é demasiado evidente para ele. Poderia, no entanto, enviar outras porções da sua entidade que estivessem familiarizadas com ele.

("Como tu?"*)*

(Sorriso, pausa.) Eu já devia estar habituado às perguntas astuciosamente inseridas. Elas são sempre perfeitas. Como eu, de facto.

(Entre parênteses: Este é o motivo pelo qual o pai não foi ele próprio, mas enviou o filho, segundo a história religiosa.)

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos depois.

9h50–10h02.

Agora. Há também aqueles que permanecem dentro do vosso sistema, nos vossos termos, regressando repetidamente para ajudar no seu desenvolvimento. Essas personalidades concentram as suas principais atividades de forma a afetar o pensamento conceptual e a provocar as mudanças necessárias. Muitas grandes famílias são representativas deste grupo. Elas aparecem e reaparecem nas vossas histórias, sempre como entidades dominantes e significativas. Aqui, a família representa uma entidade que assumiu a tarefa de nutrir a vossa civilização.

Sabendo intuitivamente as mudanças que devem ocorrer no vosso futuro, elas tentam provocá-las surgindo no vosso passado; embora, para elas, o vosso futuro e o passado sejam o mesmo, ainda assim precisam de trabalhar dentro das probabilidades, percebem? E o que estão a fazer é afetar as probabilidades dentro do vosso sistema. Mesmo o vosso tempo é basicamente plástico, embora não vos pareça.

Essas personalidades tentam influenciar os sentimentos e pensamentos de uma civilização, pois são esses sentimentos e pensamentos que, por si só, gerarão acontecimentos. Personalidades podem nascer dentro do vosso sistema e descobrir que ele não as desafia ou não lhes agrada, em qualquer caso. (*Pausa.*) Deem-nos um momento. (*Pausa.*)

Elas podem então deixar o sistema (*pausa*), por vezes como bebés abortados, mas, se crescerem até à infância, da primeira vez, nos vossos termos, então terão de trabalhar o seu desenvolvimento dentro do sistema.

(*De olhos fechados, a Jane fez uma pausa; gesticulou-me para esperar.*)

Vocês bloqueiam a realização do intemporalidade e aceitam as vossas ideias de tempo juntamente com a estrutura de camuflagem, pois uma depende da outra. Uma vez que aceitam a matéria física como a conhecem, então o sistema de tempo torna-se indispensável. Naquelas projeções ainda dentro do vosso sistema, continuam presos a uma relação temporal, na medida em que vos parece que a perceção funciona como de costume.

Contudo, mesmo aqui existem algumas liberdades, pois a mobilidade não é limitada pelo tempo. Podem viajar instantaneamente em muitas projeções. Algumas projeções envolver-vos-ão no intemporalidade, mas estas são projeções avançadas e seriam caóticas para vós, a menos que estivessem preparados.

Na intemporalidade, as imagens não precisam de ter a aparência de permanência que têm no vosso mundo. Elas podem ou não parecer permanentes. As imagens podem mudar de forma, de acordo com as intensidades por trás delas. (*Pausa de um minuto.*) Neste momento, não conseguiriam navegar conscientemente num ambiente assim. Em certos estados de sonho, entram nesses ambientes, mas são-vos sem sentido ao despertar, pois a experiência ali parece confusa e sem organização.

O tempo é útil apenas como um método de organizar perceções. A perceção em si não requer tempo. Contudo, dentro do vosso sistema, a perceção parece depender dele. Usando os vossos termos, o intemporalidade é tão plástico quanto o espaço vos parece ser. O espaço pode ser moldado em mesas e cadeiras, montanhas e continentes, mas o espaço não depende de mesas ou cadeiras, montanhas ou continentes. Agora podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem.

(*"Faremos a pausa."*)

(*No entanto, isto provou ser o fim da sessão, às 10h24. O transe da Jane estava bom, e ela entrou e saiu dele com facilidade.*)

SESSÃO 433

2 de Setembro de 1968

(*Hoje, a Jane recebeu uma chamada de John Pitre, de Franklin, Louisiana, acerca da sua esposa doente, Peg; por isso havia a possibilidade de o Seth falar sobre a Peg, mas isso não se desenvolveu.*)

(*A Jane começou num ritmo bastante lento; olhos abertos, pausas como de costume, etc.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Agora. Qualquer estrutura temporal é um auxílio, organizando a experiência ao longo de certas linhas. Em grande medida, limita a perceção e é um dispositivo de proteção. Estão a aprender a lidar com a perceção e a experiência, e o tempo dá-vos isso em doses lentas e pequenas.

As doses tornam-se maiores. Finalmente, podem saborear a experiência sem essas limitações. O intemporalidade representa a liberdade para o fazerem. Organizam a experiência ao vosso próprio modo porque aprenderam agora a fazê-lo. Não abusam da experiência quando chegam a esse ponto.

Compreendem a realidade básica da vida subjetiva. Ainda assim organizarão a experiência (*sublinhar: organizar*), mas já não precisarão de ajudas artificiais, como o tempo, para se apoiarem. Já não precisarão de ver os pensamentos materializados na matéria física, pois há muito terão aprendido que os pensamentos, e não a matéria, são a realidade básica. Poderão, portanto, prescindir de muitas imagens massivas aparentemente permanentes, mas, quando as formarem, saberão porquê e como.

É importante que compreendam que o tempo impõe limitações e barreiras à perceção. Isto não significa que cada indivíduo, nesse estágio, esteja isolado, nem que habite um universo só seu, pois as interações existem sempre. (*Longa pausa.*)

No intemporalidade, percebem ao vosso próprio ritmo. Organizam a experiência à vossa maneira. Contudo, essas experiências envolver-vos-ão sempre com outros. Na verdade, podem ir muito mais longe nessas relações. As relações entre personalidades multidimensionais são muito mais complexas do que as que conhecem.

Agora, deem-nos um momento. (*Pausa.*)

As entidades, se assim preferirem e sob várias condições, quando se familiarizam umas com as outras, podem apresentar umas às outras, se

assim preferirem, várias porções das suas personalidades. Essas várias porções poderão ajudar-se mutuamente e contribuir para o desenvolvimento. Tomemos, por exemplo, a entidade A e a entidade B. A personalidade número 4 da entidade A pode dar-se muito bem com a personalidade número 6 da entidade B. A personalidade número 2 de A e a número 2 de B podem não se dar bem de todo, então as entidades mudarão para aquelas personalidades que tenham maior afinidade e usá-las-ão para estabelecer uma relação.

No intemporalidade, essas porções da entidade existem com total liberdade, sem quaisquer barreiras temporais a separá-las. Muitas dessas relações foram estabelecidas, tal como eu falo convosco porque nos damos tão bem. (*Divertido.*) Estou também familiarizado com o vosso sistema particular e achei-o emocionalmente satisfatório.

As personalidades multidimensionais podem, portanto, estabelecer contato em vários níveis. As suas relações envolvem uma confiança que as vossas não têm. Elas têm muitas áreas de acordo disponíveis.

Agora, as vossas relações físicas podem ou não ter algo a ver com afiliações pessoais após uma determinada existência no vosso sistema. Há mães e pais que já esqueceram, e filhos que não conhecem. Psiquicamente e subjetivamente, as relações não aconteceram. Não estão sobrecarregados com elas, nem elas convosco.

Isto significa simplesmente que não provocaram nenhum ímpeto criativo uns nos outros. (*Pausa.*)

Agora. (*Pausa; enfático:*) não suscitaram resposta uns nos outros. Isto talvez seja mais importante. Não desafiaram uns aos outros. Podem ter-se dado muito bem entre si. Percebem?

(*"Sim."*)

Não foi gerado nenhum amor forte. Se alguma vez foi gerado ódio, então a relação geralmente continuava, de uma forma ou de outra, através de várias existências. Seria trabalhada, percebem?

De maneira semelhante, algumas personalidades estão mais afastadas da entidade do que outras. Podem mesmo afastar-se ainda mais, para outra organização psíquica que ofereça um desenvolvimento mais promissor ou, para elas, um clima psicológico mais agradável.

Nesses casos, a entidade não tenta reter a personalidade. A própria personalidade pode simplesmente afastar-se, existir por si só. Pode tornar-se parte de outra entidade, enquanto procura apoio. Pode, por outro lado,

atrair, pela sua força, personalidades que estejam à procura de apoio. Elas podem juntar-se-lhe numa nova formação. Isto pode, em última análise, transformar-se noutra entidade.

Não existem barreiras no que diz respeito ao desenvolvimento e à experiência, nem à criatividade. Uma personalidade, então, começando com um propósito principal, pode encontrar-se envolvida em experiências que abrem novas áreas, e pode persegui-las. No intemporalidade, há pleno reconhecimento e, por vezes, uso dos sistemas temporais, mas a personalidade percebe que habita no intemporalidade e forma um cronograma ou sistema temporal para chegar onde quer, da mesma forma que fariam uma estrada ou um caminho.

Por vezes, a estrada ou o caminho pode ser usado por outros, e por vezes não. Agora, muitas personalidades podem trabalhar juntas para formar um sistema temporal, tal como muitos homens podem trabalhar para construir uma autoestrada nacional. Uma única personalidade também pode formar, para os seus próprios propósitos, um sistema temporal próprio, tal como um homem pode abrir um caminho até ao seu próprio jardim.

Mais cedo ou mais tarde, o homem deixará de andar apenas da sua casa até ao jardim e usará outras estradas ou abrirá novos caminhos. Mais cedo ou mais tarde, a personalidade usará ou formará outros sistemas temporais para alcançar desenvolvimentos, mas nada a obriga a fazê-lo.

Agora podem fazer uma pausa. 9h39.

(*A Jane saiu facilmente do transe. Contudo, foi um transe bom, disse ela; o Seth estava a passar com força, embora ela conseguisse lembrar-se de partes do material sobre personalidades multidimensionais. O ritmo foi geralmente lento. Retomaram às 9h53.*)

Agora. O tempo, então, é uma ajuda de certa forma, e é usado por personalidades multidimensionais para seu próprio benefício. Usem novamente a analogia da estrada. Outras personalidades dimensionais percebem perfeitamente que são livres para sair da estrada e que há muito mais em todos os lados.

Na vossa teoria do tempo, contudo, acreditam estar presos à estrada, não percebem que foram vocês que a criaram e são incapazes de perceber outras realidades. Contudo, escolheram fazer isto. Como estão a aprender e só conseguem lidar com um certo número de perceções, esqueceram que criaram a estrada. As personalidades multidimensionais não precisam de

esquecer. Elas estão também conscientes de diferentes dispositivos criados por outros.

(*Pausa de um minuto; olhos fechados.*)

Elas vestem certos tipos de "roupa" para viajar por essas estradas, ou usam certos "veículos". Não acreditam que estão presas a esses veículos. Há certas estruturas temporais que são usadas por muitos. Muito percorridas. Há certos sistemas de realidade que são muito percorridos. Nestes, até certo ponto, predominam perceções coletivas.

Há outros, muito menos numerosos, onde personalidades altamente aventureiras escolhem abrir novos trilhos e avançar de formas inéditas. Há estruturas temporais arruinadas, bem como estruturas físicas arruinadas. Há realidades que já não são mais usadas. O propósito para o qual foram construídas, nos vossos termos, já não existe. Novamente nos vossos termos, há estruturas temporais incipientes e realidades prováveis que podem ou não tornar-se parte de qualquer empreendimento coletivo.

O tempo, portanto, é formado a partir do intemporalidade. (*Longa pausa.*) O intemporalidade é experiência psicológica, realidade psicológica, e o tempo está sempre ao seu serviço. (*Longa pausa.*) As entidades, então, formam o tempo no qual parecem habitar. (*Longa pausa.*) A experiência em si é sempre plástica e, novamente, a forma não depende da massa. A massa pertence ao vosso sistema de camuflagem. A forma não.

A forma adota massa dentro do sistema físico, mas a forma não depende dela. A forma pode existir e existe sem massa e sem matéria física. A forma, tal como o tempo, é uma ajuda, uma organização da experiência. A forma é usada como as estruturas temporais podem ser usadas, mas as personalidades multidimensionais sabem que constroem a forma tal como podem construir vários sistemas temporais como auxílio para organizar a perceção.

Existem, por outras palavras, muitos outros tipos de sistemas temporais que são construídos além daquele que conhecem, baseado na continuidade dos momentos. Os sistemas prováveis poderiam ser chamados de sistemas temporais, apenas que a sua experiência é altamente organizada de uma forma diferente, e momentos contínuos não existem nos vossos termos.

Agora, há alguns sistemas que lidam com uma unidade temporal em série, mas nestes as personalidades estão bem cientes de que o tempo serial é de sua própria construção. Certos tipos de personalidades construirão ou

serão atraídos para certos sistemas temporais. Encontrarão certos padrões de desenvolvimento, certos mecanismos percetivos, que lhes agradam mais.

Agora podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem.

(*"Faremos a pausa."*)

10h16.

(*A Jane continuou a falar como Seth.*)

Podiam dizer que vários sistemas temporais são como jogos, e há muitos deles; e em cada um as regras e os objetivos são diferentes. No vosso sistema, uma das regras é que esquecem que estão a jogar um jogo para poderem concentrar-se melhor nos assuntos em mãos.

10h17.

(*A Jane fez a pausa, depois retomou às 10h27.*)

O jogo, contudo, tem um propósito. (*Longa pausa.*)

Não podem aplicar as regras do vosso jogo ao universo, no entanto, nem projectá-las dessa forma e esperar obter resultados válidos. Ainda assim, jogar o jogo aguçará as vossas percepções e dar-vos-á certas qualidades que vos permitirão compreender a realidade quando deixarem de jogar o jogo.

(*Com humor:*) Como se saírem no jogo afectará a vossa pontuação noutros lugares, por outras palavras. O tempo, então, é sobreposto ao intemporalidade, assim como a massa, no vosso sistema, é sobreposta à forma. (*Longa pausa.*)

Agora, até certo ponto — até um grande ponto — o tempo como o conhecem, com os seus momentos contínuos, é uma ilusão altamente especializada, mesmo dentro do vosso sistema físico.

(*O nosso gato, o Willy, estava enroscado a dormir numa cadeira que por acaso estava atrás da cadeira de baloiço onde a Jane se sentava enquanto falava como Seth. Nesse momento, o Willy saltou subitamente da cadeira, instantaneamente alerta, ao que parecia num segundo. Eu não consegui ver o que o incomodara; a Jane não conseguia vê-lo, mas certamente ouviu-o. O Willy andou à volta das pernas da cadeira por um momento, depois saltou novamente para cima dela e voltou a enrolar-se.*)

(*Refiro este incidente com a ideia de que talvez tenha ajudado a influenciar os dados seguintes. No entanto, as ações do Willy não interromperam o Seth.*)

A vossa própria espécie é a única que joga com alguma destreza. Outras miríades de formas de vida nada têm a ver com isso. Vocês apenas

lhes atribuem os vossos valores. Elas não experienciam o tempo como vocês.

Isto não significa que não sejam suficientemente avançadas para compreender a realidade do vosso tempo. Elas não partilham a ilusão. Quase todos os animais, plantas, aves, insectos, rochas e árvores percebem segundo intensidades. (*Longa pausa.*) A intensidade de uma experiência é o presente deles; mas, de muitas maneiras que não explicarei neste momento, o presente deles tem uma duração mais ampla do que o vosso. Isto não significa necessariamente que percebam mais do passado e do futuro dentro do presente deles do que vocês, pois não percebem, nesses termos.

Mas, em termos de qualidade e realização de valor, há uma maior duração e o "momento" (*entre aspas*) é mais intensamente percebido. Lembrem-se aqui de que eles não estão preocupados com momentos nos vossos termos. Cada experiência, contudo, é altamente intensa. O organismo responde de forma aguda. Isto aplica-se tanto a aves quanto a rochas, embora haja uma vasta escala de diferença entre os extremos.

Agora, a menos que tenham perguntas, terminaremos a sessão.

(*"Queres dizer algumas palavras sobre a visita deste fim de semana?"*)

(*Referindo-se à visita proposta aqui de Tam Mossman e Ray Van Over na próxima quinta-feira.*)

Vamos fazer então uma curta pausa e veremos o que podemos fazer.

10h45.

(*A Jane saiu novamente do transe com bastante facilidade, apesar de ter sido um bom transe. Eu expliquei que, ao fazer a pergunta, não estava à espera de uma série de previsões nem de afirmações vistosas; estava apenas curioso para ver o que o Seth poderia dizer sobre os dois convidados que esperávamos. Achei que a Jane poderia beneficiar com os dados. Não me apercebi de que era já tão tarde quando fiz a pergunta, e por isso disse à Jane para esquecer, se quisesse, e considerar a sessão terminada. Foi isso que acabou por acontecer.*)

(*Enquanto estávamos sentados a conversar, perguntei à Jane o que se lembrava sobre as ações estranhas do Willy. Ela tinha estado consciente de que ele se estava a agitar, disse, sem no entanto se incomodar com isso. Depois, a Jane começou a recitar-me alguns dados que "lhe surgiram",*

sem que ela os percebesse como vindos com a voz do Seth, nem falando como Seth. Eis o que ela disse, palavra por palavra:)

(*"A nossa perceção do tempo é limitada e focamo-nos apenas numa parte bastante pequena da realidade. A do gato é ainda mais limitada, mas, por isso mesmo, eles experienciam cada acontecimento com maior intensidade. Mas o nosso próximo estágio é ter um valor temporal mais expandido juntamente com a intensa perceção ou reação que os animais têm agora. Nós abdicámos de parte dessa intensidade porque assumimos mais realidade, mas a seguir iremos obter tanto mais intensidade como mais realidade, em conjunto."*)

SESSÃO 434

6 de Setembro de 1968

(*O Tam Mossman, da Prentice-Hall, era testemunha. Ele tinha chegado ontem para passar o fim de semana connosco e para discutir o livro que a Jane está a escrever sobre o material do Seth. À meia-noite, no dia 5 de Setembro, a Jane deu uma série de impressões para o Tam, falando como ela própria; o Tam confirmou o conteúdo psicológico da maioria delas. Algumas das minhas anotações, rabiscadas à pressa, podem ser difíceis de ler.*)

(*O Tam estava um pouco nervoso à medida que a hora da sessão se aproximava, e a Jane também. A situação não estava isenta de aspetos humorísticos e amigáveis, e a sessão começou uns minutos mais cedo. A Jane começou a falar como Seth, em transe, com uma voz boa mas não excepcional. Os olhos dela abriam-se frequentemente; pausas, gestos, etc., como de costume.*)

Agora—

(*"Boa noite, Seth."*)

(*Com humor:*) O suspense é demais para mim. Eu vou ser um anticlímax, e não podemos permitir isso. Agora... boa noite para ti.

(*[Tam:] "Boa noite, Seth."*)

Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

Isto é um esboço. Esperemos que mais tarde seja preenchido. (*Pausa.*) 1204 a 1248... o nosso amigo, então, um homem... Mas deixem-me primeiro dar outro material aqui, relacionado com isto.

Uma grande exuberância e uma grande necessidade. Um desejo de comunicar, e ainda assim um medo de ser levado pela corrente. (*Pausa.*) Uma expansividade que é genuína, mas um medo, um medo aqui pela integridade básica do eu, um medo de ser varrido, de não conseguir conter o eu, como se temesse que este pudesse esvair-se para fora e abandoná-lo.

Como resultado, há explosões de comunicação, seguidas de um impulso de secretismo, como se ele pudesse perder-se através dessas comunicações com os outros; como se, com cada palavra, energia escapasse dele, fazendo-o querer recuar para se proteger.

Há um eu exterior encantador, que sorri e acena cordialmente a quem encontra, e pirueta e pavoneia-se. No entanto, por baixo, há um medo deste eu exterior. O eu interior, no vosso presente, ainda não encontrou nem focou a sua verdadeira capacidade ou direção, e por isso teme ser um vazio e, portanto, muitas vezes ressente-se da energia do eu exterior.

Muita energia está de facto a ser dirigida para fora. Contudo, no interior, há agora um núcleo de realização pessoal a começar a ganhar força, de modo que a quantidade de energia usada internamente começará em breve a igualar a despendida externamente. Estava a sair demasiado (*a Jane gesticulou para enfatizar*) e não estava a entrar o suficiente. Estavas a obter o suficiente dos outros. Eras capaz de perceber e compreender essas ligações, mas não estavas a receber comunicações necessárias de outras camadas da tua própria personalidade.

Sentias a energia a fluir para fora e ressentias-te desse fluxo, temendo perder-te. Agora estás a aprender a utilizar, receber e traduzir nova energia de outras camadas do eu para que não te sintas esgotado. (*Pausa.*)

Deem-nos um momento. (*Pausa.*)

Houve, em existências passadas, nos vossos termos, alguma experiência com aquilo a que se chama conhecimento oculto, embora não seja o meu termo. A personalidade estava habituada a depender de intuições interiores e sabia que tinha mais capacidades a desenvolver agora. Mas havia uma certa laxidão interior e uma falta de concentração interna que, nesta vida, dificultaram o desenvolvimento inicial.

A personalidade sentia essa falta e, ao mesmo tempo, estava consciente de um ímpeto. Houve três vidas como mulher. Houve duas antes desta como homem. Ao longo dessas existências, correram duas linhas principais.

Houve o sentido interior de um vazio a ser preenchido, um medo de a identidade escapar e se esvair — o meu cálice transborda, e não restará nada de mim, percebes? Por outro lado, sempre foi natural para a personalidade voltar-se para fora de forma fácil e com exuberância, de modo que, em vidas passadas, encontramos duas vidas fortemente dedicadas ao cuidado dos outros. Mas, nesses casos, a personalidade estava cheia de um medo interior e, até certo ponto, ressentia-se daqueles que ajudava. Se ele estava a ajudar os outros, então quem é que tomava conta da loja? Ele tinha medo de que o seu stock desaparecesse.

Em outras duas vidas, houve, em vez disso, o desenvolvimento de capacidades interiores à exclusão dos outros, o fechar das janelas e o trancar das portas, e ele não olhava para fora e ninguém se atrevia a olhar para dentro. Fazia caretas horríveis na janela da sua alma para assustar os outros, e, no entanto, através de tudo isso, as capacidades interiores realmente cresceram. Ele acrescentava ao seu stock.

Tinha uma tendência para acumular nessas duas vidas. Agora, contudo, há a necessidade de usar esses desenvolvimentos interiores já conquistados, de os usar alegremente e plenamente. Ele já abriu a porta e já começou — mas apenas começou — a sintetizar essas condições internas e externas.

Ele percebe — e perceberá mais ainda — que o eu interior não precisa de ser tão fortemente guardado, que a sua identidade não lhe escapará como um cão que se solta da trela. (*Pausa.*)

Agora, veem que sou um tipo amigável (*sorriso*), de facto um velho cão com uma longa trela. Deem-nos um momento. (*Pausa.*)

Uma mística. Um sentimento de perplexa maravilha. Um membro de um grupo monástico (*a Jane inclinou-se para a frente*) que classificava e colecionava vários tipos de sementes. Ora, este grupo trabalhava oficialmente em manuscritos, por assim dizer, mas o nosso amigo aqui, e vários outros, eram caçadores de sementes clandestinos, acreditando, contra as teorias geralmente aceites na época, que muitas questões sobre a natureza poderiam ser respondidas examinando a própria natureza.

Investigavam as ideias, o folclore e o conhecimento oficial sobre botânica e reprodução das sementes, e começaram, atrás do mosteiro, o seu próprio jardim proibido. Estavam a tentar descobrir o segredo da hereditariedade dentro da vida das plantas.

Agora, deem-nos um momento. (*Longa pausa, olhos fechados.*)

Isto era perto de Bordéus, mas ao dizer "perto de Bordéus", quero dizer que era a cidade maior. Agora, a ordem estava ligada a São John, e havia um brasão que pertencia ou à ordem ou à família do nosso amigo: um garfo de quatro dentes, com uma serpente acima da parte superior do cabo, em primeiro plano, e, em segundo plano, ou um castelo ou um mosteiro.

(*Bordéus, porto marítimo no sudoeste de França.*)

Os monges foram expulsos muito mais tarde desse mosteiro, nos anos 1400 — ou seja, a própria ordem. Isto foi depois do tempo em que pertenceste a ela. (*Longa pausa.*) O nome na ordem parece ter sido Aerofranz Marie (*interpretação fonética*). Creio que, nessa época, os membros da ordem também tomavam nomes derivados de Maria. (*Pausa.*)

Os esforços no campo das sementes não foram apreciados. Havia uma coxeira no pé esquerdo que sempre esteve presente nessa existência. Ao nascer, o médico não te agarrou com muita delicadeza e segurou-te pelo calcanhar. O médico estava longe de ter calibre profissional; era a sobrinha de 12 anos da tua mãe. Quem estava à mão fez o trabalho que estava à mão.

Agora. (*Longa pausa às 9h36.*) A morte (*pausa*), quando te envolveste numa escaramuça. Três aldeões estavam a caçar, ao que parece, nos terrenos do mosteiro.

A morte foi um acidente. Gritaste para lhes dizer que estavam a trespassar e tropeçaste numa pedra. Foste atingido, perdeste os sentidos e os habitantes da aldeia fugiram. Voltaste a ti e vagueaste pelos campos à noite, no lado mais distante do mosteiro, e chegaste ao que parece ter sido um corpo de água.

Ajoelhaste-te e começaste a rezar, perdeste o equilíbrio. Agarraste-te a um ramo que pendia, mas ele cedeu, e afogaste-te.

Agora, sugiro que todos se dediquem a algumas gentilezas sociais, e eu escutarei. Preencheremos o nosso esboço de eventos passados conforme o tempo nos permitir.

É, certamente, uma visão triste pensar neste pobre monge, a tentar encontrar o seu mosteiro, e a oração a traí-lo precisamente quando cai no riacho. No entanto, os resultados das tuas experiências foram levados adiante. Foram recuperados e, indiretamente... indiretamente... contribuíram para certas realizações feitas muito mais tarde, no vosso tempo.

O desenvolvimento posterior também esteve ligado a um monge. Agora, podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem.

(*"Faremos a pausa."*)

9h45.

(*O transe da Jane tinha sido bom, mas ela saiu dele com bastante facilidade. O Tam Mossman disse: "O Seth captou mesmo a minha vida imaginativa; além disso, percebeu-me perfeitamente a nível psicológico." O Tam disse que os dados do Seth sobre a sua vida interior eram "especialmente verdadeiros". Também referiu semelhanças entre os seus rabiscos e a decoração do brasão que o Seth descrevera.*)

(*O ritmo da Jane tinha sido lento durante a maior parte da transmissão. Ela tivera algumas visões, que descreveu como sendo do mosteiro — "ou de um castelo", ou de algum grande edifício de pedra ou tijolo. Via campos cultivados nas traseiras e à esquerda desse edifício. Para além disso, havia campos altos e cobertos de vegetação, disse ela, com um rio ou riacho além. Também teve vislumbres fugazes de uma figura de monge, vista de costas.*)

Retomemos às 10h06.

Agora. Usem algum tempo aqui: continuem a seguir as tendências psíquicas. Usem as vossas próprias capacidades psíquicas, pois elas crescerão à medida que forem usadas, e poderão beneficiar de desenvolvimentos que já foram alcançados, mas que aguardam enquanto certos ajustamentos estão a ser feitos.

Agora. Não usem o intelecto como um estandarte brilhante para acenar da janela. Em vez disso, usem plenamente o intelecto. Estás a brincar com o teu intelecto. Ele é bom e tu gostas dele, mas ainda não te permites usá-lo totalmente. Estás a tratá-lo como um brinquedo belo e vistoso que te pertence, e que trazes para fora quando a ocasião parece adequada.

Dás-lhe corda como a um belo brinquedo, mas tens cuidado com as direções em que o deixas correr. Agora, não estou a dizer — e não quero dizer — que és de forma alguma limitado na mente; estou a dizer que o teu intelecto é excelente, mas permitiste-te ficar fascinado pelo seu brilho e não o tens usado a fundo como ferramenta.

Por um lado, tens-lho demasiado sob controlo. Ele delicia-te, mas és como um homem com uma bela esposa. Ele exibe-a (*a Jane inclinou-se para a frente para enfatizar, olhos abertos e muito escuros*), mas não a deixa realmente trabalhar ou ser ela mesma. Assim, sentas-te dentro de ti

mesmo e dizes: este é o meu intelecto; é adorável. Vamos vê-lo a brincar. E tens orgulho nele. Mas não lhe permites a sua plena liberdade penetrante.

Ele pode fazer mais por ti do que estás a deixar que faça neste momento, pois tem profundidades que não estás a usar. (*Longa pausa.*) Permites-lhe liberdade em termos de raio. Deixas que ele vagueie, mas ainda não aprendeste a deixá-lo ir tão fundo quanto pode.

Agora, por todos os padrões convencionais, eu deveria dizer-te: mas para um homem tão jovem, tens tempo para aprender. (*Sorriso.*) Vais aprender, e estás a aprender, mas também já lidaste com este problema de maneiras diferentes noutras vidas, por isso não é tão novo para ti. E, porque tens capacidades tanto intelectuais como intuitivas, então também tens a responsabilidade de as usar e compreender bem. Assim, o teu intelecto não deve ser superficialmente apreciado, mas profundamente utilizado.

Agora. Há vários campos em que te sairias bem — e a representação é um deles, onde falarias bem como escreverias as palavras, percebes? (*Pausa.*) Podes ficar espantado, mas sair-te-ias bem como vendedor, ligado a relações públicas e negócios; ou seja, algumas das tuas capacidades servir-te-iam bem nestes campos.

Deem-nos um momento. (*Pausa.*)

Se permaneceres no teu campo atual, podes sair-te muito bem, subindo até posições bastante altas. Se for esse o caso, a tua própria escrita deve então ser prosseguida com vigilância. Precisarias de proteger o tempo necessário para a realizar.

Com mais alguns anos de desenvolvimento, e se os progressos continuarem suavemente na tua própria personalidade, poderias também sair-te bem como um certo tipo de agente, lidando com escritores de fenómenos psíquicos, devido à tua compreensão do assunto e devido ao conhecimento mais amplo do campo editorial que terias até lá.

A tua capacidade de vendedor permitir-te-ia convencer editores a comprar esse material. A tua compreensão do assunto ajudar-te-ia a lidar com os envolvidos nos fenómenos psíquicos, e o teu sentido de humor proteger-te-ia deles.

Agora. (*Longa pausa.*) Devo dizer mais para deixar claro o meu ponto sobre esta questão do intelecto.

Tens-lho demasiado sob o teu polegar, por um lado — se me permites o trocadilho. Perdeste-o.

(*Com humor. O Seth, através da Jane, estava a observar a expressão do Tam.*)

Estás habituado ao teu intelecto. Tomaste-o como garantido e, por isso, não o pressionas tanto quanto alguém que possa ser menos seguro das suas capacidades intelectuais.

Ele fornecer-te-á uma estrutura excelente quando o usares adequadamente. Podes fazer dele degraus seguros e robustos para subir ou descer, e estar certo de regressar se assim escolheres. Isso permitir-te-á confiar mais nas tuas intuições; pois já confias nelas, até certo ponto, mas terás então dois métodos, ambos fiáveis, ambos confiáveis e ambos benéficos.

Um pode ser usado em ocasiões em que o outro não pode, por isso estás duplamente bem equipado se usares bem ambos. O uso pleno deste intelecto também te ajudará a evitar a sensação de transbordamento.

Agora, antes que a sessão transborde para outras matérias aliadas, deixo-te fazer uma pausa, ou podes de facto encerrá-la, se preferires.

(*"Faremos a pausa."*)

10h35.

(*O transe da Jane tinha sido mais profundo desta vez, e ela demorou mais a sair dele. Tinha falado a maior parte do tempo com os olhos fechados. Estava muito relaxada na pausa e disse-nos que o Seth a estava a manter meio sob transe para tornar mais fácil a retoma como Seth; assim poderia alcançar rapidamente a profundidade do transe.*)

(*Novamente, o Tam disse que o Seth o conhecia bem psicologicamente. O Tam tinha perguntas sobre o pai e a sua rapariga, a Eve, e disse-nos que sentia ter tido ligações psicológicas prolongadas com ambos. A Eve, achava ele, tinha sido crucial na sua vida.*)

A Jane retomou como Seth, de forma ativa, gesticulando e sorrindo, às 10h56.

Agora. Deem-nos um momento. (*Pausa.*)

Havia três irmãs. Elas estavam ligadas a ti em três vidas passadas, e já conheceste duas delas.

Numa vida, a primeira rapariga era uma sobrinha com amor pela música e excelentes capacidades musicais. Não a trataste bem. A segunda rapariga, naquela época, era um irmão teu, e a terceira rapariga, que ainda não conheceste, era ou tua mãe ou tua esposa — não estou claro neste ponto.

Na vida imediatamente seguinte, as três eram irmãs. A segunda rapariga, com quem estás agora envolvido, foi quatro vezes homem, e no passado esteve ligada à administração de negócios de vários tipos; sempre como administradora e alguém que dava ordens.

A menos que eu esteja enganado nesta interpretação temporal, não conhecerás a terceira irmã até teres aproximadamente 45 anos. Não prendas a respiração enquanto esperas. Houve aqui ligações e interligações, então, mas não as abordarei esta noite.

Uma relação nesta vida pode continuar a desenvolver-se nesses termos, com algum grau de sucesso, mas a questão está em aberto. Não há razões do passado que exijam, mais ou menos, a continuidade da relação. Se a relação não for levada adiante, então, segundo as probabilidades como as vejo agora, outra relação forte surgirá perto do final de três anos a partir de agora, envolvendo uma mulher com quem te darás muito bem, embora ela tenha sido apenas um terceiro sobrinho-neto no passado.

Neste caso, contudo, certas tendências temperamentais serviriam para vos unir. Ela teria um modo de ser autoritário, mas isso, novamente, segundo as probabilidades.

Agora, não entrarei agora numa discussão sobre o teu pai, já que há aqui várias questões, e a relação foi bastante longa. Ele foi cantor em certa altura. Noutra, foi um homem que lidava com empréstimos de dinheiro, e que de algum modo transformou isso num esforço criativo.

Há um amor inato por viagens que não está a ser satisfeito. Parece haver alguma preocupação com a velocidade que eu não compreendo. (*Pausa.*) Ou ele está preocupado em começar as coisas, ou tem medo de ir rápido demais, mas há um ritmo desigual sob um exterior calmo. Algo parece contê-lo.

Agora. (*Sorriso.*) Fiz o meu amigo Ruburt ficar sentado bastante quieto durante algum tempo, então, por bondade de coração e consideração, vou agora encerrar a nossa sessão; embora eu possa, de facto, deixar cair uma palavra aqui e ali. Nem sempre falo quando estou presente.

(*Para o Tam:*) Estás a sair-te bem.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*[Tam:] "Boa noite, Seth, e muito obrigado."*)

11h16.

(*O transe da Jane foi novamente bom, e ela demorou alguns minutos a sair dele. O Tam voltou a confirmar o conteúdo psicológico do material,*

relativamente a todos os envolvidos. O Tam disse que não nos deu todas as razões para a sua confirmação porque eram pessoais; mas os dados soavam verdadeiros para ele.)

(*O Seth não voltou a intervir esta noite.*)

(*O Seth falou brevemente na noite seguinte, no entanto. Ele manifestou-se para a Jane, o Tam e eu depois de uma pequena festa ter terminado, quando os nossos convidados já tinham partido e os três estávamos sozinhos. Na realidade, isto foi às 2h da manhã de domingo, 8 de Setembro. Eu não tomei notas na altura. O Seth cumprimentou-nos, fez alguns efeitos vocais que foram controlados por causa da hora e da proximidade de outros inquilinos, e expressou a sua disposição e capacidade para continuar até às seis da manhã. Ele poderia facilmente tê-lo feito, mas nenhum de nós estava em condições para isso.*)

SESSÃO 435

11 de Setembro de 1968

(*A sessão regular estava agendada para esta noite, mas não se concretizou. Estas notas são das que fiz na noite de quarta-feira, mas não podem ser estritamente textuais devido à própria natureza da experiência. No entanto, será necessário acrescentar muito pouco de memória, pois as notas estão bastante completas.*)

(*As notas irão divagar um pouco; para poupar tempo, farei pouco esforço para as condensar ou tornar estritamente cronológicas. São principalmente para referência futura. Acreditamos que os eventos descritos sejam bastante autênticos, mas teremos de esperar por alguma forma de verificação, sem ideia de quanto tempo isso poderá levar. Além disso, pode nunca ser possível obter qualquer verificação. Para um episódio semelhante, ver a sessão de espiritismo de Jerry Kramerick, de 13 de Janeiro de 1968, descrita na 391ª sessão. [Nesse caso, os dados puderam ser verificados imediatamente.]*)

À nossa hora habitual de jantar, às 17h, pensei ter notado a Jane mais calada do que o costume. A Jane disse que se apercebeu do seu estado de espírito pouco depois da refeição. A princípio, pensei que ela estivesse cansada e simplesmente não quisesse fazer uma sessão, depois do fim de semana intenso que acabáramos de passar com o Tam Mossman, da Prentice-Hall. À medida que a noite avançava, mudei de ideia.

Pintei como de costume até cerca das 20h. No entanto, enquanto trabalhava, estava consciente de que a Jane estava ainda mais calada; isto é sempre para mim um sinal de que algo está para acontecer. Ela disse que se sentia estranha desde o jantar; agora dizia que sentia que não deveríamos estar tão subjetivamente conscientes, agora; mas que deveríamos ser os nossos "eus futuros", a observar a cena presente e os nossos corpos físicos, sentados na sala de estar, do exterior.

A Jane não via nem ouvia nada de diferente, mas sentia que a cozinha, a sala de estar e o estúdio pareciam, de algum modo, diferentes. Enquanto estávamos sentados na sala, que estava muito limpa, arrumada e bem iluminada agora, visto que a noite já caía, a Jane disse que sentia uma espécie de efeito de pirâmide ou cone, direccionado para mim, enquanto eu estava sentado do outro lado da sala, na cadeira de baloiço.

Às 21h45, ela disse-me para ir buscar o caderno do Seth, pois talvez acabássemos por ter uma sessão, afinal. As sensações subjectivas dela estavam bastante intensificadas. Sentia agora "intensidades" em várias partes da sala — nomeadamente junto à estante embutida no extremo oposto da sala em relação às janelas. Achava que a entidade do Seth poderia estar a observar-nos. Diversas partes da sala pareciam adquirir um significado que ela não conseguia explicar. O Willy, o nosso gato, a dormir numa cadeira perto de mim, não estava envolvido. A intensidade deslocava-se; agora localizava-se no decantador azul de vinho que nos fora dado pelo nosso amigo Pete, de San Diego, Califórnia.

A Jane disse que era "como seguir um foco psíquico pela sala", o que achei uma expressão acertada. Era uma sensação "quase como se algo pudesse formar-se". Ambos continuávamos a olhar em volta. A Jane falou em voz alta, pedindo que, se alguém estivesse por perto, se deixasse ver ou que nos tornássemos conscientes dele de alguma forma. Ela sentia suspense.

Agora, a Jane também sentia sensações ou vibrações numa pequena escultura de gesso de uma cabeça, que nos fora dada pelo Bill Macdonnel. Esta cabeça estava sobre a nossa mesa de sala, do outro lado da sala em relação ao decantador de vinho. Note-se que o Bill também está agora na Califórnia — em Santa Bárbara — bastante distante ao longo da costa, de San Diego, onde vive o Pete. [O Pete, neste momento, tanto quanto sabemos, está nas ilhas havaianas.] O Bill e o Pete encontraram-se uma vez no nosso apartamento, há dois anos.

As cores na sala pareciam agora muito brilhantes para a Jane — pulsantes. Ela não sentia necessariamente o Seth por perto, mas disse que poderia ter feito uma sessão. O topo da cabeça dela "sentia-se estranho". Agora, os olhos no retrato a óleo que eu terminara recentemente do artista desencarnado Van Elver pareciam-lhe vivos; o retrato está pendurado na parede da estante, na nossa sala de estar. A Jane voltou a caminhar pelo apartamento. Ao olhar para a cozinha a partir do estúdio, disse que o caminho até à cozinha lhe parecia um "caminho carregado".

Sentia fortes intensidades no vão da porta da casa de banho; sentia-se como um fantasma, a regressar à cena; tudo estava excepcionalmente vívido — tão nítido, tão palpitante e vivo. Na sala novamente, de pé junto à estante e olhando para as janelas, não sentia nada. De pé junto às janelas, olhando para a sala, contudo, estava mais uma vez consciente de fortes pulsações. As coisas soavam altas e claras; a qualidade do ruído do trânsito fazia-lhe lembrar a força das sensações de cor.

Às 22h, perguntei à Jane se ela conseguia parar as sensações. Ela disse que talvez, e depois lembrou-me que tinha sugerido sairmos mais cedo — uma sugestão que eu agora recordava, mas à qual não dera importância na altura. Sentada no sofá, de costas para as janelas, a Jane disse que sentia "medo" de entrar em transe agora. As sensações ainda estavam a aumentar. Ela disse que saberia quando diminuíssem. Sentia-se "ligeiramente" fora do corpo, para a direita, enquanto estava sentada, mas nada drástico.

(*Esta tarde, tínhamos tido uma forte trovoada. A Jane disse agora que, enquanto trabalhava na cozinha, tinha estado consciente do ar carregado entre os trovões. Sentia-se assim agora, e bastante leve. Voltou a andar pelo apartamento, e sentia as mesmas sensações, mas mais fortes. A casa de banho, disse agora, estava "demais". Tudo estava demasiado nítido. Sentando-se novamente no sofá, sentia vontade de se deslocar para a direita, para fora do corpo, outra vez. Eu estava a ficar muito sonolento enquanto me sentava na cadeira de baloiço a tirar estas notas. Bocejava e bocejava, mas não me sentia cansado. Tinha tido uma leve sensação de formigueiro algumas vezes. Falámos de um sonho de projeção que a Jane tivera de manhã. O Tam Mossman aparecera nele. A Jane tinha o sonho gravado.*)

(*Às 22h15, a Jane decidiu tentar dar impressões. Eu estava bastante enevoado. A Jane não queria fechar os olhos, mas acabou por fazê-lo e esperou.*)

(*“Não vejo nada...” [Pausa.] “Tenho a impressão de algo distante; a aproximar-se. Apenas a palavra ‘avisado’, mas não sei o que significa... Também tenho a impressão de que alguém poderia tomar-me completamente, se eu deixasse, com coisas bastante emocionais; que eu passaria por algo que não quero particularmente, com toda a força.”*)

(*“Então esquece isso,” disse eu. A essa altura, eu já me lembrava da sessão com Jerry Kramerick [ver Sessão 391, no Volume 8 novamente].*)

(*A Jane continuou: “Não sei se isto está ligado ao Bill Macdonnel ou não... mas alguém está por aqui, penso eu, num estado fora do corpo. Estou meio a ver as coisas como eles. Quando ando pelos nossos quartos e tal. Recebi a palavra Maisie, um nome... Quando disse isso — não vejo nada — mas tive a sensação de um acidente de carro... vagueia... não sei se ele, o Bill, esteve num acidente com uma rapariga chamada Maisie.”*)

(*A Jane estava agora mais segura, e a emoção na voz dela crescia; olhos fechados durante tudo isto: “Na verdade, a Maisie tem 21 anos... e ou tem dois irmãos e irmãs pequenos, ou dois filhos muito pequenos.” [Pausa.] “Um drive-in... oh Robby...” A voz da Jane subiu urgentemente: “Pisa o travão, pisa o travão!” gritou ela.*)

(*Ela estava quase a chorar. “Calma, querida,” disse eu, esperando que o som a acalmasse.*)

(*“Não sei,” disse a Jane, e de repente saltou no sofá e levantou as mãos, ainda de olhos fechados, claramente tomada por uma emoção intensa e urgente: “Não sei — pisa — pisa o travão!” A Jane chorava e gritava, quase histérica. Sentei-me ao lado dela, sem saber se deveria continuar as notas ou tentar trazê-la de volta. O meu toque no ombro dela ajudou; o choro dela diminuiu, mas continuou enquanto ela me chamava. Lembrei-me de ter lido que médiuns talentosos vivem realmente as experiências; que, embora claramente sob grande stress, estão de facto seguros.*)

(*Achei essa atitude algo fria, então falei alto com a Jane, e ela respondeu entre soluços que estava a tentar continuar sem ser dominada. Mas então outra onda de emoção intensa varreu-a: “Ah, querido... a tentar controlar... Apanho Evelyn! Encontra Evelyn!” E a chorar, a Jane repetia o nome vezes sem conta.*)

(*Olhos ainda fechados, rosto riscado de lágrimas, a Jane sussurrou: “Estou a tentar controlar isto...” A respiração dela acalmou enquanto eu falava com ela. Pensei em sacudi-la para a tirar do transe, mas não sabia*

se devia ou não. A Jane sentou-se quieta durante uma longa pausa, depois murmurou: "Vidro rachado... pára-brisas. Não sei onde estou agora. Estou no banco do condutor... Quem quer que estivesse do outro lado do carro desapareceu." [Pausa.] "Está muito quieto... Talvez ninguém encontre — talvez ninguém nos encontre..." sussurrou ela. Sempre que eu pensava que ela poderia estar a sair daquilo, enquanto estava em silêncio, a Jane voltava à experiência.)

(*Ela começou agora a usar uma expressão facial diferente. Não me lembro de a ter visto antes. Ela prendia o lábio inferior entre os dentes, dobrava o lábio superior sobre o inferior e enrugava o queixo de uma forma peculiar. Tive duas impressões: uma de uma pessoa mais velha, outra de uma rapariga jovem e vulnerável.*)

(*"Ainda estou no carro," disse ela, "e ele está encostado à margem..." A voz dela subiu, prestes a chorar novamente, mas ela controlou-se. "As pessoas estão a chegar, mas parece que nunca vão chegar aqui. Não sei."*)

(*Sussurro: "Eu sei... Evelyn. Nós fomos." A boca estava estranha novamente. "Não consigo gritar. Acho que — vão pensar que estou morta porque não consigo falar... Enterrar," a Jane gritou, quase a chorar, "enterrar! A minha mãe... Mary Benedict." [Mais tarde, a Jane perguntou-se se não estaria a gritar o nome Barry, um nome masculino; foi uma especulação; ela não tinha a certeza.]*)

(*"Boston... avenida... Nina," [sussurrado; boca estranha novamente] "roubado... filme sobre o rio. Cinema..." A Jane esfregou a parte superior do braço esquerdo, murmurando. "O meu braço dói." Novamente, a Jane saltou no sofá, a boca estranha. Ela inclinou-se para a frente, de olhos fechados, e estendeu a mão em direção ao chão. "Há algo no chão do carro... chão pendurado..?" Ela tirou os sapatos e sentou-se com as pernas dobradas debaixo de si. Estava novamente perturbada. A mão direita contra a bochecha, cabeça baixa, mexendo-se.*)

(*"Eu não quero [ou quero] sair..." disse ela. "Quando saio... não consigo obter mais, a menos que entre completamente."*)

(*Mais uma vez eu disse para esquecer, para deixar tudo ir.*)

(*"Havia dois carros," a Jane gritou, os óculos atirados para o lado. Boca estranha. "Tão quieto... estou morta? Mesmo ali... braço estranho." Agora esfregava a parte inferior do braço esquerdo; gritou, a voz subindo quase a um grito: "Eu estava a conduzir. Não consigo perceber—!" A*

Jane rebentou em lágrimas. "Papá, papá, papá..." Falei-lhe alto, mas não resultou. "Eu... o papá devia saber que não foi culpa minha. Travões maus... Não consigo decifrar...")

(*Houve uma pausa às 22h47. Pela primeira vez, os olhos da Jane abriram-se. Grandes, fixaram-se diretamente à frente, em direção à estante. Logo percebi que ela não estava a ver nada no sentido habitual; nem me ouvia. Depois, os olhos fecharam-se novamente. "Robby, diz-lhes, a quem quer que sejam... que não deviam estar aqui. Está tudo bem..."*)

(*Fiz como a Jane pediu, repetindo algumas palavras várias vezes. Não vi nada invulgar na sala. Às 22h51, a Jane deu sinais de estar a sair da experiência. "Quando abri os olhos, assustei-me," disse ela. "Ela não devia estar aqui."*)

(*A Jane pensou que tinha estado a pensar num Tam ou num Cam, o que, claro, se aplica ao Tam Mossman ou ao Bill Macdonnel. Ela não viu nenhum dos dois homens. A Jane pensava que era a rapariga, em vez de uma observadora. Tinha estado a conduzir; alguém ao lado dela tinha sido atirado para fora do carro, para o chão. Tinha sido uma experiência emocional direta para a Jane.*)

(*Ela disse agora que tinha estado a tentar afastar-se da experiência depois de eu lhe ter pedido isso. Manteve-se por perto, mas recuou — a experiência poderia ter sido muito mais intensa, disse a Jane, se ela tivesse permitido. Mas, a essa altura, tinha medo de sondar mais profundamente em busca de mais dados emocionais.*)

(*Pode-se notar que a Jane não conduz, embora há dez anos eu lhe tenha dado algumas lições rápidas, o que significa que ela já se sentou no banco do condutor de um automóvel até esse ponto. Rapidamente desisti das lições quando percebi a falta de perceção de profundidade dela — numa noite, ela saiu da estrada curva e entrou num campo.*)

(*A rapariga que estava a conduzir, e em quem a Jane entrou ou que substituiu, estava ferida? A Jane não conseguiu dizer, embora os braços lhe doessem. A Jane não conseguiu dizer se os olhos da rapariga estavam abertos, e não sabia se o Bill M. estava lá. A Jane disse que era a Maisie, preocupada com a Evelyn.*)

(*Foi então que me lembrei de ter ouvido o Tam mencionar a sua rapariga, a Eve, durante o fim de semana, para o que isto possa valer. Esta manhã, depois de eu ter saído para o trabalho, a Jane deitou-se para experimentar o psy-time e teve um sonho envolvendo o Tam Mossman; a*

localização do sonho, e possível experiência fora do corpo, foi atrás do nosso prédio de apartamentos, no entanto, e não na cidade de Nova Iorque, onde o Tam e a Eve vivem. A Jane não fazia ideia de onde tinha sido a experiência desta noite. Ocorreu à noite. A Jane teve a impressão de carros de polícia durante a experiência, mas eles ainda não a tinham alcançado; embora a rapariga soubesse que os polícias estavam perto.)

(*Às 23h05, a Jane disse que não era a Evelyn; lembrava-se de ter chamado por ela. A Evelyn era a pessoa "com quem eu estava tão preocupada. Ela estava no carro comigo antes do acidente. Eu era uma mulher, mas não a Evelyn. Mas eu estava no banco do condutor. Quem quer que estivesse ao meu lado, ou que deveria estar, já não estava — tinha desaparecido — ou estava ferido ou tinha sido atirado para fora..."*)

(*A Jane recordava agora que a porta direita do carro estava aberta. Onde quer que estivesse o carro, estava fora da estrada, encostado a uma margem, com erva e arbustos. A Jane disse que não sabia como eram as ruas na cidade [embora ela tivesse estado em Nova Iorque comigo no ano passado] — se a estrada na experiência fosse uma auto-estrada na cidade, ainda havia a inclinação, não era plana, a descer da estrada.*)

(*A Jane não tinha certeza se a sua experiência era contemporânea. Nunca viu outro carro. Não sentiu a colisão. Quando gritou sobre os travões, estava aterrorizada; acha que se assustou nesse ponto e recuou. Eu disse-lhe, várias vezes, para não voltar à experiência enquanto eu fazia perguntas. Também repeti que não faria perguntas se ela assim preferisse. Cada vez que discutíamos esse ponto, parecia levar automaticamente a mais perguntas, e assim a conversa após a experiência continuou, como representado nestas notas.*)

(*A Jane sentiu que, quando abriu os olhos muito abertos perto do fim da experiência, teria começado a gritar: "Quem és tu? O que fazes aqui?" etc.; foi quando me pediu para falar.*)

(*A Jane não viu edifícios no local do acidente, nem janelas iluminadas à noite. Mas viu os carros de polícia iluminados, etc., já descritos.*)

(*A nossa sala parecia "mais normal" para a Jane agora, por volta das 23h15, como se as coisas estivessem a acalmar, mas ela acrescentou que a carga ainda não tinha desaparecido. O nome Marguerite veio-lhe simplesmente à cabeça, então disse-mo.*)

(*Às 23h25, a Jane sentia-se melhor, mas ainda queria sair completamente desse estado antes de ir para a cama. "Sinto-me bem, mas*

também sinto como se pudesse começar a gritar a qualquer momento, como se não estivesse muito longe.")

(*Nada mais se desenvolveu durante a noite, contudo, e ela dormiu bem. No dia seguinte, a Jane telefonou a uma editora da Ace Books, depois de receber uma carta encorajadora do Don Wollheim, da Ace, sobre o seu livro de sonhos. A editora com quem a Jane irá trabalhar na Ace chama-se Evelyn Grippo. A Jane falou com essa Evelyn duas vezes à tarde por telefone, mas em nenhuma das ocasiões a EG mencionou nada sobre um acidente de automóvel, etc.*)

(*Vários dias depois da sessão, ainda não temos pistas sobre qualquer base que a sessão possa ter. Uma carta foi recebida do Tam Mossman, da Prentice-Hall, no final da semana, mas não continha qualquer menção a um acidente de automóvel. A rapariga do Tam, Eve, foi mencionada de forma normal e informativa, mas nada mais.*)

(*Não sabemos se o Bill Macdonnel [ou o Tam] conhece alguma Maisie. Nem sabemos se o Bill conhece alguma Eve, etc.*)

SESSÃO 436

16 de Setembro de 1968

(*Esta noite, não tínhamos certeza sobre o que o Seth iria abordar, então, pouco antes da sessão, pedi que ele falasse sobre a sessão realizada na semana passada, correspondente à 435ª sessão. Queríamos mais informações sobre as reações emocionais obviamente reais e profundas da Jane durante essa sessão.*)

(*A Jane fez o comentário bem-humorado de que esperava ser "mais do que uma porta pela qual o Seth passava".*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Agora. O fim de semana com o Mossman terá efeitos de longo alcance. Outra pessoa irá envolver-se, alguém que não está ligado à Prentice-Hall. Ele envolver-se-á direta ou indiretamente através do Timothy (*com humor*), e terá muito a ver no futuro com o nosso próprio trabalho. Ou seja, em torná-lo conhecido.

O Timothy Mossman estava subconscientemente consciente de que me encontraria quando leu o manuscrito do Ruburt. Contudo, a decisão era dele. Se ele simplesmente tivesse rejeitado o manuscrito e não tivesse

escrito a carta que escreveu, o encontro não teria acontecido; e ele sabia isso também.

Ele tem um propósito, que é um dos vários caminhos que pode seguir, e que lhe permitirá cumprir esse propósito, que lhe pertence nesta existência. Ele quis, em tempos, compreender a hereditariedade das sementes e das plantas. Agora, trabalhará para compreender a natureza e a constituição das chamadas "sementes não ortodoxas" dentro da personalidade humana. Ele aprenderá a usar o seu intelecto como uma ferramenta refinada, enquanto as suas intuições apontam a direção correta.

Foi necessário um conjunto peculiar de circunstâncias para incendiar o seu ser, para focar a sua atenção, e esse foi o nosso trabalho. Um dos muitos trabalhos.

Deem-nos um momento. (*Pausa.*) Há, como mencionado anteriormente, outros caminhos que ele poderia seguir. Todos eles, de uma forma ou de outra, levá-lo-iam ao mesmo trilho. Ele deve escapar à sua ocasional superficialidade, pois poderia usá-la para se enganar a si mesmo e não usar plenamente as suas capacidades.

Agora. O episódio de quarta-feira foi legítimo, embora contendo várias distorções. As capacidades do Ruburt estão a crescer, pois, à medida que ele se permite liberdade no seu trabalho, também se permite libertar as suas capacidades.

Antes, ele tinha medo de sentir essas mudanças na atmosfera que conseguia sentir tão bem. Em certas ocasiões, fabricava um sintoma físico para explicar uma súbita mudança de humor, que era, na verdade, resultado de conhecimento clarividente.

Esta não era, de longe, a principal razão para os sintomas, mas o hábito causava sintomas incómodos por vezes. A experiência foi uma experiência dividida, envolvendo um acidente no passado e um no futuro, que foram fundidos na perceção dele. Agora, dêem-nos um momento aqui. (*Pausa.*)

A certa altura, ele percebeu corretamente um acidente envolvendo a mãe daquela Nina, e registou-o. (*Talvez há dois anos.*) Daí o nome ter surgido na outra noite. Serviu como uma transição: um acidente no qual o Mark, o Bill Macdonnel, esteve envolvido, embora eu não creia que tenha participado diretamente. Não tenho certeza, pois ele não estava a conduzir. (*Mark é o nome de entidade que o Seth usa para o Bill Macdonnel.*) Uma criança estava presente, daí a ligação novamente com a Nina. A Eve

representava tanto a noite como um nome, e isto levou a uma possibilidade futura, um acidente menor envolvendo a Eve do senhor Mossman.

Dois acidentes estavam então envolvidos, daí a confusão. A ponte entre eles foi um acidente no passado envolvendo a mãe da Nina. Isso serviu como uma ligação ao Bill Macdonnel. O episódio no qual o Bill está envolvido já aconteceu também, na noite da experiência do Ruburt. (*O que seria 11 de Setembro.*)

(*Às 21h26, o telefone tocou, interrompendo o Seth. Para minha surpresa, a Jane levantou-se da cadeira e atendeu. Os olhos dela ainda estavam pesados, e percebi que estava apenas meio fora do transe.*)

(*A chamada era da Callista Buffalin, uma viúva agora com cerca de vinte e poucos anos, que tinha vivido no nosso prédio até cerca de dois anos atrás. O marido da Callista, Buff, morreu num acidente de automóvel no sul da Pensilvânia há alguns meses; a Jane teve um sonho vívido com muitos detalhes sobre este acontecimento na noite anterior a ele acontecer, embora não víssemos os Buffalins há já algum tempo. Não vimos a Callista desde a morte do Buff.*)

(*A Callista ligou à Jane para lhe contar sobre várias experiências psíquicas suas, tanto antes como depois da morte do Buff. Uma dessas envolvia a Callista saber que o seu casamento com o Buff seria curto e que ele morreria. Enquanto a Jane oferecia palavras de encorajamento ao telefone, teve a impressão de que a Callista voltaria a casar.*)

(*Depois de desligar, a Jane disse que a Callista também mencionara o seu jovem filho James. Ao contar-me isto, a Jane disse que a Callista tinha previsto acontecimentos relacionados com a morte do James. Isto foi um lapso por parte da Jane, pois a Callista tinha, na verdade, falado do futuro do James.*)

(*A Jane retomou às 21h55, de forma algo lenta.*)

O acidente, em resposta à tua pergunta, ocorreu na noite da experiência do Ruburt, e é aquele que envolveu o teu amigo Bill Macdonnel.

(*O Bill M., de Elmira, vive agora em Santa Bárbara, Califórnia.*)

Outro acidente, uma probabilidade, é um acidente futuro, envolvendo a Eve do Tam Mossman. Devido à semelhança dos nomes, o Ruburt fundiu os dois acidentes num só na sua experiência perceptiva.

(*O apelido do Bill M. é Cam, retirado do seu nome do meio, Cameron.*)

O incidente da Nina foi um trampolim. Não acredito que o Bill Macdonnel tenha ficado ferido, mas ele foi ou responsável pelo acidente ou era o dono do carro e estava envolvido com a mulher que estava com ele. Agora, uma criança também está ligada aqui, se com o Bill Macdonnel ou com o Tam Mossman, não tenho certeza.

(*Não temos forma de saber o que aconteceu relativamente ao Bill em Santa Bárbara até agora. Embora sejamos bons amigos, ele raramente escreve cartas. Telefonou-nos uma vez no último ano. Ocasionalmente, a mãe dele liga-nos para nos pôr a par das atividade do filho.*)

O acidente envolvendo a Eve do Mossman ocorreria, se acontecer, num dia com o número cinco. O dia 5, 15 ou 25. Seria um acidente menor, mas no acidente do Bill Macdonnel, alguém, não o Bill, ficou gravemente ferido.

Agora, a Eve do Mossman não deve conduzir com uma mulher mais velha nesses dias. O perigo estará terminado até ao fim de Maio. A mulher mais velha tem um nariz afilado e feições algo alongadas.

O nome Gert vem-me à mente, embora isto possa estar distorcido; ou seja, o nome. Eu diria que a mulher terá mais de 35 anos, ou dará a aparência de ter. (*Pausa.*) Um troço de estrada que conduz à cidade, nos arredores... (*Pausa.*) A mulher, a mulher mais velha, está num estado de turbulência emocional interior, que deverá ser resolvido até ao final de Maio.

O perigo reside, então, na associação com a mulher, da parte da Eve. O acidente, repito, seria comparativamente menor, a menos que a existência interior da mulher mais velha se deteriorasse drasticamente. (*Longa pausa.*) Se a Eve não conduzir com ela, não estará envolvida.

Parece haver um posto de abastecimento e erva alta junto a esse troço de estrada, com a cidade ainda adiante. S P está ligado aqui. Se são iniciais, digamos de uma cidade ou de uma pessoa, ou o início da palavra spring (*primavera*), eu não sei. O caso ainda está dentro do domínio das probabilidades e, portanto, não é tão claro.

Há alguns problemas adicionais para a mulher que telefonou, e casamento com um homem com algum problema numa perna, talvez apenas uma ligeira coxeira. Doença para uma criança, um caso de crupe. Eventual fortalecimento da personalidade da mulher. O marido ainda visita a casa. Não tenho certeza aqui: alguma mensagem inofensiva para lhe dar a

saber. Algo sobre manteiga. Pode ser: não guardar a manteiga na despensa. Ele costumava dizer-lhe para a guardar no frigorífico?

Também algo sobre uma pilha de livros com imagens ou representações, antigos (*pausa*), guardados na cave, com iniciais; e algo sobre não haver um único vestígio de prova. Ele não quer que ela se preocupe. A panela está sempre a ferver. Houve um pacote de algo que ele encomendou e que chegou depois da sua morte, ligado às iniciais N A R ou às letras.

Ele diz-lhe para se lembrar de *The Fountainhead*, pode ser um livro, e algo sobre *coming through the rye*.

Podem fazer uma pausa.

(*22h14. Isto acabou por ser o fim da sessão, embora isso só tenha sido determinado algum tempo depois. Entretanto, ocorreram alguns acontecimentos interessantes.*)

(*O transe da Jane tinha sido profundo, mas ela saiu dele com relativa facilidade. Disse imediatamente que tinha um forte impulso de voltar a telefonar à Callista Buffalin. Hesitava porque não tinha certeza da precisão dos dados, mas também porque não queria perturbar indevidamente a Callista, falando do marido recentemente falecido, etc.*)

(*Contudo, a Jane telefonou à Callista e verificou os dados com ela ponto por ponto. A Callista decidiu visitar a Jane mais tarde naquela semana, para que uma verificação mais completa do material pudesse ser feita. Mas, entretanto, segue-se um resumo dos comentários da C B sobre os dados, via telefone.*)

(*A C B não conhece nenhum homem com uma coxeira, ou com algo de errado numa perna. Contudo, como foi dito, a C B sentia, mesmo antes da morte do marido, que voltaria a casar, com um homem "com uma grande diferença de idade". Não sabemos se isso significa com um homem mais jovem que a C B, ou mais velho.*)

(*Não sabemos nada sobre uma doença de crupe numa criança.*)

(*A mensagem inofensiva relativa à manteiga foi "extremamente significativa" para a Callista. Sem entrar em detalhes pessoais, ela considerou que isto era um dado excelente.*)

(*Esta noite, enquanto esta sessão decorria, a Callista estava na cave da sua casa, a ler ou a olhar livros que retirou de uma pilha. Eram livros antigos, disse ela, ilustrados, e alguns deles tinham as suas iniciais e as do marido Buff.*)

(*Os livros estavam cobertos e, quando ela terminou de os consultar, voltou a cobri-los; por isso, a Jane sentiu que parecia que eles tinham permanecido intocados. Isto ocorreu pouco antes do telefonema da C B à Jane às 21h26. O ato de cobrir pode referir-se à impressão de "não haver um único vestígio", mas nós, pessoalmente, descartamos isso.*)

(*Os dados sobre o pacote, envolvendo algo que chegou para o Buff depois da sua morte, estão correctos. A C B disse à Jane que um pacote chegou; continha algo que o Buff tinha encomendado para um sobrinho.*)

(*A Callista não conseguiu encontrar nenhuma ligação, contudo, entre N A R e o pacote.*)

(*The Fountainhead* é um livro, como o Seth suspeitava. A Callista leu-o, mas não sabe se o Buff alguma vez o leu ou não.)

(*A C B não conseguiu oferecer nada relacionado com "coming through the rye".*)

SESSÃO 437

18 de Setembro de 1968

(*As costas da Jane tinham-lhe dado problemas, sob uma omoplata, nos últimos dois dias, e eu pedi que o Seth abordasse isso. A Jane disse, pouco antes da sessão desta noite, que sentia uma leve sensação de pirâmide — discutida em várias sessões anteriores — e que também tinha estado consciente dessa sensação pouco antes de uma sessão espontânea para a sua turma de ESP na noite anterior; e pouco antes da sessão, a 435ª.*)

(*Antes, ela só tinha notado essa sensação durante, ou antes, das sessões em que a personalidade maior do Seth falava. Agora, perguntávamo-nos se essa sensação seria transferida para as sessões conduzidas pelo próprio Seth e para outros empreendimentos psíquicos.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Agora. Vós saís do intemporalidade para aquilo que pensais ser tempo, e voltam ao intemporalidade novamente.

Na intemporalidade, as experiências são muito mais diretas. Palavras, nos vossos termos, não são necessárias para as descrever. Na intemporalidade está a energia que fornece a base para o tempo tal como

atualmente o experimentais. Todos os indivíduos e consciências formam e sustentam cooperativamente as estruturas que conheceis.

Há menos diferenciação, nos vossos termos, na intemporalidade, mas muito mais diferenciação em termos de consciência e experiência psicológica. Todas as probabilidades têm a sua realidade na intemporalidade, e as realizações criativas que ocorrem no intemporalidade geram todas as realidades prováveis que alguma vez existirão ou tenham existido nos vários sistemas temporais. Em vários estados de sonho, vós penetrais na intemporalidade, e é, naturalmente, aqui que tendes a vossa existência primária e o solo da vossa identidade.

Ele, portanto, permeia o vosso sistema temporal, que é apenas sobreposto a ele. (*Pausa.*) Deixem-me um momento, por favor. (*Pausa de um minuto.*)

O sistema físico do Ruburt, ao seu próprio ritmo, está a corrigir-se. Ele também está a receber ajuda solicitada. (*Pausa. Ritmo mais lento.*) Estou a tentar dar-vos alguma informação relativa ao sintoma nas costas, e terei de aprofundar o transe do Ruburt, por causa do que poderíeis chamar de ruídos subterrâneos. Aqueles que vêm de baixo.

(*Às 21h19, a Jane, como Seth, apontou para o chão, olhos fechados. A música do apartamento abaixo de nós começara a tocar alto; alto o suficiente para eu distinguir as palavras das músicas de dança. Eu estava incomodado e quase fui ao telefone. Não o fiz porque o Seth estava a fazer um esforço para dar informações sobre o sintoma nas costas da Jane, e considerei isso mais importante.*)

(*Na verdade, a Jane, ou Seth, não deu sinal de estar incomodada. O ruído extra parecia ser apenas mais um problema a ser superado para que a sessão pudesse continuar. A Jane sentou-se calmamente, olhos fechados, a fumar. Depois retomou, com uma voz ligeiramente mais alta.*)

Ele está a tentar esconder de si mesmo a importância que sente ligada ao capítulo que acaba de terminar e que enviará ao Mossman. Mantendo-se assim, percebem.

(*Olhos agora abertos, a Jane sentou-se ereta na cadeira, costas rígidas, cada mão a agarrar firmemente um braço da cadeira, como se para se apoiar.*)

Para ele, neste caso, uma atitude: "Eu aguento, caso haja rejeição." Momentaneamente, o gesto da rigidez como se fosse de força, quando, claro, a flexibilidade é sempre necessária.

Perante uma possível rejeição, que velhas atitudes aqui e ali ainda o fazem esperar, ele adota uma postura rígida em vez de flexível. Não há razão para esperar tal rejeição, para começar. A questão é que tem sido a sua resposta habitual. No passado, a reação teria sido muito mais intensa, contudo. Mais uma vez, a questão é que ele encobriu o medo da rejeição e tentou minimizar a importância que o capítulo tem para ele.

Por outras palavras, ele está de costas erguidas, percebem.

(*Gesto novamente.*)

Agora, ele fez um bom trabalho no capítulo, e ajudá-lo-á imaginar o livro inteiro como um jovem e belo rebento que se move facilmente com cada brisa, os nervos como raminhos invisíveis, suaves e flexíveis, estendendo-se mesmo para fora do corpo dele.

A mudança na vida subjetiva dele é considerável, como o trabalho psíquico e o modo descontraído no capítulo claramente mostram. Uma abertura psíquica e espiritual irá agora ajudar da parte dele. Ele não queria admitir a importância do capítulo, embora saiba que está bom. Não queria enviá-lo por medo de que regressasse — sublinho, regressasse.

Agora. A condição apanha-o frequentemente quando tenta respirar fundo. Ele temia que o capítulo o apanhasse justamente quando estivesse pronto para relaxar e deixar ir, um suspiro profundo significando um suspiro de alívio. Ele deveria ser capaz, percebem, de respirar fundo de alívio, e sentir-se relaxado porque o capítulo está concluído, e ele sabe bem que consegue prosseguir com o livro. Mas teve medo de se conceder esse alívio porque os velhos medos de rejeição o travam.

Este foi também o motivo de vários outros sintomas de que ele não te contou esta semana. Um cerrar de maxilares. Todas estas reações são muito menos intensas do que seriam há alguns meses, e muitas áreas do corpo que teriam sido afetadas então estão agora livres, mesmo de tais reações, mas ele não deveria permitir que passem despercebidas.

Quando ele não usa o pêndulo, é obviamente um sintoma de que há algo que não quer enfrentar, e que, por enquanto, aceitará os sintomas. Mas essa atitude, mais uma vez, é um sintoma do que ainda resta de confusão interior. A tua ajuda solidária é e tem sido muito mais importante do que percebes, e isso aplica-se a todas essas relações.

Dois ou mais indivíduos a viverem juntos vivem num ambiente psíquico formado por todos os envolvidos. É verdade que alguém, num período de doença, habitualmente, em maior ou menor grau, torna-se

suscetível a elementos psíquicos negativos do ambiente. O outro pode de facto, telepaticamente, ajudar a mudar o clima interior, inserindo ideias de confiança e força, e assim mudando o clima psíquico o suficiente para que a personalidade doente possa então fazer mais em seu próprio favor.

Quando terminarmos a discussão que iniciámos (sobre o tempo), haverá muitos assuntos relacionados com o tema, não necessariamente ligados, contudo, à vossa situação específica. O clima psíquico do Ruburt mudou de facto para melhor, mas em períodos de sintomas físicos para além do seu padrão atual, podes ajudá-lo bastante dessa forma, pois estes são simplesmente — ou nem tão simplesmente — pequenos buracos no caminho. Ele sai deles com muito mais rapidez, e eles não são tão profundos, mas podes dar-lhe um impulso. (*Com humor.*)

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos.

(*21h45. O transe da Jane tinha sido bom. Ela disse que a música, quando começou, realmente a incomodou, embora não tivesse saído do estado de transe. A Jane disse que, quando o Seth aprofundou o transe, foi como se a música tivesse sido desligada. Na realidade, a música ainda ecoava em alto volume do andar de baixo.*)

(*Retomado às 22h07.*)

Agora. Os exercícios de ioga são bons, mas podem ser realizados com um espírito mais leve, não com uma atitude de "tudo ou nada". Ele deve divertir-se com eles.

As capacidades clarividentes dele deram um salto em frente. Tu, Rob, pelo menos várias vezes por semana, deverias fazer um esforço para embarcar em mais exercícios de tempo psicológico, pois as tuas próprias capacidades também cresceram; mas tu não te apercebeste disso.

Quando o teu retrato do artista foi concluído, as tuas capacidades psíquicas tinham crescido tanto quanto o teu conhecimento artístico. Houve um salto que não percebeste ter alcançado. Ele manifestou-se no teu clima psicológico, mais do que em casos específicos. (*Longa pausa.*)

Deverias ser capaz de sintonizar-te, por assim dizer, com alguns eventos prováveis futuros, acredito que em forma de imagem, após algumas tentativas. Faz isto como se estivesses a começar a pintar um quadro, pedindo para ver as imagens de certas pessoas num dado momento ou situação no futuro, e deixa então que as tuas capacidades preencham o padrão imaginativo. Este procedimento deve encaixar-se bem contigo.

Certifica-te de que não forças as imagens. Imagina uma tela ou tabuleiro em branco, ou um quadro em branco emoldurado, se preferires. Vou dar-te um exemplo. Isto não é uma sugestão específica, mas um exemplo do que quero dizer.

Digamos que vais tentar ver a reação da Prentice-Hall — aceitarão ou não o manuscrito? Então imagina o quadro em branco como se fosses pintá-lo na tua mente. Ou vês o Ruburt pintado com a expressão no rosto enquanto lê a carta significativa, e em vez do título, a data da carta.

Outro método: finge que estás a pintar o Ruburt com uma imagem do livro na mão, então os detalhes quanto à editora e assim por diante seriam pintados para ti. Sugiro, no teu caso, portanto, uma abordagem usando imagética, embora haja várias maneiras de tentar obter informações específicas, como vês.

Deverias achar isto um treino valioso. Agora, as cores podem ser significativas, particularmente para ti, e assim as cores usadas na pintura imaginária podem ser simbólicas. Se assim for, terás de as interpretar. A técnica da pintura chamará mais fortemente os teus poderes criativos e dará impulso ao trabalho psíquico envolvido.

Se surgir um quadro completamente diferente, então, por todos os meios, regista-o. No teu caso (*sublinhado*) a posição relativa dos objetos dentro da pintura imaginária poderá possivelmente ser importante também, os objetos em primeiro plano talvez sendo mais imediatos. Mais uma vez, no teu caso, poderás encontrar um símbolo de estrada. Ou seja, muito possivelmente usarás perspetiva nestas coisas, relacionada com o tempo. O comprimento de uma estrada numa tal pintura, contigo, poderá estar ligado ao período de tempo entre ti e o evento sobre o qual procuras informações.

Outro símbolo que poderás encontrar poderá ser um jarro ou recipiente. Se estiver cheio, a informação ou evento desejado poderá estar próximo de ti no tempo, ficando mais distante à medida que o jarro estiver menos cheio, percebes.

Agora, acredito que estes símbolos surgirão especificamente para ti em várias ocasiões. Algumas das informações deverão ajudar-te a interpretar os dados recebidos no tempo psicológico. Nestes casos, contudo, deverás ter algo específico em mente. Caso contrário, o elemento temporal pode tornar-se confuso.

Se estiveres a procurar informações futuras, então deves declarar isso mentalmente. Isso ajuda a focar a tua concentração interior nas linhas

desejadas. Se estiveres simplesmente a exercitar-te, tentando usar os sentidos interiores em geral, então declara isso mentalmente também. A vivacidade e assim por diante geralmente podem ser interpretadas da mesma forma, independentemente.

Podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

(*"Bem, não sei o que dizer." [Já estava a ficar tarde.] "Pausa, acho eu."*)

Então, enquanto vos dou esta informação, depois de uma pausa continuaremos.

(*22h35. A Jane estava bem dissociada, disse ela. As suas costas sentiam-se um pouco melhor. A música alta do andar de baixo tinha parado. A Jane disse que não esperava que o Seth me desse esta informação esta noite, e ficou um pouco surpreendida com isso.*)
(*Ela também disse que podia sentir muito clara e definitivamente o Seth a sondá-la, para dar exatamente o tipo certo de informação sobre a prática do tempo psicológico. Retomado às 22h54.*)

Agora. No geral, tens beneficiado da vitalidade e da vida à tua volta aqui, e até do barulho ocasional. Energias positivas fortes e prontamente disponíveis estiveram à tua volta quando precisaste delas, e antes de saberes como mudar o teu próprio ambiente interior. No geral, o clima de todo o estabelecimento aqui tem sido de apoio. Mesmo as atitudes inconscientes dos outros que viveram aqui foram benéficas em teu favor. Usaste muita dessa energia para produzir o teu próprio trabalho. Isto não significa que tais condições serão sempre necessárias, mas que te serviram bem. (*Pausa.*)

(*Os dados acima surgiram depois de eu ter estado a resmungar durante a pausa sobre como a casa era barulhenta.*)

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Um círculo com segmentos cortados como uma tarte pode também ser usado por ti para significar segmentos de tempo. Terás de trabalhar a tua própria interpretação aqui, pois o círculo inteiro representará várias quantidades de tempo, conforme o que precisares.

Se quiseres descobrir em que mês algo acontecerá, por exemplo, podes visualizar o círculo cortado em 12 segmentos, ou ter essa ideia na tua mente. Então, à medida que a pintura for "pintada", por assim dizer, tantos desses segmentos seriam removidos, representando os meses que passarão antes do evento.

Um truque que podes usar, embora não precises dele, quando quiseres uma ideia para uma nova pintura, é o seguinte. Escolhe um dia no teu futuro e simplesmente pede para ver a pintura em que estarás a trabalhar nessa altura. Agora estamos a lidar com algo um pouco delicado aqui, e eu explicarei a mecânica disso, mas não esta noite. A imagem da pintura, contudo, deverá estar disponível para ti. Podes então usá-la neste presente. Se estiveres à procura de uma mudança refrescante, uma experiência divertida, então imagina que pintura farias se fosses uma certa outra pessoa, dotada das tuas próprias capacidades.

A pintura seria tua em qualquer caso, filtrada pela tua própria individualidade. Houve pinturas planeadas por vários grandes mestres que nunca foram pintadas, e essas ideias existem. Filtradas através da tua própria individualidade, tornam-se tuas. (*Pausa.*)

Muitas sessões atrás eu dei-te algumas informações sobre pintar o ponto de vista, e sugestões também sobre como abordar um objeto natural, tornar-te nele. (*Sessões 400, 401.*) Podes também imaginar como esse objeto natural pareceria a outros de várias idades e temperamentos, ou a mim, ou quão curioso pareceria a alguém que não habita no vosso sistema.

Todas estas sugestões tendem a ativar as tuas capacidades criativas e psíquicas, e é por isso que as dei todas juntas. Agora, a menos que tenhas perguntas, terminarei a sessão. Espero que aguardes com expectativa algumas experiências de tempo psicológico por tua conta. Dei-te um bom manual. Os meus votos mais calorosos a ambos, e boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

(*23h13. O transe da Jane foi novamente profundo. A música tinha começado a tocar alto novamente do andar de baixo.*)

SESSÃO 438

23 de Setembro de 1968

(*A Jane recebeu hoje uma chamada do Tam Mossman, da Prentice-Hall, durante a qual obtivemos alguma confirmação sobre pontos feitos pelo Seth numa sessão recente. Houve também uma estranha semelhança entre alguns dos dados dados na sessão-sessão, pela Jane, na 435ª sessão.*)

(*Durante a sessão, a Jane esfregou primeiro o braço esquerdo e depois o braço direito, dizendo que doíam. Isto foi depois de ter passado por um acidente de automóvel; o Seth disse-nos que este acidente é, na realidade, dois acidentes, um envolvendo o B. Macdonnel na Califórnia, o outro um possível evento futuro envolvendo a Eve, rapariga do Tam, em ou perto de Nova Iorque. Na sessão, a Jane não era a Eve, mas a condutora do carro no acidente; era uma mulher, com a Eve como passageira ao lado dela.*)

(*A sessão, a 435ª, foi realizada na quarta-feira, 11 de Setembro de 1968. O Mossman, durante a sua chamada de hoje, contou à Jane que a sua rapariga Eve partiu o braço direito no fim-de-semana passado, algures entre os dias 20 e 22. Nota-se a semelhança quanto aos problemas nos braços.*)

(*Na 436ª sessão, o Seth aconselhou cautela da parte da Eve para evitar ou alterar as probabilidades relativamente a este acidente futuro. O Seth descreveu uma mulher mais velha, cerca de 35 anos, com quem a Eve anda de carro, como podendo estar envolvida no acidente como condutora, e nomeou certos dias em que o acidente era mais provável. Hoje, o Tam Mossman confirmou que a Eve de facto anda para o trabalho na Prentice-Hall com uma mulher que corresponde à descrição do Seth, incluindo a idade indicada; ele disse que a Eve iria andar com ele nos dias especificados para alterar as probabilidades.*)

(*Às 21h10, a Jane teve novamente "uma leve sensação de pirâmide. Mas acho que é o Seth." Esta sensação tem-se tornado cada vez mais comum.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Bem. Todas as probabilidades e todas as possibilidades têm a sua origem no intemporalidade.

Algumas destas são percebidas e experienciadas como eventos definidos dentro do vosso próprio sistema. Sois vós que escolheis entre as

probabilidades, e a partir delas formam a coleção dada que compõe qualquer evento particular.

Usais as probabilidades como blocos para construir eventos. Escolheis. Agora. Isto pressupõe conhecimento e cálculos interiores, pois deveis estar cientes das probabilidades para poder escolher entre elas. O eu interior, portanto, tem e usa este conhecimento. Estas probabilidades incluem teias de interação e ação e reação prováveis, envolvendo não apenas vós mesmos, mas outros.

Os vossos computadores são brinquedos quando comparados com estes funcionamentos interiores. A natureza principal dos eventos, a maioria dos eventos, não se "solidifica" até ao último momento, nos vossos termos. Segundo o vosso entendimento e interpretação da palavra, eventos, nenhum é predeterminado por uma fonte exterior a vós mesmos.

O ambiente dado da vossa infância, por exemplo, foi escolhido por vós e determinado por vós. Dentro dessa estrutura, também vos concedestes a liberdade de manipular e mudar. Os principais eventos de uma civilização são escolhidos pelo seu povo, mas porque um curso foi iniciado, isso não significa que não possa ser alterado a qualquer momento.

Os eventos são materializados no vosso tempo a partir das suas origens na intemporalidade, então. (*Longa pausa.*) Não há fim, nesses termos, para a fonte ou fornecimento de probabilidades; portanto, a intemporalidade não é um armazém cósmico concluído e estático. Está a ser continuamente aumentado. Cada evento que formais a partir de um determinado conjunto de probabilidades dá automaticamente origem a novas probabilidades.

A natureza de qualquer ação provável não conduz necessariamente a um determinado ato final inevitável.
Deverias sublinhar essa frase.

As probabilidades expandem-se em termos de realização de valor. Um dado ato não conduz necessariamente, portanto, ao ato B e C, e daí a uma ação final. Em vez disso, tem ramificações em direções infinitas, e essas ramificações têm outras ramificações. As sessões sobre os dilemas criativos e as sessões que tratam do não-ser relativo ajudar-te-ão aqui.

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Isto é o que sei da realidade, mas há mais a saber.

(*A Jane recostou-se na cadeira de baloiço, olhos fechados enquanto fazia uma pausa. O ritmo dela não tinha sido rápido até agora, mas tornou-se ainda mais lento.*)

"Fora" (*entre aspas*) das realidades das quais estou consciente e de que outros estão conscientes, há sistemas que não podemos descrever. São fontes maciças de energia, (*pausa*) bancos cósmicos de energia, que tornam possível toda a realidade das probabilidades.

Estamos a mover-nos nessa direção. Partes da entidade (*entre aspas*) "chegam" antes de outras partes e enviam-nos comunicações que mal conseguimos entender. A outra personalidade que fala está na orla de tal sistema. (*Longa pausa.*) O outro sistema é o interior do interior. Ele viu o nascimento e a morte de muitos universos físicos como o vosso; e as entidades dentro dele, (*entre aspas*) "a certo ponto", foram os habitantes de tais universos. (*Longa pausa.*)

Evoluíram para além de todas as probabilidades como as entendemos, mas fora das probabilidades continuam a ter existência. (*Pausa.*) Isto simplesmente não pode ser explicado em palavras. (*Pausa.*) Eles formam fontes de energia. Contudo, tudo isto e todas as probabilidades não minimizam nem negam o indivíduo, pois é no indivíduo que tudo o resto assenta, e é a partir da base do indivíduo que todas as entidades têm a sua existência, e de onde surgem todos os tipos de evolução.

Nem as memórias e emoções de um indivíduo lhe são alguma vez retiradas. Estão sempre à sua disposição, e aqueles que tiveram ligações entre si estão sempre livres para renová-las, ou para as ignorar.

Podem fazer uma pausa.

(*21h43. A Jane saiu lentamente do transe. Os olhos estavam pesados e enevoados; ela disse que o transe tinha sido bom após as primeiras frases. Bocejou muitas vezes durante a pausa. Retomado às 21h56.*)

A maioria desses sistemas prováveis, voltando à nossa discussão anterior, está aberta. Simplesmente não percebeis que este é o caso.

No vosso sistema, parece que escolhestes um caminho, uma linha principal de probabilidades, e isso é o fim. Noutros tipos de existência, contudo, escolheis outras probabilidades. Agora, o vosso próprio sistema é relativamente (*sublinhado*) fechado, na medida em que dentro dele, como regra, apenas um ego predomina, e pensais em vós mesmos como esse ego.

Noutros sistemas, isto não é necessariamente o caso. O sistema temporal dentro deles é inteiramente diferente do vosso. Nestes, o eu

interior está consciente de si mesmo como mais de um ego. (*Pausa.*) O eu interior pode desempenhar mais de um papel ao mesmo tempo, conscientemente, por outras palavras. Apenas como uma analogia, seria como se, dentro da realidade física, vivesses, digamos, a vida de um homem rico de grande talento, a vida de um homem pobre com talentos inteiramente diferentes, e a vida de uma mãe e mulher de carreira. Estarias consciente de ti mesmo em cada um destes três papéis, e encontrarias qualidades a desenvolver-se em cada uma das vidas separadas.

Mais uma vez, isto é uma analogia, pois em vários aspetos poderia induzir-te em erro se a tomares demasiado literalmente. Num tal sistema, por exemplo, não haveria fragmentação do tempo, já que o tempo não existe do mesmo modo.

Não passarias, por exemplo, parte de um dia como uma personalidade e parte como outra. Tudo isto será explicado a seu tempo. (*Com humor.*)

Vou dar-vos uma breve sessão esta noite. Os assuntos com a Prentice estão como eu esperava. É melhor eu encerrar a sessão. (*Pausa.*) Caso contrário, manter-vos-ei por mais uma hora e meia.

(*"Como assim?"*)

(*Sorriso.*) Queres que te responda?

(*"Resumidamente."*)

(*Sorriso novamente.*) A palavra está no vosso vocabulário e no do Ruburt, não no meu.

(*"Bem, só estou a perguntar-me o que se passa."*)

(*A Jane, como Seth, fez uma pausa. O Seth não costuma aludir muito a um assunto deste modo, por isso a minha curiosidade foi despertada. Sabia que a Jane não estava no seu melhor esta noite, mas achei que seria bom obter pelo menos uma pista sobre o que o Seth estava a falar. Tinha a certeza de que mais tarde ficaríamos contentes por o ter feito.*)

Haverá três livros em vez de dois, mais ou menos agrupados. (*Pausa.*) Embora eu não queira dizer esta semana ou este mês. (*Longa pausa.*) O Ruburt está a sair das suas idades das trevas. Isso permitir-nos-á mais liberdade. Haverá uma conversa particular numa noite, com, acredito, seis pessoas presentes, e durante a conversa um projeto nascerá espontaneamente, e isso, até certo ponto, mudará as vossas vidas.

Uma sugestão será feita, não por ti nem pelo Ruburt, durante essa conversa, e será retomada por outros. Um plano para um livro surgirá, e

outros planos. Há um H — Helena vem-me à mente, mas é provável que esta Helena esteja apenas ligada a uma das mulheres presentes.

Dois homens, um com um manuscrito, talvez seu, embora eu não tenha certeza aqui. O local do encontro ainda não foi decidido por todos os envolvidos. Parece haver outra mulher também, embora ela esteja algo afastada do grupo. Acredito que três de vós — espera — conhecerão três, acredito, dos presentes, tendo-os encontrado pelo menos uma vez antes desta noite em particular. Algo a ver com tijolos. Algo sobre o qual construir.

Uma questão de dinheiro envolvida, e um programa de estudo.

Numa das casas dos presentes, há uma estátua imediatamente dentro da porta da frente, e talvez um corredor. A estátua parece estar agachada, curta em vez de alta e ereta.

Um jornalista, uma dona de casa, e um homem do foro.

Agora, isto não é imediato. Mas é um forte desdobramento das probabilidades que agora existem, e três estarão ligados a isso em termos de uma data. Talvez então Março, e novamente talvez 13 de Março, embora isso seja interpretação.

Um homem gostarás muito menos do que dos outros reunidos, mas ele estará convosco, no entanto, e muito mais leal do que uma das mulheres, que te impressionará muito mais. Ela terá uma forte ligação com a Europa.

Dez-zero-sete (*assim pronunciou a Jane: 1007*).

Agora podes encerrar a sessão ou fazer uma pausa, conforme preferires.

(*"Bem, acho que vamos encerrar." Embora eu quisesse saber mais.*)

(*Sorriso; enfático.*) E é melhor começares a tomar notas.

(*"Está bem."*)

Os meus mais calorosos votos a ambos. Os meus pensamentos mais ternos para o nosso desajeitado Ruburt esta noite.

(*"Boa noite, Seth, e muito obrigado."*)

(*22h23. Mais uma vez, a Jane disse estar muito bem dissociada. Sentia-se triste por não estar muito energética esta noite; o Seth poderia ter continuado de forma muito faladora e social durante horas.*)

(*Os dados acima sobre um terceiro livro para a Jane foram totalmente inesperados por nós, e não pedidos. Ninguém deu à Jane qualquer pista sobre tal terceiro volume, etc.*)

(*Algumas notas adicionais da chamada telefónica de Mossman à Jane hoje: O Tam disse à Jane que o livro sobre o material de Seth era praticamente uma certeza; isto é, tão certo quanto se pode dizer até ser assinado um contrato. Ele também disse que tinha escrito à Ruth Montgomery, pedindo-lhe que fizesse a introdução; se ela concordasse, isso poderia significar que R.M. faria uma viagem até aqui. O Tam mencionou também uma personalidade como Hans Holzer, caso R.M. não estivesse disponível, sendo o ponto que a Prentice-Hall gostaria de ter um nome de peso para fazer a introdução. O Tam disse que gostaria de nos visitar novamente antes das festas.*)

SESSÃO 439

30 de Setembro de 1968

(*O John Bradley foi testemunha da sessão. O Seth deu ao John o nome de entidade "Philip", e assim se dirige a ele.*)

(*A Jane estava um pouco enevoada esta noite, com um constipação forte. Para registo: depois do jantar, esta noite, recebeu uma chamada de um Dr. Freudenberger, psicólogo e psicanalista, que queria que ela falasse sobre estados alterados de consciência numa aula que ele conduz em White Plains, Nova Iorque, às quartas-feiras à noite. O Ray Van Over mencionou a Jane ao Dr. F. A Jane planeia escrever ao Dr. F. mais tarde.*)

Boa noite.

(*[John & RFB:] "Boa noite, Seth."*)

Agora. Vamos esperar um momento até que eu consiga acalmar um pouco a nossa amiga aqui. (*Referindo-se à Jane.*)

Haverá vantagens para vós ligadas à chamada telefónica desta noite (*do Dr. F.*). Mas não te ofereças logo para ir precipitadamente. Expõe as dificuldades envolvidas e as circunstâncias.

Agora dou-te as minhas saudações, Philip, e já estive aqui a dá-las a ti mentalmente. Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

Com o Philip eu vejo um triângulo. Um homem é mais proeminente. Eu interpreto isto como significando que dois homens estão envolvidos além do Philip, e que um é mais proeminente ou muito mais forte do que o outro. Ele está no ponto forte do triângulo, e tentaria manipular tanto o Philip como o outro homem. O outro homem é mais fraco do que o Philip em força geral.

Dá-nos um momento com isto.

O terceiro homem cairá do triângulo. Ele perderá a sua posição em termos de poder de negociação, ou deixará escapar essa posição. Mas por alguma razão ele perderá, dentro da organização, a força que tem agora. (*[John:] "Este é o homem atualmente forte ou o homem mais fraco?"*)

Este é o homem que está agora na posição mais fraca. Ele perderá até a pouca força que tem agora. Ele parecerá balançar por um tempo, mas a sua sustentação diminuirá.

Outro tomará o seu lugar, em meio a negociações e reposicionamentos. Tu manterás a tua posição; isto é, ela não será enfraquecida. O equilíbrio de poder mudará, no entanto. O homem que tomará o lugar do homem fraco será mais forte do que ele era.

Agora, eu vi, e vejo, a imagem do triângulo, e presumi, Philip, que eras um dos homens envolvidos. Estes três homens, no entanto, podem, em vez disso, estar intimamente ligados às tuas próprias perspetivas, mas se assim for, a posição do terceiro homem, dada até agora como sendo tu, é como eu a descrevi; e se ele não és tu, então a posição dele paralela fortemente à tua.

Os dois homens mais fortes agora, em dois pontos do triângulo, dominarão a força do homem que tem estado na posição principal. Eu tenho visto o triângulo com o homem na posição mais forte no topo ou ápice. Agora o triângulo vira-se e o homem no ápice é rebaixado.

Permite-nos as nossas parábolas, e dá-nos tempo aqui. (*Pausa.*)

Parece haver uma ligação com Chicago, e mais uma ligação com Los Angeles. A ligação de Los Angeles pertence ao homem que substitui o homem fraco. Este parece ser o principal assunto dentro da organização. Um homem tem cabelo branco, outro tem cabelo louro-escuro. Eu vejo óculos e um nariz afilado.

Um é presbiteriano ou episcopal, e o homem fraco ou não tem religião particular, ou não tem dúvidas nem questões fortes quanto à existência. Ele balança conforme sopra o vento. Sob este triângulo imaginário, no entanto, há outros movimentos. Agora tenho as letras R e J. Se estas são as iniciais de um homem, ou as primeiras letras dos nomes de dois homens, não sei.

Há uma mudança de território envolvida aqui, mas mais do que isso, uma mudança de método. A mudança de método envolve discussão sobre filosofias básicas. Estes homens, agora abaixo da estrutura principal, tentam influenciar aqueles de quem falei, mas aqui temos uma roda em vez

de uma pirâmide ou triângulo, pois há pouco acordo mesmo entre os diretamente envolvidos.

Considerando todas as probabilidades, parece agora que o homem no ápice do triângulo cairá, mas, se assim for, ele não compreenderá porquê. Há um homem no teu círculo de conhecidos que será algo instrumental, e, no entanto, tu não o consideras um amigo próximo, e até certo ponto desconfias dele. Mais uma vez, não te precipites, não tens a certeza de quem poderá ter o dedo no gatilho.

A tua própria vantagem surgirá quando o homem fraco cair, pois outro equiparar-se-á a ti em força, e juntos mudarão o equilíbrio. O homem em quem estiveste a pensar esta noite não te trairá. Ele pode esquecer-te. A tua posição dentro da empresa estará assegurada, e tem estado, desde que continues com as tuas táticas de bulldog.

Tu irrita-los, e no entanto fazes-nos pensar. Eles não gostam de ti pela irritação, mas admiram-te porque os fazes pensar, e agora começam a acreditar que os teus pensamentos podem poupá-los em dinheiro e tempo.

Parece haver um mensageiro através do qual estás a enviar as tuas próprias atitudes e a definir os teus termos, e ele só pode ser confiável até certo ponto. O dia 13 do próximo mês é, de algum modo, significativo neste aspeto. Tu estás a ver algumas questões muito claramente, mas outras estás a ignorar.

Há um homem baixo. É difícil descrevê-lo aqui, por causa das associações do Ruburt. A imagem é de alguém elegante, dado a factos de riscas, escorregadio. Esta é a interpretação do Ruburt de um vigarista. Mas o ponto é que não estás a prestar atenção suficiente a este tipo de homem. Ele é fisicamente baixo, e acredito que ou é de cabelo escuro agora, ou foi de cabelo escuro. Ele está separado de ti por duas posições, e conhece o teu mensageiro.

(*[John:] "Ele é amigo do mensageiro?"*)

Ele é conhecido do mensageiro e é superficialmente amigável com o mensageiro, e ele pode (*sublinhado*) ter-te avisado contra ele no passado. Se não o fez, ele foi pessoalmente desconfiado mas não considerou o homem assim tão importante, embora o termo seja relativo.

Agora podes fazer uma pausa e continuaremos.

(*21h42. O transe da Jane foi bom. Os olhos abriram-se ocasionalmente, e o ritmo dela foi bastante rápido em comparação com o habitual. Ela disse que viu o triângulo muito vividamente, e enquanto este*

se virava. Três homens separados estavam nos seus pontos, disse ela, com o mais forte no topo. Ela viu o homem fraco a cair, sendo substituído por outro.)

(*O círculo abaixo do triângulo não estava tão nítido, disse ela, e tinha bordas irregulares. Consistia em muitas pessoas aparentemente a disputar posições.*)

(*O John disse que não podia comentar os dados desta noite, que isso dependia de ele estar ou não no triângulo. No início ele não viu conexões. Eu não estou a tentar fazer um relato da longa e complicada discussão que se seguiu entre os três de nós, enquanto o John discutia a sua empresa, Searle, e as suas políticas internas.*)

(*Especulando sobre um triângulo no qual estivesse envolvido, o John disse que podia ver onde o ponto fraco seria o seu superior imediato, o gerente distrital em Rochester, e o ponto forte seria o gerente regional em Long Island. O John contou-nos que o seu gerente distrital tinha sido convidado a ocupar o cargo de gerente regional recentemente, mas recusou por várias razões; mais dinheiro teria estado envolvido também.*)

(*O elo forte seria um homem chamado Stan, o gerente regional no ápice do triângulo. O Stan está contra a promoção do John. O John sente que há mudanças no ar.*)

(Na 402.ª sessão de 1 de Abril, com o John como testemunha, o Seth tinha previsto uma situação em que o diretor distrital recusaria uma promoção. Eu e a Jane não sabíamos que a situação já se tinha concretizado até esta noite. O John contou-nos também outras confirmações da 402.ª sessão.)

(O John possui uma cópia de cada uma das cerca de doze sessões em que foi testemunha. Ele planeia analisá-las parágrafo a parágrafo e fazer os seus comentários sobre a precisão dos dados de Seth ao longo dos últimos anos, no que diz respeito a John e Searle. O John fará isto em gravação; eu e a Jane transcreveremos as notas e inseri-las-emos no registo para uso futuro.)

(22h05.)

Agora. Acabarás por te tornar, se persistires — e imagino que persistirás — primeiro numa posição como quarto homem abaixo do topo, ou quatro posições acima daquela onde estás.

Acabarás por estar numa posição de domínio na empresa se persistires, mas isto não será hoje nem amanhã, e a empresa terá mudado. Os seus métodos terão mudado.

Agora, dá-nos tempo aqui. Há dois triângulos que se fundiram num só, pois um está envolvido com o presente, e o outro com o futuro.

O triângulo presente diz respeito à interpretação que fizeste, e o teu superior imediato é o homem que cairá.

Mas há também outro triângulo, e este é o significado do símbolo. Eu vejo movimento e mudanças de poder.

No teu presente há o triângulo imediato de que falei. No teu presente há também um triângulo que simboliza aqueles que agora estão no topo da estrutura, e há também movimento aí, e um homem cairá.

Mas ambos estes triângulos conduzem a um triângulo futuro no qual estarás intimamente envolvido, se continuares com as tuas táticas de bulldog.

Agora, isto será algures no futuro, e tu manobrarás da quarta para a terceira posição nas hierarquias superiores da empresa. Eu vejo-te novamente na perna direita do triângulo, e novamente o homem na perna esquerda cairá.

Este é, até agora, o teu destino, no que diz respeito às probabilidades e às tuas próprias inclinações. É aqui que o teu interesse, as tuas capacidades e a tua intenção te levarão, se não mudarem; e a posição tem, por um lado, potenciais, e por outro, desvantagens.

Pois nesse futuro, o homem à esquerda cairá novamente, embora não seja o mesmo homem. Outro, mais forte, ocupará o seu lugar, e juntos equilibrarão toda a estrutura.

Não há dúvida, então, de que se continuares como tens feito (*sublinhado*), acabarás por entrar na estrutura principal de poder. Entretanto, novamente, os métodos da empresa terão sido alterados, e haverá mais inovações, até mesmo em termos de intenção.

Haverá novas aberturas quanto a produtos. Tudo isto depende do triângulo inicial no presente, que descrevi.

Isto é algo que queres mudar. Algo sobre o qual queres ter poder, controlo e direção.

(O John fez uma pergunta a Seth sobre esta afirmação. Seth respondeu:)

Poder, controlo e direção sobre a organização, que é um símbolo de outra coisa; e tu não a aceitarás a menos que a possas mudar, e na verdade, ao mudá-la, torná-la-ás melhor.

Decidiste que fazes parte dela, mas não a aceitarás como está, e se fazes parte dela então tens de a inculcar com esses objetivos e ideais em que tu próprio acreditas.

Não podes aceitá-la de outra forma, e não estás disposto a começar de novo com uma nova organização, pois esses talentos criativos dentro de ti persistem em usar o barro que tens, e depois queres transformar o barro em ouro. E se não te detiveres, terás sucesso.

É um império que decidiste agarrar, e não há necessidade de fingir que está outra coisa envolvida. Provarás o teu próprio poder através do que fizeres dessa empresa, e depois usarás o poder para outros fins.

Também serás destituído, mas nessa altura não te importarás, pois será tarde.

Não estás a pôr todos os teus poderes nisto, no entanto, e mais vale fazê-lo, pois arrepender-te-ás se não o fizeres. Este é o campo no qual decidiste testar as tuas próprias capacidades e força, por isso fá-lo.

A empresa é plástica. Se eu pensasse que poderias fazer de outra forma, então não te daria este conselho em particular, mas tu já tomaste a tua decisão, por isso mais vale canalizares toda a tua energia para isto. És um velho senhor feudal, e a empresa é o teu território. (*Humorístico.*)

Não a deixarás. Não a aceitarás como está, por isso é melhor usares toda a tua energia para te moveres através dela e mudá-la, e se assim decidires, vencerás.

Haverá ramificações, no entanto, no que diz respeito a produtos, e mais vale manteres-te bem informado. Ajudar-te-ia se te mantivesses muito bem informado sobre transplantes, pois há vantagens e possibilidades abertas aqui em termos de fármacos ainda por descobrir, nos quais a tua empresa poderá mais tarde envolver-se.

Tens de canalizar a tua energia para algum lado e usar a tua força em algum lado. Tens de estar comprometido.

Faz pouca diferença se te comprometes com a tua política ou com a tua empresa. Para teu próprio benefício, o compromisso tem de acontecer. A tua energia tem de fluir para fora.

A empresa está lá, irresoluta e plástica, para ser mudada, e na sua mudança poderá afetar muitos outros, e beneficamente. Usa-a então como a

tua tela. A energia dentro de ti tem de ir para algum lado. Tens de a usar. Ela tem estado baralhada dentro de ti há demasiado tempo.

Agora sugiro que façamos uma pausa e depois continuaremos. Devias ter entrado num mosteiro. Tens necessidade de um compromisso ardente —

(O John: "Muito verdade, muito verdade.")

— e hobbies dificilmente são a resposta.

(O John: "O que é que dificilmente é a resposta?")

Hobbies.

(O John: "Ah.")

(22h28. O transe da Jane tinha sido muito profundo. "Ele levou-me mesmo muito longe," disse ela mais tarde. Eu tive finalmente de a persuadir a sair dele, lentamente. Ela não se lembrava de nada do que tinha dito, o que para ela é algo invulgar. Teve especialmente dificuldade em abrir os olhos.)

(Mais uma vez discutimos os dados durante a pausa. O John disse que não havia problema em eu anotar aqui que ele concordava com os dados. Mais uma vez, o ritmo da Jane tinha sido rápido, o seu tom maioritariamente sério.)

(Retoma às 22h44.)

Agora. Agora é o momento de aprender qual é a tua força. Não é o momento de agir.

Quando o triângulo mudar, quando o homem fraco cair e o homem mais forte chegar, então será o momento de agir. (*A Jane apontou para o John para dar ênfase.*)

Agora este é o teu jogo. Estarás a mudar as regras, mas é melhor certificares-te de que jogas o jogo com tudo o que ele vale, e usares as tuas melhores capacidades, pois é o teu veículo de autoexpressão e criatividade.

A empresa poderia tornar-se um brinquedo, e poderias ser tentado a pensar nas pessoas como num tabuleiro de xadrez, e tens de evitar isso.

Agora. Dirigida corretamente, esta empresa pode tornar-se muito mais do que tem sido. Pode beneficiar altamente a humanidade através de novos desenvolvimentos, se esses desenvolvimentos no futuro não forem sufocados e se a administração for voltada para o futuro, procurando novos produtos e novos serviços que possa oferecer.

Os fármacos desempenharão um papel importante nos próximos cinquenta anos, mas aqueles que progredirão serão audazes — audazes tanto na escolha dos homens que representarão a empresa perante o público

como na escolha dos homens que desenvolverão produtos. E esta é uma área que deverias conhecer melhor, pois é disso que a empresa depende.

(O John fez uma pergunta ao Seth sobre estes dados.)

É a escolha dos homens certos, não apenas na organização como vendedores e nas relações públicas, mas também usando julgamento e intuição quanto àqueles homens, num campo totalmente diferente, que criarão novos produtos, novas invenções farmacêuticas, novas ideias. E é aqui que a empresa sofre severamente, por depender apenas do que é já testado e comprovado.

(O John: "Não podia estar mais de acordo.")

Deverias, pessoalmente, estudar mais sobre a área médica. Se possível, deverias acompanhar todas as descobertas médicas, pois o teu conhecimento servir-te-á bem. A tua empresa não sobreviverá, ponto final, a menos que alargue os seus conceitos e arrisque apostar em jovens inventores médicos.

Haverá três descobertas que deverão ocorrer agora, num período de três anos, e se a tua empresa não as agarrar, outras agarrarão. Uma envolverá transplantes e medicamentos mais refinados para permitir aos indivíduos aceitar tecido estranho. Outra será na linha do controlo da natalidade envolvendo o homem. E a terceira envolverá um fármaco útil para o sistema nervoso no que respeita à memória. Haverá uma falha inicial nesta última, um entusiasmo excessivo inicial que será provado falso, e depois uma descoberta genuína.

Deverias estar próximo deste tipo de coisa e prestar mais atenção à base sobre a qual a empresa assenta, ou a empresa será ultrapassada. O teu julgamento das pessoas será uma grande vantagem aqui, mas tens de reunir todas as tuas forças e dizer a ti mesmo que tomaste uma decisão, pois esta é a tua única oportunidade agora, como viveste a tua vida, para moldar uma área forte da realidade. Já não podes usar a tua audácia em navios piratas (*humorístico*), mas tens de a usar, ou isso poderá destruir os alicerces da tua vitalidade. Não gastes a tua energia em passatempos ociosos — eles não te enganam.

Mas certifica-te de que, quando tentares insuflar vitalidade na tua empresa e moldá-la, a moldas para o bem. Tens uma oportunidade — usa-a. É a tua religião (*humorístico*) transformar uma área da realidade. Basta certificares-te de que usas bem as tuas capacidades. Não podes ficar onde estás, pois não o suportarias. (*Pausa.*)

Agora podes fazer uma pausa, se preferires, e deixar o nosso bom Rei Filipe descansar. As tuas energias, como homem, estão investidas nesta empresa, e mesmo como ser humano, sozinho, procuras moldá-la. Então fá-lo à tua maneira. No geral, a tua esposa será mais benéfica para ti do que imaginas. Ela achará a mobilidade social do seu agrado, dar-te-á mais apoio do que percebes, e precisas dessa estabilidade familiar, pois até que isso estivesse satisfeito, não te sentirias suficientemente livre para assumir a tarefa.

Agora, o meu amigo Ruburt não gostará disto e objetará por princípio, mas estou a falar de personalidades e não necessariamente de sexos. A tua esposa sentir-se-á insegura apenas quando sentir que a tua própria confiança está ameaçada. Quando deixares de dar ordens, ela sentir-se-á insegura. Por propósitos inteiramente diferentes, percebes, ambos estarão comprometidos com os mesmos projetos. Podes fazer a tua pausa, e eu ouvirei as vossas discussões.

(23h05. A Jane demorou novamente bastante a sair do transe; mais uma vez ajudei-a, falando com ela e tocando-lhe. Não sabia se isto significava o fim da sessão ou não. Enquanto falávamos sobre os dados e os pontos sobre os quais o John tinha perguntas, o Seth voltou a manifestar-se, aproximadamente às 23h13.)

Haverá um jogo de damas e tu saltarás uma posição, se quiseres fazê-lo. Se entrares numa posição brevemente, para dizer que a ocupaste, e depois saltares para a próxima posição, saberás quando chegar o momento. O outro homem será forte, mas a força dele e a tua reforçar-se-ão mutuamente. Mas ele quererá coisas diferentes, por isso os vossos conflitos serão minimizados. Haverá dois homens a disputar a posição do homem fraco, cada um vindo de áreas diferentes; um deles não conseguirá. Alguém que está imediatamente atrás dele, aparentemente sem poder, impedirá no entanto o seu avanço.

(A Jane estava a falar bastante rápido aqui, e perdi algumas palavras, mas registei a essência dos dados.)

(O John: "Estou confuso.")

O que tens de novo para me dizer?

(O John questionou o Seth aqui sobre os triângulos mencionados no início dos dados e acima. A troca foi demasiado rápida para registar palavra por palavra, e eu disse isso ao John. Ele disse que se lembrava da informação que o Seth lhe estava a dar. Tratava-se da forma como ele

seria promovido. O John estava preocupado com para onde iria depois do triângulo, pois à primeira vista disse que parecia não ter para onde avançar.)

Entrarás com um pé nessa posição por um breve período apenas, e depois, satisfeito o protocolo, saltarás para a próxima posição. Tens de fazer os gestos necessários. Compreendes?

(O John: "Sim." O John tinha mais a dizer do que esta única palavra, no entanto.)

Agora, tens de estar alerta então, e estarás se não avançares antes do tempo, pois fazê-lo colocar-te-ia numa linha desafortunada de competição pela vaga. Será tua por direito quando a tomares, enquanto os outros estiverem a discutir, e tu já estarás para além disso antes que eles cessem as discussões.

Agora há um homem nos seus 50 anos, acima de ti em posição, que tens de vigiar: cabelo indefinido, nem magro nem excessivamente gordo, dedos gordos, pulsos grossos, talvez com pelos — mãos esbranquiçadas, suaves. Ele pode (*sublinhado*) ter sardas, mas do tipo de tez propensa a sardas. O cabelo é cortado à escovinha. Ele não está sediado nesta área, mas mais a oeste. Tu encontraste-o em Chicago. Ele tem pernas curtas. As suas próprias ambições sobrepõem-se a tudo o resto. Embora ele seja honesto quando diz algo, as suas próprias ambições traem-no em inverdades. Ele não é de confiança. Creio que está duas posições acima de ti, e geralmente conheces melhor um homem que está entre ti e ele. As letras L A R vêm-me à mente aqui, e não sei especificamente a que se referem. Creio que o homem é católico, ou altamente religioso de outra forma. Encontraste-o em duas ocasiões em particular, e podes ter trocado palavras com ele em algum momento.

Agora, estou preparado para continuar, Rob, mas sugiro que, se necessário, ajudes o Ruburt a sair do estado de transe. Os meus mais calorosos votos para todos vós, e a melhor sorte ao nosso amigo Filipe nos seus esforços mais sinceros.

(O John: "Obrigado, Seth.")

(*Humorístico:* O teu projeto pode não ser o bom navio Lollypop, mas eu acho-o um divertimento, e para ti pode ser mais do que um divertimento — bem mais, de facto. Será o que fizeres dele, por isso sê claro na tua mente quanto ao que queres fazer dele.)

(O John e eu: "Boa noite, Seth.")

(23h34. Mais uma vez, o transe da Jane foi profundo. Ela demorou algum tempo a sair dele.)

SESSÃO 440
7 DE OUTUBRO DE 1968

(Esta tarde a Jane recebeu uma carta da Pat Norelli, em Boston. Esta noite decidimos pedir ao Seth que respondesse à carta. A Pat anexou à sua carta uma lista de três perguntas de um amigo, o Roger, envolvendo fórmulas matemáticas e pedindo também que o Seth desse o apelido de solteira da mãe dele. Uma quarta pergunta, de uma amiga da Pat, perguntava ao Seth sobre a fé Bahá'í. A Jane leu as quatro perguntas — as fórmulas eram-lhe incompreensíveis — antes da sessão, mas duvidámos que o Seth tivesse tempo para tratar da carta da Pat e das perguntas numa só sessão.

(Assim se confirmou, pelo que estamos a guardar as perguntas para outra sessão. Às 20:55 a Jane recebeu um lampejo que pensou ser do Seth: "A Pat está a insistir em usar o dom da vida de uma certa maneira."

(O ritmo da sessão foi rápido, geralmente enfático, e os transes da Jane foram profundos. Ao longo da sessão o Seth falou diretamente comigo como se eu fosse a Pat, como explica mais adiante.)

Boa noite.

"Boa noite, Seth."

Agora, dedicaremos uma parte desta sessão à nossa querida jovem amiga.

Agora. Tens um propósito digno, forte e valioso, mas não o cumprirás bem enquanto protestares contra o que não tens e ignorares as capacidades, dons e bênçãos que tens.

Não descobrirás o propósito e o sentido da tua vida quando insistes que ela siga certos caminhos conscientemente predeterminados, e enquanto te concentras no que não tens. Isto esgota-te a energia e embota as tuas intuições. Estás, de facto, obcecada com a ideia de casamento e com amor masculino, mas, como o Joseph referiu, isso é apenas um sintoma.

Por baixo está a causa real, e esta causa básica está por detrás de todas aquelas que anteriormente te apontei, no teu próprio passado.

Não estás a aceitar a vida nos termos da vida, como indivíduo. Estás a exigir que ela se comporte de certas maneiras e siga cursos que definiste conscientemente, e estás a recusar aceitar de bom grado a vida como vida, como a sua própria razão e causa dentro de ti.

Essa ideia de que deves *(sublinhado)* encontrar um homem que te ame a ti e só a ti é uma cobertura para ocultar essa recusa mais profunda de aceitar a vida nos termos da vida. Há aqui um aspeto cultural de que não te dás conta, e que considerarias abaixo de ti.

É um conceito superficial, como se a tua individualidade, mérito e valor só fossem ativados se tiveres uma relação sólida de sexo, amor ou casamento. A tua sobrevivência, as tuas capacidades singulares e o teu propósito existem completamente à parte disso.

Podem coexistir com isso, mas não podem existir se insistires que tal relação é a condição mediante a qual aceitarás a existência. Estás a dizer "A menos que a existência cumpra os meus termos, não existirei", e ninguém tem o direito de se opor assim à sua própria vitalidade inata e à alegria de viver que tem dentro de si.

Uma vez que aceites de todo o coração a vida nos termos da vida, então poderás de facto encontrar aquilo que procuras, mas não enquanto o impuseres como condição para a continuação da existência nesta vida. Não tens o direito de fixar tais termos, tal como uma flor não insistiria num chão ensolarado e num lugar preferido no jardim como pré-requisito para a sua própria existência.

Estás a amuar. Estás a discutir, e ao fazê-lo cortas-te da alegria e da vitalidade que tornam a vida digna de ser vivida. O teu próprio propósito pode e fará da vida um prazer diário quando deixares cair as tuas condições. Esqueces o que tens — saúde física e vitalidade. Esqueces o teu intelecto, que é bom, e as tuas intuições. Muitos não são abençoados com isto.

Agora. Não os podes perverter tentando forçá-los a servir propósitos que definiste como condição de existência. Tens de viver na fé de que o teu propósito é e será cumprido, está a ser cumprido e será cumprido. Tens de viver na fé de que tens tal significado e propósito, ou não estarias aqui.

A singularidade que é a tua própria personalidade deve ser acarinhada. Ela tem *(sublinhado)* um significado. Não tens mais direito de a esmagar do que tens de esmagar uma flor. O propósito particular da tua personalidade presente *(sublinhado)* só pode ser satisfeito nas circunstâncias presentes, da maneira que for melhor no geral. Os desafios podem ser enfrentados noutra altura e noutra vida, é verdade, mas as pessoas particulares a quem podes ajudar e o bem particular que podes fazer nunca poderão ser feitos exatamente *(sublinhado)* do mesmo modo.

Ao negares a vida a ti própria acabas por negar a vida aos outros. Agora, gostaria que esta sessão estivesse gravada para que me pudesses ouvir, pois tenho-te, como o Ruburt tem, perto e com carinho como amiga. Mas estás destinada a interpretar mal o que digo em algumas sessões, e, portanto, cumpre-me falar mais claramente. Tu não percebes agora, não te deixas perceber, a beleza e a realidade complexa do teu ser. Não te deixas perceber a espontaneidade e a explosão jubilosa que é o teu eu interior, que resulta nesta personalidade humana presente a que chamas "tu". Nem o esforço e a energia criativa que foram investidos na tua feitura e que cantam dentro do teu ser como a primeira manhã da criação.

Ergues-te contra tudo isto, contra a essência da vida e da alegria e da vitalidade, e voltas-lhe as costas com a desculpa mesquinha: "Se uma pessoa não me ama numa relação homem-mulher nesta vida, então eu ameaço destruir-me a mim própria, e estilhaçar a forma que contém o espírito, e estilhaçar a forma como um copo lançado ao chão, como uma criança em birra." *(Voz mais alta; muito enfática e rápida.)*

Agora, tens potenciais, e há pessoas a quem estás destinada a ajudar. Isto não há de ser uma tarefa sem alegria. És tu quem a está a tornar sem alegria. Não podes rejeitar a vida e ser jubilosa.

Agora digo-te isto para limpar o ar e mostrar-te que as tuas condições não serão cumpridas enquanto as mantiveres como condições. Só quando aceitares a vida e não mantiveres condições…

Agora. Falando praticamente, tens de parar de insistir no amor pessoal homem-mulher como condição de existência. Tens de aceitar a vida nos seus próprios termos com a fé de que a tua vida agora tem um significado e uma beleza e um propósito. Consegues fazê-lo, e eu sei que consegues fazê-lo. Então começarás a ver o significado na tua vida que sempre lá esteve, e o propósito e a alegria que não tens conseguido preencher.

(De novo, o parágrafo acima foi proferido muito alto e enfaticamente.)

Homens e mulheres honraram e amaram jubilosamente o entardecer e a madrugada, e escutaram o pulsar do coração dentro deles, com bênção e alegria, sem terem um centésimo das tuas bênçãos ou um terço da razão para ansiar por outro dia, e cumpriram-se e trouxeram alegria a outros. Aceitaram a vida nos seus próprios termos e, ao aceitá-la, ficaram cheios de graça, uma graça que nasce de dar à vida tudo o que tens.

A tua personalidade básica nesta vida é aberta. Estás a tentar fechá-la. Ela estende-se a todo o tipo de pessoas, para lá das linhas sexuais, e estás a tentar contê-la. Sentes necessidade de um grande amor, mas tens o grande amor e não o percebes. Estás a tentar torná-lo seguro. Estás a tentar esconder-te nos braços de um homem.

Consegues chegar a ambos os sexos, particularmente no ensino, e, desta forma, tens dons para ambos, e são dons espirituais e psíquicos. Ainda não os compreendes, por isso voltas este grande amor para dentro, tentas estreitá-lo e fixá-lo numa única pessoa que então retribuirá — e, no fundo, não te importa quem seja essa pessoa. Em vez disso, o teu amor é muito amplo e profundo. Pode ajudar muitas pessoas, pois é desgeneralizado e vasto, e trará muita satisfação e prazer ao mesmo tempo que ajuda outros. Mas não deves insistir em nenhuma condição como pré-requisito de existência. Não estou a dizer que não terás o que queres, repito, mas enquanto mantiveres o desejo como condição de existência, não o terás.

Agora. Ruburt — *(depois, para mim:)* estão cansados os teus dedos? "Um pouco." Podem fazer um intervalo.

(9:45. O ritmo foi rápido e enfático, com ocasionais efeitos vocais ligeiros. O transe da Jane tinha sido profundo. De facto, ela não saiu completamente dele durante o intervalo. Sussurrou-me: "Ele está a manter-me sob durante o intervalo."

(A Jane levantou-se para um cigarro, movendo-se com cautela. Os olhos continuavam muito escuros e luminosos — um sinal seguro do estado de transe. Nada disse. "Estou assim meio-meio, acho eu", disse. "Ele só está a parar por causa dos teus dedos. Isto é um bocado louco. Querias descansar, mas vejo que estás a escrever."

("Sim, mas estou a levar com calma." Quis registar estas notas, embora a mão estivesse algo crispada.

(Como já referido, ao longo da transmissão o Seth falou comigo diretamente, como se eu fosse a Pat. A Jane retomou do mesmo modo rápido e enfático, meio alto, às 9:52, assim que eu disse que estava tudo bem.)

O próprio Ruburt há muito que sabe que tens grande vitalidade, mas tens andado a cortar-te das tuas próprias capacidades, e de ajudar os outros em grande medida por causa desta preocupação.

Ela cega-te. *(Pausa.)*

Agora agarraste-te a esta preocupação particular, mas o que seja, no fim, não faz diferença. Poderia ter sido outra coisa qualquer. Há pessoas que sentem que a existência é destituída de sentido sem riqueza. Agora, isto soa-te idiota. Há pessoas que se suicidaram porque estabeleceram a riqueza como condição de existência. Elas foram incapazes *(sublinhado)* de apreciar uma relação de amor por causa desta preocupação, e tu tens estado indisposta a apreciar o verdadeiro milagre da tua existência por causa da tua preocupação. *(Alto.)*

Se cada célula definisse as condições da sua própria existência, não terias um corpo. As condições cegam-te para o que é a vida, até para o equilíbrio e desequilíbrio milagrosos do físico e do não-físico que te permitem pensar e respirar. Esquece as tuas condições e perceberás o significado da alegria dentro da tua própria vida.

Agora, minha querida jovem amiga por quem tenho grande afeição, não há outro caminho. A vida tem de ser aceite. Não és tu quem define os termos. Tens valor, és única e gloriosa, quer sejas amada por um homem quer não. Tens um propósito e cabe-te cumpri-lo, quer sejas amada por um homem quer não.

Quando deixares de manter isto como condição de existência, então poderás muito bem ser amada por um homem. Mas ninguém estabelece as condições, nem faz beicinho num canto, nem ameaça suicídio sem atrair dificuldades severas. O Ruburt ridicularizou a ideia convencional de um

deus que diz “Faz o que eu quero que faças ou destruo-te”, e, no entanto, tu dizes à vida “Dá-me o que eu quero ou eu ameaço destruir-me”.

Agora. A resposta é não. Quando compreenderes a minha ideia de vida, então não te destróis de forma alguma. Não dás por adquirido que na próxima vida resolverás os teus problemas. Dás por adquirido que esta forma e esta personalidade, como todas as tuas outras personalidades, são únicas, com um propósito que só elas podem melhor *(sublinhado)* realizar.

És o teu próprio eu interior, é verdade. Definiste os teus próprios problemas, mas a força vital não é inteiramente tua. Decidiste fazer certas coisas com a vitalidade e a vida que te foram dadas, que fluem através de ti, mas não é teu direito pôr fim a qualquer personalidade dada. Roubas aqueles a quem poderias ter ajudado e negas o êxtase que é o direito natural do teu ser.

Agora falo contigo honestamente, e embora possas achar as minhas palavras duras, são proferidas com amor e compaixão, e com *(sublinhado)* compreensão dos teus pensamentos mais íntimos. A tua salvação reside em abandonares o amor pessoal masculino e o casamento como *(sublinhado)* condição de existência. Porque muitas vezes me interpretas mal, repito: isto não significa que não encontrarás tal homem e tal relação. Mas significa que não o encontrarás enquanto o mantiveres como condição de existência.

(Voz forte e poderosa:)

Quem somos qualquer um de nós para fazer tais exigências? *(Mais alto.)* Todo o desenvolvimento da tua individualidade e do teu eu inteiro é um dom do Todo-O-Que-É; um estado de graça é a aceitação da vida e da vitalidade e da alegria. Vive então dentro dele!

(Olhando para mim:)

Estou a falar tão diretamente como se a nossa amiga aqui estivesse, porque o rapport emocional é mais forte e, se me perdoas, Joseph, quando olho para ti, percebes, estou a ver a nossa amiga em vez de ti. Queria impressioná-la com o facto de que a sua existência será mais jubilosa do que pode imaginar, mais produtiva e gratificante, quando deixar cair estas condições. Agora, toda a resposta ao dilema dela está nesta sessão, e ela deve compreender que é capaz de fazer o que sugiro, e que as alegrias e recompensas irão além das suas *(sublinhado)* expectativas presentes.

Há tal preocupação com o que ela não tem que fica completamente cega ao que tem. Agora, quando receberem a reação dela a esta sessão, faremos outra. Sabei que ela é amparada e amada, e que a própria vida a sustentará, e deixai que as exigências sobre a vida se escoem como areia entre os dedos.

Não há outro caminho, e nunca houve. A vida aceite nos seus próprios termos revelará segredos de alegria, paz e exuberância. Não a podeis coagir. Não a podeis forçar, nem podeis fixar condições.

Agora podeis fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirdes. “Faremos um intervalo.”

(10:15. O intervalo mal durou um minuto. O transe da Jane era muito profundo. Ela tentou tossir. Sentou-se em frente do sofá, onde eu estava; na sua cadeira de baloiço, como de costume. Os olhos não se abriram. “Rapaz, se ele alguma vez esteve aqui”, disse, referindo-se ao Seth. “Senti como se ele tivesse a Pat cravada nesse sofá.”

(Retomar a sessão então às 10:16.)

Agora. O Ruburt, veem, no passado estava a estabelecer condições. *(Para mim:)* Aguentam os teus dedos? “Por um bocadinho.” Ele seria um escritor famoso, nos seus próprios termos *(sublinhado)*, ou não aceitaria a vida com alegria. Limitaria as formas pelas quais a vida se expressava através dele, ou, por vezes, sentia que não funcionaria de todo. Seria romancista e poeta, como condições da sua existência feliz, da sua existência jubilosa, ou não funcionaria naturalmente.

Tentaria limitar as suas capacidades se elas não concordassem com as suas ideias pré-concebidas. Se não pudesse ir pelo seu próprio caminho, não iria, e assim abrandou-se.

Aprendeu, e ainda está a aprender, e assim também a vossa amiga tem de aprender. Não pondes condições à vida. Esta é a maior lição que alguém pode aprender. Basicamente, basicamente, não há outra, pois esta inclui todas as outras.

Façam o intervalo.

(10:23. A Jane sussurrou-me: “Ele ainda está a passar.”)

A vitalidade, a alegria e a criatividade movem-se através de todos vós espontaneamente se *(sublinhado)* não ergueis barreiras em termos de pré-conceções e condições; e todos os vossos desejos serão satisfeitos, mas nunca quando os estabelecerdes como condições para a vossa existência. A vida que está em vós só conhece estes termos: desenvolvimento contínuo não predeterminado, expansão; não fluirá por padrões ou exigências predeterminadas.

Pode preencher-vos a vós e aos outros, e trazer-vos um cumprimento inimaginado, mas nunca quando tentais forçá-la a seguir certas direções. Quem sois vós para ameaçar a vitalidade e a vida?

(Pausa. A Jane fitou-me durante tanto tempo que pensei que a sessão tinha terminado.)

(“Boa noite, Seth.”)

(Em voz alta, com um sorriso:)

Bem — eu não disse boa noite. “Ah.”

Quero que saibas que o Ruburt está agora, finalmente, a aceitar a vida nos seus termos, e esta é a razão da sua recuperação. Foi ajudado por outros, e as ideias de Ford e de Edwards são bastante legítimas.

Agora sugiro que a nossa amiga contacte o Edwards, e o Ruburt pode explicar as razões em vez de ocupar tempo de sessão com isso. Essas pessoas, à sua maneira, são curandeiros espirituais peritos. Eu sou professor. Eles são muitas vezes mais gentis e compreensivos. Têm, percebes, um à-vontade de cabeceira que, infelizmente, me parece faltar. *(Meio bem-humorado.)*

Eles contactam outras camadas da personalidade, com explicações que são vitais. Não amam menos do que eu, mas são mais pacientes. Estão também melhor apetrechados com certas técnicas no seu campo, tal como eu estou no meu.

Agora, como sabes por certos sinais, estou perfeitamente preparado para continuar por algum tempo, dando-te literalmente toda a informação que possa sobre a condição do Ruburt, ou da tua amiga, mas reconheço que a hora vai adiantada e os teus dedos cansados. Toma a tua própria decisão. Fiz, e estou a fazer, o melhor que posso, por amor à tua amiga. "Acho que teremos de terminar." Desejo-vos então uma calorosa boa noite e, à tua amiga, a nossa jovem mulher amada de agora, a Pat Norelli do Ruburt, os meus melhores votos por um começo, agora, de vitalidade e alegria, ao deixares de lado todas as condições e aceitares a tua vida pelo que ela é e *(sublinhado)* será — uma alegria, uma exaltação para ti própria, e uma ajuda para todos aqueles com quem ainda contactarás. "Boa noite, Seth."

(10:37. O transe da Jane voltou a ser muito profundo, e demorou algum tempo a sair dele. Os olhos abriram-se muito lentamente; falei com ela, etc. O ritmo foi rápido e impetuoso na maior parte do tempo, com mais efeitos de voz do que tínhamos ouvido há algum tempo.

(Indiscutivelmente existiu uma forte carga emocional a operar durante esta sessão e, no seu fim, tanto a Jane como eu sentimos uma grande lassidão, muito invulgar para nós após uma sessão. Durou talvez meia hora. A intensidade da experiência fez parecer que passara muito mais tempo; ambos ficámos surpreendidos ao perceber a hora comparativamente precoce.)

SESSÃO 441
9 DE OUTUBRO DE 1968

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora, vamos deixar para já as sessões das outras pessoas. Tenho estado a par do pedido de Pitre, e sempre que algum dos teus correspondentes estiver em necessidade imediata, farei uma sessão para eles de imediato.

(A Jane recebeu hoje outra carta de John Pitre, Franklin, Louisiana.)

Alguns dos problemas que o Pitre mencionou há cerca de um mês já se resolveram por si mesmos, mas teremos uma sessão para ele. O Ruburt não precisa sentir-se tão responsável nesses casos.

Agora, ele tem chegado cerca de dez minutos atrasado à hora da sessão, e penso que a razão é bastante óbvia. Foi também por isso que ele sugeriu começar uma sessão mais cedo (*esta noite, à hora do jantar*), embora ele próprio não soubesse disso; e, de qualquer forma, o que sugeriu, nos termos normais, não era realmente o que queria. Isto foi, da parte dele, simplesmente uma tentativa de espontaneidade. O eu espontâneo insurgiu-se contra o que considerava ser a rigidez de começar uma sessão a uma hora específica. Então ele começou, astutamente, a fazer com que as sessões começassem depois das nove, e depois sugeriu a hora mais cedo. Isto é apenas um elemento menor e temporário, originalmente porque ele começou as suas aulas de quinta-feira e, portanto, está mais regulado.

Ele percebe que uma hora específica é mais prática. Ele gostou da sessão espontânea de ontem à noite (*para a aula de ESP de terça-feira da Jane*), e tais sessões, embora não acrescentem particularmente ao nosso material, renovam os seus esforços criativos e dão-lhe uma sensação de liberdade. A espontaneidade muitas vezes, embora nem sempre, ajuda a focar as suas capacidades e proporciona-nos um excelente estado de transe. A espontaneidade oferece o seu próprio treino. Talvez tenhas notado que, muitas vezes, quando perdes uma sessão regular, eu realizo uma sessão espontânea na aula.

("Sim.")

Agora, o Ruburt sente, por vezes de forma irracional — pois tu disseste-lhe o contrário — que pensas que ele evita responsabilidades quando falta às sessões. As sessões precisam de regularidade. Precisam também de espontaneidade, e para a natureza dele, eu procuro assegurar

que ambas as necessidades sejam satisfeitas. Isto é para benefício das nossas sessões e para o equilíbrio e eficiência gerais.

Ele sente que, por vezes (*sublinhado*), tu não compreendes a posição dele. Ele sente que tu não percebes que, enquanto ambos estão ocupados quatro noites por semana, ele está altamente envolvido, de forma criativa e psíquica, com o trabalho psíquico — que não é apenas trabalho.

Eu estou aqui agora bastante claramente. Sei mais do que tu sabes, e percebo que iremos atravessar o material que tenho em mente, por isso não me incomoda quando realizo sessões informais, sessões em que o material nem sempre é enfatizado. Mais coisas acontecem nessas sessões do que aparece no registo escrito.

Mesmo com as dificuldades do Ruburt como personalidade, ele agora faz mais uso, embora não se aperceba, das suas energias criativas do que jamais fez. Em grande parte, tu percebes isso, e isso deixa-te mais ansioso pelo teu próprio trabalho e esforços.

Esta foi, em grande parte, a base da tua reação esta noite. O trabalho psíquico com o Ruburt tem uma forte natureza espontânea, e por vezes ele ressente, embora também precise, os horários regulares que tu pareces exigir fisicamente.

Estás à beira de uma descoberta no teu próprio trabalho, e isso deixa-te inquieto, pois sentes isso, mas ainda não o compreendeste. Isto também teve algo a ver com a reação desta noite. Nenhum de vocês percebe totalmente ainda a natureza das energias que estão a trabalhar convosco, que vos dão significado como indivíduos, que vos mantêm juntos e que formam a estrutura da vossa existência diária — o equilíbrio entre espontaneidade e regularidade.

Agora, tu estás preocupado com o nosso material e o Ruburt também. Mas há também uma inter-relação pessoal muito forte entre nós os três, e isso também é importante. Se tiveres alguma pergunta, Rob, sente-te à vontade para a fazeres. Lembra-te de que o elemento emocional está por trás de todas as nossas sessões. Sem ele, não haveria sessões e eu não estaria aqui.

Agora, tu estás a lidar com emoções ao trabalhares nos teus retratos. Algumas das pessoas que pintas são reais, mas tu não as conheces. Trabalhas dentro de horas regulares, mas dentro dessas horas estás a lidar com emoções não regularizadas. Estás a lidar com personalidades, algumas

bem diferentes da tua, e a formar essas personalidades em pinturas. Como sabes, tanto a disciplina como a espontaneidade são necessárias.

Agora, eu conheço-te. Conheço-te muito melhor do que o Ruburt te conhece. (*Sorriso.*) Há coisas que bloqueias. As personalidades por trás das pessoas que pintas andam agora por essa sala tua, e tu tentas colocá-las nas tuas pinturas e tornar-te suficientemente forte para conter a realidade delas — e sentes que o Ruburt não compreende isso. Tu próprio não compreendes tudo, mas sentes a pressão da realidade delas, que quer ser expressa.

Em certos aspetos, o teu trabalho é solitário, e em certos aspetos o trabalho do Ruburt também é solitário, mas vocês reagem de forma diferente a isso. Ultimamente, o Ruburt tem procurado uma libertação espontânea em situações sociais anónimas — a cerveja no bar cheio. No fundo, ele é altamente prático e percebe que tais empreendimentos, para ele pelo menos, não são inúteis nem uma perda de tempo.

Tu queimas e usas energia a um ritmo diferente. Ele consome-a mais rapidamente do que tu percebes. Consideras tais diversões, portanto, até certo ponto, uma perda de tempo, pois não te são tão necessárias — embora até certo ponto, claro, também te sejam.

A tua família, nesta vida, sempre se determinou pela longevidade, e tu geres a tua energia. O Ruburt não. As formas são simplesmente diferentes. Agora, o teu pai geriu-se de forma imprudente. Tu não estás a cometer o mesmo erro. Em muitos aspetos, a tua mãe também foi mais sábia.

Embora as tuas reações por vezes possam ser diferentes, e embora possas não concordar comigo, ainda assim o Ruburt raramente será irrealista ao compreender ou utilizar métodos que sejam altamente práticos, embora nenhum de vocês os entenda necessariamente como tal.

Precisas de tempo para fazer o teu próprio trabalho, mas também é verdade que as intuições e emoções que alimentam o teu trabalho não dependem do tempo e existem totalmente à parte dele.

(*Sorriso.*) Alguma noite teremos de usar o teu gravador, para que não precises de escrever tão furiosamente, e deixar-me falar contigo. Poderás responder-me. (*Humorístico.*) Podes fazer uma pausa.

(Às 21h50, a Jane fez uma pausa, mas estava obviamente ainda em transe.)

("Estás à espera?")

És muito bom a reconhecer os sinais. Vou dar ao Ruburt um descanso também, no entanto.

(21h51. O transe da Jane tinha sido bom, mas ela saiu dele com bastante facilidade. O ritmo tinha sido rápido, olhos abertos frequentemente, etc. Retoma no mesmo estilo às 22h.)

Agora, as nossas sessões ocupam pouco tempo. Se ocupassem o dobro do tempo, ainda assim estarias muito bem servido pelo que retiras delas. O registo delas é que leva tempo, e sobre isso não tenho controlo pessoal. Há a possibilidade do Ruburt conseguir ajuda dos seus alunos aqui para te aliviar, mas não creio que quisesses alguém nas nossas sessões regulares. A digitação rouba tempo ao teu próprio trabalho.

Ainda assim, as sessões também ajudam o teu trabalho, e não podes contar as formas como aprendeste com elas. No entanto, estás a sentir-te pressionado. Isto é para ti, Rob. Portanto, sugiro que façamos uma semana de férias. Desta vez por tua causa, e não por causa do Ruburt.

("Eu não preciso particularmente de férias.")

Parece haver um sentimento de pressão, e não gosto de acrescentar a isso.

("Normalmente dou-me bem, mas não quero que se acrescente nada à nossa agenda.")

Nunca quero que sintas que o teu tempo de trabalho está a ser invadido pelo trabalho de registar as sessões.

("Refiro-me a outras coisas além das sessões, no nosso dia-a-dia.")

(Por vezes, os meus comentários ao Seth são algo crípticos por causa do tempo que leva a falar com ele e a escrever a declaração ao mesmo tempo. Muitas vezes, a base já foi preparada antes da sessão, por isso os comentários breves apenas me recordam do que foi dito anteriormente, sem entrar em detalhe.)

(É o caso aqui: eu e a Jane tínhamos discutido este problema de tempo antes da sessão. Normalmente não tenho grande dificuldade em encaixar a digitação na nossa rotina diária. É verdade que sentiríamos muito a falta das sessões; muita coisa útil para nós pessoalmente desapareceria, mesmo que fosse essa a única razão para as mantermos.)

(Também é verdade que não queremos nada mais acrescentado ao nosso horário atual. Se algo urgente surgir, tentamos acomodá-lo de alguma forma.)

(*Humorístico:* Então retiraremos as tuas férias.)

("Está bem.")

Tens perguntas para mim, que não envolvam material agora, nem outras pessoas?

("Não tive tempo de pensar em nenhuma.")

Interesso-me muito mais por equações de personalidade do que por equações matemáticas. Disse o que pretendia dizer esta noite. Agora podes fazer-me perguntas, ou encerrar a sessão, ou eu começarei algum outro material. Ou podes fazer uma pausa, pensar em perguntas, ou simplesmente descansar, conforme preferires.

("Algumas dessas personalidades sabem que estão a ser pintadas?")

(Aqui eu referia-me à série de retratos, a maioria ainda por terminar, na prateleira do meu estúdio.)

Conscientemente, claro que não sabem. No fundo, sabem que há uma comunicação, mas não percebem que estão a ser pintadas como tal. Na mente de um homem ele já viu a tua imagem, no entanto, e há alguma comunicação telepática a operar nos dois sentidos, mas ambos aceitam os pensamentos como seus.

Este é o homem com o queixo estranho. Tens dois estudos separados dele. Ele tem dois filhos e vive no Nebraska, e curiosamente é um pintor de casas que também quis ser artista. Pinta flores em blocos de notas. O primeiro nome dele é Edward ou talvez Edwin. O apelido, um nome estranho com uma conotação estrangeira: Z E N O (*deletreado*) é o mais próximo que consigo, embora creia que seja apenas a primeira parte de um nome maior. Zeno-Mythlin (*o Mythlin é a minha versão fonética do nome que a Jane pronunciou, algo hesitante*). Pode ser dois nomes, talvez com um hífen. Edward Zeno-Mythlin, ou um nome sendo um nome de família.

Captaste-o, por assim dizer, por associação pessoal. Ele também queria ser artista. Tem tendências violentas que não compreende, geralmente bem escondidas. O queixo é um subterfúgio, pois parece fraco.

("Quais são esses dois estudos?" Queria ter a certeza.)

Dois pequenos quadros na tua prateleira. Ambos são do mesmo homem. Um é mais de perfil do que o outro. O Ruburt sabe. Ele reparou neles e não gostou deles. Não gostou da pessoa.

("Está bem.")

No entanto, há uma grande luta dentro da personalidade, mostrada nos esboços — uma natureza infantil que, ainda assim, tem capacidades e luta para as usar. O homem lembra ao Ruburt, em termos de personalidade, a

tua mãe, daí a sua aversão a ver essas características tão semelhantes num retrato masculino e mais jovem.

(Naturalmente, achei tudo isto bastante interessante. Eu não tinha consciência de nada disto enquanto fazia os dois pequenos esboços a óleo em Setembro de 1968. Agora sabia a quais o Seth se referia; curiosamente, nunca pensei neles como sendo da mesma personalidade. Não creio que tenham semelhanças marcantes, embora, de forma geral, possam ser do mesmo tipo de pessoa. Depois da sessão, a Jane disse-me que soube logo, depois de eu os ter terminado, que eram da mesma pessoa; ela dava isso como adquirido, achando que eu sabia também.)

(Na verdade, cada esboço, talvez com dez centímetros quadrados, foi feito para resolver problemas técnicos que me preocupavam na série de retratos que estou a pintar. Cada um foi bem-sucedido à sua maneira e abriu várias portas. Acrescento que fiquei algo surpreendido com a facilidade e o sucesso destes dois esboços.)

Isto é também outra razão pela qual escolheste, entre aspas, esta personalidade, por associação. Dá-me um momento. Não tenho a certeza do que procuro aqui. Uma mudança na condição do teu pai, no sentido de que a estabilidade da sua condição não é como supões. (*Pausa.*)

Ele está bem consciente da vitalidade da tua mãe, e ela está bem consciente, subconscientemente, de que a sua vitalidade ainda o incita a uma espécie de reação. Ela continua a atuar como um estímulo, como sabes. De certa forma, ela força-o a ficar quando ele gostaria de partir, e quando os pensamentos dela não estão fortemente com ele, ele tentará afastar-se mais.

Ela não o deixará acabar aqui, e ele ressente-se disso quando ela o desperta. Mas ele ainda sente excitação pelos pensamentos dela a seu respeito, bem como pelas visitas. Agora, à medida que ela imagina mais vividamente a vida sem ele, este estímulo enfraquecerá. Ela está agora a imaginar vividamente a existência sem ele. Por um lado, podes dizer que ele está a enfraquecer proporcionalmente. Por outro lado, ele está a libertar-se proporcionalmente.

(No momento desta sessão, a mãe está a visitar o meu irmão Loren em Tunkhannock, Pennsylvania, durante algumas semanas, e não pode visitar o pai no lar do condado em Burlington, Pennsylvania.)

As lutas dele com as enfermeiras (*que são violentas*) são lutas para escapar a laços físicos e para se afastar. Ele não usou a sua vitalidade na

vida adulta de forma alegre, plena ou explosiva, nem no trabalho, nem no propósito, nem na família. Por isso, ela persiste, e ele não consegue desligar-se dela. Ele dosou-se por ciúmes da sua energia, de modo que ela sobreviveu-lhe. Não foi focada no trabalho. Ficou desfocada.

Agora, porque não foi usada, sobrevive-lhe. Ele manteve-a isolada, teve ciúmes dela e não lhe permitiu alegria nem liberdade.

(Às 22h29) Ele está com alguma dificuldade neste momento, agora, segundo a tua definição de dificuldade. Ele está a tentar partir. Ele tinha ciúmes de todos (*sublinhado*) os seus filhos, não porque a tua mãe parecesse preferi-los, mas porque via a sua própria energia e força vital a dar independência de formas que ele não podia controlar. Ele agora compreende melhor, mas ainda fica com o dilema de se libertar completamente e começar de novo.

Ele renascerá como mulher. Isto ele já decidiu. Tornar-se-á, portanto, mais consciente da natureza espontânea da criatividade, pois dará à luz filhos. A tua mãe e ele, apesar de todas as dificuldades nesta vida e em vidas passadas, têm uma relação profunda. Voltarão a encontrar-se sob circunstâncias diferentes, mas não nos mesmos termos.

Os sexos serão invertidos e a tua mãe será um excelente marido. O teu pai foi duas vezes homem, consecutivamente. Ele adoptará o papel feminino, que é mais natural para a sua personalidade, e sentir-se-á mais à vontade com funções criativas a nível espontâneo. A tua mãe foi mulher agora duas vezes seguidas, e sente-se desconfortável, e será muito melhor como homem. A experiência do amor maternal fez muito, no entanto, para equilibrar uma natureza demasiado agressiva.

O teu irmão Richard, e também o Loren, estão a passar por experiências necessárias como homens. O Loren em particular, apesar de vidas passadas masculinas, é fortemente feminino, e a tua cunhada está a passar pela sua primeira encarnação como mulher.

Longe de mim dar cabeças inchadas ao Ruburt ou a ti, mas nos vossos casos vemos os aspetos masculinos e femininos bem equilibrados, uma das razões pelas quais esta é a vossa última encarnação. Estes elementos são altamente instáveis e cada personalidade trabalha-os individualmente.

Tens o impulso de pensar no masculino como disciplinado, no entanto os elementos masculinos brutos são agressivos de forma irreflectida, e os elementos femininos brutos são criativos de forma indiscriminada.

(Pausa.)

Agora, o teu pai poderia morrer esta noite. Não creio que vá morrer. Mas a atenção da tua mãe está completamente afastada dele neste momento, e ele tem procurado tal oportunidade. O jovem rapaz a quem ele tem estado a ajudar já não precisa dele.

(Ver a 398.ª sessão, 11 de Março de 1968, no Volume 8.)

Ele nunca serviu, verdadeiramente, como imagem masculina para ti ou para os teus irmãos. Ambos os teus pais, infelizmente nesta vida, serviram como imagens femininas não complementares. É por isso que confias nas qualidades masculinas do Ruburt; porque o Richard escolheu uma família em que se casou onde os homens têm sido dominantes, e porque o Loren escolheu para esposa uma mulher com mais vitalidade do que ele.

Esta nora em particular dos teus pais finge, ou sobrepõe, uma caricatura de características femininas convencionalmente aceites para esconder as qualidades masculinas básicas. A filha deles sabia disso. Ela procurou proteção no marido actual, que está em posição de lha dar.

(Às 22h45) O teu pai está agora a esforçar-se muito para escapar, mas a tua mãe está neste momento a voltar os seus pensamentos para ele, alarmada. (*Pausa.*) Cinco pessoas estão a segurá-lo. Quando ele pragueja e é agressivo, pensa que está a mostrar essas características masculinas, percebes. A tua mãe está agora a chorar para a Betts, e pode ainda retê-lo.

Ele vê diante de si as pessoas que conheceu. De certa forma, ele está feliz. Pode mostrar a sua natureza agressiva, que é basicamente a sua natureza criativa, mas não tem de lidar com ela. Outros restringem-no. Ele não aprendeu a diferença entre violência e criatividade, embora estejam intimamente ligadas, e tem medo da semelhança.

Ele tinha (*sublinhado*) mais ciúmes de ti. Ainda farás um retrato dele, pois ainda não consegues evitar o assunto. Estão cansados os teus dedos?

("Sim.")

Então faz uma pausa. Podes encerrar a sessão ou eu continuarei nesta linha. A decisão é tua.

("Bem, vamos começar por fazer uma pausa." 22h51)

Eu também conheci algumas das tuas pessoas, percebes. Agora. A certa altura — agora, a certa altura, a mãe do Ruburt e o teu pai eram partes da mesma entidade.

(22h52. Pensei que era o fim da sessão. O transe da Jane estava obviamente profundo e comecei a incentivá-la a sair dele verbalmente.

Depois de algum tempo, ela começou a falar comigo, lentamente, mas dava todos os sinais de continuar a sessão por conta própria, e de forma altamente emocional, como na 435.ª sessão de 11 de Setembro de 1968. Quis evitar isso; mesmo enquanto ela me dizia que o Seth a protegia, começou a gemer, de olhos fechados, e a falar sobre o meu pai.)

("Há cinco pessoas a segurá-lo agora. Ele está a debater-se, a lutar… há outra enfermeira lá, uma diferente…" Eu persuadi, falei, sacudi-a e ordenei-lhe que saísse do transe. Fiz-lhe pôr os óculos, beber vinho, andar por aí, etc. A Jane disse que não teve visões do Pai; não houve projeções, etc. "Apenas uma sensação vaga.")

(E através de tudo isto, surpreendentemente, não senti nada pelo Pai — nem tristeza, nem raiva, nem alegria — apenas que ele tinha escolhido o seu caminho há muito tempo e que o veria até ao fim, independentemente do que os outros pudessem fazer.)

(A Jane tinha retomado o seu lugar. Fiquei algo alarmado ao vê-la retomar abruptamente a sessão, como Seth, às 23h05.)

Bem. Compreende que o principal poder da personalidade do teu pai já está noutro lugar (*pausa*) e está simplesmente à espera desta parte errante. Uma parte, portanto, do fragmento da personalidade actual do teu pai compreende isto.

Agora, o Ruburt tem ultimamente permitido mais liberdade às suas capacidades e, como em qualquer empreendimento, cometerá erros, e deve esperar por eles. Esta noite não estão envolvidos erros. Se ele não usasse as suas capacidades, obviamente não cometeria erros, mas este não é um bom argumento. Ele está (*sublinhado*) melhor comigo do que sozinho, e no entanto deve também trabalhar sozinho para desenvolver as capacidades. Elas tornam-se mais precisas à medida que são usadas.

Vim agora para estabilizar o sistema dele, pois o conteúdo do material assustou-o. Agora presumo que queiras encerrar a sessão. As circunstâncias foram boas esta semana, razão pela qual tivemos três sessões. Em outras ocasiões, as circunstâncias não são boas. Tens perguntas?

("Acho que não, Seth.")

(Esta semana, a Jane também realizou uma longa sessão para a sua aula de ESP de terça-feira à noite.)

Terminaremos então a sessão. Os meus mais calorosos cumprimentos para ambos. Estas sessões são tão benéficas quanto aquelas que contêm

material mais abstrato; embora o material nunca fique em segundo plano, isto é também uma forma de aprendizagem.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

(23h12. Surpreendentemente, a Jane saiu rapidamente e facilmente do transe, e sentia-se bem. E, claro, o meu pai não morreu esta noite.)

SESSÃO 442

14 DE OUTUBRO DE 1968

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Tenho várias observações a fazer. Primeiro, a decisão do Ruburt de não falar à turma do Dr. Freudenberger foi uma boa decisão neste momento (*sublinhado*). Não há razão para elaborar aqui. *(Ver a 439.ª sessão, 30 de Setembro de 1968.)*

Outra melhoria, considerável, poderá ser esperada em breve na condição física do Ruburt, e creio que uma notícia bastante inesperada relativa a um livro.

Há vários pontos que gostaria de abordar relativamente à identidade psicológica. Apenas para efeito de analogia, agora, imagina o teu eu actual no centro de um círculo de espirais infinitas. És tu mesmo, e ainda assim uma das espirais que formam o círculo. És um vórtice para o círculo. Não precisas de o contactar nem às outras espirais, no sentido em que já pertences a ele.

O mesmo se aplica a outras partes da tua entidade, se considerares qualquer outra parte como sendo o vórtice do seu próprio círculo. Em quaisquer investigações ou empreendimentos psíquicos, muitas vezes receberás assistência e apoio daqueles outros que compõem o círculo do qual fazes parte.

Agora estou a falar de forma simples, pois estou a falar de um círculo como o entendes em termos tridimensionais, mas há mais profundidades e dimensões num círculo do que podes imaginar quando pensas, por exemplo, num globo; e assim, claro, nesta analogia a identidade tem outras dimensões que não aparecem.

Dá-nos um momento com isto. (*Pausa.*) Existem pontos ou identidades mais facilmente alcançáveis a partir de qualquer ponto de vista dentro de tal estrutura multidimensional. (*A Jane desenhou no ar, de olhos*

abertos.) Imagina uma superestrutura de um círculo, montada como uma tarte, exceto que cada segmento é também em si mesmo um globo, e que esta estrutura é em si mesma uma estrutura exterior, o equivalente multidimensional da crosta da tarte ou da pele da maçã.

Agora, a circunferência destes círculos sobrepõe-se e intersecta-se. Nem as dimensões da circunferência ou do raio são estacionárias nos teus termos, pois existem em realização de valor em vez de no espaço, e as suas medições são em termos de intensidade em vez de em centímetros ou quilómetros.

Elas são, em grande parte, mas não inteiramente, auto-perpetuantes, como se as sementes de uma maçã, em vez de caírem ao chão, recuassem para alguma dimensão misteriosa dentro do próprio núcleo da maçã. E ainda assim, por causa das capacidades criativas dessa dimensão misteriosa, mais do que consanguinidade estaria em jogo, pois ela própria poderia fornecer elementos totalmente novos e frescos, a partir dos quais mais criatividade poderia surgir.

Agora, esta é a identidade como geralmente não é conhecida, e nesta analogia reside a verdade da natureza da identidade. Mais tarde compreenderás melhor.

Tu e o Ruburt mudaram desde que as nossas sessões começaram. Eu também mudei. Porque eu mudei, vocês mudaram; e porque vocês mudaram, eu mudei. E cada novo encontro muda continuamente, mas de uma forma que tem a ver com desenvolvimentos, não com continuidade linear simples.

Podes fazer uma pausa e continuaremos depois.

(21h49. A Jane emergiu facilmente de um transe profundo, disse ela. Referiu que não lhe apetecia transmitir mais material emocional no momento. Teve imagens ou visões internas dos círculos e vórtices enquanto o Seth falava, mas não conseguia agora pô-las em palavras. Também mudavam à medida que o Seth continuava a discutir as analogias envolvidas.)

(Os dados no início da sessão sobre uma notícia inesperada relativa a um livro fizeram a Jane lembrar-se de um sonho divertido que teve na noite anterior e que escreveu como de costume: Sonhou que o seu romance de ficção científica, The Rebellers, estava a ser transformado em filme.)

(O ritmo, voz, pausas, etc. tinham sido normais e continuaram assim quando ela retomou às 21h59.)

Agora. Do meu ponto de vista, os teus vários eus reencarnados não são vistos separadamente, mas como a tua personalidade terrena. Os nossos contatos agora não são apenas contatos com Robert F. Butts e Jane Roberts, e é por isso que sempre usei os nomes das vossas entidades. O contato é também com os vossos outros eus reencarnados que atualmente não recordam. (*Sorridente:*) Eu vejo uma parte maior da tua identidade do que tu.

("Sim.")

E quando falo contigo, falo também a outras partes de ti que conheci e conheço.

("O que estás a ver neste momento?")

Neste momento vejo-te, simbolicamente falando, nos teus termos, como a soma das várias pessoas que conheci em vidas passadas como tu, mais o tu que está presente, nos teus termos. Em termos de visão, vejo Rob em vez de Robert. E falo através do Ruburt em vez do conceito mais limitado do Ruburt. Estás a acompanhar-me?

("Sim.")

Agora. A nossa relação, simplesmente nestes termos, é multidimensional. Pois tu também reages a mim inconscientemente com base noutros relacionamentos comigo que não recordas conscientemente.

No futuro, agora que o Ruburt se soltou mais, lidaremos com os teus antecedentes reencarnatórios em algum detalhe. Dá-me um momento. (*Pausa.*)

Em termos novamente da imagem apresentada antes, há vários pontos de referência onde áreas sobrepostas dos vários círculos se penetram mutuamente; e como foi mencionado anteriormente, a personalidade do Ruburt está presentemente numa tal localização psicológica.

O teu reforço é necessário, no entanto, pois ages como um amplificador. Uma das razões é óbvia para mim. A minha própria personalidade, tão simplesmente quanto possível, também representa um tal ponto de referência ou ponto de entrada entre ti, o Ruburt e eu. Porque, mais uma vez tão simplesmente quanto posso explicar, devido às nossas naturezas, foi estabelecido um certo campo de recetividade, e embora as nossas posições mudem, os quocientes dentro dele não mudam.

Agora, os matemáticos não gostarão disto, mas nos teus (*sublinhado*) termos, dentro da imagem do círculo multidimensional, formamos um triângulo. O triângulo é móvel, mas estamos, até certo ponto (*sublinhado*

certo), eternamente aliados. Sempre formámos algo mais do que somos individualmente, nos teus termos.

Agora, isto não é único de forma alguma. Existem inúmeras outras tais situações, e digo *inúmeras*. Comparativamente falando, no entanto, a situação é única.

Agora, dentro da nossa relação como triângulo, dimensões estão abertas e estão constantemente a mudar. Por causa disso, todos nós temos uma liberdade bastante invulgar. Agora, eu sou parte de outro triângulo ainda, que está dentro deste círculo, e através dos meus contatos com este outro triângulo há capacidades, perceções, entendimentos, talentos disponíveis para ti que mal começaste a explorar.

Tu os explorarás (*para mim*) especialmente à medida que o Ruburt faz o seu caminho para fora da sua própria idade das trevas. Um destes desenvolvimentos ocorrerá nas nossas sessões, um em particular através do Ruburt fora de uma sessão, creio eu, e outro deverá ocorrer inicialmente contigo, Rob, ou contigo como principal agente e instigador.

A outra personalidade pela qual o Ruburt tem falado é parte deste outro triângulo. (*A Jane inclinou-se para a frente, atenta e divertida.*) O que te deixa com dois elementos desconhecidos, percebes. Surpresas —

("Estou a pensar nisso.")

— não são surpresas a menos que os seus elementos principais sejam retidos. Digo-te isto para que mais tarde, quando os desenvolvimentos ocorrerem, possas descobrir que, novamente, nas nossas sessões, a base já foi preparada.

A imagem do círculo que te dei destina-se a representar o significado básico da entidade de cada indivíduo. Dentro dela, cada indivíduo é livre. Nos termos mais simples, tentei sugerir através da analogia os aspetos multidimensionais de um eu básico.

Tu dormes, sonhas e acordas diariamente, e sabes que és tu. Assim, na tua vida física, morres e começas uma nova vida, com pouca memória da que ficou para trás, assim como achas difícil recordar os teus sonhos. Através de exercícios podes conscientemente lembrar alguns sonhos. Através de exercícios podes conscientemente lembrar algumas reencarnações.

Se estiveres interessado, dar-te-ei tais exercícios, mas quer te recordes ou não conscientemente dessas vidas tem pouca importância, pois tens conhecimento subconsciente delas. Esta é a tua última reencarnação, nos

teus termos. Na morte, perceberás conscientemente a soma dos teus eus reencarnados. Para mim, isso é a tua personalidade, mas é apenas uma pequena parte do teu eu total. Para mim, é como se tivesses terminado uma vida, percebes. Para ti, parecerá como se tivesses terminado muitas.

Então a integração terá lugar, e perceberás que os vários eus encarnados foram apenas como dias na tua existência atual. (*Para mim.*) Eu falo contigo como Rob, e, sem o saberes, reages como Rob; (*inclina-se para a frente*) pois Robert F. Butts sozinho, ou Jane Roberts sozinha, nunca me teriam encontrado.

Estão cansados os teus dedos?

("Um pouco." O ritmo tinha sido rápido.)

Podes fazer uma pausa e continuaremos, ou encerrar a sessão, como preferires.

("Está bem, faremos uma pausa.")

(Pausa às 22h31.)

O Ruburt poderá ser convidado a ir a algum lugar ou fazer algo, numa quarta-feira em breve, e eu sugiro que ele não o faça. Parece haver uma situação que poderia surgir, que seria altamente desagradável para ele, e portanto para ti.

O pedido ser-lhe-á apresentado de surpresa, e é por isso que te estou a avisar com antecedência, para o preparares. Um carro estaria de alguma forma envolvido, e um provável acidente com outro condutor. Parece ser a época dos acidentes, segundo as nossas sessões.

Um primo parece estar envolvido, embora não necessariamente da tua família. Por exemplo, alguém pode querer que ele fale com um parente, ou visite um. Isto é uma probabilidade. Quatro pessoas estariam envolvidas. Ele só tem de recusar, educadamente.

O episódio ocorreria bastante em breve no vosso tempo, no futuro imediato. Agora estou a procurar algo aqui, difícil de localizar, e dar-te-ei as pistas que puder. (*Pausa.*)

Não conduzas com mais ninguém. A situação pode surgir (*sublinhado pode*) quando outros aqui sugerirem que vás a algum lugar. A situação não parece planeada, por outras palavras. Há um elemento de surpresa. Uma normalidade que poderia apanhar-te desprevenido.

O número 6 vem-me à mente, e o Ruburt, em particular, só deve conduzir contigo. E ambos devem estar atentos mesmo quando conduzem

juntos, numa situação em que vos peçam para visitar, ou ir a algum lado com mais duas pessoas.

Estamos a obter mais deste tipo de informação porque o Ruburt agora a permite, mas como envolve vocês próprios, estamos a aprender pessoalmente a fazer passar essa informação, enquanto com outros já avançámos até certo ponto para além desse ponto, percebes. Isto representa progresso da parte do Ruburt, mas ele ainda precisa de aprender lições que já aprendeu ao dar tais informações a outros. Compreendes?

("Sim.")

Faz uma pausa.

(22h40. A Jane estava imóvel na sua cadeira de baloiço, com a cabeça inclinada para o ombro esquerdo. Tive de a chamar muitas vezes para ajudá-la a sair do transe. Segurava também um cigarro aceso que se estava a queimar perto dos dedos, por isso tirei-lho da mão. Levou muito tempo a persuadi-la e ordená-la a sair do transe. Quando finalmente os olhos começaram a abrir-se, brevemente, mostravam tendência para revirar. Ela corrigia rapidamente essa rotação de cada vez. Quando por fim começou a falar, disse que "não estava realmente aqui, mas também não estava fora do corpo", enquanto transmitia estes dados sobre a probabilidade do acidente automóvel. O transe tinha sido tão profundo que chamámos a isto o fim da sessão. Os dados sobre o acidente automóvel foram totalmente inesperados e não solicitados. A Jane teve a sensação de quatro outras pessoas num carro, connosco, mas não conseguiu ser mais precisa. Os Gallaghers vieram-lhe à mente enquanto discutíamos isto, mas ela não sabia porquê. Um pouco mais tarde, a Jane pensou em Claire Crittenden, que está fora da cidade, novamente sem saber porquê. Naturalmente, após a sessão, insisti com a Jane na necessidade de evitar outros carros, independentemente do motivo apresentado para o uso deles. Sublinhei que não deveria entrar em nenhum carro além do nosso, nem marcar compromissos ou fazer passeios espontâneos com ninguém por qualquer razão. Também decidi ser especialmente cuidadoso na minha própria condução, mesmo quando sozinho. É sábado, 19 de Outubro, enquanto escrevo isto, e até agora nada de preocupante em termos de acidentes aconteceu a nenhum de nós. Todos os dias lembramo-nos de ter cuidado. Tenho sido especialmente cauteloso, mesmo a conduzir para o trabalho, etc. Continuaremos este regime. Um possível passeio que a Jane poderia ter feito com outra pessoa foi evitado quando decidiu não dar uma

palestra à turma do Dr. Freudenberger na NYU em White Plains, Nova Iorque. A Jane tinha sido oferecida uma boleia por um membro da turma de ESP, e isto teria sido numa quarta-feira. Nota que no início desta sessão o Seth concordou com a decisão da Jane de não dar a palestra à turma do Dr. F, sem dizer porquê. Uma nota: Em relação à sua condição física marcadamente melhorada ultimamente, a Jane teve a impressão de que era devido ao seu trabalho com os curandeiros espirituais — Edwards & Co. em Inglaterra.)

SESSÃO 444

30 DE OUTUBRO DE 1968

(Antes da sessão, discutimos vários acontecimentos e previsões recentes que queríamos abordar. Eles não serão listados aqui, mas surgirão na sessão à medida que forem tratados. Nota: A Jane telefonou a Tam Mossman da Prentice-Hall esta tarde.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Para o nosso amigo Ruburt (*pausa; sorriso; olhos abertos*), em termos simples agora. Ele deve saber que o eu Ruburt, a personalidade Jane, não está dividida em unidades altamente especializadas, embora eficazes, como ele tem estado a imaginar.

A Jane não se chama a si própria Jane enquanto escritora; Ruburt em outras ocasiões; Seth em outras ainda, e assim por diante. Não haveria nada de errado num tal quadro, desde que as várias subdivisões trabalhassem bem em conjunto. A personalidade Jane como um todo, nesse caso, ainda estaria integrada, sendo várias partes simplesmente designadas para diferentes tipos de trabalho e capacidade.

Tal arranjo permitiria, de facto, mais liberdade e criatividade do que o habitual. No entanto, não é esse o caso. Em vez de haver um arranjo funcional entre várias partes de uma personalidade, há um arranjo funcional entre muitas personalidades bastante independentes. Elas existem em várias dimensões e todas têm acesso a conhecimentos que a Jane não possui.

Isto não é para diminuir as excelentes capacidades da Jane. Do ponto de vista dela, seria antes uma extensão da sua personalidade para áreas muito além das capacidades da personalidade no seu tempo e espaço.

Eu sou muito mais do que o "melhor eu" (*entre aspas*) do Ruburt. O surgimento do episódio do Ruburt leva-me a falar com a Ruburt nestes termos para que não haja mal-entendidos.

(Na semana passada, numa das suas aulas de ESP, a Jane encontrou-se a falar como Jane, sabendo que o estava a fazer. Houve evidentemente uma forte comunicação telepática/clarividente com outra aluna quando isto ocorreu, pois, como Jane, a Jane, enquanto consciente, descreveu uma certa cena antiga passada em volta de uma fogueira; a Jane e a sua aluna, também mulher, descreveram a mesma cena. A Jane viu claramente a cena e, entre outros factos, percebeu que, naquele tempo antigo, tanto ela como a aluna existiam como homens nessa vida. A Jane tem refletido bastante sobre este episódio.)

Agora. A Jane está correta na ideia que recebeu de mim esta tarde. O Ruburt não possui o meu conhecimento. Eu serei sempre o vosso principal comunicador. As outras duas personalidades (*o* Ruburt *e a entidade do Seth*) estiveram envolvidas a meu pedido, para fins relacionados com o nosso material e os nossos propósitos.

Agora, a propósito do livro do (Nandor) Fodor (*o título será dado no final desta sessão*), sim, Ruburt, existe um Seth (*entonação enfática, inclinando-se para a frente, olhos abertos*), e eu não nasci como um bebé psíquico a partir da tua própria personalidade. Nem fui formado dessa maneira. (*Relaxa, com um sorriso.*)

A ideia do Fodor é que personalidades, aproximadamente da mesma categoria que eu, são de facto legítimas. Ele conclui bem que temos direito à existência, e até possuímos uma certa consciência. No entanto, ele acreditava que éramos porções divergentes da consciência de um médium, que haviam ganho relativa independência.

Agora, esta é uma teoria mais respeitável do que muitas, mas no meu caso não é a correta. Mais uma vez, as teorias de personalidade que são tidas como certas no vosso sistema continuam a confundir-vos. É uma versão altamente simplificada da verdade dizer que eu sou um espírito, nesses termos, embora, nesses termos, eu de facto o seja.

Sou completamente independente da Jane em quaisquer termos que tenham um significado prático nos conceitos geralmente aceites de personalidade. Eu não emergi da personalidade nem da pessoa do Ruburt de forma alguma. Vivi muitas vezes em existência física. Mas, em termos

mais amplos, totalmente inaceitáveis para a psicologia atual, todos nós somos parte da mesma entidade. Compreendes a diferença?

("Sim.")

Agora, o mesmo se aplica ao Ruburt. Sempre tratei o Ruburt por Jane, como sabes. Portanto, o surgimento do Ruburt confundiu a Jane. Sem saber, a Jane sempre esteve ciente da existência do Ruburt. Agora, novamente, o Ruburt não é parte da personalidade da Jane, nos teus termos, nem emergiu dela.

Parte da dificuldade reside no uso das palavras. Para fins de analogia, então, considera (*sublinhado para fins de analogia*) os eus seriais de que às vezes falámos para tornar as questões mais claras. Disse-te uma vez que, nesses termos, eu seria considerado o eu número 6 ou 7 do Ruburt. Devias substituir Ruburt por Jane nessa frase.

(O Seth tratou deste tema há cerca de dois ou três anos.)

O Ruburt, então, seria considerado o terceiro eu da Jane, em termos aproximados. Na analogia, esses eus futuros existiriam noutras dimensões, e normalmente o eu número um, ou Ruburt, estaria relativamente inconsciente da existência ou do conhecimento deles. Neste caso, no entanto, o eu número um é capaz de fazer tais contatos.

Esses eus são cada um completamente independente do outro, tomando as suas próprias decisões como indivíduos, no sentido mais preciso que podes aplicar a esse termo. Seguindo a nossa analogia, o eu número dois da Jane está noutra posição onde o contato não é possível neste momento.

Agora, o Ruburt, comparado com o eu número três da Jane nestes termos, está mais próximo da Jane, tão próximo que a Jane frequentemente aceitou inspiração e ideias do Ruburt sem perceber. O Ruburt é a soma (*sorriso*) do presente... Jane... quero esclarecer isto o mais possível... o Ruburt é a soma das personalidades terrenas, intimamente consciente de todas as vidas passadas.

Ele está temperamentalmente mais próximo da existência física. (*Longa pausa.*) Ele está muito em casa com a Jane, percebes. Como mencionei o eu número dois — e lembra-te, isto é uma analogia — o eu número dois embarcou numa aventura completamente diferente, numa direção diferente, noutro sistema.

Havia certas capacidades e potenciais, sempre presentes, que não podiam ser cumpridos através de reencarnações físicas. Probabilidades que

nunca se tornaram atualidades através de qualquer vida (*pausa*), uma personalidade latente então, que seguiu o seu próprio caminho e, literalmente, nunca foi uma pessoa física. (*Longa pausa.*)

Estes conceitos podem ser apreendidos intuitivamente. Infelizmente, as palavras usadas para os descrever são as mesmas que têm de ser usadas para descrever conceitos atualmente aceites. Em termos espiritualistas, o Ruburt seria o anjo da guarda, percebes.

Sempre tratei a Jane por Ruburt, uma vez que esta é a última reencarnação física. Podes fazer uma pausa.

(21h45. A Jane saiu rapidamente do transe. Retoma às 22h01.)

Agora. Como sabes — e vamos voltar agora ao nome familiar — o Ruburt estava a experimentar um conceito. A estranheza da experiência assustou-o.

(Ver a 443.ª sessão.) Naturalmente, ele colocou conotações emocionais, ou sobrepôs estas à experiência. Ele não terá tais dificuldades à medida que aprende. Obviamente, não houve qualquer intenção de o incomodar, e foi a Jane que ficou alarmada.

Outros conceitos, sentidos com igual intensidade, percebes, poderiam não o ter incomodado, ou ele poderia tê-los achado extremamente reconfortantes. As suas próprias capacidades estavam num nível elevado. As circunstâncias eram relativamente boas, embora algo instáveis; um período de três dias foi particularmente benéfico, razão pela qual parecia que tanto estava a acontecer de uma só vez.

A Jane deveria ser capaz de contactar o Ruburt com bastante facilidade. Foi por causa da experiência conceptual na nossa sessão que o Ruburt emergiu em termos práticos. Mais uma vez, somos todos independentes, com os nossos próprios futuros e passados, nos teus termos. Estamos todos, no entanto, ligados...

(Enquanto a Jane falava em transe agora, tive uma pequena experiência minha. Isto ocorreu enquanto ela falava, e continuei a escrever sem interrupção. Bastante naturalmente, pareceu-me, apercebi-me de que estava a ver uma figura de manto, de pé num vão de porta, mesmo além do ombro direito da Jane enquanto ela estava sentada na cadeira de baloiço, de frente para mim. A figura tinha cerca de um metro de altura, estava virada para mim mas com a luz a vir das costas, pelo vão da porta, de modo que o rosto estava na sombra. Parecia que tinha a capacidade de mudar o meu foco para ver mais da cena. Apercebi-me de que havia outra

figura sentada a uma mesa mesmo em frente à figura de manto, com a cabeça, também sombreada, virada para a figura de manto. Enquanto a Jane falava e eu fazia as minhas anotações, encontrei tempo para fazer um pequeno esboço na margem. O esboço registava apenas a ideia do que tinha visto e anotava a composição, pois achei que daria uma boa pintura. Vi tudo isto a cores: castanhos, vermelhos e amarelos. Não tive tempo de especular sobre quem estava a ver. Em talvez um minuto, a experiência passou. A Jane ainda estava a falar como Seth.)

Cada uma das personalidades vivas na tua própria Terra está ligada. Quando tais contatos ocorrem, digamos entre o Ruburt e eu, então eu recorro a essas ligações e ativo certos caminhos comuns.

Teremos muito mais a dizer aqui numa data posterior. Basta dizer, usando novamente a nossa analogia, que embora tanto o eu número seis como o eu número um sejam independentes, existem certas ligações entre eles, e estas podem ser ativadas.

Basta dizer também que, nesta analogia, o eu número seis é muito mais do que simplesmente um futuro eu número um. Compreendes-me?

("Sim.")

Então, nesses termos, num futuro inconcebível, a Jane não se tornará em mim, nem crescerá para se tornar em mim. Eu não sou o carvalho que a semente se tornará. Nessa altura, nos teus termos, eu serei muito diferente do que sou no teu presente.

(*Pausa.*) Dá-nos um momento. Terei uma mensagem para o teu Tam em breve. Não em ligação com o livro (*sobre o material de Seth*), mas com as suas próprias experiências. (*Longa pausa.*)

Há algo aqui que estou a tentar transmitir ao Ruburt, mas estamos a encontrar algum bloqueio e, por isso, direi a ele noutra altura. Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferires.

("Faremos uma pausa.")

(22h20. A Jane saiu novamente do transe com bastante rapidez. Disse que sabia a que bloqueio o Seth se referia; sentiu-se a "subir" logo antes da pausa. O material que o Seth queria discutir era sobre a Jane e o Ruburt *e a escrita da Jane. A Jane acreditava que era uma extensão do arranjo que o Seth mencionou brevemente na página 124, quando falou sobre a Jane aceitar inspiração e ideias do* Ruburt *sem o perceber. Eu também descrevi à Jane a minha visão durante a pausa.)*

Agora. A voz do Ruburt tem sido, muitas vezes, a voz interior que deu inspiração à Jane.

O Ruburt esteve sempre altamente envolvido com a escrita da Jane, transmitindo verdades intuitivas, e as capacidades psíquicas da Jane foram precisamente o que tornou essa inspiração possível. Não se pode separar a capacidade criativa da capacidade psíquica. Quando a Jane questionou seriamente a sua natureza psíquica, sem perceber, estava também a questionar a base da sua própria criatividade, e isso interferiu com a escrita.

Nesta vida, a Jane sempre foi capaz de utilizar muito bem as capacidades psíquicas, sem o saber. A base do seu trabalho, então, era psíquica. Sem isso, o desenvolvimento para aquilo que chamam de mediunidade não teria ocorrido. No caso do Ruburt — melhor dizendo, no caso da Jane — a personalidade foi capaz de amadurecer o suficiente para lidar conscientemente com mais e mais dados, para permitir que mais desenvolvimentos ocorressem. Caso contrário, por exemplo, eu só teria conseguido comunicar com a Jane nos seus sonhos, ou através do Ruburt.

Estou a dizer à Jane, portanto, que o canal está aberto para a inspiração criativa vinda do Ruburt, e o canal está claro. O Ruburt também pode ser confiável quando é vantajoso interpretar o meu material, embora ele próprio não pudesse originá-lo.

Agora, esta informação deve ser altamente útil para a Jane. O Ruburt, aliás, por vezes transmitiu informações minhas para a Jane. Agora é responsabilidade da Jane (*sublinhado*), como criatura orientada fisicamente no presente, usar ao máximo as capacidades psíquicas e criativas que tem, e, como legado, ajudar outros.

Ela é muito mais do que um canal aberto, por outras palavras. Creio que estamos a tornar-nos muito claros nesta sessão, explicando em termos simples onde todos nós estamos.

Agora. Tu, Rob — falarei contigo como Robert. Tu e a Jane são parte da mesma entidade. Sabes que não és a Jane. A Jane sabe que não é tu. Da mesma forma, eu não sou a Jane, e a Jane não sou eu. Partilhas algumas memórias gerais conjuntas com a Jane, mesmo antes do vosso conhecimento mútuo e apesar da diferença nas vossas idades físicas. Estas memórias têm a ver com acontecimentos nacionais e culturais, por isso são comuns a ambos.

Isto não significa que, por terem algumas memórias gerais em comum, tu e a Jane sejam um único indivíduo. No entanto, um psicólogo chegaria a essa conclusão se a mesma afirmação fosse feita sobre mim e a Jane.

Agora, nós, como partes de uma entidade, temos certas memórias que poderiam ser comparadas às memórias culturais gerais que tu e a Jane partilham, mesmo antes de se conhecerem. Contudo, estas que vocês têm são obviamente sentidas por cada um de forma totalmente diferente, devido aos vossos próprios pontos de vista e assim por diante.

O mesmo é verdade para entidades e várias personalidades que lhes estão aliadas. A tua própria criatividade, a tua pintura, sempre teve uma base psíquica e, no teu caso — voltando à nossa analogia — o eu número 3 tem-te ajudado. O eu número 2 seguiu o mesmo caminho, relativamente falando, que o eu número 2 do Ruburt. É melhor substituíres Ruburt por Jane aqui.

Agora, o eu número 3 tem sido frequentemente a tua inspiração interior, e é possível que não encontres grande dificuldade em contactar subjetivamente Rob.

("Sim.")

Rob é o homem de manto que viste na imagem há pouco.

Acredito que acharás esta sessão útil. Tens alguma pergunta relativa a isto?

("Só depois de reler.")

Então continuarei, farei uma pausa, ou encerrarei a sessão.

("Acho que é altura de terminar, então.")

Terminaremos então. Os meus mais calorosos votos para ambos. Os desenvolvimentos mais recentes representam liberdades benéficas da parte do nosso amigo, e não poderiam ter ocorrido até que o sistema físico tivesse começado a corrigir-se largamente.

("Por que disseste que a Jane voltaria a ouvir falar do Harry Edwards?")

(Ver página 113 da 443.ª sessão, de 21 de Outubro de 1968. O Seth disse-nos que a Jane receberia em breve notícias do curandeiro Edwards, em Inglaterra, logo após ela ter-lhe enviado o seu relatório mensal.)

Acredito que uma carta foi enviada relacionada com a subscrição. Quase nada de relevante.

(A turma de ESP da Jane subscreveu uma publicação do Edwards.)

Os dados sobre o livro tinham a ver com a carta do Mossman.

(Tam Mossman, editor da Prentice-Hall; estão a considerar publicar o material do Seth. Ver a 442.ª sessão, página 107, de 14 de Outubro de 1968. Nessa sessão, o Seth afirmou que a Jane receberia "uma notícia bastante inesperada sobre um livro.")

(Numa carta datada de 23 de Outubro, o Tam Mossman escreveu-nos que o Hans Holzer consideraria fazer a introdução para The Seth Material, desde que fosse listado como coautor. Isto foi bastante inesperado para nós, e a oferta foi recusada. Sabíamos que o Mossman poderia pedir ao Holzer que fizesse a introdução, mas a exigência do Holzer para ser coautor não era algo que suspeitássemos.)

(Ver também as notas antes da 443.ª sessão. Estas referem-se a um cheque de royalties inesperado para a Jane vindo da F. Fell, e eu queria saber se este evento era a tal notícia inesperada sobre um livro. Não achámos particularmente que fosse. No entanto, devido à pressão de outros acontecimentos, o Seth nunca respondeu à minha pergunta sobre isto.)

Os dados sobre o automóvel ainda se mantêm.

("O que achaste dos dados sobre o Holzer?" Fiz esta pergunta demasiado depressa, acabou por se perceber.)

Não consegui clarificar os dados sobre o automóvel. Está ligado de alguma forma a parentes e está de algum modo a formar-se. Está em formação, ainda plástico. Não envolverá os dois juntos no vosso carro, por isso estão completamente seguros aí.

(Ver páginas 111-112 da 442.ª sessão, de 14 de Outubro de 1968, onde o Seth nos avisa para não entrarmos noutros carros. Temos seguido escrupulosamente este conselho desde 14 de Outubro, e até agora não ocorreu nenhum contratempo. Este dado do automóvel era algo sobre o qual eu queria perguntar em particular.)

Não conduzas com o teu irmão. Não é algo que esteja a formar-se dentro da vossa esfera direta, mas algo no qual poderias ser envolvido.

(O meu irmão William, que vive em Rochester, Nova Iorque, vai descer para levar a mãe de volta para casa com ele por uma ou duas semanas, a 9 de Novembro. Recebemos ontem uma carta dele a este respeito. Inicialmente a data tinha sido 2 de Novembro. A ideia de a mãe passar algum tempo com o Dick não é nova, claro, e esta visita específica, adiada várias vezes por causa de uma greve de autocarros, já estava planeada há muito tempo.)

Para cobrir todos os pontos até que a situação se torne mais clara, ainda sugiro que nenhum de vocês conduza com outra pessoa. Quando a situação se desenvolver mais firmemente na linha da probabilidade ou mostrar sinais de desaparecer, avisar-vos-ei.

É demasiado tarde para se envolverem com o livro e essa situação.

("Está bem." Uma resposta surpreendente. Isto deixou-nos a pensar o que o Hans Holzer poderia ter a ver com algo relacionado connosco, de forma significativa.)

Não há nada urgente, percebes. Repito o que disse sobre a saúde do Ruburt, no entanto.

(Ver página 107 da 442.ª sessão, de 14 de Outubro de 1968, onde o Seth disse que uma melhoria considerável poderia ser esperada em breve na condição física da Jane.)

Ele foi capaz de utilizar quantidades invulgarmente fortes de energia no nosso trabalho recentemente, e encontrará a sua energia ainda mais abundante e fiável na escrita, no nosso trabalho e na vida normal. E agora, novamente, boa noite. Tentei esclarecer vários pontos para vocês.

("Boa noite, Seth, e obrigado. Tem sido muito interessante.")

(23h02.

The Unaccountable, de Nandor Fodor, ver página 123.)

SESSÃO 445

4 DE NOVEMBRO DE 1968

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Algumas notas para ti.

Como provavelmente suspeitaste, o conteúdo dos armários tem um significado significativo. (*Sorriso.*) No caso da Jane, agora, eles representam os recursos do subconsciente. (*Para mim:*) De um modo geral, a tua atitude é que queres o teu próprio subconsciente relativamente limpo. Ressentes-te de parafernália não utilizada, por mais bem arrumada que esteja, porque isso te lembra a casa da tua infância.

A parafernália, arrumada em compartimentos ordenados, para ti representava parafernália de natureza subjectiva que se interpunha entre o teu pai e o uso das suas capacidades. A limpeza periódica na qual tu e o Ruburt se entregam é benéfica de vários pontos de vista.

(Nos últimos dias, a Jane e eu temos andado a percorrer o apartamento, a livrar-nos de objetos acumulados raramente ou nunca usados.)

Não quero aprofundar particularmente este tema esta noite, mas menciono-o por causa das atividade recentes. Quando o Ruburt deita fora algo antigo, fá-lo porque sente que pode dar-se a esse luxo. Pode, por exemplo, descartar ideias antigas, mesmo aquelas pelas quais possa ter algum apego sentimental.

Agora dá-nos um momento. (*Pausa.*)

(*Para mim:)* A tua própria criatividade também teve uma base psíquica, e muitas vezes traduziste tal informação para as tuas pinturas sem nunca teres estado consciente de o ter feito. Ergueste o que poderias chamar, vagamente, de um ecrã psíquico para te protegeres na casa dos teus pais. Em várias ocasiões quase te permitiste ver através do ecrã para te tornares consciente, conscientemente, de dados telepáticos recebidos deles.

Numa ocasião tinhas 12 anos, e noutra, já jovem adulto, talvez 17, mas em todo o caso no teu último ano de escola.

(Terminei o liceu em 1937, com 17 anos.)

Ambas as ocasiões deixaram-te em pânico. (*Pausa.*) Durante uma delas, a tua mente estava extremamente passiva. Vejo-te inclinado sobre uma mesa, a ler ou a desenhar, no quarto da frente, no andar de cima.

Aí apanhaste pensamentos da tua mãe, dirigidos contra o teu pai, e a resposta telepática do teu pai. Ambos os teus pais achavam que estavam apenas a pensar um no outro. Nenhum tinha consciência de que o outro estava a receber os pensamentos e a responder-lhes. Estavam, de facto, a manter uma conversa sem falar. O teu pai estava na sala de estar e a tua mãe no quarto. Os teus dois irmãos não estavam em casa no momento do segundo acontecimento.

O mais novo poderá ter estado no quintal. Era no fim do outono ou inverno, início da noite. Apanhaste muito claramente os pensamentos, convenceste-te de que era imaginação, mas sabias muito bem que não era.

A constante linha de conversa desenvolvida pelo teu irmão (o Loren, um ano mais novo do que tu) era, naturalmente, uma defesa para bloquear a constante tempestade telepática. O teu irmão mais novo (William, nove anos mais novo) nunca estabeleceu defesas adequadas, pelo que o seu próprio estado de espírito oscilava, sem controlo, à medida que o clima psíquico variava.

A tua defesa, no entanto, foi criativa. Canalizou a tua capacidade psíquica natural e orientou-a para a arte. (*Longa pausa.*) As crianças eram literalmente tampões entre os pais. Lembra-te, no entanto, de que também havia razões relacionadas com experiências de vidas passadas, e de que todos vocês escolheram essas condições.

Deverás, contudo, sair-te muito bem agora, em períodos de silêncio, em quaisquer experiências telepáticas, pois já não precisas do ecrã e, em grande parte, já o descartaste. O mesmo tipo de acontecimentos ocorre com infinitas variações na vida familiar. Por vezes, as capacidades telepáticas naturais podem ajudar a nutrir as crianças. E lembra-te também de que recebeste muitas impressões de apoio dos teus pais.

Podes fazer uma pausa e continuaremos a sessão.

(21h33. A Jane saiu do transe com alguma facilidade. O ritmo dela tinha sido normal. Disse que, enquanto falava como Seth sobre mim, via-me, interiormente, sentado a uma mesa ou secretária no quarto da frente, no andar de cima, na casa dos meus pais em Sayre, Pensilvânia. Eu não estava sentado a uma mesa de desenho como tenho agora. Isto coincide com as minhas circunstâncias quando vivia em casa. Nos tempos de escola, eu não tinha uma mesa de desenho, mas trabalhava curvado sobre uma mesa de cartas no quarto da frente, no andar de cima, com uma pequena prancha de desenho no colo, apoiada na borda da mesa de cartas. Eu partilhava este quarto com o meu irmão Loren. A Jane esteve muitas vezes nesse quarto, claro, mas não sabia das circunstâncias específicas do meu trabalho descritas agora. A Jane viu-me curvado, com a mão direita em movimento, a escrever ou desenhar. Não disse de que ângulo ou posição me via, e eu esqueci-me de lhe perguntar.)

(Durante a pausa, a Jane começou a receber mais impressões por si mesma, que ficam registadas abaixo. Se estava em transe, era um transe muito leve. O Seth não estava envolvido. É interessante ver como funciona a associação nestes casos.)

(A Jane disse agora que captou algo sobre a minha mãe e a loiça. O meu pai, disse a Jane, tinha de ir a uma reunião de uma organização como o Lions Club. As quotas estavam por pagar; havia algo relacionado com dinheiro. Surgiu um nome, Gale — mas não era o de uma mulher, estava ligado ao meu pai. "Não", disse a Jane, "não é Gale, é algo ventoso, é aquele Dr. Martin. Eu penso sempre nele como um 'falador'. Ele ia à reunião com o teu pai." Isto é também um bom dado. A Jane sabia que o

meu pai tinha pertencido ao Lions Club. Ela não sabia que o Dr. Martin também era membro, ou que o meu pai tinha sido secretário do clube e, consequentemente, tratava do dinheiro das quotas. Lembro-me bem do grande livro que o meu pai usava para registar as quotas dos membros, etc. De facto, o meu pai e o Dr. Martin foram membros fundadores do Lions Club de Sayre, iniciado há muitos anos. A Jane disse agora que a minha mãe tinha falado ao telefone com a esposa do Dr. Martin, a Emma, mais cedo naquele dia. A Emma tinha comprado um vestido novo de cetim, e a minha mãe estava ciumenta. Estava também zangada com o meu pai porque ele não podia comprar-lhe coisas dessas. A Jane disse: "Tive uma vaga consciência de um vestido e de uma conversa telefónica entre a tua mãe e a Emma." Um pouco mais tarde, a Jane viu a minha mãe com um vestido cinzento, com um alfinete e pérolas. Disse que ela estava sorridente e feliz, e que também foi à reunião. Era a noite das senhoras. O material dado acima, para além dos pontos específicos que eu verifiquei, é típico das situações possíveis envolvendo os meus pais e os Martins, que eram bons amigos naqueles tempos. Vi muitas situações semelhantes evoluírem e resolverem-se, envolvendo os meus pais, os Martins e alguns outros casais do mesmo círculo social.)

(21h50.)

O episódio anterior envolveu o teu pai e o depósito de carvão.

Ele estava a encher baldes com carvão, muito zangado. Estavas na porta e ouviste, literalmente, os seus pensamentos na tua cabeça. (*Pausa.*) Ficou tão surpreendido e assustado que fugiste. Na sua raiva, o teu pai desejou que a tua mãe estivesse morta, ou que fosse embora e levasse os filhos com ela. (*Pausa.*)

Parece haver outra ocasião em que tu e um irmão receberam conjuntamente tais impressões telepáticas, simultaneamente. (*Pausa.*) Tens perguntas?

("Gostava de contactar o Rob." Ver o material sobre Rob na sessão 444.)

Deverás conseguir fazê-lo quando estiveres a pintar. Não tentes demasiado. Parte do princípio de que ele aparecerá no teu estúdio, mais ou menos da mesma forma que as tuas outras visões, mas sozinho, de tamanho normal. Podes sentir primeiro a sua presença e depois olhar à volta para o veres.

("Pode haver uma troca entre nós?")

É possível, de natureza telepática, e ao mesmo tempo em que o vês.

("Porque é que o meu irmão Dick quer parar aqui em Elmira para nos ver antes de descer até Sayre para ver a nossa mãe no sábado?")

Por apoio de natureza emocional.

Ele pode também pedir a tua opinião sobre se deve ou não pedir à mãe que vá viver com ele. Quer ele pergunte ou não, tem pensado muito seriamente nisso. Seria uma decisão muito má.

("Sim.")

Também partiria o coração da tua mãe; pois ela não compreende este filho de todo. Claro que ele está preocupado com a sua própria saúde. És demasiado reservado quando ele pede recomendações, e o impulso do Ruburt, nesse caso, tem sido correto. Ele também procura em ti orientação, e, basicamente (*sublinhado*), busca o teu apoio.

Tens mais perguntas?

("Não. Porque não continuas simplesmente?")

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Queres mais material na linha do que foi dado esta noite?

("Não, acho que não.")

Agora. Como regra, tudo o que sabes é categorizado por ti como memória ou experiência presente, pois geralmente não percebes que tens conhecimento prático do que pareceria ser o futuro.

O teu próprio conhecimento de Rob é, por exemplo, tanto do passado como do futuro.

Nos sonhos e em devaneios, podes recordar existências passadas. (*Para mim:)* Não te reencarnarás novamente em termos físicos, mas aqueles que o farão podem também ter sonhos em que apanham um vislumbre da sua própria vida futura.

("Poderia eu reencarnar de novo se escolhesse fazê-lo?")

Se o escolhesses, poderias, de facto. (*Sorriso.*) Nos teus termos, já escolheste não o fazer. No entanto, podes ter sonhos em que consigas apanhar um vislumbre da tua próxima existência, que não será no teu plano físico conhecido.

("Até onde sabes, nos nossos termos, alguma vez voltarei a ter algo a ver com manifestações físicas?")

(*Sorriso.*) Agora. Terás, de facto. Mas não existirás entre objetos que são aceites apenas pelo seu valor superficial. Compreendes-me?

("Sim. Era isso que queria dizer com a pergunta.")

(Achei isto um belo exemplo de troca telepática, pois, ao fazer a pergunta ao Seth, eu esperava receber exatamente este tipo de resposta. Pensei que voltaria a ver manifestação física, mas num ambiente que não dependesse escravizadamente de objetos.)

Tanto tu como o Ruburt, nos vossos estados de sonho, já se familiarizaram, até certo ponto, com aquilo em que o vosso trabalho consistirá. Por causa do teu amor pelas imagens, e do amor do Ruburt pelas palavras e pelo ritmo, ambos continuarão a utilizar essas características. Em breve dir-vos-ei no que esse trabalho envolverá.

("Esse amor por palavras e imagens sempre esteve presente ao longo das nossas várias vidas?")

Sim, de facto.

("Mas isso não se manifestou como artista e escritor nessas vidas passadas?")

O Ruburt, em certo momento, foi artista enquanto homem. Dá-nos tempo aqui. (*Pausa.*) Tu, a certa altura, combinaste música e palavras. Não escreveste música. (*Longa pausa.*) Ambos sempre foram fortemente criativos, sempre preocupados em traduzir a realidade interior para o exterior.

Estiveste envolvido em algumas pinturas rupestres de animais, e sempre te sentiste atraído por animais. Tentaremos esclarecer isto noutra ocasião, e podes interrogar-me sobre isso. Por agora, Arpennez (*interpretação fonética minha*) surge-me em ligação com as cavernas. (*Longa pausa.*) Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferires.

("Faremos uma pausa.")

(22h23. A Jane saiu facilmente do transe. Lembrava-se pouco do que tinha transmitido. Expliquei-lhe o que realmente queria dizer com a minha pergunta sobre a vida física no futuro, e ela disse então que o Seth iria comentar sobre a nossa experiência na realidade física de novas formas no futuro, em vez de uma vida contínua entre criaturas físicas. 22h29.)

Agora. As tuas capacidades serão desenvolvidas até ao máximo que puderes desenvolver neste plano de existência.

Depois, desenvolvê-las-ás ainda mais. (*Sorriso.*) Ainda tens arte de quarta e quinta dimensão para aprender. Apenas molhaste os pés. (*Inclina-se para a frente, olhos abertos, enfático.*)

("ptimo.")

Serás capaz de criar de tal forma que as tuas criações existirão em mais dimensões do que agora. Terás mais desafios e problemas. Aqueles que virem as tuas criações terão também mais capacidades do que agora.

As tuas criações então perdurarão conforme a intensidade que lhes deres. Nenhum elemento natural as destruirá, e ainda assim só serão observadas por aqueles que as puderem compreender. Para muitos, existirão como faróis. Poderão também ser brevemente observadas por aqueles ainda dentro do plano físico, em estado de sonho, se estiverem suficientemente avançados. Terás muito mais material com que trabalhar. (*Sorriso; enfático. Longa pausa.*)

Terei mais a dizer sobre isto quando chegarmos a esse ponto, ou quando me perguntares. Lembra-te de que te disse, a ti e ao Ruburt, que já começaram o vosso trabalho. Um dia poderão até inspirar outros artistas ainda neste campo. O Ruburt fará o mesmo. (*Pausa.*) Ajudarás a dar conhecimento e inspiração a outros mesmo enquanto continuas a desenvolver as tuas próprias capacidades noutro nível. Agora, a menos que tenhas perguntas, encerraremos a sessão.

("Acho que não, então.")

Os meus mais calorosos votos para ambos, e boa noite.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

(22h40. O Seth voltou brevemente:)

A Jane deve escutar o Ruburt.

(Não tínhamos a certeza do que o Seth queria dizer com isto.)

SESSÃO 446
6 DE NOVEMBRO DE 1968

(Antes da sessão desta noite, li um artigo, "Instant Electorate", na Playboy Magazine de Novembro de 1968. Tratava das falhas do Congresso e de várias atitudes pouco lisonjeiras da população em geral, refletidas em sondagens Gallup e Harris; os resultados destas sondagens não foram divulgados publicamente, e achei-os bastante cínicos. O artigo levou-me a perguntar por que razão nos comportamos como nos comportamos, enquanto espécie, com aparentemente pouca mudança ao longo da história registada; perguntei-me quais os propósitos, qual o verdadeiro sentido por trás das nossas atitudes e ações, etc. Eu e a Jane tivemos uma pequena discussão sobre isso.)

(Às 21h08, a Jane disse que sentia o efeito piramidal enquanto estava sentada na sua cadeira de baloiço. Isso geralmente significa que a personalidade maior do Seth vai falar; a Jane também não sentia o Seth por perto. Perguntou-me se eu via alguma coisa no vão da porta atrás dela e eu disse que não. A Jane parecia estar à espera. Recostou-se na cadeira, olhos fechados, lábios a moverem-se por alguns momentos.)

(Depois começou a falar pela personalidade maior do Seth, usando a voz habitual — alta, muito clara e distante — com um ritmo médio e com a típica entoação ascendente no fim das frases. Não houve saudação.)

Há um ponto onde todas as realidades se misturam.

Só pode ser alcançado a partir do interior. Muitas das perguntas que fizeste não podem ser respondidas da forma como as colocaste. Os ideais de que falas são a tua proteção, mecanismos de sobrevivência incorporados que avisam do perigo, cercas invisíveis como sinais psíquicos dizendo "cuidado".

Está-te a ser concedida liberdade dentro de limites. (*Longa pausa.*) A raça humana é uma fase pela qual várias formas de consciência passam. Os ideais mantêm a raça apontada em direções benéficas.

Os pensamentos e emoções formam a base. Aprendes ao ver estes transformarem-se em realidade física. Podes ser morto pelo que criaste. Se assim for, a lição é aprendida em dobro.

Antes de poderes ser admitido em sistemas de realidade mais extensos e abertos, tens primeiro de aprender a lidar com energia e ver, através das materializações físicas, o resultado concreto do pensamento e da emoção. Como uma criança molda bolos de lama a partir da terra, assim moldas a

tua civilização a partir de pensamentos e emoções, e depois vês o que criaste, e tens de lidar com isso nos seus próprios termos.

Noutros sistemas, a energia é mais diretamente sentida, mais extensa. A consciência tem muito mais liberdade na sua utilização. As lições devem ser devidamente aprendidas antes de tal responsabilidade. Existem outros sistemas de treino, cada um lidando com vários aspetos dessa compreensão e disciplina. Não podes causar qualquer dano básico. Quando ages dentro do teu sistema, no entanto, ages também dentro de outros.

Quando deixas o sistema físico após as reencarnações, aprendeste as lições e, literalmente, já não és membro da raça humana, nesses termos, pois escolhes deixá-la. Só o eu consciente habita nela, em qualquer caso, e são outras porções da tua personalidade que habitam simultaneamente os outros sistemas de treino.

Noutros sistemas mais avançados, pensamentos e emoções são automaticamente e imediatamente traduzidos em ação, em camuflagem, em qualquer aproximação da matéria que lá exista. Portanto, as lições devem ser bem ensinadas e bem aprendidas.

A responsabilidade pela criação deve ser claramente compreendida. Não podes magoar outros dentro do teu sistema. Até certo ponto, estás, relativamente falando, numa sala à prova de som e isolada. O ódio gera destruição e, nessa sala, até a lição ser aprendida, destruição segue-se a destruição.

(*Sorriso.*) Nos termos de outros sistemas, esse tipo particular de destruição é sem sentido e não existe, mas tu acreditas que existe, e as agonias dos que morrem são profundamente sentidas. Um pesadelo vívido também é profundamente sentido, mas rapidamente termina. Não é que precises de ser ensinado a não destruir, pois a destruição não existe realmente. É que precisas de ser ensinado e treinado para criar com responsabilidade.

A criação, a criatividade, são naturais sob todos os sistemas e em todas as circunstâncias, mas o vosso sistema é um sistema de treino para a consciência emergente; pois ter um talento ainda não significa saber como usá-lo, e é necessário treino.

Os ideais são como instruções escritas num quadro negro que não será apagado. Quando aprendem a lição, percebem que os ideais já não eram necessários, mas até aprenderem a lição são tudo o que têm como orientação. Os ideais são meras sombras de instruções. São, contudo, as

vossas próprias traduções de verdades, tanto quanto conseguem compreendê-las dentro do sistema.

São as regras do jogo, e dentro do vosso sistema não podem ir contra elas sem cortejar a loucura. O próprio sistema pareceria insano sem elas, e só elas lhe conferem alguma sanidade. Em termos de realização de valores ao longo de um período de reencarnações, há um crescimento psíquico tão surpreendente quanto há crescimento físico de um feto para um adulto.

O vosso sistema é apenas um campo de treino para aqueles, contudo, que escolheram avançar para determinados outros sistemas. Esses sistemas estão interrelacionados... outros sistemas de treino são criados para aqueles que embarcam em padrões totalmente diferentes. (*Longa pausa.*)

O treino adquirido no vosso sistema servirá então para existência numa variedade de sistemas interligados. Se as dores e agonias dentro do vosso sistema não fossem sentidas como reais, as lições não seriam aprendidas.

Os professores dentro do sistema são aqueles que estão na sua última reencarnação, e outras personalidades que já deixaram o sistema mas foram designadas para ajudar aqueles que ainda estão dentro dele.

Estão a lidar com a transformação de energia emocional em ação e forma. Manipulam então dentro do sistema que vocês próprios criaram, e pelos seus efeitos aprendem onde tiveram sucesso e onde falharam.

O sistema inclui sempre alguns fragmentos que estão a entrar pela primeira vez, bem como indivíduos na sua terceira ou quarta reencarnação. (*Longa pausa.*) Aqueles nos níveis mais avançados, percebem, estão lá para ajudar os outros. O sistema também fornece prática nos métodos de transformar energia em forma, de manter intensidades, de manipular energia em vários aspetos.

(21h50. Os olhos da Jane abriram-se lentamente após uma longa pausa. Nota-se que nenhuma pausa formal foi anunciada, como muitas vezes acontece quando a personalidade maior ou entidade do Seth fala. A voz remota, fria, alta e formal variou pouco, mantendo um ritmo bastante constante. Retoma às 22h10.)

Tal como sonham e têm uma existência onírica enquanto ainda envolvidos na dimensão física, assim também a dimensão física é um sonho dentro de outra dimensão em que a vossa consciência é muito mais aguçada. E tal como, no vosso sonho, criam situações e resolvem problemas, fazem o mesmo na vossa existência física.

Não se sentem culpados por aqueles que matam nos vossos sonhos. Não sentem que a vossa existência onírica seja inútil, desesperada ou irremediável, e raramente vos ocorre pensar na vossa existência onírica dessa maneira.

Essa existência, no entanto, é muito válida, cumprindo funções significativas e contendo muitos níveis. É, de certo modo, uma existência mais abrangente, na medida em que, enquanto resolvem problemas que existem na vossa vida física, estão também, até certo ponto, livres da vida física dentro dela e livres para viajar para outras dimensões.

Há uma razão para verem a existência física diária de forma diferente enquanto nela estão imersos. Nos vossos sonhos, são capazes de saber que progresso estão a fazer e onde estão os vossos fracassos. Esta informação é comparada com os ideais que foram alcançados da forma que vos expliquei; e os próprios ideais têm origem no estado de sonho, sendo depois traduzidos em termos fisicamente práticos.

Mesmo enquanto imersos na realidade física, estão então até certo ponto livres dela. A própria realidade física ainda é um sonho dentro de uma existência maior, e, a partir dessa existência, vocês parecem a si próprios estar a sonhar enquanto estão imersos na vida física.

Muitas vezes, na vida física, estão também a resolver problemas que existem de uma forma completamente diferente e num contexto completamente diferente nesta outra dimensão. Muitas vezes têm consciência de que estão a sonhar, e por vezes têm consciência, enquanto na existência física, de que estão a sonhar.

Podem mudar um sonho desagradável ao perceberem que estão a criá-lo e que os problemas são da vossa própria autoria. Deixam a realidade física quando chegam à mesma realização. Os problemas que resolvem enquanto nela estão são perfeitamente legítimos. Também sabem quando já não precisam do contexto específico.

A humanidade sonha o mesmo sonho ao mesmo tempo, e assim têm o vosso mundo em massa. No entanto, toda a construção é como uma peça educativa em que são simultaneamente produtores e atores. Há uma peça dentro de uma peça dentro de uma peça, labirintos de entendimento. (*Longa pausa.*)

Não há fim para o interior das coisas. O sonhador sonha e o sonhador dentro do sonho sonha, e por vezes os sonhadores estão conscientes uns dos outros. Mas os sonhos não são vazios de sentido, e as ações dentro deles

são altamente significativas. O eu total é o observador e também o participante em muitos papéis.

Problemas que levam a guerras mundiais também causam desastres naturais em escala mundial. Estes são apenas outra materialização de energia projetada por aqueles que ainda não aprenderam a lidar com ela. Tais reações propagam-se pelo universo onírico também e refletem-se em todas as fases da vossa atividade. O eu total compara o desempenho de várias porções de si próprio na realidade física e na realidade onírica e tira as suas próprias conclusões.

(22h30. Novamente sem anúncio, a voz alta e formal parou abruptamente, e este foi o fim da sessão. Após uma longa pausa, a Jane saiu do transe.)

SESSÃO 447
11 DE NOVEMBRO DE 1968

(O John Bradley foi testemunha da sessão. O John trouxe consigo confirmação de algumas previsões do Seth dadas na 439.ª sessão, para agradável surpresa da Jane. Os dados dizem respeito a pessoal na empresa do John, a Searle, e são algo complicados. O John vai rever o material da sessão, usando o seu gravador, para resumir as previsões do Seth até à data sobre a Searle.

(A sessão foi também testemunhada pela Estelle e pelo Dave Craig, 1750 E. 21st Street, Brooklyn, Nova Iorque. Os Craig subiram de carro desde Nova Iorque no fim da tarde para assistir à sessão. A Jane foi-lhes recomendada pelo Ray Van Over; queriam informação sobre a morte e as circunstâncias associadas do filho deles, o Michael, que morreu no mês passado com um pouco mais de 3 anos de idade.

(A Estelle telefonou primeiro à Jane esta manhã a pedir uma sessão; devido a um mal-entendido, a Jane pensou que ela ligava de Elmira e concordou que os Craig assistissem esta noite. Depois do jantar, a Jane recebeu outra chamada da Estelle enquanto vinham a caminho, e então apercebemo-nos do esforço que os Craig estavam a fazer para assistir à sessão.

(O Michael fora uma criança excecionalmente calorosa, sensível e brilhante. Começou a falar com apenas alguns meses de idade. Era bom com números e, juntamente com o Dave, interessado em astronomia. Morreu aos 3 anos e 4 meses. Nasceu numa quinta-feira, 10 de junho às 6:08, e morreu numa quinta-feira de outubro de 1968 às 6:08, quase 4 anos à risca desde a conceção. O Dave e a Estelle estavam curiosos quanto ao jogo de números semelhantes aqui, entre outras coisas — já que

estas notas tocam apenas uma pequena parte da informação dada à Jane e a mim ao longo da noite.

(O Dave e a Estelle têm ambos 32 anos. O Dave é locutor de rádio, e hoje fez uma audição para um emprego na cidade de Nova Iorque. A Estelle tomou apontamentos taquigrafados da sessão. O Seth falou esta noite bastante depressa, e falhei notas em alguns pontos, o que será assinalado. As notas da Estelle podem estar mais completas do que as minhas e, por isso, planeamos trocar cópias da sessão.

(Os cinco de nós passámos talvez uma hora a conhecer-nos melhor antes de a sessão começar. O Seth começou a falar rapidamente, numa voz um pouco mais forte do que o habitual, muitas vezes de olhos abertos, etc.) Boa noite.

([John e eu:] "Boa noite, Seth.")

Boa noite aos nossos novos amigos e ao nosso antigo. Agora, se fazem favor, deem-nos um momento.

Primeiro, algum conselho geral. Não vão à procura a torto e a direito. As respostas estão dentro de vós e encontrá-las-eis. Tendes os vossos próprios canais para outras dimensões. Usem-nos. Encontrarão o caminho.

Agora. Não se conhecem, nossos convidados, e fizeram uma longa viagem. Portanto, daremos a informação ou o conselho que tivermos sem receio de embaraço da vossa parte *(para o Dave e a Estelle).* Pois os dois têm de crescer mais juntos, o marido e a mulher.

Há clivagens, mas as melhores partes das vossas personalidades podem realizar-se de forma mais eficaz se essas clivagens forem ponteadas, contornadas. Agora deem-nos um momento. *(Pausa.)*

O rapaz esteve convosco brevemente pelas suas próprias razões. Veio iluminar-vos, e assim fez. Era de uma entidade antiga, e já o conheceram noutras vidas. Quis que a mãe olhasse para dentro. Em tempos, foi tio do pai.

Não tencionava permanecer na realidade física. Veio apenas mostrar-vos o que era possível e levar-vos ambos a uma compreensão da realidade interior. Escolheu a sua doença, não lhe foi imposta. Não queria ser da terra. Tinha terminado com ela, e só voltou para que ambos aprendessem as verdades e realidades interiores que agora estais a procurar.

Não produziu sangue suficiente, porque não queria ser físico para além do tempo que se tinha atribuído. Era uma luz, e uma luz para vós, e a luz não foi extinta. A luz conduzir-vos-á a conhecimentos que de outro modo não teríeis conhecido, nem os teríeis procurado com tanto vigor.

Ele estava bem ciente disto. Queria que começassem a peregrinação que estavam a começar, mas a peregrinação é dentro de vós.

Estava de facto envolvido em empreendimentos científicos, tanto na Atlântida como no Egito, mas não tinha desejo de continuar essas ocupações nesta existência presente. Já as ultrapassara bastante. Como seu

tio, o pai também estivera envolvido com ele em duas vidas passadas na mesma relação e, como sacerdotes, interessavam-se igualmente pelo funcionamento interior do universo.

O pai, contudo, teve uma vida particularmente desagradável na França do século XIV e *(para o Dave)* se te recusares ao que aprendeste no passado, ele não te poderia forçar a lembrar. Mas poderia dar-te um empurrãozinho e um impulso, gentilmente, e nesta existência fê-lo.

(Para o Dave:) Tu tens sempre controlo. És tu quem está sempre no controlo, e sabias, antes de tu e a tua mulher se conhecerem, subconscientemente, as circunstâncias que tinham ocorrido antes, e a razão do vosso encontro, e o vosso filho sabia-o. Ele foi à vossa frente, como já foi à tua frente no passado.

Não é altura de correres a torto e a direito à procura da verdade em qualquer copa de árvore — a verdade está dentro do teu próprio crânio, e tu pelo menos sabes como a encontrar; mas envolve disciplina e intuição. O teu filho já não é uma criança de três anos. É uma entidade mais antiga do que tu, e tentou indicar-te o caminho.

Estais aqui por uma noite. Mal podemos cobrir muito. Temos a Polónia do século XII para a tua mulher, as existências anteriores já dadas. A tua principal esperança e desejo agora é por segurança interior de que não estás em areias movediças. Lembra-te: és tu quem forma as areias que se movem, e em ti próprio encontrarás as respostas se não fores impaciente. Não as deves exigir de ti, deves deixá-las chegar.

A criança sabia bem o que fazia, e subconscientemente tu também sabias. Não é um bebé a ser lamentado, nem uma criança tirada de vós antes de cumprir a sua promessa. Era uma personalidade que vos deixou quando as suas próprias reencarnações estavam concluídas. *(Aqui perdi umas palavras por o ritmo do Seth ser mais rápido. Cópia adicionada após receção da cópia dos Craig a 22 de novembro de 1968. Ver também a página 141.)* Voltou para vos ajudar e mostrar-vos o caminho. Presentemente está a descansar. Não voltará, mas irá para outra realidade onde as suas capacidades possam ser usadas com mais vantagem.

(Para o John:) Chegaremos a ti antes de a noite terminar. *(Bem-humorado.)*

([John:] "Obrigado. Então estou metido em sarilhos.")
Nunca te causei sarilhos, Philip. *(Philip é o nome de entidade do John, segundo o Seth.)* Os sarilhos que tens são da tua própria feitura. Agora veremos o que mais podemos obter… As minhas melhores saudações a ambos. Vamos deixar o nosso amigo Ruburt descansar e retomaremos em breve a nossa sessão.

(11:10. A Jane saiu do transe com relativa facilidade. Ruburt é o nome de entidade que o Seth lhe dá. Iniciou-se agora uma conversa entre nós os cinco. Surgiram perguntas dessa conversa, e o Seth voltou passados

dois minutos para responder a algumas delas, com veemência embora brevemente.)

Estou a dizer que tu, e tu, cada indivíduo, está no controlo do seu próprio destino. Não me referia especificamente a uma relação. Estais no controlo; não sois movidos por outras forças. Nem sempre compreendeis, nem percebeis, mas já estabelecestes os vossos objetivos e escolhestes as vossas circunstâncias. Estais todos a trabalhar problemas, e definis os problemas para vós próprios. Ninguém vo-los dá. Sabeis quais são.

A criança não tinha problemas seus para resolver nesta existência, mas, por amor e por relações passadas, veio agir como uma luz para ambos. Agora podeis fazer uma pausa social.

(A Jane retomou como Seth após a pausa às 11:11.)

Agora. Nomes e datas são importantes para vós e, se nos voltarmos a ver, havê-los-eis. Interesso-me pelo que deveis saber, e o que deveis saber tem pouco a ver com nomes e datas.

(Tínhamos estado a falar de reencarnação durante a pausa.)

A criança não era uma criança. Não deveis olhar para trás, mas para a frente, pois o cumprimento das vossas próprias capacidades — e estou a falar convosco os dois — virá como resultado direto do vosso relacionamento com o vosso filho.

Uso a palavra relacionamento, porque nesta vida, num nível físico e em termos físicos apenas, não o compreenderam pelo que ele era, embora tenham intuído o que ele era e, até certo ponto, reagido ao que ele era.

(Mais uma vez o Seth falou bastante depressa e perdi algumas palavras, embora mantendo o essencial dos dados.)

… Queria dar-vos um impulso, e o seu efeito foi muito mais forte quando morreu do que teria sido se tivesse vivido, e ele sabia-o… Pois as suas capacidades não poderiam ter sido plenamente usadas nesta existência e teria encontrado frustração.

… Tinha horror de viver até à juventude masculina, pois não queria conhecer uma jovem e sentir-se atraído por ela e depois continuar com a existência física.

(Aqui pedi ao Seth que abrandasse e recebi uma resposta bem-humorada. Correções feitas e acrescentadas após receção da cópia dos Craig a 22 de novembro. Ver também a página 139.)

… Em respeito pelos teus dedos, assim farei. Todos terminaram a última frase? "Sim."

Agora, ele teria ficado altamente frustrado se tivesse continuado. Não ter sangue suficiente foi significativo. A sua vitalidade estava aqui fortemente *(palavras perdidas)*, mas não em termos físicos… literalmente privou-se de sangue para poder viver nos seus próprios termos, e para que a mãe e o pai pudessem viver de modos que haviam esquecido. Não havia

testemunha aí, e ele esperava que a sua morte fizesse emergir as vossas próprias forças.

Agora, eu vivi e morri muitas vezes, e deves admitir *(o Seth fala com força e humor, com veemência, olhos abertos)* que consegues sentir a minha vitalidade; e assim posso dizer-te que a vitalidade do rapaz existe em termos igualmente vitais. Ter ficado aqui mais tempo teria sido quase uma penitência para ele. Vocês não lhe salvaram a vida uma vez; ajudaram-no a salvar a alma, e ele devolveu-vos galantemente o favor; pois ele, a dada altura, foi tentado a usar as suas capacidades para poder e a usar o sacerdócio para ganho, e nessa ocasião tu impediste-o. *(O Seth apontou para o Dave.)*

Mais uma vez, numa sessão de uma noite, estou a dar-vos o que acredito ser a informação mais importante, quer a possam verificar quer não…

(Outra vez tive de pedir ao Seth que abrandasse quando o ritmo estava demasiado rápido para notas.)

… os vossos eus interiores digerirão o que disse e o que direi… *(e isto é mais importante do que)* 10 páginas de notas e datas que não podeis verificar, pois as vidas foram há tanto tempo. Contudo, existiram alguns registos… não papéis… que existem pelo caminho, e, se isso te aliviar a mente, tentaremos dar-to algum dia.

Houve alguma alienação, não da parte do rapaz mas da vossa — *(para a Estelle:)* agora olha para cima para veres de quem falo… com o rapaz, tendo a ver com uma vida passada… Tiveste dificuldade em aceitá-lo pelo que ele era por causa de algumas referências nas vossas vidas passadas em conjunto. Ele sabia isso e achou graça, e tinha um jogo contigo, pois sabia que o amavas e sabia o que tu não sabias: que, por causa de uma relação de vida passada, terias dificuldade em perceber quem ele era.

(Para o Dave:)

Bem, ele tinha um conhecimento matemático, e tu também o tens, percebas ou não. Resulta de existências sacerdotais em que ambos estivestes altamente envolvidos com cálculos relativos ao movimento dos planetas. Isto também tem algo que ver com a hora do seu nascimento e da sua morte, pois tinha um sentido de arrumação, e agradava-lhe temporizar a sua chegada e partida.

(Para o John:) Não me esqueci de ti aí. Longe de mim, Philip, esquecer os teus graves problemas de compromisso e lucro. Em consideração por todos esses dedos a contorcer-se, deixar-vos-ei fazer uma pausa e depois retomaremos a nossa sessão.

(11:30. O Seth terminou novamente numa nota fortemente bem-humorada. O ritmo foi rápido, como referido. O Dave disse-nos que tinha sido bom a matemática até ao 9.º ano, quando a deixou por outros interesses — canto, comunicações, representação, etc.

(O Dave forneceu agora grande parte da informação que incorporei nas notas no início da sessão. O Seth retomou às 11:47.)

Agora. Ninguém te pode dizer *(para o Dave)* que caminho seguir.

Ninguém te pode dizer o caminho correto a seguir, mas tens a resposta dentro de ti. Acautela-te com os que te dão respostas prontas. Agora dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Estou a falar agora em termos de probabilidades, pois o futuro, nos teus termos, é plástico — não é cimento no qual te irás encravar. Se aceitares um trabalho de rádio agora, e se as probabilidades continuarem na mesma direção em que estão agora, então vejo outro trabalho de rádio depois desse, e depois uma saída e emergência para outro campo.

No fundo queres ensinar. Tens de ensinar antes de pregar, e tens de saber antes de ensinar. Estás a caminho da aprendizagem, e então poderás ensinar. Influencias os outros e queres movê-los, e queres movê-los em certas direções. Porém, antes de poderes desenvolver plenamente as tuas capacidades, tens de ter a força interior que vem da tua própria aprendizagem interior. Tens aprendido com a tua própria vacilação.

Deves definitivamente manter-te no campo das comunicações. *(Pausa.)* Não deves envolver-te agora, nem num futuro próximo, em qualquer empreendimento de comunicações que implique assumir outros papéis de qualquer espécie de representação. Tens algumas capacidades aí, mas essas mesmas capacidades também te podem confundir. *(Pausa.)*

Podem confundir-te quanto à natureza da tua própria identidade. Tornas-te o papel. Deve haver, dentro de ti, um recuo durante algum tempo. Os problemas que definiste para ti podem ser resolvidos, ou os desafios que te colocaste podem ser enfrentados, de várias maneiras. Tens escolhas. Não há um único caminho. O que importa é a tua atitude, e a flexibilidade do teu eu interior. Não aceites compromissos, pois pessoalmente não consegues viver com eles por muito tempo. As circunstâncias que enfrentas trarão à luz as tuas forças, e o teu filho não te deixou. Simplesmente não o vês.

Haverá contacto nos teus estados de sonho. Deves confiar no conhecimento interior que ele te tornou intuitivamente claro. Não deves confiar nele, mas no que ele te deu. Deveis olhar para dentro de vós, e ele deixou-vos as forças para o fazer. *(Pausa.*

(Sorriso.) Foste vaqueiro (para o Dave), mas não neste país. Em França. Não eras profissionalmente um vaqueiro, mas lidavas com transporte envolvendo cavalos. Não morreste por ferimento de bala. (O Dave dissera que achava que sim, no último intervalo.) Infligiste tal ferimento a outro, embora tenha sido em autoproteção, e o ímpeto emocional da época ficou fortemente escrito na tua memória interior.)

Estou a tentar dar-vos informação que poderá ser preenchida, ou não, mais tarde. Uma reencarnação espanhola aqui *(para a Estelle)* na terra pelo

menos chamada Espanha, aproximadamente 1142, como masculino. Isto para além das vidas conjuntas que mencionei.

Agora, novamente descanso para os dedos rabiscadores, e continuaremos.

(O Seth apontou agora para o John Bradley.) E para ti, ainda não é tempo de te mexeres.

(12:03 AM. A Jane demorou um pouco mais a sair do transe agora. O intervalo foi longo e, durante ele, a Jane deu à Estelle uma longa série de impressões por sua conta, envolvendo o filho dos Craig, o Michael, e outros. Não tomei notas sobre isso, mas a Estelle tomou; vai enviar-nos uma cópia para ser inserida neste registo. Parte desse material dizia respeito a sintomas do tipo de condição sanguínea adotada pelo Michael. (Retomar à 1:08.)

Agora. Ele estava pronto para partir e escolheu as portas que estavam abertas, e se as tivésseis fechado, teria encontrado outras. *(Isto é uma referência à doença do Michael.)* Não foi um fim para ele, mas um início, e será um início para ambos. Não o vereis agora como herdeiro da vulnerabilidade, pois, nos vossos termos, ele passou para além disso, e escolheu a sua própria passagem. Não o vereis envelhecer, mas ele já envelheceu muitas vezes, e não havia necessidade de envelhecer outra vez.

Deveis desenvolver as vossas próprias capacidades, e ele ajudar-vos-á a desenvolvê-las agora. De muitas maneiras ele consegue comunicar convosco agora como não podia em criança. *(Pausa.)* Tereis muito para dizer aos outros, e sereis capazes de os ajudar. Estou a falar agora para o pai; mas só se procurares respostas dentro de ti e não nos outros.

Ele ajudar-te-á e ajudará também a mãe. Numa ocasião a mãe e o filho foram irmãos, e em rivalidade amigável; e essa rivalidade, em certa medida, ainda persistia, mas era uma rivalidade construída sobre o amor. *(Pausa.)* É natural, na vossa situação, que procurem ajuda nos outros, e, à minha maneira, espero ter-vos ajudado. Há diferença entre ser-se informado e saber, e o saber vem de dentro. E quando sabes, não precisas de que te digam, e podes ter esse tipo de saber. Terei todo o gosto em ajudar-vos a encontrá-lo, mas ninguém o pode encontrar por vós.

Recebestes, de facto, uma bênção. O filho veio até vós por amor, pois não precisava de vir. Os seus próprios problemas aqui estavam resolvidos, e ele tinha enfrentado os seus desafios. Todas as suas capacidades estavam cumpridas na medida do que podia ser cumprido dentro deste enquadramento. Estava pronto para outros campos de realidade.

Agora dá-me um momento para o Philip. *(Pausa. Depois o Seth fala para o John Bradley.)* Os símbolos triangulares, Philip, mantêm-se como foram dados. *(Ver a 439.ª sessão.)* Há ainda outro homem a cair. O momento de avançar não é agora. Quando chegar a altura, a sugestão virá de outros, de modo que parecerá que lhes prestas um serviço — e então

aceitarás graciosamente. Isto será também no ponto em que poderás dar o teu melhor dentro da empresa e ter a melhor oportunidade de iniciar algumas mudanças benéficas.

A reunião de terça-feira não terá as repercussões que imaginas. O assunto passará, por agora, mas dentro de aproximadamente dois meses chegará ao auge. Não deixes que te suba à cabeça. *(Sorriso; pausa.)* Creio que a questão principal que tinhas foi respondida. Isto esclarece-te o assunto?

([John:] "Não totalmente. Do primeiro triângulo cairia um; ele já caiu, de facto. Haverá um homem no segundo triângulo que caia?" (Novamente, ver a 439.ª sessão. A pergunta acima não foi por mim anotada textualmente, mas é uma aproximação fiel. A queda do homem do primeiro triângulo foi prevista pelo Seth na 439.ª sessão, em 30 de setembro de 1968, e ocorreu poucos dias antes desta sessão.)

Há, sim, e é após essa queda que a tua liberdade de ação fica razoavelmente segura.

([John:] "Esse homem estará no segundo triângulo, separado, ou no primeiro?")

O homem faz parte de ambos os triângulos.

([John:] "Então será o meu gerente regional?")

Sim.

([John:] "Os dois meses de que falas serão o tempo de reorganização?")

Não. A informação tal como a dei pareceu-me particularmente clara. *(Agora a Jane, como Seth, apontou para o Dave e a Estelle)* E sim, aqui, para outra criança — alguém que precisa de ser acarinhado e guardado e tem um destino a cumprir na realidade física, que precisará de vós. Vocês precisaram do vosso filho. A outra criança precisará de vós.

(Novamente para o John, bem-humorado:)

Estás satisfeito, aí nesse canto?

([John, sorrindo:] "Sim, estou satisfeito, sei quando me calar.")

(Bem-humorado:)

Apreciaremos essas palavras… Agora dou-vos todas as bênçãos que posso… *(Perderam-se algumas palavras.)* … a menos que queiram fazer um intervalo, creio que é altura de terminar.

(Para mim:)

Como sempre, deixo a decisão contigo. "Bem, acho que é altura de terminar, Seth; com o consentimento de todos." *([Da nossa parte:] "Boa noite, Seth."*
(1:23 AM.)

SESSÃO 448
13 DE NOVEMBRO DE 1968

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Tenho algumas pistas, espero que práticas, para ambos, mas vão exigir a vossa atenção.

Agora, com tudo o que vos foi dito sobre a natureza da personalidade, e sobre os muitos dos quais fazem parte, seria agora útil se pudessem encontrar o centro do vosso eu maior.

Podem intuitivamente tornar-se conscientes, até certo ponto, das vossas próprias reencarnações, de modo a sentirem um sentido reconhecível de familiaridade. Agora, há unidade em tudo. Foi-vos dito que há um ponto onde todas as dimensões e sistemas de realidade se fundem. Ora, o mesmo é verdade para a consciência. São parte de um eu maior, uma entidade, e por serem parte dela, há uma porção de vocês que tem acesso ao conhecimento da vossa entidade.

Nem tudo seria traduzível. Parte não teria qualquer significado para ti, mas muito disto é acessível. Existem formas de encontrar aquilo a que chamarei o centro de ti mesmo. Isso dar-te-á uma experiência direta com muitos dos conceitos que temos vindo a discutir.

Dar-te-ei mais dados reencarnatótios sobre as tuas próprias vidas; contudo, à medida que viajares para o centro de ti mesmo, irás sentir (*sublinhado*) e conhecer os teus próprios passados tão diretamente quanto as circunstâncias permitirem.

Mais do que isso, as tuas capacidades e os teus desafios surgirão diante de ti com uma luz muito mais clara, com um foco desobstruído. A experiência aprofundará e reforçará o teu sentido de individualidade, e saberás por ti mesmo que és um no muitos, e ainda assim muitos no um.

Há cinco passos. (*Pausa.*) É possível cobri-los todos de uma vez, ou o processo pode levar-te algum tempo. Primeiro, porém, imagina a tua consciência fora do corpo, na sua forma astral.

Depois, sentindo que estás nessa forma astral, diz a ti mesmo que, a partir dessa imagem, serás capaz de ver a imagem da pessoa que foste na tua vida imediatamente anterior.

Não posso dizer-te se conseguirás logo à primeira, como pode acontecer, ou se acharás difícil. Tu, Rob, sendo hábil com imagens, podes achar mais fácil do que o Ruburt. Agora, quando sentires que tens essa

nova imagem do teu eu passado diante de ti, então imagina que a tua consciência está a mover-se da tua forma astral para esse eu passado.

Não deves fazer isto até veres a forma completa. Antes de veres a forma completa, podes tentar comunicar mentalmente com ela, no entanto, fazendo-lhe perguntas. Esta é uma abordagem. Poderás, por exemplo, acabar por usar isto como o método principal de comunicação entre o teu eu presente e o teu eu passado.

De outro modo, projeta a tua consciência, como mencionado antes, para dentro da imagem, depois pergunta a ti mesmo: Quem sou eu? Onde nasci? Que memórias são minhas?

Se tiveres êxito aqui, então memórias e imagens passarão velozmente pela tua mente, da mesma forma que o teu eu presente normalmente recordaria o seu passado.

Depois, projeta-te de volta para a tua própria imagem astral, depois para o teu corpo físico. A partir daqui, repete a ti mesmo o que aprendeste, e quaisquer dados que tenhas recebido, lembrando-te de que isso é também uma parte da tua identidade. Isto pode ser feito muito bem de forma imaginativa, noutras etapas do processo.

Depois de conseguires sentir-te acima do teu corpo, na tua forma astral, diz novamente a ti mesmo para ver a imagem do mesmo eu passado. Podes então imaginar a sua imagem a fundir-se com a tua, e as suas memórias a tornarem-se parte da tua própria consciência. Quando tiveres sucesso, então, ainda sentindo-te na forma astral, diz a ti mesmo que verás a seguir a imagem da vida anterior à última: a imagem da pessoa que foste, e então repete os outros passos.

Podes fazer uma pausa, e continuaremos.

(21h40. A Jane saiu facilmente do transe. Disse que teve algumas imagens de estar "lá em cima", enquanto falava. O apartamento estava bastante frio esta noite, devido a um vento forte que soprou todo o dia, após uma queda de neve de 35 centímetros ontem; mas a Jane disse que, enquanto Seth, não tinha frio, de facto sentia-se confortável pela primeira vez hoje, etc. Retoma às 21h49.)

O exercício completo, ou qualquer parte dele, deve ser feito apenas para que possas beneficiar da sabedoria, de modo a poderes usar as tuas próprias capacidades para ajudar-te a ti mesmo e aos outros.

O propósito é muito importante, pois quando o propósito é bom, então une as outras imagens à tua volta e ao teu propósito de forma benéfica. Faz

parte da equação, tão importante quanto um sinal de mais em vez de um sinal de menos, e tão determinante para os teus resultados.

Podem desenvolver-se vários tipos de experiências. Podes pedir informação, por exemplo, sobre capacidades, e ouvir a tua resposta internamente. Podes, em vez disso, sentir os primeiros indícios de memória e experimentar-te a usar capacidades desenvolvidas enquanto personalidade passada. Em qualquer ponto do exercício, pois pode acontecer em qualquer fase, poderás subitamente sentir o tu de ti, a identidade central que percorre todos os eus de que fizeste parte.

Poderás também, num relance, ver vislumbres de realidades adicionais que seriam futuras para o teu eu presente.

De acordo com as circunstâncias e a tua própria condição, os resultados podem ser surpreendentemente rápidos ou lentos. Podes tentar muitas vezes e então ter sucesso... os métodos, no entanto, são extremamente importantes e devem ser definitivamente incluídos no nosso material. Há também algumas variações destes que te darei.

Aqueles que tentarem os exercícios com propósitos errados não terão sucesso, pois não terão a equação correta, e essa é a única parte que não lhes pode ser dada. Compreendes?

("Sim.")

Agora, estão livres quanto ao episódio do carro.

(Ver a sessão 442 de 14 de Outubro de 1968.)

Vou dar-vos uma sessão breve, mas se tiverem perguntas, responderei.

("O que pensaste daquelas pessoas [referindo-se aos Craigs] que vieram de Nova Iorque?")

(Ver a sessão 447.) Eu sabia que viriam. O súbito, muitas vezes, não é acidental.

("Alguma vez fui bom em projeções em vidas passadas? Quero dizer, alguma vez conservei conscientemente a memória das projeções?")

Tu e o Ruburt foram ambos.

("Quando?")

Teremos de atualizar os teus dados reencarnacionais, pois houve distorções no material inicial, e bloqueios, então, da parte do Ruburt. Contudo, em duas vidas em particular, foram ambos proficientes, e um dos sonhos recentes do Ruburt baseou-se num desses episódios.

("Qual sonho?")

O Ruburt sabe qual, aquele em que ambos apareciam como homens e parceiros.

Agora temos vários projetos: o livro que ainda não começámos, e um relato mais detalhado da vossa história reencarnatória. Como as coisas estão agora, tentamos também ajudar aqueles poucos que nos pedem pessoalmente. Os nossos projetos darão todos frutos, no entanto. (*Pausa.*)

Podemos organizar o nosso material durante algum tempo agora em torno de um ou outro destes projetos, embora nos últimos meses, de uma forma bastante livre, tenham recebido excelente material; e independentemente da organização ou ordem de entrega, o material tem a sua própria forma, e aquilo que tenho em mente dizer será dito. (*Humiristicamente.*)

Agora terminaremos a sessão, ou podes fazer perguntas, como preferires.

("Acho que então terminaremos.")

Os meus mais calorosos votos para ambos, e espero que os vossos ossos gelados aqueçam. Eu não tenho tais dificuldades. Poderá interessar-vos saber uma informação curiosa. O vosso cão reencarnou, nos termos dele, parecendo-se muito com o que era antes.

(O nosso cão Mischa morreu em 1963. A Jane tinha-o quando nos conhecemos em 1953.)

("Onde está ele?")

Ele está neste território, numa ninhada de cachorros, e de uma forma ou de outra poderá tentar encontrar-vos. Depois de 4 a 6 semanas, poderá acabar no abrigo local.

(Este dado foi totalmente inesperado para nós, embora esta tarde eu tivesse mencionado o Mischa à Jane de passagem, comentando uma semelhança de pose feita pelo nosso gato Willy enquanto estava no estúdio, escutando atentamente um som vindo de fora. Não tencionava que qualquer comentário meu sobre o cão levasse a este tipo de informação, nem a Jane interpretou-o assim. Na verdade, sabemos tão pouco sobre animais, quanto mais sobre reencarnação animal, no que toca a este material, que nem nos tinha ocorrido fazer este tipo de pergunta. Por "este território", o Seth referia-se a Elmira, Nova Iorque.)

("Como macho, mesma cor?" Castanho e branco.)

Acredito (*pausa*), que ele pertence a uma ninhada nascida aproximadamente na mesma zona onde morreu. Agora, não tenho certeza quanto ao sexo, embora a aparência geral seja mais ou menos a mesma.

Pode possivelmente haver uma marca na língua.

("Este cão terá alguma empatia connosco?")

(Inclinando-se para a frente.) A marca, reminiscente do episódio em Saratoga. E, à tua pergunta, sim. (*O Mischa tinha tido um breve confronto com outro cão.*)

Há uma forte possibilidade de que seja uma fêmea.

Agora, os meus melhores votos para ambos, e não manterei mais o Ruburt a ladrar por mim. (*Humiristicamente:*) Sou um cão velho, e lembrei-me de vocês.

("Boa noite, Seth.")

(22h20. A Jane saiu facilmente do transe. Ficou surpreendida com o material sobre o Mischa. Além disso, não tinha memória consciente de eu ter mencionado o Mischa a ela esta tarde, mesmo depois de eu relatar o pequeno episódio em detalhe.)

(Na verdade, eu não sabia que publicaria o meu desenho de 1960 do Mischa 42 anos depois! Antes de eu e a Jane nos casarmos, a 27 de Dezembro de 1954, ela disse-me que eu teria de aceitar também o seu cão.)

SESSÃO 449

18 DE NOVEMBRO DE 1968

(Segue-se uma cópia de três perguntas enviadas à Jane por Roger Sullivan, amigo de Pat Norelli; ambos vivem em Boston. O Roger está a trabalhar num doutoramento. As perguntas foram enviadas a 6 de Outubro, mas não conseguimos abordá-las antes devido a muitos outros eventos.)

(A sessão 440 foi realizada a 7 de Outubro e foi dirigida à Pat. A lista do Roger continha uma quarta pergunta dirigida ao Seth; esta, relacionada com a fé Bahá'í, foi formulada por uma amiga da Pat e será respondida pelo Seth numa data posterior.)

(As três primeiras perguntas, conforme copiei da carta do Roger:)

(Não tínhamos planeado abordar particularmente as perguntas do Roger esta noite. Limitei-me a mostrar a lista à Jane pouco antes das 21h.

O que se seguiu foi surpreendente para nós de várias maneiras e levantou muitas perguntas às quais agora vamos procurar respostas.)

(Estritamente falando, não acreditamos que tenha sido o Seth, tal como o conhecemos e estamos habituados, a dar o material esta noite. A Jane falou enquanto estava em transe, mas com a sua voz habitual, e recebeu os dados de "outra fonte". As nossas perguntas terão a ver com a natureza desta fonte, por que razão estes dados específicos surgiram desta forma, etc. A Jane está habituada a dar impressões por si própria, bem como através do Seth, mas pareceu haver uma diferença intrigante esta noite. A Jane encontrava-se a falar algumas frases e depois esperava por mais, que então recitava diligentemente. Não sentiu a presença de outra personalidade, etc.; fosse qual fosse a fonte, parecia estar emocional e subjetivamente bloqueada dela no sentido habitual; ainda assim, o material foi transmitido.)

(Escusado será dizer que nem eu nem a Jane sabemos matemática; eu posso saber um pouco mais do que a Jane, mas, por exemplo, nem consegui explicar-lhe o que era um número inteiro durante a pausa desta noite. Algumas frases que surgiram nos dados tinham um tom familiar para mim, mas a Jane disse que para ela nada significavam.)

(Na verdade, disse que, por tudo o que sabe, todos os dados fornecidos esta noite poderiam ser disparates. Não temos livros de matemática no apartamento. Poucas pessoas viram a lista do Roger, e nenhuma delas, com uma exceção, sabia matemática. A exceção é o meu irmão Bill, que olhou brevemente para as perguntas na semana passada, numa viagem por Elmira, vindo de Rochester, onde vive, até Sayre, na Pensilvânia, onde vive a nossa mãe. Ele não conseguiu lançar luz sobre as perguntas nem nos deu quaisquer definições, etc.)

(Tudo isto não quer dizer que eu e a Jane não tenhamos encontrado matemática sob alguma forma no nosso dia-a-dia, provavelmente por vezes sem estarmos conscientes disso. Já lemos sobre relatividade, por exemplo, em livros de bolso populares, e alguns outros livros de bolso sobre uma variedade de temas que poderiam ter incluído vários tipos ou exemplos de fórmulas matemáticas, etc. Por outras palavras, estimamos que os nossos contatos com a matemática tenham sido medianos.)

(Como a Jane olhou para a lista do Roger pouco antes da hora habitual da sessão, pensámos que o Seth poderia considerar as perguntas. No entanto, o Seth não se manifestou durante a noite. A Jane disse que não

podia fazer qualquer tentativa consciente para responder às perguntas, uma vez que não conseguia ler as fórmulas. Tinha dito um pouco antes que se sentia "animada" hoje, ou cheia de energia, leve e ativa.)

(As impressões da Jane surgem em texto normal, como as do Seth. Enquanto transmitia os dados, conseguia falar comigo e descrever também o seu estado subjetivo, sem quebrar o fio da receção.)

(Pouco depois de olhar novamente para as perguntas às 21h10, a Jane fechou os olhos.)

Acabei de captar a palavra Bainbridge... Os quadrantes, demasiado numerosos para mencionar. Até à 9.ª — não tenho certeza da palavra aqui — até à 9.ª potência ou grau. Depois, que pena não seres um médium matemático, Ruburt.

(Pensámos que estes dados eram preliminares à sessão regular, já que por vezes a Jane recebe lampejos assim pouco antes de o Seth falar. No entanto, estes dados não pareciam vir do Seth. A Jane disse que sentia que algumas das palavras que "captava" não estavam corretas matematicamente, como "conjunto de inteiros".)

(A Jane então disse-me para esperar, que quando recebesse algo seria "muito claro", mas que não sabia de onde estava a vir. Eu disse que ela podia esperar e deixar o Seth lidar com os dados, e ela respondeu que não queria interromper o que estava a receber. Por vezes falava com uma voz hesitante, noutras vezes muito rapidamente, e geralmente com uma expressão intrigada; olhos frequentemente abertos, como habitual nos seus estados de transe.)

(Ela então disse:) Uma infinidade não tem número. O outro lado do zero não pode ser revertido. (*Pausa.*) Liberdade elevada à 9.ª potência.

(Às 21h20, a Jane pediu para ver novamente a lista do Roger. Olhou brevemente para ela e pousou-a na mesa de café. Depois:)

O princípio do menos pode ser multiplicado para sempre. Não existe constante. Aqui reside a falácia. (*Pausa.*) A resposta então a uma das tuas perguntas está aqui.

Os duplos não têm significado na coisa do Planck, seja lá o que isso for. O número inteiro mais fraco duplica o seu (valor) com a velocidade da luz. Melhor colocar "valor" entre parêntesis, porque não tenho certeza se é a palavra certa.

As posições dos valores acima e abaixo... a linha é então revertida. (*Pausa.*)

Bainbridge novamente, ponto final. Não sei com o que isso se relaciona.

A fórmula ou equação descoberta e esquecida várias vezes.

Os — não sei como se chamam... (*Quando eu disse que não sabia como anotar o que ela estava a dizer, a Jane disse:*) Apenas escreve: os números negativos representam cargas negativas, e marcam a atividade do fluxo negativo dos iões. Os números negativos mascaram inteiros que têm um significado ou ação positivos (*pausa*) e assumem as tarefas normalmente atribuídas, nesta dimensão, aos positivos.

A ordem do valor desce em proporção direta (*o tom da Jane era muito intrigado, olhos abertos*) à ordem de ascensão do lado positivo. (*Depois acrescentou:*) Isto é para tornar isso mais claro; estou a falar sobre valores negativos e positivos, e do lado negativo o valor desce em proporção direta à ordem de ascensão do lado positivo.

(Por algum motivo, a Jane então disse-me que eu não precisava anotar isto, mas eu anotei na mesma:) A ordem dos inteiros do lado negativo desce em proporção direta à ordem de ascensão dos inteiros do lado positivo. Mas o equilíbrio entre eles, os dois sistemas, é apenas aparente do vosso ponto de vista específico, e não básico.

Existe uma instabilidade e uma atividade ainda imprevisível inerentes aos inteiros (*pausa*), mas isso manifesta-se mais fortemente, ou aparece, após a 9.ª potência.

Essa instabilidade não é percetível aqui, mesmo após a 9.ª potência, mas existe. A imprevisibilidade parece resultar na dissolução de quadrantes sob certas condições. O valor dos inteiros pareceria dissolver-se (*pausa*) à velocidade da luz, mas é precisamente aqui que os números negativos assumem e tornam-se, ou assumem, o valor dos números positivos.

Se considerares os números positivos e negativos como um espectro, então, o espectro desloca-se. Os valores internos dos números negativos não foram, penso eu, suspeitados.

O valor dos inteiros projeta-se para a frente e para trás, pulsando como um reflexo (*pausa*), que atrai (quadrantes ou inteiros) (*melhor colocar estes termos entre parêntesis, disse a Jane, já que não tinha certeza da palavra a usar*) como um íman, acrescentando o seu valor ao próprio. (*Pausa.*)

(Às 21h43, a Jane fez uma pausa e aparentemente saiu do transe. "Estou apenas a esperar um momento", disse ela. "Quando pára, eu paro,

percebes. Isto não faz sentido para mim — provavelmente estou a distorcer tudo. Agora parece que estou a receber:)

(*Retoma:*) X Y, não tenho certeza, ou à 2ª ou à 9ª potência, que vai ao lado de Y sobre uma linha; pi, e (*pausa*) um daqueles sinais entre, acho que um sinal de igual (*a Jane agora estava a tentar desenhar sinais no ar*), C C, algo que parece um H sobre uma linha, 4. Isto é um jogo multidimensional. Diverte-te.

(21h49. Outra pausa. A Jane disse que não estava consciente de nenhuma fonte particular para os dados — ela estava "meio em transe" e as palavras simplesmente surgiam. Não era o Seth, disse ela. Não sabia se estava a captar todas as palavras corretamente, mas fazia o melhor que podia. Pelo que sabe, não tem "o menor vocabulário matemático".)

(A equação que tentou transmitir não faz sentido para ela; agora olhou brevemente para as perguntas do Roger novamente. O que ela captou ao transmitir a equação não foi realmente uma visão, disse; não parecia a escrita do Roger; parecia que recebia os dados em palavras e sensações, números a irradiar ou pulsar interiormente nos momentos apropriados dos dados.)

(A Jane não sabe o que significa Bainbridge, se é o apelido de solteira da mãe do Roger, um local, ou o quê. Quando os dados paravam de fluir, a Jane simplesmente relaxava e esperava que surgissem novamente. O "diverte-te" e o uso da palavra "eu" faziam parecer que uma fonte específica era responsável pelos dados.)

(Esperávamos que depois desta pausa o Seth surgisse e explicasse o que estava a acontecer, mas em vez disso a Jane retomou como antes. Falava com a sua própria voz, rápida e lentamente alternadamente, olhos frequentemente abertos e com muitas expressões intrigadas. Retoma às 22h00.)

Não podes segurar a física da 4ª dimensão na palma da mão.

A certa altura, os inteiros parecem dissolver-se; o seu valor minado

(*"Acho que esta parte tem a ver com aquela coisa do Planck", disse a Jane*), mas aqui eles na verdade ganham poderes adicionais, precisamente onde não consegues acompanhar, no inteiro, onde os seus valores parecem minados. Neste ponto, é elevado a outra potência que escapa às capacidades percetivas do cérebro tridimensional.

(*Longa pausa. Outra vez a Jane disse: "Não escrevas nada ainda, não tenho certeza do que estou a captar", enquanto eu anotava de*

qualquer forma:) Estou a ter a impressão de um homenzinho de cabelo escuro, e ele parece muito distante, por isso penso que está no passado; e tem roupas antiquadas... uma corrente de relógio e um colete... ligado a uma faculdade, uma prestigiada como Princeton ou Yale; e trabalhava em teorias matemáticas, e suspeitava, curiosamente, que alguns inteiros ou números tinham valores não suspeitados, e ele tinha razão.

Agora, com ele surge a data 1936. E a menos que eu esteja enganada, penso que 1936 é o ano em que ele publicou ou iniciou algumas das suas teorias. Corretamente interpretadas, elas levariam, como mencionado anteriormente, a uma imprevisibilidade não suspeitada dos inteiros sob certas condições, e a imprevisibilidade é a pista que levaria aos valores até agora ocultos. (*Pausa.*)

É como se o infinito se dobrasse sobre si mesmo. O zero (*gesto, franzir de testa, pausa*), longe de ser neutro, mas uma porta pela qual vem a integridade dos outros números. A integridade do zero não pode ser posta em dúvida.

A beleza do zero é precisamente que todos os outros valores nele residem, inerentes. Agora, ele pode devorar todos os teus (*entre parêntesis aqui, não tenho certeza:*) inteiros; e esses valores em dissolução mencionados anteriormente, ao dissolverem-se no zero, ganham novo poder.

Considera o zero como um mutante. Perdeste o significado do seu comportamento.

Na 9ª potência, certos valores começam a escapar. O que está errado, que não os tenhas detetado? Os quadrantes envolvidos transformam-se numa espiral, viram o zero do avesso. Dentro da sua magnitude, até a modesta integridade do 4 desaparece.

No seu lugar está uma devoração de números. O positivo é acentuado quando viras o zero do avesso. Lembra-te da integridade dos teus quadrantes. Eles escapam-te se desviares o olhar.

Entre a 9ª e a 11ª potência está a resposta para o enigma. (*Pausa.*) Nenhum inteiro é o mesmo de um momento para o outro. (*Intrigada, a Jane abanou a cabeça.*)

Forças estabilidade sobre eles, mas não podes prever a sua ação (*novamente intrigada*) quando os atravessas (*pausa*), na natureza de um pi.

A primeira fórmula está sobrecarregada à direita. Os valores negativos em torno dela vão superar e devorar a integridade do 3; descarrega o 7.

Grego (*a Jane fez uma pausa e inclinou a cabeça como se estivesse a ouvir*), e os teoremas de (*"Estou a ter dificuldade com o nome"*) Minopeles (*interpretação fonética minha*), um matemático menor.

(*"Não sei se acabou ou não", disse agora a Jane. "Neste momento está calmo." Depois:*)

A constante não pode ser tida como garantida na equação como está escrita. Os teus valores minam-se a si próprios. Esqueces-te da integridade do 7.

(*Pausa às 22h28... "Estou apenas a esperar", disse a Jane. Ela olhou brevemente novamente para as fórmulas do Roger. "Não sei o que estou a olhar." Tinha a sensação do homenzinho, como se o visse numa caixinha, disse ela. Interpretou isto como significando que o via no passado.*)

(*A Jane não fazia ideia de onde a informação vinha. Sentia subjetivamente que os dados vinham-lhe do lado direito, através de um canal. Isto contrasta com o canal por cima ou efeito de pirâmide que sente subjetivamente quando a entidade maior do Seth fala.*)

(*A Jane esperou para ver se surgia mais. Depois retomou da mesma forma, de forma bastante objetiva, embora com muitas expressões intrigadas, olhos frequentemente abertos, voz própria, etc., às 22h30.*)

As regras básicas são diferentes, até pi, ampliado a graus desconhecidos, tendo uma função além da principal. Um princípio pouco conhecido de máxima importância.

O significado dos quadrantes nunca foi claramente compreendido — há poderes a atuar sobre os números além daqueles que conheces. (*Ritmo rápido.*) As funções não relacionadas têm forte relação (*a Jane pediu-me para ler esta frase de volta*), com os princípios subjacentes sobre os quais as teorias básicas de mau funcionamento são formadas. Mau funcionamento sendo a incapacidade de um número, numa equação particular, desempenhar o seu serviço habitual.

Números em mau funcionamento aparecem principalmente aos pares nas 3ª, 9ª e 11ª potências. (*Pausa.*) São um sinal da instabilidade do factor PSI (*deletreado*), e mitigam contra a validade dos teus resultados.

Para compensar isto, considera novamente (*expressão intrigada*), a natureza completa dos teus inteiros e lembra-te da sua relação com o factor conhecido como p.

A reforçar isto está o problema dos coesivos. A natureza unificadora (*pausa*) subjacente ao princípio PSI (*deletreado*) agrupa-se de forma

conciliatória. Descobrirás essa aptidão maravilhosa (*pausa*) do factor psi subjacente. A natureza aparentemente errática dos inteiros então une-se. A beleza disto reside precisamente na maneira como os números (*inteiros*) em fusão se encontram. (*A Jane disse para colocar a palavra "inteiros" entre parêntesis, pois não tinha certeza de que palavra usar ali.*)

Aqui a equação (voz mais aguda) tenta virar-se do avesso mas as funções e os valores dos inteiros devolvem-lhe estabilidade as funções às vezes estão completamente invertidas mas a integridade geral da equação mantém-se a natureza sem roupas ha ha ha (voz volta ao normal) ou os alquimistas superaram-se tudo isto é prematuro porque a equação em si tem pouca relação básica com a verdade tem uma relação altamente artificial e esconde outra equação secreta desde o tempo do Egipto relacionada com a natureza básica do zero e os poderes de abertura e de cunha do inteiro libertado sobre o zero até aos 9ºs graus descendentes percebes

(Pausa. Eu tinha perguntado à Jane para confirmar se a palavra "cunha" era a certa, acima.)

Há uma imprevisibilidade básica encontra-a agrupada geralmente sob os valores do simples 7 mais e menos a magnitude do 7 ao passar pelo zero traz-te um conceito multidimensional que equivale à verdade

(22h45. Outra vez o fluxo de informação parou. A Jane disse que a sua atenção estava muito intensa enquanto falava pelo que quer que fosse a fonte destes dados. Ela não se lembrava de ter ouvido falar em factores psi, mas eu lembrava-me e achava que ela também já tinha ouvido de vez em quando sem saber exatamente a que se aplicava; o mesmo com coesivos, modo conciliatório, etc., embora estes fossem muito menos comuns para nós.

A Jane não sabe quem é o homenzinho que descreveu. Concordámos que sabemos tão pouco de matemática que mesmo que estes dados recebidos esta noite estejam todos errados não conseguiríamos discutir inteligentemente com alguém que realmente saiba matemática.

(Novamente a Jane retomou no mesmo tom às 22h55.)

Nem pode ser negada a base intuitiva da matemática os números são meramente símbolos para pontos interiores de reconhecimento as forças por trás dos números irrompem e formam a sua própria interação afetando todos os inteiros até ao 99º grau e daí em diante há uma aceleração dos efeitos um desfocar

A magnificação definitiva e para fora de cada número em forma de pirâmide o ângulo funções não formuladas a verdadeira edificação do matemático é sentir os valores do movimento dos números a interação acumula-se os efeitos acumulam-se e por isso são demonstráveis depois de o psi se tornar conhecido vira os inteiros ao contrário mas não há desordem ainda assim a precisão impecável dos inteiros não se baseia numa ordem básica mas num caos ordenado que numa vez em cada milhão de vezes permite ao inteiro escapar dos seus limites

(De forma constante e bastante rápida.) Valores conhecidos operam até certo ponto depois a natureza imprevisível do factor psi mina os princípios aceites e a equação parece falhar agrupa as tuas forças sob a proteção da 9ª potência

Aqui na 9ª potência há equilíbrio com o menos 9 mas apenas por um momento a imprevisibilidade então entra erguendo as bandeiras de uma casa dividida o átomo vive no factor imprevisível onde os inteiros se encontram e se desfazem aqui há o desenvolvimento de novos poderes e as funções negativas vêm ao de cima

Aqui o grande exército dos inteiros desaparece nas bocas dos quadrantes e a destruição das funções anteriores dos inteiros é consumada mas as funções anteriores ao dissolver-se fazem-no apenas para ressurgir de uma nova forma e erguem-se os valores das 12ªs potências agora sob as bandeiras triunfantes do factor psi menos 7 sobre um pi desdobrado reagrupados os valores atacam-se uns aos outros X perdeu a força e Y está sob o cerco de Planck as forças de Planck (pausa) triunfam sobre os antigos valores mas o zero devora alguns dos homens de Planck o inteiro menos 7 e para resolver o psi tem de ser confundido por um momento com 8 o erro é encontrado e Y fica livre que pena negligenciaste o factor psi pensaste que o 7 o devorava 371 não se sustentará sozinho nesse local está sitiado pela verdade à 3ª potência a verdade sendo um de mãos dadas com o 7 três C (ou E?) 3C sobre 9 à 7ª potência equivale temporariamente a 9 sobre 137 pode dar-te verdade

(23h10. O ritmo da Jane tinha abrandado consideravelmente para o final por isso decidiu que era melhor sair do transe eu também assim que saiu ela recebeu: Michigan foi o local de nascimento; depois saiu.

A Jane estava realmente perplexa com estes dados esta noite para ela os números não têm significado emocional por isso qualquer dramatização

subconsciente parece estar descartada ainda assim vamos investigar a fonte.

(A Pat Norelli vai visitar-nos no Dia de Ação de Graças. Ela vai levar uma cópia desta sessão para o Roger em Boston, com o nosso pedido de uma análise parágrafo a parágrafo deste material por ele, para os nossos registos.

(Revendo parte destes dados a 20 de novembro de 1968, Carl Watkins, que estudou matemática na faculdade, disse que faziam sentido. Ver sessão seguinte—450ª.)

SESSÃO 449

18 DE NOVEMBRO DE 1968

(Segue-se uma cópia de três perguntas enviadas à Jane por Roger Sullivan, amigo de Pat Norelli; ambos vivem em Boston. O Roger está a trabalhar num doutoramento. As perguntas foram enviadas a 6 de Outubro, mas não conseguimos abordá-las antes devido a muitos outros eventos.)

(A sessão 440 foi realizada a 7 de Outubro e foi dirigida à Pat. A lista do Roger continha uma quarta pergunta dirigida ao Seth; esta, relacionada com a fé Bahá'í, foi formulada por uma amiga da Pat e será respondida pelo Seth numa data posterior.)

(As três primeiras perguntas, conforme copiei da carta do Roger:)

(Não tínhamos planeado abordar particularmente as perguntas do Roger esta noite. Limitei-me a mostrar a lista à Jane pouco antes das 21h. O que se seguiu foi surpreendente para nós de várias maneiras e levantou muitas perguntas às quais agora vamos procurar respostas.)

(Estritamente falando, não acreditamos que tenha sido o Seth, tal como o conhecemos e estamos habituados, a dar o material esta noite. A Jane falou enquanto estava em transe, mas com a sua voz habitual, e recebeu os dados de "outra fonte". As nossas perguntas terão a ver com a natureza desta fonte, por que razão estes dados específicos surgiram desta forma, etc. A Jane está habituada a dar impressões por si própria, bem como através do Seth, mas pareceu haver uma diferença intrigante esta noite. A Jane encontrava-se a falar algumas frases e depois esperava por mais, que então recitava diligentemente. Não sentiu a presença de outra personalidade, etc.; fosse qual fosse a fonte, parecia estar emocional e

subjetivamente bloqueada dela no sentido habitual; ainda assim, o material foi transmitido.)

(Escusado será dizer que nem eu nem a Jane sabemos matemática; eu posso saber um pouco mais do que a Jane, mas, por exemplo, nem consegui explicar-lhe o que era um número inteiro durante a pausa desta noite. Algumas frases que surgiram nos dados tinham um tom familiar para mim, mas a Jane disse que para ela nada significavam.)

(Na verdade, disse que, por tudo o que sabe, todos os dados fornecidos esta noite poderiam ser disparates. Não temos livros de matemática no apartamento. Poucas pessoas viram a lista do Roger, e nenhuma delas, com uma exceção, sabia matemática. A exceção é o meu irmão Bill, que olhou brevemente para as perguntas na semana passada, numa viagem por Elmira, vindo de Rochester, onde vive, até Sayre, na Pensilvânia, onde vive a nossa mãe. Ele não conseguiu lançar luz sobre as perguntas nem nos deu quaisquer definições, etc.)

(Tudo isto não quer dizer que eu e a Jane não tenhamos encontrado matemática sob alguma forma no nosso dia-a-dia, provavelmente por vezes sem estarmos conscientes disso. Já lemos sobre relatividade, por exemplo, em livros de bolso populares, e alguns outros livros de bolso sobre uma variedade de temas que poderiam ter incluído vários tipos ou exemplos de fórmulas matemáticas, etc. Por outras palavras, estimamos que os nossos contatos com a matemática tenham sido medianos.)

(Como a Jane olhou para a lista do Roger pouco antes da hora habitual da sessão, pensámos que o Seth poderia considerar as perguntas. No entanto, o Seth não se manifestou durante a noite. A Jane disse que não podia fazer qualquer tentativa consciente para responder às perguntas, uma vez que não conseguia ler as fórmulas. Tinha dito um pouco antes que se sentia "animada" hoje, ou cheia de energia, leve e ativa.)

(As impressões da Jane surgem em texto normal, como as do Seth. Enquanto transmitia os dados, conseguia falar comigo e descrever também o seu estado subjetivo, sem quebrar o fio da receção.)

(Pouco depois de olhar novamente para as perguntas às 21h10, a Jane fechou os olhos.)

Acabei de captar a palavra Bainbridge... Os quadrantes, demasiado numerosos para mencionar. Até à 9.ª — não tenho certeza da palavra aqui — até à 9.ª potência ou grau. Depois, que pena não seres um médium matemático, Ruburt.

(Pensámos que estes dados eram preliminares à sessão regular, já que por vezes a Jane recebe lampejos assim pouco antes de o Seth falar. No entanto, estes dados não pareciam vir do Seth. A Jane disse que sentia que algumas das palavras que "captava" não estavam corretas matematicamente, como "conjunto de inteiros".)

(A Jane então disse-me para esperar, que quando recebesse algo seria "muito claro", mas que não sabia de onde estava a vir. Eu disse que ela podia esperar e deixar o Seth lidar com os dados, e ela respondeu que não queria interromper o que estava a receber. Por vezes falava com uma voz hesitante, noutras vezes muito rapidamente, e geralmente com uma expressão intrigada; olhos frequentemente abertos, como habitual nos seus estados de transe.)

(Ela então disse:) Uma infinidade não tem número. O outro lado do zero não pode ser revertido. (*Pausa.*) Liberdade elevada à 9.ª potência.

(Às 21h20, a Jane pediu para ver novamente a lista do Roger. Olhou brevemente para ela e pousou-a na mesa de café. Depois:)

O princípio do menos pode ser multiplicado para sempre. Não existe constante. Aqui reside a falácia. (*Pausa.*) A resposta então a uma das tuas perguntas está aqui.

Os duplos não têm significado na coisa do Planck, seja lá o que isso for. O número inteiro mais fraco duplica o seu (valor) com a velocidade da luz. Melhor colocar "valor" entre parêntesis, porque não tenho certeza se é a palavra certa.

As posições dos valores acima e abaixo... a linha é então revertida. (*Pausa.*)

Bainbridge novamente, ponto final. Não sei com o que isso se relaciona.

A fórmula ou equação descoberta e esquecida várias vezes.

Os — não sei como se chamam... (*Quando eu disse que não sabia como anotar o que ela estava a dizer, a Jane disse:*) Apenas escreve: os números negativos representam cargas negativas, e marcam a atividade do fluxo negativo dos iões. Os números negativos mascaram inteiros que têm um significado ou ação positivos (*pausa*) e assumem as tarefas normalmente atribuídas, nesta dimensão, aos positivos.

A ordem do valor desce em proporção direta (*o tom da Jane era muito intrigado, olhos abertos*) à ordem de ascensão do lado positivo. (*Depois acrescentou:*) Isto é para tornar isso mais claro; estou a falar sobre valores

negativos e positivos, e do lado negativo o valor desce em proporção direta à ordem de ascensão do lado positivo.

(Por algum motivo, a Jane então disse-me que eu não precisava anotar isto, mas eu anotei na mesma:) A ordem dos inteiros do lado negativo desce em proporção direta à ordem de ascensão dos inteiros do lado positivo. Mas o equilíbrio entre eles, os dois sistemas, é apenas aparente do vosso ponto de vista específico, e não básico.

Existe uma instabilidade e uma atividade ainda imprevisível inerentes aos inteiros (*pausa*), mas isso manifesta-se mais fortemente, ou aparece, após a 9.ª potência.

Essa instabilidade não é percetível aqui, mesmo após a 9.ª potência, mas existe. A imprevisibilidade parece resultar na dissolução de quadrantes sob certas condições. O valor dos inteiros pareceria dissolver-se (*pausa*) à velocidade da luz, mas é precisamente aqui que os números negativos assumem e tornam-se, ou assumem, o valor dos números positivos.

Se considerares os números positivos e negativos como um espectro, então, o espectro desloca-se. Os valores internos dos números negativos não foram, penso eu, suspeitados.

O valor dos inteiros projeta-se para a frente e para trás, pulsando como um reflexo (*pausa*), que atrai (quadrantes ou inteiros) (*melhor colocar estes termos entre parêntesis, disse a Jane, já que não tinha certeza da palavra a usar*) como um íman, acrescentando o seu valor ao próprio. (*Pausa.*)

(Às 21h43, a Jane fez uma pausa e aparentemente saiu do transe. "Estou apenas a esperar um momento", disse ela. "Quando pára, eu paro, percebes. Isto não faz sentido para mim — provavelmente estou a distorcer tudo. Agora parece que estou a receber:)

(*Retoma:*) X Y, não tenho certeza, ou à 2ª ou à 9ª potência, que vai ao lado de Y sobre uma linha; pi, e (*pausa*) um daqueles sinais entre, acho que um sinal de igual (*a Jane agora estava a tentar desenhar sinais no ar*), C C, algo que parece um H sobre uma linha, 4. Isto é um jogo multidimensional. Diverte-te.

(21h49. Outra pausa. A Jane disse que não estava consciente de nenhuma fonte particular para os dados — ela estava "meio em transe" e as palavras simplesmente surgiam. Não era o Seth, disse ela. Não sabia se estava a captar todas as palavras corretamente, mas fazia o melhor que podia. Pelo que sabe, não tem "o menor vocabulário matemático".)

(A equação que tentou transmitir não faz sentido para ela; agora olhou brevemente para as perguntas do Roger novamente. O que ela captou ao transmitir a equação não foi realmente uma visão, disse; não parecia a escrita do Roger; parecia que recebia os dados em palavras e sensações, números a irradiar ou pulsar interiormente nos momentos apropriados dos dados.)

(A Jane não sabe o que significa Bainbridge, se é o apelido de solteira da mãe do Roger, um local, ou o quê. Quando os dados paravam de fluir, a Jane simplesmente relaxava e esperava que surgissem novamente. O "diverte-te" e o uso da palavra "eu" faziam parecer que uma fonte específica era responsável pelos dados.)

(Esperávamos que depois desta pausa o Seth surgisse e explicasse o que estava a acontecer, mas em vez disso a Jane retomou como antes. Falava com a sua própria voz, rápida e lentamente alternadamente, olhos frequentemente abertos e com muitas expressões intrigadas. Retoma às 22h00.)

Não podes segurar a física da 4ª dimensão na palma da mão.

A certa altura, os inteiros parecem dissolver-se; o seu valor minado

("Acho que esta parte tem a ver com aquela coisa do Planck", disse a Jane), mas aqui eles na verdade ganham poderes adicionais, precisamente onde não consegues acompanhar, no inteiro, onde os seus valores parecem minados. Neste ponto, é elevado a outra potência que escapa às capacidades percetivas do cérebro tridimensional.

(*Longa pausa. Outra vez a Jane disse: "Não escrevas nada ainda, não tenho certeza do que estou a captar", enquanto eu anotava de qualquer forma:*)

Estou a ter a impressão de um homenzinho de cabelo escuro, e ele parece muito distante, por isso penso que está no passado; e tem roupas antiquadas... uma corrente de relógio e um colete... ligado a uma faculdade, uma prestigiada como Princeton ou Yale; e trabalhava em teorias matemáticas, e suspeitava, curiosamente, que alguns inteiros ou números tinham valores não suspeitados, e ele tinha razão.

Agora, com ele surge a data 1936. E a menos que eu esteja enganada, penso que 1936 é o ano em que ele publicou ou iniciou algumas das suas teorias. Corretamente interpretadas, elas levariam, como mencionado anteriormente, a uma imprevisibilidade não suspeitada dos inteiros sob

certas condições, e a imprevisibilidade é a pista que levaria aos valores até agora ocultos. (*Pausa.*)

É como se o infinito se dobrasse sobre si mesmo. O zero (*gesto, franzir de testa, pausa*), longe de ser neutro, mas uma porta pela qual vem a integridade dos outros números. A integridade do zero não pode ser posta em dúvida.

A beleza do zero é precisamente que todos os outros valores nele residem, inerentes. Agora, ele pode devorar todos os teus (*entre parêntesis aqui, não tenho certeza:*) inteiros; e esses valores em dissolução mencionados anteriormente, ao dissolverem-se no zero, ganham novo poder.

Considera o zero como um mutante. Perdeste o significado do seu comportamento.

Na 9ª potência, certos valores começam a escapar. O que está errado, que não os tenhas detetado? Os quadrantes envolvidos transformam-se numa espiral, viram o zero do avesso. Dentro da sua magnitude, até a modesta integridade do 4 desaparece.

No seu lugar está uma devoração de números. O positivo é acentuado quando viras o zero do avesso. Lembra-te da integridade dos teus quadrantes. Eles escapam-te se desviares o olhar.

Entre a 9ª e a 11ª potência está a resposta para o enigma. (*Pausa.*) Nenhum inteiro é o mesmo de um momento para o outro.

(*Intrigada, a Jane abanou a cabeça.*)

Forças estabilidade sobre eles, mas não podes prever a sua ação (*novamente intrigada*) quando os atravessas (*pausa*), na natureza de um pi.

A primeira fórmula está sobrecarregada à direita. Os valores negativos em torno dela vão superar e devorar a integridade do 3; descarrega o 7. Grego (*a Jane fez uma pausa e inclinou a cabeça como se estivesse a ouvir*), e os teoremas de (*"Estou a ter dificuldade com o nome"*) Minopeles (*interpretação fonética minha*), um matemático menor.

(*"Não sei se acabou ou não", disse agora a Jane. "Neste momento está calmo." Depois:*)

A constante não pode ser tida como garantida na equação como está escrita. Os teus valores minam-se a si próprios. Esqueces-te da integridade do 7.

(*Pausa às 22h28... "Estou apenas a esperar", disse a Jane. Ela olhou brevemente novamente para as fórmulas do Roger. "Não sei o que estou a*

olhar." Tinha a sensação do homenzinho, como se o visse numa caixinha, disse ela. Interpretou isto como significando que o via no passado.)

(*A Jane não fazia ideia de onde a informação vinha. Sentia subjetivamente que os dados vinham-lhe do lado direito, através de um canal. Isto contrasta com o canal por cima ou efeito de pirâmide que sente subjetivamente quando a entidade maior do Seth fala.*)

(*A Jane esperou para ver se surgia mais. Depois retomou da mesma forma, de forma bastante objetiva, embora com muitas expressões intrigadas, olhos frequentemente abertos, voz própria, etc., às 22h30.*)

As regras básicas são diferentes, até pi, ampliado a graus desconhecidos, tendo uma função além da principal. Um princípio pouco conhecido de máxima importância.

O significado dos quadrantes nunca foi claramente compreendido — há poderes a atuar sobre os números além daqueles que conheces. (*Ritmo rápido.*) As funções não relacionadas têm forte relação (*a Jane pediu-me para ler esta frase de volta*), com os princípios subjacentes sobre os quais as teorias básicas de mau funcionamento são formadas. Mau funcionamento sendo a incapacidade de um número, numa equação particular, desempenhar o seu serviço habitual.

Números em mau funcionamento aparecem principalmente aos pares nas 3ª, 9ª e 11ª potências. (*Pausa.*) São um sinal da instabilidade do factor PSI (*deletreado*), e mitigam contra a validade dos teus resultados.

Para compensar isto, considera novamente (*expressão intrigada*), a natureza completa dos teus inteiros e lembra-te da sua relação com o factor conhecido como p.

A reforçar isto está o problema dos coesivos. A natureza unificadora (*pausa*) subjacente ao princípio PSI (*deletreado*) agrupa-se de forma conciliatória. Descobrirás essa aptidão maravilhosa (*pausa*) do factor psi subjacente. A natureza aparentemente errática dos inteiros então une-se. A beleza disto reside precisamente na maneira como os números (*inteiros*) em fusão se encontram. (*A Jane disse para colocar a palavra "inteiros" entre parêntesis, pois não tinha certeza de que palavra usar ali.*)

Aqui a equação (voz mais aguda) tenta virar-se do avesso mas as funções e os valores dos inteiros devolvem-lhe estabilidade as funções às vezes estão completamente invertidas mas a integridade geral da equação mantém-se a natureza sem roupas ha ha ha (voz volta ao normal) ou os alquimistas superaram-se tudo isto é prematuro porque a equação em si tem

pouca relação básica com a verdade tem uma relação altamente artificial e esconde outra equação secreta desde o tempo do Egipto relacionada com a natureza básica do zero e os poderes de abertura e de cunha do inteiro libertado sobre o zero até aos 9ºs graus descendentes percebes

(Pausa. Eu tinha perguntado à Jane para confirmar se a palavra "cunha" era a certa, acima.)

Há uma imprevisibilidade básica encontra-a agrupada geralmente sob os valores do simples 7 mais e menos a magnitude do 7 ao passar pelo zero traz-te um conceito multidimensional que equivale à verdade

(22h45. Outra vez o fluxo de informação parou. A Jane disse que a sua atenção estava muito intensa enquanto falava pelo que quer que fosse a fonte destes dados. Ela não se lembrava de ter ouvido falar em factores psi, mas eu lembrava-me e achava que ela também já tinha ouvido de vez em quando sem saber exatamente a que se aplicava; o mesmo com coesivos, modo conciliatório, etc., embora estes fossem muito menos comuns para nós.

(A Jane não sabe quem é o homenzinho que descreveu. Concordámos que sabemos tão pouco de matemática que mesmo que estes dados recebidos esta noite estejam todos errados não conseguiríamos discutir inteligentemente com alguém que realmente saiba matemática.

(Mais uma vez a Jane retomou no mesmo tom às 22h55.)

Nem pode ser negada a base intuitiva da matemática os números são meramente símbolos para pontos interiores de reconhecimento as forças por trás dos números irrompem e formam a sua própria interação afetando todos os inteiros até ao 99º grau e daí em diante há uma aceleração dos efeitos um desfocar

A magnificação definitiva e para fora de cada número em forma de pirâmide o ângulo funções não formuladas a verdadeira edificação do matemático é sentir os valores do movimento dos números a interação acumula-se os efeitos acumulam-se e por isso são demonstráveis depois de o psi se tornar conhecido vira os inteiros ao contrário mas não há desordem ainda assim a precisão impecável dos inteiros não se baseia numa ordem básica mas num caos ordenado que numa vez em cada milhão de vezes permite ao inteiro escapar dos seus limites

(De forma constante e bastante rápida.)

Valores conhecidos operam até certo ponto depois a natureza imprevisível do factor psi mina os princípios aceites e a equação parece falhar agrupa as tuas forças sob a proteção da 9ª potência

Aqui na 9ª potência há equilíbrio com o menos 9 mas apenas por um momento a imprevisibilidade então entra erguendo as bandeiras de uma casa dividida o átomo vive no factor imprevisível onde os inteiros se encontram e se desfazem aqui há o desenvolvimento de novos poderes e as funções negativas vêm ao de cima

Aqui o grande exército dos inteiros desaparece nas bocas dos quadrantes e a destruição das funções anteriores dos inteiros é consumada mas as funções anteriores ao dissolver-se fazem-no apenas para ressurgir de uma nova forma e erguem-se os valores das 12ªs potências agora sob as bandeiras triunfantes do factor psi menos 7 sobre um pi desdobrado reagrupados os valores atacam-se uns aos outros X perdeu a força e Y está sob o cerco de Planck as forças de Planck (pausa) triunfam sobre os antigos valores mas o zero devora alguns dos homens de Planck o inteiro menos 7 e para resolver o psi tem de ser confundido por um momento com 8 o erro é encontrado e Y fica livre que pena negligenciaste o factor psi pensaste que o 7 o devorava 371 não se sustentará sozinho nesse local está sitiado pela verdade à 3ª potência a verdade sendo um de mãos dadas com o 7 três C (ou E?) 3C sobre 9 à 7ª potência equivale temporariamente a 9 sobre 137 pode dar-te verdade

(23h10. O ritmo da Jane tinha abrandado consideravelmente para o final por isso decidiu que era melhor sair do transe eu também assim que saiu ela recebeu: Michigan foi o local de nascimento; depois saiu.

(A Jane estava realmente perplexa com estes dados esta noite para ela os números não têm significado emocional por isso qualquer dramatização subconsciente parece estar descartada ainda assim vamos investigar a fonte.

(A Pat Norelli vai visitar-nos no Dia de Ação de Graças. Ela vai levar uma cópia desta sessão para o Roger em Boston, com o nosso pedido de uma análise parágrafo a parágrafo deste material por ele, para os nossos registos.

(Revendo parte destes dados a 20 de novembro de 1968, Carl Watkins, que estudou matemática na faculdade, disse que faziam sentido. Ver sessão seguinte—450ª.)

SESSÃO 450

20 NOVEMBRO 1968

(Esta sessão revelou ser uma continuação da última sessão. Ver páginas 149-150 para uma explicação das circunstâncias em torno das perguntas enviadas à Jane pelo amigo da Pat Norelli, Roger.

(Mais uma vez a Jane falou sozinha ao transmitir os dados desta noite e perto do fim da sessão começámos a perceber alguns indícios do que se passava uma atmosfera mais pessoal e emocional começou a entrar em cena e isso foi revelador para nós nestas situações a Jane está a aprender a ter controlo mesmo enquanto está em transe.

(Queremos deixar aqui uma nota para o Roger no sentido de que gostaríamos que ele analisasse as duas sessões e nos desse um resumo escrito detalhado dos dados fornecidos pela Jane em resposta às perguntas matemáticas que ele enviou à Jane. Isto aplica-se quer as respostas o satisfaçam ou não quer façam sentido ou não queremos inserir o material no registo para que tenha o seu lugar entre a variedade de material que cresce a partir das sessões. O conhecimento e vocabulário matemático da Jane (e o meu) são tão limitados que quaisquer dados válidos (ou inválidos?) obtidos em transe pela Jane sobre este assunto interessam-nos; quanto mais soubermos sobre estas duas sessões mais fácil será para nós interpretar outra faceta da experiência em transe.

(Esta sessão foi testemunhada por Carl Watkins de Odessa, Nova Iorque. O Carl estudou matemática durante dois anos na faculdade; ao ler a primeira sessão disse que as ideias apresentadas pela Jane em transe faziam sentido para ele citou-nos alguns exemplos e trabalhou alguns cálculos especialmente sobre quadrantes e desenhou alguns diagramas. Isto revelou-se interessante para nós e compreendemos enquanto ele falava; mais tarde no entanto devido à nossa falta de base em matemática tivemos dificuldade em recordar o que ele tinha dito.

(Sentámo-nos à espera da sessão como de costume às 21h esperando que o Seth surgisse. No entanto a Jane acabou por começar a falar por si mesma novamente. Os olhos permaneceram maioritariamente fechados; a voz estava uniforme e normal o ritmo razoável com algumas pausas longas.)

A multiplicidade do finito sob o estabelecimento da forma causa a renúncia dos valores voando sob o signo de tudo antes da 9ª potência

(A Jane transmitiu este material com muitas expressões de perplexidade.)

Depois da 9ª potência a forma estilhaça-se mas na 12ª potência a forma é restabelecida sob uma nova constante certos inteiros desmentem a sua própria posição e projetam sombras noutras dimensões

Isto tem a ver com a 2ª equação o seu estabelecimento pode ser encontrado quando compreenderes a potência negativa escondida que ainda não descobriste os gregos tinham um nome para isso a mestria da equação não é determinada pela previsibilidade mas pela realização de que a imprevisibilidade ocorre frequentemente numa razão constante a razão menos zero sobre um três sete saltando agora de volta para a outra

("Não sei se isso significa voltar à primeira equação ou não" disse a Jane. Ver página 149 para uma cópia das perguntas do Roger.)

As magnitudes estão sobre-extensas na tua primeira versão (pausa) quatro foi subestimado (depois a Jane disse: "Não faço ideia do que isto significa") e 3 na coluna amarela levaria à aniquilação ("Acho que é aniquilação" disse ela "mas também sinto algo como desastre")

A ascendência normal foi perturbada e estás a 3 dígitos de distância no lado direito acima da linha (pausa) não vês os teus agrupamentos seriam erradicados sê corajoso e move o teu 6 isto refere-se novamente à 9ª potência

Sem saber perturbas a integridade do 7 agrupa as tuas forças novamente sob a constante (pausa) agora vira a equação ao contrário e verás que ela é pura

Não pratiques violência euclidiana sê gentil nas tuas manipulações

(A Jane soletrou 'Euclidiana'. Na pausa verificou-se que ela não sabia conscientemente sobre Euclides, o matemático e geómetra grego.)

Agora acho que isto com o factor psi é demasiado severo ou repentino um movimento demasiado apressado aqui vai desequilibrar o 7 agora pesa os teus valores (pausa) nenhum método conhecido pode agora perturbá-los (longa pausa)

Há trabalho para ti aqui como é devido fecha a porta na cara de uma constante e os elementos convergem (expressão perplexa) consideraste 137 sobre 4 à 9ª? recuperação rápida (pausa) a tua equação original vacila sob o peso dos imponderáveis poderoso é o quadrante que corta pelo centro da fonte o círculo inabalável o zero inabalável devora dois 7's (pausa) e a estrutura ou forma é comida por dentro

O vórtice perturba a velocidade da luz ou move-se para cima através de...

(A Jane fez uma pausa e depois disse: "Não sei Robby tenho a imagem de algo que parece uma espiral a velocidade da luz depois o centro é o vórtice" e a Jane fez um gesto a apontar para o meio da imagem que estava a desenhar no ar com os olhos fechados.)

Os padrões estão sobrepostos uns aos outros e tens de olhar para além do véu dos inteiros e dentro dos seus valores inesperados lembra-te novamente de reagrupar as tuas forças

O homem referido anteriormente 72 meu é o feito

(21:53. A Jane saiu do transe facilmente no entanto parecia e comportava-se algo sonolenta este efeito de sonolência já me pareceu mais pronunciado do que tinha sido em qualquer momento da última sessão ela ainda não tinha ideia real da origem do material a última frase da sua entrega acima parecia ser uma citação ver página 153 da última sessão sobre o homenzinho à moda antiga que a Jane tinha visto em forma de imagem.)

(Ela retomou no mesmo tom que antes às 22:02.)

No coração do vórtice os inteiros desfazem-se eles reagrupam-se do outro lado de 7 à 9ª no lado negativo os positivos estão espalhados

(A Jane deu-me uma pontuação aqui: "Há um ponto final depois de lado negativo.")

Agrupa as tuas forças sob 137 (pausa) levado à magnitude de 9 e esmagaste os teus quadrantes vantagens e possibilidades incalculáveis vêm então à vista

(A Jane fez outra pausa a voz estava subitamente mais fraca arrastando-se por vezes parecia estar a fazer um esforço para continuar mais emoção era agora aparente como se uma personalidade estivesse a inserir-se nos dados que até agora tinham sido bastante objetivos e uniformemente transmitidos.)

Minha é a mão que escreveu *(uma longa pausa perplexa olhos fechados)* finis *(soletrado hesitante)* à proposição que trata de (pausa voz mais fraca) aspetos inexplorados *(voz de repente mais forte)* então inexplorados aspetos de... teorema...

(A Jane fazia agora muitas expressões faciais juntamente com os efeitos desiguais na força da voz as suas feições tinham também um aspeto diferente especialmente à volta da boca os lábios comprimidos e rígidos o

queixo contraído a testa franzida parte do efeito pareceu-me devido ao esforço de concentração o resto parecia refletir a presença de outra personalidade.)

Cron...

É uma palavra latina — crontonomus *(a minha interpretação fonética)* aplicada ao espectro interior negativo J U R I N I S *(soletrado numa voz muito mais forte)* S T A V O *(também soletrado mas mais baixo)* um um cinco um onze *(neste momento a diferença facial era bem marcada a Jane parecia mais velha)* o símbolo para te ajudar a identificar uma esfera com linhas como raios Juris Edimburgo 1831 *(muito mais alto)* 1872 *(mais baixo)* morreu atormentado com os aspetos com os problemas da constante desconhecida e a falácia a falácia *(perplexa abana a cabeça quase veementemente)* de... não sei... Robby acho que é Demócrito *(a minha interpretação fonética.)*

Edimburgo, artigos... regras fundamentais expulsaram-me então eu estava à frente do meu tempo o homenzinho encontrou as minhas teorias o que foi mencionado antes *(a Jane agora estava sentada com a cabeça para trás olhos fechados a posição parecia tornar mais difícil para ela falar)* misérias incalculáveis sobre a autoria *(longa pausa)* especulação grega e renascimento popular *(longa pausa palavras fracas:)* ... mente é... seja portanto sabido fragmentos estilhaçam-se sob a obra da 9ª potência e os valores redistribuem-se sob a liderança do 7

(Eu pedi agora à Jane que repetisse uma palavra ininteligível. Ela disse suavemente primeiro:) Deminaria *(depois mais alto:)* Tominaria (ambas as minhas interpretações fonéticas)

Que o senhor esteja contigo nas tuas viagens

Os valores são minados *(cabeça baixa agora)* quando o zero é esferado... esferado percebes *(gesto)* quando o zero é como uma maçã com um caule *(longa pausa)* magnífico...

22:23 Depois de uma longa pausa os olhos da Jane começaram a tentar abrir demorou bastante a sair do transe passaram-se vários minutos antes de os olhos ficarem abertos

A Jane disse que tinha sentido a expressão facial mudar como descrito; naquele momento os dados começaram a mudar do abstrato para uma personalidade emocional que era responsável por eles assim uma das nossas perguntas foi respondida ainda que vagamente a personalidade parecia bastante perturbada e teria continuado a tornar-se muito emocional

e veemente se a minha mulher tivesse escolhido deixar isso continuar nessa direção mas com alguma experiência já acumulada a Jane disse que sabia quando se retirar do confronto emocional bruto enquanto em transe e assim fez

Ela desenhou agora para mim e para o Carl a ilustração à esquerda "Isto é a maçã com caule" disse ela "que a personalidade estava a tentar transmitir" a Jane disse que não tinha vocabulário para isso era algo que "ele" sabia que não conseguiria fazê-la dizer

Para nossa surpresa o Seth surgiu agora quando a sessão foi retomada a mudança na Jane foi notável ela animou-se de imediato como Seth a voz era forte e um pouco alta olhos muitas vezes abertos e muito escuros ritmo bom sorrindo frequentemente 22:37

Bem —

("Boa noite Seth")

— venho para encerrar a nossa sessão e deixar-vos saber que estive presente um parceiro silencioso (divertido)

E as minhas boas-vindas ao nosso amigo aqui (para o Carl) parabéns ao nosso génio matemático Ruburt ele portou-se bem a informação foi transmitida como dada e sob o meu patrocínio foi uma lição valiosa para o Ruburt *(pausa)* ajudei em alguns períodos da transmissão

("Quem era aquela personalidade Jurinis?")

Como a personalidade ainda está próxima sugiro que vos dê essa informação na próxima sessão o contato emocional com o Ruburt ainda não foi completamente cortado e tens esse facto a agradecer pela minha presença

("O que queres dizer com isso exatamente?")

Vim ajudar o Ruburt a cortar o contato emocional e a pedido do próprio Ruburt no geral estou satisfeito isto foi uma experiência e funcionou muito bem achei que o Ruburt gostaria de obter alguma informação diretamente de alguém que tivesse maior interesse nesses assuntos do que eu e chamei o nosso bom amigo

Agora vou terminar a sessão mesmo que não a tenha começado

Os meus mais calorosos cumprimentos para ti *(sorriso)*

("Boa noite Seth")

A Jane saiu do transe rapidamente em comparação com a última interrupção disse que se sentia bem por ter ouvido o Seth

Uma curiosidade: o Carl Watkins disse que sentiu uma mudança definitiva de massa na Jane quando ela estava a falar como Seth quando ela balançava para a frente e para trás como Seth disse o Carl o chão debaixo da cadeira rangia mas o chão não rangia quando a Jane se balançava como ela própria depois das 22:45 o Carl disse que verificou cuidadosamente para garantir que a cadeira não tinha sido movida a Jane pesa 48 kg o Carl pesa 85 kg ele sentou-se agora na cadeira sem mudar a posição e quando se balançava para a frente e para trás o chão rangia

(Eu tinha ouvido o ranger do chão enquanto escrevia mas não tinha reparado em quando acontecia e quando não acontecia)

Pensámos que a sessão tinha terminado mas não era o caso enquanto os três conversávamos a Jane começou a receber mais impressões sozinha novamente **23:05** começou a falar no mesmo tom tranquilo e controlado de transe que tinha usado no início da sessão

...uma enciclopédia de conhecimento matemático... Edimburgo... teria o nome deste homem estaria em latim este teorema surgiu novamente em 1831 o volume ou edição particular da enciclopédia saiu no outono e na altura em que este homem estava a trabalhar havia algum tipo de disputa matemática a decorrer e um calendário marcado para algum tipo de conferência a ser realizada na universidade para matemáticos de todo o lado a disputa tinha conotações matemáticas e filosóficas porque as ideias estavam de algum modo entrelaçadas com a ciência

O nome Sturgeon também estava ligado a isso e Litargeous isto é o mais próximo que consigo do nome era chamado popularmente de "A conspiração dos números" sob os auspícios do primature *("não tenho a certeza do nome" pensei que a Jane poderia estar a tentar referir-se a imprimatur, que significa sanção ou aprovação)*

Pius, não me soa bem, 8, 1... Estou a perceber... Acho que é Pio VI. Mas não soa bem, mas parece ser o que estou a captar.

(Verificando no dicionário, verificamos que houve 12 Papas, mas a nossa fonte não lista a maioria por data. Pio VII foi Papa de 1800-23, Pio IX foi Papa de 1846-78, etc. Não temos datas para Pio VI e VIII.)

(Ao fim da sessão, a Jane disse que estava a receber números romanos aqui; depois teve a impressão de que o que queria era "2 dígitos deste lado do 8, o que faria ser Pio VI.")

(Os dados parecem distorcidos, ou a interpretação da Jane sobre eles. A Jane pensou que, se tivesse seguido como começou com os dados de Pio, teria dito Pio IX, mas não o fez.)

...De alguma forma, toda esta controvérsia quase parece ter sido pensada na natureza de uma conspiração, que, suponho, derrubaria as ideias atuais da época. M I N N I U S *(soletrado)*, dei o nome?
Oito homens sentaram-se em julgamento sobre este sujeito de que estava a falar mais cedo, e ele foi expulso. Houve um Thaddeus envolvido, e a natureza ou as características do zero nos problemas do infinito.
De acordo com este homem, este grupo ultrapassou, através da ignorância e estupidez, a verdadeira natureza das constantes envolvidas. O nome deste homem foi removido das duas edições seguintes da enciclopédia como resultado... Oh, vamos interromper agora.

(*Fim por volta das 23:30. A Jane disse que rapidamente interrompeu o fluxo de dados porque, enquanto falava, sentia o homem a ficar furioso novamente à menção da enciclopédia; isto depois de uma crescente raiva alimentada pelos dados anteriores. Havia uma forte reação emocional a crescer, por isso a Jane interrompeu.)*

(Nenhum de nós tem qualquer informação relacionada com estes dados.)

NOTAS DE JANE BUTTS SOBRE AS SESSÕES 449 E 450

(Intrigada por ter dado material tão diferente e difícil, a Jane verificou alguns livros de referência antes da visita de Ação de Graças da Pat Norelli de Boston. A Pat levou cópias das duas sessões para o Roger Sullivan, que nos enviou as suas opiniões sobre elas em dezembro. Mas antes, aqui estão as cópias das notas da Jane.)

(Agora aqui está a resposta que o Roger escreveu para a Jane a 21 de dezembro de 1968, depois de ter estudado as sessões 449 e 450. Não lhe enviámos cópias das próprias notas da Jane.)

(Nota: neste momento o meu registo original, datilografado simples ou duplo, do material do Seth tem 4.636 páginas. As sessões 449 e 450 ocupam as últimas 18 páginas – daí as referências do Roger a números na categoria de 4.000.)

CARTA DE ROB E JANE BUTTS
PARA ROGER J. SULLIVAN
3 DE FEVEREIRO DE 1969

Caro Roger:

Muito obrigado pela tua carta de 21 de dezembro. Pedimos desculpa pelo nosso atraso em responder. A Jane tem estado sobrecarregada com trabalho, correspondência, aulas, etc., por isso tomei a liberdade de ajudá-la com as cartas. Quando arranjo um minuto livre, respondo à próxima da lista.

Em relação ao que dizes sobre o material que te enviámos, vemos por que motivo uma análise parágrafo por parágrafo não é necessária; isso está perfeitamente bem, e agradecemos o teu esforço por analisar o material e o tempo que gastaste a responder. Estudámos a tua resposta até certo ponto — não tanto quanto gostaríamos — e pretendemos fazer mais com ela. A experiência da Jane ao receber este tipo de material que te enviámos é bastante limitada, e temos muitas perguntas.

Um episódio como as sessões que te enviámos, realizado depois dessas, correu bastante bem; outro, envolvendo a Califórnia, não correu tão bem, pelo que sabemos. Às vezes é difícil verificar. Se algum dia nos encontrarmos, poderíamos fazer-te muitas perguntas, mas aprendemos que é difícil fazer um trabalho profundo por carta, então vamos contentar-nos com o que já foi dito.

No entanto, se tu e a tua mulher algum dia vierem a Elmira, sabem, claro, que são bem-vindos a qualquer momento. Não esperem por um convite. A Pat, por exemplo, sabe que pode aparecer a qualquer hora. A propósito, temos estado tão ocupados que nem sequer lhe escrevemos ultimamente — e esperamos sinceramente que ela esteja bem.

Não sabemos como funcionam as coisas em relação à entrega de uma tese, etc., como mencionas na tua carta, mas tens os nossos melhores votos. Supomos que isso significa que já fizeste todo o teu trabalho e agora estás apenas à espera das formalidades, etc., para esse grande dia! Se arranjares um minuto, por favor, mantém-nos informados.

Mais uma vez, obrigado,
Rob & Jane Butts
458 W. Water St
Elmira, NY 14905

SESSÃO 451
25 NOVEMBRO 1968

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Algumas observações adicionais sobre o centro do eu, antes de continuar com uma discussão mais longa.
Encontrarão evidências do centro do vosso eu nas vossas pinturas, claro. Existe uma continuidade que segue através de todas as existências, e mostra-se nos esforços e criações dos indivíduos envolvidos.

Haverá um núcleo dentro das vossas próprias pinturas, de onde toda a composição surge, e é aqui que podem encontrar rapport com o centro do vosso eu. O centro contém conhecimento condensado, não só sobre vidas aparentemente passadas, mas também sobre o futuro. Desta forma, no vosso trabalho, criam uma nova dimensão.

Esse centro é como uma estrada que podem seguir para dentro. Rostos recordados daqueles que conheceram, e cenas recordadas de outras existências, formam o núcleo da vossa experiência; as formas que trazem, aparentemente do nada, para a realidade. Embora não estejam conscientemente cientes da familiaridade passada, ainda assim utilizam o conhecimento a vosso favor consciente.

De certa forma, são os degraus que vos conduzem até vós mesmos, ou as espirais que vos levam para dentro de vós mesmos. A pintura espirala para fora da vossa realidade interior, e traz à tona energia e conexões anteriores e interpretações. No entanto, formam-nas de novo, acrescentando-lhes o conhecimento e a vitalidade do vosso eu atual.

É algo mais fácil para o artista ou poeta encontrar este centro do eu.

Os símbolos intuitivos podem ser melhor reconhecidos. Agora podes agarrar a inspiração original para uma pintura e levá-la para fora, ou podes olhar para a tua pintura terminada e levá-la para dentro até à sua fonte. Percebes-me?

("Sim.")

Em qualquer dos casos, quando as condições estiverem certas, deves sentir um sentido de reconhecimento, um sentido de agarrar uma porção do centro da tua própria realidade. Não é uma experiência nebulosa, mas vívida, poderosa e direta. Sabê-lo-ás imediatamente. Quando alcanças essa união com o teu próprio centro, automaticamente liberas mais energia e vitalidade para a tua vida.

A tua pintura em si parecerá expandir-se, pois os canais estarão abertos. Os símbolos com que trabalhas crescerão em profundidade e validade, pois serão símbolos que serão recordados de algum modo por todos os homens. Pode haver uma lembrança definida, alguns momentos curiosos em que o tempo dissolve, em que até debaixo de um retrato que pintaste verás outro rosto.

Agora, quando olhares para um rosto, com o teu amor por imagens, relaxa por um momento. Deixa-te um pouco desfocar, olha para o lado e depois volta a olhar para o rosto do sujeito. Diz a ti mesmo que vais ver as características e as estruturas mudarem. Verás o rosto por detrás desse rosto, a imagem da pessoa como era numa vida passada.

(Sorriso.) Não precisas de pintar um pescoço com dez cabeças, mas o único retrato pode ser feito de forma a sugerir as estruturas e características anteriores que se fundiram para produzir a cabeça presente. Podes, portanto, olhar para o rosto como um arqueólogo olharia para a rocha. Tal retrato será imediatamente fascinante, particularmente, claro, para o sujeito, que intuitivamente e inconscientemente reconhecerá os seus componentes.

Estão os teus dedos cansados?

("Não.")

Uma representação demasiado rígida pode assustar o sujeito, aprisionando-o no momento, do qual parece que não pode escapar. Obviamente, a técnica pode ser tão realista quanto quiseres, no entanto. É que as linhas, parecendo tão realistas, também simbolicamente sugerem aquilo que o espectador não consegue ver no seu próprio rosto, mas sabe que lá está. E assim a paisagem, não uma, mas muitas paisagens numa só, pois enquanto é única num dado momento, ainda assim é uma composição nos teus termos dos passados que a formaram, e dos futuros que ainda atuam sobre ela.

Nesse aspeto, a paisagem tem o seu centro. Os teus próprios pensamentos são como os raios de uma roda. Não estão no centro de ti mesmo, mas viajaram um longo caminho desde o centro de ti. Podes, portanto, segui-los de volta. Temos lidado tanto com a diversidade do eu que quero assegurar-te que dentro de toda esta diversidade, o centro pode ser encontrado e reconhecido.

É, afinal, o tu de onde vens, e o impulso dentro do eu presente. Podes agora fazer a tua pausa e continuaremos.

(04:35. A Jane saiu do transe rapidamente. Eu estava a bocejar, e Seth surgiu brevemente e com humor:)

Espero que não seja pela companhia.

("Não.")

(Recomeço às 21:47.)

O material matemático foi na natureza de um experimento, e até certo ponto foi uma demonstração.

(Ver as duas últimas sessões.)

Existem várias formas de usar as habilidades do Ruburt, e vários propósitos que podem servir, dependendo das circunstâncias e condições. Como te disse, estive presente, embora em segundo plano; o tutor do Ruburt — e fui eu — que lhe mostrou como voltar quando sentisse que fosse desejável.

(Com bastante humor, olhos abertos:)

Ele precisa de um guia. Muitas vezes, quando pensa que está sozinho, ou a trabalhar por conta própria, eu estou lá para vigiar.

Ele está a aprender a usar as suas habilidades agora de várias maneiras, embora apenas tenhas começado a aprender o que são. O Ruburt está apenas a começar a aprender como lidar com diferentes condições. A experiência é o único professor. E eu sou o próximo. (Sorrindo, mas sério.)

Agora, vou dar-te dados adicionais sobre a origem do material. (O Seth prometeu fazer isto na última sessão.) Prefiro que esperemos um pouco, pois o nosso amigo está apenas demasiado disposto a voltar e falar por si próprio, e o Ruburt já tem experiência suficiente para uma quinzena.

(Aqui Seth refere-se à fonte, ainda não identificada, dos dados matemáticos — não a Jane, Ruburt ou ele próprio.)

Estou a mostrar-lhe (à Jane) como abrir e fechar portas, como responder a batidas sem deixar entrar o mundo todo. *(Pausa.)* Estou a deixá-lo fazer grande parte do trabalho dele, no entanto, em vez de fazer isto por ele. A habilidade é dele, e é ele quem a usará. Eu sempre o ajudarei em tais esforços.

Embora ele não compreenda o que faz, está a aprender controlo noutras camadas de consciência, e será capaz de utilizar as suas habilidades muito melhor nas nossas sessões e em outros experimentos. Em outras palavras, vários tipos de experiências como estas, dentro do razoável, são altamente benéficas, pois ele aprende com elas.

Elas também têm a natureza de pequenos testes da minha parte, pois posso perceber pelo desempenho dele onde estão os seus pontos fortes e fracos, e em que direção ele precisa do meu apoio.

No episódio com os Craigs, *(ver a 447ª sessão)* ele estava livremente a percorrer os campos da experiência deles, e correu bastante bem. Eu parabenizo-o. Esses episódios aumentam a confiança dele e dão-lhe um toque subjetivo interior. Mais tarde, isto crescerá de modo que ele saberá quando está quente ou frio.

Essas habilidades têm seus equivalentes em qualquer esforço criativo. Sabes quando estás a avançar numa pintura. O Ruburt sabe quando está a fazer um poema. O mesmo sentido direcional psíquico pode ser aperfeiçoado, de forma que, à medida que ele percorre os campos da experiência, o Ruburt saberá quando está a captar os sinais certos.

A expressão, estar na linha certa, aplica-se. *(Sorriso.)* Às vezes dou-lhe um empurrão na direção certa, quando ele pensa que está a agir sozinho. Depois deixo-o à vontade, e vejo se ele consegue perceber por si mesmo quando comete um erro, pois é essa manipulação interior que estamos interessados em aperfeiçoar. É algo como ensinar uma criança a andar, exceto que neste caso *(sorriso)* não podes ver a superfície.

Agora, esta não será uma sessão longa. Não me esquecerei de te dar as informações necessárias sobre o matemático. *(Pausa.)* Achei o assunto engraçado.

("Como assim?")

Eu estava a acompanhar o desempenho do Ruburt, sabendo muito bem que a pessoa que deu a informação não estaria disposta a ficar em segundo plano. Perguntei-me como é que o meu aluno iria seguir a minha direção, e ele correu bem.

No passado, percebes, teria sido altamente improvável que o Ruburt pudesse ter recebido esse tipo de informação. Ele não teria permitido a si mesmo o tipo de transe altamente focado necessário para dados tão especializados. Agora, alguns desses dados podem não fazer sentido para matemáticos ainda, mas algumas partes vão fazer.

(Eu comecei a fazer uma pergunta: "Bem, ainda estavas presente, mesmo com este transe altamente focado—" quando o Seth fez um gesto para que eu esperasse.)

Não estávamos preocupados apenas com fórmulas simples, mas com certos assuntos que estavam por trás delas. *(Pausa.)* Perguntas implícitas

também foram feitas, escondidas dentro das fórmulas. Estas tentámos responder.

Agora a tua pergunta?

("Eu só queria comentar que este transe altamente focado do Ruburt não era tão especializado que te excluísse. Não era tão extremo.")

Eu estava aqui para ajudar o Ruburt a lidar com a mecânica do assunto, e ver o quão bem ele conseguiria lidar com tal transe altamente focado. Pode ser usado para muitos fins, e foi, como te disse, uma demonstração em várias camadas.

Como ele quase descobriu, tal transe é altamente eficaz para projeções. Há um foco de concentração mais intenso, um grande uso de energia, uma fusão de capacidades, intenção, direção, diretamente do centro do eu, que pode ser comparado, se usado corretamente, a um laser.

Também pode ser usado na cura, quando for desenvolvido. Sem perceber, o Ruburt teve várias outras experiências muito breves com este tipo de transe no passado. Nessas instâncias, uma familiaridade necessária foi alcançada, embora os resultados em termos de informação tenham sido insignificantes.

Há uma sensação subjetiva nesse estado que ele está começando a reconhecer. É como um feixe forte, e ele precisa aprender a usá-lo e como mudar a sua direção. Neste caso, ele precisa aprender a estar no comando dele. É como uma ferramenta de perceção. Liga-se intensamente e brilhantemente, e tem uma qualidade de perfuração. De muitas maneiras, é uma ferramenta agressiva que a consciência usa para perfurar o tempo e o espaço como o conheces.

É mais agressiva do que recetiva, em contraste com alguns outros estados de transe que são usados para receber, em vez de procurar, informações. *(Longa pausa.)* Ela perfura, abrindo dimensões através das quais a consciência pode então perceber eventos ou, por vezes, viajar através da dimensão para experienciar os eventos mais diretamente.

No caso de projeção, este transe forma um canal seguro através do qual a consciência pode viajar e retornar. Está associado ao efeito da pirâmide, geralmente indo para fora do centro da consciência.

Não pretendia que esta sessão fosse longa, e portanto, se não tiveres questões, vamos terminá-la.

("Está bem.")

Os meus mais calorosos cumprimentos.

("Igualmente para ti.")

Tens viajado nos teus sonhos. Deixa-te lembrar.

("Tenho tido dificuldades, tudo bem.")

Levei-te numa boa viagem há dois dias.

("Para onde?")

Para encontrares alguns dos teus conhecidos anteriores.

("Não me lembro disso.")

Se encontrares o teu pai nos teus sonhos, ele estará bastante transformado da pessoa que conheces, por isso não precisas de temer recordar os teus sonhos por causa disso.

(Pausa. Depois: "Boa noite, Seth.")

A Jane saiu do transe facilmente. Quando Seth saiu, a Jane disse que obteve dele que o transe particular de que ele estava a falar hoje à noite poderia, ou seria, usado nas sessões; isso permitiria que o Seth surgisse "mais forte", embora a Jane tenha questionado o uso desta palavra e tenha dito que "imediato" poderia ser uma palavra melhor.

(Em vários momentos no passado, a Jane mencionou este mesmo tipo de foco intenso em transe, mas não com esta intensidade anteriormente.)

(Seth poderia ter continuado durante horas, disse a Jane. Quando eu lhe perguntei porque a sessão terminou se ambos pareciam capazes de continuar, a Jane fez uma pausa, depois disse: "Eu sei por que terminámos." Ela continuou, explicando que foi porque o mesmo foco intenso foi parcialmente usado na sessão de hoje à noite como nas duas últimas sessões; o Seth não queria que ela exagerasse, apenas se acostumasse a ele. A Jane não ouviu o Seth dizer-lhe isto dentro dela, ela apenas "recebeu" a informação.

(A Jane disse agora que havia uma "quantidade tremenda de energia" disponível, mas que estava a ser retirada lentamente para que ela não sentisse uma queda.)

SESSÃO 454

7 DE DEZEMBRO DE 1968

(*Esta sessão foi longa, realizada para Tam Mossman e Eve Naudain, da Prentice-Hall, Nova Iorque. Começou aproximadamente à hora indicada acima e prolongou-se por quase toda a tarde.*)

(*Parte do material obtido é literal, outra parte não, devido à rapidez com que Seth falava. Não fiz tentativas sérias para o desacelerar. O início da sessão não foi registado porque eu estava a trabalhar no estúdio, na parte de trás do apartamento, quando Seth começou a falar através da Jane, enquanto a Eve e o Tam estavam sentados na sala de estar.*)

(*O ambiente estava devidamente preparado para a sessão da tarde. O Tam e a Eve tinham chegado a Elmira no dia anterior, e boa parte da conversa tinha abordado assuntos psíquicos. O Tam já tinha presenciado uma sessão antes — a 434, em 6 de setembro de 1968 — mas a Eve não. Ela estava um pouco nervosa antes da sessão começar e, como muitos outros, ficou surpreendida pela maneira como a sessão começou e pela forma da sua apresentação.*)

(*Uma secção completa desta sessão escapou-me, já que tinha saído de casa a pensar que a sessão tinha terminado. Isso será referido posteriormente. Quando falava por Seth, o ritmo da Jane foi ligeiramente mais rápido do que o habitual; os olhos frequentemente abertos e bastante escuros, e a voz num tom médio. Não houve efeitos vocais acentuados. Indico pausas nas notas com o símbolo habitual: ...*)

...Tenho estado atento a vocês. Não durante as 24 horas do dia, mas de vez em quando espreitei-vos.

O meu amigo aqui, o Ruburt, é a minha voz e fala por mim. Vocês poderão, em algum momento, comunicar com outros. No entanto, nunca falarei através de outra pessoa que não o Ruburt, simplesmente para que não haja dúvidas sobre a origem do material do Seth.

(*Esta informação refere-se a algumas perguntas que o Tam fez anteriormente à Jane.*)

Nos vossos sonhos fizeram alguns contatos que não recordam... Quando estiverem preparados, recordarão... E saberão que já os conheciam.

Estive aqui ontem à noite. (*Com humor:*)

Longe de mim assustar uma jovem (*para a Eve*), embora a jovem já não seja assim tão jovem e nem sempre tenha sido uma jovem.

...O Ruburt falou comigo: eu estou atento aos ambientes sociais.

(*Para o Tam:*) A tua atitude interior pode travar-te. Tem de haver uma segurança interior, uma tranquilidade... Sem agitação. Permite que a porta se abra, não a forces. Receberás uma leitura reencarnacional completa, seja agora ou mais tarde. Caber-te-á segui-la.

Não posso prometer-te que tenhas sido um rei, ou que venhas a sê-lo (*com humor*), nem uma leitura onde sejas um herói... mas uma leitura onde possas aprender com erros passados. Tornará também clara a relação existente entre vocês dois. Fiquei divertido, ontem à noite e hoje de manhã... como um estranho à janela; primeiro aberta e depois fechada.

(*Aqui Seth refere-se a vários momentos durante a visita do Tam e da Eve em que esteve prestes a comunicar, mas por diversas razões não o fez.*)

Dá-me um momento aqui. (*Pausa.*)

O vosso entusiasmo é excelente. Contudo, o entusiasmo pode provocar oscilações. Desejam uma superfície tranquila. Ajudar-vos-á se, antes de dormir, imaginarem a mente como um oceano onde possam caminhar. Todas as emoções estão nas águas, mas vocês estão acima delas. Imaginem-se a caminhar sobre as águas, escutando com o ouvido interno e vendo com os olhos interiores. Deverão ouvir vozes e ver uma figura no horizonte... Deixem a figura aproximar-se... Não fujam. Relaxem e permitam que a figura venha até vocês.

Quando a figura estiver perto, deixem-na falar primeiro. Assim usarão o vosso entusiasmo e terão controlo sobre ele. Se evoluírem adequadamente, compreenderão quando a figura vos falar. Trata-se de alguém que já conheceram e que vos ajudará nos vossos próprios objetivos. Só aparecerá quando estiverem preparados. As vossas próprias capacidades têm de estar suficientemente desenvolvidas para que este encontro aconteça.

Quando o encontro ocorrer, saberão como prosseguir, e a figura será, de facto, tridimensional nessa imagem mental da qual estou a falar. Essa pessoa é uma velha amiga — e quando digo velha, é mesmo velha — minha... Ajudar-vos-á.

Façam este exercício todas as noites. Não precisa ser longo... imediatamente antes de dormir. Não se esforcem demasiado se, durante algum tempo, virem apenas uma figura escura no horizonte... Trata-se de um exercício simbólico, mas há verdade no simbolismo.

Parte disto diz respeito à informação que vos transmiti na última sessão que assistiram... Isso dar-vos-á confiança e controlo. Prestem muita atenção a sons e imagens.

Não estou satisfeito com o penteado do Ruburt.

(*Esta observação do Seth deve-se ao facto de o cabelo da Jane estar constantemente a cair-lhe sobre a testa e os olhos; ela começou a afastá-lo frequentemente. Habitualmente os óculos evitariam isso, mas normalmente não os usa em transe.*)

...Os exercícios indicados nas sessões recentes são bons, se não forem exagerados. (*Referência às projeções.*) No entanto, não os devem fazer antes de experimentarem o exercício da água, pelo menos umas 30 ou 35 vezes.

(*Seth nunca sugeriu este exercício da água a mais ninguém.*)

Neste momento não recomendo que trabalhem com mesas sozinhos. No vosso entusiasmo enviam mensagens a todo o tipo de convidados... Devem ser seletivos e cuidadosos com as companhias que escolhem.

O exercício do Eu acima das águas dar-vos-á controlo suficiente para não terem de se preocupar.

Agora, façam um intervalo, almocem, ouçam música, caminhem sobre as águas...

("Faremos só um intervalo, Seth." 13h34–13h45)

Agora gostava apenas de estar convosco... por amizade... Sou um professor e tenho este trabalho. Deve vir exclusivamente de uma única fonte. Já foi feito antes. Tudo isto já foi feito antes.

Através de muitas eras, de uma forma ou outra, tenho falado. (*Com humor:*) Nunca me calo. E outros também têm falado... Existe sempre a dificuldade de manter a integridade do material e protegê-lo de distorções. Trabalhei arduamente com o Ruburt para que ele estivesse preparado para preservar a integridade do material e reduzir distorções. (*Com um sorriso:*) Seria horrível ter de repetir tudo isso.

Agora. Dá-me um momento. Rob...

(*Aqui Seth pediu-me para trazer "aquilo que se usa" para afastar o cabelo dos olhos da Jane, referindo-se ao gancho. A Jane ainda estava em transe quando lho entreguei; ela prendeu-o rapidamente no cabelo, por cima da testa, de maneira pouco cuidada, mas eficaz.*)

Um momento. (*Pausa. Depois para a Eve:*) Isto terá de ser completado mais tarde. Irlanda — foste uma jovem irlandesa, e um menestrel...

Agora, não sei exatamente quando São Patrício vagueava—no entanto, numa época anterior à introdução do Cristianismo—viveu no país que agora se chama Irlanda, antes da Era Cristã, como um homem dado a vaguear e sem residência fixa.

Tinha um sentido de ritmo bastante apurado (pausa), mas grande dificuldade em comunicar através das palavras, uma incapacidade verbal. Contudo, podia compensar fortemente esta limitação (pausa) na sua ocupação, pois quando as palavras se misturavam com música, seguia o ritmo e conseguia falar de forma clara e eficaz.

Em conversas comuns, tropeçava nas palavras e dava a impressão de ser pouco inteligente. Também não conseguia comunicar com os habitantes das cidades. A facilidade verbal surgia-lhe naturalmente através do canto e, por isso, vagueava de cidade em cidade, cantando as notícias que iam acontecendo. Histórias de eventos, um divulgador musical das novidades.

Até certo ponto, fazia publicidade, pois por onde passava falava sobre os poderes superiores de um povo vindo do norte. (pausa) Chegava antes de uma invasão. Tinha também certas capacidades de clarividência, utilizando-as para apimentar as notícias diárias.

Nas relações interpessoais, tinha grandes dificuldades devido à falta de comunicação verbal. Em grupo, através da música, saía-se muito bem, mas individualmente não.

Não lhe podemos dar tudo numa só tarde, pois vagueio como um menestrel pelo seu próprio passado. Na vida imediatamente anterior a essa, no entanto, foi uma mulher com língua afiada, que falava demasiado e com dureza, tendo-se imposto, entre outras tarefas, falar apenas através da música na vida irlandesa. Isto está simplificado, evidentemente. Existiam outras razões, mas ao cantar não era áspero, comunicava de um modo que não conseguira na vida anterior e entregava-se ao canto de uma maneira que não fizera antes.

Estava também profundamente envolvido nos acontecimentos do país nessa época, enquanto na vida imediatamente anterior pouco se preocupava além da própria família, raramente saindo de casa. Por isso, na vida irlandesa, escolheu vaguear livremente e informar os outros sobre os acontecimentos do seu tempo.

Não teve filhos nessa existência irlandesa. Frequentemente recebia informações clarividentes sem perceber, anunciava notícias antecipadamente e depois surpreendia-se quando os eventos realmente ocorriam.

(A Jane levantou agora a mão direita e indicou os dois primeiros dedos.)

Perdeu este dedo e este dedo numa briga, cortados por uma faca. A briga foi causada por uma mulher. (pausa) Tocava então um instrumento em que estes dedos eram essenciais, e deixou de poder tocá-lo após o acidente. Por isso arranjou um ajudante que tocava enquanto cantava.

Este ajudante é conhecido na presente existência, mas não é o nosso amigo aqui presente. *(Gesto com um sorriso para Tam)*. Daria uma história bonita. Dê-me um momento. (pausa)

Este ajudante agora é uma mulher. Isto não está claro, vamos ver o que conseguimos fazer e, se não ficar esclarecido, veremos numa ocasião posterior. O nome desta mulher agora tem um forte som de "R", semelhante à palavra "star"… R…

Agora pode existir uma relação sanguínea, embora distante, não imediata. Naquele tempo, esta mulher também era homem, e também conhecido por si na vida imediatamente anterior, também como homem.

Agora trabalhou em equipa, aprendendo a cooperar estreitamente com outro indivíduo. Na vida imediatamente anterior era muito diferente e só pensava em si mesmo. Vocês dois então trabalharam juntos.

Havia agora forças invasoras vindas do norte e seguia à frente delas, alertando as pessoas. Às vezes, devido às suas capacidades clarividentes, conseguia dizer exatamente onde as forças invasoras estariam numa determinada área. E assim avisava as pessoas, permitindo-lhes deslocarem-se antes das forças invasoras.

Existiam ruínas de uma civilização anterior e escondeu-se nessas ruínas, em certos viadutos subterrâneos.

Agora pode fazer uma pausa, e depois continuaremos.

(2:09. A pausa foi longa. Não sabíamos se a sessão tinha terminado ou não. Por acaso, eu estava no estúdio quando Seth voltou a falar, às 3:55.)

…Não tenha demasiada pressa em desenvolver as suas capacidades… *(Para Tam:)* Tem de estar no controlo… isto é extremamente importante. Quando trabalhar com mesas, trabalhe com quem tem experiência nestas

coisas… A meditação é boa para si, e os meus exercícios… Em nenhum momento queira usar plenamente as suas capacidades sem controlo… Surgem dificuldades porque o indivíduo não está no controlo… Não se quer conduzir o carro a 150 km/h sem travões, por exemplo…

Aqui Seth falou rapidamente, enfatizando a importância de Tam manter o controlo total das suas capacidades, permitindo que se desenvolvam lentamente e de forma natural, sempre de modo a sentir-se confortável. Usou a analogia do carro em excesso de velocidade para reforçar este ponto.

As capacidades telepáticas são boas para si. Também a meditação… Tem capacidades de cura e deve usá-las… É fortemente dotado… Caso contrário, não teria de ser tão cuidadoso. Este conselho é mais importante agora do que a informação sobre vidas passadas.

Dê-nos um momento. (pausa)

(Para Tam:) Pessoalmente, as suas capacidades de cura são mais fortes no início da noite. Deve praticá-las diariamente… mesmo quando passa por alguém na rua. Isto abre novos canais… ajuda-o a lidar com elas… Não se concentre em sintomas, mas em sensações de saúde… Não se envolva demasiado em simpatia… as capacidades não serão tão eficazes. Antes de dormir, dirija os seus pensamentos para quem precisa de ajuda… As capacidades de cura ensinar-lhe-ão automaticamente controlo noutras áreas… Ajudar os outros também mantém o seu próprio controlo e inspira os outros…

Pode automaticamente escolher bons amigos através das suas capacidades… Não se preocupe agora com as origens dessas capacidades… Evite cultos. Não deixe também que a imaginação siga a ideia de possessão… O medo disso cria uma situação semelhante. A maioria dos casos de possessão não é causada por espíritos… embora isso exista… geralmente são causados por quem os pede ou por quem é demasiado preguiçoso para viver a própria vida… Essas pessoas emitem um convite em branco para que se controle o corpo que já não desejam controlar.

Se tiver controlo, não precisa recear possessões.

(com humor:) Não quero que caia de nenhuma "varanda psíquica".

([Tam:] "Obrigado, Seth. Mais uma vez obrigado...")

Agora pensávamos que a sessão poderia ter chegado ao fim. O transe da Jane tinha sido bom. Tam disse-nos que agora tenta realizar curas diretas nas pessoas que encontra na rua—um dos pontos mencionados por Seth.

Tam nunca tinha mencionado isto à Jane antes. Tam afirmou que muitas das coisas comentadas por Seth eram ideias que ele, Tam, andava a especular por si mesmo.

(Fui fazer uma tarefa à loja pouco depois disso. Quando regressei, a Jane e o Tam informaram-me que Seth tinha voltado a falar. Desta vez, o material abordava, entre outras coisas, plantas e pensamentos; Tam estava muito interessado em plantas e assuntos relacionados. Como não temos notas sobre esse material, Tam disse que nos enviaria um breve resumo dessa última entrega, para incluirmos nas nossas anotações.)

(Nesta visita também, o Tam leu a 418ª sessão, de 24 de junho de 1968. Nesta sessão, Seth deu talvez uma página e meia de dados clarividentes sobre o Tam e a Miss Carr. Isto foi dado antes de qualquer um de nós ter-se encontrado, e quando qualquer tipo de comunicação entre a Jane e o Tam estava apenas a começar. O Tam conseguiu verificar bastante dos dados; alguns relativos a Miss Carr estavam corretos. Por exemplo, o sobrenome de Cecile Grossman, uma editora da Prentice-Hall, foi mencionado por Seth. Tam registou os dados corretos na 418ª sessão, por isso este material já foi verificado, pelo menos uma vez.)

(A entrega de Seth sobre as plantas marcou o fim da sessão da tarde.)

(Após a sessão, Eve verificou o seu declarado amor por música e ritmo, conforme Seth mencionou, etc.)

(Tam e Jane experimentaram também, sentindo calor nas mãos sem tocar.)

PÓSFÁCIO À SESSÃO 454
7 DE DEZEMBRO DE 1968

(Tam Mossman e Eve Naudain, testemunhas.)

([Notas de Tam:] O seguinte representa uma sessão espontânea que ocorreu depois de Seth ter sido tão gentil em se manifestar três vezes para Eve e para mim. Robert Butts saiu por um tempo, e Jane, Eve e eu estávamos a conversar. Eu podia sentir a presença vaga de Seth na sala, o que Eve aparentemente não sentia. Jane foi à cozinha ver o frango que estava a cozinhar e—como ela nos contou mais tarde—sentiu Seth a manifestar-se e correu para voltar para a sua cadeira.)

(Esta sessão foi invulgar; embora eu tenha visto Seth apenas em algumas ocasiões, reparei que Jane manteve os olhos abertos muito mais do que o habitual. A voz de Seth era precisa, mas rápida e conversacional; também tivemos a oportunidade de exprimir algo numa breve conversa, o que, claro, achei muito gratificante.)

(Não nos lembramos de tudo, mas tentarei dar um resumo do que ele disse, com base no que ambos lembramos. O diálogo real, quando incluído, não é precisamente exato, pois tentámos preencher as palavras que não estavam claras na nossa memória.)

(Seth teve alguma dificuldade em pousar os óculos de Jane. Finalmente, colocou-os ao lado de um incensário e recostou-se.)

Ora bem... não precisam de tomar notas...

([Tam:] "Receio que não possamos.")

Mas queria esclarecer alguns pontos...

(Anteriormente, Eve tinha perguntado como Seth se sentia em relação a ela, por isso Seth voltou-se para ela.)

És uma jovem encantadora...

(Aconselhou-a a afirmar-se mais, a ser menos cautelosa ao perseguir os seus objetivos. Disse que ela deveria usar as suas "capacidades"—embora não fosse específico.)

E tu vais. Vais conseguir.

(Seth reiterou o que já tinha dito anteriormente sobre as minhas capacidades de cura.)

Quando passares pelas pessoas na rua, começa imediatamente a trabalhar.

(Prosseguiu dizendo que o mesmo poder podia ser aplicado às plantas também, e que eu aparentemente já o tinha usado na minha existência anterior como um monge jardineiro.)

Uma planta não pode reagir, (e seria bom praticar em algo cujo subconsciente não me causasse problemas. Seria "interessante" fazer experiências, usando este poder, que poderiam ser registadas.)

Tratamos deste mesmo tema nas nossas próprias sessões... imagina que a planta doente consegue usar a luz solar de forma mais eficaz durante o dia e continua a utilizar durante a noite a energia que foi absorvida.

(Visualizar a imagem de uma planta saudável é) algo que a planta poderá usar à sua maneira... A planta dará uma espécie de "obrigado" na forma de energia... Deverias tentar trabalhar também com plantas nas primeiras horas da noite.

(Fez uma pausa e passou a outros tópicos de forma aleatória:)

(Como já disse antes, Seth tem uma maneira de responder a questões que surgem na conversa ou até mesmo de confirmar ou esclarecer pensamentos que eu tenha trabalhado por mim mesmo, sem mencionar a ninguém. Algumas das suas seguintes observações aparentemente representam essas "respostas".)

As capacidades de cura e os exercícios que mencionei antes dirigem as tuas energias para fora, onde tens mais controlo...

Não tens nada a temer em termos de possessão.

(Depois insinuou que os espíritos que já tinham deixado a Terra raramente são responsáveis por isso.)

A preocupação em si, no entanto, pode induzir *(ele pode ter dito "duplicar")* um estado semelhante aos estágios preliminares de possessão.

(Uma pessoa) nunca se torna possuída, a menos que tenha solicitado, *(quando não está interessada na vida ou tem medo dela, e gostaria que outro tomasse o seu lugar.)*

(A Eve recorda que, neste ponto, ele acrescentou:)

No teu entusiasmo (referindo-se ao uso da mesa) emites um convite em branco a todos.

(Com humor:) Mas deves emitir apenas convites se-lec-ti-vos, e ter cuidado com a companhia que manténs.

Devo enfatizar que seria melhor para ti não brincares com mesas espirituais, exceto aqui ou na companhia de outros que já estejam familiarizados com esse tipo de trabalho.

([Tam:] "Não te preocupes, vou manter-me aos bonsais!")

(Seth sorriu, fechou os olhos e abriu-os novamente, inclinando-se para a frente com intensidade.)

Usas uma capa (gesticulando) para te protegeres enquanto voas no ar frio da noite.

([Tam:] "Queres dizer a capa que eu estava a usar no meu sonho?")

(Nota: mais cedo naquela semana, tive um sonho em que rastejava pelo ar, com um tecido leve, semelhante a feltro, cor de bege, sobre os ombros. Eu atribuí isso à projeção.)

Precisamente. No futuro, provavelmente imaginarás isso como um tapete mágico.

([Tam:] "Como a imagem do oceano que se estendia por baixo de mim?")

Sim.

(Nota: Mais tarde, naquela semana, tive um sonho semelhante, mas o tecido estava dobrado debaixo das minhas coxas, levando-me numa posição sentada cerca de dois metros acima do solo.)

(Não nos lembramos de mais nada, mas a sessão foi curta—apenas cinco a seis minutos—e provavelmente pouco, ou nada, foi acrescentado. Seth retirou-se de forma um pouco abrupta, e ao notar a mudança em Jane, acrescentei: "Vou ajudar a Jane a voltar, se for necessário." Felizmente, Jane não precisou, e acordou sem dificuldades, com um sorriso agradável.)

SESSÃO 452

2 de Dezembro de 1968

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Bem, as crianças constroem um castelo de cartas e derrubam-nas. Vocês não se preocupam com o desenvolvimento da criança por perceberem que ela aprenderá.

Podem até mesmo rir da sensação total de desolação da criatura, até que ela finalmente associe o movimento da sua própria mão à destruição do castelo de cartas que agora desaparece e, aos vossos olhos, desaparece além de toda possibilidade de conserto.

Bem, a humanidade constrói civilizações. Ela foi além das brincadeiras de criança. Os brinquedos são reais e, no entanto, basicamente a analogia mantém-se. Não estou a desculpar os atos de violência que têm lugar. O facto é que eles nunca podem ser perdoados, no entanto precisam ser compreendidos pelo que são: o homem a aprender com os seus próprios erros. Ele também aprende com os êxitos que consegue e há momentos em que dá a mão, momentos de deliberação, momentos de criatividade. As identidades assumem diferentes papéis em muitas vidas.

Existem períodos, ciclos, se preferirem, através dos quais tais identidades vivem e aprendem no vosso sistema. Até certo ponto são ensinados por outros: professores de treino, se o preferirem. *(Divertido.)*

(Os jornais de hoje traziam publicado o relato da violência ocorrida na convenção presidencial Democrata em Chicago em Agosto de 1968, e narravam os vários confrontos verificados entre a polícia e vários grupos de manifestantes; e um veredicto de culpa associado à conduta policial foi ditado pela comissão de investigação. A Jane e eu discutimos o relatório à mesa de jantar.)

Contudo, a raça do homem é muito mais do que a raça física apenas. Vocês veem-no apenas num estágio de desenvolvimento. Quando um indivíduo deixa o vosso sistema, eles fá-lo para outros sistemas. Terá aprendido o seu ABC, mas isso é tudo. Há certas exceções - identidades que optam, pois, por voltar e ensinar. Eles não jogam no mesmo campo, por assim dizer, daqueles cujos ciclos reencarnatórios ainda não estão concluídos.

Eles podem voltar, e suportar mesmo violência, do mesmo modo que como um homem fundaria uma escola no meio de uma selva por entre os

selvagens. No entanto, mesmo com isso verificam-se avanços no próprio sistema. Uma arma nuclear nas mãos da Europa medieval teria sido praticamente usada de imediato e sem o menor escrúpulo, para exterminar todos, exceto a Cristandade. O Cristianismo pode muito bem ter fenecido junto com o resto do mundo; mas tal possibilidade não teria sido considerada, tão limitada e malignos e egocêntricos eram os poderes governantes daquele tempo.

Naquele tempo, nem mesmo um homem são, íntegro e sensato ligava a mínima importância à ideia de dividir a sua riqueza, nem mesmo considerar a condição precária das classes mais pobres. Não só a caridade não era praticada, como a sua natureza prática não era nem sequer coisa que se concebesse. O conceito arcaico de Deus abrangia de maneira soberba tais questões. Os pobres eram obviamente pecadores. A pobreza era a sua penitência e era considerada um sacrilégio tentar ajudar aqueles que Deus assim amaldiçoava. Os animais eram torturados por desporto. A compaixão pelas coisas, nos homens, era encarada como uma fraqueza que precisava ser extirpada a um ponto que mal conseguiriam compreender agora. As mulheres raramente eram consideradas criaturas humanas, exceto em círculos muito seletos.

O progresso ao longo dos séculos seria muito mais notório se vocês conhecessem todos os factos. Há aqui um aspeto que eu não mencionei antes. O homem não teve permissão para brincar com brinquedos mais perigosos, até que desse prova de que tinha obtido algum controlo. Isso não quer dizer que ele não pudesse ter destruído o mundo que conhecia. Simplesmente significava que tal destruição não era inevitável. Vocês não dão uma arma carregada a uma criança se tiverem a certeza de que ela vai atirar contra si própria ou contra um vizinho.

Bem, as armas e a destruição são as coisas óbvias que vocês constatam. As contrapartidas não são tão óbvias e, no entanto, são essas contrapartidas que têm importância. A autodisciplina, o controlo, a compaixão que finalmente desperta e a lição final e derradeira aprendida, o desejo positivo de criatividade e amor, em vez da destruição e do ódio. Quando isso é aprendido, o ciclo reencarnatório é terminado.

Ora bem, há uma razão pela qual essas lições devem ser aprendidas apenas dessa maneira. De uma forma elementar, existe apenas criatividade. A destruição é apenas a mudança de forma. Um aguaceiro ou um tornado nada sabe de destruição. Essa mesma energia.

Há diferentes tipos de criatividade a ser aprendidos, e uma especialização de energia é atenção e sentimentos que emergem: energia elementar que se torna consciente de si própria e consciente dos problemas que não existiam para ela "antes"; milhões de moléculas momentaneamente unidas à consciência viva, repletas de energia primária, agora a aprender a amar e a formar padrões psíquicos altamente sensíveis; cargas elétricas que agora formam emoções em vez de nuvens; o caos inocente da personalidade indiferenciada que existe por trás do altamente especificado e verdadeiramente sofisticado mecanismo de um pensamento. E tudo antes de um indivíduo nascer no vosso sistema. Em termos de tempo, isso situa-se para trás de todos nós.

Não é de admirar que se travem batalhas psíquicas e, ainda assim, além do vosso sistema, existem purificações impossíveis de descrever e desenvolvimentos ulteriores mais miraculosos do que aqueles que ocorreram antes. E, com tudo isso, a entidade formada a partir desse caos massivo retém a sua identidade e conhecimento de seus "passados" e continua a crescer em criatividade.

Isto é parte do mais importante material que eu lhes dei, por vocês se terem interrogado acerca do propósito e terem sido capazes muitas vezes de ver apenas uma pequena partícula de tempo e espaço.

A violência de que ambos falavam esta noite, abriu um abismo na alma de cada participante, através do qual ele teve vislumbre das origens estonteantes que existiam por trás da sua identidade. Foi o medo, pois, e posterior, de cair de volta naquele abismo "impenetrável."

Bem, uma tempestade por vezes fascina muitos e a violência também; mas uma tempestade altamente destrutiva levá-los-á a constatar que poucos saem enquanto perdura. Cada participante sentiu o caos a que teve acesso direto. *(Com intensidade.)* Receando-o então e posteriormente, mesmo em meio ao fascínio, por ser o brigado a reconhecer que o haveria de arrastar a ele e ao inimigo para a loucura ou a morte.

Muitos dos participantes nunca souberam que tinham acesso a essa energia, pelo que a noção de que tal energia poderia ser usada de uma forma criativa nunca lhes passou pela cabeça. Muitos deles sentiam-se insignificantes, fracos e impotentes. Agora, a energia em si mesma era empolgante. Pela primeira vez muitos dos participantes compreenderam intuitivamente que essa energia também era uma fonte de criatividade. Muitos deles tentarão vários métodos de reviver essa energia, a fim de

liberar sentimentos criativos que eles não sabiam que possuíam. A sua energia era, é claro, neutra. Foi o uso dela à época que provocou os elementos destrutivos.

A energia que foi libertada já modificou o vosso cenário nacional e continuará a fazê-lo. Essas emanações massivas de energia serão usadas, ainda que não durante a vossa vida, para começar a unificar todo o planeta em paz. Isto não irá ocorrer antes que mais desastres ocorram igualmente, mas quando ocorrerem, irá representar uma primeira vez na história do planeta rumo à paz e igualdade para todos.

Existiram diversos períodos de paz; mas nunca igualdade. Houveram inúmeras civilizações que se destruíram no passado do planeta, e antes disso, quando um outro planeta estava a aproximar-se da posição da Terra. No entanto, existiram civilizações que sobreviveram ao seu próprio planeta e posteriormente foram para outro local.

(A Jane parou por um alguns instantes e, em seguida reatou, depois de eu pensar que ela estava fora do transe e a chamar pelo nome.)

Existiram nove planetas certa vez, agrupados quais jóias ao redor do Sol. Eles encontravam-se igualmente espaçados entre si e uniformemente distribuídos pelas órbitas exteriores do sol. E este foi o primeiro sistema que conheceu a raça do homem. Eles existiam no vosso canto do universo mas, nos vossos termos, pareceria que eles se tinham afastado tanto que nenhum dos vossos instrumentos jamais conseguiam descobri-los.

Eles explodiram e foram recriados muitas vezes, desapareceram e renasceram. Pareciam pulsar. A vocês, eles pareceram desaparecer por muito tempo. Para eles, a sua existência era contínua. Tal como os átomos e as moléculas dão às vossas cadeiras uma realidade no vosso sistema, muito embora os próprios átomos e moléculas surjam e desapareçam, este sistema planetário ainda retém a sua identidade.

Os vossos astrónomos talvez percebam uma imagem fantasmagórica dele nas bordas do vosso universo; mas é apenas um reflexo de uma realidade que não conseguem perceber. Agora façam uma pausa.

(A Jane saiu do transe facilmente, e abriu os olhos passado um bocado. No entanto, ele disse que tinha estado longe e que tinha tido uma visão dos planetas e do Sol.

(Eu fiz uma contagem rápida mental dos planetas que sabemos agora existirem dentro do nosso sistema solar, sem contar o cinturão de asteroides, e cheguei a um total de nove, a mesma quantidade dada pelo

Seth. Naturalmente, a informação do Seth levantou muitas questões, mas esta noite não tínhamos pressa de as ver respondidas.

(Pouco antes do fim do intervalo, a Jane disse: 'Acabei de receber um monte de ideias do Seth.')

Bem, a existência usa a forma. Quando um sistema planetário é afetado em certos casos, as entidades que são atraídos para ele ou o consideram seu lar, simplesmente mudam a sua forma, reagrupam forças e, se sentirem que vale a pena, colocam o lar em ordem de novo. Então, entram nas formas que têm disponíveis, ou constroem formas que possam sobreviver. Isso foi feito no vosso sistema em várias ocasiões. No entanto, não é feito muitas vezes desse modo, dado que com os materiais que têm à mão muita vez não é possível formar uma estrutura complicada o suficiente para que a consciência possa ser inteiramente expressa.

Pode haver, nos vossos termos, perda de memória, complicações que confundam o conhecimento da origem. Quando essa situação ocorre, sempre resulta uma divisão das forças e algumas quantidades integrar-se na forma e outras não entrarem no processo. Essas vigiam e preservam as suas memórias e conhecimentos intatos e atuam como diretores contra cujas memórias novos modelos são formadas.

Mais uma vez: isso aconteceu dentro do vosso próprio sistema.

Muitas entidades não têm necessidade de forma, em absoluto, nos vossos termos; mas não vamos nos focar-nos nelas esta noite. Sobre esse sistema original de que falei, poderemos pelo menos teorizar dentro em pouco; mas a ideia não será levada a sério o suficiente para provocar uma polémica profunda.

A energia deste sistema era enorme, muito maior do que algum de vocês imaginaria, e os detritos constantemente emanados das suas pulsações, deram origem a outros sistemas.

(Pausa prolongada.) Estamos a debater-nos com o vocabulário da Jane. *(Pausa.)* A velocidade do seu movimento também era muito maior do que vocês imagina, embora tenha acelerado e tornado mais lenta de maneira cíclica.

(A Jane fez nova pausa. O ritmo estava mais lento aqui e ela usou muitos gestos, e fez desenhos no ar e por vezes caretas.)

Possuía criaturas dotadas de consciência, mas não criaturas como as que conhecem. Energia, entidades (pausa prolongada), que transformavam continuamente roytans gigantescos. . .

(Ou, talvez, roetanos, na minha interpretação fonética. Não tinha certeza da palavra que Seth ou a Jane usavam mas não quis insistir nisso além de uma questão, que não fora respondida.)

Estamos a trabalhar com o vocabulário da Jane.

(Não quererás dizer "roentgens"? Aqui estava a referir-me às unidades internacionais de raios-X.)

Eles tinham origem neles próprios, unidades massivas de energia que reagiram automaticamente e de forma explosiva na forma do sistema. A sua energia foi a causa do comportamento do sistema.

Houve uma reação direta e instantânea entre consciência e matéria, uma explosão de energia eletromagnética, poderosa o suficiente para semear um universo. O vosso universo é apenas um de entre muitos e vocês percebe apenas uma pequena fração do universo em que existem, porquanto existem dimensões dentro dele que vocês não percebem.

Agora eu vou terminar a sessão, a menos que tenhas alguma pergunta.

(Creio que não.)

O material desta noite atingiu um ponto de rutura natural; mas também tocamos em alguns tópicos que não discutimos nas sessões anteriores e esta noite poderá servir como um preparo para mais informações. Os meus calorosos votos para vocês os dois e tenham uma boa noite.

(Boa noite, Seth.)

(A Jane saiu rapidamente do transe, embora tenha sido profundo. Ela sentiu um forte fluxo de energia no final da sessão, segundo disse. De facto, acrescentou que tinha tido consciência dele durante o dia, enquanto escrevia.)

SESSÃO 453

4 de Dezembro de 1968

(Testemunhada pela Sue Mullin)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Obrigado por me convidarem para a vossa festa.

(Certo.)

Ora bem, o sistema planetário de que falamos na nossa última sessão foi o primeiro no vosso universo, conforme vocês falam em termos de tempo. É difícil explicar-lhes que o universo que você veem, as estrelas e os planetas que vocês contemplam, são unidimensionais, relativamente falando. Vocês só percebem aquelas porções deles que são aparentes no vosso próprio sistema de realidade. Vocês veem sombras num vazio e uma tela negra. O sistema tridimensional assemelha-se a uma sombra de realidades que vocês não percebem.

Bem, as moléculas pesadas de hidrogénio tiveram um grande papel no surgimento desse sistema. A consciência precisou primeiro criar o vazio, ou dimensão em que o sistema poderia existir e prover esse vazio com todas as probabilidades de desenvolvimento que surgiram no vosso tempo e que ainda hão de surgir. O vazio, por outras palavras, pode, pois, ser comparado a uma mente, e quem poderá prever que imagens ou pensamentos poderão brotar nele? Existem, conforme eu disse, uma quantidade incontável de sistemas desses e, no entanto, existe neles identidade e existe sentido.

Esse vasto vazio, essa mente infinita, veio de outra que era muito maior do que ela. (Seth sorriu.) Cada uma das possibilidades que se tornaram realidade dentro deste sistema universal, deu origem a outros sistemas e realidades, tal como uma árvore que contém milhares de sementes. Vós próprios, através das vossas próprias ações mentais, criam realidades de que nem vós tendes consciência e dão origem a mais do que uma porque eles prosseguem a sua própria existência e os outros veem-nos e contemplam-nos como estrelas. Estou a dizer-lhes que os vossos próprios sonhos, pensamentos e ações mentais parecem aos habitantes de outros sistemas mais como estrelas e planetas dentro do vosso; e esses habitantes não percebem o que eu reside dentro e por trás das estrelas nos seus próprios céus.

Embora eles sondem o seu próprio universo, eles não perambularão pela vossa realidade. Só eles percebem os contornos e a forma que os vossos atos mentais, pensamentos e sonhos, assomam dentro do seu próprio sistema.

Este é um material que não lhes demos anteriormente, de modo que as implicações não os levasse a sentimentos de insignificância. Mas vocês não são apenas recetores, também são doadores. Tal como o vosso próprio universo foi formado por entidades que presentemente não entendem, também os desperdícios da vossa própria consciência formam realidades para entidades que mal se dão conta da Existe uma inter-relação, um entrelaçado de realidades e conexões que podem ser negados. Já lhes disse, por exemplo, que a realidade dos sonhos consistia em algo mais do que vocês conheciam e que o universo do sonho continuava, quer o percebessem ou não. Nesse contexto, esses habitantes sonham, por sua vez, os seus próprios sonhos, e formam realidades eletromagnéticas. Vocês não se encontram no topo nem no fundo da pilha da consciência, por assim dizer. Vocês não estão no centro nem na orla.

Em vez disso, o eu interior está intimamente ligado a cada realidade, embora vocês não o percebam, e o eu interior pode traçar as suas próprias associações através da rede de qualquer existência e ainda assim manter a sua identidade.

Quando falamos, pois, do princípio do vosso sistema, falamos apenas com respeito às ideias que vocês têm do tempo. Obviamente que tudo existe em simultâneo. Para a vossa maneira de pensar, certas vidas são vividas num piscar de olhos, enquanto outras são vividas durante séculos. No entanto, a perceção da consciência não é limitada.

Já lhes disse, por exemplo, que as árvores têm consciência própria. Porém, a consciência de uma árvore não está tão especificamente focada quanto a vossa. Para todos os efeitos, a árvore tem consciência de cinquenta anos antes e cinquenta anos depois. O sentido que tem de identidade vai espontaneamente além da mudança da sua própria forma. Não tem ego que interrompa ou descontinue a identificação do “eu.” Criaturas sem o comportamento do ego podem facilmente seguir a sua própria identidade além de qualquer mudança de forma. O eu interior percebe essa integridade da identidade, mas o ego, tão focado que está na realidade física, não pode permitir-se a esse luxo.

Qualquer consciência, portanto, possui consciência intrínseca da sua identidade básica. O eu interior conhece o que está por trás das estrelas e planetas que os olhos físicos veem; mas o ego haveria de ser arrebatado em pânico ante tal compreensão.

Este sistema de que falamos anteriormente, o sol e os nove planetas originais, nos vossos termos, há muito passaram e formaram outros sistemas universais. Porém, toda a estrutura cósmica representou a materialização de um pensamento original, uma vez que o pensamento, a realidade básica, deve sempre existir antes da sua representação. Por conseguinte, existe inteligência nesse sistema inicial, porque sem a inteligência não poderia existir sistema nenhum.

Bem, podem fazer uma pausa que já continuamos; os meus mais calorosos votos para a vossa amiga *(a Sue).*

(A Jane saiu do transe rapidamente, mas disse que este transe tinha sido muito bom. Seth entrou um pouco mais forte que o normal, bem rápido e com uma voz mais aguda.)

Bem, repito, todo pensamento forma a sua própria realidade eletromagnética e é composto de energia que nunca pode dispersar-se, mas apenas transformar-se. A realidade subjetiva de um homem, por si só no universo, haveria de emitir energia suficiente para gerar outra. Esta frase não é distorcida.

Neste final de semana vamos fazer algumas sessões extra. Eu não quero sobrecarregar os recursos da Jane nem tampouco manter-te amarrado à máquina de escrever durante três semanas. Por isso, esta será uma sessão muito curta, para suplementar o material da nossa última sessão. Eu vou tirar o melhor proveito dessa transação. *(Com humor.)* Os meus melhores votos para todos. Vou ficar aqui um pouco para desfrutar da vossa conversa.

(Boa noite, Seth.)

(Desta vez levou à Jane um bom bocado a sair do transe. Por fim lá abriu os olhos, após muita incitação da minha parte. "Posso ter terminado," disse ela, "mas eu ainda não voltei. Detesto sentir que estou metade dentro e metade fora É como se eu estivesse em um cone. Posso ouvir o que está a ter lugar fora, mas preciso sair."

(Às 9:55 pensamos que ela tivesse saído do transe, mas isso provou-se uma suposição exagerada. Seth ou o estado de transe, persistiu por mais um tempo. A Jane mostrou tendências definidas para retornar ao trance,

nomeadamente um revirar dos olhos, e eu falei continuamente com ela para a tirar dele, fiz-lhe chá, etc.

(Uma circunstância que a manteve nesse estado chamou-me a atenção quando ela casualmente mencionou, enquanto ele se sentava em mim cadeira de balanço: "Seth ainda está aqui - está à minha direita, neste momento." E estendeu a mão nessa direção. Quando a questionei relativamente a esse fenómeno, ela disse-me que jamais pensara em me falar nele antes.

(O Seth, parecia ocupar um espaço de metro e meio de altura, uma "bolha" de espaço em que eu poderia ocupar, exatamente no limite do alcance da Jane, sem o perturbar e sem que a Jane me pressentisse como uma entidade separada na área do Seth. A presença do Seth persistiu pela noite adentro, à medida que os três conversávamos.

(A Jane disse que nunca o sentira acima dela - o que haveria de levar a um efeito pirâmide, segundo ela. Qualquer dos lados parecia ser a regra, não a frente nem a traseira. "Ele está em mim ou ao meu lado," disse ela, "mas caramba como ele está a divertir-se esta noite!")

SESSÃO 455

6 DE JANEIRO DE 1969

(A sessão foi testemunhada por John Bradley e Bill e Peggy Gallagher.)

(Como previsto por Seth na 420ª sessão de 1 de julho de 1968, a Prentice-Hall vai publicar o primeiro livro sobre o material de Seth. Jane foi notificada sobre isso durante as férias de Natal e assinou o contrato no início deste mês. Ver o Volume 8 desta série.)

(Seth falou brevemente e de forma espontânea durante as férias, com Sue Mullin e Carl Watkins como testemunhas. Falou com Carl sobre um jogo envolvendo matemática e drama que lhe renderia milhões, caso ele conseguisse resolvê-lo. Foram dadas algumas pistas.)

(Seth também disse que Jane e eu morreríamos num curto espaço de tempo um do outro, quando o nosso trabalho na Terra estivesse terminado. Nenhuma data ou sequência foi dada. Seth disse que Jane publicaria 5 livros sobre o Material de Seth; 3 romances; 3 livros de poesia; e mais 2 livros a serem ditados pelo próprio Seth. Não me lembro se o livro dos

sonhos, agora na Ace, foi mencionado, ou se outros foram.) (A Jane faleceu em 1984. Estou a publicar o Volume 9 em 2002.)

(Seth estava particularmente bem-disposto nesta noite, depois da longa pausa das férias, e devido à presença de testemunhas. A Jane entrou em transe facilmente e falou vigorosamente, rapidamente e com muito humor. Os seus olhos abriram-se várias vezes. O ritmo foi tão rápido no início que logo desisti de tentar acompanhar. Também descobri, para minha surpresa, que estava algo enferrujado a tomar notas.
Optei por escrever frases que registassem a essência da sessão e, depois, adicionarei notas quando necessário. Peggy também tomou notas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Estou ocioso e curioso... Os meus melhores desejos para todos os meus amigos. Os meus melhores desejos também, José, para a Jane. Continuo a não gostar do penteado; não me fica bem.

(Referência ao cabelo de Jane que caía sobre o seu olho direito. Ela teve de o puxar para trás enquanto falava.)

A Jane tinha razão. Ele recebeu uma mensagem minha esta tarde. Haverá um outro desenvolvimento, e um bom para ele.
(Mais cedo hoje, Jane disse que achava que este desenvolvimento se referia ao livro dos sonhos, agora na Ace Publications, e que uma venda era bastante possível.)

(Com humor:) Não estive de férias. Muito em breve, nas nossas próprias sessões, começarei a escrever o meu próprio livro, e será como mencionado antes.
(Ver a 418ª sessão de 24 de junho de 1968.)
Houve uma interrupção agora, quando o entregador de jornais passou para fazer a sua ronda de cobranças.

Agora. Quando terminarmos de publicar os livros de Jane e os meus livros, teremos uma grande biblioteca.
(Para Bill G:) Estive aqui na outra noite *(1/3/69)*... a olhar por cima do teu ombro... Os jesuítas não deixam passar nada, sabes... Eles estão sempre prontos para respostas específicas... Nós muitas vezes nos divertimos, mas estamos sempre deliciados.
(Fiz grandes falhas ao tentar registar o material aqui.)

Agora, tenho a estrutura do meu próprio livro bem clara na minha mente... Até tenho as apresentações dos capítulos; e se eu mencionar os

meus amigos, talvez os reconheçais ou não, pois apresentarei vocês aos meus olhos e não pelos olhos de Jane.

O formato do livro será simples e será um suplemento ao próprio material de Seth, pois será a minha própria... interpretação subjetiva. Pois, se Jane acha misterioso falar por mim, eu também acho misterioso falar... através dele... É uma experiência, de facto, para mim...

(Muita brincadeira aqui, e novamente perdi material.)

O livro vai revelar uma enorme quantidade de conhecimento psicológico, pois pouco, ou nada, foi feito para explicar a personalidade subjetiva...

(Houve mais aqui, e levou a uma troca de piadas entre Seth e Bill G.)

Agora, Jane em grande parte deixou para trás o estado mental negativo que tanto o atormentava... Já não está a bloquear as suas próprias oportunidades, por isso o desenvolvimento adicional de que falei virá em breve.

(Para o John:) Há também um desenvolvimento a surgir aqui... Estou em boa companhia. Sinto-me honrado... *(para o Bill:)* foge. Os jesuítas não são tão maus... Poderíamos eliminar todos os teus sintomas, mas... para te agradar, farei um acordo contigo: Não mencionarei o teu problema se não quiseres—*(Seguiu-se outra troca humorística entre Seth e Bill.)* Certos jesuítas são piadistas tristes, e riem enquanto as lágrimas rolam pelo rosto. Está tudo bem... Eles vão aprender...

([Bill:] "Não sei Seth... Tenho 43 anos agora... preocupado com aprender; etc.")

Não te lembras do que te disse.

([Bill:] "Lembro-me claramente.")

Então entenderias melhor as tuas atuais atitudes internas... E quando eu estiver no teu ombro direito, ouvirias o que te sussurro ao ouvido...

(Houve mais aqui que perdi. Depois Seth falou para John:)

Avisei-te. Podias ter evitado essa condição, sabes... *(Gota.) (Ela surgiu)* devido à tua atitude mental... Não era destinado... mas uma questão de probabilidades...

(9:30.) Jane fez agora uma pausa. Eu desejava ter as notas completas devido ao humor que estava a pairar no ambiente, mas já estava muito atrasado. Seth voltou brevemente quando o John, durante a pausa, fez à Jane uma pergunta relacionada com as causas da gota.

... Em tal condição, existe sempre a luta entre o desejo de mover-se rapidamente e o medo do movimento. Em tais casos, o desejo de mover-se é premente... O...

(O transe da Jane foi bom, disse ela. O seu ritmo aqui estava bastante rápido. Após a pausa, ela retomou como Seth às 9:45.)

(Para o John e o Bill:) Ora bem. Isto aplica-se a qualquer pessoa, então, se eu olhar para ti, considera-te o símbolo de todos os homens. E isso aplica-se também a ti.

(Para o Bill:) Tens duas alternativas muito simples. Ou dedicas tempo e esforço a olhar para dentro de ti mesmo, ou não o fazes. Se dedicares o tempo e o esforço, então eu te digo, jesuíta, não terás terrores da carne. Enquanto não dedicares esse tempo, terás de lidar com isso, e depender dos teus médicos...

Isto não é apenas pessoal. É uma lei. Porque sou teu amigo, posso ajudar-te... O facto de não dedicares o tempo e o esforço é a razão pela qual ainda tens os sintomas. *(Úlceras.)* ... Não há outra maneira. Quando estiveres pronto para olhar para dentro, livrar-te-ás dos sintomas. Isso aplica-se a todos os homens.

(Para o John:) Os comprimidos que prescreves... Estes, até certo ponto, mecanicamente e quimicamente provocam mudanças que podem ser provocadas mentalmente.

([John:] "Não posso discordar desse ponto." John trabalha para uma empresa farmacêutica.)

Deves estar de bom humor esta noite. (Com humor.) ...Tinhas algumas perguntas...

([John:] "Não especificamente. [Pausa.] Não consigo formular uma pergunta agora. Continua, eu te pergunto mais tarde.")

Agora, estou satisfeito por teres mantido cópias do material com tanto cuidado. E quando terminarmos... Então verás que fizemos um ótimo trabalho, de facto.

(Aqui, Seth refere-se às cópias das sessões sobre John e a sua empresa, a Searle, que John tem mantido com cuidado. John também deverá fazer uma gravação para nós, correlacionando todos os dados, previsões, etc., que Seth lhe deu até hoje.)

([John:] "Dizes que um desenvolvimento ocorrerá em breve." (Isto refere-se a eventos dentro da Searle.)

Eu realmente disse. Dê-nos um momento.

(Pausa.) Parece haver um homem desta vez com cabelo muito escuro. Pode ser cabelo tingido, pois ele é mais velho do que o cabelo sugeriria. Ele não está diretamente ligado aos que estão na tua área imediata.

Parece ser, ou um parente, ou uma pessoa muito próxima de alguém no topo da tua empresa. Podes dizer que é como um irmão para ele. Ele tem estado insatisfeito ultimamente, e serão feitas sugestões sobre uma mudança na estrutura organizacional numa área específica, e isso afetará indiretamente, mas de forma definitiva, a ti.

Há uma data de junho aqui, no que diz respeito ao teu conhecimento sobre o desenvolvimento, e há dois parceiros, ou dois homens aliados dentro da tua empresa, que irão separar-se.

A minha impressão simbólica é de gémeos. Mas eles vão separar-se, afastar-se, e exercer pressões separadas. Eles vão discordar sobre questões de política. Agora, a data de 18 de junho surge na minha mente, e parece estar ligada a um aniversário ou reunião de algum tipo. As apostas serão altas, mas outro homem irá recolher os frutos; ou seja, estes dois homens irão deixar as fichas caírem e outro homem irá apanhá-las.

(Com humor:) Os criadores de impérios estão sempre à procura de um ponto de apoio... e isso dará a ti um... Podes usar alguma da tua astúcia...

(Mais aqui que eu perdi.)

Há algo mais aqui, completamente desvinculado. Uma parente feminina, creio, talvez uma tia tua ou da tua esposa. Um nome talvez como Evelyn, relacionado com uma viagem, e uma circunstância bastante infeliz.

(Para o Bill:) Vou tentar dar-te algumas sugestões práticas. Faz a tua pausa... Ousaria, jesuíta, olhar para dentro de ti mesmo. Nunca te conduzi errado, e digo-te, podes ser um homem saudável.

(10:00.) O transe da Jane foi novamente bom, o ritmo dela um pouco mais lento, mas ainda geralmente mais rápido do que estou habituado a acompanhar com as minhas anotações.

O John Bradley disse que muitos dos dados estavam corretos, e ele irá cobri-los em detalhe na sua gravação projetada. Existem dois gestores regionais na organização da Searle que são cunhados. Um deles, Steve Chase de Los Angeles, tem cabelo tingido de preto. O outro, George Striker, está em Skokie, Illinois. O John acha que Chase é o mais progressista dos dois, e tem a opinião de que, em qualquer conflito entre esses dois homens, um gestor regional do sul, Don Robinson, estaria em

posição de apanhar as peças. O John disse-nos mais coisas que não estão cobertas nestas notas.

A irmã da esposa do John chama-se Evelyn, sendo, portanto, tia dos filhos do John. Esta família tem estado envolvida com viagens, e neste momento vive a oeste de nós, em Ohio. O John disse que há uma ligação aqui com alguns dados anteriores dados por Seth sobre viagens familiares e o Havai. Esses dados também serão cobertos na gravação.

(Retorno às 10:10)

Agora. O meu amigo Ruburt sabe sempre o que está a fazer. *(Humor.)* Não caíras nessa conversa... Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Agora, gosto de ti (para Bill), mas não me intrometo quando não sou convidado, e como regra, não ofereço conselhos quando não me pedem...

([Bill:] "Seth, tens um convite aberto de minha parte, a qualquer momento...")

Mas não estás pronto... exige esforço... Os resultados seriam espetaculares no teu caso. A tua vida e destino estão nas tuas mãos... Não precisarias de te punir... Estou pronto para te ajudar—

([Bill:] "Preciso de tudo.")

Então vais recebê-lo, e se não o seguires, isso depende de ti. Mas eu vou dar-to. *(Divertido:)* Uma coisa é certa: mereces, e gosto de ver-te trabalhar... e há um homem pacífico dentro de ti. Só tens de encontrá-lo... e podes fazê-lo. Posso ajudar-te a encontrá-lo.

Ele não é impulsivo, mas conhece as suas capacidades e como usá-las, e sabe como manter a sua integridade na sociedade... Não tem medo de vender a sua alma ao diabo. Então eu definitivamente te darei informação que poderás usar.

Sempre que vires a uma sessão, começarei uma leitura para ti que poderás seguir. Lançarei um desafio ao nosso jesuíta: Ousaria ele ser um homem pacífico?

([Bill:] "Não saberia por onde começar, Seth.")

Dentro de ti, sabes.

Agora, dá-nos um momento. *(Para o John:)* Não estou certo aqui, então vou devagar...

Parece haver uma droga que estás a ingerir no teu sistema que está a agir contra ele. Acredito que seja algo ocasional—relacionado com uma retenção de líquidos. Jane não tem vocabulário médico. Vamos ver agora; deves consumir aquelas frutas que são ricas em vitamina C, mas que não

sejam ácidas. Deves evitar frutas ácidas, especialmente se consumidas numa refeição com leite. Deves evitar todo o tipo de chocolate, em qualquer forma. Agora, isto não é para sempre, apenas até que a condição desapareça. Não deves comer toranja agora, sob nenhuma circunstância. O sumo de mirtilo, no entanto, é benéfico. Deves evitar aspirina.

Deves evitar manteiga natural, e muito malte. Não deves, por exemplo, exagerar no consumo de cerveja, pães ou cereais... Não precisas cortar o pão da dieta... O arroz é bom, o peixe é bom.
O porco é um desastre.

([John:] "Isso é verdade.")

Deves evitar alimentos gordurosos. Deves comer amêndoas. E vigiar a tua ingestão de açúcares. O mel não te vai fazer mal. Dá-me um momento. Agora. Simbolicamente, no teu caso, e em contraste com o caso do nosso jesuíta, a retenção de líquidos tem a ver com o medo pela tua posição, com a recusa de desistir, ou o medo de desistir, de prerrogativas. (Pausa.)
... Obviamente uma incapacidade de relaxar, porque sentes que ao relaxares vais deixar cair o teu controlo... Deves imaginar, nos teus momentos livres, até mesmo quando conduzes, que os fluidos venenosos estão a desaparecer do teu sistema, deixando-o livre. Os fluidos representam a amargura que não consegues largar, e por isso deves dizer a ti mesmo que o teu eu interior possui as respostas—como de facto possui—e que te guiará... Portanto, podes permitir-te largar a amargura, pois a amargura é a tua inimiga... Os fluidos não são, por si mesmos, venenosos, apenas a sua retenção é que os torna prejudiciais para o teu sistema.

(Para a Peg:) Antes de mais, agradeço pela nossa entrevista... e eu ficaria perfeitamente disposto a realizar uma entrevista contigo pessoalmente...

([Peg:] "Não é uma má ideia..."

(A Peg está a planear uma entrevista com Jane para o Elmira Star-Gazette sobre a publicação do livro de Jane sobre o material de Seth.)
—e qualquer momento que queiras experimentar a tua câmara astuta... Vamos ver o que podemos fazer—

([Peg:] "Vou fazer isso.")

(Houve mais nesta troca humorística que eu não consegui registar.)

(A Jane fez uma pausa às 10:28. O seu transe tinha sido bom. O John

Bradley disse inicialmente que não sabia de nada que estivesse a tomar que pudesse incentivar a retenção de líquidos. Ele disse que muito ocasionalmente toma Metamucil, que é inerte.

(O Seth estava a pairar por perto enquanto John falava. O John então disse que o Metamucil continha dextrose, um açúcar, o que poderia levar à retenção de líquidos.

("Peço desculpa," disse o John, "o Metamucil então—")

A substância inerte não é inerte. Dentro do teu sistema, ativaste certos elementos... A reação ao stress altera a substância... de forma que ela já não é inerte.

Há uma interação entre sal e açúcar—um princípio ativador... e uma carga extra de eletricidade, que talvez seja notada quando estás a pentear o cabelo...

(Houve mais aqui que eu não consegui registar. As minhas notas não indicam o que, se é que o John disse algo, sobre os possíveis efeitos elétricos. Seguiu-se uma longa pausa.)

(A Jane, durante a pausa, começou a receber impressões para/por Bill Gallagher, e Bill sinalizou-me para as registar. Segue-se uma conta precisa do que Jane disse, embora não exatamente palavra por palavra.)

("O Tom C., ele tem cabelo como espinhos na testa... Tom Crompton. Ele tem 36 anos. Conexão com uma mercearia... produtos de algum tipo. Há uma mulher ligada a ele, uma irmã, que o ajuda de alguma forma. Há uma conexão com Detroit. Espinhos. Um grupo de 4 pessoas; ele e uma mulher são um... Bill é um; um parente feminino é o outro.")

("Há uma conexão com um processo judicial, ou problemas nesse sentido. Um homem que é brincalhão. Dois filhos pequenos. Setembro de 1943. Depois, o presente...")

("Não sei por que estou a receber isto..." [Em resposta à pergunta de Bill.] "Um parente próximo. Não sei... Saltei para a morte de um pai. Uma conexão entre o pai deste homem e o teu [para Bill]—porque sei que o teu pai já faleceu. Ou então, há uma verdadeira conexão entre este homem e o pai dele.")

("As palavras, não faças isso—vais estragar-te." [Riso.]

("Uma interação familiar com este Tom e talvez o teu pai. Não uma situação agradável... a situação familiar.")

O Bill Gallagher disse-nos que conhecia um Tom Crawford na faculdade; Bill e Peg verificaram, ou fizeram conexões com, grande parte

desses dados. Explicações longas foram necessárias e não as registei; os Gallaghers disseram que escreveriam os dados para nós após receberem uma cópia das impressões, para que o material possa ser incluído neste registo.

Algumas impressões que foram particularmente adequadas foram Setembro de 1943, a conexão com Detroit, o cabelo em espinhos, o tipo de problemas relacionados com o processo judicial, a semelhança da situação familiar e a profanidade. Tom C. era um homem prolífico em profanidade, de acordo com Bill.

(Retorno às 11:02.)

Agora. Temos estado a orientar Jane no uso das suas capacidades. Não queremos que ele se sinta inferior, e a informação é basicamente legítima. *(Pausa.)*

Há algumas informações nas nossas sessões relacionadas com a Prentice-Hall, muito antes da venda, que deverias reler, pois haverá um longo relacionamento envolvido; e há alguma significância considerável na tua relação com o teu amigo Aerofranz. *(Referindo-se a Tam Mossman, editor na P-H.)*

Eles também irão publicar o meu livro, embora por essa altura haja algumas mudanças na empresa, e eventualmente o nosso amigo Aerofranz mudará a sua lealdade para outra empresa.

(Para Peg: Uma troca aqui seguiu-se, que foi demasiado rápida para eu registar, então é resumida aqui. Depois de brincar com Peg sobre entrevistas, câmaras, etc., Seth disse que, com o tempo, ele faria uma entrevista a Peg, que por essa altura seria "notória," ou melhor conhecida. Não acredito que ele tenha dito como isto se daria. Seth também disse a Peg que haveria alguns dados de que ela precisaria, que ela própria os pediria, sobre a crise na sua vida aproximadamente 6 anos a partir de agora.

(Seth disse que o uso da palavra crise não significava necessariamente que haveriam circunstâncias desastrosas, mas novamente não elaborou.)

(Para Peg novamente:)

Agora. Espero que uses o material que dei à classe de Jane, pois contém dentro de si o coração da minha mensagem.

(Para John:) Nenhuma pergunta específica...?
([John:] "Há algo que dependa do que acontecer na reunião da próxima semana? Algo vai acontecer?")

Não. Nada que tenha verdadeira ou duradoura importância para ti, na próxima semana. Lembra-te da frase toda.

Agora, eu venho de muito longe para falar.
Não tens de percorrer igual distância para ouvir.

Quando, através dos olhos abertos do Ruburt, eu te observo, eu observo mais do que a pessoa que percebes ser, pois é-me difícil localizar-te no teu tempo. Nos teus termos, portanto, vejo tanto o teu eu presente como o teu eu futuro, ainda que operem probabilidades.

(Para o Bill:) São as probabilidades que te preocupam, embora certamente consigas lidar com elas... (Após um intercâmbio bem-humorado:) Tu jogas ao jogo da macaca lindamente... Algum de vós tem perguntas? Responderei ao melhor da minha capacidade.

(Como ninguém falou:) Dá-me um momento. *(Para o Bill:)* Ora bem. Um compromisso... Não digas que sim. Esquece os sem princípios... Tens mais a oferecer do que isso. Três homens parecem estar envolvidos, e há um em quem não podes confiar. Esquece o acordo. É uma cama de pregos. Podes parecer estar a acomodar-te, enquanto manténs a tua posição numa única questão principal... E não cedas nessa questão. Ceder seria... fraqueza. Implicações infelizes... parece que te acomodas, mas adia... Dentro de dois ou três dias, acredito, as circunstâncias terão mudado.

Agora, podes não estar certo da minha existência, mas estás certo do meu conhecimento. *(Com humor.)*

([Bill:] «Nunca duvidei de nenhum. É o contexto...»)

Podes fazer uma pausa... (Para o Bill:) Esquece o referendo, e procura no fundo da gaveta inferior da tua secretária uma informação que esqueceste. A tua análise inicial estava correta.

(Para o John:) O teu Stan agora tem quatro acusações contra ele, e perdeu a quinta. (Houve mais aqui.)

(11:16. Ao contrário das pausas anteriores, a Jane saiu do transe bastante rapidamente. O Bill e a Peg não quiseram particularmente falar sobre os dados acima, mas disseram que tinham relação direta; algo, fomos informados, sobre uma reunião amanhã...)

(O Bill mostrou à Jane uma página de desenhos a lápis que rabiscara enquanto o Seth falava. Eram cabeças, em várias poses estilizadas,

pequenas. Ele disse à Jane que não eram alegres. Após uma curta discussão, o Seth regressou.)

Estás a livrar-te de aspetos mórbidos da tua natureza... (Mais aqui.) *A gaveta inferior direita, da tua secretária... mesmo no fundo... contém uma informação que será útil... Um cartão com um nome e uma morada...*

([Bill:] «Sabes qual é o nome e a morada?»)

Uma ligação com Cincinnati, e uma conta e um levantamento, e um panfleto...

([Bill:] «Queres dizer um panfleto no sentido gráfico, ou no sentido do Sears ou Montgomery Ward?»)

Algo que circula...

(Isto após bastante troca entre o Bill, a Peg e o Seth, numa tentativa de descrever lucidamente o item em questão. A discussão prosseguiu rapidamente e perdi a maior parte. No momento, o Bill não pôde dizer nada sobre Cincinnati, etc.)

(Muito pouco depois desta troca, a sessão terminou. 11:25.)

SESSÃO 456

8 DE JANEIRO DE 1969

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora. Estamos de volta ao nosso horário. Verás que começa um tempo criativo, calmo e, ainda assim, gratificante, em que ambos começarão a fazer alguns dos vossos melhores trabalhos. Certos elementos estão agora a sair das vossas vidas, e com a assinatura do contrato, o Ruburt sente-se social, económica e criativamente justificado, e aceite.

A liberdade interior resultante também libertará as suas próprias energias criativas, e a sua carreira continuará a expandir-se. Deixará de ser tão restritiva. Encontrar-se-á a escrever noutras áreas também. A sua libertação terá também efeito na tua própria vida subjectiva.

Ele ultrapassou o obstáculo da juventude adulta, que tu já ultrapassaste há algum tempo, e ambos estão prontos para se entregarem ao vosso trabalho. Haverá uma placidez adicional, bem como espontaneidade. Voltaremos ao nosso material. Muito do trabalho que fizemos, no entanto, em termos das leituras do Philip (a entidade do John Bradley é o Philip),

será de grande valor, e servirá para acrescentar autenticidade, aos olhos de outras pessoas, à vossa aventura.

Tenho intenção de começar o meu próprio livro agora, muito em breve, pois isto dará uma nova organização ao material, e direcionará o fluxo de informação.

Houve uma melhoria muito marcada na condição do Ruburt. Haverá em breve outra melhoria igualmente notável — outro estágio, por outras palavras, e este será seguido, dentro de cerca de dois meses, por uma recuperação completa — isto é, dois meses após a próxima melhoria.

Deves recordar que te disse que isto iria ocorrer.

(«Sim.» Ver a 442ª sessão, página 107. 14 de Outubro de 1968.)

Então darei ao Ruburt algumas sugestões quanto a hábitos de vida normais, que, se seguidos, lhe permitirão manter-se em boa saúde. Um deles será um exercício mental, não levando mais de dez minutos, e, se feito corretamente, apenas três vezes por semana, será de grande benefício para manter as articulações e músculos soltos e livres. *(Pausa.)*

Talvez devesse dar-te esse exercício agora.

Quando estiver a descansar, e num estado de espírito tranquilo, ele deverá simplesmente imaginar os membros a alongarem-se lentamente, tornando-se algo mais longos, e depois a regressarem lentamente ao seu comprimento original. Deverá então imaginar o pescoço a rodar facilmente e normalmente, três vezes em cada direção; mentalmente, aqui, fazendo o exercício de yoga para o pescoço que ele recorda.

O exercício de alongamento deverá ser enfatizado particularmente nos braços. Os dedos dos pés e das mãos deverão ser visualizados a alongar também, facilmente e lentamente, e depois a regressarem à posição normal. As articulações deverão ser imaginadas a mover-se facilmente. Ao mesmo tempo, ele deverá concentrar-se na ideia de flexibilidade e liberdade, flexibilidade mental, espiritual, psíquica e física. Esse é o fim do exercício.

Fará também bem se, durante o dia, ocasionalmente ele imaginar o exercício enquanto realiza as suas tarefas, mas não deve fazê-lo com esforço deliberado, nem com a intenção de comandar o desempenho físico. Tudo deve ser feito com leveza mental, mais como se fosse um jogo de crianças, e ele deve lembrar-se disto, pois é o ponto essencial do procedimento.

A batata é eficaz, e muito. O simbolismo de segurar a batata, percebes, é que as tensões e os venenos passam dos dedos para a batata, que é um

vegetal de raiz. É simbolismo, mas altamente eficaz por essa razão, e por isso realmente atrai tensões e venenos.

Estou a dar-te esta informação porque é útil. Não pretendo reter-vos muito tempo esta noite, contudo, estando satisfeito com a retoma do nosso horário. A decisão do Ruburt em relação às suas aulas é uma boa decisão. Não haverá dificuldade em manter os alunos, nem em conservar o mesmo rendimento, com apenas uma aula.

Numa altura, duas aulas satisfaziam certas necessidades. Ele precisava desse contato extra, desse exterior, enquanto outros vinham aqui. Agora, já não precisa.

Podes fazer uma pausa, e continuarei. Uma observação, no entanto. Quando começarmos o meu livro, ainda haverá algumas interrupções, pois a outra personalidade poderá também falar por vezes. Há outras experiências com conceitos nas quais estarão envolvidos.

Sugiro também que, quando tivermos sessões regulares, então uma sessão por mês seja dedicada a alguém como o vosso Pitre, Norelli, ou quem precisar de tal sessão em qualquer momento. Não precisa de ser uma regra.

Há algumas observações sobre cura, tanto para ti como para o nosso Aerofranz *(Tam Mossman),* por exemplo. Tais sessões servir-nos-ão bem a todos, e uma em oito sessões dificilmente seria demais. Ao ajudar os outros, ajudam-se a vocês mesmos.

(9:38. A Jane saiu do transe rapidamente. O ritmo tinha sido bom, olhos abertos frequentemente. Disse que conseguiu perceber como fazer os exercícios enquanto o Seth os descrevia.)

(Um tema surgiu durante a pausa que não tinha sido antecipado; expliquei à Jane alguns dos problemas que tenho tido ultimamente com os meus retratos a óleo. Pensei que essas observações pudessem trazer uma resposta do Seth, mas como tinha sido anunciada uma sessão mais curta, não pensei que surgisse uma resposta longa.)

(A Jane retomou às 9:58 a um ritmo mais lento.)

Bem. Dá-nos um momento, caro amigo. *(Pausa.)* Estás a trabalhar com retratos, e retratos são de pessoas. Aqui está parte da tua dificuldade. *(Pausa.)* Deves tentar sondar o mistério da individualidade com amor. Estás, atualmente, demasiado imerso na técnica e na pintura.

Um retrato deve conter uma busca e uma declaração profunda da condição humana, um alcançar do mistério que é outra pessoa, quer a

pessoa exista na tua mente, ou na realidade física, ou em ambas. Um retrato deve conter uma viagem à personalidade, e então a técnica e a forma seguir-se-ão naturalmente e espontaneamente.

(Isto é uma filosofia muito boa, e eu já estava consciente disso.)

Como sabes, por vezes tens tendência a usar um problema técnico como um problema substituto, como uma forma, portanto, de escapar, em vez de enfrentar certas questões relativas à natureza da emoção. (Pausa.)

(Eu suspeitava disto recentemente, mas não tinha dito nada à Jane.)

Agora, rir alto e de coração, ou chorar profundamente — qualquer um servir-te-ia bem, ajudaria a libertar sentimentos internos e a limpar os canais interiores. Estás a esforçar-te demais, como sabes. Ser artista é um modo de vida natural para ti. As pinturas podem e devem emergir de ti com facilidade.

Não precisas de justificar a tua existência através da pintura. É impossível fazê-lo. *(Pausa.)* Há duas abordagens, qualquer das quais seria altamente benéfica.

A primeira é pintar o retrato de uma pessoa que conheces, tentando retratar a essência dessa pessoa, as suas maiores agonias e as maiores alegrias, as suas maiores capacidades e os seus medos de fracasso. (Pausa.) Isto induziria, da tua parte, um esforço honesto para enfrentar a emoção crua de outra personalidade e retratá-la.

A ênfase não seria necessariamente *(sublinhado)* na técnica nem no detalhe, embora pudesse ser, mas em retratar num só retrato, se me perdoas a expressão, a agonia e o êxtase da existência individual. É isto que frequentemente evitas enfrentar.

Agora. A outra abordagem, de muitas maneiras, é completamente oposta à primeira. De facto, pode nem parecer-te uma abordagem. No entanto, usando esta abordagem, durante pelo menos dez dias, deixas de lado o trabalho que estás a fazer. Deixas de lado a ideia de trabalho como trabalho durante as tuas horas habituais.

Captas tanto quanto possível, e da forma que escolheres, uma atitude descuidada, infantil, de brincadeira. Olha para as cenas fora da tua janela com esta luz. Pensa na tua pintura como um jogo espontâneo do eu divino, que pinta ou brinca pelo puro prazer de o fazer, sem esforço, sem perguntas e sem planos. Rabisca o que te vier à cabeça. Não te limites de forma alguma em termos de intenção, assunto, meio ou técnica. Entrega-te a um jogo espontâneo e infantil.

Quando te apetecer rabiscar ou pintar, quando uma ideia surgir, experimenta-a imediatamente. Quando não, quando uma ideia não surgir, então passeia, brinca com o teu gato, faz o que quiseres.

(Não creio que tenha havido uma altura em que não tivesse muitas ideias. Isto nunca foi um problema para mim pessoalmente, mas não interrompi para salientar isso. Achei os dados excelentes.)

Dá-me um momento. *(Pausa.)*

A ideia, novamente, é arte como um jogo espontâneo do eu divino. Não o comandes. Ele sabe mais do que tu sobre o jogo. Agora, qualquer uma destas técnicas servir-te-á muito bem e refrescará as tuas energias criativas. São igualmente válidas, e igualmente direcionadas, embora de formas diferentes, para o teu dilema peculiar. No entanto, não mistures as abordagens. Mergulha de forma completa, e sublinha-se completa cinquenta vezes.

Se escolheres a primeira abordagem, então deves mergulhar por completo na pessoa que estás a usar como modelo, e imergir-te na realidade dela, e a partir daí deixar a pintura fluir.

Agora podes fazer uma pausa, e continuaremos. *(Pausa às 10:20.)*

Na primeira abordagem, ficas completamente imerso no sujeito. Na segunda abordagem, ficas completamente imerso na ideia de brincadeira espontânea, que é verdadeira bem-aventurança e criatividade, e não há foco no assunto. Vês o valor e a semelhança das abordagens?

(«Sim.»)

Qualquer uma será uma experiência para ti, posso prometer-te. Com humor e ênfase. Ambas exigem concentração e foco na realidade básica de onde a pintura vem, em vez de no quadro em si. Elas familiarizar-te-ão com a sua fonte.

(10:22. A Jane tinha estado num bom transe, e estava atordoada quando saiu dele. Disse que sempre que faço perguntas sobre pintura, ela "sai mesmo". A Jane disse que, a certa altura, quando o Seth explicou as duas abordagens, sentiu fortemente o que ele queria dizer.)

(Nota. É 12 de Janeiro enquanto isto é dactilografado. Já comecei a segunda abordagem, como seria de esperar. Posso dizer que está a funcionar bem. Esta sessão foi realizada a 8 de Janeiro de 1969.)

(O ritmo da Jane voltou ao seu andamento mais rápido e assim permaneceu quando ela retomou às 10:26, enquanto discutíamos o material.)

Agora. Algo mais aqui: estás excessivamente preocupado com a ideia física de tempo, e a focar-te de forma errada, e isto está a afetar o teu trabalho.

Sentes-te apressado pelos anos. Lamentas o tempo passado e sentes que as tuas capacidades não chegaram a frutificar. Isto serve para te apertar e sobrecarregar, por vezes, com uma sensação de desespero, sendo altamente restritivo.

Essa restrição manifestar-se-á em todas as áreas do teu trabalho, se não a quebrares — e podes fazê-lo. Os seus efeitos literalmente colorem todas as tuas atividades de pintura, e servem para reforçar as restrições de natureza emocional. Resolver uma questão ajuda ambas.

Dá-me um momento aqui. *(Pausa.)*

Deves perceber, e dizer a ti mesmo, que a criatividade é intemporal de forma fundamental. Deves cessar completamente as especulações e os arrependimentos internos, e as perguntas sobre porque é que as tuas capacidades não chegaram a frutificar. Isto deve, positivamente, ser feito.

A sugestão negativa trabalha constantemente contra ti. Quando tais pensamentos surgirem, diz a ti mesmo que essa linha de pensamento não ajudará a tua pintura, mas antes a dificultará, e que é constritiva. Depois imagina imediatamente uma altura em que pintaste muito bem e espontaneamente, e diz a ti mesmo que agora estás livre para usar e desenvolver essas capacidades. *(Pausa.)*

Não precisas de insistir nisto. O sentimento é o que importa. Pensa em ti como alguém flexível criativamente. O tempo psicológico, se o contemplares, libertar-te-á, para que sintas realização e durabilidade dentro do tempo que conheces.

Não penses, com arrependimento, que tens apenas as tardes para trabalhar. Isso restringe-te de duas maneiras principais. Primeira: estás a limitar o tempo em que podes ser criativo ou ter ideias. Estás, efetivamente, a dizer: só posso ter ideias criativas à tarde.

Em vez disso, diz a ti mesmo que ideias criativas para as tuas pinturas podem vir-te a qualquer hora do dia ou da noite, e que a criatividade não conhece barreiras de tempo. Assim, ideias criativas podem até surgir durante o teu trabalho ou noutras ocasiões, e ser usadas mais tarde, num momento mais conveniente.

O pensamento negativo de que tens apenas (sublinhado apenas) as tardes também tende a limitar o valor do tempo que tens, e a restringi-lo. A

tua atitude deve ser: tenho a tarde inteira para mim, para pintar, e todo o resto do tempo para as capacidades criativas me trazerem inspiração e ideias.

Agora, esta informação, usada corretamente, mais o uso de uma das duas abordagens dadas anteriormente, será de grande benefício. Não só agora, mas para o resto da tua vida. Tens alguma pergunta?

(«Nada de especial até poder estudar este material. Durante a pausa, no entanto, estava a dizer à Jane que ontem tive um lampejo intuitivo semelhante à segunda abordagem que descreveste. Aconteceu enquanto fazia uma sesta.»)

A minha abordagem é mais livre do que aquilo em que pensaste, e mais eficaz por essa razão.

(«Sim, consigo ver a diferença.»)

Se não tiveres mais perguntas, terminarei a sessão... Se tiveres perguntas, faz-me na próxima sessão. Percebes que podes chamar por mim entre sessões regulares, ou em vez de uma sessão regular, quando sentires necessidade.

(«Sim.»)

Então podes encerrar a sessão ou fazer uma pausa, conforme preferires.

(«Vamos encerrar, então.»)

Os meus mais calorosos votos para ambos. Foram-vos dadas orientações direcionadas para vocês e para as vossas necessidades. Se as seguirem, ficarão espantados com a diferença na vossa atitude e no vosso trabalho. Não deve ser uma tentativa leviana, um esforço de um ou dois dias, mas um mergulho total em qualquer abordagem que escolherem, e devem também seguir as sugestões dadas mais tarde, relativas ao tempo e à vossa atitude. Esta é a vossa prescrição artística, e meias doses não farão o trabalho completo.

(«Está bem. Boa noite, Seth, e obrigado.»)

(10:48. O transe da Jane foi profundo, mas ela saiu dele rapidamente. Lembrou-se de pouco do que disse.)

SESSÃO 457
13 DE JANEIRO DE 1969

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Algumas notas. *(Pausa.)* O nosso amigo Ruburt deve estar totalmente comprometido *(pausa)* para ter sucesso, mas uma vez comprometido, o seu sucesso está assegurado.

Ele está agora comprometido. As suas diversas capacidades tiveram de ser reunidas e focadas. As necessidades e desejos mais profundos da personalidade tiveram de ser despertados e profundamente envolvidos numa empreitada que permitisse à personalidade usar toda a sua força de forma focada e emocionalmente intensa.

O processo poderia ou não ter-se desenvolvido, conforme as probabilidades e as circunstâncias. Mesmo o ambiente inicial, tão abominado pelo ego, foi escolhido para aprofundar o desejo de verdade e forçar a personalidade a enfrentar as questões de vida e morte, mal e bondade, de frente. O ego do Ruburt teria evitado essas questões e tomado o caminho fácil, e esse caminho fácil não teria desenvolvido os potenciais plenos que eram necessários para que a personalidade pudesse usar as suas capacidades criativas e intuitivas de forma importante.

Só agora o Ruburt vê a consistência e como o caminho, tal como ele o conhecia, trouxe o impulso que é agora o seu presente. Eu disse-lhe, há várias sessões, que as partes poéticas e psíquicas da sua personalidade estavam profundamente unidas, e agora, ao rever os seus registos antigos, ele sabe que eu estava certo.

O ego teria escolhido um caminho mais fácil, através da ficção. *(Pausa.)* Através do sucesso fácil, através, na verdade, de uma via muito mais superficial, mas o eu intuitivo teria sofrido drasticamente no vosso futuro, e teria havido dificuldades severas.

Em vez disso, o Ruburt está envolvido no nosso esforço, e a sua vida diária entrelaçada na busca que a ficção não pode abordar. Este esforço, envolvendo-vos a ambos tão profundamente, também vos conduz ao pleno desenvolvimento das vossas próprias capacidades. Ambos devem estar plenamente comprometidos, pois as vossas personalidades foram formadas nessa direção.

(Música alta estava agora a tocar, vinda do apartamento abaixo de nós.)

O compromisso também vos une a ambos numa preocupação filosófica apaixonada. Todas as probabilidades apontam agora para o sucesso para ambos; mas lembra-te, como sabes, que não quero dizer uma súbita chuva de bênçãos. Quando falo de sucesso, quero dizer que agora poderão usar as vossas capacidades ao máximo. Isso é sucesso.

Alterareis, até certo ponto, o pensamento do vosso erro e, ao fazê-lo, dos erros futuros, nos vossos termos. Colocareis degraus para outros seguirem. Se te perguntas, estareis financeiramente confortáveis, mas a energia que agora está a ser reunida e focada será sentida em todos os vossos esforços. É mais poderosa do que percebem, e trará grandes mudanças às vossas vidas.

As mudanças trarão responsabilidade e stress, e grande potencialidade. Os desafios permitir-te-ão usar ainda mais as tuas capacidades, e ganharás força através deles. O teu trabalho como artista será bem conhecido. Isto não acontecerá da noite para o dia. Tornar-se-á bem conhecido primeiro por causa das nossas sessões. Depois será rapidamente reconhecido pelo seu próprio mérito.

O teu próprio ambiente inicial também deve ser considerado pelo que foi: um desafio posto por ti, para trazer ao de cima o teu pleno potencial, ao obrigar-te a enfrentar problemas dos quais, de outro modo, ter-te-ias isolado com demasiada facilidade.

Numa sessão recente, delineei os livros que o Ruburt irá escrever. Ele estará livre, percebes, para trabalhar em ficção, e fá-lo-á no futuro, porque a ficção será algo diferente do que era.

(Ver as notas na página 194, antes da 455ª sessão de 6 de Janeiro de 1969, sobre os livros que a Jane irá escrever. Estas notas contêm um breve resumo de uma sessão não agendada realizada durante as férias de Natal, com Sue Mullin e Carl Watkins como testemunhas. Gostaria agora de acrescentar a essas notas.)

(Esqueci-me de acrescentar que, após essa sessão não agendada, que foi realizada à noite, a Jane também falou como Jane. Foi a primeira vez que vi isto acontecer, embora já tenha acontecido algumas vezes antes, geralmente nas aulas de ESP. Ver as notas na página 122, 444ª sessão de 30 de Outubro de 1968. Nessa ocasião que testemunhei, não me recordo do que a Jane disse como Jane.)

(Na 444ª sessão também, o Seth trata extensivamente do Ruburt-Jane.)

Estou, claro, consciente da tua cabeça de Cristo. Não te terias sentido suficientemente livre para a fazer no passado, porque não percebias o que ela representava, ou melhor, não vias as implicações.

(Aqui o Seth refere-se a uma pintura que comecei ontem, em linha com a segunda abordagem das sugestões que ele me deu na última, 456ª sessão. Estou a seguir as suas sugestões e elas estão a funcionar bem.)

Há algo que te direi um dia sobre a tua arte.

(«Oh?»)

Não quero fazer nenhuma sugestão agora, pois aquilo em que estou a pensar virá de ti.

(«De mim ou do Rob? Não que me importe, de qualquer forma.»)

Divertido: Se queres ser tão picuinhas, virá através do Rob, mas uma vez que tu és o Rob, não devias fazer tantas distinções.

Como Ruburt, só que ainda mais, tens evitado o simbolismo religioso, evitado estritamente, e durante muitos anos não viste para além da hipocrisia e das distorções óbvias inerentes às organizações religiosas. A hipocrisia das organizações cegou-te para a verdade interior dos símbolos.

Os símbolos têm grande significado para o eu interior. Eles também servem como trampolins intuicionais, abrindo canais pelos quais os insights podem fluir. Também podem servir como veículos de energia.

Podes fazer uma pausa.

(9:35. A Jane saiu do transe rapidamente; os olhos permaneciam escuros, o modo estava contido, e ela disse: «Sim, ainda estou bastante Seth, mas também estou consciente daquela música.» A música continuava barulhenta no andar abaixo.)

(Enquanto se movia na cozinha durante a pausa, a Jane recebeu isto interiormente: Jane está apenas agora a começar a sua obra de vida. Sentando-se um pouco depois, disse: Estou a tentar voltar a entrar, referindo-se ao transe, mas aquela música lá em baixo incomoda-me. Retomou finalmente às 9:48.)

Agora. A busca por respostas, e este anseio apaixonado pela verdade, têm conduzido a personalidade do Ruburt, e ele só adoeceu quando teve medo de continuar a busca, porque ela o levou a atalhos que ele não tinha planeado — ou melhor, que o ego não tinha planeado.

Até então, o ego e o eu intuitivo não tinham entrado em conflito, no que diz respeito à filosofia básica. No entanto, o eu intuitivo apresentou ao

ego uma nova linha de desenvolvimento que ele não estava preparado para seguir.

O ego não via a consistência. Não percebia que as perguntas anteriores que ele próprio tinha colocado, que tinha feito, levavam inevitavelmente a respostas intuitivas e a experiências psíquicas, e durante algum tempo recusou-se a ver esta, entre aspas, «consistência bastante lógica». Pois o desenvolvimento psíquico também fazia sentido lógico.

Sugeriste que o Ruburt pusesse os seus registos num só lugar por razões intuitivas bastante sólidas. Ele poderia ter lido a sua poesia antiga cinquenta vezes nos últimos dois anos, sem perceber aquilo que finalmente percebeu agora.

(Recentemente, temos estado a mover toda a antiga poesia, romances, contos, escritos psíquicos e outros manuscritos e notas da Jane, datando da escola primária, do sótão para o amplo armário da sala da frente. Neste processo, ela tem lido muito do seu trabalho anterior, com revelações surpreendentes, etc.)

Uma das razões pelas quais o intelecto recusava ver que a sua própria busca estava destinada a terminar desta forma era a incapacidade do Ruburt de ver para além da hipocrisia da religião organizada. Isto foi mencionado mais cedo, na sessão desta noite, no que te diz respeito.

Ele falou honestamente quando disse que considerava ser suicídio intelectual aceitar sequer a possibilidade da sobrevivência pessoal à morte. O conflito levou-o a um ponto em que ele simplesmente não podia avançar mais intelectualmente, pois o intelecto não queria seguir para onde as intuições o levavam. Isto fê-lo pensar nas nossas sessões de forma estereotipada, colocando um aspeto de ou isto-ou aquilo na nossa relação, e fechando a sua mente à minha própria explicação da minha existência.

Ele está completamente livre para questionar a base das sessões, e para questionar a minha própria origem. (Pausa.) Mas ele nem sequer fazia isto com verdadeira (sublinhado) lógica, enquanto desconfiava de si mesmo, ou desconfiava do aspeto intuitivo e revelador (sublinhado) do material.

Agora, o seu intelecto está a aceitar o aspeto revelador do material, e a palavra apareceu nos seus próprios escritos sobre o assunto pela primeira vez. (Recentemente.) É uma palavra altamente evocativa para ele, e mesmo o seu intelecto sempre confiou no conhecimento revelador, desde que lhe fosse transmitido através de canais aceites egotisticamente. *Com ênfase.*

Como ele próprio suspeitava, houve uma reorganização de personalidade por parte da Jane, e para que as capacidades fossem usadas plenamente, tal reorganização era necessária. Uma reorganização teria ocorrido em qualquer caso, apenas poderia ter resultado numa diminuição da capacidade efetiva, em vez de uma amplificação. Ele reconheceu isto, sentindo que, embora apreciasse muito a ficção científica, era um beco sem saída, pois as respostas que procurava não poderiam ser trabalhadas nem sequer através da ficção filosófica.

A poesia foi o que mais se aproximou, e mesmo assim, a forma dessa arte ainda não podia carregar todo o peso do conhecimento que ele sabia estar disponível. Os pontos altos, sim. (Pausa.) Mas a poesia não podia expressar de forma consistente esses padrões intrincados para que pudessem ser claramente compreendidos.

Nas nossas sessões, eu uso, com a permissão do Ruburt, também as suas capacidades intelectuais (pausa), de forma organizada. A poesia era muito menos (com humor) fiável. Agora. Muitas destas razões são razões próprias da personalidade para (mais alto, abruptamente) abrir os canais reveladores, e seriam legítimas independentemente da natureza da minha existência.

Mesmo que eu fosse apenas o método da sua personalidade para obter conhecimento revelador (pausa), ele deveria estar satisfeito com isso, reconhecendo a sua necessidade de mim nesse esforço. Contudo, eu sou muito mais. Agora, há também uma necessidade da minha parte. Qualquer personalidade tem uma constituição psicológica, quer esteja ou não equipada com forma física, e eu sou um professor.

Com o tempo, o Ruburt reconhecerá plenamente a minha natureza independente, mas ele não admitia completamente (sublinhado) nem sequer a fonte reveladora do material até muito recentemente. Ele sabia disso, mas o ego não o admitia. Agora o intelecto está livre do único obstáculo que encontraria, pois, mais uma vez, sempre aceitou a legitimidade dos dados reveladores.

Por outras palavras, o ego do teu amigo declarou-me legítimo agora. Por outro lado, eu sempre contei com o ego do Ruburt como aliado deste modo. Ele manteve o Ruburt sob forte proteção, sob a sua asa, e se foi teimoso demais, foi porque sempre reconheceu as capacidades intuitivas do Ruburt, e a plena força do seu sentido de compromisso, uma vez dado.

Agora ele acrescenta a sua força. Eu não fiz tentativas de o intimidar, reconhecendo os seus propósitos. O Ruburt escolheu um ego forte como guardião necessário na adolescência, e como contrapeso ao eu espontâneo forte, até que uma missão se tornasse conhecida — e a missão correta. Ele simplesmente não reconheceu a missão durante algum tempo.

Nenhum de vós percebe ainda a força das capacidades, nem a necessidade de forjar uma personalidade forte que pudesse aprender a usá-las sabiamente, e manter-se firme enquanto as usa. O ego temia que as capacidades pudessem varrer o Ruburt no passado, mesmo antes das nossas sessões, pressentindo a energia grande mas ainda não focada. Quando ficou assegurado de que esta era a missão pela qual a personalidade esperava, e apenas quando teve certeza, soltou a sua proteção e deu a sua bênção.

Ainda é protetor, mas agora percebe que não tem nada a temer. Podes fazer uma pausa.

(10:23. A Jane mal teve tempo de sair do transe, dizer-me: «A sessão ainda não acabou», dar um gole de vinho e oferecer algumas ideias, quando retomou às 10:29.)

O ego agora, mais uma vez, vê a busca de toda a personalidade como sua própria, e participará de todo o coração.

Compreende muito bem que eu sou mais do que uma extensão subconsciente da personalidade. Eu também não ficaria satisfeito com uma versão altamente simplificada da minha existência, aceitando-me como um espírito de longas vestes, nos termos que lhe são conhecidos, e sabe que sou muito mais do que isso, que a verdade é mais profunda, e trabalhará com o eu intuitivo para buscar respostas. *(Um pouco confuso, Seth!)*

Reconhece as respostas dadas nas sessões como legítimas, e também que essas respostas envolvem esforço intelectual, bem como intuitivo. O ego está satisfeito, pois agora encontra-se no comando de uma personalidade muito mais forte, e com mais desafios, livre para usar as suas capacidades, para questionar e maravilhar-se à vontade, agora que aceita a base das sessões.

É muito mais permissivo, enquanto ainda retém a sua dominância nas áreas que lhe são naturais. Também percebe as experiências que lhe estão abertas e que, de outro modo, estariam indisponíveis, e pode agora crescer em compreensão e desenvolvimento, sendo um protetor disposto e capaz — mas não ciumento.

Agora deixarei que encerres a sessão, mas esta é uma informação altamente valiosa. O eu espontâneo também está profundamente aliviado por estar novamente em bons termos com o ego, e por a personalidade estar a estabelecer-se, e o trabalho principal a começar.

Pois tu e o Ruburt estão agora a começar o vosso trabalho. Os sintomas físicos do Ruburt desaparecerão por completo, e dentro de um período de tempo relativamente curto, conforme indicado numa sessão recente. Os meus mais calorosos cumprimentos para ambos, do vosso legítimo Seth.

(«Está bem.»)

Uma pequena nota. Acredito que haverá liberdade extra nas experiências fora do corpo para o Ruburt. Diz-lhe para não ter medo de quaisquer novos desenvolvimentos nessa área. Eu estarei lá, quer ele saiba quer não. Não, não há fantasmas lá fora, Ruburt. Será simplesmente um novo ambiente. Regressarás em segurança. Um amigo quer encontrar-te. Meu amigo. Uma longa viagem em pouco tempo. Serás protegido durante todo o caminho. Eu seguraria a tua mão, mas isso provavelmente assustar-te-ia mais do que qualquer outra coisa. Fica assegurado: será uma viagem segura.

Ser-te-á dada informação e lembrar-te-ás dela. E, novamente, eu serei o teu guia.

(«Boa noite, Seth. Obrigado.»)

(10:43. A Jane saiu do transe imediatamente, bastante alerta; lembrou-se da última parte dos dados e disse que «ficou assustada» enquanto os transmitia, relativamente à viagem astral. No entanto, depois do jantar esta noite, ela disse que desejava que o Seth a ajudasse enquanto projetava.)

(Esta sessão foi realizada na segunda-feira, 13 de Janeiro. É sexta-feira, 17 de Janeiro. Até à data, a Jane não teve nenhuma experiência de projeção incomum, como o Seth descreveu acima.)

SESSÃO 458
20 DE JANEIRO DE 1969

(A Sue Mullin foi testemunha da sessão.)

(Há algum tempo que eu e a Jane andamos a considerar, em voz alta, a questão da disponibilidade do Seth sempre que quisermos realizar uma sessão. Isto teria em conta o nosso sistema de tempo físico, etc. Pensámos que a questão teria muitas ramificações. Nota que não pedi especificamente que a questão fosse discutida esta noite.)

(Como é frequente, a Jane não fazia ideia do material que seria tratado esta noite. A Sue disse-nos que não tinha perguntas específicas. A Jane começou a falar em transe a um ritmo bastante rápido, olhos abertos frequentemente, etc.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora. Quanto à minha disponibilidade nas vossas sessões.

Já conhecem a natureza da personalidade até certo ponto, e eu estou sempre, até certo ponto, presente nas vossas sessões. *(Sorriso.)* Agora, dá-nos um momento.

Vocês são capazes, dentro das condições que estabelecemos, e com a minha assistência, de chamar aqueles elementos da minha personalidade com os quais estão familiarizados. Uma espécie de carta ou comunicação vitalizada de quarta dimensão, na qual, se me perdoarem o termo, o meio é a mensagem. *(Com humor.)*

De certo modo, então, o Ruburt transforma-se numa espécie de telegrama vitalizado. O meu respeito por ti e pelo material está sempre interligado com a minha própria identidade, no entanto. Quando envias uma comunicação ou um telegrama, envias meramente palavras, nos teus termos. Eu envio partes de mim mesmo.

No entanto, a minha essência inteira não precisa de estar sempre envolvida. (Pausa.) Não preciso de estar totalmente focado dentro da vossa dimensão, por outras palavras, mas estou focado o suficiente para cumprir os nossos encontros.

O trabalho de ponte psicológica de que tenho falado serve-nos bem, no entanto, e isto existe tanto da parte do Ruburt como da minha.

(Grande parte dos dados sobre as pontes psicológicas foi dada há pelo menos alguns anos.)

Uma certa porção da minha realidade está, portanto, disponível para vós durante os nossos horários combinados, e a ponte de que falámos está sempre disponível; e, usando-a, o Ruburt pode chamar-me noutras ocasiões.

Usando-a, eu posso chamar-vos noutras ocasiões. Isto não significa necessariamente, de parte a parte, que tal chamada será sempre atendida afirmativamente, ou que o contato será feito.

(A Jane começou agora a gesticular com as mãos e os braços.) É como se houvesse duas partes de uma ponte, como uma ponte basculante, e essas duas partes, percebem, têm de se encontrar. Quando desejam contactar-me fora dos horários combinados, eu posso ou não estar facilmente (sublinhado) disponível.

No entanto, a vossa própria necessidade emocional e ímpeto ser-me-ão conhecidos. Portanto, se essa necessidade for forte, eu estaria aqui, claro, assim como vocês não ignorariam a necessidade de um amigo. Contudo, eu não estou automaticamente disponível, tal como vocês também não estão.

(Esta é uma clarificação da pergunta, e uma boa. Quando eu e a Jane nos perguntamos sobre a aparente disponibilidade do Seth, referimo-nos às sessões agendadas de segunda e quarta à noite, a uma aparição ocasional numa das aulas de ESP da Jane, e a uma eventual entrada numa sessão não agendada, talvez num fim-de-semana, etc.)

(Isto é diferente de o Seth estar disponível, digamos, às 8h da manhã, ou ao meio-dia, ou noutras horas caprichosas que possamos escolher. Não conduzimos testes para ver se isto é possível. Sabemos, no entanto, que o Seth estaria disponível a qualquer momento sob stress emocional, se pedíssemos.)

No entanto, volto a dizer, eu sou automaticamente parte da mensagem que vos trago. Por vezes, por várias razões, estou aqui mais completamente do que noutras sessões. Essas razões, no entanto, têm a ver com circunstâncias que estão geralmente para lá do «controlo normal»: condições eletromagnéticas, circunstâncias psicológicas — o clima psicológico, por exemplo. Todas estas poderiam ser consideradas como condições atmosféricas através das quais devo entrar.

Como vos disse, até certo ponto, a projeção está envolvida, tanto da minha parte como da do Ruburt. A pergunta "estou sempre disponível para vós quando quiserem?" baseia-se no velho conceito limitado de

personalidade *(apontando para a Sue, com humor)*, pois até a nossa amiga aqui pode estar em dois lugares ao mesmo tempo — e eu tive mais treino.

(Isto é uma referência às experiências de projeção da Sue.)

Quando vos parece que há uma diferença no foco das sessões, então é simplesmente porque as condições de receção estão más. Há também uma manipulação psicológica complicada e muito delicada que deve ocorrer. Por vezes há pequenos erros, de modo que a receção não chega de forma clara.

(Para mim:) Disse-te que a tua própria presença também está envolvida aqui, até certo ponto, e se estás ou não presente em determinada sessão.

Dá-nos um momento. (Pausa.) Agora, quando assistes, digamos, à televisão educativa, vês o professor, e ele fala. Ele pode ou não estar realmente a falar naquele momento, pois podes estar a ver um filme. Mas o professor existe, quer esteja a falar naquele momento, nos teus termos, quer não, e a sua mensagem é legítima. Então, agora vê o Ruburt como o meu ecrã de televisão. Eu tenho de passar por muito mais claramente, e aqui tens a essência do professor.

O professor transforma o ecrã de televisão até que o ecrã momentaneamente se torna o professor. Agora, pouco importa, percebes, quando a transformação é feita, nos teus termos, ou que botões são girados, ou se eu, enquanto eu mesmo, estou neste momento dentro do Ruburt a falar, nos teus termos, ou se eu fiz isto *(referindo-se a esta sessão, sendo transmitida agora pela Jane)* ontem à noite, nos teus termos, e hoje à noite é um filme ou uma repetição.

Pois, mais uma vez, o meio é a mensagem no presente espaçoso, e sempre que chega a hora do programa, eu estou aqui no vosso presente, independentemente de onde eu esteja naquilo que chamariam o meu presente.

Pois, no meu presente, nos vossos termos, eu sou também a personalidade que não está a falar esta noite, o Seth que não tem aquelas características com que estão tão familiarizados. É lamentável que eu tenha de usar termos de tempo para explicar isto, mas, como vos disse há muitas sessões, o meu tempo não é o vosso tempo. *(Com humor.)*

Podem fazer uma pausa e continuaremos. *(Para a Sue:)* Dou-te as boas-vindas.

(9:26. A Jane saiu facilmente do transe. Retomou ao mesmo ritmo bastante rápido e ativo às 9:32.)

Agora. Posso preparar o meu «filme» com antecedência, nos vossos termos, quando conscientemente o Ruburt não tem conhecimento disso, e quando nenhuma impressão é feita na sua mente consciente.

Mais uma vez, isto não implica que tal sessão seja menos legítima do que outras. Significa simplesmente que uso aquilo a que chamariam tempo de uma forma diferente da vossa.

Agora, uma parte do Ruburt está, claro, ciente, pois eu não me intrometeria, e ele há muito deu a sua permissão para tal arranjo. Nem, porque fazem perguntas específicas numa sessão específica, e eu as respondo, significa necessariamente que o programa não foi preparado, nos vossos termos, mais cedo; pois, em muitas ocasiões, verei as perguntas dentro da vossa mente, ou das mentes das vossas testemunhas, e, portanto, responderei a elas, nos vossos termos, com antecedência.

(Deve haver muitos mais dados disponíveis sobre o parágrafo acima. Isto é um lembrete para perguntas futuras.)

Mesmo nessas ocasiões, no entanto, eu olho de perto para a sala de aula para ver como os meus alunos estão a comportar-se, e se a minha mensagem está a ser transmitida claramente; e também aprendo. (Pausa.) Se estudarem este material atentamente, verão que respondi à vossa pergunta mais claramente do que percebem, e, de facto, da única maneira que faria qualquer sentido.

Dá-nos um momento. (Pausa.) Isto não significa, no entanto, que eu use o Ruburt como um boneco, e lhe encha a boca com fitas como um gravador, e que estejam sempre a ouvir repetições, ou que emocionalmente eu não esteja aqui durante tais sessões. Significa que, em tais comunicações multidimensionais, posso estar aqui emocionalmente. Posso estar aqui, nos vossos termos, nos horários combinados, pois o meio é também mais do que a mensagem.

O professor está dentro da fita. A personalidade está condensada. A vossa pergunta surge, no entanto, da ideia de que, se estou aqui, não posso estar noutro lugar ao mesmo tempo, ou que todas as minhas energias devem estar focadas aqui na sessão. Há aspetos da minha identidade com os quais não estão familiarizados, embora possam vir a estar em data futura, nos vossos termos. *(Sorriso.)*

(«Percebo.»)

Isto não deve fazer-vos sentir enganados. Todos os canais ainda não estão a funcionar neste aparelho, percebem.

(«Sim.»)

Uso certos aspetos da minha personalidade, pois são úteis enquanto professor. Conhecem tudo de mim que são capazes de conhecer, em qualquer momento, nos vossos termos. (Pausa.) Seria relativamente (sublinhado), mas certamente praticamente impossível, para mim tornar clara a minha realidade total para vós, agora, nas nossas sessões, pois a vossa compreensão não a poderia conter.

Agora podem fazer uma pausa. Não gostaríamos de queimar uma válvula.

(9:47. O Seth terminou num tom bem-humorado, e a Jane saiu rapidamente do transe. Isto provou ser o fim da sessão.)

(Continuação da Sessão 458, 20 de Janeiro de 1969, após a pausa das 9:47. Este material não está incluído nos registos.)

(Retomado às 22h01. Apontando para Sue Mullin.)

Agora. Dá-nos um momento. Algumas informações para ti...

O teu filho, numa vida passada, este filho foi um tio, e num acidente tu mataste-o. Estavas numa carruagem, a conduzi-la. Ele foi ajustar a rédea. Inglaterra, 1451. Dá-nos um momento.

James. Ele era James Talbert. Tu eras a sua sobrinha. Matilda Montage. Eras de um lado da família com ligações francesas e, naquela altura, volátil, facilmente perturbada, com alguma capacidade como musicista ao piano, mas sem a disciplina ou o impulso para usar essa capacidade.

Ele levava-te a um concerto. Não sei agora, nem vejo agora, o que originou a tua reação, mas algo aconteceu que te assustou. Gritaste com os cavalos e berraste. O teu tio caiu. Os cavalos entraram em pânico, e ele caiu sob uma pata. Nunca te perdoaste, e agora, na tua primeira reencarnação como mulher desde essa época, decidiste ser o veículo através do qual ele poderia voltar à realidade física, e assim tornaste-te a sua mãe em termos físicos.

Este foi o alcance daquilo que sentiste ser a tua responsabilidade. Nunca tinhas sido mãe de um rapaz antes.

Agora. Embora o eu interior esteja consciente desta ligação, o eu presente tem-se enganado a si próprio, em certo grau, porque não aceitou o conhecimento intuitivo. Independentemente do que pensaste

conscientemente, portanto, ainda interiormente te culpaste por deixar o filho partir, e por isso a dificuldade com os órgãos femininos.

Culpaste-te por razões financeiras, embora conscientemente isso fosse a última coisa a vir-te à mente. Pensas em ti própria como estando bastante livre de condições financeiras, e como adulta agora libertaste-te conscientemente dos teus pais. Mas, subconscientemente, perguntaste-te que ambiente social o teu filho realmente (sublinhado) encontraria, e se não o privaste dos benefícios sociais e económicos que te convenceste, conscientemente, de que não precisas.

Também te perguntaste se não estarias a privar a tua mãe de um neto agora, pois embora digas a ti mesma que ela não entenderia, ainda te questionas se o interesse na criança não lhe daria um ímpeto e interesse adicionais.

Agora, estas são algumas das coisas que não queres enfrentar conscientemente. O teu tio não te culpou pelo acidente na altura. Embora houvesse uma ligação familiar passada, vocês não eram os mais próximos dos amigos, e não havia necessidade nem desejo, de parte de nenhum de vós, de uma ligação familiar duradoura nesta vida.

Em certo momento, tu e a criança também foram irmãos. Ele impacientava-se contigo por vezes, pois lembrava-se de ti como companheira em atividade masculinas, e ressentia-se amargamente da tua feminilidade.

Por várias razões, e porque não compreendias, guardaste contra ti mesma o facto de uma vez o teres matado acidentalmente, e depois, quando ele era criança, o teres dado. No entanto, deste-lhe vida quando não tinhas de o fazer, para lhe dar esta reentrada. Havia outras entradas disponíveis, mas ele compreendeu os teus propósitos, e aceitou-te como mãe para te mostrar que não guardava rancores. *(Com humor:)* Foram então dois acidentes.

Mesmo o primeiro tinha as suas implicações psicológicas, pois o tio, naquela altura, estava insatisfeito com a existência, e com os seus feitos, e a negligência que ajudou a resultar no seu acidente foi também parcialmente dele. Mas o facto de a conceção ter sido acidental, e a morte ter sido acidental, tem a sua própria lógica intuitiva.

Não há, por outras palavras, necessidade de punires os órgãos do teu corpo que estiveram envolvidos nesse nascimento.

Podes fazer uma pausa.

(22h24. A Jane saiu facilmente do transe. Disse que conseguia ver cascos de cavalos e paralelepípedos debaixo deles enquanto falava. E possivelmente casas de pedra, muito juntas, de cada lado de uma rua, casas apinhadas. Não era um cenário campestre.)

(Enquanto o Seth falava, a testemunha sentiu uma série de choques intuitivos que a levaram a acreditar que a informação era válida. Ela gosta de cavalos nesta vida. A Jane retomou às 22h37.)

Agora. Não posso dar-te toda a tua história reencarnatória numa só noite.

O pai da criança, no entanto, foi uma irmã tua nessa vida. Dá-nos um momento. (Pausa.) A tua mãe morreu quando eras muito jovem. A irmã era mais velha do que tu, e sentias que era favorecida pelo teu pai.

Estavas também fascinada, em particular, pelas roupas dela. Sentias que ela tinha ocupado o lugar da tua mãe nas afeições do vosso pai, e ela impunha a sua posição sobre ti. Ela não era assim tanto mais velha do que tu, sentias, para ser posta a tomar conta de ti, já que havia apenas uma diferença de cinco anos.

Costumavas perguntar-te o que havia nela que tanto cativava o vosso pai, já que ele tinha uma preferência óbvia por ela, e observava-la secretamente, tentando encontrar a resposta. Desgostavas dela profundamente, mas a fascinação persistia, de modo que estudavas os seus maneirismos, e até por vezes tentavas imitá-los.

Costumavas pôr-te diante de um espelho e copiar as expressões dela. *(Pausa.)* Ela casou com um homem que também conheces nesta existência. O vosso pai simplesmente a preferia porque ela lhe lembrava a esposa. Numa vida passada, não tinhas apreço por mulheres, e por isso escolheste uma existência em que fosses feminina; não apenas feminina, mas dotada daquelas qualidades que particularmente desprezavas; porque temias essas qualidades, por isso viveste com elas e, até certo ponto, aprendeste a compreendê-las, embora ainda fiques com alguma impaciência quando as vês nos outros.

A tua irmã era também afeiçoada ao tio e, por conseguinte, foi instrumental nesta vida em permitir-lhe uma nova entrada; mas tu juntaste-te apenas para esse propósito. O fascínio foi uma expressão de uma fascinação passada de outro tipo, embora te tenhas sentido satisfeita por desta vez seres a mais velha.

Ambas percebem isto intuitivamente. (Pausa longa.) Como personalidades, no entanto, já resolveram a vossa relação. Quando se encontram, uma ou outra insiste em dominar. Decidiram não trabalhar mais nenhuma relação juntas. Muitas vezes, problemas com uma personalidade são resolvidos através de relações com outra personalidade diferente.

Sentiste que querias dar uma vida àquele que destruíste acidentalmente, mas não precisava de ser a vida da mesma personalidade, se tivesses escolhido de outro modo. Também te lembras ainda de que o pai do teu filho foi uma mulher, e a tua irmã, e por isso nesta vida encontraste a relação ambígua.

Agora podes encerrar a sessão ou fazer uma pausa, conforme preferires.

(«Vamos encerrar então.»)

(Pausa.) Se levares esta informação a sério, deves então perceber intuitivamente que, ao dar nascimento à criança (pausa), realizaste um gesto gentil, e abriste uma porta. O sistema deve então perceber que não há necessidade dos sintomas, e libertar-te deles.

(Boa noite, Seth.)

(A Jane saiu facilmente do transe. A testemunha disse que os dados continham muitos insights intuitivos, citando especialmente o material sobre relações ambíguas, etc.)

SESSÃO 459

22 DE JANEIRO DE 1969

(Às 21h00 desta noite, a Jane disse que sentiu uma "presença massiva" atrás da sua cadeira. Não que achasse que o Seth estivesse lá para ser visto, mas sentiu algo fora do comum. Ela sabia que a sessão estava prestes a começar, e esperávamos aprender algo sobre essa presença. No entanto, o esforço foi interrompido pela chegada de visitas.)

(O efeito não voltou depois de as visitas partirem. A Jane conduziu a sessão da maneira habitual.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Agora. Teremos uma sessão breve.

Uma nota curta para o Ruburt primeiro, no entanto. Não houve qualquer sugestão de que ele tenha decidido desistir da poesia. Ela será

sempre um dos seus principais esforços criativos. Haverá desenvolvimentos adicionais no seu uso da forma poética.

Agora. Assim como tens tendência a pensar que a Terra é o centro do universo, embora saibas que isso não é verdade, tens também tendência a pensar que o ego é o centro da personalidade, e que os outros aspetos da personalidade existem para uso do ego, que tudo o resto gira em torno do ego. Isto não é verdade.

No meu próprio livro, descreverei a constituição da personalidade a partir de outro ponto de vista, de facto. Tomam como garantido que cada indivíduo tem apenas um ego, e, portanto, talvez compreensivelmente, atribuem-lhe mais importância do que ele possui.

Disse-vos que, através de muitas existências, vestem egos para os propósitos definidos pelo eu interior. É necessário, claro, que acreditem no vosso papel. A dificuldade é que devem acreditar no papel, e ainda assim perceber que ele é um papel que vocês, o eu interior, escolheram. Caso contrário, as ligações com o eu interior são quase esquecidas.

O ego esquece que é apenas parte de uma estrutura de personalidade muito mais completa e, por conseguinte, corta-se de capacidades e insights que são necessários, até para o seu próprio conforto e estabilidade.

No meu livro, portanto, mostrarei a personalidade de dentro para fora, por assim dizer. Estou simplesmente à espera enquanto o Ruburt se organiza no livro que está a começar. No mais tardar, dentro de algumas semanas, começarei o meu próprio livro.

Em certa medida, ele também relatará as minhas próprias experiências, mas num sentido mais amplo espero que seja capaz de dar uma imagem da natureza da realidade vista por alguém que não está aprisionado dentro da estrutura tridimensional.

O livro não exigirá trabalho adicional da parte do Ruburt, tirado do seu próprio, exceto para a montagem final, que será simplesmente uma questão, suponho, de datilografia. Dá-nos um momento. (Pausa longa.)

Este livro, no entanto, escrito por mim, será portanto inteiramente material de Seth. O Ruburt pode fazer pequenas correções se as achar necessárias, mas o "eu" no livro será o meu próprio, de modo que não será necessária interpretação.

O livro começará quando tentei contactar-vos pela primeira vez, embora haja flashbacks das minhas próprias experiências anteriores no vosso tempo. Também incluirá no capítulo de abertura várias ocasiões em

que tentei alcançar o Ruburt no estado de sonho, e as formas pelas quais consegui inserir várias ideias na sua consciência onírica, e as formas pelas quais a mente consciente utilizou e distorceu a informação.

SESSÃO 460
27 DE JANEIRO DE 1969

(A Jane teve uma experiência intensa esta manhã; quando cheguei a casa ao meio-dia, ela ainda passava por fases disso. Ela tem notas completas, por isso será aqui resumido brevemente.)

(Disse que começou quando tentou o "psy-time" esta manhã, pouco depois das 9h00. Culminou numa sensação massiva de relaxamento sorridente, disse ela, combinada com uma forte experiência de alívio. Foi como se tivesse passado por alguma grande experiência em triunfo, disse ela, e não fosse chamada a repeti-la — todo o sofrimento, etc., envolvido.)

(O livro dos sonhos, que está agora na Ace para consideração, esteve envolvido. A Jane escreveu durante a manhã várias páginas de notas, ideias e impressões. A essência parecia ser que o livro dos sonhos, as lutas na sua criação, etc., estavam envolvidos, e que ele seria finalmente aceite pela Ace. Isto seria um triunfo. Mais do que isso parecia estar envolvido — havia também sentimentos de melhoria de saúde associados.)

(Uma sesta após o almoço pareceu restaurar a Jane a um "estado funcional", como ela disse. Naturalmente, perguntávamo-nos o que, se é que algo, o Seth diria sobre a experiência. Também li à Jane, pouco antes da sessão, duas perguntas que tinha escrito recentemente para consideração do Seth.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Bem. Há uma certa instabilidade nos elementos esta noite, relacionada com uma mudança natural e geral a ocorrer no Ruburt— uma mudança benéfica, acrescento rapidamente *(com humor)*; mas o seu sistema está num estado de mudança.

Ele ainda não está totalmente consciente disto, pois lembra-te: quando as melhorias físicas se mostram, a mudança causal interna já ocorreu.

Agora. *(Pausa.)* Continuarei com isto em breve. Primeiro, brevemente, uma resposta à tua segunda pergunta.

(Segue-se a pergunta, conforme a tinha escrito mais cedo:)

("Por que é que, em casos de informação específica, como nomes, datas, locais, etc., tu [ou a Jane ou o Ruburt*] muitas vezes demoras a dar a resposta? Ou seja, a resposta é adiada até à sessão seguinte. Tenho notado muitas vezes que, se não insisto nas sessões seguintes, o assunto em questão não volta a ser referido voluntariamente por ti [ou* Ruburt *ou Jane].")*

("Poderiam ser pensados muitos exemplos — sobre Van Elver; o matemático em Edimburgo; sobre a minha experiência telepática no Wyoming no ano passado; os dados do acidente de carro envolvendo Bill Macdonnel na Califórnia, etc. A pergunta não é feita como crítica, mas apenas para obter informações que possam ser desenvolvidas mais plenamente depois.")

Quando impressões são dadas, o ímpeto emocional por trás delas é particularmente forte. Estamos sintonizados, por assim dizer. Por vezes, mais tarde, é difícil sintonizar novamente com a mesma precisão. Se o material for suficientemente importante para ti, então o ímpeto emocional por trás dele é comunicado a mim, e tento obter a informação para ti.

Se o ímpeto da vossa parte não for assim tão forte, ou se operar medo — se o Ruburt tiver medo, por exemplo, de ser posto à prova *(entre aspas)*, então, claro, o estímulo adequado não está presente. O melhor momento para obter informação é quando ela é mencionada inicialmente. Isto não significa que mais informação não possa ser dada. Simplesmente não é tão fácil de obter.

A própria mudança de atitude do Ruburt será de grande benefício para nós daqui para frente, e tais incidentes diminuirão.

(Isto deu origem a outra pergunta, que não fiz, mas anoto aqui: o Seth disse por vezes que a Jane estava demasiado próxima, demasiado emocionalmente envolvida com os dados para responder claramente, e que então era melhor esperar. Isto deixaria apenas o recurso de voltar aos dados mais tarde, se quisermos mais informação, quando estiver "frio".)

Agora. O Ruburt está sempre sob a minha proteção nas suas experiências fora do corpo. Não há nada que o impeça de me ver nessas ocasiões senão a sua própria atitude, como já disse antes. Ele progride a um ritmo natural, no entanto, ao seu próprio ritmo. Não exagerará, pois, nisto, o seu ego é uma ajuda e verá que não ocorre excesso de esforço. Quando as experiências falham, esta é geralmente a razão, e também a razão para o efeito rítmico.

A tua outra pergunta, para mim, é curiosa.

(Eu tinha perguntado: "Por favor redefine o ego, brevemente, como parte da consciência nos nossos termos.")

O teu ego, em termos comuns e ordinários, mudou como resultado das nossas sessões, no sentido de que agora está preocupado também com outras realidades. Em termos de senso comum, o ego lida com manipulações dentro da realidade física, e foca-se brilhantemente dentro de um alcance bastante estreito.

Usei o termo *(ego)* frequentemente eu mesmo, para tua conveniência, e uso-o agora pela mesma razão. Creio que te direi isto para tua definição: o ego é a porção da identidade que está atualmente focada dentro de um aparente agora — ou seja, é principalmente concebido como uma ferramenta mental, focando-se dentro do tempo tal como é conhecido e experimentado por criaturas físicas.

As divisões entre partes do eu são principalmente arbitrárias, no entanto. Elas não existem. É apenas para falar delas, para tornar os significados claros, que usamos tais divisões.

Obviamente, então, o ego é uma parte da identidade, em vez de o contrário, e é apenas uma parte da consciência. É quando o ego tenta confundir-se com a identidade que começam as dificuldades.

(Pausa.) Dá-me um momento.

(Pausa às 21h30. O Seth falou agora sobre algumas observações que eu tinha feito mais cedo, hoje, a respeito do meu fraco sucesso em lembrar-me dos meus sonhos e projeções ao longo de meses.)

Por vezes, tornas-te ciumento das tuas energias. Temes que a experiência psíquica direta, em termos de projeções, possa roubar-te a energia que deverias colocar na tua pintura e, bastante inconscientemente, embora não totalmente, quando te concentras fortemente na tua pintura com vigor interior particular, então fechas a porta às aventuras psíquicas pessoais por um ciúme deslocado pela tua arte.

Sentes que toda a tua energia deve ir para a pintura em mãos. Desta forma, também fechas, sem saber, a porta a energia adicional e renovação (pausa), até certo ponto (sublinhado). Não podes fechar uma porta criativa sem fechar todas, até certo grau. Fiz questão de qualificar esta afirmação duas vezes, de propósito, pois naturalmente o teu foco principal deve ser a tua pintura.

No entanto, uma exploração psíquica dedicada, de tal natureza, traz sempre consigo poderes intuitivos aumentados, nova energia e uma compreensão espiritual que pode ser usada então em qualquer esforço criativo. As duas andam bem de mãos dadas. Compreender estas razões deve ajudar-te, portanto.

Tu *(sorriso),* com os teus interesses peculiares, podes (sublinhado) vaguear livremente por galerias de arte e museus, quer no passado, presente ou futuro, nesses termos, e um ímpeto suficiente ajudar-te-á a fazê-lo. Por outras palavras, se ligares os teus esforços psíquicos ao teu amor pela arte, não haverá dificuldades. Apenas o conhecimento de que os esforços psíquicos ajudarão a tua criatividade deve ser um ímpeto suficiente.

Agora, projetas-te no teu sono, quer saibas quer não. Mas este sentimento de ciúme impede-te de usar conscientemente aquilo que ganhaste. Inconscientemente, claro, a experiência infiltra-se, e como qualquer outra experiência, tu usa-la no teu trabalho. Mas poderias usar mais.

Tens alguma pergunta diretamente relacionada ao que te tenho dito agora?

(«Não, por enquanto. Acho muito bom.»)

Podes fazer uma pausa. Não deves considerar o esforço psíquico como rival da tua arte, mas antes como um auxílio, com o qual os melhores artistas sempre foram abençoados. *(Enfático, inclinando-se para a frente.)*

(21h42. A Jane saiu facilmente do transe. Disse que, a certa altura, sentiu que estava a ficar "menor" enquanto estava sentada na sua cadeira de baloiço enquanto o Seth falava. Sentiu que era um velho, pequeno, minúsculo... ao mesmo tempo em que sabia, como Jane, que não estava a encolher, mas que era uma experiência subjetiva. O Seth continuou a falar, e a sensação passou.)

(Às vezes, quando faço anotações, não tenho tempo suficiente para considerar o material recebido. Este é um caso desses. Interpretei mal, em parte, o que o Seth tinha dito sobre projeções. Comentei em voz alta com a Jane que pensava estar a usar as minhas capacidades psíquicas nas minhas pinturas, de forma bastante consciente e deliberada, como um auxílio muito bem-vindo.)

(O Seth ainda estava por perto durante a pausa. Enquanto eu falava, a Jane disse depois, podia senti-lo a responder à minha conversa. A Jane,

que estava na cozinha, apressou-se de volta para a sua cadeira exatamente quando o Seth retomou às 21h44.)

Eu estava a falar de esforços psíquicos envolvendo projeção. Esforços que sentias envolver uma maior produção ou uso, aliás, de energia. Tens sido muito mais livre na abertura de canais, e em receber passivamente e tornar-te recetivo à informação e experiência interiores.

No entanto, sentias que sair ativamente, em termos de uma projeção, envolvia um esforço e energia maiores, e este aspeto particular não tinhas ainda ligado à tua arte. Podes continuar com a tua pausa.

(«Está bem. Obrigado, isso está muito mais claro.»)

(Com humor.) As minhas capacidades telepáticas não devem estar a funcionar bem esta noite, pois tomei como garantido que era a isto que te referias com a tua pergunta; sabendo o que sabia do teu uso do conhecimento psíquico nas tuas obras atuais.

(«Tens razão. É só que eu não entendi totalmente enquanto escrevia.»)

(21h50-22h01.)

Agora. Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

O Ruburt está a trabalhar para um entendimento simbólico completo num poema que começou ontem, e ele saberá a qual me refiro.

Durante algum tempo, ele identificou-se com o livro dos sonhos, e projetou os seus próprios problemas sobre ele, de forma que o livro suportava o peso, por assim dizer; e se fosse um fracasso, então ele era um fracasso, e em termos muito definidos.

Essa identificação já não existe, e ele percebeu hoje que o seu sucesso não depende *(sublinhado)* do livro dos sonhos, de uma vez por todas, percebes. Já não está vulnerável dessa maneira. Era como o seu albatroz ao pescoço, e já não é assim.

Aliás, o livro mudou, percebes, do que era, assim como ele mudou do que era. Ele também sabe que o livro será publicado, e esta informação interior foi-lhe dada, de uma forma ou de outra, repetidamente.

(A Jane tem uma longa lista de sonhos, experiências em "psy-time", mensagens do Seth e dela própria, no sentido de que o livro dos sonhos será publicado.)

É um exemplo de como as suas capacidades vieram em seu auxílio, dando-lhe garantias interiores quando mais precisava. Ele percebe que é criador do livro, não prisioneiro dele, e uma vez pensou que era. Ele

libertou-se disso (pausa), o destino do livro já não é visto como o seu próprio destino, independentemente do que aconteça ao livro.

Agora ele está tão preocupado, no entanto, que eu te diga se a Ace aceitará ou não o livro, que é difícil para mim falar claramente sobre o assunto. *(Pausa.)* Dá-me um momento. *(Pausa.)*

Ele também libertou o livro das ideias negativas que antes projetava sobre ele, ideias que eram captadas por aqueles que o liam. *(Pausa.)* Vamos ver se conseguimos contorná-lo. Agora. *(Pausa.)*

Ele saberá da sua publicação em breve. Ou seja, dentro de pouco tempo ele saberá fisicamente que será publicado. (Pausa; sorriso.) Ele trabalhará nele durante algumas fases do material do Seth também. (Pausa.) O Wollheim estará envolvido nisso. Com isso. Será um livro de ás.

(Sorriso, olhos fechados.)

(«Sim.»)

Ele fez uma venda, e agora boa noite.

(«Boa noite, Seth, e obrigado.»)

(22h15. A Jane saiu imediatamente do transe. Foi uma situação engraçada. Ela sabia o que tinha dito sobre o livro, sob consideração na Ace Books, onde Don Wollheim é editor-chefe, e ficou logo preocupada em distorcer material, etc. «Gostava de não ter dito isso», comentou ironicamente, depois de eu ter observado que não tínhamos pressionado por nenhuma resposta do Seth, nem sequer feito perguntas específicas sobre o livro dos sonhos antes da sessão.)

(No dia seguinte, 28 de Janeiro, após algum debate, a Jane telefonou para a Ace para tentar saber o estado do livro dos sonhos. Don Wollheim ainda não o tinha visto. A editora responsável pelos livros psíquicos não estava disponível; a assistente dela disse à Jane que ainda não tinha sido entregue um relatório sobre o livro. Se a experiência da Jane desta manhã incluir a venda do livro dos sonhos, o evento poderá ser considerado precognitivo, até certo grau.)

(O Don ficou encantado ao saber da venda do material do Seth à Prentice-Hall, e incentivou a Jane a destacar essa venda à editora do livro dos sonhos, Evelyn Grippo, na carta que sugeriu que a Jane escrevesse.)

(Especulação: Terá o telefonema da Jane hoje alterado a experiência de ontem? Terá a experiência levado ao telefonema, e informar a Ace da venda do material do Seth resultará na venda do livro dos sonhos? Por

outro lado, poderá a venda à P-H ter um efeito adverso sobre a esperada venda do livro dos sonhos à Ace?)

SESSÃO 461
29 DE JANEIRO DE 1969

(Antes da sessão desta noite, eu e a Jane discutimos a excelente forma como o Seth conseguia relacionar-se com as várias pessoas que assistiam às sessões. Essa capacidade escapou-nos durante algum tempo, até que finalmente percebemos as diferentes abordagens usadas pelo Seth para tornar o material dado significativo para as personalidades tão diferentes envolvidas.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Ora bem. Quanto às tuas observações de há poucos momentos: eu sempre soube o que estava a fazer na aula.

Disse-vos que, se este material e informação fossem, em última análise, ter algum significado nos vossos termos, então teria de estar relacionado com pessoas. Vou assegurar-me de que se relaciona com muitos tipos de pessoas. Será dado de muitas maneiras. Não há razão para que os menos intelectuais não tenham acesso a ele, ou que ele deva discriminá-los pela sua falta de massa cinzenta. *(Com humor.)*

O material é bastante legítimo, independentemente das formas que eu possa escolher para o apresentar em diferentes momentos. Os princípios básicos repousarão nas nossas próprias sessões, onde aqueles suficientemente curiosos e intelectualmente dotados poderão encontrar os argumentos e razões sobre os quais ele se baseia.

Haverá aqueles que não conseguem compreender. Para eles, o material não será diluído, e não foi. Mas será dado em termos mais simples. Não precisas de te preocupar com um *Seth Reader*. Haverá um, e eu escreverei.

(Antes da sessão, eu disse à Jane, meio a brincar, que ela devia publicar um Seth Reader, um volume contendo material do Seth sobre muitos temas, apresentado de forma algo mais simplificada.)

Será escrito para as intuições e emoções, e assim será feito de forma algo diferente. Verdades intuitivas, como o Ruburt deveria saber, também podem ser reveladas de formas que não sejam altamente intelectuais.

Alguns compreenderão intuitivamente o material muito melhor do que outros que possam compreendê-lo intelectualmente mas sem compreensão emocional.

O corpo inteiro do material, quando terminarmos, falará de várias maneiras a vários tipos de indivíduos que podem não ser capazes de falar uns com os outros. O Ruburt fica intelectualmente escandalizado quando eu falo simplesmente. Eu não tenho necessidade de me preocupar com a minha superioridade intelectual. Estou perfeitamente livre para comunicar o que deve ser comunicado. No entanto, ele ainda está na fase em que tira prazer da superioridade intelectual, e olha algo de cima para baixo para aqueles que não são tão dotados intelectualmente. *(Divertido.)*

Essa atitude, no entanto, poderia automaticamente tornar o material inacessível a muitos que precisam dele, podem compreendê-lo intuitivamente e usá-lo bem. Haverá outros, como o próprio Ruburt e como tu, Rob, que ficarão intrigados com esses desenvolvimentos e argumentos mais completos dados no material básico. E sobre estes, novamente, repousará a estrutura lógica do trabalho.

No passado, por causa das próprias dificuldades do Ruburt, limitei-me a insinuar desenvolvimentos futuros. Vou dizer-vos agora, no entanto, que dentro da nossa própria estrutura de sessões, e com o que chamo de sessões de contato com outros, outros livros materializar-se-ão. Haverá vários nos quais os princípios básicos serão dados de forma simples, direta, com muitos exemplos para o homem e a mulher comuns.

Serão dados com grande empatia emocional, e espero com a minha própria profundidade de compaixão e entendimento pela condição humana. Alguns aparecerão simplesmente à medida que o Ruburt recolhe sessões de classe ou sessões testemunhadas. Um pelo menos será especificamente escrito por mim para esse propósito.

(Há alguns dias, começámos a reunir as sessões dadas pelo Seth na aula de ESP da Jane numa categoria separada. Este trabalho, ainda no início, deu origem à ideia de um Seth Reader, etc.)

Um livro tratará principalmente de realidades metafísicas e será concebido para aqueles mais intelectualmente dotados. O público para esse livro em particular pode ser algo mais limitado, mas será um esforço fascinante; e nele espero apresentar uma teoria multidimensional da moralidade para aqueles demasiado sofisticados para aceitarem conceitos ultrapassados sobre o conceito de Deus.

Este livro, no entanto, também apontará as verdades que existem dentro das vestes esfarrapadas das religiões organizadas e estabelecidas; rasgará o tecido em ruínas do dogma até ao corpo do conhecimento revelador que sempre lá esteve.

(O telefone tocou às 21h35 e interrompeu a entrega do Seth. A própria Jane atendeu a chamada antes que eu pudesse fazê-lo. A chamada ilustrou bem o material dado acima, sobre torná-lo conhecido a outros, etc.; era de um possível novo membro da aula de ESP.)

(A Jane retomou no mesmo ritmo rápido e activo, olhos abertos, com bastante ênfase, às 21h53.)

Agora. Os indivíduos dentro do vosso sistema têm dificuldade em relacionar-se com aqueles com quem não têm algum laço razoavelmente forte, seja de experiência comum, crenças gerais, semelhanças culturais — a lista é infinita.

Neste aspeto, tu e o Ruburt encaixam geralmente nessa categoria. Gostam daqueles que compreendem. Na minha posição, no entanto, há muitos aspetos da minha estrutura global de personalidade e experiência aos quais posso recorrer, e portanto relacionar-me.

É a partir desse banco de conhecimento, então, que posso relacionar-me com outros, e eles percebem intuitivamente que, nessas ocasiões, eu não estou a falar de cima para baixo com eles. Impedimentos não me bloqueiam, pois eu não levanto impedimentos desse tipo. Eu não levanto distorções feitas por mim próprio e, portanto, não interpreto mal as reações dos outros. Quando lhes falo, estou a pensar neles, e até certo ponto posso de facto entrar na sua realidade psicológica. Assim, posso formular o que quero dizer de uma forma altamente significativa para eles.

Como pintor, tu usas muitos meios. Podes retratar uma ideia básica de várias maneiras, e produzir muitas pinturas excelentes ao fazê-lo. E usando a língua inglesa, eu ainda posso falar em muitas linguagens, e apresentar o material.

Haverá vários livros que simplesmente resultarão das nossas sessões, além daqueles que serão especificamente ditados. Haverá livros do próprio Ruburt, à medida que a sua personalidade cresce e evolui e correlaciona o que aprendeu e aprenderá. Haverá desenvolvimentos na tua própria pintura que seguirão naturalmente, e por vezes diretamente (sublinhado) das nossas sessões.

(Pausa longa.) Agora, o nosso amigo Aerofranz *(Tam Mossman, da Prentice-Hall)* está de facto a progredir. *(Pequeno sorriso.)* A extensão e o potencial das suas capacidades de cura são consideráveis. É, portanto, ainda mais importante que ele procure sempre (pausa), usar disciplina e cautela, que pense em termos de ajudar outros indivíduos, e que não glorifique a sua própria posição egotisticamente, pensando: "Como posso curar-te, sou, portanto, superior a ti", mesmo que a ideia esteja parcialmente oculta da sua própria consciência, e mesmo que ele se sinta bondoso — regista aqui que eu sorri — enquanto se sente assim superior.

As suas capacidades são consideráveis na linha da cura, e mais uma vez, por essa razão, é extremamente importante que ele tenha compreensão de si próprio, bem como dos outros. O seu ego é (sublinhado) um ego bondoso, mas a estrutura de qualquer ego é tal que considera, ou pode considerar facilmente, a capacidade psíquica como um sinal do seu próprio poder; ou sentir-se possessivo da capacidade, e excessivamente orgulhoso dela, mesmo quando sabe que ela se origina noutras camadas do eu.

Queremos que o nosso amigo tenha um equilíbrio geral de personalidade forte e saudável, pois isso permitir-lhe-á usar bem as suas capacidades, e então as próprias capacidades irão, além disso, acrescentar ao seu próprio desenvolvimento.

Ele tem — estão os teus dedos cansados?

("Um pouco.")

Podes fazer uma pausa.

(22h10–22h25.)

Agora. O nosso amigo *(Tam)* está em contato com outra camada da sua personalidade, e como lhe disse através da máquina infernal *(referência bem-humorada ao telefone)*, uma camada fiável. Isto é um avanço. Gostaria que ele mantivesse o Ruburt informado. Não sugiro que ele faça essa escrita *(escrita automática)* mais do que duas vezes por semana, no máximo, por agora. Capacidade exige sempre responsabilidade. Sei que ele sabe disto, e de facto elogio-o. Não quero, no entanto, que as suas capacidades o dominem.

Não quero dizer que haja algum grande perigo envolvido. Apenas quero que ele progrida a um ritmo constante, com a personalidade geral em bom equilíbrio todo o tempo. A personalidade deve aprender a compreender e a usar as capacidades.

Agora, envio ao nosso amigo os meus votos mais calorosos, e gostei, entre aspas, da nossa "comunicação mecânica". Ele deve também assegurar-se da integridade das suas motivações, e aprender a reconhecer as suas próprias motivações. Isto não implica que ele não o faça, mas é uma necessidade para qualquer personalidade que esteja a trabalhar com atividade psíquica deste tipo.

(Ontem, terça-feira, o Seth falou ao telefone pela primeira vez. O episódio ocorreu durante uma chamada do Tam, em Nova Iorque, para a Jane, em Elmira, por volta das 21h30, e durou no máximo talvez cinco minutos.)

(O Tam escreveu uma carta à Jane relatando este episódio; a carta será arquivada nos nossos registos, etc.)

Agora, dá-me um momento. *(Pausa.)*

Vamos encerrar a sessão. O Ruburt está a sair-se bem com o livro. Comuniquei com ele ontem à noite, embora ele não se tenha lembrado.

(A Jane tinha pedido que o Seth comunicasse com ela durante um sonho, e que ela se lembrasse do sonho. No entanto, na manhã seguinte, ela só conseguia recordar que tal sonho tinha ocorrido; nenhum detalhe surgiu.)

Farei isso novamente esta noite, a seu pedido.

Estás a sair-te bem. Vejo pinturas que produzirás. (Sorriso, olhos fechados.) O que te disse esta noite também deve ajudar-te a compreender o uso que a emoção pode ter no teu trabalho, e o seu valor.

E quando terminares a grande pintura, dir-te-ei algo sobre ela que talvez percebas subconscientemente. *(Sorriso.)* E não devo dizer mais nada.

(Aqui o Seth refere-se aos preparativos que eu estava a fazer para pintar um retrato grande, de três quartos de comprimento. A Jane tinha visto recentemente um desenho a tinta da china que eu fizera, e que serviria de base para a pintura.)

("Porquê?")

Porque, se te disser agora, a espontaneidade poderia ser interrompida. Como está, não tens nenhuma conceção consciente real, de forma significativa, do que te direi; e, no entanto, estás a usar profundidades intuitivas e emocionais que não te permitiste usar antes, e eu dir-te-ei, quando terminares, as razões.

Podes perguntar-me diretamente, se quiseres —

("Vou." Querendo dizer que assim que terminasse a pintura eu perguntaria ao Seth pela informação. Achei que, insistindo, poderia obter os dados já, mas decidi esperar.)

(Uma nota: Depois da sessão, a Jane disse-me que sabia o que o Seth me ia dizer quando eu tivesse terminado a pintura em questão. Perguntei à Jane como é que ela sabia isso; estaria o Seth a dizer-me uma coisa e a ela outra? Teria a Jane intuído a informação do Seth enquanto ele falava através dela, ou o quê? Podemos saber mais sobre isso mais tarde; esta é a primeira vez que tivemos consciência de informação ser dada e recebida exatamente desta maneira, embora possa ter acontecido antes. Mas, enquanto o Seth me falava da pintura, a Jane sabia o que ele me ia dizer.)

Agora, terei todo o gosto em estabelecer para ti um programa específico, adaptado a ti, para a libertação e uso das tuas capacidades psíquicas sempre que estiveres pronto para reservar algum tempo de sessão para o fazer.

("Tempo de sessão?")

Dar-to-ei em sessão, ou a qualquer momento que solicites. Será relativamente fácil para mim ajudar-te em experiências fora do corpo, incidentalmente, quando estiveres pronto.

("E que tal esta noite?")

Então temos um encontro, às três da manhã. Dá a ti mesmo a sugestão, antes de dormir, de que te lembrarás do que acontecer, e de que, mesmo enquanto dormes, estarás alerta à minha presença e pronto para seguir as minhas direções. Além disso, diz a ti mesmo que serás imensamente enriquecido por uma memória do encontro e da viagem, e usa essas palavras.

("Está bem.")

Uma nota antes de encerrar. As excursões de sábado à noite, independentemente das vossas atividade, são necessárias e benéficas. Aos domingos, se não fores à casa da tua mãe, então os dois devem pelo menos, por uma hora ou assim, sair do apartamento, nem que seja apenas para uma caminhada ou passeio. (A minha mãe está viva. A da Jane faleceu.)

Outra breve nota, talvez misteriosa para vós: o visco (apontando) sobre a porta também é benéfico.

(Deixámos o ramo de visco no lugar sobre o lintel da porta do corredor depois de tirarmos o resto das decorações de Natal.)

Sei que estás cansado, e por isso despeço-me com um afetuoso boa noite. As mudanças financeiras favoráveis continuarão, devido à mudança de atitude interior do Ruburt, e à reorganização da estrutura da personalidade.

("Bom. Boa noite, Seth, e obrigado.")

(Inclinando-se para a frente, olhos arregalados, com humor:) Isto não foi uma repetição.

("Muito bom." Vê a Sessão 458, quando o Seth tratou da sua disponibilidade para nós durante as sessões, etc.)

(22h44. A Jane saiu rapidamente do transe. Disse que o Seth poderia ter continuado por uma hora, etc., no seu excelente humor. A sua presença tinha sido imediata esta noite.)

(Como instruído, dei a mim mesmo sugestões para recordação de projeção em sonho, embora estivesse cansado. De manhã, fiquei irritado ao perceber que tinha uma memória de uma experiência envolvendo o Seth, mas era tal que não conseguia recordar o suficiente conscientemente para fazer anotações.)

SESSÃO 462

3 DE FEVEREIRO DE 1969

(Domingo, 2 de fevereiro de 1969, foi publicado no Elmira Star-Gazette um conjunto de artigos e fotografias, totalizando uma página e meia. As matérias, de autoria de Peg Gallagher, tratavam da origem do material do Seth, do próprio Seth, e incluíam citações de várias sessões, bem como a forma como o material é reunido, etc. As fotografias eram da Jane e de uma pintura a óleo que eu fiz do Seth.)

(Muito trabalho foi investido nesta apresentação, e uma resposta tem vindo a materializar-se através de telefonemas, visitas pessoais e correspondência. A série foi construída em torno da aceitação do primeiro livro do material do Seth pela Prentice-Hall.)

(Antes da sessão, eu e a Jane discutimos a reação de Roger Sullivan, de Lexington, Massachusetts, às duas sessões que tratavam das suas perguntas matemáticas. Ver sessões 449 e 450, e a correspondência anexa, etc. Também falámos sobre a sessão na Califórnia envolvendo Bill Macdonnel, acidentes de carro, etc., e outro material — ver a 435ª sessão.)

(Rigorosamente falando, esses episódios poderiam ser chamados de sessões mediúnicas, já que foram dados pela própria Jane e não pelo Seth. O material matemático significou pouco para Roger, e não temos, até agora, forma de verificar os dados da Califórnia. Eu perguntava-me por que o método usado tinha sido escolhido pela Jane, e o que estava envolvido emocional e intelectualmente. Não pensávamos que fosse fabricação subconsciente, nem que houvesse uma total falta de controle por parte da Jane. Esses seriam extremos. Não insistimos para que o Seth discutisse este material esta noite, apenas comentámos que tínhamos muito a aprender aqui.)

(A Jane começou a falar como Seth de forma ativa, muitas vezes bem-humorada, com ênfase e gestos, olhos abertos, voz firme, ritmo mais rápido do que o habitual, etc.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Os meus agradecimentos à tua amiga amante de gatos. (Peggy G.) O nosso amigo Ruburt aprendeu algo com esse artigo, no sentido de que uma apresentação simples funciona muito bem.

Os excertos que foram escolhidos foram divididos quase igualmente: alguns apelando ao intelecto, outros à intuição, embora, até certo ponto, claro, cada excerto apelasse a ambos. É isso que queremos. (Ênfase.)

O sentido de trabalho, dedicação e compromisso foi finalmente estabelecido por parte do Ruburt, e a energia e vitalidade que sempre estiveram disponíveis para ele podem agora ser usadas praticamente em vantagem de ambos.

Agradecerei pessoalmente à nossa amiga pelo trabalho que foi investido no artigo.

Havia algo bastante importante que eu não podia nem iria forçar, e já mencionei isso antes. Havia várias "chaves", entre aspas, que poderiam desbloquear, direcionar e focar as plenas capacidades na personalidade do Ruburt. As nossas sessões foram uma dessas chaves.

Ele teve de usar a chave ele mesmo. Simbolicamente, ambos resolveram muitos problemas nos últimos anos. Tu particularmente *(dirigindo-se a mim)* tiveste libertações intuitivas, bastante delicadas, que estão em processo de concretização — ou seja, o processo ainda está a ser completado. Dessa forma, as tuas próprias capacidades plenas serão

libertadas e focadas, sendo isso largamente alcançado através do teu trabalho, e os benefícios refletindo-se aí.

Agora dá-me um momento. *(Pausa às 21h26.)*

Como te disse *(bem-humorado),* o meio é a mensagem, e mais do que a mensagem em muitos aspetos, e, portanto, para os melhores resultados, o meio não deve estar nem demasiado quente nem demasiado frio. A informação raramente pode fluir como água cristalina, com o meio sendo uma torneira, para ser aberta e fechada à vontade.

A informação deve ser literalmente filtrada através das camadas da personalidade do meio. *(Pausa.)* O sistema nervoso reage à informação mesmo enquanto a traduz. Nada é neutro. Nada pode ser neutro nesses termos. A informação é recebida e traduzida, como deve ser, em mecanismos que o sistema nervoso pode processar, interpretar e traduzir em termos físicos. A informação, então, como qualquer perceção, torna-se parte da estrutura do sistema nervoso. Não pode ser de outra forma.

Qualquer perceção de qualquer tipo altera instantaneamente os sistemas eletromagnéticos e neurológicos do observador. Nos teus termos, fisicamente, é isso que perceção é — uma alteração da estrutura neurológica. Os próprios mecanismos de perceção mudam e são mudados por aquilo que percebem, e estou a falar agora do vosso sistema físico, e da natureza física de qualquer perceção.

É literalmente impossível para ti, e é uma contradição logística imaginar, com as tuas estruturas físicas, que qualquer perceção possa ser recebida a menos que a própria situação interna do observador seja alterada. Estou a tentar deixar o mais claro possível que a informação se mistura automaticamente, está entrelaçada e embrenhada com toda a (pausa), fisicamente válida (com hífen) estrutura da personalidade.

Agora. Estou a caminho de responder a uma das tuas perguntas —

("Não há pressa.")

— e tens todas as boas razões para quereres as tuas respostas.

Agora. *(Pausa.)* Qualquer perceção mistura-se imediatamente, então, com todo o sistema do indivíduo. Qualquer perceção é ação, e altera aquilo sobre o qual atua, e, ao fazê-lo, ela própria é alterada (sublinhado). Isto aplica-se a qualquer perceção.

A mais leve perceção, até certo ponto, altera cada átomo dentro da tua estrutura física, e isto, por sua vez, envia as suas ondas, de forma que, como sabes, a mais mínima ação é sentida em todo lugar.

Agora, com este contexto, dá-me um momento. (Pausa.) Quero simplesmente que vejas de onde começamos.

("Sim.")

(Pausa.) Alguns indivíduos veem sempre o lado pior das coisas e interpretam qualquer perceção dada sob a luz mais pessimista. Num estado de espírito baixo, qualquer indivíduo está muito mais propenso a reagir a sugestões pessimistas e a interpretar os dados da mesma forma. Agora, isto aplica-se a qualquer dado, seja ele físico no sentido usual da palavra, telepático, clarividente ou outro.

O medo muitas vezes sensibiliza os indivíduos, no entanto, de modo que o medo por um ente querido trará conhecimento clarividente de um desastre. Eles não se preocupam com eventos alegres, percebes, e, portanto, não os percebem tão facilmente de forma clarividente.

Agora, em qualquer evento clarividente comum, num estado de espírito baixo, o Ruburt ou qualquer indivíduo pode, conforme o tempo e as circunstâncias, exagerar ou interpretar mal a informação, exagerando, digamos, elementos pessimistas. *(Pausa.)* Personalidades fortemente (sublinhado) inclinadas à necessidade de punição autoinfligida irão consistentemente interpretar mal tais informações, ou quaisquer informações.

Agora, tudo isto não se destina a aplicar-se a incidentes específicos mencionados por ti anteriormente, mas apenas a esclarecer vários assuntos que não discutimos suficientemente, envolvendo os aspetos psicológicos normais envolvidos na informação clarividente. A maior parte das observações que farei pode ser aplicada a qualquer perceção, no entanto.

Em grande medida, és aquilo que percebes, e não simbolicamente. Esqueci-me dos teus dedos —

("Estão bem.")

Agora. *(Pausa.)* A informação não existe, como já vos disse, independentemente da consciência. Não existe, portanto, nenhum acontecimento particular, digamos um acidente de automóvel, que exista independentemente das consciências dos envolvidos nele, para que um determinado observador o perceba.

É mais do que uma questão simples. Não é apenas uma questão simples de ter um canal claro através do qual a informação neutra possa fluir. Agora estou certo de que terás mais perguntas a respeito desta última observação —

("Sim.")

— pois ela tem todo o tipo de implicações que não podemos cobrir numa só noite, mas será mais do que proveitoso para nós persegui-las.

Agora, esteja ou não um médium num transe tão profundo quanto o oceano Atlântico, o médium não será um canal puro. O ego será simplesmente contornado, mas as outras camadas do eu, particularmente as estruturas neurológicas, continuarão a operar como sempre. Serão alteradas pelas perceções que fluem através delas.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(21h55. Seth/Jane inclinou-se para a frente, sorridente e enfático.) E eu posarei de forma mais formal para o meu retrato um dia.

("Ótimo.")

(21h56. A Jane saiu rapidamente do transe, mas tinha sido um bom transe, rápido, ativo, enfático e bem-humorado. Eu disse que achava que tinha sido uma sessão de contato, como o Seth as chama, significando que ele estava presente connosco neste momento, em vez de ter dado o material à Jane com antecedência. Ver a sessão 461.)

(Durante a pausa discutimos alguns dos aspetos de precognição e telepatia, clarividência, etc., que seriam acionados em casos onde testemunhas assistem a sessões, mas o material para a sessão tinha sido dado pelo Seth à Jane antecipadamente, nos nossos termos.)

(Retoma às 22h05 no mesmo ritmo.)

Agora. É verdade que muito do nosso trabalho é feito fora do tempo das sessões. O tempo de sessão representa frequentemente o resultado final do nosso trabalho. Em projeções, outras partes da personalidade do Ruburt deixam o vosso sistema. Não são partes necessárias para a manipulação física. O ego nem sequer tem consciência delas. Não há nada de particularmente invulgar nisto. O aspeto invulgar, comparativamente falando, é que a informação obtida pode ser traduzida e usada dentro do vosso sistema.

Há histórias simples que podem ser contadas, simbolicamente verdadeiras, mas elas não começam a explicar a realidade, e por isso não as uso. A questão da minha disponibilidade, novamente, só é pertinente quando pensas na personalidade em termos de um indivíduo, que não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo nos vossos termos.

Nos vossos termos, portanto, posso estar em muitos lugares ao mesmo tempo, e consciente de o estar. Isso não significa que esteja menos num

lugar do que noutro. (Pausa.) Agora, de alguma forma que ainda não estás pronto — ou deveria dizer capaz — de compreender, ajudo o Ruburt a perceber a informação clarividente de forma mais clara, no sentido em que ajudo a direcionar os tipos de alterações que ocorrem dentro da sua estrutura neurológica.

Faço isso por ele em muitas ocasiões. (Pausa.) O que eu percebo (sorriso) ainda depende da minha própria identidade. Não pode ser de outra forma para qualquer consciência. Nos vossos termos, ajudo a manter no mínimo as distorções que poderiam ocorrer, caso contrário, à medida que o estado de espírito ou as circunstâncias do Ruburt interpretassem mal.

A minha própria identidade, em termos simples, tem menos bloqueios do que a personalidade que está a operar em termos físicos. O meu alcance de perceção é muito maior, tal como o meu alcance de atividade e os tipos de energia que sou capaz, por vezes, de direcionar. Até mesmo a qualidade dessa ação é de uma natureza diferente.

Agora, os dados da Califórnia estavam razoavelmente corretos, e numa sessão dei-vos uma possível descrição do que representavam.

(Pausa. Ver as sessões 435 e 436.)

Os dados matemáticos também os expliquei de certa forma. Isto é mais difícil devido à falta de vocabulário matemático do Ruburt, e ao facto de os padrões conceptuais terem sido dados numa linguagem matemática intuitiva — não numa faixa precisa e estreita de todo, e respondendo a perguntas mais profundas do que as que foram feitas. No entanto, as respostas às perguntas particulares estão inerentes dentro do material dado, acredito, e tornam-se óbvias por referência.

(Ver as sessões 449 e 450.)

Por outras palavras, ideias e teorias matemáticas intuitivas mais amplas foram apresentadas na medida em que as circunstâncias o permitiram. (Pausa.) As teorias e ideias são muito mais importantes do que os detalhes, pois o detalhe vem da teoria e não o contrário.

O Ruburt trabalhou bastante e aprendeu a alcançar um foco mais intenso. *(Pausa longa.)* No entanto, não vejo que os dados matemáticos mais precisos venham a melhorar a condição espiritual, psíquica e criativa da humanidade *(sorriso),* a menos que lidem com questões que iluminem a natureza da existência, em termos básicos.

O Ruburt pouco se importava, e tentou simplesmente como um favor. Não existia, portanto, uma base emocional forte, e, dadas as circunstâncias,

os resultados foram surpreendentemente bons, e farão sentido, se não agora, então mais tarde.

Teremos mais a dizer sobre a natureza da perceção, e as formas como tal informação é percebida e utilizada.

Agora digo-te que, enquanto o observador é mudado pelo que percebe, ele também muda aquilo que é percebido. Percebedor e perceção, de forma fundamental, são um e o mesmo. Aqui aproximamo-nos do significado do cumprimento de valor e dos pontos-momento.

Podes fazer uma pausa.

(22h31–22h38.)

Agora não te vou reter muito mais tempo.

Devemos, no entanto, aprofundar a natureza da perceção antes de a deixarmos, ou isso ficará pendurado. Uma quantidade incrível de energia foi libertada no artigo, que afetará outros, e o Ruburt está apenas ligeiramente a começar a perceber a força por trás dele e dentro dele. *(Ver as notas sobre o artigo, na página 231.)* Isso assegura o seu próprio sucesso e contém a sua própria vitalidade. Agora, fui eu que o dotei disso. *(Pausa.)*

Os outros livros, vês, já existem, e só esperam ser dados em forma física. *(Pausa.)* As tuas próprias obras-primas existem, e só esperam que tu as encontres e lhes dês forma física.

Pintar é tão natural para ti *(sublinhado)* como respirar. Respiras com uma bela técnica e, ainda assim, sem esforço.

(Um sorriso, inclinando-se para a frente, para ênfase, etc.)

Pinta com a mesma confiança e crença com que respiras.

Agora, se não tiveres mais perguntas —

("Acho que não.")

Então terminarei a sessão. E, a menos que tenhas mais perguntas, retomaremos sobre perceção na quarta-feira.

("Vais ajudar-me a projetar esta noite?")

Vais lembrar-te se eu o fizer?

("Vou tentar." *Ver página 230, contendo um relato do meu fracasso em lembrar-me da projeção da última vez que o Seth ofereceu ajuda.*)

Então eu vou ajudar-te. Lembras-te das sugestões que te dei?

(Eu acenei com a cabeça.) Usa-as, e mantém-nas em primeiro plano na tua mente enquanto adormeces. Mais ainda, inspira o teu entusiasmo por projetar, pois o desejo é extremamente importante. Imagina-te a fazê-lo.

Podes achar útil também imaginar um sonho de voo, ou formar conscientemente um sonho no qual me sentes à tua espera para largares as preocupações do dia e eu pronto para te ajudar a sair do teu corpo.

("Da última vez, de manhã, senti que quase me lembrava de projetar, com a tua ajuda.")

Eu ajudei-te, e tu projetaste. Diz a ti mesmo que queres lembrar-te tanto quanto queres projetar. Até imagina as sensações de elevação enquanto eu te ajudo a sair. Isto, enquanto adormeces. Outras sugestões: diz a ti mesmo que uma parte de ti permanecerá alerta enquanto o teu corpo dorme.

Isto *(sublinhado)* permitir-te-á *(ter)* maior liberdade. A antiga sugestão do Ruburt — sê crítico nos teus sonhos em relação aos teus sonhos. Quando sabes que estás a sonhar, podes de facto projetar. Mas eu vou ajudar-te esta noite.

(Inclinando-se para a frente, bem-humorado:)

Sou assim tão difícil de lembrar?

("Não acho mesmo.")

(No entanto, os meus esforços para projetar, ou melhor, para lembrar-me da projeção, foram novamente fracassos lamentáveis. Não me lembrei de nada pela manhã.)

Os meus votos mais calorosos para ambos. *(Divertido.)* E isto não é uma gravação.

("Ótimo. Boa noite, Seth, e obrigado.")

(22h55. A Jane saiu rapidamente do transe. Estava a sorrir e explicou que, perto do fim da sessão, teve uma imagem divertida. A pintura que fiz do Seth está pendurada numa parede interior da nossa sala de estar. A Jane viu a pintura do Seth mover-se, intacta, até e através da nossa grande janela central da sala.

(A mão gesticulante na pintura acenava-me em forma tridimensional, disse a Jane, enquanto a pintura atravessava a janela — isto foi um convite claro para eu projetar, acompanhado e guiado pelo Seth. Mas, como foi dito, sem sucesso esta noite.)

SESSÃO 463
5 DE FEVEREIRO DE 1969

(Antes da sessão desta noite, li à Jane esta pergunta: "Na sessão 462, página 232, tu dizes [referindo-me ao Seth] que qualquer perceção, por mais ligeira, altera cada átomo dentro da nossa estrutura física. Sem querer ser picuinhas, mas outras pessoas, bem como nós próprios, com certeza quererão saber exatamente o que queres dizer com essa alteração."

"Referes-te a mudanças no átomo, como o número de eletrões e/ou outras partículas, literalmente; ou estás a referir-te ao conteúdo não físico de energia dentro de cada átomo ou transportado por ele? Ou é este um conceito difícil de exprimir em palavras? A Jane não tem muito vocabulário científico.")

(A Jane começou a falar pelo Seth de forma rápida e ativa, voz firme, olhos frequentemente abertos, etc.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Algumas observações. O material não precisa de ser apresentado de uma única forma, como já vos disse no passado.

Não tentem forçá-lo a seguir padrões preconcebidos, ou insistir que seja apresentado de determinada maneira. Fazer isso é reduzir possibilidades, limitar o bem que pode advir dele e o número de pessoas que ele pode alcançar.

Ele carrega dentro de si certas forças propulsoras, possibilidades de desenvolvimento e de apresentação.

Não insistam que seja publicado em ordem cronológica, por outras palavras. Agora, grandes partes dele serão publicadas em ordem cronológica, mas não se insistirem nisso agora. (Pausa.) É de certa forma a ordem natural do material, mas também o vosso próprio desenvolvimento foi o meu ponto de partida. Embora não estivessem familiarizados especificamente com tais fenómenos, eram bons leitores, e a minha apresentação foi, se me é permitido dizer, astutamente e inteligentemente orientada *(inclinando-se para a frente com intensidade)* para as vossas próprias possibilidades individuais.

O material é suficientemente amplo para poder ser usado de muitas formas, e esta é a minha ideia. Já vos disse isto antes, na minha analogia do riacho e do leito do riacho.

Agora, o ego do Ruburt, tão difícil de conquistar, está agora em armas porque me considera sua propriedade exclusiva. (Sorriso; pausa.) Não precisa de se preocupar. Demorei tempo suficiente, nos vossos termos, para estabelecer as nossas comunicações, e os nossos relacionamentos passados ajudaram nesse sentido. *(Relações reencarnatórias.)* É perfeitamente natural que outros no vosso círculo de conhecidos que estão a experimentar passem por uma fase em que lhes parece que estão a receber informações minhas.

A sugestão opera, e qualquer transe mais profundo do que o normal para eles pode ser interpretado nesses termos. Ele deve compreender isto e explicá-lo simplesmente aos seus alunos.

(Pausa.) Agora. O material é como uma pedra de toque da qual podem fluir outras criações. Trabalhando com ele, o Ruburt pode usar as suas próprias capacidades criativas enquanto tenta fazer de qualquer livro uma obra de arte. Psicologicamente, as suas interpretações e comentários acrescentam outra dimensão que ele mal percebe neste momento.

Criativamente e intuitivamente, ele relaciona-se muito melhor com os outros do que imagina, e isto também acrescentará ao manuscrito em que está a trabalhar. Dirigir-se a pessoas comuns como escritor ampliará as suas próprias capacidades criativas. Muitos dos seus contos, assim dirigidos, são produtos tão bons quanto a poesia.

A sua ideia de mérito intelectual, às vezes, pressupõe uma falta de emocionalidade. Falar com o leitor liberta as suas capacidades intuitivas, emocionais e criativas.

Agora, dá-nos um momento. (Pausa.) Retomando o material sobre perceção, há mudanças nas cargas atómicas positivas e negativas, alterações de movimento dentro dos átomos nas partículas menores *(pausa longa)*, uma mudança no ritmo de pulsação. *(Pausa longa; olhos fechados; sorriso.)* A atividade das moléculas é de facto causada por qualidades percecionais. Para começar, os átomos não se movem dentro de si apenas porque se movem porque são átomos.

O movimento constante dentro deles é causado pela natureza percetiva constante de qualquer consciência, por mais diminuta que seja nos vossos termos. Isso responde à tua pergunta?

("Sim. Eu poderia fazer mais perguntas, mas, neste momento, isso é muito bom.")

(Pausa.) Cada uma das moléculas ou partículas dentro do átomo está percecionalmente consciente de todas as outras partículas dentro do átomo dado. Movem-se em resposta a estímulos recebidos umas das outras e a estímulos que vêm de outros átomos.

(O Seth cometeu um deslize na primeira frase deste parágrafo; estando ocupado a escrever, não percebi na altura. As moléculas não estão dentro dos átomos; é o contrário, sendo as moléculas compostas por grupos de átomos.)

Cada molécula dentro de uma célula, por exemplo, está consciente da atividade de cada uma das outras moléculas e, até certo ponto, dos estímulos que chegam à célula a partir do exterior.

(Pausa longa, mão nos olhos fechados.) As perceções, em termos físicos gerais, geralmente parecem envolver informações captadas de uma estrutura arbitrariamente designada, de um evento aparentemente a ocorrer noutra estrutura fora de si mesma. No ato inteiro da perceção, no entanto, há uma unicidade e uma unidade entre o evento aparentemente percebido objetivamente e o percebedor.

Todo o ato tem a sua própria realidade eletromagnética, e o evento é, na verdade, movimento eletromagnético. O movimento dentro dos átomos mencionado anteriormente, portanto, faz parte, basicamente, do evento percebido como um todo. Isto torna a questão mais clara para ti?

("Sim.")

Egotisticamente, fazes designações arbitrárias por necessidade, percebendo apenas partes de qualquer ação dada; novamente, o ego tentando separar-se da ação geral e ver-se a si mesmo como uma estrutura totalmente independente.

Podes fazer uma pausa.

(21h41–21h55.)

Agora. A perceção é constante. Não há lugar onde uma perceção começa e outra termina.

Lembra-te de que és parte do que percebes. Agora, em muitos casos de perceção dita paranormal, há o que te pareceria uma inversão de foco. Parece-te que o fardo da perceção está da tua parte, enquanto percebedor.

A tua "unidade", entre aspas, com o evento que parece existir fora de ti não é compreendida. Em instâncias paranormais, mudas largamente o teu foco, lançando-o no evento aparentemente independente. Estás a seguir-me aqui?

("Sim.")

Há intercâmbios constantes em todos os níveis. Vou tentar explicar-te isto mais claramente. Lembra-te também, nos teus termos, que o evento percebido aparentemente independente e a sua natureza são mudados e alterados pela tua própria perceção dele.

Qualquer perceção física é na verdade uma resposta ativa a um nível psíquico a pensamentos e emoções, e estes existem independentemente dos seus equivalentes físicos. No entanto, os pensamentos e emoções também têm a sua própria realidade eletromagnética. (Pausa.)

Fisicamente, então, percebes uma aproximação de um evento interior. O evento interior, basicamente, não é físico. (Pausa.) Agora, tão simplesmente quanto posso dizer, pensamentos e emoções formam, da sua própria realidade eletromagnética, produtos físicos vitalizados chamados átomos e moléculas. Isto é basicamente o que te disse na nossa analogia inicial com os labirintos e os fios.

(Isto seria no início de 1964.)

(Pausa longa.) Alguma pergunta que tenhas sobre este material, faz na nossa próxima sessão e eu responderei.

("Sim. Quero reler isto primeiro.")

Do teu ponto de vista, só vês o produto físico.

Agora. Até certo ponto muito válido, nas nossas sessões, ocorrem então mudanças dentro do organismo físico do Ruburt (pausa), pois ao responder às minhas comunicações, alterações eletromagnéticas são, portanto, inevitáveis. No entanto, tens aqui mais uma fusão. Eu, por exemplo, não assumo completamente o controlo. Há uma fusão complementar com os meus padrões predominando mental e psiquicamente, e em grande medida emocionalmente.

Por vezes, a mudança pode ser suficientemente notória para que a semelhança física *(pausa)* mude, o Ruburt parecendo muito menos o Ruburt, comparativamente falando.

(Sim, eu já vi algumas demonstrações impressionantes disto; outros testemunhos também. Ver a 68.ª sessão, por exemplo, no Volume 2.)

Por um lado, a própria personalidade dele é ampliada, no sentido de que a estrutura do eu inclui muito mais perceções do que normalmente. Ações adicionais são reconhecidas e interpretadas. No entanto, os sistemas de fala e as faculdades mentais têm de ser treinados para lidar com os dados adicionais; isto, claro, causa algumas distorções pelo caminho.

São inevitáveis. O sistema emocional do médium também deve aprender a lidar com estímulos adicionais e depois aprender a fazê-lo de forma a manter o equilíbrio.

Outra dimensão, nos teus termos, é simplesmente adicionada, uma mais extensa, e quando este treino é feito corretamente, como tentei fazer, então a personalidade do médium não só é fortalecida como as suas capacidades são usadas muito acima do normal habitual. No entanto, o processo está altamente envolvido com a perceção e é, em grande parte, uma questão de aprender a lidar, reconhecer e usar construtivamente perceções que outras personalidades não estão equipadas para manejar.

Agora podes fazer a tua pausa. (Pausa; sorriso.) O Ruburt sabe do meu afeto por ele.

(22h22. A Jane saiu rapidamente do transe. Ela lembrava-se da última frase que o Seth falou. Isto foi uma referência ao facto de a Jane ter ficado "zangada" com o Seth — uma das poucas vezes em que isto ocorreu — numa sessão de classe de ESP na noite anterior, por algumas observações que o Seth fez sobre a tendência da Jane de categorizar intelectualmente as pessoas. Ver a sessão 461 a este respeito. Eu achei a situação bastante divertida.)

(22h32.)

Agora, quando vês o que o Ruburt consegue fazer ocasionalmente, e os problemas que eu posso ter com distorção, podes ter certeza de que eu não duplicaria ou triplicaria as hipóteses de distorção tentando falar através de mais alguém. Ele não precisa de se preocupar. Além disso, gosto demasiado dele.

Há também algo mais que ele parece ter esquecido — que as tuas próprias relações, as tuas e do Ruburt, e as relações entre nós no passado, fazem muito para tornar possível a nossa comunicação. Tu também transmites, ou melhor, ages como um transmissor, estejas presente ou não numa sessão. Portanto, a menos que haja outra combinação idêntica *(sublinhado)* de Jane e Rob, eu estou preso a vocês. *(Sorriso.)*

No passado, no vosso passado distante, quando falei através de outros, ou porções da minha entidade o fizeram, então tais ligações pessoais também existiam com aqueles através de quem comunicávamos. Estás a seguir-me aqui?

("Sim.")

Agora despeço-me, e os meus melhores votos —

("O mesmo para ti.")

— e agradeço ao Ruburt pelas sessões de classe. *(Divertido, elaborado e cortês.)* Ele aprende tanto com elas quanto os alunos, mas de uma natureza diferente; e ele também sabe que, se não desse a sua permissão, tais sessões não seriam realizadas. Uma calorosa boa noite.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

SESSÃO 464
10 DE FEVEREIRO DE 1969

(A Jane não tinha muita vontade de ter uma sessão; decidiu finalmente realizar uma às 21h, e claro que deixei a decisão com ela. Disse que decidiu fazer uma sessão porque às vezes, quando não se sentia bem, resultava numa grande sessão.

(Uma sessão muito interessante desenvolveu-se esta noite, também. Pensando que o Seth falaria como de costume, li à Jane outra pergunta que me veio à mente enquanto datilografava a última sessão. A pergunta não foi respondida, portanto não será citada aqui. Nem o Seth falou. A entidade dele conduziu a sessão em vez disso.

(A última vez que a entidade do Seth falou foi na 446.ª sessão de 6 de novembro de 1968. Tinhamo-nos perguntado às vezes por que a entidade não falava mais frequentemente; o Seth disse pouco sobre a sua entidade, e não pedimos que essa personalidade falasse esta noite.

(Às 21h16, a Jane disse que estava à espera de ver o que se desenvolvia, que estava a ter um leve pressentimento da sensação de pirâmide; o que geralmente significa que a entidade do Seth falará no lugar do Seth. Ver as sessões 406 a 412 para material detalhado sobre as circunstâncias envolvendo a personalidade que chamamos de entidade do Seth.

(A Jane disse depois que não teve a sensação de pirâmide de forma forte esta noite. Sentou-se ereta na sua cadeira de balanço, mãos entrelaçadas, cabeça um pouco inclinada para trás, olhos geralmente fechados; os seus lábios começaram a formar palavras silenciosamente, como é habitual nestes casos. Quando começou a falar, a voz era alta e distante, com pouca inflexão, e como de costume terminava num tom peculiarmente ascendente, de forma que às vezes era difícil detetar o fim

de uma frase, etc. A Jane quase não se mexeu enquanto falava; os óculos permaneceram no rosto. Não houve saudação.)

Olhar para dentro do vosso sistema, para dentro do vosso sistema físico, para nós é como olhar através de uma *(pausa),* de inúmeras janelas.

(Olhos brevemente abertos, semicerrados.)

Estas janelas estão sempre disponíveis para nós, assim como as janelas no vosso quarto estão disponíveis para vocês. Nos vossos termos, algumas das janelas conteriam realidades prováveis dentro do vosso sistema físico. Para nós, uma é tão real quanto a outra.

Temos de selecionar a vossa janela adequada.

Vocês não nos poderiam compreender se não falássemos através de um dos vossos.

Tentamos dar-vos informação para o vosso benefício e o do vosso mundo.

É necessário que dependamos do equipamento mental da pessoa através de quem falamos, e por vezes somos capazes de ativar as capacidades intelectuais muitas vezes acima do normal, para que certos conceitos possam ser transmitidos.

Mas ainda assim temos de depender da estrutura mental da pessoa através de quem falamos.

Isto tem desvantagens, mas sem este método tais comunicações não seriam possíveis.

Embora o orador, ou sistema de oradores, necessariamente perca muitos significados, as próprias distorções que ocorrem tornam as mensagens decifráveis.

Não temos linguagem nos vossos termos."

(Um leve sorriso. O ritmo estava bom, as pausas eram breves. Achei o parágrafo acima muito bem expresso.)

O Seth, como o conhecem, é um médium através de quem falamos, tal como a Jane é um médium através de quem Seth, como o conhecem, fala.

Isto é simplificado, mas basicamente uma explicação adequada.

Seth, como o pensam, possui intelecto e capacidades muito além das de Jane, e com Seth posso, até certo ponto, comunicar-me diretamente.

Habitamos dimensões que estão muito além da vossa compreensão, e em muitos casos o que dizemos é comprimido, como se através de um tubo, para que o conhecimento possa entrar nas dimensões relativamente mais pequenas da vossa existência presente.

Não é que o vosso ser exista numa realidade menor.

É que vocês ainda não aprenderam a reconhecer a extensão da realidade em que realmente existem.

Portanto, a nossa informação deve de alguma forma aparecer dentro do pequeno alcance daquilo que reconhecem como realidade, ou não a perceberão.

(21h35. Não foi feita pausa. Em vez disso, após uma longa pausa, a Jane tossiu; depois começou a sair rapidamente do transe. Depois de pestanejar para regressar, começou a lembrar-se de coisas para me contar.)

(Após a sessão começar, disse, rindo, que teve a imagem de "um grupo de tipos com ar assustador, a espreitar através de janelas e mais janelas e mais janelas." Mais seriamente, a Jane disse que teve a sensação, durante a transmissão, de que Seth estava a ajudar a outra personalidade a chegar até nós — que as mensagens da entidade eram como "lenços ou pedaços de papel, que tinham de ser lançados bem à nossa frente ou não os veríamos.")

(A Jane recordou agora que, mesmo antes de começar a falar, recebeu o pensamento gentilmente repreensivo — dirigido a ela de uma fonte que não sabia qual — de que, como "nós" estávamos a ter tanto trabalho para fazer chegar este material até "ti" [significando a Jane], ela não devia preocupar-se em explicá-lo aos outros. Ou seja, a Jane não precisava de se preocupar com isso. Aqui não houve uma voz desencarnada a falar com a Jane; mas sim um pensamento distinto, não zangado nem impaciente, dirigido a ela nos termos de "nós" e "tu.")

(Retomado com a mesma voz alta e formal, a um ritmo mais lento, às 21h47.)

O orador no vosso lado tem necessariamente de fazer a tradução, e a pureza da tradução, relativamente falando, é determinada pelo próprio desenvolvimento do orador.

Sessões como as vossas ajudam nesse desenvolvimento, e automaticamente começam a alterar certos padrões eletromagnéticos inerentes à personalidade: para que, nos vossos termos, os circuitos possam receber uma carga maior de forma bastante segura.

Mais energia fica assim disponível para as comunicações, e energia adicional está sempre à vossa disposição.

Certas porções da personalidade, nos vossos termos, conseguem subir mais alto, como nos degraus de uma escada.

Os sintonismos interiores são refinados, e até certo pequeno grau podem espreitar pelo lado estreito da vossa própria janela e vislumbrar a luz no outro extremo.

Existem tais luzes por todo o universo, mas esta está no vosso próprio ponto de ápice, ao qual as vossas consciências estão sintonizadas.

Só podem ver tenuemente, mas alguma visão é melhor do que nenhuma visão.

Quando já não estão cegos, todas as possibilidades que pertencem aos que veem (pausa) vêm pelo menos ao vosso alcance.

Estão a aprender a visão interior.

(Uma nota: por vezes a cabeça da Jane mexia-se ou vibrava ligeiramente de um lado para o outro, movendo-se rapidamente talvez apenas cerca de um centímetro. Depois de algumas repetições, a cabeça ficava novamente imóvel. Isto já foi notado algumas vezes antes quando a entidade do Seth fala. Esqueci-me de perguntar à Jane se ela estava consciente deste movimento, mas não creio que esteja porque nunca mencionou.)

Este conhecimento está a ser-vos dado em termos que conseguem compreender, e deve ser dado a outros em termos que eles possam compreender.

Nos vossos termos, são um entre muitos numa cadeia ininterrupta, e o que vos é dado, vocês transmitem.

(Pausa longa às 21h59; cabeça brevemente inclinada para baixo, depois novamente erguida.)

Uma lâmpada, nos vossos termos, não pode guardar a luz dentro de si, mas quando recebe a corrente deve então partilhar a sua luz com os outros.

(Pausa.) E brilha indiscriminadamente, e não se apaga para aqueles que não conseguem ler.

Brilha até sobre a madeira que não tem olhos.

(22h00. A cabeça da Jane inclinou-se; parou de falar, depois acenou que estava a sair do transe, embora lentamente, quando finalmente lhe falei. Os olhos abriram-se devagar.)

(A Jane pensou que isto era outra pausa, mas revelou-se ser o fim da sessão. Disse que se sente "distante" quando sai do transe quando é a entidade a falar; parece ter de viajar de volta para o corpo físico, para o

aquecer. Ela vai a algum lugar, e perguntámo-nos se algum tipo de projeção estaria envolvido. Com o Seth, disse a Jane, é o oposto; o Seth "entra", e não há dúvida sobre isso.)

(Com a entidade, em contraste com a imediaticidade do Seth, a Jane sente que viaja, mas não sabe para onde vai. Sente-se distante da voz, "como se os sinais estivessem longe da minha boca que faz a fala.")

(Em nenhum momento durante a sessão houve muito do efeito de pirâmide. A Jane disse que, ao sair do transe da última vez, teve a sensação de que "esta personalidade sentia que estava a conseguir usar alguns dos meus processos, que estávamos a sintonizar melhor, para fazer passar as suas ideias.")

(A Jane sentiu-se um pouco melhor do que antes da sessão.)

(Perguntei em voz alta sobre alguns pontos: o que decide quando a entidade do Seth vai falar? E se a entidade poderia ajudar em coisas como saúde. A Jane então recebeu: "Saúde é eficiência geral," sem saber de onde isto vinha.)

(Às 22h20, a Jane disse que recebeu alguns fragmentos e pedaços de coisas, depois disse que achava que a sessão tinha terminado — "deslizei para baixo." Mal conseguia dizer o que tinha captado: como a consciência cria realidade, a realidade não é independente da consciência; mas havia mais aqui.)

(A Jane disse que subiu para a pirâmide até certo grau, mas não alto o suficiente para fazer contato. O Seth não esteve envolvido nisto, disse ela; "reconhecia-o num instante.")

("... algo relacionado com a ideia de que o conhecimento era inútil se não fosse aplicado à consciência..." Este foi o último fragmento que a Jane conseguiu recordar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Para ti...

As tuas pinturas são tuas, e eu não sou artista. Se leio corretamente a tua intenção interior, no entanto, o teu profeta dominará o fundo, e parecerá quase sair dele.

Ao mesmo tempo, o fundo em si estará vivo, por isso será difícil dizer se é o fundo vivo que o impulsiona para fora, ou se é ele próprio, pelo seu próprio poder, que parece erguer-se separado do fundo.

Ou se foi lançado para fora do fundo do qual faz parte, um foco vivo a emergir de um fundo maior, uma parte da consciência a erguer-se de uma consciência maior e indiferenciada, implícita no fundo.

E com palavras implícitas, pois as palavras que são sentidas mas não faladas, sairão a correr com cor em vez de som, e por trás das palavras implícitas essas emoções sobre as quais a pintura deve basear-se."

(Pausa. Seth aqui refere-se a uma grande pintura que planeio e para a qual fiz um desenho em pequeno formato a tinta-da-china. Esta noite expliquei à Jane o problema envolvido em determinar a relação correta entre a área de fundo e o profeta, que está numa posição de pé. Nesta pintura em particular, o fundo terá um papel importante, pois foi concebido para indicar um jogo de luz e sombra. O profeta olha para cima, à esquerda, com os lábios entreabertos em fala.)

Sabes o que ele está a dizer?

("Não.")

Está ele a dizer: 'Faça-se a luz,' ou 'Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?'

("Não sei.")

(A ideia tinha-me vindo intuitivamente enquanto trabalhava na Artistic. Fiz então o desenho a tinta-da-china. Não tinha tentado decidir conscientemente o que o profeta poderia estar a dizer enquanto olhava para cima. A única decisão consciente que tinha tomado era que deixaria tais decisões permanecerem no subconsciente se não se apresentassem espontaneamente.)

As palavras particulares não são importantes, mas a emoção por trás delas é importante, pois elas — as palavras e as emoções — refletir-se-ão em cada músculo do rosto, bem como no impulso da cabeça e das mãos.

O rosto, em intensa alegria e em intenso terror, pode muitas vezes ser praticamente o mesmo, mas a emoção ainda falará dentro dele, e saberás claramente, apesar da semelhança de alguns efeitos musculares, qual emoção está a ser expressa.

Entre esses extremos de terror e intensa alegria, no entanto, onde a própria intensidade pode quase formar o mesmo tipo de expressão, há infinitas variedades de emoções, estas sendo refletidas em cada sombra e gesto minúsculo.

Tristeza ou medo mostram obviamente rostos diferentes — não apenas (pausa longa), a anatomia e a estrutura que forma o rosto vivo, mas

as emoções dentro dele que dão sentido aos músculos e às estruturas, e que atuam sobre eles.

Queres a força que sente a forma e, portanto, a figura deve de facto dominar a pintura, assim como a força interior deve preencher e mover-se dentro da própria figura.

(Mesmo antes da sessão, eu tinha dito que receava ter de rever o meu planeamento preliminar, e permitir mais área de fundo na pintura do que inicialmente planeado.)

O poder deve preencher a imagem, e a imagem então preencher a pintura de tal forma que a própria força da figura pareça mal contida dentro dela.

São as emoções subjacentes (sorriso) que dão significado à imagem, e no entanto essas emoções são contidas e dirigidas e dadas direção e força por e através da imagem.

(Inclinando-se para a frente, entrega enfática, olhos abertos.)

Agora, tal como os homens se perguntam 'O que estaria a Mona Lisa a pensar?', assim também devem ficar tão intrigados e tão envolvidos que queiram ouvir as palavras não ditas do teu profeta.

Coloca-te no lugar dele, e com todas as suas capacidades, e com a sua sabedoria, e o que estarias a dizer, e que emoção moveria os músculos do teu rosto?

(Neste momento soube então conscientemente o que o meu profeta estava a dizer na pintura; as palavras surgiram-me claramente: 'Meu Deus, meu Deus, o que sou eu?' Estive tentado a dizê-las em voz alta na próxima oportunidade que tivesse, mas não o fiz. Não tinha tentado evocar estas palavras; o clima emocional criado na sessão por Seth tinha tornado a sua libertação do subconsciente sem esforço. Um exemplo interessante de saber algo que não sabíamos que sabíamos.)

A emoção fornece sempre o movimento.

Agora há várias maneiras de lidar com tais questões.

Podes construir uma forma ou estrutura com linhas, ou um rosto, e deixá-lo e esperar que a emoção o preencha, e então rapidamente, com um toque aqui e ali, trazer à tona aquilo que apareceu, o movimento que estava dentro da forma, que mal percebeste.

Ou podes perceber primeiro o movimento, a emoção e o poder, e então pintar a forma que cresce em torno disso para o formar.

A própria pintura, e qualquer pintura, ergue-se da tela vazia através da força das tuas próprias emoções, e a tela torna-se o ponto focal que recolhe, reúne e direciona a energia do teu eu interior para a forma.

Os lábios do teu profeta movem-se. Para quem é que o seu discurso implícito é dirigido — para um deus que ele compreende, para um deus que ele não compreende, para os elementos ou para uma parte de si mesmo que ele sabe que existe e não consegue alcançar?"

(Sorriso.)

Deverias sentir ou saber as respostas, agora, ou à medida que a pintura progride.

Quando a pintura estiver concluída, deverias quase ser capaz de ouvir as suas palavras, mesmo que estejam numa língua que não conheças.

Mas que poder o move, e será o mesmo poder que te move a ti, e que move aqueles que olharão para a pintura?

(Sorriso.)

Por uma questão de unidade, deveria ser.

Ele está apenas consciente daqueles que mais tarde olharão para a pintura? Ele está apenas consciente do poder ou pessoa invisível a quem os seus lábios se dirigem? Está ele a proferir palavras não apenas por si, mas por cada outro indivíduo?

Podes fazer uma pausa.

(21h45. A Jane saiu do transe um pouco devagar. Disse: 'O Seth realmente deixou-me fora de combate. Como um raio. Ele sempre me derruba fortemente quando falo de ti e das pinturas.' A Jane não teve visões enquanto falava, mas sentiu algumas coisas. Disse que sentiu o fundo da pintura projetada como estando vivo, com a figura a ser a coisa importante e a materializar-se do fundo, embora ainda parte dele. No geral, estava mais calma do que o habitual na pausa, como se não estivesse totalmente fora do transe. Retomou às 22h02.)

Agora. Torna-te no teu profeta enquanto o pintas. Olha através dos seus olhos, e grita através dos seus lábios. Tive as minhas razões (sorriso) para introduzir estas questões relativas à pintura esta noite — para te disponibilizar certa informação que já tinhas, os tipos de perguntas a fazeres a ti mesmo em outras pinturas no futuro.

(A técnica funcionou certamente bem — ver as minhas notas na página 246.)

E talvez, ao pintar a tua imagem, a resposta à pergunta feita pelo teu profeta venha também a ambos.

A pergunta fornece a sua própria resposta, ou há outro que dará a resposta, ou o profeta questiona em vão? Alguém ouve a sua pergunta além dele próprio?

(Na pausa, naturalmente, eu tinha contado à Jane sobre a resposta que tinha recebido acerca do que o profeta estava a dizer. Ver página 246.)

Agora, as palavras dele voltam ao fundo de onde ele próprio emergiu, e a resposta também emerge? Ou haverá alguma resposta clara para a sua pergunta?

(Sorriso; pausa, olhos fechados.)

Ou será a própria pergunta o importante, independentemente de haver alguma resposta para ela nos termos em que é feita?

Todas estas questões fazem parte da tua pintura, implícitas em cada linha da sua conceção, mas quero que vejas conscientemente as implicações da figura, e as implicações gerais da figura em contexto com o fundo.

Por agora, a figura ergue-se do fundo e domina-o, é projetada para a frente e tu apanhas isso; mas não poderá ela também, uma vez mais, voltar a esse fundo no instante em que desvias o olhar, e emergir de novo?

A própria pergunta é significativa, e de facto universal. *(Sorriso.)* E olha ainda mais longe: qual é a natureza de alguém que pode fazer tal pergunta? Isto é algo um pouco diferente da pergunta original. Percebes?

Suponho que é melhor elaborares um pouco.

(Este é um daqueles momentos em que Seth estava a falar bastante depressa; eu estava tão ocupado a escrever que não tive realmente tempo para pensar no conteúdo do material. Mais tarde, ao relê-lo, tornou-se claro.)

Vais entender quando o leres.

'Quem sou eu?' é uma pergunta. Depois vem o espanto — 'Quem sou eu que posso sequer fazer tal pergunta?' E a resposta à segunda pergunta responde à primeira."

("Sim.")

'Quem sou eu,' pergunta três, 'que posso conceber uma pintura na qual a primeira pergunta é feita?' As três perguntas mostram automaticamente as dimensões acrescidas do questionador, e as várias

etapas através das quais a pergunta original pode desenvolver-se." *(Pausa longa.)*

Fazes a ti mesmo as mesmas perguntas enquanto pintas a pintura, e a unidade e o foco direcionados proporcionarão entusiasmo e força à obra. E a necessidade, tão fortemente implícita, também fornecerá a resposta e os meios.

Identificas-te com o profeta, não apenas como tu mesmo, mas como representante do teu género. Portanto, a pergunta é tua com todo o intenso anseio de saber contido nela. Mas também é a pergunta de todo o homem, e aqui reside a sua força.

Deixa, portanto, que o profeta sejas tu, e ainda assim deixa que ele represente todos os outros homens. Ao falares honestamente por ti mesmo, falas também pelos outros, e intuitivamente eles sabem isso.

Se falares apenas por ti, ou apenas pela humanidade, há um curto-circuito. Tu mesmo como humanidade — esta é a resposta *(apontando para mim)* — não à pergunta original, mas à identificação na arte.

Agora podes fazer uma pausa.

(22h25. A Jane saiu do transe mais facilmente, mas ainda tinha sido um transe profundo — ela não se lembrava de nada do material acabado de dizer. Retomou às 22h30.)

Agora. Eu não gostaria de manter os meus bebés sonolentos acordados — e por isso vou encerrar a sessão.

Tem sido muito boa.

Os pontos principais que queria fazer já os fiz, e espero que tenham sido úteis."

(Muito interessante.)

Eu não percebo de arte, mas entendo a natureza da perceção dentro do vosso sistema, e entendo o que estás a tentar fazer, e tais pistas quanto posso dar-te também podem ser aplicadas a outras áreas.

("Sim.")

E o teu interesse pela arte despertou a minha própria curiosidade —

("Como assim?")

— e por isso propus-me aprender o que puder sobre a sua natureza, para te ajudar.

("Consigo pensar em muitas perguntas sobre essa afirmação.")

Eu responderei a elas.

("Bem, vou juntá-las todas...")(Não fiz mais perguntas aqui porque sabia que a Jane estava cansada.)

("Tens estado em contato com o Van Elver ultimamente?") (Ver sessão 414.)

Não tenho estado, ultimamente. Mas lembra-te agora que estás interessado nele.

("Sim.")

Temos muito tempo. Vou tentar trazê-lo aqui uma noite para ti.

("Isso seria bom.") (E isto também trouxe muitas perguntas à mente. Depois da sessão, eu e a Jane especulámos sobre como isto poderia ser feito. Seria uma situação nova, pelo que sabíamos. Será que o Seth transmitiria as minhas perguntas ao Van Elver e depois entregaria as respostas, ou como seria? Havia muitas possibilidades.)

Desejo-vos então uma calorosa boa noite, e os meus melhores votos para ambos.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

(22h34. A Jane saiu do transe rapidamente, mas de novo tinha sido profundo. O seu comportamento tinha sido forte, ativo e enfático. Ela disse que antes da sessão não tinha 'a mais pequena ideia do que eu ia falar esta noite.' A Jane disse que estava 'pequena e minúscula dentro da voz,' o que significa sempre que a presença do Seth é forte e imediata. Para a Jane, enquanto em transe, a voz parecia 'ressoar por todo o lado, com eu lá dentro.')

SESSÃO 465
17 DE FEVEREIRO DE 1969

(A Jane não tinha particular vontade de fazer sessão, mas decidiu fazê-la na mesma. Não fiz perguntas antes da sessão, nem a Jane, mas ainda assim ficámos surpreendidos com o tema.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Para ti… *(Pausa longa, olhos fechados.)*

As tuas pinturas são tuas, e eu não sou artista. Se li corretamente o teu intento interior, porém, o teu profeta dominará o fundo e parecerá quase sair dele. Ao mesmo tempo, o próprio fundo estará vivo, pelo que é difícil dizer se o fundo vivo o impele para fora, ou se ele próprio, pelo seu poder, parece elevar-se à parte do fundo. Ou se foi projetado para fora a partir do fundo de que faz parte, um foco vivo que se ergue do fundo, uma parte da

consciência que se ergue de uma consciência maior, indiferenciada, implícita no fundo.

E com palavras implícitas, pois as palavras que são sentidas mas não ditas irromperão com cor em vez de som, e por detrás das palavras implícitas aquelas emoções sobre as quais a pintura tem de assentar.

(Pausa.

(Aqui o Seth refere-se a uma grande pintura que planeei e para a qual fiz um desenho a tinta da China em pequena escala. Esta noite expliquei à Jane o problema em determinar a relação correta entre a área de fundo e o profeta, que está em posição de pé. Nesta pintura em particular o fundo terá um papel importante, já que foi concebido para indicar um jogo de luz e sombra. O profeta olha para cima à esquerda, lábios entreabertos em fala.)

Sabes o que ele está a dizer? "Não." Está ele a dizer: "Faça-se luz", ou "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" "Não sei." *(A ideia ocorreu-me intuitivamente enquanto trabalhava na Artistic. Fiz então o desenho a tinta. Não tentei decidir conscientemente o que o profeta poderia estar a dizer enquanto olhava para cima. A única decisão consciente que tomei foi deixar tais elementos no subconsciente, se não se apresentassem espontaneamente.)*

As palavras particulares não são importantes, mas a emoção por detrás delas é importante, pois — as palavras e as emoções — refletir-se-ão em cada músculo do rosto, bem como no impulso da cabeça e das mãos.

O rosto, em intensa (*sublinhado*) alegria e em intenso terror, pode muitas vezes ser praticamente o mesmo, mas a emoção ainda assim falará nele, e tu saberás claramente, apesar da semelhança de certos efeitos musculares, que emoção está a ser expressa.

Entre esses extremos do terror e da intensa alegria, contudo, em que a própria intensidade pode quase formar o mesmo tipo de careta, há infinitas variedades de emoções, refletidas em cada sombra e gesto minúsculos.

A mágoa ou o medo mostram obviamente rostos diferentes — não só (*pausa longa*), a anatomia e a estrutura [que] formam o rosto vivo, mas as emoções dentro dele que dão significado aos músculos e às estruturas, e que atuam sobre eles. Queres a força que sente a forma e, por isso, a figura deve de facto dominar a pintura, tal como a força interior deve encher e mover-se dentro da própria figura.

(*Mesmo antes da sessão eu dissera que receava ter de rever o meu planeamento preliminar e permitir mais área de fundo na pintura do que inicialmente previsto.*)

O poder deve preencher a imagem, e a imagem então preencher a pintura, de modo que a própria força da figura pareça mal caber dentro dela. São as emoções subjacentes (*sorriso*) que dão significado à imagem, e contudo essas emoções são contidas e sustentadas e recebem direção e

força por e através da imagem. (*Inclinando-se para a frente, discurso enfático, olhos abertos.*)

Tal como os homens se interrogam sobre o que estaria a Mona Lisa a pensar, deixa que fiquem assim intrigados e tão envolvidos que queiram ouvir as palavras não ditas do teu profeta. Coloca-te no lugar dele, com todas as suas capacidades e com a sua sabedoria: o que estarias tu a dizer e que emoção moveria os músculos do teu rosto?

(Neste momento, soube então conscientemente o que o meu profeta estava a dizer na pintura; as palavras vieram claramente à mente: "Meu Deus, meu Deus, o que sou eu?" Estive tentado a dizê-las em voz alta à primeira oportunidade, mas não o fiz. Não tentei evocar estas palavras; o clima emocional instaurado na sessão por Seth tornou o seu surgimento a partir do subconsciente fácil. Um exemplo interessante de saberes algo que não sabias que sabias.)

A emoção fornece sempre o movimento.

Ora, há várias maneiras de cuidar de tais questões. Podes construir a forma ou uma estrutura com linhas, ou um rosto, e deixá-la e esperar que a emoção a preencha e, então, rapidamente, com um toque aqui e ali, fazer sobressair aquilo que apareceu — o movimento que estava dentro da forma e que mal tinhas pressentido. Ou podes primeiro apreender o movimento, a emoção e o poder e depois pintar a forma que cresce à sua volta para a conformar.

A própria pintura, e qualquer pintura, ergue-se do suporte vazio através da força das tuas próprias emoções, e o suporte torna-se o ponto focal que recolhe, reúne e direciona a energia do teu eu interior para a forma.

Os lábios do teu profeta movem-se. A quem é dirigida a sua fala implícita — a um deus que compreende, a um deus que não compreende, aos elementos ou a uma parte de si mesmo que sabe que existe e a que não consegue aceder. (*Sorriso.*) Deverás pressentir ou saber as respostas, agora, ou à medida que a pintura progride.

Quando a pintura estiver terminada, deverás quase conseguir ouvir as suas palavras, ainda que estejam numa língua que não conheces. Mas que poder o move, e será o mesmo poder que te move a ti e que move aqueles que hão de olhar para a pintura? (*Sorriso.*) Para o bem da unidade, assim deveria ser. Estará ele consciente apenas daqueles que mais tarde olharão para a pintura? Estará consciente apenas do poder ou pessoa invisíveis a quem os seus lábios se dirigem? Estará ele a pronunciar palavras não só por si mesmo mas por todos os outros indivíduos?

Podes fazer a tua pausa.

(*9:45. A Jane demorou um pouco a sair do transe. Disse: "O Seth deixou-me mesmo KO. Como um raio. Ele deixa-me sempre muito KO quando falo de qualquer coisa que tenha a ver contigo e com pinturas."*)

(*A Jane não teve visões enquanto falava, mas pressentiu certas coisas. Disse que o fundo na pintura projetada lhe parecia vivo, com a figura a ser a coisa importante e a materializar-se a partir do fundo, embora permanecendo parte dele.*)

(*No geral, estava mais calma do que o habitual durante a pausa, como se não tivesse saído completamente do transe. Retoma às 10:02.*)

Agora. Torna-te no teu profeta à medida que o pintas. Olha através dos olhos dele e clama através dos seus lábios. Tive as minhas razões (*sorriso*) para introduzir esta noite estas questões relativas à pintura — para te disponibilizar certa informação que tinhas, os tipos de perguntas a fazeres a ti mesmo noutras pinturas no futuro.

(*A técnica funcionou certamente bem — ver as minhas notas na página 246.*)

E talvez, ao pintares o teu quadro, a resposta à pergunta colocada pelo teu profeta te chegue também a ti. A pergunta fornece a sua própria resposta, ou haverá outro que dará a resposta, ou questiona o profeta em vão? Alguém ouve a sua pergunta além dele próprio?

(*Na pausa, naturalmente, eu contara à Jane a resposta que recebera sobre o que o profeta estava a dizer. Ver página 246.*)

As suas palavras retornam ao fundo de onde ele próprio emergiu, e a resposta emerge também? Ou haverá alguma resposta clara para a sua pergunta?

(*Sorriso; pausa, olhos fechados.*)

Ou será a própria pergunta a coisa importante, exista ou não alguma resposta para ela nos termos em que é colocada? Todos estes temas fazem parte da tua pintura, implícitos em cada linha da sua conceção, mas quero que vejas conscientemente as implicações da figura e as implicações globais da figura em contexto com o fundo.

Pois agora a figura ergue-se do fundo e domina-o, é projetada para a frente e tu apanha-la; mas não poderá também voltar de novo a esse fundo no instante em que desvias o olhar e emergir de novo?

A própria pergunta é significativa e, na verdade, universal. (*Sorriso.*) E olha ainda mais fundo: qual é a natureza de alguém que pode colocar uma pergunta dessas? Isto é algo diferente da pergunta original. Percebes?

("Acho que é melhor elaborares um pouco." Este é um daqueles casos em que o Seth estava a falar bastante depressa; eu estava tão ocupado a escrever que não tive realmente tempo para pensar sobre o conteúdo do material. Mais tarde, ao relê-lo, tudo se tornou claro.)

Vais compreender quando o leres do princípio ao fim.

"Que sou eu?" é uma pergunta. Depois vem o assombro — "O que sou eu para sequer poder fazer uma pergunta dessas?" E a resposta à segunda pergunta responde à primeira.

("Sim.")

"Que sou eu", pergunta três, "que posso conceber uma pintura em que a primeira pergunta é feita?" As três perguntas mostram automaticamente as dimensões acrescidas do questionador e as várias etapas através das quais a pergunta original pode evoluir. (*Pausa longa.*)

Colocas a ti mesmo as mesmas perguntas enquanto pintas a pintura, e a unidade e o foco dirigidos dar-lhe-ão exaltação e força. E a necessidade, tão fortemente implícita, fornecerá também a resposta e os meios.

Identificas-te com o profeta não só como tu mesmo, mas como representante da tua espécie. Portanto, a pergunta é tua, com todo o anseio intenso de saber que nela reside. Mas é também a pergunta de todo o homem e, aqui, está a sua força.

Que o profeta, portanto, seja tu mesmo, e que ainda assim represente todos os outros homens. Ao falares honestamente por ti, falas também pelos outros, e eles sabem-no intuitivamente.

Se falares apenas por ti, ou apenas pela humanidade, há um curto-circuito. Tu mesmo enquanto humanidade — eis a resposta (*apontando para mim*) — não à pergunta original, mas à identificação na arte.

Agora podes fazer a tua pausa.

(*10:25. A Jane saiu do transe com mais facilidade, mas ainda assim tinha sido profundo — ela não se lembrava de nada do material acabado de dizer. Retoma às 10:30.*)

Agora. Não quero manter os meus bebézinhos sonolentos acordados — e por isso vou encerrar a sessão.

("Foi muito boa.")

Os pontos principais que queria apresentar, apresentei-os, e espero que te tenham sido úteis.

("Muito interessante.")

Eu não conheço arte, mas compreendo a natureza da perceção dentro do vosso sistema, e compreendo o que estás a tentar fazer, e tais pistas quanto eu te possa dar também podem ser aplicadas a outras áreas.

("Sim.")

E o teu interesse pela arte despertou a minha própria curiosidade —

("Porquê?")

— e por isso propus-me aprender o que puder sobre a sua natureza, para te ajudar.

("Consigo pensar em muitas perguntas sobre essa afirmação.")

Vou respondê-las.

("Bem, vou juntá-las todas…" Não fiz perguntas aqui porque sabia que a Jane estava cansada. "Tens estado em contacto com o Van Elver ultimamente?" Ver a 414.ª sessão.)

Não tenho, ultimamente. Mas lembra-te agora de que estás interessado nele.

("Sim.")

Temos muito tempo. Vou tentar trazê-lo cá numa noite qualquer para ti.

("Isso seria bom." E isto também me trouxe muitas perguntas à cabeça. Depois da sessão, a Jane e eu especulámos sobre como isto poderia ser feito. Seria uma situação nova, tanto quanto sabíamos. O Seth transmitiria as minhas perguntas ao Van Elver e depois daria as respostas, ou como? Havia muitas possibilidades.)

Desejo-vos então uma muito boa noite e os meus melhores votos a ambos.

("Boa noite, Seth, e obrigado."

10:34. A Jane saiu do transe em breve, mas voltou a ser profundo. O seu modo fora forte, ativo e enfático. Disse que antes da sessão não "fazia a mínima ideia do que ia falar esta noite."

A Jane disse que estava "pequenina e minúscula dentro da voz", o que significa sempre que a presença do Seth é forte e imediata. Para a Jane, em transe, a voz parecia "ressoar por todo o lado, com eu lá dentro.")

SESSÃO 466
10 DE MARÇO DE 1969

(*A sessão foi testemunhada pela Virginia e pelo Tom Milligan, ambos membros da turma de PES da Jane. Não tinham perguntas para o Seth antes da sessão; o Tom disse que tinha estado a dar perguntas mentalmente ao Seth mais cedo hoje e também mais cedo na semana. Os Milligan sabiam há alguns dias que iriam testemunhar a sessão esta noite.*)

(*Nota que esta é a primeira sessão regular desde 17 de fevereiro, embora o Seth tenha dado material na turma de PES desde então. A Jane sentira necessidade de descansar.*)

(*Esta sessão foi gravada.*)

Agora, boa noite—

("Boa noite, Seth."

[Tom e Virginia:] "Boa noite, Seth.")

Boa noite, meus amigos. (*Para mim, com humor:*) E bem-vindo de volta às sessões.

Há várias questões que ficaram em suspenso nas nossas próprias sessões, e material a que havemos de chegar. Esta noite há várias observações que quero dirigir aos nossos amigos aqui, e algum material que lhes deve ser útil.

Dá-me um momento.

(*Para o Tom:*) Agora tens de esticar o intelecto assim como as intuições. As tuas capacidades intelectuais são mais elevadas do que

pensas. Cresceram com o ímpeto do desenvolvimento intuitivo. Podes usar agora o intelecto de formas que não podias antes.

Vais achar mais fácil compreender conceitos e aplicá-los. Não deves deixar que isto te suba à cabeça, mas usar a cabeça. Deverás também verificar que, ao reler o teu próprio material mais antigo, te será mais fácil agora detetar distorções e dados subconscientes.

Ainda há uma coloração considerável, mas isso é de esperar, e vais superá-la. Muito do material reencarnacionista que tens é simbolicamente válido. As perceções psicológicas são válidas nesse material, embora nem sempre compreendas a sua verdadeira validade. O material reencarnacionista, de certo modo, ainda está codificado, e ainda não tens a chave, mas hás de encontrá-la.

Não há necessidade de continuar a questionar os nomes e as datas. Em qualquer caso, não são importantes para a compreensão de ti mesmo. Mais tarde conseguirás receber tais informações com mais clareza. Isto aplicando-se a nomes e datas específicos.

A compreensão psicológica de ti mesmo está escondida dentro dos dados reencarnacionistas que tens. Tens, no entanto, ainda de aprender a interpretar esse material e procurar por detrás as suas implicações. Agora, muita da estabilidade no teu empenho é também proporcionada pela nossa outra amiga aqui (*Virginia*), pois sem o rochedo de base não te seria tão fácil levantar um dedo espiritual do solo árido. Não confiavas no terreno, vendo que nem sempre era assim tão fértil, mas finalmente sentiste que podias confiar nele.

Sabes que a nossa outra amiga está aqui quando regressas. Há também disponível dela uma forte energia criativa que ela partilha de bom grado contigo, e que tu usas nestes empreendimentos. Como tal, é portanto uma parte definitiva de tais atividades. Isto não nega o teu próprio envolvimento muito pessoal, mas apenas mostra que outras forças fortes também ajudam a tornar esse envolvimento possível.

As inter-relações das vossas personalidades em vidas passadas são bastante legítimas. Vais aprender a aplicar o teu próprio material mais eficazmente em relações comunitárias. Ainda és bastante tímido no sentido em que não te permites compreender totalmente as mudanças no teu comportamento dentro da comunidade que deveriam resultar. Em certa medida, as tuas próprias hesitações e medos bastante naturais e ideias conscientes ainda limitam a natureza plena e abrangente do material que poderias estar a receber.

Quando trabalhas sozinho em experiências de tempo psicológico, não temes tanto a emergência do subconsciente e confias mais no teu material. Sentes que as experiências são pelo menos tuas, sem um Bega que tenha de falar através de ti como nos teus escritos.

Os teus sentimentos aqui resultam em grande parte de uma falta de entendimento quanto à natureza do subconsciente. Como tenho dito muitas vezes ao Ruburt, não podes ser um canal puro através do qual a informação flui milagrosamente. És uma personalidade e tens de interpretar a informação que recebes.

Podes, de facto, interpretá-la mal por vezes, mas não te podes despojar inteiramente da personalidade mais do que podes drenar completamente o ar de uma sala.

Agora podem todos fazer a vossa pausa, e havemos de continuar.

(*9:21. A Jane saiu do transe com relativa facilidade. O seu ritmo fora um pouco mais rápido do que o habitual, olhos muitas vezes abertos, gestos ativos, etc. Por vezes, devido ao ritmo mais rápido durante esta sessão, posso ter perdido aqui e ali uma palavra, mas apenas ligeiramente; isto pode sempre ser verificado com a gravação que os Milligan fizeram.*)

(*Seguiu-se, na pausa, uma discussão alargada. A Jane retomou como Seth do mesmo modo às 9:33.*)

Agora. (*Para o Tom:*) Tens tendência, por vezes, a diluir certas ideias porque sugeririam alterações na tua atitude que ainda não estás disposto a aceitar. E, quando estiveres disposto a aceitá-las, então permitirás mais liberdade ao teu material.

Não há necessidade de ficares tão apreensivo nesse ponto, no entanto. Elas virão com o tempo, tal como as tuas ideias sobre religião mudaram…

Não foi feita nem dada, e certamente não foi pretendida, qualquer inferência de que devas abandonar as tuas sessões com o Bega. (*Um ponto discutido na pausa. Perdi algumas palavras antes da última afirmação.*)

Quis apenas dizer que, por vezes, ainda te preocupavas com se ele seria ou não uma ficção subconsciente nas sessões de escrita; mas não sentias isso tão fortemente nas tuas experiências de tempo psicológico, por causa da atividade mental tua que elas proporcionavam.

Agora, a nossa amiga aqui (*Virginia*) está telepaticamente ciente da maior parte das tuas atividades interiores e é, em grande parte através dela também, que há uma expansão da atividade psíquica de ambos para fora. Isto não é imediatamente óbvio. Ela não tem a guarda tão alta. Contudo, também não é tão aventureira, pois, afinal, o empenho é teu: és tu que levas as questões principais e o envolvimento pessoal. Os símbolos darão lugar a outros símbolos. Há estradas dentro das estradas, e salas dentro das salas, e todos dentro dos todos. Mas não queremos que te percas nos labirintos e, por isso, estamos a dar-te mapas e, quando chegares onde vais, já não precisas dos mapas.

Agora dá-nos um momento. (*Pausa às 9:40. Um ritmo mais lento agora.*)

(*Para a Virginia:*) Parece haver da tua parte uma relação com outra mulher, ou uma mulher mais velha ou uma mulher que sentes ser mais

velha. Uma relação que pode beneficiar de alguma clarificação e maior aplicação da tua parte. Eu diria uma tia, mas não tenho a certeza aqui, e isso não parece correto. Ainda assim, uma relação que tem certamente uma conotação familiar; um excesso de esforço da tua parte que pode levar a tensões. (*Pausa.*)

Parece que aqui pode surgir uma questão dentro de um período de 6 meses, que deverás enfrentar com tato. (*Pausa. O Seth olhou então para o Tom.*) E a reação inicial dele, as ideias iniciais dele a esta questão, darão lugar a uma atitude mais razoável. A ideia inicial dele, portanto, não será a melhor.

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Parece haver outra mulher mais nova ligada à mulher mais velha e em segundo plano. Talvez, embora não tenha a certeza, uma filha ou irmã. Bastante magra.

A letra G — tentaremos retomar isto mais tarde.

(*Pausa. Depois, para o Tom, que se riu:*) Agora. Outro ponto. Não esperes golpes de sorte. A questão é que a informação no teu próprio material destina-se a ser uma sugestão construtiva, para te pôr no hábito de pensar em termos de abundância, e tais atitudes podem de facto ser altamente bem-sucedidas. No teu próprio material encontrarás razões, se procurares com afinco, razões intuitivas para alguma (*sublinhado*) informação que pareceria altamente distorcida ou influenciada pelo subconsciente. Um facto em particular pode estar totalmente errado ou distorcido, por exemplo, mas também pode haver razões altamente válidas para a distorção, e verdades dentro dela que são mais válidas do que o facto físico.

Quando ocorrerem distorções, portanto, e tu finalmente as reconheças como tal, procura a razão da distorção em particular e encontrarás a verdade. Examina o teu material pelo que ele diz e pelo que não diz.

Agora podem fazer a vossa pausa e havemos de continuar.

(*9:52. A Jane voltou a sair do transe com facilidade, mas disse que tinha sido uma boa sessão.*)

(*A Virginia e o Tom confirmaram os dados do Seth relativos à relação familiar, tensões, duas mulheres, etc. Na verdade, com exceção da previsão de 6 meses, ligaram todos os dados com bastante facilidade em torno de uma situação familiar; explicaram a situação à Jane e a mim, mas será apenas resumida brevemente aqui. Qualquer clarificação ou referência a este material será fornecida pelos Milligan devido ao seu conhecimento íntimo do assunto.*)

(*A mulher mais velha referida pelo Seth é a tia da Virginia; a mais nova é a nora da tia. A mulher mais velha é a única irmã da mãe da Virginia. Os dados referem uma relação familiar de longa data envolvendo familiares mais velhos, uma quinta, mobília, a venda de terras, etc. A quinta, a casa agora pertencente ao irmão da Virginia, parece-lhe um lar.*

O G, disseram os Milligan, refere-se a Genebra, onde vivem tanto a tia como a nora. A nora, disse a Virginia, é "bastante magra", conforme indicado pelo Seth.)

(*As tensões, disse a Virginia, estão de facto abaixo da superfície, mas existem. Estas são geralmente ultrapassadas pelo Tom e pela Virginia. Li um resumo destas notas aos Milligan durante a pausa, e eles concordaram com o conteúdo. Esta versão dactilografada pode também ser verificada por eles e quaisquer alterações necessárias feitas.*)

(*Retoma no ritmo mais lento às 10:05.*)

Agora. (*Para o Tom:*) Se tiveres alguma pergunta específica podes fazer.

(*[Tom:] "Estou a pensar no que é que G A R ou D A R poderão significar."*)

Tens perguntas mais importantes do que essa.

(*[Tom:] "Sim."*)

Isso não é importante.

(*[Tom:] "Outras perguntas poderiam ter o formato de que oportunidades poderão surgir nos negócios; o desenvolvimento do Bega; etc..."*)

(*Houve mais na pergunta acima que eu não apanhei, mas os Milligan têm-na gravada.*)

As linhas orientadoras terão de ser as tuas, como sabes. Dá-me um momento, no entanto. (*Pausa.*)

Parecem existir aqui três ramos principais, ou possibilidades. Também poderia haver uma fusão de três em um.

(*O Tom intercalou aqui um comentário.*)

Agora. O três-em-um tem uma fraqueza inerente, e seria necessária uma forte organização ou o empreendimento poderia ficar gravemente enfraquecido. O elemento debilitante concentrar-se-ia em grande parte na escolha de um indivíduo dentro da organização como ponto focal.

Dá-nos algum tempo aqui. (*Pausa.*)

A capacidade dessa pessoa para lidar com relações públicas seria altamente importante. Ou já há um indivíduo em mente para esse cargo, ou o indivíduo que seria escolhido para ele não terá as capacidades que parece ter. Uma sobrestimação de capacidades, portanto. Pareces ser o terceiro homem nesta configuração em particular que estou agora a tentar descrever.

Dá-nos algum tempo aqui.

Contudo, poderá haver uma mudança completa, creio eu, de procedimento; e, se assim for, por estranho que pareça à luz das circunstâncias presentes, serias o homem a quem eles recorreriam. Há algo, ao que parece, que deverás acompanhar. Envolve uma conferência com três homens, talvez em abril.

Podes ser demasiado conservador, não acompanhando suficientemente a tua compreensão intuitiva do negócio. Há um homem importante na fusão três-em-um, e o melhor homem ainda não foi encontrado.

Um pequeno comité está demasiado virado para si próprio, e estás pelo menos parcialmente envolvido aqui. Um homem de cabelo grisalho, com óculos, tem outras ideias. Tens liberdade dentro da estrutura que tens, se a utilizares de forma criativa. Parece haver aqui também um grande empréstimo, em atraso já há demasiado tempo, vencido, que de algum modo está envolvido.

Um S. Uma execução que é uma questão. (*Pausa longa.*) Há a oportunidade de mudares a tua própria posição, e podes e deves fazê-lo, mas há outra abertura que não viste.

(*Pausa às 10:21. O Seth não chamou uma pausa, limitou-se a fazê-la. A Jane estava muito longe, disse ela.*)

(*O Tom disse que, no geral, os dados significavam bastante para ele; conseguiu interpretá-los e fê-lo na pausa. Diziam respeito ao seu trabalho na banca, sobre o qual a Jane e eu sabíamos muito pouco. O Tom esteve muito bem a fazer ligações; o material foi bastante específico, e quanto mais o Tom e a Virginia o discutiam connosco, mais ligações faziam. "Exceto para as duas últimas partes dos dados", disse o Tom, referindo-se à oportunidade de mudar a sua própria posição, e a outra, abertura não vista.*)

(*Alguns dos dados do Seth eram simbólicos, disse o Tom, e explicou exatamente como sentia que era assim. Mais uma vez, o Tom e a Virginia estão prontos para interpretar os dados em detalhe se for necessário. Durante a pausa, também, o Tom manifestou preocupação pelo filho no Vietname. Retoma às 10:39.*)

Agora. Dá-nos um momento. (*Sorriso; pausa longa.*)

O rapaz regressará, como as probabilidades estão agora.

Voltaremos brevemente, nós próprios agora, ao mundo dos negócios. E à nossa senhora (*Virginia*), que prefere ficar num só lugar. Há aqui oportunidade criativa para ti, dentro da moldura em que estás agora envolvida, dentro da moldura geral.

(*Para o Tom:*) Nem o Ruburt nem eu somos banqueiros, portanto tens de nos deixar destrinçar este material. Eu faria um excelente presidente de banco, modéstia à parte, mesmo não sabendo de banca. (*Com humor.*) Estas observações joviais são simplesmente para ocupar algum tempo enquanto examinamos estas questões.

Duas fusões parecem representar a tua melhor oportunidade, duas em vez de três, e poderias manter aqui um excelente controlo. Um elemento, portanto, seria deixado de fora, e no conjunto não se revelaria tão eficaz como parece — um poderia ser um passivo e poderia ter de ser descartado mesmo que inicialmente incluído. Duas fusões seriam muito mais eficazes.

(*O parágrafo acima é algo abreviado devido ao ritmo acelerado do Seth. Mais tarde o Tom concordou de forma bastante clara com este material.*)

Também poderias servir mais brilhantemente (*com humor*) nessa função. O terceiro aspeto poderia acabar por drenar as tuas energias. Esta segunda possibilidade, portanto, é boa e funcionaria muito a teu favor. A terceira é um espetáculo de um só homem. Um departamento iniciado por ti, e um serviço relativamente novo nesta área — creio que foi adotado e por vezes descartado noutras áreas —, mas não é uma questão vulgar, e é algo que consideraste no passado, embora não seriamente.

É um serviço novo, e teria lugar, em termos gerais, dentro da mesma estrutura em que agora operas. De certo modo, poderia ser chamado um derivado de outro departamento, mas é demasiado inovador para ser assim descrito. Colocar-te-ia em posição, e não seria tanto uma fusão como um desenvolvimento completamente novo de tua própria iniciativa.

(*Mais uma vez, o Tom concordou com estes dados.*)

Parece que leste, ou conheceste, ou ouviste falar de alguém que tentou isto, com reações mistas. Há aqui uma questão de serviço público envolvida, e uma forma de regularizar dívidas antigas. Envolve o uso criativo do dinheiro através da diversificação, e diversidade é a palavra-chave aqui.

Concentras contas de fontes diversas. (*Pausa longa.*)

Isto não faz sentido e, no entanto, de algum modo, a impressão é legítima: que a taxa de juro (*pausa*) é triplicada, de alguma forma.

(*Mais tarde o Tom concordou que a intenção da afirmação acima estava correta. As taxas de juro para tais dinheiros como os discutidos acima não eram, ou não seriam, triplicadas, disse o Tom, mas tal dinheiro era dispendioso e, em vez dos habituais seis por cento, custaria oito ou nove por cento.*)

(*Pode acrescentar-se aqui, ou no fim da sessão, que a Jane não tem conhecimentos de banca, nem discutiu qualquer deste material com o Tom antes da sessão, ou em qualquer outra altura. De facto, como o Tom observou, "Ela nem sequer sabe qual é o meu trabalho, exceto que trabalho para um banco."*)

(*Como Seth, a Jane apontou agora para a Virginia e tratou de um problema mencionado na última pausa.*)

Psicologicamente, quando estás "cheia", tens dificuldade física, e é uma reação psicológica que ativa a estrutura física. Quando precisas de libertação, encontras então esse alívio por esse meio físico.

(*A tentar minimizar questões e evitar insatisfações,*) tens tendência a acumular sentimentos amargos não expressos. Transformam-se em bílis e gases, e és aliviada deles dessa forma. Enquanto os reténs, estás também desconfortavelmente consciente da sua realidade. Admitir honestamente os

teus próprios sentimentos a ti mesma ajudará a dar-te alívio dos sintomas. Não remoas os sentimentos, mas admite-os como teus e depois simplesmente deixa-os ir. É retê-los demasiado tempo que causa a pressão.

Agora, não podemos cobrir demasiadas questões numa só noite.

(*[Tom:] "Tenho de fazer algum pensamento por mim próprio."*)

Estás a ir muito bem, e sabes que te elogio por isso.

(*[Tom:] "Tenho mais uma semana de community chest."*)

(*Se registei corretamente o que antecede.*)

O Bega está também a ir muito bem.

Podes fazer uma pausa. Se tiveres outras perguntas, então podes colocá-las. (*Para a Virginia:*) Há aqui outras questões envolvidas que tentaremos dar-te, agora ou mais tarde. Vou apreciar ouvir a vossa conversa social, e terei em qualquer caso algumas observações antes de vos deixar pela noite.

(*11:00. De novo a Jane saiu facilmente de um transe profundo. A Virginia concordou com as interpretações do Seth a seu respeito. O Tom disse que o Seth deu "material excelente" sobre banca; passou então a explicar-nos alguns pormenores. Não são aqui listados, por serem bastante complicados, mas o Tom declarou a sua disponibilidade para os explicar. Parte do material recua anos, disse o Tom, e envolve as suas ideias sobre uma "clínica financeira", etc.*)

(*O material das fusões também se aplicava, e o Tom explicou como tinha estado a pensar na segunda possibilidade sugerida pelo Seth, a fusão de duas em vez de três. As instalações bancárias de Elmira e Syracuse seriam fundidas, deixando de fora a sucursal de Utica; segundo o Tom, isto seria um melhor arranjo, etc.*)

(*O ritmo voltou a ser mais rápido após a pausa, e perdi dados aqui e ali, embora não extensivamente. Retoma às 11:10.*)

Agora. A palavra *clínica* foi boa, e intuitiva, e é uma chave para ti.

Tal como um homem leva um corpo a um médico, deixa então que o empresário te leve o seu negócio para um check-up — descobre quão saudável ele é, e como podes favorecer a sua produtividade.

Um tal serviço poderia nascer dentro da tua estrutura e tornar-se uma parte importante de outros bancos. Terias o dedo no batimento do pulso económico da área, e poderias diagnosticar males empresariais antes de ocorrerem — medicina preventiva bancária, vês?, e poderias ter a medicina preventiva na ponta dos dedos e pronta a aplicar.

Não só estarias a ajudar empresários individuais, como também estarias a proteger a saúde económica da área. Tinhas toda a razão em pensar em pequena empresa e num ambiente informal. Um conhecimento profundo das estruturas fiscais seria inestimável.

Muitas vezes tais homens não sabem como investir os lucros que têm. Poderias também orientar tais investimentos para que pudessem ajudar a comunidade em geral.

Agora, estou quase a dar-te a publicidade que seria eficaz, pois a imagética é importante. E, tal como um médico orienta o crescimento de uma criança, assim poderias começar do zero a orientar o crescimento de novas empresas e até, vês, a consultar com elas antes. Poderias também aí consultar e ajudar aqueles que tencionam entrar no negócio, têm capital e não sabem exatamente como proceder. Isto traria automaticamente novos fundos e sangue fresco para a estrutura económica, e para o teu banco em particular.

Agora, dá-me um momento. (*Pausa.*)

Haveremos de fazer uma sessão qualquer noite para a nossa amiga aqui. (*Virginia.*) Não há benefício particular em te mudares neste momento, e a iniciativa de que falei funcionaria melhor se começasse aqui; e, se começar aqui, irá espalhar-se, mas este seria o seu ponto focal e o ponto de gestão global. Precisaria, vês, de uma mão informal, e todo o esforço deve ser feito para não intimidar os pequenos empresários que viriam em busca de ajuda e serviço.

(*[Tom, com humor:] "Toda a gente no nosso banco gosta do prestígio de um empréstimo de um milhão de dólares."*)

O compromisso global seria de facto elevado, e a estrutura geral seria diversificada e segura. A própria segurança, por causa da diversidade.

Agora dá-me um momento. As probabilidades operam sempre, e o livre-arbítrio. Estou apenas a apontar as probabilidades.

As possibilidades interiores são, contudo, muito mais importantes, e o teu desenvolvimento interior mais importante do que quaisquer decisões relacionadas com a tua ocupação. Pois os teus pensamentos interiores são as únicas realidades, e a partir deles formas as tuas circunstâncias físicas, incluindo as da área ocupacional.

Mais uma vez, estás a ir muito bem. O Bega está a aprender o meu material nas nossas próprias aulas, mas também ele tem de o interpretar e, como disse antes, adapta-o para ti, conhecendo-te tão bem. Agora, eu adoto a personalidade que conheces, e é perfeitamente legítima, mas é apenas uma das minhas personalidades. Sabe então que outras personalidades também aqui estão, e de maneiras que não entendes, e isso é o fim da frase. (*Para mim, com humor.*) O componente humano familiar é necessário, e são pelas minhas características que me conheces, mas a entidade é antiga, e estamos muito mais preocupados com outras coisas do que com a tua posição no teu banco.

(*[Tom:] "Agradeço por me deixares deitar isto cá para fora, contudo."*)

Desejo-te uma afetuosa boa noite. (*Para a Virginia:*) Teremos uma sessão para ti, e eu direi quando.

Boa noite, José, e diz ao Ruburt que é bom tê-lo aqui de novo.

("Está bem. Boa noite, Seth.")

(*[Tom e Virginia:] "Boa noite, Seth."*)

(*Fim às 11:28.*)

SESSÃO 467

12 MARÇO 1969

Ora bem, boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

A regularidade das nossas sessões é importante. Alguma liberdade e espontaneidade também são importantes.

Se o Ruburt falha sessões e depois sente-se culpado por isso, pouco se ganha e a regularidade também se perde. Sugiro, portanto, que façam seis semanas de sessões como sempre, à hora habitual, e depois sintam-se livres para falhar uma semana com a minha bênção e a vossa, e depois comecem outro ciclo de seis semanas.

Isto permitirá manter a regularidade e também fornecerá algum alívio da regularidade. Isto não significa que uma sessão não possa ser falhada de vez em quando. Significa que seria permitida alguma variedade dentro da nossa estrutura.

Se houver uma sessão de aula, uma longa, e se o Ruburt se sentir cansado, então a sessão seguinte comigo poderá ser mais breve. Mas, no geral, a regularidade deve ser mantida, e a sugestão que dei permitirá manter tanto o horário como a liberdade em relação ao horário.

Há uma diferença no trabalho realizado em diferentes tipos de sessões, e subjetivamente o Ruburt pode estar consciente disto. As sessões de aula têm o seu lugar, e servem como ilustração. Embora sejam cada uma legítima em si mesma, cada uma é feita para mostrar como o material pode ser aplicado. A origem, no entanto, está sempre nas vossas sessões privadas.

Estávamos a discutir a natureza da perceção há algum tempo e a sua relação com atividade clarividentes. Estávamos a discutir o facto de que nenhum conhecimento existe separado da consciência. Eu disse-te que qualquer perceção altera o percebedor. Não só mental e emocionalmente, mas também altera a realidade eletromagnética da estrutura física interna.

De forma muito literal, então, tu és o conhecimento que tens. A troca é constante. Agora. Inicialmente e basicamente, a perceção não depende dos teus sentidos. Qualquer perceção é antes de mais uma perceção psíquica que depois é traduzida de formas significativas para o organismo físico. Para outros organismos em diferentes realidades, a perceção seria portanto traduzida de maneira inteiramente diferente.

Confiando em tais perceções externas, a comunicação entre membros de vários sistemas seria relativamente impossível. Poderiam nem perceber-se uns aos outros para começar, ou perceber que há algo para perceber. Esse contato, portanto, ocorreria sempre abaixo da chamada perceção normal, e mesmo assim terias de traduzir essa perceção interior, como fazes com qualquer outra, em termos que pudesses compreender enquanto criatura física.

Essa tradução estaria inevitavelmente sujeita a distorção, e ainda assim seria o único tipo de perceção ou compreensão possível nas circunstâncias.

Agora, até certo ponto, isto também se aplica à informação que te dou nas nossas sessões. Tem de passar pelos canais disponíveis do mecanismo humano físico para que possa ser de todo significativa. Como mencionei há algumas sessões, por um lado pode dizer-se que o método envolve distorção, mas sem as distorções não haveria conhecimento significativo para compreenderes.

A verbalização não é um método básico de comunicação para, entre aspas, «formas superiores» de consciência, nem o é para formas inferiores de consciência. Só no vosso estado intermédio particular é que a verbalização como tal é tão importante. É uma base principal para a vossa espécie.

Por causa da sua importância no vosso estágio particular, é um excelente método para os nossos propósitos. Em muitos outros sistemas de realidade, nunca é adotada, pois é em muitos aspetos restritiva.

Nalguns sistemas, as cores são usadas como método principal de comunicação. São emitidas telepaticamente, cada gradação de uma variedade tal que não podes sequer imaginar agora. Essas intrincadas comunicações de cor seguem as quase infinitas tonalidades emocionais possíveis.

É difícil, percebes, verbalizar este conceito. Eles têm, para começar, mais espectros do que aqueles com que estás familiarizado. Vivem num

universo sensorial inteiramente diferente. Assim como tu, por exemplo, tentas misturar cores para dar um efeito, eles enviam telepaticamente um fluxo contínuo de cores sempre em mudança.

Um conceito como uma frase seria-lhes sem sentido, e ainda assim há padrão envolvido nas cores, de modo que a forma e o formato de uma cor também têm significado.

A analogia pode ser pobre no sentido de que diz muito pouco, e no entanto será útil para te dar a ideia. Em vez de substantivos, por exemplo, terias a forma do padrão em movimento constante; em vez de um verbo, a pulsação da cor, ou melhor, da sua transmissão; em vez de uma sequência temporal de tempos verbais, que eles não precisariam, tens as intensidades e profundidades de cor.

Não se deve pensar nisto como imagens coloridas, no entanto, pois eles também não usam esse tipo de imagética, e mesmo assim é comunicada uma alta precisão. Nos teus termos, haveria, entre aspas, «palavras» para todos os tipos de estados emocionais subtis para os quais tu não tens palavras.

Agora, se eu comunicasse com alguém nesse sistema, teria de afetar os mecanismos sensoriais deles, e portanto o material seria transmitido de uma forma que, novamente, pareceria distorcê-lo, e no entanto, sem esse método, não poderia ser transmitido.

(Pausa.) Podes fazer a tua pausa, e continuaremos. Devo mencionar primeiro, no entanto, que o eu interior está sempre livre de qualquer estrutura de camuflagem que possa habitar no momento.

(21h39. A Jane saiu facilmente do transe. Lembrava-se de partes do material. Disse que o Seth estava a pressionar-lhe os dados. Antes da sessão, não fazia ideia sobre o que o Seth iria falar; nem tinha andado a ler sobre quaisquer ideias semelhantes às apresentadas esta noite.)

(Retoma às 21h52.)

Agora. Qualquer método concebível de perceção é possível para o eu interior, latente dentro dele. Ele pode adotar qualquer método de perceção que escolha, de acordo com o ambiente em que se encontra.

No tempo psicológico, portanto, é pelo menos possível que possas ter alguma experiência com outros métodos quando bloqueias os métodos habituais de perceção. O ego, no entanto, está firmemente ligado ao uso dos sentidos físicos. No estado de sonho também podem ser ligeiramente experimentados outros métodos.

Em sonhos mais profundos e projeções invulgares, podes e de facto deixas completamente o teu próprio sistema. Mesmo estando fora do corpo físico, no entanto, tentarás traduzir a experiência com os padrões aprendidos em vez de mudares para os sentidos interiores. É por isso que muitas dessas experiências, mesmo que recordadas, parecem caóticas e sem sentido.

Agora. Existe de facto um corpo de símbolos que são mais ou menos básicos em todos os tipos de perceção — pontes de ligação de uma forma de perceção para outra, já que por baixo de todos os sistemas perceptivos há consciência. Certos símbolos, portanto, terão significado. Não vejo nenhum propósito particular em dar-tos agora, mas a certa altura fá-lo-ei. *(Longa pausa.)*

São os pressupostos raiz de onde todas as comunicações surgem. *(Longa pausa.)* O problema é, novamente, que ao tentar dá-los a ti certas alterações seriam necessárias. Sabê-los neste momento não ajudará o teu desenvolvimento. Quis mencioná-los no nosso registo, no entanto, para referência futura.

Alguns sistemas usam métodos de perceção que não podem ser explicados, pois não contêm nada que te seja familiar. Dentro da maioria dos sistemas, a morte tal como a conheces, com o significado que lhe atribuis, não tem importância. A consciência avançada pode focar-se dentro de uma, entre aspas, «vida», enquanto já envia partes de si mesma para a próxima, entre aspas, «vida» — como tu, por exemplo, poderias numa escola frequentar cálculo avançado enquanto ainda permaneces numa aula elementar de filosofia. Percebes?

(«Sim.»)

Toda a estrutura psicológica é, portanto, completamente diferente. É também mais exigente. As emoções e intuições são a base da experiência, e o meio de obter conhecimento na maioria dos outros sistemas. Eles têm os seus próprios, entre aspas, «processos racionais» dos quais estás pouco consciente, pois no teu ponto de desenvolvimento usas o intelecto como regra no lugar deles, e fazes uma clara distinção entre as duas áreas.

O intelecto obriga-te a interpretar dados de uma forma altamente especializada para uso do organismo físico; e embora adotado particularmente por causa da estrutura temporal, o teu tipo de intelecto só tem valor dentro do teu tipo particular de estrutura temporal, e o seu tipo de

pensamento lógico é muito mais lento e limitador. Move-se a passo de caracol ao longo da linha do tempo consecutiva.

O raciocínio emocional, no entanto, eleva-se muito acima disto. A natureza interior altamente precisa do, entre aspas, «intelecto emocional» está-te oculta, pois o intelecto físico não consegue acompanhá-lo. O intelecto emocional, portanto, pareceria caótico. A maior parte da sua riqueza e profundidade não seria percebida pelo cérebro orientado fisicamente.

O intelecto emocional, por exemplo, não é orientado pelo tempo, e só isso já não faz sentido para o cérebro físico. Este acha extremamente difícil assimilar qualquer informação que não seja orientada pelo tempo, e por isso rotula-a como sem sentido. Agora, esta informação é útil para o teu desenvolvimento, e continuaremos a discuti-la, pois podes, até certo ponto, com a minha ajuda, compreender como funciona este intelecto emocional, se tentares compreender o material de forma intuitiva, usares a tua imaginação com ele e tentares senti-lo.

Agora podes fazer a tua pausa, e continuaremos. *(Para mim:)*

Tu particularmente, por causa do teu próprio passado, tens sentido que as emoções são irracionais, e por isso temeste-as até certo ponto. Quando descobrires que a «lógica» delas, entre aspas, é muito mais eficaz, significativa e cheia de propósito, a tua atitude mudará.

Uma nota para o Ruburt, que tem estado à espera dela: ele não está grávido. *(Com humor.)*

(22h17. O transe da Jane foi bom, e ela não se lembrava do material. Retoma às 22h38.)

Agora. Emoção, uma emoção particular tal como a conheces, é o resultado de informações e deduções já feitas das quais estás consciente. Como todas essas informações não estão disponíveis para o cérebro, este vê a emoção como algo súbito, que surge dentro do alcance do «cenário cerebral», muitas vezes inexplicável e, portanto, até certo ponto ameaçador.

As emoções, para o cérebro, são também um pouco assustadoras, devido à sua vivacidade, que lhe parece desordenada. Para o cérebro, algo do passado parece apagado, e no entanto, um sentimento emocional que ocorreu no passado pode surgir de repente novamente na consciência do «cenário cerebral», com a mesma vivacidade da sua primeira ocorrência, e o cérebro sente-se desorientado.

O cérebro, no entanto, muitas vezes não vê a lógica interior da recorrência da emoção, ou as ligações internas que a tornam novamente pertinente. Qualquer emoção atual contém em si padrões de memória, interligações e interpretações, que são muito mais deslumbrantes no seu significado e conteúdo do que qualquer, por exemplo, dado matemático altamente preciso. Em particular, memórias estão encerradas nela, reunidas de, entre aspas, «experiências anteriores», todas cuidadosamente reunidas com máxima atenção e alta seletividade.

Vou dar-vos exemplos disto, pois a afirmação geral diz-vos muito pouco, e continuaremos com este material, a não ser que o interrompam com outras perguntas, durante algumas sessões. Quero que compreendam a complexidade que está dentro do sentimento emocional, pois poderão então usá-lo com mais vantagem, e isso acrescentará dimensão à vossa experiência presente.

Vou encerrar a nossa sessão agora, a não ser que tenham perguntas.

(«Acho que não.»)

No final da nossa próxima sessão *(sorriso)*, depois de eu ter entregue o material da noite, dedicarei algum tempo a explicar a figura de luzes do Ruburt. Agora, os meus melhores votos para ambos. Lembrem-se da sugestão que dei anteriormente, e aproveitem positivamente uma semana de férias depois de seis semanas de sessões.

(«Boa noite, Seth.»)

(A "figura de luzes" refere-se a uma aparição que a Jane recentemente experimentou, à noite, e estamos interessados em obter a explicação do Seth sobre isso.)

SESSÃO 468

17 MARÇO 1969

(Notas: Na noite passada, domingo, 16 de Março, foi realizada uma sessão bastante longa para o Dr. Subadh Roy, professor de filosofia e religião comparada no Mansfield State Teacher's College [PA]. O Dr. Roy, que é cego, foi trazido a Elmira pelo seu amigo e aluno, Mike. O Dr. Roy é da Índia, mas tem leccionado nos Estados Unidos há alguns anos.)

(Fiz algumas notas durante a sessão, mas estão incompletas devido ao ritmo rápido do Seth, à troca de perguntas e dados, etc. Se for necessário um registo completo, farei uma transcrição e inseri-la-ei antes desta sessão. A sessão terminou à meia-noite.)

(A sessão de hoje começou tarde devido à discussão que a Jane e eu tivemos antes.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora, não vos vou reter por muito tempo.

Pintas porque queres pintar, e reservas certas horas para a pintura para garantires que terás tempo suficiente para fazer o que queres fazer; e esta deveria ser a razão para a regularidade das nossas sessões.

A atitude do Ruburt é dele. Eu não lha impus. Ele reagiu no mês passado quando teve uma experiência de libertação e alegria.

(Ver a sessão 460 de 27 de Janeiro de 1969.)

Ele ainda tinha medo de a aceitar. Não sabia se ousava ainda confiar na sua espontaneidade, e impôs a si mesmo sintomas como limitações. Estes permaneceram até que outra realização intuitiva *(esta noite)* o libertaria. As nossas sessões também tiveram sempre a sua base na espontaneidade e energia criativa, e a natureza espontânea mostra-se sempre. Vocês apenas estabelecem a forma através da qual a espontaneidade flui.

Não há momento em que as sessões devam ser realizadas apenas por um sentido de responsabilidade, e as sessões não poderiam ser realizadas apenas por essa razão.

(Pausa. Com humor, devido aos meus comentários sobre o ritmo rápido da noite passada:)

Estou a falar devagar o suficiente para ti?

(Sim.)

Agora, o meu humor e o meu sentido de alegria são óbvios. Eu dificilmente, então, imporia responsabilidade em vez de alegria ao Ruburt. Levou-lhe algum tempo a aceitar o facto das sessões, e quando o fez, nada mais serviu senão exagerar, e aceitá-las como uma tarefa em vez de uma iniciativa criativa e alegre.

Isto resultou em atitudes irregulares. Eu conheço-o, e por isso sugeri os períodos mencionados na nossa última sessão, com semanas reservadas para sessões e tempo livre delas. Ele sabia que era livre de tirar tempo livre a qualquer momento, mas tinha medo de que, se o fizesse, pudesse ser privado das sessões por completo, e isso não é o caso.

Ambos mudaram muito como resultado das sessões. Intuitivamente e criativamente, novas avenidas abrir-se-ão para vós. No entanto, não há aqui uma situação de «ou isto ou aquilo». O Ruburt não precisa de pensar em termos de responsabilidade sombria. *(Pausa.)* E agora não o fará. Esta noite, por várias razões, os seus pensamentos tornaram-se claros sobre estes assuntos. E o ponto, enterrado um pouco no passado, veio à luz da consciência, pois intuitivamente dentro de si as ligações necessárias já tinham sido feitas.

O nosso material fluirá agora claramente ao longo das linhas que são mais importantes. Para mim, isto significa que posso entregar-vos informação sobre a natureza da realidade que depois poderão transmitir e aplicar.

Têm algum comentário ou pergunta?

(Não, exceto que gostaria de saber o que vamos fazer agora nas sessões.)

Continuaremos, por agora, com a natureza da perceção.

Agora, sob este título incluo outros tipos de perceção além daqueles com que estão familiarizados. A organização de tal tópico, portanto, é minha. Pode parecer-vos que o assunto deveria ser limitado à perceção física ou à chamada perceção paranormal. Com a minha perspetiva mais ampla, no entanto, incluo a perceção em outras realidades. Muitas vezes há organização onde não a veem nas nossas sessões. Nem me esqueci do livro de que falei. Os teus dedos estão cansados?

(«Não.»)

Começaremos então quando o momento intuitivo for o certo.

As liberdades subjetivas podem parecer lentas a surgir da parte do Ruburt. No entanto, há um ritmo interior que não é aparente. Na sua última

provação, enfrentou e está a conquistar muitas questões importantes, e foi melhor a longo prazo que fossem combatidas e vencidas durante um único período do que prolongadas. Tem sido um período comprimido de alta atividade, com as atitudes interiores claramente *(sublinhado)*, concisamente e rapidamente tornadas visíveis na forma física. O processo de aprendizagem foi muito mais eficaz desta forma — os sintomas servindo como pontos de verificação imediatos. Ele aprendeu, portanto, a olhar para dentro em busca das razões assim que os sintomas apareciam ou reapareciam.

As respostas não são logo aparentes, mas tornam-se aparentes.

Por consideração pelos teus dedos, faz uma pausa. Ou podes encerrar a sessão, se preferires.

(«Não.»)

Vês, estou a fazer um esforço para falar mais devagar...

(«Sim.»)

(22h13. O ritmo da Jane tinha de facto sido mais lento do que recentemente. Esta noite, além disso, a voz do Seth estava muito calma. Retoma às 22h21.)

Agora. Eu disse-te que não te iria reter esta noite.

Diz ao nosso amigo, no entanto, que quando ele está bem-disposto, está leve de corpo e move-se com leveza. A responsabilidade, num certo sentido, sempre o deixou tenso. Ele conseguiu ver por si próprio como o peso interior do espírito se reflete instantaneamente na sua condição física. Ele sabe disto. Está agora suficientemente livre para que o método espontâneo de trabalhar no nosso livro lhe tenha ocorrido, e começou a trabalhar dessa maneira hoje.

Não é coincidência que também tenha começado a trabalhar numa ideia para um romance, nem coincidência que outros insights lhe tenham surgido esta noite, e que o organismo físico tenha sido quase imediatamente aliviado. A mudança do quarto também é simbólica, e benéfica. Ele já não está tão assustado com os outros que precise de se proteger deles no momento em que abre a porta. Por outro lado, a mudança da estante para dividir a área de trabalho mostrou, mesmo antes da ideia do romance, que a sua espontaneidade estava a emergir novamente plenamente no seu trabalho, e que a área de trabalho, portanto, deveria ser separada das atividade sociais.

Ao mesmo tempo, na sua mente, a área de trabalho foi ampliada, já que antes ele considerava que era composta psiquicamente apenas pelo espaço da mesa. Foi, portanto, alargada, percebes?

(«Sim.»)

(A Jane gesticulava para mostrar o quanto a área reservada se tinha alargado, para além da nova posição da estante, para o seu espaço de trabalho.)

Agora, foram feitas realizações interiores, e tentei torná-las claras para ti. Um ponto: o teu amigo jesuíta *(Bill Gallagher)* — o sintoma dele está escondido nos tecidos, e não é fisicamente observável. A natureza enterrada, a úlcera estar escondida, é uma indicação adicional de que ele não quer enfrentar o seu problema. O Ruburt escolheu sintomas mais observáveis. Estava mais determinado a descobrir as razões dos seus problemas, e o processo de aprendizagem é muito mais rápido. O tipo de sintoma e a sua visibilidade são muitas vezes uma pista sobre o problema e a atitude do indivíduo perante ele.

Vamos terminar a sessão. Quis deixar claro o facto de que a doença pode ser um método de aprendizagem *(longa pausa)*, e dizer-te que os sentimentos subjetivos do Ruburt esta noite eram legítimos. Novas liberdades virão a seguir. Intuitivamente tu também forneceste pistas de que ele precisava esta noite, mas ele também estava pronto para as juntar.

Agora, os meus calorosos votos e uma afetuosa boa noite.

(«Queres dizer algo sobre aquela aparição que a Jane viu recentemente?»)

Bem. Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

O sentido de diversão, de alegria e de espontaneidade — todas estas coisas são tão importantes no estado de sonho como no estado de vigília. Ele sentiu uma responsabilidade, nos seus termos, de ser psíquico. Portanto, transportou essa atitude para o estado de sonho, e rebelou-se contra a ideia de trabalhar enquanto dormia. *(Pausa.)* Não é mais dever dele ser psíquico do que é dever dele ser humano, ou criativo. É simplesmente a sua natureza. Durante algum tempo, portanto, ele restringiu as suas próprias atividade de sonho, projeções e outras aventuras desse género. No entanto, dificilmente poderia negá-las completamente.

Nessa noite específica eu estava no quarto. Ele e eu tínhamos estado a discutir o seu desenvolvimento. Ele estava num estado de sonho, e no sonho apareci-lhe sob a forma de uma pirâmide de luzes. Estávamos a

comunicar telepaticamente. A forma era geralmente uma figura. A pirâmide, por exemplo, poderia ter sido uma túnica, embora não houvesse túnica presente. As luzes eram os meus pensamentos *(pausa)*, na sua forma eletromagnética. No entanto, a forma da pirâmide representava, noutros níveis, os três de nós. A forma tinha, portanto, o seu próprio significado. A forma não desapareceu quando ele acordou. Ele simplesmente mudou para os mecanismos de visão física que não a percebiam. A liberdade das suas atividades de sonho regressará agora. *(Longa pausa.)*

Eu apareço-lhe frequentemente nos sonhos como uma forma ou símbolo, pois ele aceita-me mais facilmente. Frequentemente também apareço dessa maneira nos teus próprios sonhos, mas como várias pessoas. Tens mais perguntas?

(«Não, acho que não.» Estávamos ambos cansados.)

Então terminaremos a sessão. *(Sorriso.)* Olha para as tuas próprias notas de sonhos com mais atenção, e talvez descubras quem eu tenho sido neles.

(«Boa noite, Seth.»)

(22h50. O Seth, acima, parece dizer que a pirâmide de luzes que a Jane viu era uma imagem de sonho, que ela não viu ao acordar. No entanto, a Jane acordou-me na altura e disse-me que tinha acabado de ver uma aparição, enquanto estava acordada. Eu não percebi isto, acima, quando o Seth falou, ou teria perguntado sobre a discrepância. Próxima sessão.)

SESSÃO 469
19 MARÇO 1969

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora. O eu interior tem uma herança muito mais rica e profunda do que o intelecto ou o ego. As suas perceções são de uma natureza diferente, variando particularmente em alcance e profundidade. *(Longa pausa.)*

Uma nota: o Ruburt estava correto na interpretação que te deu há pouco. Ele poderia usar os seus sentidos interiores com bastante frequência no estado de vigília, como fez momentaneamente durante aquele incidente.

(Ver página 266 da última sessão, sobre a Jane ver a aparição do Seth. Eu tinha interpretado o material do Seth como indicando que a Jane só viu a aparição enquanto sonhava, e não no estado de vigília, como ela sempre sustentou. Esta noite, a Jane disse que interpretou os dados como significando que momentaneamente viu a aparição do Seth depois de acordar, antes de mudar para o uso habitual dos sentidos exteriores. Nota que o Seth concorda com isto.)

Há coisas que ele não se lembra da infância, quando foi avisado para não contar mentiras — aparições de que ele falava. Foi castigado. Isto tem algo a ver com uma relutância intelectual em admitir verdades transmitidas a ele de forma psíquica e intuitiva.

Mostram-se fortes capacidades, e a vida interior do Ruburt é plena e rica, as suas perceções interiores bem desenvolvidas. O intelecto, parece, está continuamente escandalizado. Dá-nos um momento.

(Pausa.)

A perceção verdadeira e básica é um fenómeno altamente complexo, no qual a linha entre o percebedor e o percebido desaparece. Há uma forte correlação no que acontece quando o médium sente que uma personalidade sobrevivente tomou conta da personalidade dele próprio.

O médium percebe tão claramente a realidade da personalidade sobrevivente que, até certo ponto, o médium percebe diretamente essa realidade. Vês aqui a correlação com o que te disse no passado sobre experimentar conceitos. Isso é uma coisa. Experimentar a realidade de outro não significa necessariamente que o médium negue a sua própria personalidade — apenas que, momentaneamente, permite que esta perceba, o mais diretamente possível, a experiência de ser o outro.

Isto envolve um alto grau de cooperação da outra pessoa, que não existe nos teus termos físicos, uma abertura da sua realidade ao médium, em vez de uma invasão do médium.

Agora, isto é pertinente porque a linguagem médium-comunicador pode ser legítima em muitas outras áreas para além daquela em que está envolvida. Na perceção mais simples, nesses termos, estás envolvido da mesma maneira que um médium. Estás a receber dados que não são basicamente físicos e a traduzi-los em termos significativos para o teu próprio organismo físico.

Independentemente do campo de realidade de onde os dados são recebidos, em grande medida os mecanismos são os mesmos. É apenas porque a chamada mediunidade é mais incomum do que a perceção simples que ela parece tão impressionante. O Ruburt, a ler de um livro, ainda teria de receber e traduzir essa informação sem saber as manipulações infinitas necessárias. O mesmo tipo de cálculos interiores teria sido feito pelo autor do livro.

A informação contida nele, em forma impressa tão volumosa, não é física. É uma questão de conhecimento, codificado electromagneticamente, psicologicamente válido, mas não podes segurar conhecimento na mão e percebê-lo diretamente. Aceitas a sua transmissão habitual no dia-a-dia como garantida, esquecendo o facto de que todos os aspetos físicos da sua transmissão e aparência servem para ocultar a sua natureza não material básica, e que palavras e dados impressos e imagens em movimento, todos símbolos visuais ou físicos, não são o conhecimento em si. Estes apenas servem como veículos físicos. *(Longa pausa.)*

Estás habituado a agir sobre o conhecimento apenas quando ele te é transmitido fisicamente, e quanto mais numerosas forem as formas em que aparece fisicamente, maior é a tua confiança nele. Imagens mentais, embora possam ocorrer dentro do crânio físico, não são em si físicas. As imagens, novamente, são apenas os símbolos, os símbolos físicos, do conhecimento interior. Elas não são o conhecimento, mas os seus símbolos.

Portanto, tu aceita-las porque fazem sentido para o mecanismo físico. O eu interior tem o conhecimento por detrás dessas perceções físicas. O cérebro é responsável por esses símbolos físicos. A mente não precisa deles, mas passa a informação ao cérebro, que então a interpreta.

As palavras que eu te falo transmitem informação, mas as palavras em si não são a informação, apenas veículos verbais. Agora podes fazer uma pausa.

Agora. O Ruburt sempre percebeu com os sentidos interiores. Era considerado uma criança demasiado imaginativa, e transformava grande parte da informação interior em forma poética à medida que crescia. Sentia-se livre ao usar essa informação na escrita.

Se não fosse criativamente transformada em escrita, no entanto, ele sentia-se, enquanto criança, ameaçado, pois seria acusado de contar mentiras.

Agora. No vosso sistema de realidade, estão a aprender o que é a energia mental e como a usar. Fazem isso ao transformar constantemente os vossos pensamentos e emoções em forma física. É suposto obterem uma imagem clara do vosso desenvolvimento interior ao perceberem o ambiente exterior. O que parece ser uma perceção, um acontecimento concreto objetivo, independente e separado de ti, o percebedor, é, em vez disso, a materialização física das próprias emoções interiores, energia e ambiente mental do percebedor.

Enquanto os cientistas insistirem em considerar o percebedor e o evento percebido como inteiramente separados, a verdadeira natureza da perceção não será compreendida.

Falando fisicamente agora, há mecanismos que interpretam eventos físicos. O campo de investigação dos cientistas envolve esses mecanismos. Os métodos pelos quais emoções, conceitos e energia são projetados do indivíduo para formar o ambiente físico e os eventos ocorrem principalmente em termos não físicos, mas há ligações no sistema nervoso que ajudam nesta projeção.

Essas ligações nem sequer são suspeitadas, simplesmente porque os vossos cientistas não consideram seriamente que a realidade física seja resultado de tal inter-relação. No entanto, o facto é que a função completa do sistema nervoso não é conhecida, porque as perguntas certas não foram feitas.

Basicamente, então, há pouca diferença quanto à forma como são recebidas perceções normais ou perceções extrassensoriais. Agora, as fontes dos dados podem ser diferentes, mas em ambos os casos são, fundamentalmente, não físicas.

Dá-nos um momento. *(Pausa.)* O cérebro é capaz *(sublinhado)* de interpretar e transmitir muito mais informação interior do que faz. É a ideia do ego sobre o que é possível, o conceito de realidade do ego, que determina em grande medida se o cérebro interpretará ou não determinados dados.

Agora, alguns dados interiores não podem ser percebidos ou traduzidos pelo cérebro, praticamente falando, mas à medida que as mentes se desenvolvem, também o cérebro físico se desenvolverá, e em alguns indivíduos isso já aconteceu em grande medida.

Mudanças na estrutura física da espécie seguirão sempre necessidades interiores, e a necessidade interior é antecipada desde o início da semente. Portanto, grandes porções do cérebro, agora não usadas, permanecem latentes para esses desenvolvimentos. Os chamados médiuns põem algumas dessas porções a funcionar. Caso contrário, informações como as nossas não seriam recebidas com clareza suficiente para serem compreendidas.

Em grande medida, crias o que vês ou percebes. Isso não significa que sejas o criador nesse sentido. Existem muitas realidades cuja existência ignoras, mas que, no entanto, existem. Agora podes encerrar a sessão ou fazer uma pausa, como preferires.

(«Vamos fazer uma pausa.»)

Vi o teu bocejo.

(«Pensei que sim.»)

(22h17–22h29.)

Agora. Tentam traduzir toda a informação em termos físicos dentro do vosso sistema.

O vosso ambiente interior é o total das vossas perceções *(sublinhado)* interiores da realidade interior. É isto que têm para trabalhar, e a matéria-prima praticamente disponível. Projetam então isso em eventos físicos, que depois percebem fisicamente.

Quando percebem cada vez mais com os vossos sentidos interiores, têm matéria-prima mais extensa, melhores recursos, mais dados disponíveis. Isto deveria automaticamente provocar refinamentos dentro da estrutura física para transportar os dados adicionais e fornecer novas saídas para materialização. A estrutura física é então, até certo ponto, alterada.

Potencialidades latentes, sempre presentes no sistema, são ativadas conforme necessário. O eu físico pode, é verdade, ficar um pouco confuso, mas o ego também aprende e expande-se para que seja capaz de aceitar e

usar a nova informação e beneficiar dela. Aprende rapidamente, por exemplo, métodos para utilizar tais atividade para os propósitos das estruturas psicológicas que reconhece e pelas quais se sente responsável.

No caso do Ruburt, tem sido um pouco sobreprotetor. Além disso, condições anteriores ensinaram-lhe que tal conhecimento poderia trazer punição. O ego, claro, também tem mais dados para lidar e trabalha rapidamente para assimilar esses dados dentro da estrutura de realidade que reconhece.

As perceções interiores ampliam a ideia de realidade do ego, no entanto, por isso são feitos ajustes. É o ego que insiste em separar-se dos eventos, preferindo imaginar-se um espectador acima dos eventos, em vez de um participante nos eventos.

Lembras-te disto do nosso material sobre ação e personalidade. O ego, portanto, fica satisfeito quando a informação se prova correta. *(Longa pausa.)* Se a natureza da perceção fosse claramente compreendida, então a natureza da realidade como a conheces também seria muito mais claramente entendida. Apenas metade do processo da chamada perceção é sequer considerada. Apenas metade do círculo é conhecida.

O círculo completo consiste naquelas projeções para fora que formam eventos, bem como nos mecanismos pelos quais os eventos são depois fisicamente percebidos.

É desnecessário dizer que a telepatia é um método pelo qual os eventos são tanto formados como percebidos, mas a telepatia esconde-se tão profundamente sob a perceção física que mal é detetada.

A menos que tenham perguntas, vou encerrar a sessão.

(«Acho que não.»)

Retomaremos o tema da natureza da perceção na segunda-feira. Os meus mais calorosos cumprimentos a ambos e uma afetuosa boa noite.

(«Boa noite, Seth. Tem sido muito interessante.»)

(22h45.)

SESSÃO 470

26 MARÇO 1969

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora. Existe, então, uma constante interação entre o percebedor e o evento percebido. Uso a palavra "evento" aqui para incluir tanto objeto como acontecimento. Há um campo que combina tanto o percebedor como o evento percebido, uma comunicação e um sistema de semelhanças estabelecido entre eles. Obviamente, isto é válido em cada caso de perceção. É por isso que o perceptor e o evento se alteram mutuamente. O campo estende-se de ti, digamos, como um eu, para todas as coisas que percebes — e o tempo físico não entra em jogo.

Só estás consciente de tais mudanças quando a tua atenção consciente presente está direcionada para qualquer objeto ou evento. Objetos ou eventos que conheceste no teu passado ainda exercem pressão sobre ti, mesmo enquanto o teu próprio efeito ainda os altera. O mesmo é válido para aquilo a que chamarias objetos ou eventos futuros.

O teu foco especializado e intenso dentro de um presente altamente limitado protege-te destas outras atividade. Estás preso a todo um espectro de eventos, alguns que já se tornaram ténues na tua memória e outros que ainda não ocorreram no teu tempo. Também afetas esses mesmos eventos, moldando-os e alterando-os, e depois reagindo.

Esta teia ou campo altamente intricado estende-se obviamente de ti, como um eu, a todas as pessoas que percebes, e tu também participas no mesmo tipo de teia que se projeta para fora a partir dos outros indivíduos. Estas teias têm uma estrutura eletromagnética, bem como uma base química. Agem como caminhos infinitos, e têm uma construção definida, embora tu não a percebas.

Impulsos nervosos viajam para fora do corpo, invisivelmente ao longo desses caminhos, da mesma maneira que viajam dentro do corpo. Os caminhos são portadores de pensamentos, impulsos e desejos telepáticos que viajam para fora de qualquer eu, alterando e mudando os eventos aparentemente objetivos.

De forma muito real, eventos ou objetos são na verdade pontos focais onde impulsos psíquicos altamente carregados são transformados em algo que pode ser fisicamente percebido, uma explosão para dentro da matéria. Quando tais impulsos altamente carregados se cruzam ou coincidem,

forma-se matéria. A realidade por detrás de tal explosão na matéria não depende da matéria. Um padrão idêntico, ou aparentemente idêntico, pode reaparecer, entre aspas, «em qualquer momento», repetidamente, se existirem as coordenadas certas para ativação.

Há todos os tipos de eventos a viajar ao longo dos mesmos caminhos, igualmente utilizados, que não aparecem fisicamente. Fisicamente, portanto, não os percebes. Podem ser transformados e emergir como realidades ou eventos dentro de sistemas inteiramente diferentes, nos quais são então aceites pelos habitantes como eventos vívidos.

Quer tal ativação para atualização física ocorra ou não, partes não físicas do eu irão, até certo ponto, reagir. Há certas semelhanças aqui tanto com o comportamento da eletricidade, como tu a entendes, quanto com o comportamento do sistema nervoso, como o entendes, e eu tentei insinuar isto através do vocabulário que está disponível para mim através do Ruburt.

Agora podes fazer uma pausa e continuaremos.

(22h11. O transe da Jane foi bom, embora ela tenha saído rapidamente na pausa. «Tive imagens enquanto isso acontecia,» disse, «mas não te poderia dizer o que eram.» Retoma às 22h22.)

Agora. Dá-nos um momento.

(Pausa muito longa.)

Diz ao Ruburt para fazer exercícios de relaxamento novamente durante algum tempo todos os dias, e também para se permitir agir de forma mais impulsiva, em explosões fortes de atividade, e particularmente para se imaginar a mover-se rápida e levemente.

Ele está a receber doses maiores de energia devido à estação, e às suas próprias reações naturais a ela, mas não está a agir nem a reagir com a espontaneidade que lhe é natural na primavera. Portanto, a energia adicional está bloqueada e não está a ser libertada.

Ele está a reagir tão bem quanto há um mês atrás, mas agora isso já não é suficiente. Há energia adicional a ser utilizada. Percebes o que estou a dizer aqui?

(«Sim.»)

Ação física rápida, como aquela em que ele se envolve, mesmo em limpezas da casa, é benéfica. Uma ideia que ele teve no início desta semana nesse sentido foi intuitivo, mas não a colocou em prática.

A condição atual deve-se a esta necessidade de reajuste devido à estação: explosões de comportamento impulsivo e ainda assim direcionado, seguidas de relaxamento.

Agora não vos vou reter esta noite, mas a informação sobre perceção e a sua relação com eventos e objetos físicos continuará por algum tempo. Ainda não compreendem o papel principal desempenhado pelo sistema nervoso na transformação de material psíquico em matéria física.

A condição do Ruburt é temporária. As pistas que lhe dei devem resolver isso num espaço de alguns dias. Agora, têm perguntas?

(Não.)

Então encerraremos a sessão. Os meus mais calorosos votos a ambos e uma afetuosa boa noite.

'Boa noite, Seth.'

SESSÃO 471

31 MARÇO 1969

(A Jane queria informações do Seth sobre a luta que teve na noite anterior com o que acreditava ser uma forma-pensamento que ela própria tinha criado enquanto dormia. A experiência tinha sido algo assustadora, e ela tinha bastante certeza de que não fora um pesadelo. No entanto, Seth começou por falar do evidente conflito da Jane com uma editora da Ace Books. Na quinta-feira passada, 20 de Março, a Jane tinha escrito à Ace a exigir a devolução do manuscrito do seu livro de sonhos por causa do atraso em obter resposta — apenas uma — desde Dezembro passado.)

Agora. Boa noite.

('Boa noite, Seth.')

Vamos rodear o assunto por um momento, até que o estado do Ruburt esteja tal que ele esteja completamente despreocupado.

Entretanto, vou dizer-te algo sobre a tua Miss Grippo *(a editora em questão na Ace),* e o nome é bem apropriado. Ela gostou do primeiro livro do Ruburt, mas está muito zangada por o Fell ter sido firme financeiramente, pensando então: 'Quem pensa o Fell que a Jane Roberts é? Porque é que ele acha que pagaríamos tanto quando o nome é desconhecido? Ele', significando o Fell, 'quer é sangrar-nos.'

Ela projetou esse sentimento também para o Ruburt, particularmente porque o Ruburt conhecia o Don Wollheim. O Fell estava a pedir uma

quantia exorbitante, pensava ela, para o primeiro livro; e o Ruburt, ela raciocinava, esperaria privilégios especiais por causa do seu contato com o Wollheim, e por isso ela ficou na defensiva e certificou-se de que não fossem dados privilégios especiais. Na verdade, esforçou-se ao máximo no sentido oposto.

Havia outra coisa. Ela ressentiu-se do tom autoritário do livro de sonhos quando o viu pela primeira vez, pensando novamente: 'Meu Deus, esta Jane Roberts imagina-se uma autoridade.' O Wollheim não exagerou o que lhe disse. Ela nunca pensou que o Ruburt fosse rever o livro. *(Pausa.)*

Além disso, como sentiste, havia um medo das capacidades do Ruburt. Ela é excessivamente sensível, sentindo que os médiuns sabem mais sobre ela do que ela gostaria, e isto aplica-se de forma geral, mas particularmente em relação a mulheres. Isto acrescentou-se aos outros ressentimentos. Ela não gosta de falar com o Ruburt ao telefone, temendo o contato direto.

No entanto, parece haver algum envolvimento com o Ruburt e aquela casa no futuro. O Wollheim tem algum receio da Grippo.

(Na sessão 460 de 27 de Janeiro de 1969, o Seth previu a venda do livro de sonhos à Ace, considerando as probabilidades presentes — naquele momento. Segue-se, naturalmente, que uma ação drástica como a que a Jane tomou na semana passada poderia alterar radicalmente as probabilidades.)

Agora dá-nos um momento. *(Pausa de dois minutos.)*

O Ruburt pode estudar astrologia, mas não se sentirá confortável com isso. Ele não precisa dela. Como assunto de interesse, está perfeitamente bem, mas por causa da sua natureza particular ele terá tendência a deixar que os mapas astrais atrapalhem em vez de ajudarem a sua informação clarividente.

É um sistema demasiado fechado. Agora, a astrologia tem os seus méritos, e muitos deles bons. Um excelente astrólogo pode ajudar as pessoas a compreenderem-se melhor. Entende que os indivíduos, entre vidas, escolhem o momento do próprio nascimento, adotando antecipadamente as características que sentem que melhor ajudarão o seu desenvolvimento e desafiarão as suas capacidades.

O Ruburt poderia envolver-se, no entanto, desnecessariamente. As suas capacidades seguirão uma linha completamente diferente, embora não haja mal no estudo. A dificuldade estaria no escoamento do seu tempo, pois

as pessoas quereriam leituras; e novamente, procurariam milagres em vez de compreensão e desenvolvimento pessoal.

Agora sugiro que faças uma breve pausa e continuarei com outros assuntos.

(21h25. A Jane pareceu sair rapidamente do transe, mas, como se verificou, não saiu realmente. Estava bastante sonolenta na pausa, e disse que o Seth estava a 'colocá-la sob' para falar da experiência da forma-pensamento e projeção da noite anterior com o mínimo de distorção. A Jane, claro, tem um relato completo da experiência escrito nos seus próprios registos.)

(Retoma às 21h34.)

Agora. Dá-nos um momento.

O nosso amigo tentou escolher um campo de batalha diferente ontem à noite. Decidiu pensar nos seus sintomas como um inimigo e dar-lhes forma noutro plano de realidade onde pudesse travar batalha com eles. Agora, isto não foi num plano astral, mas num mais baixo.

Refiro-me, claro, à sua 'coisa negra', entre aspas, e à luta. A energia por trás da coisa era a energia de medos ocultos, mas tal coisa poderia ser formada por qualquer um, pois há medos em cada homem. O Ruburt tentou isolá-los, dar-lhes forma e combatê-los todos de uma vez.

A coisa era então, na verdade, um animal de dimensão inferior bastante desajeitado, um cão estúpido provocado de outras dimensões que depois o atacou de forma suficientemente simbólica, mordendo-o. Qualquer 'coisa', entre aspas, criada inteiramente a partir de medos estaria assustada e particularmente zangada com o seu criador, e não poderia fazer outra coisa senão atacar; de certa forma para proteger a realidade que tinha, pois sabia que o Ruburt a criara apenas para a destruir, se possível.

Portanto, tinha uma realidade. O Ruburt saltou de volta para o seu corpo para a segurança e a consciência normal. A coisa dissipou-se, pois quando o Ruburt correu para casa retirou automaticamente a sua energia dela.

Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Ele tentou separar de si todos aqueles elementos que considera negativos e combatê-los de uma vez, quase como se, ao fazê-lo, removesse ou pudesse remover o mal do universo. Isto foi resultado da sua tendência de ver a realidade em termos de valores absolutos *(sublinhado).* Ele tentou destruir o animal do mal, e ele mordeu-o de volta.

Agora, o mal não existe nesses termos, e mesmo a doença ou o medo não são necessariamente inimigos, tanto quanto são ajudas para compreensão e meios para um fim maior.

Mesmo as suas desolações, das quais eu sei, levam-no a continuar a busca por compreensão e servem como um impulso para mais desenvolvimento. Deverias tentar ajudá-lo a compreendê-las sob essa luz.

Aqueles que procuram respostas desesperadamente querem encontrá-las, tanto por si mesmos como pelos outros. Cuidam profundamente e emocionalmente, e é porque encontram pouco sentido no mundo tal como o entendem que são levados a procurar respostas noutros lugares.

Agora, o mal que o Ruburt imaginava estar a projetar para fora não existe, mas porque ele acreditava que existia, formou a sua materialização a partir dos seus medos. Era a forma da desolação que sentira no último fim-de-semana.

Agora, em termos mais amplos e no sentido mais profundo, não há mal, apenas a vossa falta de perceção, mas sei que isto é difícil para vocês aceitarem. Mas este facto é a salvaguarda do Ruburt nas suas viagens astrais — enquanto ele se lembrar disso.

As palavras: 'Que a paz esteja contigo' ajudá-lo-ão a ultrapassar qualquer dificuldade em outras camadas de realidade, pois à medida que ele formou essa imagem, outros também formam imagens, e ele poderia encontrá-las ocasionalmente. Desejar-lhes paz será dar-lhes algum conforto, pois elas têm um tipo de realidade. Temê-las é colocar-se no reino de realidade delas, e então és forçado a lutar nesses termos, e não há necessidade disso.

'Boa noite, Seth.'

SESSÃO 472

2 ABRIL 1969

Boa noite.

('Boa noite, Seth.')

Agora. Condicionam o vosso corpo para se comportar em padrões gerais. Condicionam-no para reagir de certas maneiras. Ele imita perfeitamente as vossas reações psíquicas e mentais.

A concentração em qualquer área pré-dispõe certos elementos dentro do sistema nervoso para esse tipo particular de foco ou concentração, tal como muitos passos escavam um caminho. Isto é algo que é, até certo ponto, compreendido nos vossos círculos científicos.

O que não é compreendido é que o mesmo tipo de condicionamento também opera, não apenas na reação a eventos, mas na formação de eventos. Pré-dispõem-se para a construção de eventos de uma natureza particular, aos quais, claro, depois reagem.

Também ajudam a manter e formar construções ou eventos de outros que se encaixam nas vossas próprias variedades de interesses. Agora, novamente, não estou a falar simbolicamente. Porções muito específicas do sistema nervoso, que não compreendem, são os recetores de impulsos que saem de vocês para formar eventos.

Existem, claro, construções em massa, reservatórios psíquicos cuja energia deriva de muitos indivíduos, todos pré-dispostos, devido às suas próprias inclinações, para áreas específicas de atividade. Vários grupos de indivíduos, portanto, reunidos, ajudam a formar e a manter áreas particulares da vossa realidade.

Este tipo de comportamento continua, claro, quer estejam acordados, quer a dormir, e está altamente envolvido na construção de imagens e construções de sonho. Há áreas de atividade às quais não reagem simplesmente porque não ativaram caminhos simpáticos dentro de si mesmos. Estes requerem muito mais esforço da vossa parte, mas mesmo o cérebro físico tem, latente dentro de si, as possibilidades para muitos tipos de atividades que ainda permanecem geralmente desconhecidas.

O eu interior, portanto, usa o sistema físico para expressar as suas próprias inclinações e ideias de realidade. É o eu interior que desdobra aqueles padrões de comportamento mencionados no artigo que leste sobre o crescimento infantil *(numa edição recente da Time Magazine).* Tais

desdobramentos ocorrem sempre de dentro, respondendo a sinais não do exterior, mas do ambiente interior.

O eu interior provoca os desafios físicos que então parecem impulsionar mais atividade corporal. O ímpeto para qualquer ação latente e em desenvolvimento está incipiente no bebé não nascido. Os primeiros passos da criança estão latentes no primeiro piscar dos olhos do bebé, pois os eventos seguem tão naturalmente quanto a abertura das pétalas de uma flor.

Estes são desdobramentos, à medida que o eu interior materializa o que já está latente em atualidade física. Agora, pode haver áreas nas quais o eu interior simplesmente não tem interesse. Pode haver áreas nas quais é simplesmente menos competente. O eu interior é uma entidade em desenvolvimento, não um produto acabado.

Toda a ideia da realidade física, falando individualmente, é a emergência da experiência dentro do vosso sistema particular. O eu interior está a familiarizar-se com a realidade tal como existe aí. Em muitos casos, está a emergir num mundo novo. Como o processo de aprendizagem está envolvido, há erros. Qualquer construção defeituosa, no entanto, é usada pelo eu interior num sistema de retroalimentação e como parte do processo de aprendizagem.

O vosso sistema não é o mais elementar, mas é um dos mais elementares, e é uma forma de o eu interior se familiarizar com certos factos básicos. Ele, portanto, proporciona a si mesmo uma grande variedade de ambientes em várias reencarnações, com problemas de várias naturezas e com circunstâncias diversas. Não tenta formar condições de vida que não ofereçam desafios, muito pelo contrário. Está a habituar-se às suas próprias capacidades e a aprender como usá-las.

O que acontece no caso de energias destrutivas usadas de forma deliberada? Ele descobre usando-as. Ele sabe muito bem da sua própria indestrutibilidade e da dos seus semelhantes. O que acontece no caso de energia psíquica construtiva quando é propositadamente negada a saídas agressivas? Ele descobre. O que se sente ao ser alvo de agressão? Ele forma outra situação de vida e descobre a resposta. Quão forte e potente é a energia ao seu comando? Como pode ser melhor utilizada? É absolutamente necessário que todas estas perguntas sejam respondidas, pois o eu interior é composto de energia, e noutros campos de atividade os pensamentos e emoções são instantaneamente traduzidos, os seus

resultados vistos instantaneamente. Não há o intervalo de tempo de segurança, como dentro do vosso sistema, e não há corpo físico tal como o conhecem.

Há forma. O próprio mecanismo do corpo, no entanto, é tão construído que pode suportar o impacto de muitos erros e libertar-se deles, embora por vezes não pareça ser o caso. No entanto, o vosso é um mundo em câmara lenta em muitos aspetos, no que diz respeito às vossas perceções, enquanto estão dentro dele. O vosso corpo é muito como um escultor ou uma escultura, nunca realmente concluída, o eu interior a experimentar várias técnicas de criatividade na sua primeira peça de teste. Os resultados nem sempre são os melhores, mas o escultor é independente do seu produto e sabe que haverá outros.

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos. O Ruburt, por exemplo, descobriu o que certos padrões mentais farão à sua imagem, e agora está a tentar desfazer o dano que se tornou aparente. Sem o dano ele não teria aceitado as verdades óbvias. Agora, o escultor por vezes identifica-se com a sua escultura, mas nunca totalmente, e ajudará se ele se lembrar de que foi ele quem causou o dano e, portanto, pode desfazê-lo.

Não só isso, mas a lição evitará que ele cause danos mais sérios. Diz-lhe que ele tem, ou está a aprender, uma lição em perspetiva, quer saiba quer não.

(A Jane saiu rapidamente do transe, embora tenha sido bom. Ela só se lembrava da última frase. Retomou.)

O eu interior, então, tem uma perspetiva inteiramente diferente da vossa realidade do que vocês, e vê propósitos que não vos são aparentes. Não se esqueçam, no entanto, de que vocês são uma porção do eu interior. Ele não está a usar-vos. Vocês são a porção dele que experiencia a realidade física.

Agora, doenças físicas que não são críticas, mas observáveis, que não envolvem a perda, digamos, de um membro ou de um órgão, geralmente *(sublinhado)* representam problemas que estão em processo de resolução, problemas que estão, entre aspas, 'ao ar livre'.

Agora, estes tipos particulares de doenças são o produto final de um processo de descoberta. Problemas interiores são literalmente trazidos para fora quando podem ser enfrentados, reconhecidos, tratados e conquistados, usando os sintomas como pontos de medição de progresso. Um sistema de

tentativa e erro está *(sublinhado)* envolvido; mas os processos interiores refletem-se bastante rapidamente, nestes casos, na condição física.

Idealmente, os meios foram dados, com o problema exposto, para a solução correta. Um processo de cura está definitivamente envolvido, mesmo com a emergência inicial dos sintomas, pois o sistema psicológico finalmente força o problema a vir à tona. Estou a falar agora do tipo de doenças que descrevi.

Noutros casos, onde o sintoma é interior em si, como em úlceras, isto é um sinal de que o eu interior ainda não chegou a tal ponto. A personalidade ainda não está disposta a enfrentar os problemas, mesmo até esse grau, e o sintoma em si está protegido da visão física, muito acertadamente, simbolicamente falando.

A observabilidade relativa de um sintoma é, portanto, uma pista quanto à atitude da personalidade em relação ao seu problema.

O vosso amigo jesuíta, percebem, não quer que o seu problema venha à tona para que possa lidar com ele, pois ainda não está pronto para o enfrentar.

Agora, este material tem implicações psicológicas importantes que eu irei aprofundar, e também está ligado ao nosso material sobre perceção. O Ruburt percebe fisicamente bem como sente os sintomas. O nosso jesuíta não quer ver o problema, nem sequer até esse ponto, e por isso ele está enterrado, até fisicamente, dentro dele.

Agora. Existem outras camadas. Muitos problemas nunca se materializam como sintomas físicos. Permanecem como pontos em branco, áreas incultivadas e improdutivas dentro da psique — áreas nas quais não há problemas porque nenhuma experiência é permitida. Áreas curiosamente vazias onde muito pouca perceção é permitida. Uma falta de desenvolvimento, sem qualquer desafio ou possibilidade de realização.

Há então uma falta mental, psíquica ou emocional de visão. Uma espécie de idiotice, e um bloqueio completo, uma negação da experiência ao longo de certas linhas que é muito mais prejudicial do que um problema específico, pois há uma incapacidade da personalidade de se expressar de forma eficaz nessa área.

Dá-nos um momento aqui. Há também problemas dentro da psique e no contexto emocional que não são compreendidos pelo indivíduo, ou que ele teme, ou que não quer enfrentar. Agora, qualquer um destes distorce a

sua capacidade de perceber e de criar. Limitam a sua área eficaz de atividade psíquica e criativa.

Agora, este era o estado do Ruburt antes do surgimento dos sintomas. A explosiva primeira manifestação representou a primeira emergência forçada do problema em termos físicos, mas como tal foi na verdade produtiva e de natureza curativa — muito mais benéfica, digamos, do que se tal emergência não tivesse ocorrido.

Velhos padrões negativos de pensamento, sempre presentes sob um exterior otimista, não tinham sido reconhecidos por ele, e eram como um espinho no seu lado. Até que emergiram fisicamente, ele não estava suficientemente consciente deles para lidar com eles de forma eficaz. Eles distorciam a sua realidade e as suas perceções sem que ele estivesse consciente disso.

Estou a aprofundar isto porque, enquanto lidamos com perceções, também discutiremos distorções, porque a informação ajudará o Ruburt, e porque exemplos pessoais servem bem para a vossa compreensão.

Quando ele terminar, percebes, ele entenderá algo extremamente importante para si, e experimentará um alívio correspondente. Pois ao ver que cria a sua própria realidade agora, entenderá que também ajudou a formar o ambiente em que cresceu, e que a sua mãe não foi inteiramente responsável.

As desesperanças que ele encontra também devem mostrar-lhe que estes sentimentos emergem agora para a sua consciência para serem enfrentados, enquanto no passado apodreciam abaixo da consciência, e ele não os admitiria como um problema, pois não estava tão consciente da sua existência.

São sentimentos negativos, deliberadamente exagerados para que ele possa compreender a sua natureza e lidar com eles como tal. A tua terapia foi altamente bem-sucedida. Refiro-me ao vosso esforço de compras *(no sábado, 29 de março)* e à terapia do deleite em pequenas coisas e do riso.

Agora podes fazer uma pausa, embora eu espere que os teus dedos não estejam partidos.

('Não.')

(22h27. O transe tinha sido bom, a entrega rápida, etc. Retoma às 22h40.)

Agora. A informação que estou a dar-vos esta noite será muito mais útil para muitos indivíduos do que qualquer informação que eu pudesse

dar-vos esta noite sobre o vosso aluno ou a sua família; pois o rapaz, neste momento, não colocaria em prática os meus conselhos. Ele não está pronto para os compreender, e o pai ainda precisa perceber que ninguém pode salvá-lo a não ser ele mesmo. Eu não lhe darei respostas prontas, e já lhe disse isso.

Respostas prontas para ele ou para o filho só os trairiam. Eles usalam-iam como desculpas. Agora dá-me um momento... Direi a ele que muitas das suas preocupações em relação ao rapaz são projeções dos seus próprios medos, e não se materializarão. O rapaz está a reagir telepaticamente, por um lado, às preocupações do pai. A melhor coisa que o pai pode fazer, por agora, é ser simplesmente gentil com o rapaz, mas aliviar mentalmente os pensamentos pesados que tem sobre ele. Deixe o rapaz em paz. Ele está a captar telepaticamente as atitudes negativas do pai.

(Longa pausa; uma de várias, etc.) Ele é, neste momento, um repositório para elas. Outra sugestão positiva é que o pai se envolva em esforços criativos com a sua pintura. Sentir-se-á a fazer algo produtivo, e isso ajudará a quebrar os seus sentimentos de culpa e frustração, e portanto ajudará o rapaz.

Agora, a informação dada mais cedo esta noite, juntamente com outro material, fornecerá um dia uma medida eficaz pela qual os indivíduos poderão entender a natureza das suas dificuldades, e é, portanto, bastante importante.

Em muitas situações, um indivíduo dentro de uma família servirá como o sintoma da família. Percebes?
'Sim.'

Nesse caso, as dificuldades não estão a ser enfrentadas pelos outros, mas apenas projetadas sobre outro. Em muitos casos, o outro é um indivíduo mais jovem que é mais resiliente, tem mais energia, um uso mais instintivo da força vital, que é mais capaz de suportar os problemas por toda a unidade, e que na verdade escapará deles. Por vezes ele pode resolver o problema. Muitas vezes, quando ele parte, o problema simplesmente recai de volta onde pertencia originalmente — sobre os ombros dos pais. É por esta razão, muitas vezes, que os pais têm dificuldades quando os filhos partem.

Agora, a menos que tenhas perguntas...

('Acho que não.')

Encerramos a sessão. Os meus mais afetuosos votos a ambos, e uma afetuosa boa noite.

('Boa noite, Seth, e obrigado.')

Uma nota. O Ruburt não precisa carregar o peso do mundo nos ombros *(Com sentido de humor a toda a linha)*, nem assumir a responsabilidade do universo. Isto é alto egoísmo. Deus pode lidar com os seus próprios problemas e cuidar do seu universo. O Ruburt não precisa julgá-lo, pois não sabe todos os factos, e é um completo disparate ele supor que sabe.

(22h53.)

SESSÃO 483

(*Ontem foi noite da aula de ESP. O reverendo assistiu à aula; houve uma sessão, que foi gravada. Quando recebermos a cópia será adicionada a estes registos. Parte da sessão foi dirigida ao reverendo e à sua esposa, com bastante sucesso. A Jane também deu impressões por conta própria para os Crossons, novamente bem-sucedidas. Os Crossons ficaram até cerca da 1h30.*)

(*O reverendo Crosson conhecia muitas figuras da parapsicologia, incluindo Eileen Garrett, Arthur Ford, Martin Ebon, etc. Tinha muitas perguntas para o Seth, que respondeu com a sua habitual confiança.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. A reunião de ontem terá resultados benéficos.

O reverendo ficou muito mais impressionado depois da visita e falará sobre o nosso trabalho a muitas outras pessoas.

(*O reverendo Crosson levou algumas cópias das sessões com ele. Também pediu à Jane para falar em reuniões nos Berkshires, Massachusetts, no final de junho.*)

A ideia que trouxeram esta noite é boa e mostra que começaram a mudar hábitos de pensamento. Tal empreendimento ajudaria a Jane a sentir que está a contribuir financeiramente para o universo, o que seria bom tanto para a sua confiança como para a conta bancária.

(*A Jane sugeriu, durante o jantar, criar um curso baseado nas sessões, para ser distribuído mediante inscrição. Publicidade, impressão, edição, etc., estariam envolvidos.*)

Agora, algumas mudanças ocorreram dentro dela. Se usar a psico-cibernética no trabalho e no livro (*Seth*), e fizer um esforço determinado para concentrar toda a sua energia nesse livro, os sintomas simplesmente desaparecerão, e rapidamente. Secarão.

Antes, os seus esforços estavam tão dispersos que seria difícil fazê-lo de forma abrangente; agora, porém, é isso que recomendo.

Isto é o equivalente a uma oração eficaz. Para fazer tudo o que deve ser feito, para colocar as horas de escrita necessárias – e horas inspiradas – deve automaticamente assumir boa saúde. Vendo-se a si mesmo a fazer isto, e imaginando-o vividamente, dá como garantida a boa saúde, o que é crucial.

O projeto que discutiram anteriormente pode começar agora nas vossas mentes. Pode ser um empreendimento excitante, a lançar após o término deste livro, e podem começar já a preparação mental.

Será muito bom para a Jane lançar-se nesse projeto. Não posso sublinhar suficientemente a importância das sugestões que estou a apresentar esta noite.

Ela está agora bastante capaz de se dedicar de todo o coração, com toda a paixão, ao livro. E fazê-lo libertá-la-á automaticamente dos sintomas que ainda restam.

Felizmente, os seus períodos mais criativos estendem-se do final da primavera até ao outono.

Peçam-lhe que leia isto e que ponha em prática.

A vossa vida presente é como um livro que escrevem. As vossas ideias são as palavras e capítulos. O uso inteligente e focado da imaginação, como sugerido na psico-cibernética e em métodos semelhantes, proporciona um treino excelente – endireita o primeiro rascunho (*com humor*), evitando revisões desnecessárias.

Agora, por muitas razões, o vosso sucesso, tanto o teu como o da Jane, virá mais tarde na vida do que para aqueles que o alcançam enquanto jovens adultos. Está, portanto, à vossa frente. Mas será sólido. A natureza das vossas conquistas está intrinsecamente ligada ao momento em que são alcançadas.

A compreensão criativa é necessária. A qualidade da vossa realização exige uma compreensão incomum. Apesar dos erros cometidos, começaram a adquirir o conhecimento necessário, e todos os episódios das vossas vidas foram aproveitados para isso. As vossas habilidades criativas, entrando agora em plena floração, sustentar-vos-ão poderosamente até ao final das vossas vidas, servindo como o mesmo tipo de ímpeto que normalmente estimula os muito jovens.

Os principais problemas não permanecerão sem solução para voltar a erguer-se. Percebes?

("Sim.")

As ramificações do nosso trabalho serão muito maiores do que qualquer um de vocês imagina. É natural que o trabalho que tanto trará aos outros também vos sirva abundantemente. Caso contrário, seria impossível dedicar-lhe tanto tempo quanto será necessário no futuro.

O próprio trabalho também vos sustentará de outras formas. Quando os sintomas da Jane forem coisa do passado, vereis como eram insignificantes no contexto geral das vossas vidas. Têm muito mais sorte do que a maioria. A Jane recebeu talentos; foram-lhe concedidas capacidades, tanto no campo criativo.

O nosso trabalho deu-lhe um propósito adicional na vida. E deverá também mostrar-lhe como desfrutar a sua vida. Foram-lhe dados todos os meios. Estão literalmente no limiar. As sugestões que dei esta noite são muito importantes. Esta sessão não deve ser arquivada e esquecida.

Que se lembre: quando está totalmente envolvido a discutir o nosso trabalho ou a explicá-lo, ele mal se lembra dos seus sintomas – mesmo quando, em certos momentos, as suas atitudes podem não ser as melhores.

Poucos têm a oportunidade de usar as capacidades com que foram agraciados, de ajudar os outros e de encontrar um propósito tão abrangente para a sua existência.

Isto aplica-se a ambos.

Podes fazer uma pausa.

(*O transe da Jane era profundo. Ela comentou: "Ele está aqui muito forte esta noite. Sinto-me muito leve... E também tenho a sensação de que alguém está a impor a lei."*)

Agora. Não vos deixeis enganar pela simplicidade das sugestões que apresentei. Terão efeitos poderosos se forem seguidas. Serão inúteis se não forem.

A Jane tem dito isso frequentemente aos seus alunos. Permitam-me recordar-vos que devem aplicar o mesmo conselho a vós próprios. (*Pausa longa.*)

Não há razão agora para que os principais problemas não se dissipem. Sabem o que fazer e como fazê-lo. (*Pausa.*)

Continuem os vossos períodos de oração combinados. Enquanto o fazem, a Jane tem todas as outras funções do corpo – órgãos e mente – em excelente estado, cheios de vitalidade. Isto reforça automaticamente a atenção na saúde, que é o que pretendem.

Ela pode pensar assim: "Claro que sou saudável. Tenho uma excelente digestão, um coração forte. Sinto a vitalidade do universo a cada inspiração e expiração. O meu corpo funciona lindamente e nem sequer preciso de pensar nisso."

Isto garante que ela não se concentre inadvertidamente nos sintomas.

Esta será uma sessão breve, mas muito importante se não for simplesmente arquivada e esquecida, mas realmente posta em prática. Quero que esta

sessão seja separada para poder ser lida com facilidade. Devia até ser emoldurada e colocada na parede.

("Está bem." Na verdade, fiz uma cópia extra desta sessão para que a Jane pudesse fixá-la na sua estante de trabalho para fácil referência.)

Têm perguntas?

("Não. Vamos deixar esta sessão assim.")

Fizemos um bom trabalho esta semana. As várias autoimagens da Jane quase se fundiram numa só, numa boa imagem, e quero que ela veja isso como eficaz. Já lhe dei algumas imagens mentais que a ajudarão, e o Senhor Comissário (*nota: provavelmente uma brincadeira interna entre eles*) também lhe deu algumas durante a nossa conversa esta noite.

Desejo-vos, então, uma boa noite e espero que colham desta sessão todos os benefícios que ela pode trazer.

("Está bem, Seth. Obrigado e boa noite.")

IMPRESSÕES DA JANE PARA OS CROSSON
20 MAIO 1969

(França do século XIV... Academia de equitação... Vi um acidente de equitação junto a uma academia quando tinhas cerca de 14 anos... Ficaste retido, aleijado de alguma forma, durante alguns anos... Tinhas um irmão, e o irmão estava contigo no momento do acidente.)

(Vi uma estrutura de tijolo... não sei se era uma academia de equitação... tinha uma entrada muito ampla... relacionada com o acidente mencionado antes.)

(Tiveste uma vida breve como gémeos... Algumas divisões claras e definidas dentro de ti têm a ver com essa vida quando eras um de dois... um seguindo um caminho, e o outro outro... Um dos gémeos tinha uma forte inclinação para coisas militares... um soldado... A organização da igreja agora serve o mesmo propósito, creio... segurança dentro da organização... O gémeo que estava no meio militar encontrou o seu sentido de identidade como soldado dentro do sistema, mas tinha grande fé no sistema... no que estava a fazer... O outro gémeo era mais inclinado a algo como estadista... e era, de facto, um orador, embora tivesse outra

profissão... Incluía oratória para pessoas... Vocês dois tinham uma relação telepática muito forte... e desta vez a igreja forneceu o mesmo tipo de organização... De certa forma, ressentias-te do facto de este teu irmão gémeo ter essa organização na qual encontrava apoio e na qual se sentia tão integrado porque estava absolutamente certo dos objetivos e metas da organização e era um bom soldado dentro dela... e naquela altura invejavas-lhe essa segurança e esse sentido de identidade dentro do sistema em que ele acreditava. Desta vez, a parte oradora de ti ainda é forte no sentido de quereres ensinar e gostares de falar e discutir questões... mas também, ao mesmo tempo, querias o sentido de segurança que sentias que o outro irmão tinha... Também apanhaste o desejo dele de ir para a batalha, só que, neste caso, estás a usar a batalha para ideias pelas quais estás a lutar. O outro irmão estava a lutar pelo que a organização queria e servia bem a organização... Tu estás agora a lutar contra as coisas que a organização quer e sentes a divisão... Esta divisão está a trazer memórias subconscientemente, dessa vida passada onde havia essa divisão entre ti e o teu irmão.)

(Nome grego... Ostinatious... Também estou a receber 12 a.C.... Este seria o nome dele, não o do outro gémeo; isso porque ele tinha essa comunicação telepática com o seu gémeo, tem esse sentido de querer unidade dentro de si muito fortemente, ao mesmo tempo um sentido de estar dividido. Uma forte inclinação para avançar independentemente com as suas ideias, equilibrada pelo desejo de encontrar segurança dentro do sistema, e o medo de o deixar. Ele sente que a sua liberdade intelectual existe apenas enquanto for acolchoada pela sensação de segurança da organização... e que se se soltasse ficaria demasiado em pânico para ser um pensador independente, levando a um dilema... que tu atingiste pouco depois dos 30 nesta vida... Tu, Muriel, eras o irmão gémeo.)

DA SESSÃO 472
AULA DE PES
6 DE MAIO DE 1969

(*Notas da Jane a partir de* Murphy, *O Poder da Mente Subconsciente: "O poder do teu subconsciente é enorme. Inspira-te, revela-te nomes e factos e cenas do armazém da memória. Iniciou o teu batimento cardíaco, controla a circulação do teu sangue, regula a digestão, assimilação e*

eliminação. Quando comes um pedaço de pão, o teu subconsciente transmuta-o em tecido, músculo, osso e sangue. O teu subconsciente controla todos os processos e funções vitais do teu corpo. Nunca dorme nem descansa. Podes descobrir o poder fazedor de milagres do subconsciente declarando claramente à tua mente subconsciente, antes do sono, que desejas que determinada coisa específica seja realizada. Eis aqui, então, uma fonte de poder e sabedoria que te coloca em contacto com a omnipotência, ou o poder que move o mundo, guia os planetas no seu curso e faz o sol brilhar. A tua mente subconsciente é a fonte dos teus ideais, aspirações e impulsos altruístas.")

("Quaisquer pensamentos, crenças, opiniões, teorias ou dogmas que escrevas, graves ou impressiones na tua mente subconsciente… irás experimentá-los como a manifestação objetiva de circunstâncias, condições e eventos; o que escreves por dentro, experimentas por fora.")

("É uma verdade universal que tudo o que impressiones na tua mente subconsciente se expressa no ecrã do espaço como condição, experiência e evento. O pensamento é ação incipiente. A reação é uma resposta da tua mente subconsciente que corresponde à natureza do teu pensamento. A tua mente subconsciente pode ser comparada ao solo que pode fazer crescer todo o tipo de sementes, boas ou más. Cada pensamento é uma causa e cada condição um efeito.")

("Conforme semeias na tua mente subconsciente, assim colherás no teu corpo e no teu ambiente. Tudo o que a tua mente consciente assume e acredita ser verdade, a tua mente subconsciente aceitará e fará acontecer. Tudo o que pensas habitualmente afunda-se no subconsciente. O subconsciente é o assento das emoções e é uma mente criativa. Uma vez que o subconsciente aceita uma ideia, começa a executá-la. Tudo o que sentes ser verdadeiro, o teu subconsciente aceitará e fará emergir na experiência.")

(*Seth:*) Quando ele (*TM*) receber a borla de ouro, eu prendê-la-ei nele. O meu amigo Ruburt tem estado, no entanto, correto, e precisamos de um navio mais apertado! E eu vou assegurar-me de que o teremos. Não vos vejo as caras de festa — tinham-nas posto há pouco. Podem cantar "parabéns" para mim — eu dar-vos-ei uma lista dos meus aniversários e podem fazer uma festa em cada aula.

Agora, só estou a falar porque muitos de vós souberam que eu estava aqui. E ficaria mal a mim não vos dar as boas-vindas quando sentiram a minha presença. Mas, em muitas das vossas discussões, houve apenas pensamento de superfície e sentimentos de superfície… e nós não caminhamos à superfície nesta aula. Eu empurraria as vossas cabeças coletiva e individualmente para baixo… pois ainda não compreendem que criam a vossa realidade física! Erguem os vossos blocos e empurram-nos para a superfície da terra. Não podem resolver os problemas do vosso

mundo a um nível de superfície. Se pudessem, tê-lo-íeis feito há séculos. Têm de sair da vossa perspetiva presente para conseguirem ver claramente o vosso mundo. Aqui não é para se esconderem dentro do armário da tridimensionalidade e clamarem: "Está escuro e não consigo ver!" e recusarem usar a luz interior que, só ela, pode ajudar a vossa visão.

SESSÃO 481
12 DE MAIO DE 1969

(*Em baixo, o Seth discute uma experiência de projeção da Jane na sexta-feira, 9 de maio, que envolveu a perceção por parte dela da minha presença astral no apartamento, embora eu estivesse a trabalhar na Artistic Card Company nesse dia.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. A experiência do Ruburt envolvendo-te foi perfeitamente legítima, embora não estivesses conscientemente ciente das tuas atividades.

(*A Jane tem o seu próprio conjunto completo de notas sobre a experiência.*)

Ainda assim, foste em grande parte responsável pelo encontro tal como teve lugar. Estavas a pensar, tanto consciente como subconscientemente, na consulta do Ruburt no dentista. Querias dar-lhe confiança e tranquilizá-lo. Isto funcionou como um impulso emocional.

O Ruburt estava a trabalhar e, sem o perceber, estava telepaticamente ciente da tua presença emocional. Foi isso que lhe deu a ideia de uma experiência de projeção nessa manhã. Ele queria ver se conseguia tornar-se ciente da tua forma.

Tu não querias projetar, per se. Querias estar aqui para oferecer tranquilização. O desejo trouxe-te cá. A tua mente consciente estava totalmente ocupada com as tuas atividades, dando livre curso ao eu interior. Do mesmo modo, viajas por outras realidades sem estares ciente das tuas viagens. Nenhum de vocês ficou assustado, por causa do ambiente familiar, e estavam invulgarmente livres para expressar os vossos sentimentos um pelo outro, libertos das restrições do tempo.

Percebeste de forma normal, o que te deve dizer que a perceção não depende da imagem física. Tinhas plena consciência da tua relação. Ambos tendes viajado juntos desta forma muitas vezes a partir do estado de sonho, sem o vosso conhecimento. Não há razão para não poderem tentar tais experiências, tentando projetar ao mesmo tempo.

Se tentares fazê-lo a partir de um estado de sonho, então tens de reservar duas horas e meia, pois a primeira parte será usada como

preliminares. Podem também dar a vós próprios tais sugestões antes de dormir. Poderiam começar por marcar um encontro um com o outro, digamos às três da manhã, na sala de estar.

Sentir-te-ias mais confortável se as tuas viagens iniciais fossem dentro do apartamento. Dormes mais profundamente, por norma, do que o Ruburt; por isso tens de te certificar de que dás a ti mesmo a sugestão de acordar e recordar. Também te pode ajudar colocar um objeto a que estejas fortemente ligado na sala de estar. Impressiona-te com a ideia de que queres levantar-te e ir buscá-lo.

Para os teus próprios fins, uma pintura por acabar no teu cavalete ajudaria a projetar-te para o teu estúdio, pois quererias, psiquicamente, voltar para a estudar. Na verdade, já o fizeste muitas vezes, embora não te lembres. No entanto, seria vantajoso tentarem algumas experiências juntos. Além disso, viajando os dois juntos, poderiam ajudar-se mutuamente a manter a consciência e o propósito adequados durante a projeção. Se o Ruburt souber que está a projetar, deve tentar lembrar-se de ti e despertar-te astralmente.

Ele pode ser-te de grande ajuda aqui quando aprender a recordar. Podem também sugerir sonhos em que voam num avião, e dizer a si mesmos que acordarão para projetar. Saberás que o avião é uma imagem de sonho, mas conseguirás mantê-la para tua conveniência, de modo a não temer a queda.

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Em tais casos, estás a retirar as tuas capacidades percetivas do corpo físico. Parecer-te-ão operar como de costume, mas são mais vívidas e de maior alcance. Os teus pensamentos adquirem instantaneamente uma forma que então consegues perceber. Se pensares num cão, por exemplo, de forma totalmente inconsciente formas a imagem de um cão, que de facto percebes.

É por causa desta criação e projeção instantâneas da realidade interior em forma que experimentas o tempo dentro do sistema físico — para te treinar, literalmente, para te dar tempo para aprenderes a lidar com as tuas próprias criações. Por conseguinte, as experiências de projeção só devem ser empreendidas quando estás num estado de espírito pacífico, como o Ruburt deveria saber depois da sua experiência com a criatura.

Agora, existem, entre aspas, realidades "objetivas" que existem dentro da própria realidade astral.

Ou seja, há mais do que as tuas formas-pensamento. As tuas formas-pensamento, no entanto, podem ser usadas como auxiliares definidos quando estás na condição mental adequada, e podem dificultar o teu progresso se não estiveres. Na realidade física, um homem em estado de espírito desesperado está mais propenso a realçar aspetos horríveis nas notícias, por exemplo, e a ver desespero em vez de alegria nas faces daqueles que encontra. Ignorará a criança satisfeita e brincalhona de um

lado da rua e notará, em vez disso, um rapaz sujo e esfarrapado, mesmo que esteja mais longe. Assim, o teu estado de espírito quando projetas determinará em grande medida o tipo de experiências que terás e os ambientes que visitarás.

Podes fazer a tua pausa.

(*9:45–10:00.*)

Agora. A intensidade original por trás da construção determina a duração da sua existência, nos teus termos, mais do que o tempo decorrido. Percebes-me?

("Sim." *Durante a pausa eu tinha-me perguntado, por exemplo, quanto tempo levaria a suplantar um hábito negativo que existira, digamos, durante dez anos, por um positivo.*)

Deixada por si, qualquer construção dessas acabará por desaparecer. Deixará, no entanto, um rasto. Isto não significa necessariamente que deixará um rasto na tua consciência. Um rasto na realidade eletromagnética, onde pode então ser ativado por qualquer pessoa quando certas condições são satisfeitas, ou são favoráveis.

Negar energia a uma tal construção pode ser como picar um balão. Pode desintegrar-se instantaneamente, esvaziar-se. A picada, porém, é comparável a uma negação consciente e subconsciente da validade da construção. Depois, toda a atenção deve ser retirada dela, pois ela alimenta-se da atenção.

Para a substituir por uma nova construção, é boa ideia sugerir que a antiga construção de facto desapareceu e, no seu lugar, está a ser construída uma nova, mais aceitável. Aqui pode usar-se simbolismo. O exercício mental seguinte é dos mais eficazes. Pode ser variado conforme o teu interesse.

Na tua mente, imagina uma casa degradada, miserável, em ruína, com soalhos apodrecidos e alpendres a abater. Depois imagina que é queimada até ao chão e os escombros restantes carregados para fora e queimados. Imagina a terra agora livre por baixo, aberta à bênção do vento, da chuva e do sol. Depois imagina que ali é construída uma casa nova, ao teu gosto, com materiais todos novos, de esplêndido desenho, e vê isto sempre na tua mente onde antes vias a imagem anterior.

Imagina os ventos de verão que sopram sobre a terra, que agora enchem o interior da casa com ar perfumado. Deixa que a primeira casa represente todas as ideias ou construções negativas, e a casa nova represente as ideias ou construções desejadas. Tem, no entanto, firmemente na mente a que ideias isto se refere, especificamente.

O primeiro objeto tem de ser visto como completamente destruído e a área limpa antes de o novo objeto ser imaginado no seu lugar. O primeiro objeto deve ser deliberadamente destruído. Que alívio vê-lo desaparecer. O simbolismo ajudará a ativar as forças necessárias em qualquer substituição

de ideias. Qualquer objeto que vejas pode ser usado em vez da casa. Percebes-me?

("Sim.")

Se o exercício for feito corretamente, é literalmente impossível a ideia antiga obter qualquer energia para a sua continuação, e a tua atenção é direcionada para o fim desejado. No entanto, o objeto deve ser algo que possas visualizar com facilidade. Se tiveres dificuldade em imaginar a destruição deliberada do objeto negativo, isso é apenas um sinal do domínio que ele tem. Podes então, em alternativa, imaginar a sua destruição por um ato da natureza. A casa a ser atingida por um raio, por exemplo. Se for esse o caso, então o exercício deve ser continuado até imaginares tu próprio decidires e provocares a destruição e a substituição.

Se ainda não estás pronto para incendiar a estrutura em si, imaginativamente, então não estás preparado para te livrares do comportamento negativo, percebes? A destruição simbólica é a destruição real. A criação simbólica é a criação real. Tais exercícios, no entanto, reduzirão o tempo físico envolvido.

Agora, não há dúvida de que causas o teu ambiente de sonho tal como causas o teu ambiente físico. Como te disse, padrões negativos de pensamento refletem-se em ambos os estados. A sugestão adequada antes do sono pode, então, trabalhar duplamente a teu favor, pois estás a manter a tua posição em dois mundos ao mesmo tempo.

O mesmo exercício pode ser feito enquanto sonhas, percebes?

Isto é inteiramente diferente da tentativa do Ruburt com a sua criatura, pois ele estava a tentar formar uma criatura maligna, nesses termos, para abater — uma coisa consciente da sua própria maldade, nesses termos — e isso é sempre perigoso. Vês a diferença?

("Sim.")

(Agora podes fazer a tua pausa. Ou, se tiveres uma pergunta, coloca-ma.)

("Vamos fazer a pausa.")

(10:25–10:37.)

De um modo muito real, todas as condições existem na tua mente. A quantidade de pensamento consciente dada a qualquer construção reforça-a, obviamente. O Ruburt tornou-se escritor porque pensava constantemente em ser escritor. Ficou doente, em termos gerais, pela mesma razão.

Se um desejo de saúde conduz a uma ênfase nos sintomas a superar, estarias melhor se evitasses todos os pensamentos de saúde ou doença e te concentrasses noutra direção, como o trabalho. Isto aplica-se independentemente do fim desejado, seja riqueza, fama, e por aí fora. Uma tal ênfase pode levar a um foco nos obstáculos que se interpõem no caminho. Isso reforça a condição negativa.

A confiança é extremamente importante. Levará a mais confiança e, por si, apaga o medo que causa a maioria das condições negativas. No exercício, vês, a casa pode simplesmente representar o medo, como método terapêutico básico, e a casa nova a confiança.

Enquanto o Ruburt diz a si mesmo que é fraco ou doente, leva o organismo a comportar-se dessa maneira. Sonhos de saúde são de grande benefício. Pode dizer a si mesmo que o seu eu de sonho se torna a sua imagem física. Ele sabe que o seu eu de sonho é real. (*Pausa longa.*)

A energia de qualquer construção pode ser enfraquecida se for contrariada por outra força energética forte. O desejo de trabalhar bem, mantido com entusiasmo e emoção, pode compensar, por exemplo, uma má saúde. Não precisas do oposto direto. Percebes-me?

("Sim.")

— mas de algo de intensidade igual ou superior. O orgulho feminino, no caso do Ruburt, é uma ajuda, por exemplo. (*Pausa longa.*) Outros elementos entram também em jogo. À medida que o teu ambiente interior muda, começas igualmente a atrair outras pessoas. Começarás, por exemplo, a atrair pessoas que queiram comprar quadros. Há um efeito de bola de neve — uma aceleração — que é bastante evidente assim que a primeira base esteja lançada.

Primeiro estás a limpar detritos negativos, percebes, e a inverter uma tendência. Quando os resultados aparecem, parecem mágicos.

Agora vou terminar a nossa sessão, a menos que tenhas perguntas.

("Creio que não." Pausa. Perguntei, em tom de humor, depois de esperar para ver se a Jane saía do transe: "Ouvistes o que eu disse mais cedo esta noite, sobre voltar a fazer crescer dentes?")

Se queres assim tanto dentes novos, podes fazê-los crescer. No teu lugar, eu concentrar-me-ia no uso fácil das minhas capacidades, em vez da minha dentada.

Uma afetuosa boa noite para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(*10:55.*)

(*As sessões privadas seguintes foram suprimidas deste Livro 9, o último desta série de* The Early Sessions. *Com exceção da Sessão 494, no entanto, essas sessões serão apresentadas na série* The Personal Sessions *que a New Awareness Network começará em breve a publicar. Ver a minha nota sobre* The Personal Sessions *no prefácio deste livro:*)

473 — 7 de abril de 1969
474 — 9 de abril de 1969
475 — 14 de abril de 1969
476 — 16 de abril de 1969
477 — 21 de abril de 1969
478 — 28 de abril de 1969

479 — 30 de abril de 1969
480 — 7 de maio de 1969
490 — 25 de junho de 1969
494 — Sem cópia disponível

SESSÃO 482
19 DE MAIO DE 1969

(*Não houve sessão na quarta-feira, 14 de maio. John Bradley foi visitante.*)

(*No domingo, 18 de maio, o John Pitre telefonou à Jane de Franklin, Louisiana, e pediu que o Seth fizesse uma sessão para a esposa dele, a Peg; ela está no hospital, em mau estado, com distrofia muscular. O John disse à Jane que "poderá ser uma questão de horas" etc., e perguntou se o Seth poderia dar alguns dados sobre as atividades psíquicas da Peg no momento, se ela seria ajudada após o falecimento físico, etc.*)

(*Na noite passada, a Jane teve dificuldade em dormir. Esteve fora do corpo com frequência, disse, e em pelo menos uma ocasião deu-se conta da minha própria presença astral com ela. A Jane recordou pelo menos três episódios de viagem astral. Teve experiências envolvendo caixões, morte, etc., mas disse que esses episódios estavam separados no tempo, sendo pelo menos um deles bastante antigo. A Jane disse que tinha consciência de querer contactar a esposa do John, a Peg, durante essas viagens, sem que a experiência fosse "desagradável" para nenhuma delas…*)

(*Sobre o John e a Peg, ver as sessões 394, 416, 441, etc.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Apenas alguns comentários acerca do Ruburt. No geral, ele portou-se bem na sexta-feira.

(*Quando a Jane passou o dia com a minha mãe em Sayre, PA, em 16 de maio.*)

Alguns dias antes, sabendo que tinha progredido, deixou de fazer os exercícios de psico-cibernética, no entanto, e estes são uma forma excelente e agradável de focar a energia consciente em direções construtivas. Com ele, isto é oração ativa e um dispositivo de treino definido. Como envolve pouco tempo, vinte minutos, isto deve ser continuado.

Teriam surgido todo o tipo de complicações como resultado do episódio de sexta-feira se não fosse pelas vossas atividades de oração

combinadas e pela nova compreensão. Cometeu alguns erros. Foram tão pequenos em proporção ao seu êxito que os deve esquecer. E portou-se muito bem, diz-lhe, no encontro com o Sr. Fisher, e com os amigos da tua mãe no quarto do hospital.

Deve lembrar-se de reconhecer o ressentimento quando o sentir e depois perceber que o ressentimento pode ser descartado, pode cair dele. O reconhecimento inicial tem, no entanto, de ser feito. Depois, faz com que ele imagine arrancar o ressentimento pela raiz e substituí-lo por um sentimento positivo. Mas tem de imaginar o processo de arrancar.

(*Eu falhei no que toca ao episódio de sexta-feira, não percebendo que poderia ter consequências psíquicas para a Jane. Foi ela própria que sugeriu a ideia de eu a levar a Sayre durante o dia, para poder ir ao hospital com a minha mãe, enquanto eu voltava ao trabalho na Artistic Card Company, em Elmira. Voltei a Sayre à hora do jantar. Jantámos lá com a minha mãe e depois trouxe a Jane de volta a casa. Poderiam ter sido feitos outros arranjos para levar a minha mãe ao hospital e, no futuro, assim será.*)

Agora, esta é a diferença entre repressão e ação positiva. Na repressão, o ressentimento é empurrado para baixo e ignorado. Com o nosso método, é reconhecido, arrancado imaginativamente por ser indesejável e substituído pelo pensamento de paz e de energia construtiva.

O trabalho no livro vai agora avançar. A poesia da semana passada serviu para renovar as energias criativas dele, e o compromisso com o livro e com o nosso trabalho, e com as vossas atividades de oração. Encontrareis de facto êxito nos esforços de saúde. A energia dada em compromisso roubará os sintomas. Não haverá lugar para eles.

Para tua própria edificação: espero que tenhas visto a melhoria crescente desde que as atividades de oração começaram.

("Bem, ele reduziu-as para quatro dias por semana.")

(Pausa.) Não te ouvi.

(Repeti o meu comentário. Tinha em mente que agora já não fazíamos sessões de oração às sextas, sábados ou domingos.)

Havia uma razão, de que ele pode estar consciente ou não. Quando começou a reduzi-las foi por causa de erros que cometera: um excesso de ênfase, uma preocupação, de modo que se estava a observar demasiado de perto.

Tinha tendência, no fim da semana, durante o período de oração, a ficar demasiado ansioso à procura de sinais, e deu por si a concentrar-se nos sintomas que ainda permaneciam. No entanto, venceu isto e também variou a sua técnica de oração com vantagem.

Os períodos podem agora ser retomados, como planeaste. Notaste a melhoria desde que começaram o período de oração?

("Sim.")

Eu já te disse algumas delas. Não deverias precisar que eu to dissesse. Agora, dá-nos um momento. (*Pausa.*) Tens perguntas sobre a nossa discussão atual?

("Não.")

O seguinte é para o nosso amigo. A esposa dele já estabeleceu contactos noutra realidade. Alguns incluem amigos e relações de outras vidas. Uns poucos são pessoas com quem ela parecia estar superficialmente ligada nesta vida, mas os encontros proporcionaram um apoio emocional profundo que não era óbvio.

Há aqui ligada uma Sonja a este respeito, apenas uma rapariga que ela conheceu no oitavo ou nono ano, brevemente. O apelido começava por M e era algo como Monshard.

(*Minha interpretação fonética.*)

Problema na base do pescoço.

Uma tia Nellie. Agora, esta tia Nellie pode ter morrido em 1936, mas a data, em qualquer caso, está estreitamente ligada a ela.

Isto são simplesmente fragmentos de informação que foram peneirados pela mente da Peggy enquanto ela revê memórias… Qualquer coisa sobre ter-se destacado numa aula de dicção, ou numa peça, na escola primária. Por volta do sexto ano. Algo que a agradou muito — a sua atuação — pode ter sido apenas uma ocasião em que recitou bem, mas ela sorri por isso.

(*A Jane gesticulou agora para a garganta e a gola.*) Uma ligação com um ferro de engomar e as golas dos seus vestidos a serem passadas a ferro. É uma pequena gola branca. Qualquer coisa como "John, esquece a miséria", e, ao que parece, a palavra *peppy*.

("Como se soletra?")

Não sei se isto se refere a um nome, ou se era uma maneira que ela tinha de pronunciar a palavra *peppy*, como cheia de *pep*.

Agora, estas são imagens avulsas da mente dela. Um recital. Agora, N O R… Qualquer coisa sobre um anel no dedo dela, ou no dedo do John, e a inicial A, creio, ligada ao anel.

"Tudo valeu a pena." (*Pausa.*) Victoria, o lugar. "Quando dançámos uma noite eu tinha dor de cabeça — lembras-te?

"Numa manhã de Natal picaste-me o pescoço com um alfinete, a tentar arranjar o meu vestido."

Agora, uma Anna está à espera dela, e um Steve K.

("A letra K?")

Sim. (*Pausa.*)

Ela já anda a correr por onde está agora, e a rir, mas não quer que ele fique pesaroso. Está a recolher as suas memórias e a pô-las em ordem. Ri-se e diz: "É como baralhar letras do alfabeto e tentar segurá-las num lenço

aberto.” Tem-nas todas. Está a tentar deixá-las arrumadas, por isso é difícil dizer-lhe as coisas com clareza, agora, mas não está preocupada.

Parece haver algo sobre um médico. Não consigo obter isto com clareza através dela. O nome parece ser algo como Mesh, ou o início do nome. Qualquer coisa sobre os olhos dele, ou que ela quer que o John repare, ou que ela reparou. Um dos olhos olha para outra direção?

Ela diz: “Ele diz que vai manter um olho em cima de mim”, e ri-se. Brinca e diz que não quer outro olho em cima dela.

Dá-nos um momento. A minha atenção parece atraída para a gaveta de baixo de uma cómoda, de madeira escura antes clara. Parece ter roupa, mas com uma parte do fundo da gaveta a aparecer entre peças, e, algures lá, um pequeno caderno de notas de algum tipo, ou fotografias que lhe significam muito.

Apanho aqui uma grande letra P que não compreendo. A cómoda parece ser alta antes que baixa. Talvez com gavetas divididas no topo. Qualquer coisa sobre um pequeno calendário. Pode estar assente no topo da cómoda. Não tenho a certeza.

Qualquer coisa sobre uma festa. Ela diz: “Levaste-me mesmo a dar uma volta.” A letra A aqui. A festa em casa de uma rapariga. O A pode ser de Anita. Ela diz: “Que bem que atas laços no meu cabelo.” (*Pausa longa.*)

Acho que ela usa a expressão: “O Menino Jesus sabe que fizemos o nosso melhor.

“Havia uma fonte com uma maçã — lembras-te?” (*Pausa longa.*) Qualquer coisa sobre um missal ou livro de orações, com datas, preto, e uma ligação com um avô.

É melhor fazeres a tua pausa.

(*9:50. A sessão começara às 21:00. Os olhos da Jane estavam pesados quando saiu do transe. Disse-me que “conseguia mais ou menos ver” a gaveta de uma cómoda enquanto o Seth dava os dados relacionados. Acrescentou agora que, embora o Seth não o tivesse dito, a cómoda estava encostada à parede sul do sítio deles, “como a parede sul do nosso apartamento aqui, à minha esquerda”, disse a Jane.*)

(*Retoma às 10:00.*)

Agora. A informação que te dei obtive-a a partir de uma certa parte da consciência da rapariga. Memórias, pensamentos e ideias desconexos.

A realidade dela como um todo é muito maior, e ela está a esforçar-se por colocar estas memórias no lugar, em perspetiva, como colocarias mobiliário numa casa nova. O tempo, tal como o pensas, tem pouco significado para ela. Poderias comparar os diferentes conceitos de tempo deste modo:

Na tua dimensão, é como se os eventos, os eventos lembrados, fossem como peças de mobiliário, todas arrumadas numa divisão, numa dada ordem. Vivendo na divisão, consegues orientar-te facilmente entre as peças

de mobiliário. Depois, mudas-te para uma divisão muito maior e de tipo diferente e, aqui, o mobiliário pode ser disposto de qualquer maneira — arrumado e rearrumado a teu bel-prazer, e podes formar dele diferentes combinações e usá-lo para diferentes propósitos. Assim, a Peg está a rearrumar o mobiliário da sua mente; e, como poderias visitar uma nova residência e levar alguns dos teus pertences para ela antes de oficialmente a tornares tua, assim ela, há já algum tempo, tem vindo a examinar o seu novo ambiente, e tem estado no processo de transferir o seu eu para a nova localização.

Tem havido guias para a ajudar. Mal dará por ter-se mudado por completo, pois sentir-se-á tão em casa. No caso dela, tem formado imagens de memória da sua infância e entrado nelas, e de dias anteriores à doença física, e teve ajuda nesses esforços. Está a aprender que eventos que parecem estar no passado podem ser recriados. Não imagina que é uma criança. Está a desfrutar a liberdade de revisitar e voltar a experienciar certos eventos. Isto é também uma espécie de terapia espiritual no caso dela, para que perca a identificação com a doença e não a leve consigo.

Mencionei que ela estava a resolver muitos problemas nesta que é a última reencarnação dentro do vosso sistema, e brevemente começarão períodos de treino. Será agora a vez dela de ajudar outros e ser a fonte da sua força. Já começou, portanto, uma nova vida, embora atualmente a sua experiência esteja, até certo ponto, a ser monitorizada por guias.

Ela vê-se apoiada, num sentido religioso, por figuras convencionais da Bíblia. Essas personalidades explicar-lhe-ão a natureza da realidade num vocabulário que faça sentido para ela. Ela resolveu os problemas que colocou e fez emergir no marido compaixão e compreensão — qualidades que muito ajudam no desenvolvimento dele.

(*Pausa.*)

Apareci-lhe como um John dos Discípulos muito gentil e falei com ela. Isto não é artifício, mas um método de auxílio que ela pode aceitar. Não é invulgar que aqueles que tentam ajudar assumam tais formas e imagens reconfortantes. Este é um período de nova aprendizagem para ela.

Tu já tens um caminho preparado para ti. Já abriste brechas muito antes do momento da morte física. Só o ego é, usualmente, inconsciente destas atividades. O John tem estado ele próprio com ela no estado de sono, e não se lembra.

Ela está habituada ao movimento agora, e no passado. Ao regressar ao corpo ficaria confusa com o comportamento do corpo. Dá-nos um momento. Quando a transição estiver concluída para ela e estiver plenamente organizada, poderá visitar o John, mas também estará envolvida em períodos de treino seus, bastante intensivos, e estará mais viva do que nunca.

Ela diz: “Vai ser divertido voltar a aprender.”

Agora podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

("Vamos fazer a pausa.")

(*10:30. O transe da Jane foi profundo. Quando saiu dele mencionei várias perguntas que me ocorreram durante a entrega anterior, e que pensei que o John gostaria de ver respondidas se estivesse presente. O Seth passou a responder às perguntas após o fim da pausa, às 10:43.*)

Agora. O corpo novo não é, claro, corpo novo nenhum, mas simplesmente um corpo não físico nos vossos termos, aquele que usas em projeções astrais, aquele que dá vitalidade e força ao corpo físico que conheces.

A tua carne está embebida nele. Quando deixas o corpo físico, o outro corpo é-te tão real quanto esse, e parece-te tão físico, embora tenha muitas mais liberdades. Podes fazer com ele coisas que não podes fazer com o corpo físico, por exemplo.

A Peg está encantada com este corpo, particularmente ao compará-lo com o físico. Está a tentar cortar qualquer identificação com o corpo físico, esteja ele vivo ou morto nos vossos termos.

O John deve dizer-lhe que ela é livre para partir, e que ele, com alegria, lhe dá a liberdade, para que, mesmo após a morte, ela não sinta que tem de permanecer junto dele. Ela sabe agora com certeza que se reunirão, mas sabe que ele não pode estar tão consciente disso como ela está. Está também, porém, ciente das suas relações anteriores, embora toda esta informação ainda não lhe esteja clara. Assim, ela vê-o como o eu que ele conhece e também como as pessoas que ele tem sido, e já o olha com novos olhos.

A menos que tenhas perguntas, terminarei a sessão.

("Então creio que não." A Jane estava a ficar cansada.)

("Sim. Boa noite, Seth, e obrigado.")

(*10:55. Desta vez a Jane estivera "muito longe"; demorou algum tempo a sair completamente do transe, etc. Enviaremos uma cópia da sessão ao John Pitre.*)

DA SESSÃO 483
NOTAS DA AULA DE PES
20 DE MAIO DE 1969

(*Reverendo James Crosson e esposa, Muriel, convidados.*)

(*A Jane apresentou o Jim como "baterista de rock". A sua presença foi avançada como possível razão para a tranquilidade da aula.*)

(*Seth:*) — e eu pensei que estavam a portar-se bem porque eu estava aqui. Terei de aprender a ser um Reverendo Baterista de Rock — e vou manter o ritmo contigo.

Agora, dou-te as boas-vindas. Eles não estão no seu melhor esta noite porque tu és ministro e estão assustados.

Ele parece-me um cavalheiro muito simpático. Não precisam de se sentir tão intimidados.

A Nossa Senhora de Veneza, ali, está cheia de perguntas que te gostaria de fazer. As perguntas caem-lhe da mente, de facto, como blocos pesados. E, no entanto, não as fizeste. Ele é uma boa pessoa para te responder. E tem respostas para elas.

Ora, temos andado a deslizar outra vez. A Nossa Senhora de Veneza fez algum progresso, pois desde que te falei pela última vez, finalmente levaste-me a sério. Esperava mais de ti… e vais surpreender-te. Estou a falar com o nosso jovem comerciante de Veneza, ali.

O nosso outro amigo está a brincar com as muletas… atirando-as ao ar um pouco… ensaiando um dois-passos sem elas. Mas precisamos de mais do que isso. Tens o livro um do material. Digo-te que essa informação é prática. Podes pô-la em uso. Lisonjeia-me que a apanhes e a espreites de vez em quando. Podes mandá-la encadernar a ouro ou em couro e guardá-la como recordação. Mas pouco te servirá a não ser que a uses. Tens de te tornar mais consciente dos teus eus interiores… Eles não são assim tão horríveis. Ainda receias, como a nossa Senhora de Veneza, que haja uma porta de cave… uma porta de cave da tua mente — do teu eu interior. E, se a abrires, todo o tipo de demónios vai emergir. E, se houver anjos, os demónios devorá-los-ão antes que os possas ver.

Em vez disso, digo-te, como já te disse antes, que és mais do que sabes. E cabe-te a ti encontrar a tua própria realidade. Eu não ta posso dar. Posso apontar-te a direção… mas a experiência é pessoal e a experiência é subjetiva, e a viagem é uma que tens de fazer, e que tens de fazer sozinho. Eu não a posso fazer por ti. Tenho as minhas próprias viagens a fazer… e atalhos aqui. E quaisquer problemas que tenhas, eu já os tive… por isso olha para mim e sabe quão indestrutível és!

Digo-te agora — e para bem dos nossos convidados — que a morte não é carrancuda e não é morte. Dás simplesmente um passo de gigante em frente. E, como os meus amigos sabem que o farei, digo-vos que toda a

vitalidade ressoa… e ressoa através desta armação e ressoa através da vossa própria armação… e é despreocupada… e é jubilosa… e não conhece sisudez… Como sabes, é algo leve e bem-disposto.

A consciência deixada a si mesma é como abril deixado a si mesmo. Sois vós que projetais desastres para o mês de abril… sempre que ocorrem desastres. E sois vós que projetais desastres para a consciência quando esses desastres ocorrem.

Eu uso o corpo do Ruburt com a sua permissão porque ele é meu amigo. Vós usais os vossos próprios corpos… são os veículos que vestis. Como diria o Ruburt, são os fatos espaciais que envergam para habitar a vossa terra. Eles não são vocês… vós usai-los… usai-os com alegria, de bom grado e bem, mas não vos identifiqueis com eles, pois não são vocês. Usei e descartei mais corpos do que desejaria contar. E, se eu tivesse realmente morrido com sequer um desses corpos, não vos estaria a falar agora… e vós não estaríeis sentados ao meu lado. Pois também vós já falastes com muitas línguas. Mas, de novo, vir aqui uma vez por semana pode ajudar-vos a encontrar-vos… pode apontar-vos a direção certa… mas só vos encontrareis quando viajardes para dentro.

E, ao falar em viajar para dentro, não quero dizer uma ida rápida e apressada e apologética às memórias de infância. Não quero dizer uma tentativa de descobrir porque é que tens medo de aranhas ou tens furúnculos no braço. Falo de uma viagem mais extensa. E todos vós sabeis a que me refiro. Abram os portões da vossa consciência enquanto dormem! Sabem que são mais do que aquilo a que chamam o vosso Eu consciente. Mas deveriam sabê-lo pela experiência! Abram as barreiras nas vossas vidas diárias… saiam do eu que conhecem — e resolverão as vossas dificuldades! Irão resolvê-las e saberão que o fizeram. Saberão que a capacidade está dentro de vós e que a usaram — então podem bater-me na cabeça com as vossas muletas e eu rirei!

Vou deixar-vos voltar ao vosso diálogo social.

Podem fazer-me quaisquer perguntas que queiram. Não garanto que as responda todas. Mas responderei a algumas.

(*[Jim Crosson:] "Quando deixamos o corpo físico, para onde vamos?"*)

Vais para onde queres ir. Agora. Quando a tua mente desperta, consciente, habitual, é apaziguada como no estado de sono, viajas por outras dimensões. Já estás a ter experiências dentro dessas outras dimensões. Estás a preparar o teu próprio caminho. Quando morres, vais para essas vias que preparaste. Existem vários períodos de treino que variam de acordo com o indivíduo.

Tens de compreender a natureza da realidade antes de a manipulares de forma inteligente e adequada. Neste ambiente e na realidade física, estás a aprender… supostamente a aprender… que os teus pensamentos têm

realidade e que crias a realidade que conheces. Quando deixas esta dimensão, então concentras-te no conhecimento que adquiriste. Se ainda não percebes que crias a realidade que conheces, então regressas e, de novo, aprendes a manipular e, de novo e de novo, vês os resultados da tua própria realidade interior quando a encontras objetivada. Ensinas a ti mesmo a lição até a aprenderes. E, quando a aprendeste, então começaste a aprender como lidar, de modo inteligente e apropriado, com a consciência que é tua. E então podes formar imagens em benefício de outros e guiá-los e conduzi-los. E então podes continuar, podes continuar a alargar o âmbito do teu entendimento e da tua consciência… e, ao fazê-lo, assumes uma consciência mais clara da tua responsabilidade. E a tua responsabilidade não é difícil de entender.

(*[Jim Crosson:] "O que determina o tempo entre reencarnações?"*)

Tu. Se estás muito cansado, então descansas. Se és sábio, tiras tempo para digerir o teu conhecimento e planear a tua próxima vida, vês?, tal como um escritor planeia o seu próximo livro. Se tens demasiados laços com esta realidade e se és demasiado impaciente, e se não aprendeste o suficiente, então poderás regressar demasiado depressa.

Cabe sempre ao indivíduo. Não há predestinação. E não há ninguém que te diga o que deves fazer. As respostas estão dentro de ti, então como estão dentro de ti agora.

(*[Jim Crosson:] "Como descobres essas respostas por ti mesmo?"*)

Ora, há muitos caminhos… mas apenas um caminho real. E o caminho é começar a viagem, como o Ruburt vos disse, à natureza da vossa própria consciência, pois as respostas estão dentro de vós e não fora de vós… e ninguém vos pode dar as respostas. Agora, de um modo, cada indivíduo encontrará a sua própria resposta… e, no entanto, todas as respostas, de outro modo, são uma.

Deves tentar esquecer, por um período de tempo todos os dias, o eu em que pensas como tu mesmo… as pretensões de adulto, as grandezas de adulto. Deves lembrar a espontaneidade da infância. Deves pensar na liberdade que está dentro de uma flor. Agora, parece-te que uma flor não se pode mover e, portanto, não tem liberdade. E, no entanto, digo-te: deves pensar na liberdade de uma flor.

Deves dissociar-te da pessoa que conheces. Fecha os olhos. Imagina o que quiseres que te seja agradável. Não faz diferença o que seja. Depois imagina-te a separar-te de ti mesmo da maneira que escolheres. E então imagina que, à tua volta, há outra dimensão e que apenas precisas de dar um passo de cada vez… e encontrarás as tuas respostas. Só tens de começar. Há uma aventura, e está dentro de ti. E há respostas, e estão dentro de ti… e podes encontrá-las. Agora. Tens mais perguntas?

(*[Jim Crosson:] "Como desenvolves o poder de cura espiritual?"*)

Já tens o poder de cura espiritual. Queres saber como usá-lo. Agora, usas-lo quer saibas que o fazes, quer não. Quando pensas pensamentos de paz e vitalidade, e quando desejas o bem a um homem, então ajudas a curá-lo.

Agora, para direcionar esse poder conscientemente, tens de te habituar outra vez à sensação da tua própria experiência subjetiva… para que consigas perceber, subjetivamente, quando essa energia te atravessa e se projeta para fora. Podes usar a imaginação e imaginar, talvez, que seguras uma seta e queres direcioná-la para um local adequado. Mas, com prática, há um saber subjetivo que reconhecerás e compreenderás. Contudo, usas a capacidade quer te apercebas disso quer não. És um curador, quer tenhas consciência disso quer não.

Agora. Tenho algumas perguntas. É mais difícil para mim formular perguntas do que respondê-las. A minha pergunta é esta… e não precisas de a responder agora. Não precisas de a responder em momento algum, para mim… É uma pergunta para ti mesmo: Não serias mais livre para prosseguir o teu trabalho fora da moldura com a qual estás agora envolvido?

(*[Jim Crosson:] "Queres dizer a igreja?"*)

Quero, sim. Não a igreja… mas qualquer igreja. As tuas ideias não saltam já as cercas e os campos? E não te sentes já constrangido no ambiente em que tens passado tanto tempo? E não estás agora, e mesmo a contragosto… a dar passos pequenos onde darias passos gigantes? Não precisas de responder.

(*[Jim Crosson:] "Sim, vou responder a isso. Sim, é verdade."*)

As respostas às perguntas que me fizeste virão de dentro. Virão de forma mais fácil se te puderes libertar. Porque ergueste barreiras sem o saber… onde barreiras não existem.

Agora. Vou deixar-te voltar ao que espero ser um agradável diálogo social.

(*[Jim Crosson:] "Tem sido muito agradável."*)

Apreciei.

(*[Jim Crosson:] "Nós também. Obrigado."*)

Agora, caros amigos, todos habitais a mesma dimensão ilimitada… simplesmente não abriste os olhos para a ver. Pensas que estás cego e, por isso, não vês. O universo em que eu habito é o universo em que todos vós habitais. Alguns de vós têm melhor visão do que outros e a visão não é física. Agora.

(*Dirigindo-se ao Reverendo Crosson*)

Tens lidado bem com teorias; agora digo-te: esquece-as. Esquece o eu que tem as teorias… e começa a experienciar. Para isso, segue as instruções que te dei, mas também cria o hábito de olhar à tua volta de manhã, ao

meio-dia e à noite… e de perceber que há mais em cada ambiente do que cada pequena sala que vês.

Percebe que existem personalidades que não podes ver fisicamente, e ainda assim lá estão. E procura-as de forma positiva. Percebe que há vozes que não podes ouvir com os ouvidos físicos, e escuta-as interiormente.

Agora. Eu fui, nos meus muitos passados, um cavalheiro intelectual e uma fêmea frívola. E, no entanto, digo-te que, enquanto fêmea frívola que adorava brincar com uma bola numa tarde luminosa e não tinha tarefas a cumprir, vida aparentemente ociosa e personalidade aparentemente bastante inútil… não estava sobrecarregada de intelecto… e, ainda assim, nessa vida em particular aprendi mais sobre a natureza da espontaneidade e da alegria do que em muitas das minhas ponderosas existências intelectuais.

O truque é não te esforçares demasiado, perceberes que as respostas estão disponíveis, que lá estão, que as podes encontrar. Tudo o que é necessário é dado à flor. E tudo o que queres te será dado, mas tens de querer o que queres com desejo suficiente, de todo o coração. Uma curiosidade intelectual dar-te-á algumas respostas, mas não te dará as respostas mais profundas.

Tens de estar disposto, bem disposto; não só disposto, mas ansioso por viajar por dimensões com as quais não estás familiarizado num plano egóico.

E, para esta realidade, não vais como um homem crescido com ideias preconcebidas. Vais como um maravilhado, sem preconceções. E tornas-te aquiescente e as respostas são-te dadas… e a ti… e a ti. [Por WL.]

AS IMPRESSÕES DA JANE PARA OS CROSSON
20 DE MAIO DE 1969

(*França do século XIV… Academia de equitação… Vi um acidente de equitação junto de uma academia quando tinhas cerca de 14 anos… Ficaste impedido, coxo de algum modo, durante um par de anos… Tinhas um irmão e o irmão estava contigo no momento do acidente.*)

(*Vi uma estrutura de tijolo… não sei se era ou não uma academia de equitação… tinha uma entrada muito larga… relacionada com o acidente mencionado antes.*)

(*Tiveste uma vida breve como gémeos… Certas divisões nítidas dentro de ti estão ligadas a essa vida em que eras um de dois… um a ir por um lado e outro por outro… Um dos gémeos tinha uma forte inclinação para coisas militares… um soldado… A organização da igreja serve agora o mesmo propósito, creio… segurança dentro da organização… O gémeo que estava no meio militar encontrou o seu sentido de identidade como soldado dentro do sistema, mas tinha grande fé no sistema… no que estava*

a fazer… O outro gémeo era mais dado a algo de estadista… e era, de facto, um orador, embora tivesse outra profissão… Incluía oratória para pessoas… Os dois tinham uma relação telepática muito forte… e desta vez a igreja proporcionou o mesmo tipo de organização… De certa forma ressentias o facto de esse teu irmão gémeo ter essa organização na qual encontrava apoio e na qual se sentia tão parte porque tinha absoluta certeza dos objetivos e fins da organização e era um bom soldado dentro dela… e, nessa altura, invejavas-lhe essa segurança e esse sentido de identidade dentro do sistema em que acreditava. Desta vez a parte de orador em ti continua forte, no sentido em que queres ensinar e gostas de falar e de discutir questões… mas também, ao mesmo tempo, querias o sentido de segurança que sentias que o outro irmão tinha… Também apanhaste o desejo dele de ir para a batalha, só que, neste caso, estás a usar a batalha por ideias pelas quais lutas. O outro irmão batalhava pelo que a organização queria, e servia bem a organização… Agora estás a batalhar as coisas que a organização quer e sentes a divisão… Esta divisão está a fazer emergir memórias subconscientes, dessa vida passada em que havia essa divisão entre ti e o teu irmão.)

(*Nome grego… Ostinatious… Estou também a receber 12 a.C.… Seria o nome dele, não o do outro gémeo; isto porque ele tinha essa comunicação telepática com o gémeo, tem esse sentido de querer unidade dentro de si muito fortemente, ao mesmo tempo um sentido de estar dividido. Uma forte inclinação para avançar de forma independente com as suas ideias, equilibrada pelo desejo de encontrar segurança dentro do sistema e o medo de o deixar. Sente que a sua liberdade intelectual existe apenas enquanto é amortecida pela sensação de segurança da organização… e que, se se soltasse, ficaria demasiado apavorado para ser um pensador independente, levando a um dilema… ao qual chegaste pouco depois dos 30 nesta vida… Tu, Muriel, eras o irmão gémeo.*)
[Dactilografado por WL.]

SESSÃO 484

26 MAIO 1969

(O John Bradley estava presente como testemunha na sessão, e parte do material trata da relação do John com o seu empregador, Searle. A primeira parte da sessão, no entanto, parte de vários assuntos que a Jane, o John e eu estávamos a discutir antes da hora da sessão, e por isso não foi planeada. Lembra-te que o nome de entidade do Seth para o John é Philip.)

Agora, boa noite.

['Boa noite, Seth.']

E boa noite ao nosso amigo, o nosso construtor de impérios.

Agora, quando pensares em problemas como os que estiveste a discutir esta noite, concentra-te, Rob, nas soluções prováveis, e imagina as soluções que podem ser trabalhadas. Não projetes o problema tal como existe, acelerado por desenvolvimentos futuros negativos, pois só acrescentas dificuldades.

Dá-me um momento. *(Pausa.)*

Quanto ao problema da sobrepopulação, lembra-te de que estão envolvidos mais do que mecanismos físicos. O problema será resolvido pela humanidade, de facto; mas a humanidade é composta por entidades reencarnatórias. Está bem dentro das probabilidades que as estatísticas se revertam e que, sem razão que os cientistas consigam descobrir, as crianças nasçam natimortas, como numa epidemia em massa, e que as entidades simplesmente recusem habitar os corpos feitos para elas. Os corpos, então, permanecendo vazios, a apodrecer não usados. *(Que situação sombria, pensei.)*

Quando pensares em termos de a humanidade resolver os seus próprios problemas, lembra-te de que a reencarnação está envolvida, e não um grupo de pessoas que existe apenas por um tempo particular. Quando a personalidade está totalmente pronta para deixar o corpo, nada, incluindo transplantes, a manterá dentro do corpo. E se as personalidades recusarem habitar um novo corpo, então nenhuma ciência será capaz de dar vida ao corpo recém-formado mas não habitado.

Agora, isto é simplesmente uma possibilidade que não tinhas considerado.

Na verdade, já houve tal problema de população no passado, nos teus termos, em várias ocasiões, envolvendo o teu planeta. Uma epidemia mundial ocorreu numa ocasião. Noutra ocasião, o número de conceções foi drasticamente reduzido. O medo das mulheres de terem filhos sozinhas tornou-as estéreis quando a fome ameaçava. Na terceira vez, foram utilizados meios artificiais para evitar o nascimento.

['Podes dizer-nos quando foi isso?']

A terceira vez envolveu Atlântida. A primeira vez que mencionei, com o desastre epidémico, foi 14 séculos depois de Atlântida. Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Uma civilização pré-Inca.

Por muitas razões, em várias épocas no vosso tempo, houve um trabalho particular a ser feito que exigia números, uma camada ampla, um

reservatório físico que serviria de base para gerações futuras. Em muitas dessas ocasiões há uma efervescência de atividade, um nascimento de novas ideias e uma atividade psíquica não estruturada, livre e explosiva. É um período de grande atividade, comunicação telepática, superlotação física, mas que força grandes novos desenvolvimentos e uma nova síntese, e esta é a vossa situação atual. *(Com sentido de humor:)*

Não é difícil para vizinhos entenderem-se quando vivem a 80 quilómetros de distância. Quando se tornam sobrelotados em circunstâncias severas, têm de aprender a entender o vizinho ou perder a cabeça. São forçados a relacionar-se.

E assim, na circunstância presente, as condições de sobrelotação ainda serão mais aceleradas, até que uma nova síntese seja formada — e será. A atividade psíquica gerada formará finalmente a base para uma maior compreensão. Tornar-se-á bastante óbvio que pensamentos telepáticos viajam mais rápido do que boas notícias ou mais rápido do que uma peste. O homem estará tão empurrado junto que o impacto explodirá literalmente para um novo nível de consciência, um novo desenvolvimento nesses termos.

O nosso amigo aqui *(John)* falou de comunicações e do seu efeito sobre ti. Aqui encontrarás um sistema quase instantâneo de comunicações. O indivíduo descobrirá que está rodeado por mais estímulos do que sabe o que fazer com eles — mas usando isto como impulso, aprenderá a lidar com isso, usando partes do cérebro que agora permanecem latentes. A mudança equivalerá a um novo tipo de consciência, certamente em qualidade.

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos.

(21h45–22h03.)

Agora. Se me permitires, continuarei por um momento a nossa discussão, ou, se preferires, monólogo.

Houve mudanças através das vossas eras que deram origem a uma consciência alargada ou expandida. A saturação excessiva da vossa atmosfera que será provocada como resultado da sobrepopulação, a maior atividade psíquica, as comunicações mais amplas, terão ainda o efeito de pressionar para dentro sobre o indivíduo até que ele seja forçado a encontrar uma nova maneira de lidar com estímulos e responder a eventos.

Ocorrerá uma concentração. Quando átomos e moléculas são aquecidos, acontecem certas mudanças. Quando são artificialmente

comprimidos, acontecem certas mudanças. Quando são congelados, acontecem certas mudanças, e quando a atmosfera psíquica está saturada, haverá uma metamorfose de um tipo e uma libertação de habilidades que estiveram latentes.

Devido a algumas das características curiosas da humanidade, muitas vezes ela não muda a menos que a sua vida dependa disso, a menos que a sobrevivência esteja ameaçada. Será forçada a reconhecer, usar e desenvolver as suas habilidades paranormais simplesmente para sobreviver, e ao fazê-lo, libertá-las-á finalmente para seu próprio benefício e o benefício dos seus semelhantes.

Inicialmente, o medo será o impulso. Ele quererá tanto saber o que se passa na cabeça do vizinho que perceberá que já sabe. Quando a transformação estiver completa, a humanidade operará a um nível inteiramente diferente do que conhecem agora.

Agora dá-nos um momento, para a sobrepovoada Chicago.

(O material seguinte refere-se a perguntas que John fez na última pausa.)

Três homens, três que mencionámos no passado. Outro homem está agora pronto para entrar no lugar do terceiro homem, e parece haver algo um tanto surpreendente neste movimento.

Anota isto, e tentarei esclarecer: S C A R. Um desenvolvimento inicial, muito elogiado e falado, ou não acontecerá ou acabará mal. Isto pode envolver uma política que parece já estar decidida.

Um homem com óculos e uma cicatriz, ou uma cicatriz ligada ao nome, está a recuar. Ou ele está a perder força na posição, está a afastar-se, ou está a morrer. Em qualquer caso, será substituído por um homem com cabelo branco ou loiro-esbranquiçado — cabelo claro, inicialmente do Midwest, e pode ter um sotaque. Ele ouviu falar do John, o nosso Philip aqui, e encontrou-o numa reunião ou conferência, talvez em 1964.

Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Agora, ou há uma mulher, ou um homem com um nome parecido com o de uma mulher, que em breve se destacará e chamará a atenção de Philip, ou geralmente numa posição semelhante à de Philip, ou ligeiramente acima.

Esta pessoa, no entanto, avançará rapidamente, levando consigo as ideias de Philip. Philip foi ou foi-lhe oferecido outro emprego no passado imediato ou será no futuro muito próximo. A inicial M — estou incerto aqui. O nome Midol *(minha interpretação fonética)* e uma ligação com um

tipo de advogado ou associado sem escrúpulos. Em qualquer caso, definitivamente a sensação de uma traição envolvida, não da parte de Philip, mas usando Philip.

Isto está à margem: a aproximação foi feita ou será feita numa terça-feira. Se não aconteceu em maio, então talvez por volta do cinco de julho.

['É deste advogado que estás a falar?']

Há algo sobre um produto que está sobrevalorizado, e dificuldades legais que serão movidas contra a empresa para a qual foste ou serás convidado a trabalhar.

['Outra empresa para a qual trabalharei?']

Sim.

['Eles convidar-me-ão ou esperariam que eu os abordasse?']

Dá-nos um momento. Parece ser algo não completamente surpreendente. Ou pensaste nisto ou eles pensaram em ti, e algumas comunicações, embora de natureza informal, podem ter ocorrido no passado. Lê claramente o que eu disse, pois há uma questão imediata envolvida.

(Após a sessão, John disse-nos que tinha sido abordado informalmente para trabalhar para uma empresa concorrente de medicamentos — Abbott, recentemente.)

Agora dá-nos um momento. Em breve dar-te-ei a tua pausa. O nome Alice, isto é algo definitivo agora, 1943, talvez uma colega de turma. Alguns itens aqui chamarão a tua atenção. Podes fazer a tua pausa e continuaremos.

(22h25. Isto provou ser o fim da sessão. Seguiu-se uma longa discussão, durante a qual John disse que vários pontos dados pelo Seth pareciam encaixar, começando com os dados dos três homens, o Midwest, etc. John disse que várias possibilidades se aplicam aqui, e que teremos de esperar para ver como alguns pontos se desenrolam.)

(Após a sessão, Jane encontrou-se a dar algumas impressões por conta própria, novamente envolvendo John e a sua empresa e pessoal relacionado. Alguns dos dados eram muito claros, disse ela, mas falou tão rapidamente que não tomei notas. A maior parte era precognitiva, envolvendo Detroit até certo ponto e um grupo de homens lá; embora os dados fossem bastante claros para Jane, John pôde oferecer pouca ajuda na interpretação.)

SESSÃO 485

2 de junho de 1969

Ora bem, boa noite—

("Boa noite, Seth.")

—e deem-nos um momento aqui. (*Longa pausa.*)

O regresso do vosso amigo Leonard alterou o ambiente até certo ponto. Foi a sua crença, pura e simplesmente, que levou ao corte da relva. Ele está a enviar sugestões telepáticas construtivas à senhoria, e estas estão a ser recebidas. Ela é altamente sugestionável. (*Longa pausa, uma de muitas, etc.*) Algumas das vossas próprias atitudes ainda vos escapam. Não as reconheceis como negativas porque vos são tão familiares que simplesmente passais por cima delas. Algumas dessas atitudes manifestaram-se nas vossas reações ao aumento da renda.

Têm de se lembrar, mais uma vez, de que as expectativas são os blocos com que constroem a vossa realidade. Não há exceções a esta regra. Quis apenas chamar-vos a atenção para estas questões esta noite.

Agora. Tomem qualquer acontecimento ou perceção isolada. Quero que compreendam o que forma um ambiente. Tomaremos o simples exemplo da relva alta. A maioria das pessoas da vossa casa dava por adquirido que a senhoria não cuidaria do local. Ela é altamente sugestionável. Também é insegura e muito vigilante contra quaisquer ameaças. As suas casas representam segurança para ela.

Aceitou o conselho de dois homens em quem deposita grande confiança. Ao mesmo tempo, receia que, em várias situações, os conselhos deles tenham sido maus. Ela não gosta de mudanças, tem medo delas e não confia no seu próprio julgamento. Fica perturbada quando desconfia do julgamento daqueles em quem depositou a sua confiança.

O ressentimento sentido pelos inquilinos foi captado por ela e sentido como uma ameaça. Se todos se mudassem, teria de enfrentar a questão com os seus conselheiros. Estes disseram-lhe para aumentar as rendas, uma vez que gerem o seu património e dinheiro. Ela tem boas intenções, mas na sua insegurança acredita neles quando lhe dizem que seria tola se não aumentasse as rendas. O dinheiro significa segurança para ela. Não tem outra forma de a obter, e isto joga a favor deles.

Era, portanto, muito sensível às sugestões telepáticas enviadas pelos inquilinos, e sentia que estes não gostavam dela, que a ressentiam fortemente enquanto nova proprietária. Quando Leonard regressou, sem o saber, emitiu pensamentos construtivos aos quais ela também reagiu; mas ele amava o seu relvado e o seu quintal, e na sua mente via-os exatamente como os queria, claramente — e isso tornou-se um acontecimento.

O acontecimento em si foi uma interação de pensamentos, emoções e imagens, um conjunto de comunicações em que, na verdade, muitas

pessoas estiveram envolvidas. Ela não é uma marioneta, simplesmente a cumprir os desejos telepáticos dos outros. Ela também tem amor pelos jardins e pelos espaços verdes, e um apreço pela beleza — por isso, o desejo de Leonard encontrou terreno fértil. (*Com humor.*)

Existem pontos de correspondência, como veem, entre as pessoas, que podem ser usados para estabelecer comunicações construtivas e provocar acontecimentos positivos. A plantação das flores por parte de Leonard tem mais do que um significado simbólico. Agora, deem-nos um momento.

Ele ignorou o que parecia ser um facto da realidade, construiu as suas próprias expectativas construtivas e tornou-as realidade. Espera coisas boas — e recebe-as. Agora também dá. Ao seu próprio nível, dá nas suas relações com os alunos, e a sua viragem para a orientação pessoal é guiada pelo desejo de ajudar os outros. Não há ninguém a quem deseje o mal.

Agora, na sua própria mente, Ruburt tem sido bastante crítico desse vizinho — e vós também, por vezes. Há uma área, como vêem, onde ele (Leonard) está ainda completamente bloqueado, pois não consegue amar outra pessoa de todo o coração, nem se imaginar nessa posição. Essa falta está sempre presente, e é causada por uma área específica e superficial da sua personalidade que não está desenvolvida.

(*"De quem estás a falar aqui?"*)

Estou a falar agora de Leonard. A vossa senhoria encontra-se numa posição algo semelhante, e é também por esta razão que se estabelece uma simpatia correspondente entre ambos. Estou a tentar dar-vos uma perceção de como um acontecimento aparentemente trivial ocorre — como a telepatia e a expectativa intervêm. Estes entrelaçamentos acontecem constantemente, sem serem notados. Qualquer acontecimento físico é o resultado deles.

Podem fazer uma pausa.

(*21h48. Durante a pausa, a Jane e eu entrámos numa discussão que foi por vezes veemente, abordando várias pessoas, temas, etc. O transe da Jane tinha sido bom. Seth interrompeu-nos finalmente às 22h00.*)

Agora — se estão prontos para mim —

(*"Suponho que sim."*)

— dir-vos-ei. Antes de mais, não há necessidade de se sentirem ressentidos. Sabiam que a renda iria aumentar — e queriam que aumentasse. Queriam que aumentasse porque estavam prontos para mudar o vosso ambiente, mas não suficientemente prontos para o fazer por iniciativa própria, sem o impulso adicional.

Disseste bastas vezes a ti próprio: "Mudar-me-ia se a renda fosse aumentada." Esse é um ponto. O aumento destinava-se a ser usado como um auxílio. Agora, isto não significa que a tua senhoria soubesse disso — mas, de certa forma, sabia, pois todas as tuas intenções foram consideradas subconscientemente quando tal decisão foi tomada.

Agora, dá-nos um momento.

Leonard quererá comprar uma casa. Quando perceber que pode pagar a renda com facilidade, compreenderá que pode pagar uma casa com a mesma facilidade. O teu advogado queria sair de uma má situação no apartamento da frente, e o aumento da renda serve esse propósito. A mulher que vive atrás, por cima da garagem — toda a família, aliás — também está envolvida. Uma das filhas é quem paga a renda. Outros membros da família vivem lá parte do tempo. Ela quer um sítio mais pequeno, para que a família não possa ficar a pernoitar. Isso dar-lhe-á, em breve, uma desculpa para se mudar.

(*Nota: Esta sessão teve lugar a 2 de junho. A 5 de junho soubemos que Leonard ia contactar um agente imobiliário para comprar uma casa.*) (*O apartamento do advogado, no rés do chão da frente, apresenta outro problema. Segundo o que foi dito acima, a sua renda teria sido aumentada. Hoje, a Jane soube que, curiosamente, a renda dele ainda não foi aumentada — a 5 de junho. O advogado nunca viveu no apartamento, por razões suas. Agora, no entanto, permitiu que uma amiga nossa lá se instalasse para o verão. Talvez o tempo venha a mostrar quanto é que ela acabará por pagar de renda...*)

As duas pessoas solteiras neste piso também estão envolvidas. Dick quer que a jovem case com ele. O custo elevado de manter os dois apartamentos será usado por ambos como motivo e desculpa. O homem do último andar sente-se sempre perseguido; por sua própria razão, ele procura situações em que esse sentimento se justifique.

Agora estou a apresentar-vos uma versão "apartamento a apartamento" apenas para ilustrar o meu ponto. A viúva idosa tem medo de viver sozinha agora, e espera que os filhos a acolham. Espera que o aumento da renda ajude a convencê-los.

A única pessoa que estava, mais ou menos, completamente neutra em toda a questão era a mulher de cima, que teve pouco a ver com qualquer decisão. Isto cobre apenas um dos assuntos que mencionaste. Dá-nos um momento.

A senhoria escolheu, inconscientemente, casas nas quais as necessidades mais profundas dos seus inquilinos corresponderiam, de uma forma ou de outra, às suas próprias. Isto não desculpa injustiças. No entanto, as carências que existem, por exemplo, na tua senhoria, provocarão outras carências, e o ressentimento da tua parte apenas te prejudica. Isto responde a algumas das tuas perguntas?

(*"Sim."*)

Agora posso abordar, em detalhe, cada um dos assuntos que mencionaste—

(*"Não, isso não é necessário."*)

—mas cada acontecimento é formado por aqueles que nele estão envolvidos, pelas suas próprias razões, e é tolice sentir ressentimento, pois

a situação também serve fins teus que talvez não reconheças conscientemente. Se conseguires aceitar isto como dado adquirido, estarás muito mais em paz; e, além disso, provavelmente terás uma visão global muito mais acertada.

Houve também razões para que a mesma coisa acontecesse no campo médico, com os consultórios. Muitos dos homens envolvidos imaginavam quão felizes seriam num edifício médico, e, subconscientemente, desejavam uma desculpa para se mudarem para um. As pessoas atraíram a senhoria tanto quanto ela atraiu as casas. Há sempre uma troca mútua. Ela descobrirá que, sem segurança interior, o dinheiro não é segurança alguma — e descobrirá isso sem precisar do teu ressentimento para a ajudar.

Mais tarde dirás: "Se a renda não tivesse sido aumentada, talvez tivéssemos ficado naquele lugar o resto da vida — quem sabe?", e rirás, mas por vezes ainda temias que isso pudesse realmente acontecer.

Agora podes fazer a tua pausa e continuaremos depois.

Este material, embora pessoal, deve dar-te um excelente exemplo de como os acontecimentos comuns ocorrem.

(*22h18. A Jane disse que o seu transe tinha sido muito bom. Tinha estado "muito longe", novamente, com pouca ou nenhuma memória do que fora dito. Pretendíamos que fosse apenas uma pausa, mas, mais uma vez, as nossas próprias conversas prolongaram-se tanto que isso acabou por marcar o fim da sessão.*)

AULA DE ESP

3 JUNHO 1969

(Nota: As primeiras palavras não foram gravadas. Transcrição por WL.)

... para resolveres os teus problemas e triunfares sobre os teus desafios... e o impulso é este: não deves viajar para a realidade interior até te sentires seguro na realidade física... pois não podes viver em dois mundos ao mesmo tempo a menos que estejas seguro num. Precisas de uma base firme... uma base em que possas confiar. E então poderás atravessar estas outras portas, mas tens de ser capaz de te manter de pé neste universo... E então irás conscientemente onde o teu corpo não pode seguir... e encontrarás as tuas respostas. Mas precisas de algo seguro a que te agarrares. Agora não há melhor razão para resolveres os teus problemas.

Quando tiveres a certeza de que te sentes pelo menos razoavelmente seguro onde estás, então levar-te-emos aonde não estás e encontrarás a ti

mesmo. Já estás lá, mas para ires lá, tens de partir de algum lugar. Tens de começar com, percebes, equilíbrio e um grau de segurança... Tens de começar com confiança. E se viajares demasiado depressa e demasiado longe, não terás confiança, pois no fundo da tua mente pensarás: se não me sinto seguro na realidade física, então porque me deveria sentir seguro aqui... e não terás a ousadia necessária, nem terás a paz de espírito... e a paz de espírito é a chave para a porta.

Portanto, quando estiveres a caminho de resolver a tua situação aqui, eu dar-te-ei algumas novas para resolver... e dar-te-ei um empurrão ao longo do caminho, e podes contar com isso... e podes contar com isso quando me disseres que estás a fazer verdadeiro progresso aqui. Então eu dar-te-ei um empurrão gigantesco.

(O acima foi dirigido a WL. O gravador de WL falhou em gravar uma parte do acima, e ao determinar qual porção foi perdida, uma breve rajada de canto emanou da fita previamente usada no gravador. Seth reapareceu e disse o seguinte:)

Se eu pudesse cantar assim tão lindamente, cantaria para vocês nas nossas aulas. Agora desejo-te *(DM)* uma boa viagem. E não quis magoar os teus *(da turma)* sentimentos; longe de mim magoar os teus sentimentos quando tu mesmo os magoas tão bem que não precisas de ajuda minha. Terei uma mensagem para ti *(VMcC)* através do nosso amigo Ruburt em breve, de qualquer forma. Eu apenas queria que soubesses que estive aqui e tinha uma mensagem específica que queria entregar ao nosso amigo *(WL)* deste lado. E se não tens as palavras gravadas, elas estão gravadas ali *(apontando para a cabeça de WL)* e não as esquecerás. E quando eu faço promessas eu faço promessas e cumpro-as. E quando digo que darei um "empurrão" a certo tempo, darei um bom empurrão... embora então possas nem precisar dele. Vim esta noite, de qualquer forma, simplesmente como amigo. Desejo-vos tudo de bom. Não vos vou manter até às duas da manhã. Alguma noite manter-vos-ei até às duas da manhã só para que possam dizer que eu o fiz. Mas não me abençoariam na manhã seguinte... disso tenho a certeza.

(Neste ponto, Tom disse: "Estou em boa forma esta noite, Seth, estou pronto.")

Agora, de facto, estás. E... como um pedaço ou bloco de matéria física... estás, de facto, imediato e aqui. Não compreendes as maneiras pelas quais projetas a matéria física de ti mesmo para esta sala, no entanto.

Quando compreenderes isso completa e totalmente, já não estarás dentro da realidade física. Mas isso terá pouca importância. Nunca notarás a diferença. Em qualquer realidade, crias a imagem que vês. E a realidade que se segue a esta parecer-te-á tão física como esta... e tão real. Mas terás liberdades dentro dela que agora não tens... Não a menos que às oito da manhã saltes dos telhados e voes pelas janelas até à tua morte.

Podes fazer coisas com a imagem interior que não podes fazer com a imagem física. Mas enquanto as fazes, parecem físicas. Segues-me?

Agora. Nesta existência, quando vês uma imagem na tua mente, e quando há uma emoção forte e um desejo vívido por trás dela, ela será construída. Haverá um intervalo de tempo dentro deste sistema, mas noutros sistemas pode não haver intervalo algum... e o teu pensamento pode ser instantaneamente transposto para a realidade. Portanto, agora deves aprender a natureza dos teus pensamentos e como lidar com a energia.

['Porque agora temos tempo para o fazer.']

De facto.

['Mas entre o momento de pensar nisso agora e o momento em que se torna realidade, outros pensamentos podem intervir sobre essa ideia e mudá-la antes de se tornar realidade. É isso?']

Então as ideias fundem-se.

['Vejo, e formam um compromisso... um composto.']

Agora como um compromisso, mas não como um composto. Vou deixar-te, mas dar-te-ei mais informações sobre esse tópico da próxima vez que nos encontrarmos. E manterei o olho em ti *(DMC)*, mas não contarei histórias.

Resumo para a Jane:

['Ele falou mais sobre matéria física... uma elaboração sobre as coisas de que falámos durante a noite. A realidade num outro plano ou dimensão é tão física quanto o que experimentamos como físico aqui... tão real, parece física para eles. Mas as liberdades são maiores, de modo que quando pensamos em algo num outro plano, isso acontece instantaneamente. Enquanto aqui, há um intervalo de tempo entre o momento em que pensamos em algo e resulta numa ação ou objeto criado. No intervalo de tempo neste plano, há outros pensamentos, projeções sobre a mesma ideia ou objeto; o Seth recusou-se a entrar nos seus efeitos sobre a ideia ou objeto final até um momento posterior.

Pela nossa projeção mental para este produto final, podemos influenciar a nossa saúde, o nosso futuro, a nossa posição, etc. Devemos imaginar-nos num estado de boa saúde. Agora eu presumiria que isto se aplica também a uma estação ou vocação...']

Mas nunca como um produto final. Pois um estado de saúde não é um produto final... ou uma posição inalterável nesses termos. É a capacidade de lidar eficazmente com a energia de uma forma construtiva para teu próprio benefício e o benefício dos outros. O estado de saúde é um termo pobre. Deves, de facto, imaginar-te, portanto, capaz de lidar eficazmente com a tua energia para teu próprio bem e o bem dos outros; imaginar-te como um canal através do qual a criatividade do universo se pode expressar. Pois quando abrigas ideias negativas e ressentimentos, então, de facto, estabeleces um bloqueio e o bloqueio causa distorções. Agora chamas-lhes doenças em muitos casos. São distorções. A energia está a ser distorcida e mal utilizada e malformada.

['Mas querer boa saúde ou posição apenas pelo bem disso não é o fim da linha. Isso, estás a dizer, é apenas o começo de...']
É um começo, e a saúde não é um estado estático em nenhum caso...

['Devemos desejar boa saúde porque torna possível fazermos outra coisa... servir ou desempenhar algum outro papel...']
Deves desejar boa saúde porque é um estado natural do teu ser. Deves confiar na inteligência inata do teu próprio ser... que produz boa saúde. A saúde é um estado natural do teu ser. Através da tua imagem física, a energia do universo expressa-se. Tu, como uma consciência individualizada, és parte disto, e não podes expressar-te plenamente nem cumprir o teu propósito como identidade, como indivíduo, se não estiveres de boa saúde... pois os efeitos do corpo são sentidos na mente... e os efeitos da mente são sentidos no corpo. Distorces a imagem. Agora, não pretendia um serviço de perguntas e respostas esta noite, mas parece que estou envolvido num. E alguma noite vou inverter os papéis. E quando eu fizer perguntas, esperarei respostas. E não serão perguntas fáceis... e não serão perguntas gerais. E farei com que procures as respostas... e as respostas formarão degraus sobre os quais poderás caminhar e servirão de fundações dentro das quais poderás viajar dentro de ti mesmo. Mas serão as tuas respostas e não as minhas respostas.

['Agora foi sugerido que da próxima vez que eu for a Nova Iorque talvez veja um homem...']
É de facto possível!

['Mas a questão é... acho que a pergunta que estou a fazer é: estou realmente mais interessado em certas possibilidades de estatuto, e isso não seria a forma positiva de ver as coisas... ou deveria ver esse homem dentro de um enquadramento de, tal como estávamos a falar sobre saúde como apenas um trampolim, deveria ver este homem com uma perspectiva sobre o que isso pode significar para ajudar outras pessoas a fazer parte de um arranjo construtivo?']
Respondeste à tua própria pergunta. A tua última afirmação aplica-se.

Agora vou desejar-te uma afetuosa boa noite... particularmente ao nosso mercador de Veneza que vai viajar para longe.

Há outras maneiras de viajar, e veremos que aprendes sobre elas. Há outras fascinações e países estrangeiros no teu planeta, mas é bom que também aprendas sobre esses. Habituar-te-emos à ideia de terras estrangeiras e depois ensinar-te-emos a viajar para terras que são realmente estrangeiras... E dar-te-emos uma ideia do vocabulário usado... e não será tão simples quanto "Bom dia" e "Boa noite" ou "Onde posso encontrar uma lata de feijão?"

(Pausa. ['A minha interpretação do que ele disse é que (1) boa saúde é uma parte natural de nós mesmos, e por isso deveríamos naturalmente desejá-la, e (2) boa saúde em si mesma não é o objetivo final. É o que podemos fazer quando estamos num estado de boa saúde. Levámos isso a outra dimensão além da saúde... aspetos vocacionais. Projetamo-nos mentalmente para o estatuto vocacional em que estamos interessados, e ao fazê-lo, realizamo-lo. Não é o estatuto em si que é o fim. É o que somos capazes de fazer através dele, que deveríamos realmente almejar.']
['Tom fez a analogia entre saúde e ocupação. A sua implicação era que o produto de boa saúde era a capacidade de fazer o bem mais eficientemente. Levando isso para as ocupações, então, não sei bem como seria... talvez avanço numa ocupação.']
['Escolha ou avanço... e avanço talvez.'])

Agora vou deixar-vos. No entanto, quero esclarecer uma questão. Se estás de má saúde, isso não significa que és uma pessoa má. Significa que tens um bloqueio nessa área particular... em que és incapaz de utilizar a energia de forma construtiva. E se não estás no topo da tua profissão,

aplica-se o mesmo. Não se segue que aqueles em excelente saúde são mais abençoados do que outros. Significa que, nessa área particular, conseguem utilizar a energia mais eficazmente.

E teoricamente, teoricamente, se estás a usar a energia como deverias, estarias de facto no topo da tua profissão e em excelente saúde e cheio de abundância. Agora, vários tipos de carências podem manifestar-se de muitas maneiras... em deficiências mentais... Um homem ou mulher que tenha fortes e definitivas deficiências mentais... que tenha fortes hábitos negativos... tal pessoa tem bloqueios nessas áreas. Podes não atingir a perfeição... Eu não a atingi. Mas é o ideal para o qual trabalhamos.

Não quero que tenhas a atitude, no entanto, nem faças a implicação, de que a tua saúde ou estatuto, de forma alguma, automaticamente e por si só, seja uma indicação da tua riqueza espiritual... ou da falta dela.
Alguns de vocês, por exemplo, saem-se bem em certas áreas e estão bloqueados noutras. Queremos eliminar os bloqueios. Estás a trabalhar para este ideal, e o ideal é — e vais alcançá-lo — usar todas as tuas habilidades, todas as tuas capacidades... e ao fazer isso, vais automaticamente ajudar os outros. E vais ajudar a raça de que fazes parte. E vais acrescentar à criatividade de Tudo O Que É... e eu disse que irias acrescentar a isso. Isto é para ti, para o argumento antecipado que vais pensar. *(Para VMcC.)*
E agora desejo-te uma afetuosa boa noite. E acumula as tuas perguntas... e acumula as tuas respostas... pois vou dar-te nota!
Tens estado envolvido neste exame há muitos anos!

SESSÃO 486

9 JUNHO 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Antes de começar uma discussão sobre outro assunto, deixa-me lembrar-te que também podes cometer o erro de te concentrares nos sintomas do Ruburt e ignorares as melhorias, e isso não o ajuda. Certifica-te de que não projetas nenhuma atitude negativa sobre outras questões para esta situação. Consegues ver quando Ruburt faz isto, por isso não o faças tu também. E as tuas sessões de oração ajudaram-te, como já te disse.

Estímulo caloroso são as palavras-chave. Agora dá-nos um momento.

(Pausa.)

Disse-te que partes da tua personalidade existem noutras realidades. Outras partes do eu estão focadas em dimensões diferentes da tua. Se puderes, imagina um enorme edifício com muitos quartos, cada quarto completamente diferente do outro. O ambiente, os métodos de perceção, o sistema de realidade dentro de cada quarto são únicos.

O edifício partilha alguns corredores comuns, no entanto, bem como uma cave e um sótão comuns... Há dispositivos em cada quarto que permitem a um hóspede de um quarto comunicar com os que estão noutros quartos.

Mas os hóspedes estão tão absorvidos pelas maravilhas dos seus próprios aposentos dentro deste estranho hotel que muitos deles pouco investigam.

Às vezes, enquanto dormem, andam a sonâmbulos e dão com os corredores, e encontram-se, mas de manhã não se lembram. Agora, a sua manutenção está assegurada. O hotel está magnificamente equipado, e todos os cuidados são tomados para garantir o seu conforto e sobrevivência. Cada hóspede tem um uniforme peculiar e único, adequado ao ambiente do seu próprio quarto, e a nenhum outro. E todos os cuidados são tomados para que ele seja mantido em bom estado.

Cada quarto, claro, está disposto de tal forma que tem dentro dele a ilusão de muitos quartos. Ele recebe tarefas e cada quarto, novamente, foi planeado para que dentro dele estejam disponíveis todos os métodos de aprendizagem de que o hóspede precisará para realizar a sua tarefa. Na

nossa analogia algo pesada, os hóspedes são todos partes do eu interior, que é o assistente invisível que mantém o edifício.

Agora, muitas vezes é difícil veres-te claramente, e à tua situação, porque pareces estar tão próximo dela. É bastante possível, no entanto, quando sabes como usar um destes corredores e olhares para ti mesmo e para a tua situação de um ponto de vista diferente, ver tudo com maior perspetiva e de fora do teu quarto em particular — vê-lo talvez mais claramente no seu todo.

Podes fazer isto sozinho. É mais fácil, no entanto, se tiveres a ajuda de um dos hóspedes noutro quarto que esteja mais habituado aos corredores, alguém que já anda a investigar há mais tempo. Seguindo a nossa analogia, serás hóspede dele e, a partir do quarto dele, olharás para baixo, para o teu, com alguma maior objetividade. Isto é possível, exequível, uma vez que todos sois partes, na nossa analogia, deste mesmo eu interior que mantém todos os quartos. Enquanto cada um de vocês está egotisticamente focado na sua própria realidade, as camadas mais profundas do eu estão cientes da relação de "família". Agora dá-me um momento. *(Pausa.)*

Há outra parte do teu eu interior total, outra mais avançada. Mencionei antes que, num sistema de probabilidade, foste um médico que pintava como passatempo. O nome dele é P I E T R A. *(Soletrado.)* Em tempo psicológico ou simplesmente quando estás em quietude, fecha os olhos e imagina o teu universo físico como um quarto na nossa analogia, e o dele como outro com um corredor entre ambos. Diz a ti mesmo que gostarias de viajar através desse corredor, e que ele estará lá para te ajudar a fazê-lo.

Poderás estar interessado em ouvir algumas informações sobre ele, pois ele está a trabalhar com arte, pintura, em termos de terapia. Ele não está apenas a trabalhar com pacientes e a usar a arte como terapia para eles, não apenas a fazê-los pintar como terapia, percebes, mas ele também está a trabalhar na ideia de que algumas pinturas em si mesmas têm um efeito curativo.

Todo o interesse dele na pintura é usado como um suplemento ao seu interesse pela medicina. Certas pinturas podem captar a energia psíquica dos outros, e certas pinturas podem libertar as habilidades psíquicas e curativas do observador. A intenção do pintor está embutida no seu meio e na sua pintura.

Não apenas isto, no entanto, mas certas cores, como sabes, têm as suas próprias qualidades calmantes ou inflamantes. Agora. Disse-te algo sobre

esta outra parte de ti mesmo para que possas relacionar-te com ele e ver como os vossos interesses se cruzam. Pensa nele quando estiveres a pensar no quarto e no corredor e pede para o encontrares lá.

Ele é um homem com alguns insights psicológicos também, e é suficientemente parecido contigo para poder entender muitas das tuas atitudes facilmente, e suficientemente diferente para poder ver-te muito mais claramente. Deverás ser capaz de ir com ele, e do ponto de vista dele observar a tua própria realidade e situação, ver-te a ti e ao Ruburt e às vossas vidas a partir desta perspetiva diferente. Deverás achá-lo emocionante e muito instrutivo.

Estão cansados os teus dedos?

("Não.")

Podes fazer uma pausa se preferires.

Esta outra parte de ti também verá a realidade dele a partir do teu ponto de vista, e as tuas ideias irão estimular as dele, e ambos ganharão com o encontro.

Agora, não há razão para que isto não possa ser consciente da tua parte, embora partes possam ocorrer no estado de sonho. Ele também poderá ajudar-te no uso da energia de cura. Alguns poucos encontros poderão ocorrer em que ele te mostrará as várias maneiras como as pinturas também podem ser usadas como agentes de cura.

Repito: parte disto pode ser consciente, se usares um enquadramento de tempo psicológico. Deverás ser capaz de vê-lo com bastante clareza. Na realidade dele, ele está a embarcar numa série de experiências que o levarão até ti, se ele prosseguir corretamente.

Agora podes fazer a tua pausa e continuaremos.

(22h01. Jane saiu do transe rapidamente. No entanto, disse que o transe tinha sido bastante profundo e também — de forma incomum — ela conseguia lembrar-se do que tinha dito. Tivera uma imagem de um "enorme edifício com muitos quartos.")

(O meu pai tinha um irmão, o Ernest, que morreu solteiro na Flórida há alguns anos. Durante a pausa, a Jane disse-me que teve um "flash" de que o meu tio Ernie era, ou teria sido, o filho que o Dr. Pietra teria nesta realidade.

(A Jane disse que teve uma imagem, divertida mas bastante nítida, de uma grande seta a arquear-se para sul sobre o continente em direção à Flórida, de modo a enfatizar essa localização em relação ao tio Ernie.)

(Disse à Jane que estivera tentado a perguntar ao Seth se alguma vez lhe teria pintado um retrato do Dr. Pietra. Retoma às 10:13.)

Bem. Vocês modelarão mutuamente, e, tal como o vêm no vosso estúdio, ele ver-vos-á no dele. As experiências do Seth envolvem drogas de muito maior precisão e estabilidade do que quaisquer outras conhecidas no vosso ambiente. Essas drogas permitem-lhe isolar certas partes de si mesmo, da sua psique, e enviar essas partes isoladas em viagens de investigação. As drogas não só o auxiliam como também acentuam a sua presença nessas viagens, concentrando a sua essência, isolando e focando essas porções da sua psique; portanto, ajudarão a torná-lo mais observável, em termos sensoriais, para vós.

Contudo, devem procurá-lo. Ele sabe da vossa existência hipotética. Acredita que tem um eu provável assim e esforça-se por visitar este universo provável. Não faz ideia, porém, de que vos possa ser anunciado das suas visitas ou de que possais planear encontrá-lo. O Seth tem vindo a trabalhar na droga ele próprio juntamente com dois outros. Ele será perfeitamente capaz de se manipular no seu próprio sistema enquanto estiver ausente. O vosso estado de espírito e a recetividade ser-lhe-ão comunicados e servirão como área de chamamento que ele reconhecerá.

Os aspetos simpáticos, e até certo ponto semelhantes, das vossas personalidades servem para abrir canais claros entre vós. A passagem que veem não é física, e, ainda assim, a estrutura molecular está, até certo ponto, envolvida. Agora, Ruburt estava certo na impressão que deu durante a pausa, e esta outra parte da vossa personalidade tem também uma irmã.

Dá-nos um momento. Deverão vê-lo visualmente, ou totalmente objetificado, ou numa imagem interior invulgarmente vívida. Mas, para além disso, deverá haver uma comunicação interior em palavra entre vós que será efetivamente de origem telepática. O Seth é também orientado visualmente, compreendem. Talvez possa mostrar-vos imagens da sua própria realidade.

Deverá ser capaz de vos levar até lá numa projeção e, a partir desse ponto, deveríeis conseguir olhar para baixo no vosso próprio sistema, e, numa série de flashes, ver as vossas vidas e a vida do Ruburt com maior clareza. Dei-vos esta informação esta noite porque ele está a experimentar agora. Acredito que dentro de sete horas estará no vosso ambiente, quer o percebam ou não. A droga poderá ter o efeito de colorir a sua imagem, por isso não estranhem tal ocorrência — um tom amarelado ou púrpura. Por

várias razões não discutiremos esta noite os experimentos que estão a ser realizados ao longo de algumas semanas, e não serão repetidos até ao vosso outono. Isto deve-se, contudo, à condutividade das estruturas celulares e à vossa atmosfera particular durante esses períodos. Agora podem terminar a sessão ou fazer uma pausa, como preferirem.

("Vamos fazer uma pausa."
(10:31. De novo o transe da Jane estava profundo; desta vez, disse ela, estava realmente ausente e não se lembrou de nada até à última linha dos apontamentos.)

(*Esta sessão decorreu na segunda-feira, 9 de junho de 1969. Hoje é sexta-feira, 13 de junho, enquanto acabo de transcrever esta sessão. Até agora nem a Jane nem eu percebemos, de forma alguma, o Dr. Pietra, nem tivemos qualquer experiência que o possamos associar a ele ou a estes dados. Isto inclui o uso de sugestão e tempo psicológico todos os dias desde segunda-feira. O período inicial de 7 horas mencionado pelo Seth teria situado o Dr. Pietra no nosso ambiente na manhã de 10 de junho, talvez uma hora antes da nossa hora habitual de despertar. A Jane e eu sugerimos a nós próprios que perceberíamos o Dr. Pietra a essa hora, mas não surgiu nada.*)

Agora. Há, como mencionei, uma simpatia natural entre vós. Existe também uma correspondência solta nas formas como utilizais a vossa estrutura celular e utilizais energia. O Seth está a trabalhar a partir dos princípios médicos que conheceis. Esta é uma analogia muito vaga, mas ele espera disparar-se em vossa direção como uma seta, esperando que as correspondências que suspeita o ajudem a atraí-lo para vós. Cometeu alguns erros, e o vosso estado de mente recetivo dará mais margem de manobra.

A recetividade é de natureza criativa, compreendem, como se estivésseis a limpar terreno para um avião primitivo aterrar, ou a colocar um farol numa janela. Por outras palavras, o vosso estado de espírito pode ajudá-lo a guiar-se até vós, para seu grande espanto, deleite e gratidão, pois ele não contou com esse impulso.

As vossas próprias capacidades são perfeitamente adequadas, com o seu conhecimento, para vos permitir projetar-vos para a realidade do Seth com a sua ajuda. Ele não imagina que tal coisa possa ser feita sem o uso de drogas. Agora, o Ruburt poderá ser capaz de o ver. A menos que tenham

perguntas, vamos terminar a sessão. Mas leiam bem as minhas sugestões, para que fiquem preparados.

(*"Sim."*)

A aula de amanhã à noite poderá ser útil devido ao foco de energia, embora seja possível que o encontrem antes. Têm perguntas?

(*"Não, podem esperar."* Na verdade, eu tinha muitas.)

Dou-vos então os meus mais calorosos votos e uma boa noite — e tomai atenção às sugestões iniciais dadas logo no início da sessão.

(*"Está bem."*)

Ele poderá ter um amigo consigo.

(*"Boa noite, Seth."*

10:52. A Jane expôs o conteúdo desta sessão à turma de PSE na terça-feira à noite, 10 de junho, e tentou-se um foco de energia em relação ao Dr. Pietra, sem resultado pelo que sabemos.)

SESSÃO 487
16 DE JUNHO DE 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Em duas ocasiões desde a última sessão (9 de junho), quase se deu contato com o meu eu provável e com o Dr. Pietra numa outra realidade mais avançada. O que aconteceu foi uma fusão muito momentânea em níveis mais profundos do que o consciente. Nenhum de vós sabia como lidar com isso. Ficaram receosos de confundir as vossas próprias identidades e assustados com algumas das semelhanças entre elas. Foram, no entanto, essas semelhanças que tornaram possível esse contato. Dêem-me um momento.

(*Pausa.*) Foi numa altura em que os vossos pensamentos internos se desviaram dos modos familiares. Creio que tiveram uma imagem da parte interior de um corpo humano, ou um pensamento relacionado com órgãos internos. Isto aconteceu quando captastes, a um nível profundo, a presença do vosso eu provável.

(Isto é possível. Como artista a pintar figuras humanas, preocupo-me frequentemente com anatomia, embora normalmente da cabeça e das feições. Não me lembro de ter tido uma imagem interior forte do interior de um corpo, mas ao mesmo tempo sei que pensei nisso recentemente.)

O contato pleno ainda é possível. Mesmo durante o experimento, o Seth não está presente todo o tempo. O seu foco não é certo, e a intensidade da sua presença varia. Poderíeis sentar-vos em silêncio. O desenho automático poderá facilitar o contato. Os controlos do Seth não são bons. Ele encontra-se entre vários sistemas prováveis, nos quais cada um de vós, no entanto, tem interesse. É como se fôsseis, digamos, primos afastados.

Curiosamente, o vosso bairro, com uma saturação bastante elevada de médicos, ajuda aqui. Talvez devesse mencionar que, nos vossos termos, o Seth é um homem mais velho. Ele tem agora mais tempo para esses experimentos do que tinha quando era mais jovem. Este sistema provável em particular, de um modo geral, existe dentro da mesma estrutura espacial que a vossa. Conheceis agora matéria positiva e negativa. Existem também outros tipos de matéria que formam outros sistemas de realidade, invisíveis aos vossos olhos, tal como a matéria negativa.

O facto é que existem infinitas variedades de matéria, existindo no que vós chamais de um único quadro espacial. Usando os sentidos físicos, naturalmente nunca podeis perceber a existência destes outros sistemas. No entanto, um treino avançado com os sentidos interiores pode conduzir a tais explorações. O vosso amigo é mais avançado — o sistema dele é mais avançado do que o vosso a esse respeito.

Dêem-nos um momento. Da mesma forma que se podem enviar pensamentos através do espaço, a consciência individual pode ser enviada através de sistemas, utilizando vários métodos. Assim como uma semente pode voar no ar encerrada numa película de proteção, também a consciência individual pode viajar pelos sistemas. Mas deve estar protegida. Certas drogas podem protegê-la.

Agora, são como cápsulas do tempo, reduzindo estímulos durante certos intervalos, e depois injetando estimulantes à medida que se alcançam pontos de destino. O processo é altamente complexo. As injeções são administradas no ser físico, afetando assim o cérebro físico. A consciência projeta-se numa experiência fora do corpo. O cérebro físico fica amortecido contra choques porque, neste caso, a consciência viaja a uma velocidade tão elevada que, normalmente, o contato entre ela e o corpo seria interrompido. Certas injeções, administradas ao cérebro, ajudam efetivamente a consciência fora do cérebro e atuam como alimento. Contudo, este é apenas um dos métodos utilizados. Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(*9:38. Durante a pausa, disse à Jane que tinha um par de perguntas para o Seth, mas que esperaria para as colocar até ele dizer que estava tudo bem. Retoma às 9:43.*)

Agora. A droga permite períodos regulados de consciência altamente intensificada, a funcionar ao máximo nível, com todas as faculdades mentais aceleradas. Entre esses períodos, porém, existem fases de inconsciência. São de natureza protetora. Durante os períodos de inconsciência, as drogas injetadas no cérebro fornecem maior alimento às áreas do cérebro físico envolvidas nessas projeções de consciência. Portanto, mesmo que o vosso eu provável esteja ao alcance, por assim dizer, ele fica, por vezes, envolvido nesses períodos de blackout-alimentação.

No vosso tempo, os períodos de alta atividade consciente durariam aproximadamente três dias, seguidos por um dia e meio a quatro dias de inatividade, consoante as circunstâncias. Isto envolve uma transferência de energia consciente de um sistema de origem para um sistema estrangeiro, e certas mudanças mais ou menos automáticas devem ser feitas de sistema para sistema, envolvendo o uso de ondas cerebrais; certos padrões sendo normais em diferentes sistemas. Existem, por exemplo, outros padrões cerebrais além daqueles descobertos pelos vossos cientistas. Os padrões cerebrais refletem simplesmente o tipo de atividade mental ou psíquica, e outros tipos de atividade dar-vos-ão padrões diferentes.

As drogas também ajudam a mudar os padrões quando necessário. Se os padrões cerebrais não fossem alterados ao entrar e sair de um sistema, então, teoricamente, a consciência poderia ficar presa em qualquer sistema. Aceleração ou desaceleração, percebem, mas mentalmente.

(*Desaceleração.*)

As drogas também garantem que a consciência não volte ao cérebro físico demasiado rapidamente, de modo a não chocar o sistema. Existem métodos pelos quais o comportamento relativo e a condição da consciência viajante são monitorizados na outra extremidade. Em caso de perigos severos, a consciência será puxada de volta, mas isto é altamente arriscado.

Neste caso, ativa-se o período de sono-alimentação como amortecedor. No entanto, não houve tais dificuldades no caso do vosso eu provável. Agora podem tentar explorar, como costumam fazer antes de dormir. Pensar nos desenhos médicos que já fizeram pode ser benéfico. Agora, quais são as vossas perguntas?

("Gostaria de saber o que se tem passado com a Jane e os dentes dela.")

Dêem-nos um momento. (*Pausa.*) Nada de novo. Originalmente, o Seth impôs um assalto bastante maciço ao seu sistema físico, que envolveu, entre outras coisas, infeção. Literalmente, ele foi infetado por ideias negativas. À medida que se livra delas, livra-se das infeções. As palavras usadas fazem pouca diferença.

("Foi isso que o dentista notou?")

Se o homem tivesse visto a boca do Ruburt há dois anos, teria ficado indignado e teria dito ao Ruburt que não lhe restaria um dente na cabeça. E o Ruburt provavelmente teria reagido à sugestão.

("Deve a Jane voltar ao dentista?")

Não faz diferença se o fizer ou não. Dêem-nos um momento. (*Longa pausa.*) Não sugiro que faça qualquer intervenção neste momento. Se quiser saber a natureza das suas radiografias, pode ligar. Que ele se lembre de relaxar a mandíbula.

Pensamentos negativos desenfreados causam infeções. Sugestões negativas, porém, também podem mantê-las. Sugiro que o Ruburt se concentre tanto quanto possível no seu trabalho, mesmo nos seus exercícios de psico-cibernética.

Tiveram outras perguntas?

(Hesitei. "Bem, não quero usar sugestão negativa, nem perguntar da forma errada; mas gostava de saber como se chamariam os sintomas da Jane em termos médicos.")

Prefiro não responder dessa forma.

("O que aconteceu em Sayre ontem?")

O Ruburt tem uma boa ideia disso pelo seu trabalho com o pêndulo.

("Está bem." Sayre, PA é a minha terra natal, a 15 milhas de Elmira, NY.)

Daremos mais informações sobre algumas destas questões noutra ocasião.

("Tudo bem."

(O transe da Jane estava bom, mas ela estava consciente das perguntas que fiz. Eu não lhe tinha dito de antemão que as ia fazer. Expliquei-lhe que achava que a informação poderia ser útil para responder a perguntas que outras pessoas colocam ocasionalmente; dando

à Jane algo para servir de guia, etc.
Retoma às 10:15.)

Agora. Existem grupos de sintomas que recebem nomes. Os nomes ajudam os médicos a categorizar e a tratar, mas os nomes também são perigosos quando usados como rótulos.

O corpo está sempre em estado de mudança. Ao rotular um grupo de sintomas, acrescenta-se à ideia de permanência e dá-se um nome a certos aspetos da atividade corporal, distinguindo-os de outras atividades e, portanto, dando-lhes um foco bastante perigoso. Eles são vistos como separados de outras atividades corporais e ganham proeminência.

Se um médico lhe disser que tem uma determinada doença, lhe der o nome e depois disser que tem algo para curá-la, a sua crença poderá curá-la. Percebes?

("Sim.")

Se, porém, o tratamento envolver drogas, estas poderão perturbar ainda mais os processos interiores, causando novos desequilíbrios. Esses desequilíbrios também podem ser rotulados com um nome. Os sintomas do Ruburt, portanto, seriam chamados artríticos, pois se enquadram nessa categoria. No entanto, concentrar-se no termo é perigoso, pois atribui uma identidade específica ou implica um estado de permanência a um conjunto de sintomas variados e impermanentes.

Os estados de espírito não são permanentes. As suas reflexões no sistema não são permanentes, em termos gerais, embora possam ser cumulativas. É muito mais fácil ultrapassar esses períodos se não se atribuírem nomes aos sintomas, e muitas pessoas passam por muitas das chamadas doenças sem delas terem consciência.

O rótulo frequentemente leva o indivíduo a adotar a posição ou o papel de "doente", em vez de o de pessoa saudável momentaneamente indisposta. Isto deve responder mais profundamente às perguntas que me fizeram.

("Sim. Como está a esposa do John Pitre?")

Haverá um breve período de melhoria que, receio, será seguido por escuridão. Acredito que esteja em causa um período de seis meses.

("O Dr. Pietra está ativo neste momento?")

Está.

("Continuo a tentar contactá-lo conscientemente. Acha que ele aparecerá hoje à noite?")

Dêem-nos um momento, por favor. Agora, existe um medo exagerado, por parte do Ruburt, da palavra artrítico, pois, na sua mente, está ligada ao estado crónico da mãe. Deve compreender que não tem esse significado para outras pessoas necessariamente. Ele sente-se ameaçado pelo termo.

(*Longa pausa.*) Foi usada no contexto em que o foi na casa dos vossos pais e, nessas circunstâncias, foi infeliz.

Por outro lado, ele tomou medidas para se libertar. As outras sugestões negativas relativas à saúde, dadas durante a tarde e a noite, contribuíram. No entanto, os efeitos foram muito reduzidos em comparação com o que teriam sido no passado.

Agora podem fazer uma pausa, colocar perguntas ou terminar a sessão, conforme preferirem.

("Acho que então vamos terminar.")

Dou-vos os meus mais afetuosos votos e uma boa noite.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

Podem tentar logo após o meio-dia de amanhã para contato também. Um último reparo. A vossa busca de apartamento teve um efeito favorável, simplesmente pelo completo desvio de foco e pela mudança de energias para outra área.

Qualquer novo empreendimento ou interesse serve, claro, o mesmo propósito, assim como as vossas férias ou qualquer atividade que capte a atenção do Ruburt. A energia é automaticamente desviada das áreas negativas e dos sintomas.

(*Fim às 10:39. A Jane estava muito longe, disse ela.*

(Não tive sorte ao tentar contactar o Dr. Pietra no dia seguinte, etc.)

SESSÃO 487

16 DE JUNHO DE 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Em duas ocasiões desde a última sessão (9 de junho), quase se deu contato com o meu eu provável e com o Dr. Pietra numa outra realidade mais avançada. O que aconteceu foi uma fusão muito momentânea em níveis mais profundos do que o consciente. Nenhum de vós sabia como lidar com isso. Ficaram receosos de confundir as vossas próprias identidades e assustados com algumas das semelhanças entre elas. Foram, no entanto, essas semelhanças que tornaram possível esse contato. Dêem-me um momento.

(*Pausa.*) Foi numa altura em que os vossos pensamentos internos se desviaram dos modos familiares. Creio que tiveram uma imagem da parte interior de um corpo humano, ou um pensamento relacionado com órgãos internos. Isto aconteceu quando captastes, a um nível profundo, a presença do vosso eu provável.

(Isto é possível. Como artista a pintar figuras humanas, preocupo-me frequentemente com anatomia, embora normalmente da cabeça e das feições. Não me lembro de ter tido uma imagem interior forte do interior de um corpo, mas ao mesmo tempo sei que pensei nisso recentemente.)

O contato pleno ainda é possível. Mesmo durante o experimento, o Seth não está presente todo o tempo. O seu foco não é certo, e a intensidade da sua presença varia. Poderíeis sentar-vos em silêncio. O desenho automático poderá facilitar o contato. Os controlos do Seth não são bons. Ele encontra-se entre vários sistemas prováveis, nos quais cada um de vós, no entanto, tem interesse. É como se fôsseis, digamos, primos afastados.

Curiosamente, o vosso bairro, com uma saturação bastante elevada de médicos, ajuda aqui. Talvez devesse mencionar que, nos vossos termos, o Seth é um homem mais velho. Ele tem agora mais tempo para esses experimentos do que tinha quando era mais jovem. Este sistema provável em particular, de um modo geral, existe dentro da mesma estrutura espacial que a vossa. Conheceis agora matéria positiva e negativa. Existem também outros tipos de matéria que formam outros sistemas de realidade, invisíveis aos vossos olhos, tal como a matéria negativa.

O facto é que existem infinitas variedades de matéria, existindo no que vós chamais de um único quadro espacial. Usando os sentidos físicos, naturalmente nunca podeis perceber a existência destes outros sistemas. No entanto, um treino avançado com os sentidos interiores pode conduzir a tais explorações. O vosso amigo é mais avançado — o sistema dele é mais avançado do que o vosso a esse respeito.

Dêem-nos um momento. Da mesma forma que se podem enviar pensamentos através do espaço, a consciência individual pode ser enviada através de sistemas, utilizando vários métodos. Assim como uma semente pode voar no ar encerrada numa película de proteção, também a consciência individual pode viajar pelos sistemas. Mas deve estar protegida. Certas drogas podem protegê-la.

Agora, são como cápsulas do tempo, reduzindo estímulos durante certos intervalos, e depois injetando estimulantes à medida que se alcançam pontos de destino. O processo é altamente complexo. As injeções são administradas no ser físico, afetando assim o cérebro físico. A consciência projeta-se numa experiência fora do corpo. O cérebro físico fica amortecido contra choques porque, neste caso, a consciência viaja a uma velocidade tão elevada que, normalmente, o contato entre ela e o corpo seria interrompido. Certas injeções, administradas ao cérebro, ajudam efetivamente a consciência fora do cérebro e atuam como alimento. Contudo, este é apenas um dos métodos utilizados. Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(*9:38. Durante a pausa, disse à Jane que tinha um par de perguntas para o Seth, mas que esperaria para as colocar até ele dizer que estava tudo bem. Retoma às 9:43.*)

Agora. A droga permite períodos regulados de consciência altamente intensificada, a funcionar ao máximo nível, com todas as faculdades mentais aceleradas. Entre esses períodos, porém, existem fases de inconsciência. São de natureza protetora. Durante os períodos de inconsciência, as drogas injetadas no cérebro fornecem maior alimento às áreas do cérebro físico envolvidas nessas projeções de consciência. Portanto, mesmo que o vosso eu provável esteja ao alcance, por assim dizer, ele fica, por vezes, envolvido nesses períodos de blackout-alimentação.

No vosso tempo, os períodos de alta atividade consciente durariam aproximadamente três dias, seguidos por um dia e meio a quatro dias de

inatividade, consoante as circunstâncias. Isto envolve uma transferência de energia consciente de um sistema de origem para um sistema estrangeiro, e certas mudanças mais ou menos automáticas devem ser feitas de sistema para sistema, envolvendo o uso de ondas cerebrais; certos padrões sendo normais em diferentes sistemas. Existem, por exemplo, outros padrões cerebrais além daqueles descobertos pelos vossos cientistas. Os padrões cerebrais refletem simplesmente o tipo de atividade mental ou psíquica, e outros tipos de atividade dar-vos-ão padrões diferentes.

As drogas também ajudam a mudar os padrões quando necessário. Se os padrões cerebrais não fossem alterados ao entrar e sair de um sistema, então, teoricamente, a consciência poderia ficar presa em qualquer sistema. Aceleração ou desaceleração, percebem, mas mentalmente.

(*Desaceleração.*)

As drogas também garantem que a consciência não volte ao cérebro físico demasiado rapidamente, de modo a não chocar o sistema. Existem métodos pelos quais o comportamento relativo e a condição da consciência viajante são monitorizados na outra extremidade. Em caso de perigos severos, a consciência será puxada de volta, mas isto é altamente arriscado.

Neste caso, ativa-se o período de sono-alimentação como amortecedor. No entanto, não houve tais dificuldades no caso do vosso eu provável. Agora podem tentar explorar, como costumam fazer antes de dormir. Pensar nos desenhos médicos que já fizeram pode ser benéfico. Agora, quais são as vossas perguntas?

("Gostaria de saber o que se tem passado com a Jane e os dentes dela.")

Dêem-nos um momento. (*Pausa.*) Nada de novo. Originalmente, o Seth impôs um assalto bastante maciço ao seu sistema físico, que envolveu, entre outras coisas, infeção. Literalmente, ele foi infetado por ideias negativas. À medida que se livra delas, livra-se das infeções. As palavras usadas fazem pouca diferença.

("Foi isso que o dentista notou?")

Se o homem tivesse visto a boca do Ruburt há dois anos, teria ficado indignado e teria dito ao Ruburt que não lhe restaria um dente na cabeça. E o Ruburt provavelmente teria reagido à sugestão.

("Deve a Jane voltar ao dentista?")

Não faz diferença se o fizer ou não. Dêem-nos um momento.

(*Longa pausa.*)

Não sugiro que faça qualquer intervenção neste momento. Se quiser saber a natureza das suas radiografias, pode ligar. Que ele se lembre de relaxar a mandíbula.

Pensamentos negativos desenfreados causam infeções. Sugestões negativas, porém, também podem mantê-las. Sugiro que o Ruburt se concentre tanto quanto possível no seu trabalho, mesmo nos seus exercícios de psico-cibernética.

Tiveram outras perguntas?

(Hesitei. "Bem, não quero usar sugestão negativa, nem perguntar da forma errada; mas gostava de saber como se chamariam os sintomas da Jane em termos médicos.")

Prefiro não responder dessa forma.

("O que aconteceu em Sayre ontem?")

O Ruburt tem uma boa ideia disso pelo seu trabalho com o pêndulo.

("Está bem." Sayre, PA é a minha terra natal, a 15 milhas de Elmira, NY.)

Daremos mais informações sobre algumas destas questões noutra ocasião.

("Tudo bem."

(O transe da Jane estava bom, mas ela estava consciente das perguntas que fiz. Eu não lhe tinha dito de antemão que as ia fazer. Expliquei-lhe que achava que a informação poderia ser útil para responder a perguntas que outras pessoas colocam ocasionalmente; dando à Jane algo para servir de guia, etc.
Retoma às 10:15.)

Agora. Existem grupos de sintomas que recebem nomes. Os nomes ajudam os médicos a categorizar e a tratar, mas os nomes também são perigosos quando usados como rótulos.

O corpo está sempre em estado de mudança. Ao rotular um grupo de sintomas, acrescenta-se à ideia de permanência e dá-se um nome a certos aspetos da atividade corporal, distinguindo-os de outras atividades e, portanto, dando-lhes um foco bastante perigoso. Eles são vistos como separados de outras atividades corporais e ganham proeminência.

Se um médico lhe disser que tem uma determinada doença, lhe der o nome e depois disser que tem algo para curá-la, a sua crença poderá curá-la. Percebes?

("Sim.")

Se, porém, o tratamento envolver drogas, estas poderão perturbar ainda mais os processos interiores, causando novos desequilíbrios. Esses desequilíbrios também podem ser rotulados com um nome. Os sintomas do Ruburt, portanto, seriam chamados artríticos, pois se enquadram nessa categoria. No entanto, concentrar-se no termo é perigoso, pois atribui uma identidade específica ou implica um estado de permanência a um conjunto de sintomas variados e impermanentes.

Os estados de espírito não são permanentes. As suas reflexões no sistema não são permanentes, em termos gerais, embora possam ser cumulativas. É muito mais fácil ultrapassar esses períodos se não se atribuírem nomes aos sintomas, e muitas pessoas passam por muitas das chamadas doenças sem delas terem consciência.

O rótulo frequentemente leva o indivíduo a adotar a posição ou o papel de "doente", em vez de o de pessoa saudável momentaneamente indisposta. Isto deve responder mais profundamente às perguntas que me fizeram.

("Sim. Como está a esposa do John Pitre?")

Haverá um breve período de melhoria que, receio, será seguido por escuridão. Acredito que esteja em causa um período de seis meses.

("O Dr. Pietra está ativo neste momento?")

Está.

("Continuo a tentar contactá-lo conscientemente. Acha que ele aparecerá hoje à noite?")

Dêem-nos um momento, por favor. Agora, existe um medo exagerado, por parte do Ruburt, da palavra artrítico, pois, na sua mente, está ligada ao estado crónico da mãe. Deve compreender que não tem esse significado para outras pessoas necessariamente. Ele sente-se ameaçado pelo termo.

(*Longa pausa.*) Foi usada no contexto em que o foi na casa dos vossos pais e, nessas circunstâncias, foi infeliz.

Por outro lado, ele tomou medidas para se libertar. As outras sugestões negativas relativas à saúde, dadas durante a tarde e a noite, contribuíram. No entanto, os efeitos foram muito reduzidos em comparação com o que teriam sido no passado.

Agora podem fazer uma pausa, colocar perguntas ou terminar a sessão, conforme preferirem.

("Acho que então vamos terminar.")

Dou-vos os meus mais afetuosos votos e uma boa noite.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

Podem tentar logo após o meio-dia de amanhã para contato também.

Um último reparo. A vossa busca de apartamento teve um efeito favorável, simplesmente pelo completo desvio de foco e pela mudança de energias para outra área.

Qualquer novo empreendimento ou interesse serve, claro, o mesmo propósito, assim como as vossas férias ou qualquer atividade que capte a atenção do Ruburt. A energia é automaticamente desviada das áreas negativas e dos sintomas.

(*Fim às 10:39. A Jane estava muito longe, disse ela.*

(Não tive sorte ao tentar contactar o Dr. Pietra no dia seguinte, etc.)

SESSÃO 488

18 DE JUNHO, 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Dá-nos um momento.

O Ruburt está a tentar livrar-se de maus hábitos de longa duração. Ele está a progredir. Certos incidentes, triviais em si mesmos, às vezes carregam uma carga tremenda, não necessariamente porque ele esteja a reprimir pensamentos sobre o incidente em particular, mas porque o incidente relembra questões passadas não resolvidas que ele associou psiquicamente a ele.

Ele arranca parte do espinho, mas não todo, ao trabalhar com o pêndulo, nalguns casos. Quando o sintoma persiste, geralmente é esse o caso. A condição geral do corpo dele representa o estado geral da saúde interior dele. Queixas específicas geralmente representam reações locais provocadas por um problema ou incidente atual.

Se o sintoma local não desaparecer ou diminuir dentro de um dia, então há elementos ocultos ou reprimidos ligados a ele, aos quais ele ainda está a reagir. Dá-nos um momento.

Mencionei antes que um forte foco de atividade noutras áreas é benéfico. A vossa procura de apartamento, por causa da novidade e do interesse dele em decoração e arranjo, estimulou a imaginação dele de uma nova forma, desviando energia dos sintomas. Ele imaginava-vos, a ti e ao teu lar, em cada novo apartamento que via. Isto acrescentou ao sentido interior de mobilidade dele.

Tais atividade, e podes pensar noutros exemplos — estou apenas a usar este como exemplo — são terapêuticas, mesmo que possa parecer que estão fora do assunto. Elas automaticamente varrem a consciência dele para outras áreas de atividade, afastando-a de questões às quais ele pode ter estado sensibilizado no passado, e servem para lhe dar um fôlego e um refrescamento.

Viste, por exemplo, o efeito terapêutico da vossa breve ida às compras no centro comercial, e o efeito esmagador de uma emoção simples como o riso e os ambientes diferentes, para quebrar uma depressão difícil.

Os vossos planos de férias podem servir da mesma maneira. Ambientes diferentes simplesmente dão à consciência algum material novo para mastigar.

Isto permite ao eu interior trabalhar muito mais rapidamente e eficazmente. Pode-se enganar a consciência normal com bugigangas, desviando a atenção dela para outras áreas, para que o eu interior seja deixado em paz para fazer o seu trabalho. Agora dá-nos um momento.

Pode parecer que a resposta a um episódio em particular é desproporcional em intensidade, mas a ele podem estar ligados materiais do passado que carregam uma carga pesada. Ora, Jane pode aprender a usar também o sentimento subjetivo como ajuda desta forma. Ele não deve identificar-se com ele para começar. Ajudaria se pudesse imaginar que tem uma forma ou peso.

Ele está na posse disso. Ele tem este humor. Digamos que é um humor de derrota. Ele deve perceber que não está derrotado, mas que tem um humor de derrota. Vê-lo como uma forma, depois, ao trabalhar com o pêndulo, fechar os olhos e ver se a forma ou imagem está a desaparecer. A ideia da imagem aqui será um reforço adicional e uma ajuda.

Quando isto estiver a funcionar bem, a emoção diminuirá à medida que a imagem desvanece; um episódio como este último deve ser considerado uma condição local, e não exagerada. Ele teve uma condição intensificada no joelho, e deve ser considerada sob essa luz, usando os métodos dados.

O salto de uma condição local para uma afirmação como “sou um desastre” deve ser evitado. A inclinação para projetar um sintoma local no corpo em geral — segues-me? — é muito má, e desvia o foco de avanços muito definidos que passam despercebidos.

Quando o joelho está mau, hoje, por exemplo, a tendência é concentrar-se nele e nas dificuldades envolvidas, e ignorar completamente as outras partes do corpo que não estão afetadas. Depois, no geral, ele vê-se a si mesmo, nos seus termos, geralmente como um desastre. A atitude deveria ser: "Esta área está afetada, porquê? Podemos descobrir."
Os pontos de sensibilidade estão a diminuir. Isto ele frequentemente esquece.

Agora podes fazer uma pausa e continuaremos.

Agora. Tenho outra sugestão.

Quando o Ruburt estiver bem-disposto e em boa condição física, ao fim do dia que ele tome nota, brevemente, do que tem feito e pensado. Que ele use esses dias como modelos, com o foco da atenção neles em vez dos dias maus. A ideia é reproduzir essas atividade e pensamentos diários que naturalmente reforçam as forças dele. Ele não deve sobreanalisar, mas, de um modo geral, manter tais dias em mente como modelos a seguir.

Os vinte minutos de psico-cibernética devem ser particularmente mantidos quando ele não se sente bem, pois por si só ajudam-no a mudar o humor e dão-lhe um fôlego. Muitas vezes, nos dias em que mais precisa deste exercício, ele dispensa-o. Como parte da rotina dele, é uma excelente forma automática de recondicionamento mental. Agora tens perguntas?

("Não, acho que não. Vou esperar.")

Dá-nos um momento. Restam três dias durante os quais a comunicação é mais provável entre ti e o teu eu provável. Ele está agora consciente da tua existência, em vez de apenas da tua existência provável.

(A 24 de Junho de 1969, eu ainda não tinha tido sucesso em comunicar com o Dr. Pietra de forma consciente. Esta sessão foi realizada a 18 de Junho.)

Ele próprio está a tentar fazer contato depois de finalmente descobrir onde estavas. Há alguns problemas aqui que ainda não discutimos e que são bastante complexos, relacionados com as relações temporais. Ele pode fazer contato contigo no agora dele durante esta visita, mas isso pode não ser conhecido ou experimentado por ti até algum momento no teu futuro.

Ele está consciente disto, mas tu és real para ele em todos os teus períodos temporais de Robert Butts. Do ponto de vista dele, é uma questão de quando o contato pode ser feito da melhor forma. Ele não percebe que tu não te percebes a ti próprio como sendo um só nesses intervalos temporais

separados. Ele percebe isso sobre ele próprio, mas ainda não o considerou nos cálculos dele.

Avisar-te-ei muito em breve do que está a acontecer, se tu próprio não tiveres consciência do contato. É concebível que ele pudesse fazer contato contigo no passado, e tu já o terias esquecido, mas não é esse o caso. Embora ambas as vossas realidades sejam físicas, os ambientes são totalmente diferentes. As formas que criam a partir da matéria são apenas geralmente semelhantes. A consciência dele tem estado a perceber este tipo de ambiente desconhecido com alguma admiração.

(Querendo dizer o nosso.)

As possibilidades medicinais ocupam-lhe o interesse. Ele tenciona comunicar contigo novamente, e eu diria que, no teu tempo, isso ocorrerá aproximadamente às três da manhã de amanhã.

("Vou saber disso?")

Esperamos que sim. *(Não soube.)* Sugiro que dês instruções no sentido de que uma parte de ti se mantenha alerta durante o sono para tal encontro. Dá-nos um momento. Pode haver uma mudança na pressão do ar no quarto que te poderia alertar. Muito provavelmente seria uma comunicação telepática, mas ele pode tocar-te, para ver se te sentes físico para ele. Ele apenas aparecerá em forma de aparição. A verdadeira substância ou material do corpo dele, claro, não estará aqui, já que o tipo de matéria dele não pode existir dentro da tua, ou seja, dentro do teu sistema.

É bastante possível que vejas a forma aparicional dele.

(Tenho tentado sem sucesso, diariamente.

"Ele é humanoide nos nossos termos?")

A resposta seria sim. Há uma diferença, nos teus termos, na cor da pele, sendo a dele de um tom púrpura. Aliás, à medida que envelhecem no sistema deles, a pele torna-se acinzentada. Não sei bem como explicar isto: os átomos da matéria deles pesam mais do que os teus.

Podes fazer uma pausa, fazer perguntas ou terminar a sessão, como preferires.

("Vamos fazer a pausa."

Agora. Iremos encerrar brevemente a nossa sessão. No entanto, algumas observações adicionais.

Se surgir um sintoma local específico, ajudará se o Ruburt disser para si mesmo: "Claro que sei a razão disto; virá até mim à medida que continuo

o meu trabalho." Apenas essa atitude traria uma melhoria. A atitude dele é muitas vezes: "Mas que raio causou isto?"

Ele sobrestima a dificuldade de encontrar as causas, e isso prolonga o processo. Ele não deve trabalhar em excesso com o pêndulo. Muitas vezes, num só dia, ele mexe em muitos assuntos sem chegar ao fundo de nenhum em particular. É altamente importante que ambos se lembrem dos progressos. Ele está a trabalhar bem agora, e isto foi em tempos um grande problema.

A espontaneidade dele está a ser libertada na escrita. As depressões profundas desapareceram em grande parte. Apenas restam ecos. As mãos recuperaram bastante força. Os pés estão muito melhor. Outros sintomas desapareceram por completo, a tal ponto que ele quase já se esqueceu deles. Agora ele deve lembrar-se, e tu também, do progresso feito, particularmente nos dias maus.

Ele também deve imaginar o futuro quando os sintomas presentes já tiverem desaparecido como os outros. Qualquer coisa menos projetá-los para o futuro. Podes ajudá-lo relembrando-lhe as melhorias e dizendo algo como: "Tu costumavas preocupar-te tanto com os teus — digamos — pés, e agora estão bem." Mas lembra-lhe os progressos. Pelo menos mantém os progressos na tua própria mente. Pode ser melhor não mencionar sintomas específicos passados, mantendo-se no entanto focado na condição melhorada. Segues-me?

("Sim." Este é o método que tento usar.)

Agora tens perguntas?

("Não.")

Então terminaremos a sessão. Os meus mais calorosos votos para ambos. A ideia por trás dos exercícios de psico-cibernética é que, no futuro, tal pensamento se torne automático.

Ele já mudou automaticamente muitas áreas de pensamento ao longo do último ano. Estas estão mudadas para sempre. E uma boa noite calorosa.

("Boa noite, Seth."

SESSÃO 489

23 DE JUNHO, 1969

(A entidade de Seth, que não tem nome nos nossos termos, falou esta noite, em vez de Seth. Ver a 464ª sessão de 10 de Fevereiro de 1969; foi a última vez que esta entidade nos falou. A entidade de Seth não falou muitas vezes; a 464ª sessão e anteriores contêm notas detalhadas sobre a maneira de falar da entidade, etc.

(Às 21:09, a Jane disse-me que, pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se como "a outra personalidade", querendo dizer a entidade de Seth. Ela levantou os olhos, depois disse que sentia a pirâmide subjectiva por cima da cabeça. Esperando, começou a mexer os lábios silenciosamente, como se estivesse a formar palavras. Os olhos fecharam-se e assim permaneceram até à pausa. Ela sentou-se direita na cadeira de baloiço, com as mãos entrelaçadas no colo.

(O ritmo dela estava bom. A sessão começou sem saudação, como de costume. A voz era muito aguda, fina, formal, bastante distante e bastante ténue quando contrastada com a entrega de Seth. As janelas estavam abertas para o som do trânsito próximo; isto tornou difícil ouvir esta voz ténue às vezes.)

Vocês não compreendem a diversidade das formas de vida dentro da vossa própria realidade. O alcance delas escapa-vos. Vocês percebem-nas presas como espécimes vivos no vidro do tempo presente, sem compreensão da sua expressão múltipla noutros lugares.

Mesmo fisicamente, ainda não categorizaram todas as formas de vida, e há muitas que coabitam o vosso sistema que vocês nunca perceberão fisicamente. Vocês não compreendem a realidade múltipla dos vossos próprios pensamentos ou formas de pensamento, e não conseguem segui-los para fora da vossa própria casa mental.

A multiplicidade do vosso próprio sistema é apenas um pequeno exemplo das infinitas realidades que existem fora dele. As gradações nas formas de matéria física por si só escapam aos vossos cientistas. Que a matéria exista noutras formas é algo mal compreendido. Há gradações na matéria, assim como há gradações na vossa cor, realidades que se misturam umas nas outras, e sistemas prováveis nos quais várias representações, reflexos, sombras e ecos, todas criações prováveis de qualquer dado eu, amadurecem.

Eles estão todos interligados e, no entanto, separados, e se olhares de perto para o teu próprio universo físico verás que aqui também a matéria está interligada com matéria. Vês apenas uma forma de matéria. Há diversidades dentro de cada sistema, tal como há diversidades dentro do teu, que são universos químicos onde os pensamentos são moldados de formas que seriam incompreensíveis para ti.

Existem estruturas tão ténues e tão afastadas do teu conceito de realidade que tu as ignorarias, e no entanto são mais ricas e mais variadas do que a tua. Se esses universos não estivessem interligados, então não teríamos comunicação, mas cada um tem um espelho em cada um, e um alcança todos os outros, e eu digo-te um milhão de palavras por cada uma que tu ouves.

Tu fazes parte de outros sistemas que não conheces, e partes sonhadoras dos teus processos existem tão plenamente noutros sistemas quanto o teu corpo físico habita este.

Não poderias lidar conscientemente com estas existências com uma só mente, tal como pensas a mente, segmentada. O teu eu existe em vários compartimentos, e embora todos sejam um, não poderias agora suportar a abertura das portas entre eles.

Somos a voz que sussurra pelos corredores. A própria matéria do teu cérebro físico tem a sua realidade maior na mente, e por trás dessa mente há outra mente, e por trás dessa outra, e no entanto tudo isto é a tua mente. A mente do eu maior tu não conheces.

Não existem presentes ou passados para estas mentes, apenas experiência simultânea, e uma criatividade que constantemente, de si própria e da sua existência, cria mais. A consciência, de si mesma, forma todas estas realidades e sistemas. Ela não se esquece, como tu te esqueces, que formas todas as dimensões dentro do teu próprio sistema.

Tu esqueces o que sabes. A mente maior não esquece.

Traduzido para ti, o olho (soletrado) é o símbolo desta mente maior, pois vê através de todos os sistemas, e olhando para fora vê infinitudes de si mesma a dançar nos seus próprios olhos: os próprios olhares são criações vitais e dimensões de consciência.

(Algumas palavras perderam-se aqui devido à rapidez da fala. Depois:)

... Criações são formadas dentro do teu olho fechado, na sabedoria do sonho, e lançadas na atualidade à medida que o olho se abre. Este símbolo

explica o funcionamento do sistema provável, todas as variações possíveis sendo formadas, e cada uma criativamente a trazer outra.

(21:35. Não houve anúncio de pausa por parte da entidade. A Jane simplesmente parou de falar. Os olhos dela demoraram a abrir. A Jane disse que teve a sensação habitual da pirâmide, descrita em detalhe em sessões anteriores, e que, como sempre quando a pausa chegou, sentiu-se a descer por ela.

(Às 21:50, a Jane disse que estava "a começar a senti-lo novamente", embora, tanto quanto sabemos, a definição sexual da entidade não tenha significado nos seus termos. Como antes, agora a Jane começou a sentar-se calmamente, as mãos novamente entrelaçadas no colo; a boca e os lábios começaram a mexer-se de novo, e finalmente a voz aguda e fina emergiu mais uma vez. 21:56.)

E quando dormes, estás em períodos acelerados de criatividade e concentração, a criar com pensamentos e imagens o mundo que conheces, formando a partir da experiência interior a história física que se desenrolará, os eventos que encontrarás fisicamente.

Também estás a receber informações de outros eus prováveis. Estás a planear reencarnações terrenas. Estás a fazer contatos que serão usados noutros reinos. Quando os teus olhos se fecham, portanto, trazes realidades para a Terra, e quando os teus olhos se abrem, também as lanças para a atualidade.

Visitas viajantes de outros sistemas. Plantas formas-pensamento noutros sistemas e cuidas delas. Manténs congregação com os muitos segmentos da tua própria realidade. O teu mundo é como uma forma-pensamento na minha experiência. O teu sistema físico existe em muitas intensidades e pode ser percebido. Eus prováveis podem ser vistos por mim e por outros como eu, pois vemos a tua realidade em todas as suas dimensões, e tu vês apenas a partir das pequenas formas presentes que conheces. *(Pausa.)*

Em tudo isto há propósito. Estás a ser observado por outros. A sessão desta noite é uma breve reiniciação para outros que virão.

(22:00. Mais uma vez, a Jane parou de falar abruptamente, e este foi o fim da sessão, inesperado como foi. Desta vez, os olhos dela abriram-se rapidamente; olhando para cima, ela sentiu no ar acima da cabeça; tão real era a sensação da pirâmide, disse ela, que tentou tocá-la fisicamente. Eu não vi nada.

(A Jane disse que a pirâmide parecia vidro acima dela. Além disso, que "foi mesmo estranho que a pirâmide desaparecesse tão rapidamente" no fim da sessão. Ela também não teve aviso do rápido fim da sessão.)

SESSÃO 491

2 de Julho de 1969

(*No sábado e domingo, 28 e 29 de Junho, a Jane e eu visitámos Saratoga Springs.*)

(*O material abaixo reflete uma conversa que tivemos antes da sessão de hoje e as respostas do Seth.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora, lembrem-se: de certa forma, a vossa realidade é um sistema provável. Em outras realidades, a humanidade tomou caminhos diferentes.

Em algumas, por exemplo, nunca se tornou carnívora. Noutras, os instintos agressivos – como os chamam – foram canalizados quase automaticamente para áreas construtivas.

O progresso nesse sistema alternativo, contudo, não foi rápido, e o desenvolvimento individual sofreu de muitas maneiras. O problema de como lidar com a energia de forma construtiva foi colocado em termos muito mais simples. Havia menos livre-arbítrio envolvido. Os habitantes desse sistema eram muito mais receosos – tão receosos que poucas mudanças eram permitidas.

O problema da agressividade é simplesmente o problema de como usar a vossa própria energia de forma construtiva. Quando são forçados a fazê-lo, aprendem pouco.

É verdade que nesse sistema havia um foco mais forte nas artes, mas ainda assim havia menos grandes artistas.

A única forma de evitar confrontar o problema foi limitar a quantidade de energia livre atribuída a cada indivíduo, disponível em massa. Foram incorporadas salvaguardas automáticas na estrutura física, para que os acúmulos de energia não pudessem ser reprimidos – para que não emergissem com conotações violentas.

Quem vive nesse sistema dá passos novos muito lentamente, e terá mais dificuldade em lidar com grandes quantidades de energia de forma construtiva.

No vosso sistema, são mais aventureiros, mais ousados.

A consciência é muito variada. Nenhum sistema poderia contê-la ou satisfazê-la completamente. Em geral, as entidades individuais escolhem o sistema que melhor se adequa às suas personalidades e inclinações gerais.

O vosso sistema representa uma entrada bastante abrupta e explosiva na consciência organizada – mas numa base individual.

Aqueles do vosso sistema são relativamente impacientes, escolheram trabalhar com grandes quantidades de energia. O vosso sistema físico responde rapidamente e espelha o uso dessa energia. Os resultados são vistos rapidamente.

Grandes agrupamentos ocorrem dentro da psique de massa – enormes ondas de energia à medida que a nação toma decisões importantes. Tudo isto acontece inconscientemente, mas é um método de ensino. Os resultados têm de ser observáveis fisicamente.

Como criaturas físicas, respondem melhor a resultados tangíveis. Não sabem até onde podem ir numa determinada onda de atividade até verem os efeitos objetivamente.

Se soubessem lidar eficazmente com a energia e percebessem plenamente que os vossos pensamentos são a força motivadora das realidades, não precisariam de uma existência física. Pois essa é precisamente a razão de ser do vosso ambiente físico: ser o barro com o qual moldam o vosso trabalho mental.

Ficam profundamente envolvidos na atividade, mas sabem, em camadas mais profundas do vosso ser, que a vossa existência – e a existência da raça – continuará. Muito francamente, a vossa Terra é dispensável – será criada de novo quantas vezes forem necessárias.

(*Sorriso.*) Mas compreendam que outros também estão a formar o seu próprio barro de realidades simultaneamente. Se não gostam do que criaram, deitam-no fora – mas sempre com a intenção de aprender com os erros e criar algo melhor com o conhecimento adquirido. Nenhuma porção da consciência se perde nesse processo. Entendem? Quando imaginam a possível destruição do vosso planeta, pensam na mutilação da natureza, na transformação da espécie... ou que a raça humana desapareceria e teria de começar de novo, como se fosse do zero.

Cada época que já existiu no vosso planeta — na forma como a percebem — ainda existe, e qualquer consciência que nela esteve envolvida ainda existe. Cada consciência conserva a memória de todas as suas

experiências, de cada gestalt de que fez parte, dos erros e dos acertos que viveu. De certa forma, tudo isto acontece no piscar de uma pálpebra. Mas, em termos de aquisição de valor, é explorado minuciosamente.

Como sabem, não existe destruição — e, no entanto, noutros termos, é necessário acreditarem por algum tempo que existe, se quiserem trabalhar para o vosso próprio bem e para o bem dos outros. Existem, porém, muitos caminhos que levam a esse objetivo. Cada personalidade encontrará o seu próprio caminho.

Ajudam os outros, quer tenham consciência disso ou não, quer os outros percebam ou não, quer planeiem fazê-lo ou não. Ajudam os outros mesmo quando, nas vossas intenções conscientes, pretendem o contrário. Muitos, que parecem dar um péssimo exemplo, ajudam os outros precisamente por esse motivo — servem de exemplos do que não deve ser feito.

Na sua avareza e ódio, também eles cumprem um propósito.

Isto não significa que não terão de evoluir e aprender — terão. Mas significa que, de uma maneira ou de outra, serão instrumentos de ajuda, independentemente da sua intenção consciente. Em alguns casos raros, esta situação é configurada deliberadamente por uma parte da própria personalidade, embora, repito, não seja o mais comum.

Há aqueles que absorvem automaticamente o ódio dos outros, como uma esponja. Têm traços odiosos, porque escolheram desempenhar tais papéis — atraindo para si agressões que outros não conseguiam lidar. Existe muito, muito mais do que aquilo que conseguem ver à superfície das situações. Muitas circunstâncias que parecem caóticas têm, na verdade, um significado profundo.

Não existe uma única solução provável para as dificuldades da humanidade que não esteja a ser desenvolvida nalgum sistema provável. Existem sistemas em que a violência não é permitida, mas onde toda a energia continua a ser concedida. Aí, o método de crescimento é diferente.

O corpo físico, nesses sistemas, é construído de forma a não poder conter violência — a energia violenta é canalizada ou dissipada de forma natural. Agora, devem entender que isto continua em termos de vida animal e vegetal também. A mudança é gradual. Em muitos aspetos, é um sistema adormecido — a mudança é tão lenta e não violenta que o perigo é o de um status quo eterno.

Os padrões mentais são completamente diferentes dos vossos. Mesmo a abrupta luta pela mudança que experimentam aqui implica violência — a quebra de um padrão para outro. Agora, para quebrar esse padrão: façam uma pausa.

(Nota divertida de Seth: Aliás, só sei da existência de tais sistemas — nunca experienciei nenhum deles.)

Não é necessário que saibam o que está a acontecer nesses outros sistemas de realidade.

Alguns deles são tão estranhos que nem eu nem vocês os reconheceríamos como manifestações de vida consciente. Há propósitos para além daqueles que vos posso transmitir agora. O seu significado será revelado à medida que o vosso próprio desenvolvimento avança.

Dentro da consciência, tudo é potencial — e todas as criações são amorosamente nutridas.

Não podem escapar da existência ou da realidade, mesmo que tentem. É importante saber que muitas entidades nunca experimentam a realidade física — e nunca o farão.

No entanto, toda a informação obtida em cada sistema provável é conhecida e correlacionada em planos superiores. Devem também reconhecer as vantagens, desafios e belezas únicas que o vosso próprio sistema físico oferece — belezas e realizações que são genuinamente singulares. Entretanto, essas realizações não são necessariamente aquelas pelas quais se dão palmadinhas nas costas...

A própria natureza, tal como a conhecem, é o resultado da vossa decisão coletiva de lidar com grandes quantidades de energia — com um mínimo de restrições. As belezas da vossa Terra — as folhagens, as paisagens, os céus — são muitas vezes o produto de mudanças violentas, energia intensa canalizada para moldar padrões e formas, mantendo ainda assim uma estabilidade assombrosa.

Esses produtos finais são, de facto, criações artísticas incomparáveis. Vocês nunca pensariam neles como arte — mas são. Estão a seguir-me até aqui?

("Sim. Já pensei nisso." — especialmente vendo as pinturas infantis da Jane.)

Aceitar o desafio da agressividade e do uso de energia intensa exige reações rápidas, comunicação inconsciente em massa e habilidades para transformar energia de um tipo para outro rapidamente.

Energia explosiva e altamente instável pode levar-vos à guerra — mas no último momento também pode ser redirecionada: pode produzir um grande terramoto, o nascimento de uma ilha, ou de um novo continente.

Ou pode impulsionar a criação de uma invenção que literalmente abala o mundo. Dependerá sempre da capacidade interior da raça e da sua intenção no momento. Quando a humanidade se encontra em grande sofrimento, enfrenta grandes problemas — e então invoca alguém como Cristo. A raça produz — de si mesma — as personalidades necessárias para lhe dar a força de que necessita. E pouco importa as circunstâncias em que isso ocorre: o mito torna-se realidade. E a realidade torna-se infinitamente mais forte do que qualquer mero evento físico.

Agora: sobre Cristo.

Houve três homens cujas vidas se confundiram e se fundiram no que ficou conhecido como a história de Cristo. Cada um deles era altamente dotado psiquicamente. Cada um sabia do seu papel e aceitou-o de bom grado. Eram três porções de uma mesma entidade, manifestadas fisicamente ao mesmo tempo — embora não tenham nascido exatamente na mesma data.

Há razões para a entidade não ter retornado como uma só pessoa: A consciência total de uma entidade teria sido demasiado forte para um só veículo físico. E também havia a intenção de criar um ambiente mais diversificado. A entidade manifestou-se uma vez como John Batista, e depois como duas outras personalidades — uma delas é aquela a quem a maioria das histórias sobre Cristo se refere.

Sobre a terceira personalidade, falaremos em outro momento. Houve comunicação consciente entre essas três porções da entidade, apesar dos seus nascimentos e mortes em datas diferentes. Foram invocados pela humanidade — retirados do "banco psíquico" da consciência disponível para a raça. Podes agora fazer uma pausa, colocar uma pergunta, ou encerrar a sessão como preferires.

("Acho que terminamos por aqui.")

(10:55. Este foi um término de sessão bastante abrupto, de vido a que me sentido cansado de escrever a tal ritmo acelerado ou teria dado prosseguimento à sessão embora se fizesse tarde. A Jane estava afastada, etc.; com efeito, após a sessão disse que estava "ainda a colher material.")

SESSÃO 492

7 DE JULHO, 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

As nossas sessões têm muitos anos pela frente.

Nos primeiros dias, quando primeiro falei convosco, vocês não teriam compreendido as coisas que vos digo agora. Em sessões futuras, vocês receberão respostas; respostas, pois até lá já saberão as perguntas certas.

Agora lamento que tenhas de estar tão envolvido em tomar notas que não possa falar contigo de uma forma mais conversacional. Muitas verdades não podem ser ditas, por isso temos de procurar formas de menor distorção. Por trás das perguntas que estás a fazer há perguntas mais profundas.

As nossas sessões ainda acompanharão muitos desenvolvimentos, e em alguns anos mais, quando também tiveres aprendido mais, abrir-se-ão canais de experiência direta dentro da estrutura da sessão. Por trás do símbolo da linguagem está a essência. O conhecimento deve ser dado de tal maneira que faça sentido dentro da tua estrutura particular.

Alguns conhecimentos envolvem conceitos que estão além dela. Ambos terão uma série de experiências de sonho altamente vívidas e memoráveis, sete no total, e vocês lembrar-se-ão delas. Nelas, receberão algumas informações que não podem ser dadas verbalmente. Virão através de experiência direta. Cada sonho marcará um ponto de avanço.

Não haverá dúvida na vossa mente após o acontecimento. Vocês reconhecerão os sonhos como aqueles que eu previ. Representam uma etapa necessária pela qual devem passar. Consistirão em várias iluminações. Não estarão próximos uns dos outros. Não terão um intervalo de tempo uniforme. Haverá intervalos variados entre eles.

No final do vosso sétimo sonho, estarão familiarizados com o vosso ambiente imediato após a morte. Terão, de facto, então, um vislumbre desse próximo ambiente. Os sete sonhos já eram incipientes desde que começou a vossa educação psíquica. Também representarão experiências culminantes, no sentido em que têm vindo a progredir noutros níveis de realidade no estado de sonho, há já algum tempo.

Conscientemente, vocês têm estado inconscientes disso. Cada sonho, no entanto, servirá como uma rutura para a vossa consciência, um drama de graduação de certo tipo, do qual estarão plenamente conscientes. Quando

estiverem a considerar o tipo de perguntas de que falaste esta noite, lembrem-se de não pressionar demasiado por respostas numa base intelectual.

O intelecto não conhece as respostas. As intuições podem, em momentos, entregar conhecimentos que o intelecto luta (com) durante anos, e pode nunca adquirir.

Parte disto envolve tornar-se disponível intuitivamente para que as respostas possam vir. A forma como formulas qualquer pergunta, até certo ponto, colore a resposta dela. Procurar as perguntas por trás das perguntas muitas vezes dará a resposta inicial que desejavas. Tu e o Ruburt estarão ambos envolvidos noutro período de atividade psíquica bastante concentrada juntos como um projeto principal, dentro de pouco tempo. Por exemplo, depois de ele terminar o livro.

Tais períodos concentrados de atividade seguem os seus próprios padrões e ritmos, e vocês precisam de descanso deles. Este período, no entanto, responderá a algumas das vossas perguntas. Há ritmos nas vossas próprias personalidades, bastante naturais, que fluem juntos, depois um pouco separados, e juntos novamente. Estão prontos para se aproximar mais uma vez, e estes representam os momentos das vossas maiores empreitadas psíquicas e criativas, de mais alto desempenho independentemente do tempo, quando as capacidades de um reforçam as do outro.

O início das nossas sessões representou um desses pontos. A iniciação da nossa outra personalidade representou um segundo ponto. As circunstâncias aqui, no entanto, não foram das melhores. O terceiro ponto desses verá as vossas atividade individuais intensificadas; visões espontâneas e ocorrências, por exemplo, da tua parte; geralmente melhores projeções por parte do Ruburt, e períodos de tempo psíquico intensificados para ambos.

Cada um de vocês dedicará meia hora diária a isto, como faziam no início, levado pelos bons resultados. Este período também verá o primeiro dos sete sonhos. O próximo período desse tipo não virá por aproximadamente três anos. Entretanto, estarão a assimilar os conhecimentos e experiências, e o Ruburt estará a escrever sobre eles.

As nossas sessões, claro, continuarão, com uma intensidade maior alcançada durante o período mencionado. No tipo de trabalho que estão a fazer, tanto criativamente nas artes como no trabalho psíquico, as atividade

e desenvolvimentos interiores correm por baixo da superfície e não são vistos. Parece que estão num planalto ou área nivelada, e depois o trabalho que tem estado a decorrer em profundidade vem à superfície, libertado. Os resultados começam a aparecer.

Não me esqueci do primeiro dos meus próprios livros, incidentalmente, mas adiei-o para que pudesse ser dado material mais prático sobre o Ruburt. Representará uma forma altamente concentrada de atividade e foco.

Podes fazer a tua pausa e continuaremos.

(A Jane saiu do transe facilmente, mas disse que o Seth estava aqui fortemente esta noite, mesmo que a voz e a entrega dela fossem bastante médias. Mas a Jane disse que quando o Seth está realmente presente ela sente uma "certa energia" à volta dela que é intensificada em relação às sessões normais. Contudo, curiosamente, ela também se lembrava de parte do material.

(Retoma às 21:55.)

Agora. As respostas desenrolam-se. E mesmo quando te são dadas, elas devem desenrolar-se dentro de ti ou não as compreenderás.

Tu sentes o caminho para dentro delas. Muito do nosso material será muito mais significativo para ti depois do teu período de atividade psíquica que se aproxima. Não apenas o compreenderás intelectualmente, mas sentirás o que significa. Saberás através da experiência.

O teu amigo doutor ainda está por perto, devido a um período prolongado de descanso *(o Dr. Pietra)*; mais uma vez, e pela última vez até ao outono, as condições são boas desta vez, particularmente para uma aparição. Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Diz a ti mesmo que, enquanto dormes, estarás alerta a qualquer mudança de atmosfera dentro do quarto; pois haverá uma mudança. Esta noite e amanhã à noite serão melhores, com uma ligeira possibilidade na sexta-feira à noite, e essa será a última oportunidade por algum tempo. Agora, diz a ti mesmo que a tua mente consciente pode estar alerta enquanto dormes e sonhas, alerta o suficiente para reconhecer uma mudança de atmosfera.

Não faz diferença, percebes, se estás acordado nos teus termos ou a dormir nos teus termos; se a tua mente consciente estiver a funcionar em qualquer um dos estados, verás ele.

Agora, a sugestão de levares a tua consciência de vigília para o estado de sono é de particular valor em projeções conscientes, se a usares. Terias sucesso se a usares habitualmente.

Ele encontrou a tua localização, e ele estará aqui. Podes, em vez disso, vê-lo claramente numa visão forte dentro de um sonho. Se for assim, ele anunciar-se-á. No entanto, é altamente importante, para qualquer trabalho desse tipo, que comeces a treinar-te para levar a tua consciência de vigília contigo no sono. É a razão pela qual não te lembras de projeções perfeitamente legítimas que fizeste.

Tens de te treinar nesse aspeto. O impulso de ver o teu amigo doutor pode ser suficiente, no entanto, para ultrapassar a falta de treino neste caso. Se o vires fisicamente e pensares que estás acordado, então fala com ele mentalmente. Ele pode aparecer como uma forma de pirâmide de luzes, dependendo de várias condições.

Deves impressionar-te a ti mesmo antes de dormir, com o teu desejo de encontrá-lo conscientemente. O segundo grupo das experiências dele deve encontrar-te no período intensificado de atividade psíquica que mencionei para este outono, e então as circunstâncias devem ser excelentes. Não tentes aproximar-te dele simplesmente porque haverá elementos instáveis e um equilíbrio delicado a ser mantido, a aparência visual dele dependendo de muitas condições.

Qualquer mudança ou anormalidade no quarto servirá para chamar a tua atenção, se deres as sugestões corretas. Provavelmente também deves fazer notas extra para recordar os teus sonhos, caso o encontro não seja tão consciente e deliberado quanto gostarias.

Tens alguma pergunta sobre esse assunto em particular?

("A Jane poderia vê-lo?")

O Ruburt poderá conseguir. O forte impulso, no entanto, está do lado do teu eu provável e de ti próprio. O Ruburt está mais habituado a trabalhar a partir do estado de sonho e possivelmente poderia fazer ligação. Nessa realidade provável, no entanto, o teu amigo doutor não conheceu uma Jane provável.

Dá-me um momento. *(Longa pausa, olhos fechados.)* Se o encontrares no teu próprio corpo astral, terás mais liberdade de expressão e comunicação, pois poderás falar normalmente, percebes-me? Seria uma boa ideia, portanto, ter um esboço mental geral de quaisquer perguntas particulares que gostarias de lhe fazer.

Seria melhor se estivesses a dormir do teu lado direito, se possível *(isto raramente faço)*, para fins de projeção. Uma luz branca enevoada iniciará uma aparição, e possivelmente uma ligeira diminuição da temperatura do quarto. Um quarto sobreaquecido, incidentalmente, geralmente é mau para tais atividade. Um fluxo claro de ar é bom, permitindo mais iões negativos.

Podes fazer uma pausa e eu continuarei.

(22:20. Durante a pausa, descrevi à Jane um sonho muito vívido que tive no domingo à noite, 6 de Julho de 1969. Foi quase um pesadelo — de facto, a Jane acordou-me para evitar essa reação aparente da minha parte, eu estava bastante certo de que o sonho dizia respeito à morte iminente do meu pai, mas certos elementos nele eram suficientemente semelhantes às sugestões do Seth sobre contactar o Dr. Pietra, acima, para eu contar à Jane sobre ele — na hipótese de o sonho ter sido mais do que parecia.

(O sonho está registado no meu livro de sonhos da forma habitual. Retoma às 22:36.)

Agora. O teu sonho. Não envolveu o teu doutor.

Foi uma experiência legítima em que tentaste descobrir para onde o teu pai estava a ir. A barreira era da tua própria construção, representando duas coisas: o sentimento subconsciente de que existe uma barreira definitiva entre um plano e outro; e, em segundo lugar, a barreira que sentiste que te separava do teu pai ao longo da vida dele.

Dá-nos um momento. O agitar foi outra coisa ainda, e representou o teu conhecimento de que o teu pai renasceria. Experimentaste o agitar dele no ventre que ele há de entrar mais tarde.

Quiseste ajudá-lo, para garantir que o nascimento fosse realizado. Houve outros elementos que esqueceste; um jovem que era o teu irmão mais novo, visto à idade de 12 anos. Ele também te incitava a ajudar o teu pai. A barreira não era a morte, mas a vida do outro lado dela.

Quiseste ajudá-lo a atravessar o nascimento e entrar na próxima existência. Ele está agora num período de descanso após uma situação de vida extenuante. A mãe dele e a Ella *(a irmã dele)* estão com ele. Ele não morreu no passado porque ainda estava preso à tua mãe. Ele não morrerá pelo menos até a ver novamente.

Se não fosse pela vitalidade dela e pela força da vontade dela, ele teria morrido há anos. Ele quis sair desde muito cedo, e no entanto havia influências cármicas que não estavam terminadas entre os dois.

A mãe dele está a ajudá-lo agora. Ela foi a única que alguma vez conseguiu ajudá-lo a encontrar o caminho dele. Eu disse-te que os elementos principais da personalidade se retiraram há muito tempo. Esses elementos já tiveram considerável experiência noutro nível de existência. Tens perguntas?

("Não, acho que não." Há vários anos, o Seth deu uma leitura excelente sobre o meu pai, entrando em mais detalhe sobre alguns dos dados dados aqui de forma resumida.)

Insere o mês de Março aqui e deixa isso por agora. Fica assegurado de que a essência dele está noutro lugar. Eu continuarei ou podes terminar a sessão e começar as tuas sugestões.

("Sim, gostaria de fazer isso.")

Os meus mais calorosos votos para um empreendimento bem-sucedido. Agora, numa noite qualquer usa o teu gravador e podemos ter uma sessão informal.

("Está bem.")

Uma sessão por semana, nessa semana, pelo trabalho adicional envolvido da tua parte. Ou pede ao nosso amigo Ruburt para dactilografar por ti.

(Com humor.)

("Pensei em fazer isso.")

Uma boa noite calorosa.

("Boa noite, Seth." Esta sessão foi realizada na segunda-feira, 7 de Julho de 1969. É quinta-feira, 10 de Julho, enquanto termino de dactilografar a sessão. Não tive sucesso em contactar o Dr. Pietra, ou pelo menos em reter uma memória consciente de o ter feito. Tenho tentado todos os dias e todas as noites, usando sugestões, etc. Na noite em que esta sessão foi realizada, por exemplo, fui para a cama cedo, sozinho, e usei as sugestões mencionadas acima pelo Seth sobre o Dr. Pietra, sem sucesso.)

SESSÃO 493

14 DE JULHO DE 1969

(A sessão começou com a Jane a dar impressões por conta própria enquanto estava num estado de leve transe. O Seth falou mais tarde. A Jane tem os seus próprios registos dos dados preliminares. Pouco depois das 20:00, enquanto escrevia poesia depois do jantar, começou a receber impressões que a deixaram bastante inquieta eventualmente. Eram difíceis de pôr em palavras, mas envolviam um acidente, pensava ela, e uma sala de urgências de hospital. Ela também teve impressões de Bill Gallagher e de um homem chamado Tom, que não conseguiu identificar melhor.

(Acabou por ficar tão inquieta que ligou para a residência dos Gallagher. Não houve resposta nem quando ligou novamente pouco antes das 21:00. Como a hora da sessão se aproximava, a Jane pediu em voz alta que o Seth interpretasse os dados subjetivos que vinha a receber.

(Queria uma interpretação clara e concisa, desprovida de emoção, sentindo que havia pouco uso em agir fosse o que fosse que as impressões dissessem; pensava que dados mais objetivos poderiam ser obtidos através do Seth. Portanto, sentámo-nos para a sessão agendada regularmente às 21:00 como de costume. No entanto, a Jane começou a dar impressões por conta própria em vez de através do Seth. Elas surgiram como ela quis, no entanto, bastante calmamente e objetivamente, e foi fácil para mim tomar notas. Todo o tempo em que deu impressões por conta própria, a Jane sentou-se calmamente na sua cadeira de baloiço, mãos cruzadas no colo, olhos fechados, voz tranquila. Usou muitas pausas, poucas delas longas, no entanto. Na maior parte, as minhas notas são literais. Os dados da Jane estão entre aspas.

Às 21:05:

("Tenho uma pequena explosão, seja lá o que isso signifique.

(Às 21:15: "Oiço a melodia de 'One is the Loneliest Number', uma canção actualmente popular.

(... e uma ligação com uma loja rural — um condutor tresloucado. Um acidente perto de um cruzamento. Um nome de uma só sílaba, masculino, começado por J. Joe. E um apelido bastante longo começado por M, de origem estrangeira, envolvido. E a Peggy e o Bill."

("Parece 20:15... uma hora... não sei. Mas parece que está envolvida uma terça-feira. Sei que hoje é quarta-feira."

(Expliquei-lhe o erro depois de ela terminar de dar os dados por conta própria; se alguma coisa, isto aumentou a sensação de urgência dela, como será explicado.)

("Ou o outro tipo está a viajar aos pares, como, digamos, duas motorizadas… Agora vejo o Bill magoado nisto, no braço direito, ou mão ou ombro." (Pausa.) "Bastante gravemente. A Peg projetada para fora. Talvez uma chamada telefónica feita nesta loja rural, ou o que quer que seja. Apanho os números 8051J… uma matrícula ou o quê, não sei. Isto podia ser parte de uma matrícula ou número de série numa motocicleta, não sei. Mas eles têm mesmo de chamar por ajuda. Acho que há duas outras pessoas envolvidas. Dois outros rapazes. Antes, disse um ou dois. Um entre os 16 e os 18, o outro entre os 18 e os 24. Sinto-me como se estivesse a balançar para trás e para a frente como uma louca. Estou?"

(Disse que não. A Jane estava sentada tão calmamente como sempre. Na verdade, muito mais calmamente do que costuma estar durante as sessões.)

("Poppa Joe. Talvez um dos parentes do miúdo, ou um dos miúdos." (Pausa.) "Algo sobre um anel, e o Bill. Não me lembro se ele usa anéis; mas se não, então seria o dedo anelar magoado, particularmente. Mas tenho a imagem de um anel, algo como o que tu usas. Talvez seja do outro rapaz."

(A Jane referia-se ao meu velho anel da escola secundária, que ainda uso.)

("E o Bill magoado o suficiente para acabar na Sala de Emergências. E alguém sem uma perna para se sustentar, e espero que isso seja apenas simbólico. O miúdo — os dois rapazes ou jovens pareciam estar a dirigir-se para o antigo café do Bob Kinner a que íamos… uma quinta à esquerda, e uma curva, a estrada curva para a direita. Há duas estradas que correm paralelas," (pausa às 21:29) "por um pequeno trecho, depois uma cruza a outra. É aí que parece acontecer. Também apanho a palavra minibike, mas não sei a que se refere. A Peggy contusa mas não ferida, na verdade. Um dos miúdos pode não ter carta. Não sei… 1701 Gardner Road."

(Pausa agora das 21:31 às 21:37. A Jane saiu facilmente do transe, depois voltou a entrar. Já tínhamos ouvido falar da Gardner Road antes, embora não nos recordássemos de quaisquer ligações, nem da localização exacta, etc.)

("Alguma ligação ténue agora com o Tom Page, como se ele estivesse a escrever a história. Isto não acontece sob luz solar brilhante. Acho que a hora que dei é aproximadamente correta. Pode ser enevoado e húmido." (A Jane tinha mencionado o nevoeiro e a falta de brilho anteriormente, enquanto fazia as próprias notas antes da sessão.) "A impressão de que o Bill só tem uma camisa vestida, e a Peg um casaco ou peça exterior."

(Pausa às 21:40. Esta foi bastante longa. Depois:)

("Agora não capto mais nada."

(Expliquei à Jane agora sobre o erro dela quanto ao dia da semana. Como era segunda-feira, e qualquer possível evento estava previsto para uma terça-feira, a Jane decidiu tentar novamente contactar os Gallaghers. Desta vez, a Peg atendeu o telefone, às 21:45. A Peggy disse à Jane que a Gardner Road era em Horseheads, e que verificaria o endereço que a Jane tinha dado em transe. A Peg também concordou que ela e o Bill seriam muito cuidadosos ao andar de mota.

(A Jane ficou muito aliviada depois de falar com a Peg, dizendo que antes da chamada tinha estado "muito nervosa" com quaisquer probabilidades de acidentes envolvendo os Gallaghers. O meu pensamento, com base em dados que o Seth nos deu, era que já as probabilidades de qualquer acidente desse tipo tinham sido consideravelmente reduzidas, apenas porque os quatro de nós agora sabíamos conscientemente sobre isso. A Jane e eu esperávamos que o Seth viesse com mais informações, já que a noite ainda era jovem. Às 22:01, a Jane disse que sentia que o Seth iria falar. A sessão começou às 22:03.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth." O Seth trata afetuosamente o Bill por Jesuíta.)

Agora. A probabilidade de acidente está mais estreitamente ligada ao nosso Jesuíta do que ao nosso amante de gatos, e ele tem-se esforçado demasiado.

Tal acidente ocorreria num período de exuberância, em vez de, por exemplo, quando ele estivesse a conduzir em ligação com as suas funções no trabalho. Ao relaxar, há o perigo de que relaxe demasiado, esquecendo a cautela. Ele deve, de um modo geral, vigiar-se em atividade não ligadas ao trabalho, usando ferramentas ou coisas do género, por um período de aproximadamente 10 dias. Não há necessidade de evitar um acidente e ter outro de tipo diferente. São as mãos, particularmente a direita, que estariam sob esse ataque. "A inteligência infinita guia-me e protege-me nas minhas

atividade." Ele deve dizer isto várias vezes para si mesmo, devagar e de forma significativa, de manhã, ao meio-dia e à noite durante o período dado. Isso permitirá automaticamente que a parte interior da personalidade dele o proteja de tal dano provável. Agora, a informação dada altera automaticamente a natureza da probabilidade que foi prevista, pois nessa probabilidade não havia ocorrido qualquer aviso prévio. Segues-me?

("Sim.")

Portanto, a probabilidade já está alterada. Quer o nosso Jesuíta saiba ou não das impressões do Ruburt, essa probabilidade foi alterada. Saber das impressões altera ainda mais a probabilidade, e tomar os passos que eu dei altera ainda mais as probabilidades. Por isso, a informação não deve de forma alguma ser tratada como uma sugestão negativa. Outros elementos também mudaram. O conhecimento do nosso amante de gatos sobre as impressões tem o mesmo efeito que o conhecimento do Jesuíta. Os dois rapazes envolvidos podem muito bem provocar um acidente em qualquer caso, a menos que ações próprias deles alterem as suas reações. No entanto, não há ligação entre eles e os teus amigos, a priori, e há outros elementos que podem interferir, impedindo até mesmo um acidente para eles. Eles teriam sido os agressores, percebes. Sugiro que dês esta informação aos teus amigos, para que não se preocupem.

("A terça-feira à noite era o momento mais provável para o acidente?")

Não te ouvi.

(O ruído do trânsito estava alto. Repeti a pergunta e a Jane acenou que sim.) Nem preciso dizer que tal acidente seria o resultado de forças psíquicas e psicológicas a operar dentro dos envolvidos e, ao alterar o conjunto como foi feito, os "resultados" anteriores, entre aspas, não precisam de ocorrer. O nosso Jesuíta quereria magoar-se e tornar-se, portanto, a vítima num acidente desse tipo, ou ser a vítima de algum tipo de caso isolado. Os rapazes queriam magoar os outros. Incontáveis elementos ainda podem intervir para mudar a probabilidade deles, mesmo agora; mas as probabilidades quando o Ruburt percebeu as impressões eram de que o evento ocorreria. Pelas razões dadas, agora isto é muito menos um evento provável. Dar esta informação aos teus amigos tornará ainda menos provável o evento. Segues-me?

("Sim.")

Então deixo-te fazê-lo. O conhecimento pica o balão de emoções que estavam a acumular-se dentro do nosso amigo. Caso contrário, emergiriam numa exuberância excessiva quando aliviado da pressão do trabalho, resultando em descuido. Por baixo disso, claro, a necessidade psicológica de se magoar, de se punir, porque não pode insurgir-se contra um superior na situação de trabalho. As impressões do Ruburt foram, portanto, corretas.

("Boa noite, Seth." 22:34.

(Ver notas da Jane abaixo.)

NOTAS DA JANE
18 DE JULHO DE 1969

(Na sexta-feira, 18 de Julho, o Bill Gallagher contou-nos que teve uma série de situações bastante próximas de acidente desde segunda-feira — uma envolvendo dois rapazes de bicicleta — ele travou a cerca de 20 metros deles — mas ia a 90 km/h no sopé do Mount Zoar Hill na Holden Road. Mas a 17 de Julho, quinta-feira, ele estava com um associado que teve mesmo um acidente. Ele e o chefe dele, Cove Hoover, estavam a regressar a casa depois de uma saída anual para a equipa do jornal no Seneca Lake; o Bill conduzia. Estavam preocupados com o Art Kendall, que não estava em condições de conduzir, por isso seguiram o carro do Kendall para fora de Watkins Glen. O Kendall saiu da estrada principal e tomou uma estrada rural que corre paralela à Route 14 de Watkins Glen para Horseheads — ele acelera o carro.

(O Bill tem medo de conduzir demasiado rápido — já que a estrada está cheia de curvas, então o carro do Kendall desaparece de vista. Por instinto, o Bill desvia-se para a Chambers Road, em Horseheads. Há um nevoeiro denso e baixo. Finalmente encontram o carro do Kendall numa vala. Ele tinha rodado na estrada e aterrado ali. O Bill disse que provavelmente teria estado envolvido se tivesse continuado a acelerar atrás do carro do Kendall para o alcançar. O Kendall não ficou ferido, no entanto. [Rob: Por favor, vê um mapa de estradas do estado de Nova Iorque.]

Pontos de Semelhança:

A questão do acidente em si.

Um nome masculino de uma só sílaba — Art Kendall. [Embora não começando por J e não de origem estrangeira.]

Um condutor tresloucado, definitivamente.
Duas estradas que correm paralelas. Sim. Ver acima.
Gardner Road mencionada — não, incidente na Chambers Road, no entanto, isto é na mesma zona: ambas em Horseheads [?] [Rob: Watkins Glen a norte, Elmira a sul.]
Nevoeiro — definitivamente.
Dois rapazes em bicicletas — [Ver acima. Outro incidente envolvendo dois rapazes em bicicletas.]
As minhas impressões diziam que o incidente ocorreria com uma quinta de um lado da estrada e uma curva do outro lado; a casa do lado esquerdo. O incidente ocorreu com uma quinta do lado direito. Uma curva do lado esquerdo.
Nota: Os dados em transe da Jane mencionavam outro jornalista além do Bill G. — ou seja, Tom Page. O Page não esteve envolvido no episódio de Watkins, mas o Kendall, outro jornalista, esteve. Também o Cove Hoover, que ia com o Bill enquanto seguiam o Kendall. Na verdade, o Bill conduzia o Mercury do Hoover.

AULA DE ESP
15 DE JULHO DE 1969

(Seth:) Vocês têm histórias, mas esta noite não é noite de contá-las. Agora. Eu estive aqui e não me intrometi, porque estão a aprender a recolher e a usar energia por conta própria. Eu, de facto, estive à frente de cada um de vocês e olhei para os vossos rostos e não me viram. É uma experiência interessante estar diante de outro e ver nenhuma compreensão no rosto dele… mas eu já estou habituado. Agora. Vocês (JB e SW) usaram a vossa energia como uma bola com que uma criança brinca, tanto vocês como o Ruburt. E atiravam-na de um lado para o outro, mas não a recolheram nem a direcionaram adequadamente, e teremos de vos dar lições. Mas vocês é que farão o trabalho.

(Para WL) Agora estou aqui sentado para o meu retrato. Podem de facto apanhar apenas o nosso amigo Ruburt. Mas depois podem apanhar mais do que o vosso amigo Ruburt. A câmara pode compreender, ou pode não compreender.

Não gosto de interromper-vos no início do vosso verão… *(?)…* no entanto. Longe de mim interromper quando não estão a trabalhar, quando não estão a olhar para dentro de vocês mesmos. A estação do verão dentro de vocês é muito mais agradável do que as ruas de verão por onde caminham. Mas longe de mim mencionar que não têm estado a trabalhar.

E quando eu fizer as perguntas, e eu farei, espero respostas prontas. Quando se imergem completamente na realidade física, então não têm tempo para a voz interior.

([TM:] "É isso que eu estou a fazer.")

É a vossa perda. Agora, há uma maneira — quando estão envolvidos em atividade física, e até em trabalho mental intenso — de mudar o foco interior para que estejam conscientes de duas realidades ao mesmo tempo e possam manipular com bastante facilidade na realidade física, como devem. Agora, perguntem ao vosso Bega, porque eu já lhe dei a mensagem, e disse-lhe para vos contar. Vamos ver quão bom ele é. E quero saber o que ele vos diz porque quero ver como ele está a transmitir as minhas sugestões.

([TM:] "É aquele Bega na parede?")

Agora pergunto-te, o que estaria Bega a fazer na parede?

([TM:] "Tu estás na parede.")

Estou pintado na parede. *(Referindo-se ao retrato do Seth feito pelo Rob.)*

Agora. O vosso amigo esteve aqui esta noite como estudante, mas não exatamente o mesmo tipo de estudante que vocês são… Ele é um professor em prática. Tu (SW) perdeste algumas boas apostas esta noite. E tu (CW) perdeste muitas boas apostas esta noite. Agora. Há uma diferença entre passividade e passividade alerta. E precisam aprender a diferença. Aqui precisam aprender a diferença. Novamente, dou as boas-vindas ao nosso novo membro (LD).

([LD:] "Foste tu que me deste o galo na cabeça?")

Longe de mim dar galos na cabeça de nobres senhoras! O galo, pois esta foi uma noite muito ativa, foi do vosso brincalhão poltergeist AA. Tenho coisas melhores a fazer do que dar pancadas em donzelas ou damas.

Agora. Devem perceber que dentro desta sala, e dentro de qualquer sala, a qualquer momento há outras personalidades que não percebem. Há maneiras de as perceber se elas escolherem ser percebidas. Possivelmente, com alguma ajuda de certas direções, veremos o que podemos fazer noutras

aulas. E o nosso amigo Ruburt tem toda a razão, tu (WL) aprendes a natureza do eu interior primeiro… e depois ajudaremos no desenvolvimento das tuas próprias capacidades. E antes de muito tempo, teremos uma mensagem para levares a peito.

Vim apenas para vos informar que estive aqui, e para vos deixar saber que sei que estão a deslizar pelo verão.

(Para SW e CW) Tenho um ponto a fazer. A criança era uma rapariga… 1432… França… e foi em tempos tua irmã… Fortes capacidades literárias… algum interesse em música… Não deve ser mimada pois a personalidade já está inclinada para a indulgência. Pode haver uma alergia ao trigo… cedo na vida… Também foi conhecida por este aqui em Espanha, no país que agora chamam Espanha… em 801, como tio então, uma personalidade do tipo guerreiro, mas novamente dada à indulgência.

Uma entidade ao nível dos pais. Uma verruga ou marca num dos pés… um possível ponto fraco no cotovelo direito… Dada a grande exuberância, humores rápidos… mas não perdoa. A personalidade não deve ser mimada, mas não deve ser-lhe mostrada dissonância… e a disciplina deve ser justa, pois caso contrário guardará rancores.

Tinha intenção de mencionar antes que a tua filha e irmã foram irmãos numa vida anterior… no Afeganistão. Tu *(SB),* creio, 1541–1583, um fabricante de tapetes, pai deles… Ou seja, eras o pai deles. Também havia outra criança… e essa criança será o marido de G nesta vida. Haverá uma ligação próxima, então, entre vocês os dois… mas também um sentido de rivalidade. A tua mãe foi um pai muito severo para ti nessa existência. O teu pai agora tem traços femininos fortes porque em Boston, numa vida imediatamente passada, foi uma mulher… dá-nos um momento… O primeiro nome era também Lídia. O último nome… ao contrário do teu Vice-Presidente… era Agnew. Há registos desta existência particular cerca de vinte e cinco milhas, aproximadamente, a oeste de Boston… naquela época… uma pequena cidade… *(algumas frases perdidas)…* Três crianças que morreram antes dos três anos de idade, e registos, creio, que atestam este facto… arquivados numa das sociedades históricas… ou em informações sobre concessões de terras.

Agora. Tentaremos ter uma sessão para ti *(WL),* nosso amigo William, o Touro, em breve… e esclarecer algumas das tuas dificuldades… pois algumas delas são porque és teimoso como um touro. Não deixas o eu

interior falar-te claramente o suficiente… então dar-lhe-emos a voz que podes ouvir… E saberás quando tivermos a sessão, perceberás intuitivamente que o que dizemos é verdade… E não há necessidade de lutar contra o que estás a lutar… E o segredo que tentas tão arduamente esconder da tua mente consciente não é assim tão terrível. Há alguma vida passada que operou no teu caso e que causou um bloqueio, e esperamos poder ajudar-te a removê-lo. Touros podem arrebentar cercas.

Agora, deixarei o meu amigo… *(risada de CW)* … tu, como o Ruburt diria, estás à procura! E aqueles que procuram nesta sala, encontram. O retrato é um retrato do Ruburt como mulher numa das vidas passadas mencionadas… e nessa instância particular, como avó de doze filhos. Fortemente dotada psiquicamente… dada a vaguear em florestas escuras… e uma parteira. Agora, ele não sabe disto, por isso darei a honra a ti de lhe contares. Vou agora deixar o nosso amigo descansar. E tu podes descansar se estiveres à altura disso.

Agora, vou dizer-te (TM) algo. Bega está lá e deixarei que me digas qual retrato é dele. Podes perguntar a Bega ou dizer-me. Mas não escolheste o retrato correcto.

(TM comentou que um era "demasiado hebraico.")

Bega teve muitas vidas… Não te limites no teu pensamento… não te limites nos teus sentimentos… e não te retires no verão do teu eu interior.

Agora. Houve energia presente nesta sala, e energia forte, esta noite. Mas não foste sério o suficiente a usá-la, nem brincalhão o suficiente para usá-la sem tom sério. Podes usá-la de duas maneiras, percebes. Podes brincar com ela e usá-la maravilhosamente… ou podes usá-la seriamente…

Mas no meio não a usarás de todo, pois não conseguirás aproveitá-la. E nas tuas atividade diárias, nos teus momentos brincalhões, momentos sérios, podes quase alcançar a liberdade que o eu interior conhece. Mas nos teus momentos mundanos, não a alcançarás. E quando tentas a meio, não a alcançarás.

(TM segura um retrato) Isso não é o Bega! Quero que consideres seriamente cada uma das pinturas e me digas qual é o Bega. Agora. Não quero ver outro quadro. Não quero uma atitude que diga "É este?" Quero um sentimento intuitivo da tua parte e um reconhecimento. Sentes intuitivamente que esse é um retrato do Bega?

([TM:] "Aquele que eu pensei ser o Bega era na verdade o Ruburt*.")*

Lamentamos isso! Eu nunca gostei de vinho… sempre gostei de conhaque… e ninguém mo traz… e o Ruburt não o bebe.

([WL:] "Eu trago-te um na próxima semana.")

Mas como vais fazer o Ruburt beber? Sempre gostei de um conhaque quente mesmo numa noite de verão. Agora. Qual é o teu (TM) sentimento intuitivo? Quero agora que olhes para o retrato. Fecha os olhos. Quanta realidade tem o retrato para ti? Consegues vê-lo no olho da mente?

([TM:] "Sim, consigo vê-lo com o sentimento de um amigo.")

Isso é porque é o retrato do Bega. Mas não o escolheste como primeira escolha. Agora, o Bega esteve aqui tal como eu estive aqui, e ele estava a chamar-te para olhares para o canto da sala… e tu estavas demasiado intelectualmente convencido para o fazer, tal como o Ruburt muitas vezes está demasiado intelectualmente convencido para fazer o que lhe peço. E as tuas próprias ideias intelectuais impediram-te de primeiro escolher a tua escolha intuitiva, no que diz respeito aos retratos.

Agora. Há alguém mais que esteve aqui e que está ligado ao nosso novo estudante. Mas o nosso novo estudante não conhece esta pessoa… Não é ninguém com quem ela tenha comunicado anteriormente. Porque ela não estava pronta. Esta personalidade também é um estudante meu e um professor em prática.

Agora, percebem aquilo que estão dispostos a perceber, e é uma estupidez considerar a sugestão como resultado ou causa daquilo que veem. É estupidez, na aula, preocupar-se de que a sugestão causaria um determinado resultado… porque a sugestão causa tudo o que veem. Vocês formam a vossa realidade física através da sugestão e da expectativa. Vocês experimentam aquilo que esperam experimentar a nível subconsciente e consciente. E, portanto, como o Ruburt é muito cuidadoso para que a sugestão não esteja envolvida, também fez com que vocês fossem excessivamente cautelosos, e houve muitas oportunidades na aula que perderam por essa razão… e são essas as apostas de que falei mais cedo esta noite.

Vocês têm a capacidade de ver mais do que viram, e têm essa capacidade. Tu gozaste da tua passividade *(para CW)* até ao ponto de uma alegre rendição; e em vez disso, percebes, há um ponto dentro da passividade onde estás passivamente alerta. E tu ultrapassaste esse ponto e perdeste o que poderias ter visto. Como o nosso amigo aqui ultrapassou o ponto *(referindo-se a TM),* olhou para os retratos e conscientemente… pois

não fizeste um julgamento intuitivo original… mas conscientemente olhaste para esses retratos em termos de nacionalidade, idade e todos os requisitos que pensaste.

Agora, deixa-me dizer-te novamente, embora a hora seja tardia *(muito alto)* e embora o Ruburt pense que tais demonstrações como estas dificilmente valem o esforço *(muito suavemente)* e sejam, na melhor das hipóteses, empreendimentos infantis, ainda quero que saibas, como sempre quero que saibas, que a minha vitalidade é a tua própria e que a energia que vibra através deste pequeno corpo é apenas um eco da energia que vibra através da tua própria personalidade.

Já disse antes que viveste muitas vidas e que podes conhecer essas existências dentro de ti mesmo. Não tenho medo de que sejamos expulsos do nosso apartamento. E também tenho bastante certeza de que, à medida que fores conhecendo o Ruburt e à medida que fores conhecendo-me, vais perceber que há uma diferença nas nossas personalidades e que de facto… quando te digo que a minha vitalidade abrange tanto o espaço como o tempo, então saberás que eu sei do que estou a falar… e que essa vitalidade é a tua própria…

Então sente-a dentro de ti mesmo… Agora ela está a ser usada simplesmente para te fazer saber da sua existência… mas percebe que está dentro de ti para que a uses como quiseres… para o teu próprio bem… e tu (WL) não estás impotente. Eu não tenho corpo… e não estou impotente… Como, portanto, podes sentir-te desamparado… ou tu… ou qualquer um de vocês?

A minha vitalidade não é mais… não é mais do que a vossa própria. Eu venho até vós de muito longe. Mas a essência de vocês mesmos não é deste lugar nem deste tempo. Agora. Eu poderia manter uma demonstração como esta durante horas… nem que fosse apenas para vos fazer perceber que esta é a vossa própria energia… que a energia que eu mostro é a vossa própria…

Vocês têm esta energia e esta vitalidade. Agora, nos vossos termos, eu estou morto! *(Muito alto.)* Como podem então ser menos vivos? Porque é que tenho de vos dizer o que é vitalidade… quando, nos vossos termos, eu sou um fantasma cinzento que paira na escuridão da noite… uma cara que espreita através de janelas do segundo andar *(em referência ao SW ter-se assustado recentemente com uma cara que apareceu na janela dela)* e que

não recebe outra resposta senão um suspiro de horror. Eu visito os meus amigos e eles quase desmaiam.

(SW pediu desculpa.)

As desculpas vêm sempre depois.

Eu disse: Nos vossos termos eu estava morto; nos meus termos, estou eternamente vivo.

(Isto para clarificar um ponto que estava a ser discutido pela turma.)

(O Seth tentou intervir novamente. A Jane disse, "Espera um minuto.")

([CW:] "Um de cada vez no corpo.")

Agora. As capacidades do Ruburt eram tão fortes desde a infância que ele tinha medo de as usar, e por isso estou bastante habituado a esse desenvolvimento. Por outro lado, eu queria alguém com uma estrutura de ego forte o suficiente para conter o que equivalerá a… 40 anos de experiência mediúnica. Eu precisava de uma personalidade que fosse capaz de manter estabilidade psicológica.

Agora, eu tenho mantido estabilidade psicológica há séculos, por isso não acho demasiado pedir que o nosso amigo Ruburt a mantenha por meros 40 anos. E esperamos que a mantenhas. Esperamos que tu (CW) a mantenhas… e antes que voltes a ter a ideia, novamente, de deixar a realidade física antes de terminares as tuas tarefas, eu vou dar-te um pontapé do outro lado.

([CW:] "Foste tu que ela viu na janela na outra noite?")

Eu uso muitas formas, e se não gostas delas, lamento. Da próxima vez serei uma jovem espiritual esguia, caminhando muito suavemente, e cantarei a Ave Maria enquanto o glorioso sol se põe no oeste… e irei de pontinhas até à tua janela. E então, a partir dessa forma leve e espiritual, vou berrar.

Agora, há dois pedidos simples que fiz. Um: tenho pedido ao Ruburt que pare de fumar cigarros, um hábito sujo, e que fume charutos… e ele não o faz.

([WL:] "Que marca gostarias?")

Um gordo. O que quero que saibam é isto: eu venho aqui, espero, como uma personalidade encantadora com características que podem compreender. Agora, essas características foram minhas, e são minhas, e eu sou quem digo que sou. E no entanto, o Seth que conhecem e que acham

tão encantador e compreensível é apenas uma pequena parte da minha realidade… a parte que pode relacionar-se convosco mais facilmente.

É uma parte que foi física. É uma parte que pode compreender o teu (TM) sentir-te sobrecarregado de trabalho; é uma parte que pode compreender que estás cheia de criança (SW); é uma parte que pode compreender os momentos em que querias deixar a realidade física (CW); é uma parte que pode compreender a parte de ti (SB) que queria ser uma estrela; é uma parte que pode compreender a parte de ti que queria conquistar e tem medo de conquistar (WL); é uma parte que pode compreender a culpa que sentes (RC) sem razão; é uma parte que pode compreender as aspirações que não conseguiste concretizar (LD)… e se as tivesses concretizado, não estarias a olhar para os temas que estás a olhar agora. Não sentirias a necessidade de procurar respostas.

É uma parte que pode compreender porque te relacionaste tanto com este homem (VM); é uma parte que pode compreender porque a menina de cinco, sete e oito anos que foste se relacionou com este homem, e não seguiu independentemente em frente. É a parte que pode compreender porque deixaste ir as tuas aspirações (TM).

E esta parte que vês e que aparece nesta sala… e que pode mostrar alegria e mostrar a sua existência e realidade, que pode chamar por ti para além do espaço e do tempo, que mostra tal energia, que te mostra que energia pode atravessar um corpo tão pequeno e leve… esse eu é uma pequena parte da minha realidade. Por algum tempo ainda, precisarás da sua familiaridade. E precisarás das características humanas que conheces… e que foram minhas… e que ainda são minhas, pois este eu meu que te mostro ainda existe e cresce.

Mas para além desse eu, há outro eu, e ainda outro eu… dos quais estou plenamente consciente. E esse eu pode ver através da realidade física. E para esse eu, a realidade física é como um sopro de fumo no ar… e esse eu não precisa das características que conheces e achas tão encantadoras. E no entanto, não é um eu sem emoção; é um eu que condensou emoções; e não é distante.

(A Jane disse mais tarde que houve apenas uma curta pausa aqui, enquanto a entidade do Seth se preparava para passar. Fez um sinal com a mão. A Jane não sentiu nenhuma sensação de pirâmide, contudo.)

SETH II

(Tudo o que se segue foi proferido pela entidade do Seth.)

E esse eu diz-te que há uma realidade para além da realidade humana, para além das características humanas que conheces… E dentro dessa realidade até eu sou diminuto, e há conhecimento que nunca pode ser verbalizado. E há experiência que não pode ser traduzida em termos humanos. Embora este tipo de existência te pareça frio, é uma existência clara e cristalina na qual se sabem coisas que estão para além da tua compreensão… na qual não é necessário tempo nos teus termos para a experiência… na qual o eu interior condensa todo o conhecimento humano que recebeste através das tuas várias existências e reencarnações… foi codificado e existe indelével.

Existis, portanto, agora dentro desta realidade tão presentes e imediatos como são agora… embora, nos meus termos, mais de cinquenta séculos do vosso tempo tenham decorrido desde a vossa existência aparentemente presente.

Ainda assim, o que vocês são é agora, e o que o vosso amigo Seth é é agora. E existe como luz e como o ímpeto para outras dimensões e consciências.

Saibam que dentro dos vossos átomos físicos agora as origens de toda a consciência ainda cantam e que todas as características humanas pelas quais se conhecem ainda existem dentro do olho de toda a nossa consciência nunca diminuídas, mas sempre presentes; as vossas individualidades nunca diminuídas… não apenas nunca diminuídas, mas ganhando experiência.

Por isso eu sou o Seth que está para além do Seth que conhecem. E em mim o conhecimento e a vitalidade desse Seth ainda ressoam. Nos vossos termos, eu sou um Seth futuro. Mas os termos são-me irrelevantes, pois ele é o que eu fui nos vossos termos.

Nós formamos a realidade que conhecem. Falámos convosco desde o início do vosso tempo. Inspirámos e ajudámos aqueles dos vossos profetas que olharam para nós.

Não há necessidade de se preocuparem com o vosso amigo (Jane). Queremos que percebam que há mais do que a vossa realidade humana. Queremos que percebam que há consciência sem forma, que há consciência com vontade e vitalidade que vos chega de além até mesmo daqueles

lugares que o vosso Seth conhece. Queremos que percebam que, embora seja difícil para nós comunicar, falámos com a vossa raça antes que a vossa raça aprendesse linguagem. Demos-vos imagens mentais e, sobre essas imagens, aprenderam a formar o mundo que conheciam.

Demos-vos o padrão pelo qual os vossos eus físicos são formados. Demos-vos o padrão pelo qual aprenderam a formar a vossa realidade física. Demos-vos os padrões intricados, complexos e abençoados a partir dos quais formam a realidade de cada coisa física que conhecem. A mais pequena célula dentro do vosso cérebro foi feita a partir dos padrões de consciência que vos demos. Demos-vos o padrão sobre o qual formaram todo o vosso universo físico… e a compreensão que existe dentro de cada célula, o conhecimento que cada célula tem, o desejo de organização foi dado por nós. Toda a teia foi iniciada por nós. Ensinámos-vos a formar a realidade que conhecem.

NOTAS DE RFB

(Nota: Alguns dos efeitos de voz do Seth foram muito altos — ouvi o Seth bastante claramente através de duas portas fechadas — depois de eu já me ter deitado. A sessão começou tarde — por volta das 23:30 — e durou bem mais de uma hora.

(A sessão está incluída na série regular por causa dos efeitos de voz; o facto de tanto o Seth como a entidade dele terem falado; algumas ideias novas de ambas as entidades; e porque nenhuma sessão regular foi realizada no dia seguinte, quarta-feira, 16 de Julho.

(Os dados sobre os quadros — Bega — Tom M, foram interessantes, etc. No dia 17 de Julho, o Tom M. comprou o quadro do Bega conforme designado pelo Seth. [No dia 16 de Julho, o Carl e a Sue Watkins compraram os óleos de Charlie Painter, as mãos do sonho e Moisés.] Muito tarde à noite, o Carl Watkins acordou-me para expressar preocupação por causa da duração da sessão daquela noite — talvez à 1:00 ou mais tarde. A Jane estava então a falar pela entidade do Seth. O Carl e outros estavam preocupados que a Jane não conseguisse exercer controlo suficiente para sair por si mesma.

(A Jane chamou-me de volta a dizer que estava bem durante uma pausa, e isso, juntamente com eu ter acordado, serviu para terminar a sessão. A Jane disse que sentiu que foi uma boa sessão, uma ocasião

invulgar para obter algumas ideias novas, por isso acompanhou o Seth e a entidade dele. Ela também sabia que toda a sessão estava a ser gravada.)

NOTAS DE RFB
20 DE JULHO DE 1969

(Como é óbvio pela história — nada se desenvolveu a partir do material abaixo! Para meu alívio. RFB — 14 de Agosto de 1969.

(Depois de me deitar por volta da 1:00 em 20 de Julho de 1969, numa manhã de domingo, depois de eu e a Jane termos ido ao Steak Shop para uns copos…

(Eu estava deitado na cama num estado sonolento e preguiçoso, à espera que a Jane viesse para a cama. Em breve, parecia estar preocupado com a aterragem dos astronautas Armstrong e Aldrin na lua naquela tarde.

(Na verdade, a minha preocupação era com algum tipo de acidente com o Armstrong depois de ele e o Aldrin terem saído do módulo lunar ou veículo de aterragem — isto, creio eu, está agendado para as 2:17 da manhã de segunda-feira, segundo o jornal de domingo [desta manhã].

(Parecia que pairava brevemente logo acima dos dois homens depois de terem descido da frágil escada do módulo de aterragem e pisado a superfície lunar. Brevemente, vi-os bastante claramente. De alguma forma, sabia que aquele com quem estava preocupado era o Armstrong.

(Vi-o cair ou deitado na superfície lunar, em algum tipo de dificuldade. O Aldrin estava parado perto — a poucos metros — e aproximava-se e/ou inclinava-se sobre o Armstrong. Também a poucos metros — 5 ou 6 — estava a escada que os dois homens tinham usado para descer do módulo.

(Acredito que uma morte estava envolvida aqui, embora eu não saiba como nem porquê.
Adormeci dentro de segundos após esta experiência interior. É possível que a Jane a tenha interrompido, ou que a tenha feito terminar quando veio para a cama. Ainda assim, não senti preocupação com a minha experiência.

(Lembro-me de que, brevemente, me perguntei, enquanto adormecia, se a experiência reflectia uma preocupação bastante natural com os perigos potenciais da aterragem na lua.
Não creio que na minha experiência tenha alguma vez "estado" na

superfície lunar. Parecia antes pairar ou estar suspenso apenas à altura da cabeça do astronauta, Aldrin — talvez um metro e oitenta. — RFB.

(Li esta declaração às 11:40 da manhã, domingo, 20 de Julho, embora o Rob me tenha contado sobre a experiência dele mais cedo naquela manhã. — Jane Butts.)

(A Sessão 494 é uma sessão perdida ou desaparecida.)

SESSÃO 495

13 de agosto de 1969

(*Esta é a nossa primeira sessão regularmente agendada desde 14 de julho. Estivemos de férias na Florida de 26 de julho a 3 de agosto.*)

Agora, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Tens alguma pergunta que gostarias de me fazer?

("Não."

(*Com humor:*)

É porque sabes as respostas, ou porque não consegues pensar nas perguntas?

("Bem, eu não sei as respostas." Nem fui muito rápido a pensar em perguntas.)

Vou dizer-te uma coisa. Tu tens uma desconfiança profunda do mercado. Uma desconfiança tal que não queres confiar-lhe os teus melhores trabalhos. Não tens medo de confiar-lhe trabalhos menores em termos de arte comercial. Partes deste sentimento são heranças da experiência do teu pai e, se estiveres consciente disto, poderás combatê-lo.

(*Longa pausa... Este material surgiu de uma discussão que eu e a Jane tivemos no outro dia, sobre vender quadros e qual a melhor maneira de o fazer. Eu tinha-me esquecido da conversa, assim como a Jane, e não tínhamos pedido ao Seth para falar disso esta noite.*)

Tu sentes que o trabalho está seguro enquanto o tens contigo. No passado, investiste tempo e esforço para vender o teu trabalho comercial, mas recusaste fazer o mesmo para vender os teus quadros. Estás consciente disto, eu sei.

Há oportunidades, no entanto, à tua espera, precisando apenas da iniciativa da tua parte. Há dois homens em particular em Nova Iorque que

estariam mais do que dispostos a expor e tratar do teu trabalho — ambos ligados a galerias.

Um M W C em particular.

("Tens um endereço?")

Há uma ligação com um bloco 1200 na 6ª Avenida, creio. Mas continuo a receber também 61. (*Longa pausa.*)

Um edifício onde fazem jam sessions fica ao lado, ou perto. Bill's (*soletrado*), ou gerido por um homem chamado Bill. Mas tens de fazer o esforço, pois fazer o esforço por si só mostraria que a tua atitude mudou. Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

Para venderes os teus quadros de forma importante, ou para alcançares uma reputação, tens de querer alcançar uma reputação e querer vender os quadros. Não porque deves, ou sintas que deves, mas porque queres. E se quiseres, levarás os quadros ao mercado mais conhecido. Isto por si só ativará elementos positivos.

O homem a quem me referi tem aproximadamente 62 anos, mas está cheio de energia, e teria uma compreensão intuitiva do teu trabalho. Ele também precisa de algo novo na sua própria vida, e o teu trabalho dar-lhe-ia um novo propósito. Podes confiar nele.

("A galeria dele anuncia no The New York Times?")

(*Com humor:*)

Eu não li o The New York Times ultimamente. (*Pausa.*) Dá-nos um momento. (*Longa pausa, inclinando-se para a frente, olhos fechados.*)

O mês de outubro, e possivelmente novembro, seriam os melhores. Se nada for feito então, deves esperar até março.

Há outras 3 galerias que tratariam do teu trabalho. O nome Jerry (*soletrado*), o segundo nome começando por G... Algo como Geraldi (*soletrado*).

O que tu não pareces entender é que a busca para exibir e vender os teus quadros fornecerá por si só combustível para trabalhos futuros. A própria busca fará com que sintas que estás a fazer o teu melhor para colocar os teus quadros onde ficarão permanentemente expostos e cuidados. Tu deves-lhes isso.

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos.

(21h40. A Jane saiu rapidamente do transe. Retomamos às 21h48.)

Agora. Ambos tinham capacidades psíquicas para usar e desenvolver.

A Jane canalizou-as bem para que pudessem ser usadas com a capacidade de escrita. Tu apenas começaste a usar as tuas próprias capacidades psíquicas, alinhadas com a tua pintura.

Já tiveste vislumbres, mas as duas capacidades trabalharão lado a lado, de forma que ideias para quadros surgirão com maior vividez, e a tua própria mão saberá como obter certos efeitos que desejas, antes mesmo de estares conscientemente consciente de como isso é feito.

Dá à tua mão total liberdade, portanto, e ela ensinar-te-á o que queres saber, pois é a tua maneira de trazer informações internas para o exterior.

Depois aprendes com as tuas próprias criações, e a mente física aprende pelo que a mão fez sem cálculo.

(*Isto é muito verdadeiro, e bastante perspicaz da parte do Seth. Eu já tive consciência deste fenómeno algumas vezes e fiquei intrigado, ao ver efeitos em trabalhos acabados que eu queria, sem saber como os tinha conseguido. A Jane certamente não sabia disto conscientemente, pois eu nunca lhe disse nada.*)

Tu és tão ciumento do teu próprio trabalho que usas as tuas capacidades psíquicas mais fortemente como auxílio ao teu trabalho. Repito, muitas vezes a tua mão, deixada sozinha, dar-te-á os efeitos que queres. Depois podes estudá-los.

(*Tenho feito isto.*)

Podes tentar isto até mesmo em relação à cor. Como experiência, com uma paleta completa preparada, deixa quase automaticamente a tua mão passar pela paleta e escolher as cores por si mesma, uma a uma. As intuições, claro, terão guiado a mão.

Não estou a sugerir que abandones a preocupação e o controlo conscientes, mas ficarás espantado com a forma como o eu intuitivo usará as tuas mãos, e em vantagem consciente para ti, em experiências.

(*Isto são dados muito bons, e por vezes já experienciei este efeito. Vou tentar estar mais atento a isso. Nunca ouvi a Jane mencionar ter tentado qualquer experiência desse tipo. Além disso, não creio que ela pense conscientemente desta forma.*)

Isto também é uma excelente terapia sempre que sentires que estás demasiado preocupado conscientemente, e abrirá as portas à inspiração. Várias gradações na cor emergirão que, de outra forma, poderiam levar anos a conseguir. O eu interior, claro, aproveitará ao máximo todo o

conhecimento consciente que tens ao mesmo tempo, e servi-lo-á em novos padrões.

Começaste a apreciar o funcionamento do teu eu psíquico nos teus quadros, mas estás apenas a começar. E sim, as figuras inteiras das tuas pessoas também emergirão, tanto em movimento como em repouso, e ficarás surpreendido, novamente, com quão bem a caracterização se mostrará através dos gestos e até dos vincos do tecido.

Estarás a dar vida e vitalidade à figura humana padrão que é frequentemente usada, de modo que as mãos estejam tão vivas quanto o rosto, e as figuras pareçam apanhadas em movimento, iniciado mas nunca completado.

Deves ter atenção às pessoas que aparecem nos teus sonhos. Algumas destas podem ser usadas como modelos. Conheceste uma parte delas noutras existências e tens um conhecimento, inato, dos seus caracteres e temperamentos. (*Longa pausa.*)

Quando te envolveres no trabalho de figura, no entanto, certifica-te de que te permites uma liberdade especial na zona das coxas superiores.

("Porquê isso?")

A flexibilidade e o impulso, o andar, a aparência de pernas vivas dependerão de uma fluidez especial na zona das coxas superiores. Vais sentir-te, creio, mais confortável com um torso, mãos e pés, e é por isso que mencionei especificamente que te permitas liberdade nesta outra área. Percebes-me agora?

("Acho que sim.")

Queres criar as tuas próprias pessoas.

("Sim, tenho-me apercebido disso.")

Vais criá-las, inteiras e completas, bem como as tuas cabeças também, percebes. E à medida que elas emergirem como figuras completas, também tu emergirás na tua estatura como artista, e em confiança.

Agora podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

("Faremos a pausa."

(22h08. A Jane estava bem dissociada; pensava que talvez tivessem passado dez minutos, quando na realidade tinham passado 20 minutos.

(Expliquei agora à Jane que o material desta noite foi muito bom, e que eu não lhe tinha dado pistas sobre ele, etc., especialmente no que dizia respeito às experiências com cor, caracterização, trabalho de figura completa, os elementos essenciais para desenhar a figura completa de

forma convincente, etc. Ela sabia, no entanto, sobre os meus planos de fazer figuras completas.

(Retomamos às 22h20.)

Agora. Vou dizer-te o que queres fazer, caso não saibas. Queres fazer as tuas próprias pessoas. Queres criar as tuas próprias pessoas, e queres criar o ambiente delas. As pessoas virão primeiro, mas depois sentirás que a personalidade delas também se estende ao ambiente.

Queres criar um mundo completamente novo, da tua própria autoria, na tua própria forma de arte, e não ficarás satisfeito com menos. Nas tuas pinturas, as pessoas estarão no controlo do ambiente. O ambiente não as esmagará, e ainda assim elas emergirão definitivamente dele, e psicologicamente isso representará para ti uma emergência triunfante da personalidade individual.

É importante para ti, psicologicamente, que expresses isto. De certa forma já começaste a fazê-lo, pela maneira como escolheste pintar roupas — ou seja, os tipos de roupa que escolheste retratar. A parte do ambiente virá depois, e vais perceber o ambiente como uma espécie de arranjo místico que uma determinada personalidade projeta sobre o mundo à sua volta.

A roupa diz muito sobre o caráter, pois uma pessoa escolhe a sua roupa. Subconscientemente, ela também escolhe o seu ambiente, e projeta o seu próprio caráter sobre ele, de modo que o humor básico, o humor subjacente de uma personalidade, por baixo de todos os humores transitórios, também será expresso na cor que se reflete na pintura inteira, também no ambiente.

Assim como uma camada de tinta é adicionada a outra, também a cor das camadas representa os humores dentro dos humores que compõem toda a estrutura psicológica da personalidade. A fluidez das linhas também diz muito sobre a caracterização; uma rigidez de linha mostra uma rigidez de caráter.

Isto também se reflete no ambiente. Por ambiente, refiro-me às partes da pintura chamadas fundo. Elas ganharão maior vividez para ti. Vais vê-las como extensões das tuas pessoas, em vez de como o meio no qual as tuas pessoas por acaso aparecem. Tens alguma pergunta sobre este material?

("Bem, vou ter. Gostaria de estudar isto primeiro, no entanto.")

Então responderei a qualquer pergunta que tiveres. Vou então terminar a nossa sessão, com os meus mais calorosos cumprimentos para ambos. Estive convosco nas vossas viagens. Uma afetuosa boa noite.

("Boa noite, Seth. Obrigado, foi muito bom."

(A Jane saiu rapidamente do transe. Comentou que tinha a certeza de que, como Seth, conseguia ver melhor sem óculos do que conseguia ver sem óculos como Ruburt. *Explicando, disse que sentia que conseguia ver tão bem, como Seth sem óculos, quanto conseguia ver como ela própria com óculos.*

(Mais uma vez, o material da última comunicação foi muito bom, com muita perceção intuitiva no que diz respeito ao caráter, fundo, emoção, etc., na pintura. A partir destes dados vou formular algumas perguntas para o Seth. No momento, no entanto, elas centrar-se-ão principalmente sobre galerias em Nova Iorque, nomes, etc.)

SESSÃO 496

18 de agosto de 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

Na zona da 6ª Avenida e da 61ª Rua, Carter (*soletrado*). É melhor incluíres N A N. (*Pausa.*) Agora não sei se é Nan Carter, mas sei que os dois estão ligados. E com uma exposição coletiva de alguma notoriedade em 1935, na qual creio que esta pessoa participou, e que agora possui, ou dirige, ou está ligada a esta galeria neste bairro.

Sugiro que ligues o arrefecedor. Vou falar acima dele. Queremos baixar a temperatura da Jane.

(A Jane sentou-se calmamente em transe enquanto eu saía do meu lugar para ligar o arrefecedor de ar instalado numa das janelas da nossa sala de estar. Estava uma noite muito quente e pegajosa. O arrefecedor não fazia tanto barulho que o Seth tivesse dificuldade em falar acima dele.

(Antes da sessão, eu tinha pedido à Jane se o Seth podia dar-me mais dados sobre o material das artes e galerias iniciado na última sessão. Eu ia tentar usá-los de forma prática, disse à Jane para não se esforçar demasiado, no entanto, para obter mais dados. Ela disse que o impulso

seria forte para me ajudar nestes temas. Fiquei um pouco surpreendido ao ouvir o Seth começar logo com os dados das galerias.)

O homem foi ele próprio um artista, portanto. Pode ser o tio do homem que dirige a galeria, por assim dizer, mas tem uma voz forte na galeria. Em tempos esteve ligado à escola de arte ashcan. Percebes-me?

("Sim."

(Mais tarde, a Jane confirmou que tinha ouvido falar da escola de arte ashcan.)

As suas ideias mudaram ao longo dos anos. *(Pausa.)* Dá-nos tempo. Haverá um homem chamado Art, como Arthur, mas chamado Art, também ligado a este estabelecimento.

Um bloco mil *(ten-hundred)* referindo-se a um dos locais mencionados. *(Na última sessão.)* Isto pode referir-se à 72ª Rua e à 5ª Avenida.

Os Bill's mencionados referem-se a uma delicatessen que também é usada como bar, com algum entretenimento às vezes. "The Occasions". Eles são, creio, um grupo. Vamos dar-te o que temos. Algumas coisas precisarão de ser esclarecidas.

O Jerry leva a Lewis, e há uma ligação aqui, mas não a que suporias. Há uma ligação italiana. Este lugar não é o da 6ª Avenida, 61ª Rua mencionada anteriormente. Percebes aqui. Esta é a segunda ocasião.

Podes deixar sair o teu gatinho, e eu verei o que consigo encontrar entretanto.

(Eu não estava muito satisfeito com a interrupção, mas concordei. Rooney, o nosso gato preto, tinha-se magoado de alguma forma na pata dianteira esquerda, de modo que nos últimos quatro dias se tinha movimentado em três patas. Agora estava a arranhar a porta para sair.

(O Rooney avançou alguns metros pelo corredor e depois sentou-se para descansar. Na sala de estar, a Jane permaneceu imóvel em transe. Para aproveitar o tempo, deixei entrar o nosso outro gato, o Willy, pela porta dos fundos. Depois de o Willy entrar no apartamento, com a minha ajuda, o Rooney finalmente saiu pelo fundo. Tudo isto demorou vários minutos, que eu suportei impacientemente.)

(No entanto, a Jane estava completamente à vontade, ainda em transe, esperando até eu retomar o meu lugar e pegar no caderno.)

Três portas abaixo, um estabelecimento relacionado com sapatos, ou um engraxador com uma grade preta. Setes fortemente presentes nos

números do endereço, e zero. No início não pensarás que este é um lugar para ti. Não parecerá que expõem o teu tipo de trabalho, mas é precisamente por isso que vão querer fazê-lo. Não têm ninguém no seu leque que consiga fazer bom trabalho com figuras, ou de natureza objetiva.

Agora ouve: não assumas que aqueles que não expõem o teu tipo de arte estão contra ela, ou não a quererão. Em Nova Iorque agora, e por todo o país, é difícil encontrar trabalho objetivo que não seja altamente estilizado ou sentimentalizado.

Muitas galerias, portanto, não apresentam trabalhos objetivos porque os defeitos são tão claramente visíveis. Em vez disso, optam por distorções planeadas, que conseguem disfarçar tais insuficiências, ou por trabalhos francamente abstratos.

Assim, no início, esta galeria parecer-te-á inadequada. Se eu não te tivesse dito isto, passarias ao lado, pensando que eles queriam apenas abstratos, ou o teu, é — pop art?

("Sim." *Este material refere-se a alguns comentários que eu tinha feito anteriormente, sobre tentar listar galerias em Nova Iorque que eu achasse que poderiam ter interesse no meu tipo de arte, julgando pelos seus anúncios.*)

Eles estarão particularmente interessados nas tuas pessoas, muito mais do que em paisagens, e em certas das tuas frutas. Vais fazer, creio eu, mais trabalho com frutas, de uma natureza diferente. Acredito que isto envolverá uma ampliação do trabalho que já fizeste com frutas. Uma maçã, por exemplo, como poderia ser vista por uma mosca. Um pêssego como poderia ser visto, ou uma pêra, por um esquilo.

Não quero dizer que terás isto especificamente em mente, mas que estarás a olhar para as frutas de uma nova forma, e de diferentes pontos de vista. Quando fizeres isto, esta galeria interessar-se-á.

(*Pelo menos conscientemente, eu não estava a considerar quaisquer ideias dessas envolvendo fruta, embora as ideias aqui sejam interessantes.*)

Dá-nos um momento.

(*Pausa. Depois rapidamente:*)

Jerry A. Fox. A galeria é comercial. Do exterior não parece uma galeria, mas é suficientemente conhecida. Tem também ligações no estrangeiro.

Há algo elevado aqui. Agora, eu não sei. Isto pode referir-se a lofts. É mais na moda do que a outra galeria, ou mais "in". Trabalha com obras maiores do que as que estás a produzir atualmente, como regra.

Mudou-se duas vezes nos últimos dois anos, no entanto, para obter mais espaço. Esta é a terceira localização, e na primeira localização era gerida por outro homem. Há uma mulher ligada a ela que fará a Jane lembrar-se da sua Lydia (*Nesbitt*), e uma ligação com Charlotte.

Há também uma ligação com postais. Por baixo do estabelecimento há uma atividade ligada — talvez emolduramento, não sei. Uma atividade de cave.

Deves também tentar obter uma bolsa de fundação. Guarda agora todos os teus retratos (portraits), e não os vendas localmente.

Podem fazer uma pausa, e continuaremos.

(A Jane demorou a sair do transe. Disse que o ruído do trânsito a tinha incomodado no início da sessão, até o Seth me ter mandado ligar o arrefecedor. Depois, o transe foi profundo, embora ela se lembrasse do episódio do gato.

(Depois a Jane surpreendeu-me dizendo que Fox não era o nome que ela tinha pronunciado, em relação a Jerry A. Ela foi muito firme — Fox não estava correto, dizendo que eu a tinha percebido mal. Ela achava que o nome era Foss, em vez disso, embora não estivesse tão certa aqui. Especulámos sobre Foch ou Foche; a Jane disse que o nome tinha uma sílaba com um som mais suave do que Fox — daí Foss. Pensámos que o Seth iria esclarecer o assunto.

(Eu disse à Jane, no entanto, que deveríamos obter algum material sobre uma questão que lhe foi abordada por carta na semana passada pelo Reverendo Crosson, sobre uma palestra em Nova Iorque ainda este ano. Os dados das galerias poderiam ser continuados mais tarde.

Agora. Várias questões.

O livro da Jane deve incluir, como incluirá, uma fotografia da Jane. Deve também incluir uma reprodução da tua pintura de mim, num lugar proeminente.

Deve também incluir algumas outras reproduções das tuas pinturas à medida que se aplicam às tuas personalidades psíquicas. Isto também ajudará a publicitar o teu próprio trabalho. Também acrescentará interesse ao livro. Eu disse-te que o teu retrato de uma velha era tu próprio como

mãe, e isso deve ser incluído, tal como os retratos da Jane e Rob feitos juntos.

Agora, se seguires o meu conselho, quando tiveres convidados ou quando estiveres a trabalhar, sempre que vires pessoas, então tentarás obter uma impressão interna dos "eus" que elas foram, ou da entidade da qual fazem parte.

Tu consegues fazer isto, e bem, e isso permitir-te-á trabalhar com pessoas que são independentes deste lugar e deste tempo. Eu já mencionei isto uma vez antes. Dá-nos um momento. (*Pausa. Depois humoristicamente:*) A tua pintura de mim pode tornar-se famosa, com o tempo. Não a vendas.

("Está bem.")

Pode ser usada também em ligação com as palestras que a Jane possa dar. Espera apenas. (*Pausa longa.*)

Há duas coisas a operar. O Crosson, não admitindo a si próprio, tem medo de não conseguir manter uma audiência suficientemente, e quer ajuda. Ele tem andado a dizer as mesmas coisas repetidamente. Quer ser aquele que introduz alguém novo, alguém que será conhecido na área, e acrescentado à sua coroa.

Não há nada de errado nisto, além da vaidade, que é suficientemente natural. Ele também quer tornar o caminho mais fácil para a Jane. Ele está a pressionar de propósito, pois pensa que não são suficientemente organizados para o vosso próprio bem, por conta própria. (*Longa pausa.*)

Basicamente, não faz grande diferença o que façam.

(*Se visitarmos ou não o Reverendo Crosson este verão no seu acampamento nos Berkshires, em Massachusetts; e se mais tarde este ano a Jane falar em Nova Iorque numa reunião da Spiritual Frontiers Fellowship, com o Reverendo Crosson.*)

Não haverá complicações resultantes de tal encontro de natureza adversa, se temiam isso. Alguns bons contatos seriam feitos. Serão feitos em qualquer caso. A Jane não deve planear fazer trabalho em transe. (*Como sugerido pelo Reverendo C., em palco.*) As suas principais energias permanecem com o material. No entanto, é uma excelente professora e uma boa oradora.

Não vou dizer-vos para irem ou não irem. Têm de tomar a vossa própria decisão. Dá-nos um momento. (*Pausa.*) A mulher mencionada muito em breve poderá perder ou desistir da sua posição. Há doença para

ela num futuro relativamente próximo, mas se a encontrarem, será útil na mesma. Através de várias circunstâncias, ela pode nem sequer telefonar. Outro orador, pensado como não disponível, pode mudar de ideias.

(*O Seth refere-se à Betty Taylor, uma das editoras na Harper's. Ela disse ao Reverendo C. que ligaria à Jane esta semana, mas até 20 de agosto, quarta-feira, não o tinha feito.*)

(*Humoristicamente:*) Um fim de semana com os Crossons parece mais ou menos inevitável, e será benéfico para todos os quatro.

(*O nosso gato, Willy, saltou agora para o colo da Jane. Sem sair do transe, a Jane colocou-o no chão e retomou.*)

Ele acabará por ser útil para vocês de maneiras que agora não preveem. Ele é trapalhão e medroso, mas acena bandeiras valentes. (*Pausa.*) A Jane é uma das suas descobertas. Ele não cumpriu os seus potenciais, e sabe disso, e por isso tenta ser presunçoso. Mas tem boas intenções. A esposa dele é o seu apoio. Ele nem sempre foi tratado com gentileza pelos médiuns que conhece. Em muitos aspetos, foi posto de lado porque não teve coragem das suas convicções mais cedo.

(*Longa pausa às 22h25.*)

Por vezes ele pode mostrar malícia, mas de forma insignificante, não prejudicial.

Agora podem terminar a sessão ou fazer uma pausa, como preferirem.

("Faremos a pausa."

Agora. A natureza reprimida dos medos da Jane foi responsável pelos sintomas no vosso primeiro encontro com os Crossons. Isto foi em grande parte resolvido.

Há, no entanto, alguma relação não resolvida entre os quatro de vocês. Não podem simplesmente descartá-lo. Não acredito que ele se mantenha ativo para além de dois anos ou algo assim, a menos que mude e perfure o seu próprio exterior excessivamente alegre.

(*Mais uma vez, o Willy saltou para o colo da Jane, e mais uma vez ela colocou-o no chão sem sair do transe.*)

Ele precisa de iniciação interior, de novos impulsos da sua própria criatividade (*sublinhado*). Ele também precisa de gentileza. Se lhe estenderem a mão, ele ficará grato e fará o seu melhor para vos retribuir.

Ele já não é preciso.

Agora têm mais perguntas?

("Podes fazer algo em relação à confusão sobre o nome—"

(*Antes que eu pudesse terminar a pergunta sobre o nome, James A. Fox ou Foss, o Seth falou rapidamente e com força.*)

O nome é Foss. Ouves-me alto e claro?

("Sim. F-o-s-s." Eu soletrei, à minha maneira.)

Eu não estava a tentar ser astuto (*foxy*). O nome é Foss. Não sei a ortografia.

A vossa atitude em qualquer caso em relação ao encontro deve ser relaxada, quer vão ou não.

("Está bem." Sobre Crosson, etc.)

Têm outras perguntas?

("Não.")

Então terminaremos a nossa sessão. (*Inclinando-se para a frente, divertido:*) Confio que isto esteja de acordo com a vossa aprovação, e com a da Jane.

("Porque não?")

Os meus mais calorosos cumprimentos para ambos, e uma afetuosa boa noite.

("Boa noite, Seth, e obrigado." 22h45.)

SESSÃO 497

20 de agosto de 1969

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. A Jane tentou fazer demasiado ontem à noite para o trabalho de uma só noite.

(*O Seth refere-se à aula de ESP de ontem à noite, na qual a Jane e alguns dos seus alunos obtiveram alguns efeitos e experiências invulgares. Um membro da aula de ESP, Sue Watkins, viu o Seth na sala, etc.*)

As experiências foram suficientemente legítimas. Em dois casos ele estava a usar a sua própria energia para sustentar e dirigir o grupo, e para os transportar, por assim dizer. Ele teve alguma ajuda de outros no grupo, mas não o suficiente para tal esforço sustentado.

(*A Jane comentou várias vezes hoje que se sentia particularmente "esgotada", etc.*)

Dá-nos um momento. (*Longa pausa, olhos fechados.*)

Gostaria que te empenhasses seriamente no passatempo das viagens fora do corpo. Não há razão para que não possas tornar-te proficiente nisto, se estiveres suficientemente motivado. Vais encontrar todo o tipo de pessoas que podem servir como modelos para ti.
A alteração de consciência envolvida também te permitirá fazer várias mudanças distintas e vantajosas de foco, alinhadas com o teu próprio trabalho.

Isto é difícil de pôr em palavras. Não há razão, repito, para que não possas alcançar proficiência fora do corpo, e quando o fizeres, poderás experimentar criações de pensamento, experimentando, formando, usando ou descartando, pinturas de pensamento. Num estado fora do corpo poderás alcançar com bastante facilidade aqueles ambientes nos quais os pensamentos se tornam uma espécie de pseudo-material plástico, quase instantaneamente.

Agora, dentro deste enquadramento poderias testar muitas ideias para pinturas, várias técnicas, e vê-las ou ver os seus resultados imediatamente. Isto seria uma experiência consciente e alerta. Percebes-me aqui?
("Sim.")

As alterações de consciência dar-te-iam uma liberdade bastante única que eu não consigo pôr em palavras, uma perspetiva e um ponto de vista acima da realidade, que se mostrariam no teu trabalho. Já te oferecemos sugestões a seguir antes.

Para os teus propósitos particulares, poderias imaginar que estás a caminhar, ou a viajar, por uma das tuas próprias pinturas. Tenta lançar a tua consciência para dentro do ambiente que pintaste.

Observa particularmente as cores que seriam observáveis para ti em muitos estados fora do corpo. Há gradações com as quais não estás familiarizado. Elas inspirarão mudanças na tua própria paleta.

Haverá todo o tipo de diferentes relações espaciais para explorares, e depois tentares reproduzir no teu trabalho, se preferires. As disciplinas envolvidas nestas alterações de consciência ajudar-te-ão em todas as outras áreas, dar-te-ão a conhecer de forma bastante pessoal outras realidades e serão uma preparação para o tempo em que não terás um corpo físico no qual manipular.

Há evidências pessoais a serem obtidas aqui que não podem ser obtidas de nenhuma outra maneira. A Jane falou de algum trabalho

renovado, e eu recomendo calorosamente que te concentres fortemente em fazer explorações conjuntas fora do corpo.

No início caberá à Jane ajudar-te, e com concentração e aplicação ela pode fazê-lo. Não quero que esta sugestão passe despercebida, como passará se simplesmente arquivares a sessão e a ignorares. Gostaria que este trabalho começasse, e continuasse ao longo das vossas vidas como um esforço conjunto.

Faço isto como uma forte recomendação, pois se quiserem obter todos os benefícios dos vossos desenvolvimentos, então simplesmente têm de se tornar proficientes nestas áreas. Têm de implementar as sessões e o vosso conhecimento com tal experiência pessoal. Isto não deve ser um assunto aleatório, deixado ao acaso.

Duas noites por semana devem ser usadas sugestões específicas e feitas tentativas. Agora podem fazer a pausa, e eu dar-vos-ei algumas orientações. Espero que as sigam. Irei, incidentalmente, comentar nas sessões sobre as vossas experiências.

Agora. Inicialmente estas serão experiências noturnas, conduzidas durante o sono. Os vossos corpos físicos estarão bem relaxados na altura.

Aliás, estarão a dar-lhes energia e frescura adicionais por causa das experiências. O ideal será viajarem juntos. A Jane já sabe como sair do corpo, usando vários métodos a partir do estado de sono e imediatamente antes dele.

Estes métodos serão suficientes. Ela também deve, no entanto, lembrar-se de te ajudar e de contactar o teu eu astral. Se ela se encontrar acordada astralmente e apenas vir o teu corpo físico, então ou estás já numa viagem astral inconsciente, ou o teu corpo astral não saiu do teu corpo físico.

Se ela apenas vir o teu corpo físico, então deve dirigir-se a ti, anunciar o seu próprio estado fora do corpo e convidar-te a juntaste a ela. Se ainda estiveres no teu corpo e se as condições forem boas, então sairás do teu corpo e juntar-te-ás a ela. Se não houver resposta, então estás numa projeção inconsciente tua. Quando o contato astral for feito, podem ser necessárias algumas manipulações para o manter, mas não há nada com que se preocupar se seguirem caminhos separados.

Este método simplifica as coisas para ti, já que nessas duas noites precisas apenas de dizer a ti próprio que vais ouvir o chamamento da Jane. Ambos aprenderão um controlo adicional ao viajarem juntos. Também

podem viajar mais longe num esforço cooperativo.
Agora, se fizerem disto um hábito, de darem estas sugestões duas noites por semana, acabarão por ser altamente bem-sucedidos. Sugiro que as duas noites sejam consecutivas. A Jane deve tentar nessas noites um dos seus métodos à medida que adormece, e se isso não resultar, dizer-lhe para usar os outros métodos que conhece a partir do estado de sonho.

Ela pode explicar-te novamente para que saibas o que esperar. Eu dar-te-ei dados adicionais sobre esses ambientes que visitares, para que as vossas experiências sejam acompanhadas por discussões nas sessões ao longo dos anos. Para se desenvolverem plenamente psicicamente, tais experiências são necessárias. Também servirão como temas no teu trabalho e no da Jane, se forem levadas adiante.

Eles dar-te-ão, novamente, perceções valiosas sobre realidades que não são físicas, e o período imediatamente após a morte física não te trará choques. Estarás em território familiar. Queres fazer uma pausa?

("Não." O ritmo do Seth tinha sido bom, com poucas pausas.)

Então. Não precisarás de muitas experiências antes de a tua própria confiança te permitir sair do corpo sem a ajuda da Jane, mas a viagem conjunta continua a ser importante. Podem ajudar-se e guiar-se mutuamente, tal como fazem na vida física.

Ajudar-te-ei se surgir uma necessidade, mas para além disso darei algumas instruções enquanto estiveres num estado projetado. Não posso fazer isto até alcançares uma certa proficiência. Quando estiveres pronto, e depois talvez de um ano de trabalho por conta própria, delinearei um programa geral para seguires.

Há vários tipos de ambientes que deves visitar. Poderás sentir-te mais naturalmente atraído por alguns em detrimento de outros, e lidaremos com um espectro razoavelmente amplo de experiências. Algumas destas envolver-te-ão naqueles planos de realidade nos quais personalidades mais ou menos recentemente falecidas agora sobrevivem.

Poderás visitar a tua Miss Callahan, por exemplo, como a Jane já fez. Poderás visitar outros agora mortos nesses termos, com quem outrora estiveste relacionado. Em termos gerais, tais visitas envolver-te-ão, no entanto, com um ambiente principal, de modo que poderias fazer isso indefinidamente, e nós quereremos que tenhas mais experiência do que isso.

(*No Livro 1, ver Sessão 28 sobre a Miss Callahan.*)

Não vou deixar o assunto por aqui, asseguro-te. Vou insistir contigo. Agora dá-nos um momento. (*Pausa.*)

Estas sessões têm a sua própria lógica e a sua própria continuidade. Estão a conduzir em certas direções que podem não ser ainda aparentes para ti, e passam por ciclos, que são necessários e naturais. Parte disto tem a ver com as minhas intenções, parte com a minha disponibilidade relativa. Se te lembrares do que te disse, eu estou sempre aqui, até certo ponto. Percebes-me?

("Sim.")

Durante alguns ciclos estou mais fortemente focado convosco do que noutros, mas estou sempre suficientemente perto para garantir que o material está a ser devidamente entregue e que as estruturas necessárias estão a ser mantidas. Nem é preciso dizer que as vossas próprias atitudes mentais são importantes. Sem certas atitudes, as sessões teriam sido impossíveis desde o início.

A tua fé no teu próprio trabalho é altamente importante. As tuas próprias experiências fora do corpo, se levadas adiante, reforçarão ainda mais as sessões, pois estarás a experienciar circunstâncias das quais já te falei. Pensarás em perguntas, portanto, sobre assuntos que eu tomo como garantidos. Percebes-me aqui?

("Sim.")

Quanto mais trabalho fizeres, melhor poderei ajudar-te. Haverá variações sazonais e outras no teu próprio trabalho fora do corpo. Ao longo de um período de anos, no entanto, este tipo de coisa nivelar-se-á. Há muitos factores que operam para ajudar ou dificultar as nossas comunicações, tanto do vosso lado como do meu.

A estrutura das sessões foi estabelecida porque senti que, a longo prazo, a própria estrutura seria permanente, capaz de suportar quaisquer tensões naturais, e também suficientemente forte e flexível para permitir o máximo aproveitamento. Muitos tipos de experiências são possíveis dentro dela, por exemplo.

É uma estrutura psicológica, como já expliquei, e tu e a Jane fazem ambos parte dela. Agora podem fazer a pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

("Faremos a pausa."

(A Jane estava bem dissociada; não se lembrava do material, exceto das últimas palavras. Retomamos às 22h28.)

Agora. Não vos vou prender.

("Está bem.")

Sugiro que, nas duas noites, a Jane tome um duche morno — não quente — antes de se deitar. Sugiro também, ao contrário de Muldoon, que tenham um pequeno lanche (*sublinhado*). Não um pesado, mas suficiente para que o corpo esteja confortável.

Devem estar confortavelmente quentes, mas não sobrecarregados com cobertores. (*Longa pausa.*) Uma nota para a Jane: ela deve manter um roupão à mão. Usar um caderno para sonhos, e deixá-lo na secretária dela durante a noite. Como preliminar às instruções que vos dei, durante 7 dias ela deve dar a si mesma sugestões para sonhar, e em várias ocasiões, embora não todas as noites, dizer a si mesma que vai acordar depois de um sonho e registá-lo.

Como ela sabe, isto facilita estados fora do corpo da parte dela. Isto deve ser feito uma semana antes de começarem as vossas experiências conjuntas.

Agora, tu deverias começar na mesma semana com novas sugestões para recordar os teus sonhos, mas faze-o desta forma, como se segue:

(*Para mim:*) Antes de dormires, imagina simplesmente o teu caderno de sonhos aberto de manhã, com os sonhos registados. Imagina que vês tantas linhas de palavras escritas. Percebes—

("Sim.")

—visualiza-o, e sente-te satisfeito por teres conseguido. O prazer pelo teu sucesso é importante. Tens sido demasiado intelectual. Percebes-me?

("Sim.")

Vou agora terminar a sessão. Sugiro que a primeira semana comece esta noite, como exercício preliminar. Uma calorosa boa noite para ambos, e os meus votos mais afetuosos.

("Boa noite, Seth."

(22h38. Mais uma vez, o transe da Jane foi muito bom. Seguindo as instruções do Seth, registei vários sonhos nas noites seguintes a esta sessão; os primeiros que consegui recordar em muitas semanas. RFB.)

SESSÃO 498

25 de Agosto de 1969

(Esta tarde o editor da Jane na Prentice-Hall, Tam Mossman, telefonou-lhe para lhe dizer que o livro Seth da Jane está quase completo para a P/H. O Tam também tinhas umas quantas perguntas, que o Seth começa a responder nesta sessão.

(Antes da sessão desta noite, passei algum tempo a explodir com respeito a uma diversidade de problemas vastos que vemos refletidos nos noticiários diários dos meios de informação - coisas como a corrupção, a poluição, a inflação, o destino da raça caso ela persista nas tendências atuais, etc. Na realidade estas coisas mexem profundamente comigo e eu fico furioso com atos de aspeto ostensivamente destrutivo para nós a longo prazo. Um comentário bastante inocente feito pela Jane logo antes das nove horas deixou-me sobressaltado, daí a sessão ter começado com meia hora de atraso.

(A Jane também quis saber sobre uma experiência bastante alarmante que teve na tarde de sexta-feira que envolveu uma amiga de idade.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem, tenho diversas coisas a dizer, e vou tentar responder às perguntas que tens em mente. Antes de mais, (dirigindo-se a mim) Tu não perdes o sentido de perspetiva que tens, da perspetiva mais vasta, que o nosso trabalho te devia dar. Também estás envolvido noutras realidades e noutros experimentos. Existem mais, e há tendências agora na vossa realidade que vocês não veem. Não só isso como até mesmo se a raça, conforme a conhecem, se distorcer além da crença, ou mesmo se destruir, os muitos não esquecerão. O conhecimento, arduamente conquistado, tornar-se-ia como o instinto quando a raça começasse de novo. Aí, os perdedores tornar-se-iam professores austeros, por terem aprendido pela experiência.

Cada experimento constitui um sucesso, independentemente de obter êxito ou fracassar nos vossos termos, e cada experimento também trás consigo elementos novos de criatividade, por ter despoletado inovações. E essas são retidas. Há diversos níveis em operação, diversos níveis de consciência e de identidade. Eles não podem ser restringidos à força, porque nada haveriam de aprender. Aquilo que aprendem porém, é sempre

retido. Isto não quer dizer que cada experimento bem-sucedido seja constituído por seres que tenham passado por estes ciclos. Podem ser personalidades novas para o sistema, novas quanto a isso (com sentido de humor) com relação a ideias novas, completamente inutilizadas para o pensamento ou a visão conceptual, seres que só agora emergem numa individualidade vigorosa. A consciência ao vosso nível encontra-se numa posição de crise por diversas razões.

No vosso sistema, pela "primeira vez," a consciência individualizada mostra-se organizada de forma vigorosa suficiente para o "bem ou mal." Antes disso era protegida, um tanto mimada com o comportamento instintivo a detê-la dentro de limites. Não é capaz de utilizar energia suficiente para manter um sistema próprio, mas opera como um adjunto para outros sistemas mais fortes.

Bem, alguns daqueles (que têm existência) na vossa realidade estão a ter a sua primeira experiência de um ego conforme o concebem. Outros estão a retornar a ele, ao sistema, num esforço por aprender mais. Há guardiães, por assim dizer, que reencarnam pela última vez para ajudar a manter algum tipo de ordem enquanto os demais amadurecem. Há igualmente alguns, não físicos, que ficam de olho sobre todos os acontecimentos.

O treino é necessário. Os resultados em qualquer etapa podem não parecer tão esperançosos, e nos vossos termos há de facto o que parece ser um efeito cumulativo. Há um sistema de pesos e contrapesos que operarão. Esses têm existência no eu interno. O sistema de pesos e contrapesos operará até determinado ponto, e manterá um certo equilíbrio.

Há sinais de alarme que despoletam alertas por toda a realidade física. O desastre com efeito mostra-se no estado de sonho antes de surgir como facto concreto.

O vosso ego acha-se agora focado nesta realidade. Vocês possuem outros egos focados noutras realidades. O eu interno tem consciência do que está a ser feito em todas essas realidades. Há uma certa compensação, e a raça sabe disso. A Jane escreveu sobre a existência de aglomerados de consciência, e é claro que ela tem razão. Vós sois parte de muitos agrupamentos de consciência desses. As capacidades e potenciais estão não só a ser desenvolvidos neste sistema, mas noutros.

A raça percebe igualmente bem as vantagens e desvantagens da realidade física que adotou. Sabe, por exemplo, da existência de uma

tendência de ir até extremos. Eu referi anteriormente que as recompensas, os desafios e os perigos existem precisamente por ser permitida tanta liberdade.

Bem. Aqueles de dentro do sistema sabem disso. Independentemente do que possam pensar do seu atual desempenho num dado "momento," é deste sistema que os maiores potenciais emergem; porquanto tendo-o enfrentado, a consciência submete-se a um dos testes mais severos na aprendizagem de como gerir a própria energia. O horror e os resultados da má gestão ou desgoverno, e a vulnerabilidade, são os métodos de ensino que cada consciência aceitou antes de entrar no vosso sistema. Não há saída senão pela aprendizagem ou ruína de todo o sistema. E em mais nenhum outro campo de atividade são os termos tão drásticos. Por tal razão o eu interno omite muito do conhecimento que possui. Não deve haver qualquer confiança no próprio facto de que por trás e no sistema existe alívio. Vocês precisam crer na realidade física e aceitar a vulnerabilidade.

Ora bem, do vosso sistema brotam algumas das mais avançadas de todas as entidades. Elas avançam e aprendem com outras realidades, é verdade, mas a vossa é a mais difícil de dar conta, e aqueles que a aceitam deixam-na por uma certa linha de desenvolvimento e que os potenciais estão além de qualquer coisa que presentemente concebam.

Bem, estou-to a dizer esta noite não só por causa da discussão anterior que tiveste, mas por que este material irá enquadrar-se com outras sessões que tenho em mente. Vocês estão não só preparados como estão a requerê-las, mas até que estivessem preparados não as entenderiam.

Primeiro, muito simples, há muitos que não veem esses fracassos e deficiências e tendências de que falaste antes. Não se lhas pode apontar; eles aprendem. Agora, por si ó não teriam permissão para destruir uma realidade inteira. A mistura de consciência no vosso sistema oferece um certo controlo. A criança precisa amadurecer, e o vosso sistema é um terreno de amadurecimento, um bastante primário. Uma escola primária para aqueles que estão a tentar certos tipos particulares de experiência. Alguns simplesmente não obterão sucesso. Irão continuar em vez disso, ao longo de outras linhas de desenvolvimento.

Agora, vocês dedicaram literalmente o vosso tempo, durante séculos. *(Com Humor.)* Essa é uma das razões porque te vês bastante impaciente com o desenvolvimento dos teus companheiros, que ainda não gozam dessa

vantagem. Vocês aprenderam. Não consegues compreender a razão por que eles não.

Há ciclos de entrada no vosso sistema., Bem, as primeiras entradas "em massa" não lhes trazem guerra. Aqueles que entram inicialmente encontram-se demasiado desnorteados A manipulação no universo físico é estranha. Eles não percebem o potencial da própria energia, e não é senão até que comecem a percebê-lo que são "levados à tentação." Eles precisam aprender a lidar com ela de forma construtiva. Bem, a cooperação é traço intrínseco desses seres que entram. Sem ela não conseguiriam sobreviver o suficiente para aprenderem o que quer que fosse. Os períodos de guerra não têm início até que esses grupos alcancem algum grau de manipulação. Bem, conquanto lhes pareça a vós que tenha havido pouco avanço, no geral verificou-se de facto. Massas mais vastas de indivíduos do que antes percebem que a matança é um erro.

Agora, este ciclo de que estou a falar vai até ao começo da história conforme ela é em geral conhecida, até ao vosso homem da caverna. Mas façam o vosso intervalo que já prosseguimos.

Bem, vamos adentrar alguns dos outros assuntos. Mas lembra-te que precisas considerar a raça e os seus habitantes em todo o contexto da existência caso queiras ser verdadeiramente realista.

Contudo, este material anterior será continuado na nossa próxima sessão.

Tatos os novos experimentos que a Jane tem vindo a fazer nas aulas como a experiência com a mão representam uma recetividade e predisposição crescentes da parte dela. Em muitos aspetos o episódio com as mãos foi resultado do trabalho com as aulas. Alguns dos experimentos feitas nas aulas dão-lhe confiança, e eu dei-lhe confiança e um desafio. O desafio era importante. Eu apareci nas aulas e ela não me viu, mas o amigo viu. E ele sabe porquê.

Por conseguinte ela procedeu à decisão interior. Ates, ela tinha receio de ver manifestações físicas. Bem, isso não constitui coincidência. Ela padece de fraca visão, por não querer ver manifestações físicas. Ela não usa a visão de maneira firme como ajuda, não fortemente, digamos, relativamente falando. Ela era pobre em formação de imagens mentais claras, tal como era pobre na visão de manifestações físicas.

Por isso, com o desenvolvimento da experiência física ela fez da mesma maneira. Era um hábito de perceção. Ela não quis ver a mãe com

clareza. Ela estava apavorada, daí que o padrão se tenha desenvolvido. Mas subitamente compreendeu que havia uma vantagem a ganhar aqui, e ela quis passara ver de imediato após o amigo ter visto a minha imagem.

A experiência feita com a mão foi legítima. A impressão visual objetivou-lha. Antes, ela não o teria permitido. A dificuldade será uma dificuldade com a circulação nos membros e nas mãos, e os sintomas já estão a ser sentidos pela mulher em questão.

Creio que a mulher sabe, e quer ver o marido instalado bum bom ambiente físico antes de partir. Há alguém cujos nomes começam por S. M. ligada a isto - um parente ou amigo, que está morto há um tempo, que está a olhar por ela.

Vou dirigir-me ao nosso Aerofranz quando ele vier em visita. Por ora há simplesmente uns certos erros que ele fez, tanto em esperar demasiado, por um lado, como não esperar tanto, por outro. Sabem da ponte psicológica que é necessária para as comunicações. Ele e o Adam dele estão a começar a estabelecê-la. Trabalho é requerido da parte de ambos por ele próprio estar a forçar predições - quer ele o perceba ou não, e estar a tentar levar mais a cruzá-la do que a ponte consegue suportar. Por outro lado, não há uma aplicação regular da parte dele, mas uma atividade espasmódica.

A necessidade emocional dos outros poderá servir de ajuda - mais tarde. Se as fundações forem devidamente erguidas, deverá haver uma certa aplicação regular, nem demasiado sóbria nem demasiado exigente. Mas há capacidades aqui que podem em definitivo ser desenvolvidas. Contudo, pode haver uma estimulação excessiva da parte do Aerofranz, quando ele tentar usar o Adam para ajudar os outros nesta altura. Estás a entender?

("Estou.")

O Adam pode e também irá contribuir e reforças a personalidade e características do Aerofranz. Ele poderá ajudar o Aerofranz a desenvolver-se. Ele não representa qualquer ameaça para a própria personalidade do Aerofranz, mas o Aerofranz devia invocar a ajuda dele para os outros até que a ponte psicológica de que falei possua uma forte fundação. No desejo que ele tem de ajudar os outros, poderá exigir demasiado do Adam sob as presentes circunstâncias.

Isso estimula excessivamente o Aerofranz de modo que ele procura usar a energia nervosa, não é que o Adam não possa ajudar. É por a ponte

de comunicação entre eles precisar ser completada. Os resultados firmes surgirão.

Bem, na segunda metade na nossa próxima sessão vou dedicar-me a outro material que o nosso bom amigo solicita. Podes fazer um intervalo ou terminar a sessão, conforme queiras.

("Creio que teremos que a terminar, nesse caso.")

Só uma nota: tu por vezes também sentes (dirigindo-se a mim) que não fizeste o suficiente ao longo das reencarnações que tiveste a fim de ajudar a raça, ou estaria em melhores condições.

Na quarta-feira vou elaborar.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

SESSÃO 499

27 DE AGOSTO DE 1969

(O Carl e a Sue Watkins, ambos membros da aula de ESP da Jane, foram testemunhas da sessão. As primeiras observações humorísticas do Seth referem-se a eles no início da sessão.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

E boa noite para vocês: não foram muito longe... Agora deem-nos um momento. *(Pausa.)*

Isto é para a futura esposa do vosso amigo Aerofranz.

O Aerofranz queria uma palavra minha, e a palavra é: aguenta mais um pouco. Pode haver uma mudança definitiva para outro departamento da parte dela (da Eve), e isto representaria um ligeiro avanço — meio passo, mas um bom.

Haverá também mudanças, de qualquer forma, no departamento dela, se as probabilidades continuarem como as vejo agora. Em todo o caso, dois homens em particular estarão envolvidos.

Parece-me que tenho A R.

Agora. O novo departamento ou a nova posição dela basear-se-ia no conhecimento e nas funções atuais dela; ou seja, o conhecimento teria valor definido para ela, mas a principal ênfase das funções estaria noutro lado. Há um futuro para ela nessa empresa, se ela (sublinhado) escolher persegui-lo e não for impaciente.

Haverá várias descobertas importantes nesse departamento. A primeira começará a surgir num período de seis meses. Terei mais a dizer a ambos quando os vir. *(Com humor:)* Será o meu presente de casamento.

(Pausa.) Agora deem-me um momento. (Isto foi tudo o que o Seth deu para o Tam e a Eve nesta sessão.)

(Novamente com humor:) Não consideram um sonho como um sucesso ou um fracasso. Se o sonho termina num momento de destruição, não consideram o sonho um fracasso. No geral, então, quando vos disse que o planeta era dispensável, queria dizer isso mais ou menos nesses termos, pois embora na vossa realidade sejam vulneráveis e a agonia seja real, ainda assim não é toda a realidade, e sucesso e fracasso não têm significado nesses *(sublinhado)* termos.

As consciências que compõem a vossa raça ganham experiências valiosas. Não devem esquecer que a analogia entre a vossa realidade física e o estado de sonho tem uma verdade básica.

Mesmo o planeta físico, tendo desaparecido, basicamente continuaria a existir. Aqueles responsáveis por tal destruição teriam destruído apenas a realidade como a conheciam, no sistema provável. Outras terras prováveis e outras raças prováveis da humanidade coexistem, e vocês fazem parte delas também. Estariam a dispensar uma experiência que não foram capazes de lidar.

Ao mesmo tempo, novamente, as experiências seriam aproveitadas. De um ponto de vista maior, saberiam que nada foi destruído.

Agora devem sublinhar a última frase. Pensem nela, e depois responderei às perguntas que acredito que terão.

Temos falado de projeções e experiências nelas, e se quiserem saber que outras experiências estão a ser conduzidas por vocês e por outros, esta é uma forma de pelo menos as vislumbrarem brevemente.

Qualquer evento que considerassem desastroso para a vossa raça, provocado pela própria raça, seria usado noutro sistema provável para evitar o mesmo tipo de erro. Há desastres e becos sem saída que a vossa raça evitou completamente, porque noutros sistemas de realidade as lições foram aprendidas, e bem aprendidas.

O vosso próprio instinto de sobrevivência, assim chamado, é o resultado, por assim dizer, de experiências noutros sistemas. O problema original era bem diferente. Era necessário um modo de ensinar estas

personalidades a focar-se tempo suficiente, nos vossos termos, com intensidade suficiente, dentro de qualquer realidade dada.

Quando as lições são aprendidas, não há necessidade de realidade física. O instinto de sobrevivência, fortemente ligado ao eu físico, mantém-no ancorado e focado dentro do vosso sistema. Sem ele, a consciência tenderia a flutuar livremente. É a vossa âncora.

Agora. Nas projeções conscientes permitem-se alguma liberdade. Em muitos casos fazem conscientemente o que fazem inconscientemente de qualquer forma. Com prática, são capazes de viajar por outros sistemas. São capazes de ver por si próprios não apenas as experiências que estão a ser tentadas, mas muitas vezes entrar em contato com outras partes de vocês próprios, que estão envolvidas nessas experiências. Como, por exemplo, o vosso Doutor Pietra.

("Ia justamente perguntar-te sobre ele.")

Disse-vos que depois dos pontos principais, o outono seria a próxima época de contato. Há dois períodos de atividade máxima lá, entre 20 e 22 de setembro, e de 5 a 17 de outubro, e depois as experiências dele terminarão por agora.

Se começarem com as experiências que vos sugeri, então poderão, esperançosamente, tentar contactá-lo na própria realidade dele.

Agora, o Ruburt teve o primeiro dos sete sonhos.

(Ver a 497ª sessão, de 7 de julho de 1969.)

É o sonho das areias, e mencionei a série de sonhos anteriormente. Quero dar-vos uma explicação desse sonho.

("Não creio que o Ruburt tenha pensado no sonho dessa forma.")

(O Ruburt teve o sonho em questão a 22 de agosto de 1969, uma sexta-feira à noite, e tem-no registado no caderno de sonhos. Descreveu-mo ao pequeno-almoço na manhã de sábado, mencionando a impressão que lhe causou, mas sem o associar à série de sete sonhos do Seth.)

Subconscientemente o Ruburt sabia que o sonho era importante. Ele não sabia que era o primeiro dos sete.

Agora. Vou fazer alguns comentários para os nossos amigos aqui, e quero continuar com o material que vos tenho dado. Entretanto façam o vosso intervalo. O vosso próprio primeiro sonho deverá surgir em breve.

(21h55–22h02.)

Agora. Deem-nos um momento aqui.

Primeiro, o sonho. O Ruburt viu-vos a ele e a ti a permanecer no meio de uma planície infinita de areia. As areias estavam marcadas com nomes e mensagens. À esquerda e à direita havia montanhas de areia. À esquerda ele viu pessoas a aproximarem-se das areias sobre as quais permanecia. À direita as pessoas estavam a deixar as planícies de areia, mas a planície em si estava vazia, cheia apenas das mensagens que lá estavam escritas.

Tudo era silêncio. Tu e ele estavam prestes a dar um passo na planície, e ele hesitou porque não queria perturbar as mensagens.

Agora. Tu e ele tinham vindo de outra direção. As mensagens representam (pausa) filosofias e ideias (pausa) que o material do Seth e o trabalho dele irão mudar. O sonho é pessoal e ainda assim mais do que isso; essas mensagens e filosofias serão enterradas não apenas pelo material, mas pela consciência psíquica por parte de muitos indivíduos como vocês.

Duas coisas no sonho fizeram-no hesitar: uma nostalgia gigantesca pelas inscrições na areia que tinham permanecido durante tanto tempo, os rabiscos das crianças — e por um momento ele não queria fazer parte de nada que as apagasse. Ele perguntava-se em voz alta, no sonho, se tu e ele deveriam realmente estar ali: que credenciais tinham que lhes dessem o direito de fazer novas pegadas.

Não havia espaço vazio, nem estrada nova, apenas o caminho à vossa frente, que exigiria que pisassem essas inscrições e sobrepusessem as vossas pegadas às que lá estavam.

Agora a planície estava vazia. As pessoas que vinham da esquerda representavam gerações futuras, nos vossos termos, que ainda não tinham chegado à planície. As pessoas à direita eram aquelas que já tinham passado por ela. A planície estava vazia porque era o repositório das ideias. As ideias tinham sido colocadas lá por aqueles que já tinham partido.

As velhas ideias não tinham sido apagadas. As novas ideias ainda não tinham criado raízes. Parte da vossa responsabilidade será pisar as velhas ideias, limpar as distorções; e o Ruburt, ao perceber isto, hesitou, mas reconheceu no sonho exatamente o que estava em jogo.

Quando ele começar a caminhar sobre a areia, e tu com ele, novas mensagens aparecerão lá. Serão um sinal para aquelas pessoas à esquerda. Nos vossos termos, essas pessoas serão drasticamente diferentes das que vieram antes. Elas não caminharão sobre as velhas ideias nem habitarão dentro da realidade destas.

Estão a limpar as areias para elas, e a dar-lhes novos marcos, e no sonho do Ruburt ele sentiu-as à espera.

Agora. Há também um simbolismo aqui com a separação das águas, um silêncio e suspensão, um sussurro. Ele vê-vos parados no meio. Vejam agora a planície vazia, como um espaço escavado e oco de onde a água fugiu. As montanhas de areia à esquerda e à direita.

(A Jane gesticulava bastante enfaticamente aqui, braços e mãos a ecoar as palavras, olhos abertos e muito escuros, etc.) Agora o cume. Isto representa o conceito de que estas ideias serão dadas de tal forma que se tornarão as fontes que trarão novo alimento a uma psique mundial árida.

Há outros atrás de vocês que o Ruburt nunca viu, pois não estão sozinhos, nem são os únicos envolvidos. O sonho foi uma declaração da situação e da posição dele. O próximo começará quando ele for suficientemente corajoso para caminhar pela planície contigo.

Agora deem-nos um momento.

(Longa pausa às 22h28.)

Estão, em grande parte, fora do contexto. Não vieram da direção que os outros vieram, nem continuarão. Estavam em ângulo reto, percebem, entre os dois grupos de pessoas.

As pessoas representam aqueles que ainda têm vidas passadas e futuras, nos vossos termos. O vosso desenvolvimento agora será diferente. O vosso desafio e responsabilidade também são diferentes. Pois devem atravessar essa planície de ideias, percebem, sobrepondo-se a outras, e devem ir juntos. E embora haja outros, não estarão conscientes deles. Não os terão, no vosso tempo, para conforto, e por isso parecer-vos-á que estão sozinhos, e que estão separados tanto daqueles que vêm como daqueles que partem.

Assim também sentiu o Ruburt.

(A Jane inclinou-se para a frente, bastante atenta.)

Era mais seguro onde ele estava, e ele hesitou em dar esse primeiro passo. E o passo é a publicação do livro, e as ideias que ele contém.

Agora podem fazer a vossa pausa e continuaremos.

(A Jane disse que tinha estado muito longe em transe. Enquanto falava, estava de volta ao local do sonho; via a areia e a água; divertidamente, também se preocupava com a água "a voltar", disse ela. O ritmo dela tinha sido bastante rápido.)

(Durante a pausa também discutimos alguns tópicos que interessavam à Sue e ao Carl, esperando que o Seth falasse deles depois da pausa. A Sue também escreveu uma cópia do seu sonho da noite de terça-feira, 26 de agosto, e deu-ma para estas notas:

("Encontro-me numa sala com o Carl e a Jane, como a Jane. Ela faz um gesto para mim e eu saio do meu eu onírico — lembro-me de ter dado ao meu 'corpo' sugestões de boa saúde. Um homem estranho [ou será uma projeção consciente de um de nós?] forma uma casinha do tipo colonial no ar, e ela aumenta até ficar de tamanho normal. Depois a Jane, como Seth, empurra-nos para a casa. De repente estamos num carro, a precipitar-nos por uma paisagem tipo superfície lunar. Acordo.")

(Nessa mesma noite o Carl também teve um sonho envolvendo uma grande casa branca, mas ao acordar não conseguiu recordá-lo claramente.)

(Retomado às 22h50.)

Agora. Noutros termos e a outro nível, o Ruburt sentiu que simbolicamente, pelo menos, estava entre o nascimento e a morte, que falando em termos do ego o caminho da escuridão tinha sido separado; e nesses termos a montanha à esquerda representava a morte, de onde ele tinha vindo, e o nascimento, pois ele emergiu através do nascimento a partir da morte; e a montanha à direita representava a morte que, nos vossos termos, ainda não chegou.

E dentro desse contexto ele sabia que era agora o momento de caminhar sobre aquelas mensagens que tinham sido deixadas antes, e mudar as distorções, pois ele sabia que não haveria outro nascimento e morte para ele, estando terminado o tempo das reencarnações.

(Para mim.) Tu experimentarás a tua própria versão à tua maneira, e a tua própria declaração da tua situação, Rob. Toda a areia da planície representava também então uma página que precisava ser totalmente reescrita.

(Pausa às 22h57. Depois, para a Sue:)

Ora bem. A casa para ti representava agora uma nova dimensão que estavas destinada a explorar. Tornaste-a familiar.

(Por baixo do relato do sonho, a Sue tinha escrito: "Conscientemente, sei que casas do tipo colonial representam grande conforto para mim. Sempre que vejo uma, a casa irradia uma espécie de conforto para mim.")

Não era, por exemplo, estranha na sua construção, pois entrarás na nova dimensão através de portas que parecem familiares, já que o Ruburt é um amigo e não um estranho.

Simbolicamente, ambos deveriam seguir-me para dentro desta casa, pois os seus quartos contêm várias realidades. As realidades fundem-se de tal modo que as paredes dentro da casa não serviam como divisões, e se me tivessem seguido teriam visto que passar por uma parede não vos levaria a um quarto do outro lado, mas a incontáveis quartos dentro da parede.

Agora, as paredes dentro dos quartos poderiam ser comparadas ao vosso tempo físico, cada parede um momento como o pensam. Mas cada momento pode ser usado como um limiar para experiências que não têm tempo, e expliquei-vos isto, embora não se recordem.

Transformaste simbolicamente a casa num tamanho normal para que pudesses entrar, mas não o fizeste. As proporções dela mudariam, claro, no momento em que pusesses os pés dentro da porta. Aprendeste com a experiência, e haverá outras.

Dá-nos um momento, Rob. *(Longa pausa.)* Disse-te para tirares uma semana para te preparares, através da recordação de sonhos, para as tuas experiências. Durante várias noites, vê-te no ambiente do sonho do Ruburt, como foi dado. Ao adormeceres, dá-te a sugestão de que tu e ele começam a caminhar sobre a areia. Vê-vos juntos, e de mãos dadas. Agora, o Ruburt deve fazer o mesmo exercício.

Tens alguma pergunta sobre o material dado esta noite?

("E quanto àquela transferência massiva de consciência?")

(Esta pergunta refere-se a uma discussão que nós os quatro tivemos na primeira pausa, depois de o Seth nos ter dado dados sobre uma possível destruição da nossa Terra, os vários sistemas prováveis envolvendo outras Terras, etc. Perguntámo-nos que rumo tomariam as entidades que se tinham manifestado na nossa Terra de probabilidade específica, no caso da sua destruição literal.)

Agora. Disse-vos que o conhecimento adquirido seria retido. Não só isto, mas ele é retido não apenas pelos eus individuais como os pensam. Torna-se parte do conhecimento de todos os eus prováveis em outras realidades também.

Haveria de facto uma transferência massiva de consciência, mas não necessariamente para uma realidade particular. As consciências individuais envolvidas não escolheriam, por exemplo, necessariamente começar de

novo, no mesmo tipo de realidade, concordando em formar mais ou menos condições idênticas.

Elas iriam, no entanto, definitivamente para onde a sua experiência pudesse ser melhor utilizada, e onde o seu conhecimento íntimo da destruição pudesse ser melhor usado como ferramenta. Até certo ponto, tal destruição seria sentida em todas as realidades. Alguns eus prováveis teriam sonhos devastadores de desastre. Outros mundos tremeriam com os reflexos psíquicos.

Dá-nos um momento aqui. *(A Jane fez uma pausa. Enquanto isso, o nosso gato Willy saltou para o colo dela; ele tem feito isto várias vezes ultimamente. Mas, como antes, o transe da Jane não foi interrompido. Peguei no Willy e tirei-o do colo dela.)*

Estou a falar teoricamente, mas aqueles no sistema provável, de acordo com o seu próprio conhecimento e capacidades, também poderiam ajudar o vosso próprio sistema a evitar um desastre sob certas condições. Este é um assunto bastante complexo; e também dependeria muito da vossa disposição para serem ajudados. A raça já pediu ajuda antes, e recebeu-a.

Só pode aceitar certos tipos de ajuda, e a ajuda, de uma forma ou de outra, deve ser iniciada pelo menos a partir do seu próprio reservatório de energia, e do seu próprio banco de gestalts de personalidade.

Respondi à tua pergunta de forma suficientemente simples. Haverá mais por vir. Podem agora encerrar a sessão ou fazer uma pausa, como preferirem.

("Tenho uma pergunta. Como é que a entidade que está prestes a manifestar parte de si através da Sue [que deverá dar à luz dentro de algumas semanas], se está a preparar para o evento e a experiência?")

(A Jane inclinou-se para a frente. Como Seth, os olhos estavam bem abertos e muito escuros; a atitude dela era divertida e calorosa.)

Quantas sessões queres que eu leve para responder à tua pergunta?

("Não me importa.")

Sugiro que façam uma pausa, e começarei a dar-vos a resposta.

(11h15–11h28.)

Agora. *(Pausa.)* Estão intensamente focados dentro da realidade física. Como sabem, outras partes do eu estão intensamente focadas noutros lugares. Antes do nascimento físico, já tomaram a decisão de escolher esta realidade provável, e de explorar os seus potenciais. A entidade está, portanto, a aprender a realinhar os seus métodos de perceção.

Está a aprender os métodos de perceção física, pois dentro de vocês experimenta as vossas reações e torna-se familiar com as formas como usam os sentidos físicos para obter informação. Está a formar o seu corpo mais ou menos como uma réplica fiel do que é necessário. *(Pausa.)* Está a usar muitas das vossas próprias expectativas como modelo, e muitas das do pai.

(Este é o tipo de dados que a minha pergunta pretendia que o Seth desse — informação de aplicação mais geral a muitos. O Seth também deu à Sue e ao Carl alguns dados pessoais de reencarnação numa sessão da aula de ESP.)

Está, por outras palavras, a formar um facto espacial de acordo com a informação que ambos lhe deram. Tem dados das suas próprias vidas passadas que também terão um papel na sua estrutura psíquica, e isso é totalmente independente de qualquer informação que vocês lhe tenham dado como pais.

Está destinado, portanto, a seguir o seu próprio caminho. Vocês simplesmente formaram uma ponte que o ajuda a fazer a transição de uma realidade para outra. Está destinado a carregar dentro de si apenas aquelas memórias das quais até vocês estão inconscientes *(apontando para a Sue e o Carl),* que pertencem à vossa espécie e ao vosso tipo.

Manipulará essas memórias à sua maneira, e irá alterá-las, e acrescentar ao reservatório de energia de onde emergiu. Está bastante familiarizado comigo, agora, através da vossa experiência. Neste momento, nos vossos termos, a visão dele da realidade é mais pura do que a vossa.

Está consciente de ambos como entidades psíquicas, e retém perceções fortes e desanuviadas do vosso relacionamento passado. Essas ligações devem desaparecer da sua memória à medida que amadurece. As memórias podem ser retidas, mas o foco principal de atividade e a intensidade devem lidar com esta personalidade, e com esta existência como a conhecem.

A entidade está a juntar os seus átomos, a construir afincadamente o equipamento necessário, e ambos ajudam-no. Ela tece na estrutura física todo o conhecimento que sabe que precisará. Verdades que aprendeu serão incorporadas, por assim dizer. Qualquer coisa que a personalidade saiba será escrita na estrutura cromossómica que vocês formaram para ela.

(Pausa.) Ouve a minha voz, mas entende o que estou a dizer mentalmente. Veio tão longe na realidade física *(a Sue está grávida de oito*

meses) que consegue percecionar telepaticamente, mas demorará algum tempo, como sabem, antes de conseguir interpretar a fala como tal. Confiará na comunicação interior.

Para vocês, o vosso corpo é sólido. A entidade consegue percecionar a sala em que estão como se a barriga fosse uma janela, mas vê com visão interior, e forma as imagens através dos sentidos interiores.

Reage fortemente às vossas ideias e às do pai telepaticamente, e assim a perceção interior dela desta sala, digamos, é fortemente colorida pelas vossas ideias sobre ela. Depois percebe mentalmente a sala, neste momento, mais ou menos como uma combinação dessas ideias que têm individualmente sobre ela. *(Pausa.)*

Está fortemente consciente dos vossos sentimentos em relação a ela. Por vezes, os traços de personalidade que teve anteriormente colorem essa perceção. Afasta-os impacientemente. Tem imagens mentais do seu próprio futuro provável, e partes dela ficam assustadas por vezes, por ter de abandonar antigos poderes de adulto para a impotência de um bebé.

Está frequentemente imersa em sonhos, e deriva de volta para outras vidas e lugares como um escape e um alívio do esforço envolvido na nova formação. Este é o dilema da criação. O eu interior faz tudo isto espontaneamente, tal como as vossas partes — cada um de vós — espontaneamente desempenha o seu próprio papel.

Podem fazer uma pausa, se preferirem. Mal comecei; ou podem continuar noutra sessão. As implicações da pergunta, Rob, são tais que leva algum tempo a sequer começar com este material.

("Muito bem, Seth. Imagino que este será o fim da sessão. Se for, muito obrigado — tem sido de facto muito interessante.")

(11h50. Este foi o fim da sessão. A Jane transmitiu o material acima quase sem pausas. O transe dela tinha sido bom, e ela lembrava-se de pouco do material.)

(A Sue Watkins disse-nos que antes de o Seth começar a responder à minha pergunta, o seu filho por nascer tinha estado muito ativo — a dar pontapés, etc., dentro dela. Quando o Seth começou a considerar a pergunta, o feto ficou muito quieto, disse a Sue, quase como se estivesse a ouvir...)

SESSÃO 500

8 DE SETEMBRO DE 1969

(Na noite de sexta-feira, 5 de setembro, tivemos como visitantes o Dick e a Carol Crossed; o Edward Gassner, 3664 Culver Road [14622], e o Bernard Houlihan, 25 Ewer Avenue [14622] — todos de Rochester, Nova Iorque. Não houve sessão. O Ed Gassner ofereceu-se para trabalhar com a Jane e o Seth; ele é biólogo, Ph.D.)

(A Jane trocou chamadas telefónicas com a Betty Taylor (da Harcourt Brace, entre outras editoras) a 8 e 9 de setembro. A Betty Taylor ligou primeiro à Jane. Durante a chamada, ela verificou vários pontos do Seth mencionados durante a 497ª sessão. Brevemente, estes serão listados aqui.

(1: Ver página 362. Ela confirmou as declarações do Seth sobre as preocupações do Jim Crosson em manter uma audiência, etc. 2: Ver página 362. A Betty Taylor poderá em breve mudar de cargo, mudando-se para Washington DC, de Nova Iorque, para fazer cobertura jornalística para várias revistas. 3: Página 362. A Betty Taylor quase não telefonou à Jane, como o Seth mencionou. Descobre-se que outro orador, que se pensava não estar disponível, poderá ou terá mudado de ideias.)

(Nesta sessão, realizada na segunda-feira, o Seth deu também alguns dados sobre a Betty Taylor. A Jane telefonou à B.T. no dia seguinte e recebeu confirmação de alguns pontos pela B.T. ao telefone. A Betty gostaria de receber uma cópia dos dados para estudar alguns dos outros pontos. Os resultados deste estudo serão incluídos numa sessão posterior, que poderá ser aqui indicada pelo número, pelo menos.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem. O Ruburt tem obviamente receio de que terá não apenas de lidar com as suas próprias tendências negativas, mas também com as tuas.

Posso dizer-te que isso não será o caso para nenhum de vocês.

Dá-me um momento. *(Pausa.)* As tuas próprias tendências *(para mim)* são gerais, contra encontros pessoais, antes que esses encontros ocorram. São defesas iniciais, e muitas vezes são altamente negativas. No entanto, uma vez feito um encontro pessoal, então aceitas-o pelo que é, e respondes de forma positiva. Segues-me?

("Sim.")

Isto aplica-se a ambos, embora o Ruburt fosse mais aberto sobre encontros iniciais se tivesse o teu apoio. Nisto identificas-te até certo ponto com a atitude do teu pai. Tenho a certeza de que sabes disto.

O teu comportamento subsequente, no entanto, não segue de todo o padrão dele. És bastante livre, por exemplo, na tua relação com o nosso amigo Aerofranz *(Tam Mossman)*, e foste com o *(Gene)* Bernard, e mais do que justo com o Instream. Portanto, este padrão não deve ser aplicado nas vossas mentes nem projetado.

Tens uma tendência para projetar isto um sobre o outro. Será bastante natural, começando em breve e ao longo dos anos, que se tornem conhecidos de outros que estão interessados, de forma geral, em fenómenos psíquicos, e de outros que se interessarão através de vocês.

Agora, não menosprezem a importância dos encontros pessoais, nem o efeito da personalidade. A personalidade do Ruburt mostra-se nos seus escritos e nas suas interpretações individuais; as vossas personalidades devem sempre ser consideradas como ativos. Até certo ponto, elas também foram afetadas pelo material, e até esse ponto são testemunhos dele.

Agora. Vocês irão fazer contatos com o mundo em geral. Estes farão parte do vosso trabalho, e acrescentarão profundidade ao vosso trabalho, não o diminuirão, desde que sejam mantidos na perspetiva correta. Se forem sobrevalorizados, poderiam ser prejudiciais, mas se os temerem também lhes estão a dar uma importância indevida. Eles também vos servirão como apoio, particularmente nos anos vindouros.

Haverá desenvolvimentos e amizades que surgirão e que dirão respeito diretamente ao nosso trabalho em geral, e ajudarão a espalhar o material. Ao longo de um longo período de tempo, esse contato será benéfico para vocês. Um homem em particular, que ainda não conheceram, dará ao Ruburt uma ideia para um livro, através das suas perguntas, que será verdadeiramente notável.

Não devem esconder a cabeça na areia. Ser-vos-á pedido que saiam entre os homens de vez em quando. Isto também beneficiará as vossas próprias personalidades, que, deixadas sozinhas, poderiam ser demasiado solitárias para a vossa estabilidade e desenvolvimento geral.

A tua própria personalidade, Rob, tem um efeito benéfico sobre os outros. Falas bem pelo material. Não tens medo de conhecer pessoas. Tens medo da ideia de conhecer pessoas. Agora dá-nos um momento.

Apesar de todas as tuas próprias tendências para evitar tal contato, estás a provocá-lo através das nossas sessões, e da importância do material — o eu interior a colocar-te numa posição onde tal contato surgirá. Isto é para o teu próprio bem, e o mesmo é válido para o Ruburt.

Sabes muito bem o que estás a fazer, por outras palavras. O material deve ser uma força no vosso mundo. *(Pausa.)* Não devem evitar o contato, e para nos fazerem plena justiça, isso seria impossível. Agora dá-nos um momento.

Isto não significa que nenhum de vocês precise de andar constantemente em alvoroço de palestras. Significa que a atividade psíquica dentro das sessões carrega a sua própria realidade psíquica. Ela estende-se e atrai outros para vocês. *(Pausa.)*

Algumas das vossas melhores "vendas", por assim dizer, serão feitas como resultado de contatos que foram construídos de outras formas. Haverá vários homens que conhecerão desta mesma maneira. Dois homens *(pausa),* cada um dos quais servirá como base para um tipo bastante único de trabalho de retrato.

Verás ambos muito claramente como apareceram em várias vidas. Farás uma série de retratos de um homem, cada um retratando uma materialização diferente da sua personalidade em várias existências. Isto será um verdadeiro trabalho de retrato — a personalidade vista em termos mais do que tridimensionais. Conhecerás ambos os homens em festas em Nova Iorque, e um homem diretamente através da Miss Taylor, que telefonou esta noite.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(21h37. O transe da Jane estava muito bom, disse ela. Contou-me que, enquanto dava os dados acima, relativos ao indivíduo de quem eu faria retratos reencarnatórios, ela "quase conseguia ver este tipo". Mas não conseguiu elaborar sobre quaisquer características físicas.)

(Retomado às 21h45.)

Agora. Dá-nos um momento. Como mencionado anteriormente, o Ruburt deve tomar a sua própria decisão. No entanto, tenho uma sugestão.

Sugiro que, dadas as circunstâncias, desta vez o Ruburt dê um passo atrás e deixe o Jim Crosson ter o seu momento. Ele precisa disso desesperadamente, e tenho uma nota para a Miss Taylor: magoará muito o Jim Crosson se ele não tiver um papel no programa. Ele precisa de sentir,

especialmente após a reforma, que é respeitado e necessário, e que consegue manter-se e atrair uma audiência.

(O grupo referido é a Spiritual Frontiers Fellowship, capítulo de Nova Iorque; a reunião discutida está marcada para 20 de outubro.)

(Nota: para o Seth oferecer tal conselho à Jane, ou a nós, é bastante raro. Quase sempre é "tomem as vossas próprias decisões", etc., e muito bem assim.)

O Ruburt irá dirigir-se ao grupo de qualquer forma *(pausa)*, e muitas vezes no futuro. O Jim Crosson não tem assim tanto tempo. *(Pausa.)* O Ruburt não deve tomar decisões rígidas quanto ao que fará ou não fará no futuro, mas dar ao eu intuitivo liberdade nesses casos.

(Tinha sido sugerido que a Jane fizesse trabalho de transe em palco quando se dirigisse à reunião da SFF. A Jane tinha decidido que não estava interessada nesse tipo de apresentação em palco.)

Ele não fará disso uma prática de contactar os falecidos para os seus familiares. Não é o seu ponto forte. Caso contrário, deve manter-se aberto. Se as probabilidades continuarem como estão agora, haverá uma relação considerável com o grupo que a Miss Taylor representa ao longo dos anos. Isso será benéfico para o Ruburt à medida que conhece outros médiuns com excelentes capacidades. Ele também poderá aprender com a experiência.

O Ruburt sair-se-á muito melhor sozinho num programa, mas definitivamente não deve afastar o Jim Crosson, pois ele é muito vulnerável a desfeitas. Ele também se sairá muito bem, a dar uma palestra nessa ocasião do dia 20. Melhor, de facto, do que o habitual, e ele, pelo menos, considerará isso um dos pontos altos da sua carreira.

Sugiro, se me é permitido, que a Miss Taylor assim o informe.

(Como foi dito, a Jane já telefonou à Betty Taylor; uma cópia destes dados está a ser enviada para ela também.)

A Miss Taylor e eu encontraremo-nos de qualquer forma. Irão achá-la um membro bem-vindo entre os vossos amigos. Sugiro que, novamente, o Ruburt a convide para vir aqui, pois ela virá, e teremos uma sessão.

(A propósito das duas chamadas telefónicas envolvendo a Betty Taylor, a Miss Taylor manifestou interesse em vir assistir a uma sessão.)

(Pausa.) Todo o envolvimento futuro com esse grupo começou no dia em que o Jim Crosson leu o primeiro livro do Ruburt.

Dá-nos um momento. *(Longa pausa, olhos fechados, às 21h58.)*

Sally May.

("É M A Y?")

M A Y ou M A E. Não sei se os nomes vão juntos ou são separados. Talvez uma tia. Isto aplica-se à Miss Taylor, e são impressões.

Do Robert: acredito que G: Robert G. *(Pausa.)*

Com um "Gray" no meio do apelido, ou uma cor. Segues-me?

("Sim.")

Uma operação de apendicite talvez em 1936.

(Ao telefone, a B.T. contou à Jane que tinha feito uma operação de apendicite, mas vários anos depois de 1936. Outros pontos destes dados foram confirmados ou estavam próximos, segundo a B.T., mas não são aqui listados separadamente. Uma verificação mais cuidadosa pela B.T. poderá ser acrescentada mais tarde.)

Um parente, um amigo muito próximo, um homem mais velho *(o pai?)* ligado à universidade. Um noivado inicial que foi rompido. *(Confirmado, etc.)* Uma avó com algum problema numa perna direita. Um nome com som parecido a Gary aqui, ou G A ou G E R R Y. *(Isto pode aplicar-se ao apelido de casada da B.T.: Gerrigan ou Gerrighan, etc.)*

Um documento legal relacionado com uma casa ou propriedade, nos últimos três meses ou a acontecer nos próximos três meses, que pode ter a ver com a família.

Um ligamento rasgado. Um homem com bigode e orelhas bastante grandes, bastante próximo dela; bigode escuro *(pausa)*, com um passado em Harvard ou semelhante. Um irmão e duas irmãs.

Agora separado. Mana ou Marta *(soletrei)*, um nome.

Ed. Este poderia ter sido o marido dela, ou um homem próximo.

(Ed era o nome do primeiro marido da B.T., contou ela à Jane ao telefone.)

Um nome do meio começado por B, ou um apelido com B, que trabalhava num edifício que, por fora, parece um grande *(pausa)* edifício quase inteiramente de janelas de vidro ininterrupto no rés-do-chão, como aqueles onde poderiam ser expostos automóveis. Um edifício de esquina, presumo, já que vejo um lado do edifício, onde o outro lado está encostado a outros.

Em ligação com o edifício, percebem, temos a impressão de carros ou seguro automóvel, mas não sinto que isto esteja correto.

(Ao telefone, a B.T. contou à Jane que a descrição do edifício lhe fazia lembrar um novo edifício que acabara de ser erguido do outro lado da rua da sua morada, na cidade. É um edifício de esquina.)

Será que ela conheceu, por exemplo, a Miss Carr?

(Pausa.) Acredito que Sybil Leek é a ligação entre essas duas mulheres aqui.

O Ruburt deve deixar claro que aceitará outro compromisso, no entanto. Podem fazer a vossa pausa e continuaremos.

(22h10. A Jane saiu rapidamente do transe. Sabia, de forma geral, que estavam envolvidas impressões. Não se lembrava de nenhum dos dados antes das impressões. Acrescentamos também que não tínhamos pedido impressões esta noite, e por isso não as esperávamos, etc.)

(Retomado às 22h25.)

Agora. O Ruburt encontrará *(Arthur)* Ford, e terão muito a dizer um ao outro. *(O A.F. é muito conhecido pelas suas capacidades psíquicas.)*

O Crosson vai superar-se. Ele está a usar o convite para provar a si mesmo que é procurado como palestrante. *(Longa pausa.)* Há alguns problemas familiares na mente dele. A esposa está ansiosa por ele, e o compromisso dar-lhe-á um novo impulso que o sustentará por vários anos. Sem isso, ele esvaziar-se-á como um balão; mas ele está à altura do desafio. Ele fará um bom trabalho.

(Longa pausa às 22h30.) Há outro homem que poderia partilhar o programa com ele, aquele mencionado na nossa sessão anterior *(a 496ª)*, que se pensava não estar disponível. O Ruburt tiraria o programa ao Crosson sem sequer ter essa intenção. Segues-me?

("Sim.")

Novamente: o Ruburt dirigirá o grupo muitas vezes ao longo dos anos, e eu também. *(Humiristicamente.)* O Ruburt e eu juntos precisaríamos de um programa inteiro.

("Eu sei." O nosso gato Willy saltou para o colo da Jane enquanto ela falava.)

Agora, têm alguma pergunta ou comentário?

("Vou tentar mudar a minha atitude.")

Eu retirarei o vosso monstro adorado.

("Está bem." Eu estava prestes a levantar-me para pôr o Willy no chão.)

Não me importo com o gato, mas não gosto de pulgas... Vocês os dois servirão como pontes para o material. Impressionarão outros através dos encontros, e pela vossa própria presença levarão outros a lê-lo.

O grupo também poderá ser instrumental no futuro para fornecer transcrições sessão a sessão de sessões passadas.

Agora. O material em si avançará, com a vossa ajuda, ao longo de várias linhas. As experiências fora do corpo serão uma parte do vosso treino subjetivo. Os meus comentários nas sessões sobre essas experiências somar-se-ão à sua própria maneira.

O material tem várias camadas, como devem ver agora. Não há apenas uma linha de desenvolvimento, mas muitas — todas sob uma direção, no entanto, e para um propósito.

Desde o início, temos lidado com a natureza da realidade, sob as suas muitas máscaras. Os conceitos intelectuais serão ampliados em todas as áreas — científica, metafísica, psicológica e psíquica. Estas são as áreas pelas quais tu e o Ruburt estão tão pessoalmente intrigados.

Também haverá, e já há, informações práticas a serem usadas no dia a dia, e conceitos apresentados de forma algo mais simples para aqueles que os considerarão valiosos e eficazes. Haverá outras instruções para ti para o teu próprio desenvolvimento. Estas também poderão ser usadas por outros.

Quero que faças uma pausa, mas quero também comentar o sonho que tem incomodado o Ruburt, por isso faz a pausa e continuaremos brevemente. Na tua próxima sessão espero voltar ao nosso material, mas isto também é legítimo e benéfico.

(22h42. Durante a pausa, a Jane contou-me o seu sonho. Foi um sonho longo. Ela teve-o há três noites; quando se levantou durante a noite para o escrever, descobriu que a tarefa lhe levou uma hora. Tem-lhe estado na mente desde então.)

(Retomado às 22h50.)

Agora. Vou apenas esclarecer alguns dos pontos mais importantes.

O divórcio foi uma distorção *(pausa)*, não de memória, mas de interpretação, representando uma separação psíquica que ocorreu entre vocês, não em 1964 mas mais tarde, quando o Ruburt ficou doente — e até certo ponto *(sublinhado)* tu de facto o seguraste, como sabes pelo trabalho com o pêndulo que fizeste. Estavam, naquela altura, divorciados um do outro em atitude, e faltava comunicação.

Este era o conhecimento que a mulher tinha da vida passada do Ruburt. O Ruburt interpretou-o em termos literais como um divórcio. Agora dá-me um momento. *(Pausa.)* Este obviamente foi o segundo sonho.

(Este seria o segundo dos sete sonhos reveladores que a Jane deverá ter, segundo o Seth na 492ª sessão. Ver a 499ª sessão para material relativo ao primeiro desses sonhos. Eu também terei uma série de sete desses sonhos.)

O Ruburt viu de facto o homem de Buffalin. A esposa, em forma astral, também estava aqui. O Ruburt seguiu o Buff para outra camada de existência, *(pausa)* com muitos que tinham morrido naquela noite. No entanto, o Ruburt formou ele próprio o pano de fundo prosaico.

Eu era o guia que ele procurava, e eles estavam à minha procura, embora não soubessem o meu nome. Este era um local de passagem para personalidades a deixarem o plano físico. Nas suas formas astrais, adotaram as suas roupas normais, daí os variados trajes. Eles perceberam que o Ruburt ainda era físico. É por isso que lhe foi dito que não podia viajar mais longe. Ele temeu, momentaneamente, que não houvesse mundo físico para voltar — simplesmente uma reação pessoal.

Por isso, apareceste tu com os jornais para o tranquilizar de que o amanhã, nos teus termos, de facto existia. As pessoas nos escritórios tinham, naturalmente, informação sobre as vossas vidas. O episódio com o ecrã foi distorcido, mas legítimo — o ecrã era a mente dele — objetivada para fora, por assim dizer.

As cores, brilhantes e móveis, representavam o estado geral saudável da psique dele. A imagem da mulher era, de facto, ele próprio em anos futuros, significando para os outros que ele era um viajante e devia voltar. Foi por isso que riram, já que ele não se reconheceu. Ele foi então enviado de volta para a mulher no primeiro escritório.

O sonho foi significativo porque, pela primeira vez, ele estava ativamente a procurar-me como guia, e encontrou-se com aqueles que estavam a deixar a realidade física em grupo. No próximo desses sonhos, ele encontrar-me-á, claro, ou eu encontrá-lo-ei.

O último episódio representava apenas o seu regresso à realidade física. Ele viu os dois como italianos porque este era o tipo mais terreno que conseguia imaginar. *(Com humor.)* A tua imagem, no entanto, era como serás num momento no teu futuro. A barba era legítima — estavas simplesmente mais velho.

("Porquê a barba?" Posso dizer que nunca pensei em cultivar uma barba.)

(Novamente com humor:) Não sei porque irás deixar crescer uma barba. Não era uma barba longa. É por isso que ele te pôs a fingir ser italiano. Segues-me?

("Sim.")

O novo e importante desenvolvimento, portanto, foi que ele saiu para me procurar. Ele perguntou à mulher se ela me conhecia, mas ela não conhecia. Estavam a enviar alguém para me encontrar. *(Pausa.)* O estado deles não é um onde possam comunicar instantaneamente comigo, nem eu com eles. Agora que sei que o Ruburt está ativamente pronto, estarei mais próximo. O teu primeiro sonho virá quando estiveres pronto, como aconteceu com o Ruburt. Tens perguntas?

("Sonhei com o meu pai na noite passada." 7 de setembro de 1969.)

Isso significa que queres que comente o sonho?

("Sim." Só neste momento percebi que não tinha descrito o sonho à Jane. Também foi um sonho longo.)

Dá-nos um momento. A tua própria interpretação não está totalmente correta. O teu pai está à espera, mas não por ti. As imagens estavam algo distorcidas. Ele acordará noutra cama, noutra sala, onde será levado a compreender a sua verdadeira condição.

O sonho foi simbólico. O teu irmão Dick estava invisível num episódio, e ele está psiquicamente muito consciente da condição do teu pai. Ele teme, o teu pai, muito mais do que o teu irmão ou tu, e ele estará livre, ou sentir-se-á livre, de muitas questões com a morte do teu pai.

(Esta última frase, como a registei, está obviamente distorcida. Enquanto a Jane falava, tive a estranha sensação de que ela, o Seth e eu estávamos todos a pensar em eventos diferentes. A esta altura eu estava bastante cansado. Via que a Jane também estava.)

Tens mais perguntas? Sobre este sonho ou qualquer assunto discutido esta noite?

("Não, acho que não.")

Então terminaremos a nossa sessão. As minhas mais calorosas saudações a ambos. Houve uma qualidade invertida no sonho, porque estavas a olhar para as coisas de uma perspetiva diferente.

("Boa noite, Seth.")

(23h15. Expliquei o meu sonho à Jane para que ela tivesse uma base para discussão, já que agora planeávamos pedir ao Seth que explicasse os seus dados acima em relação ao sonho. Parte disso podia aplicar-se; eu não compreendia a referência à cama e ao quarto, no entanto. Não me lembrava do meu irmão Dick no sonho. A Jane disse que estava demasiado cansada para esclarecer a questão esta noite, por isso abordá-la-emos na próxima sessão.)

SESSÃO 501

17 DE SETEMBRO DE 1969

(O Tam e a Eve Mossman foram testemunhas da sessão. O Tam, o editor da Prentice-Hall responsável pelo livro que a Jane está a escrever sobre o material do Seth, tem estado a ler o livro em manuscrito hoje.)

(Começámos a sessão com eu a tomar notas, como de costume. O ritmo do Seth foi rápido.)

Agora, boa noite —

([Tam e eu:] "Boa noite, Seth.")

— e os meus parabéns.

([Tam:] "Obrigado." O Tam e a Eve casaram-se no sábado, 13 de setembro.)

Estaremos envolvidos noutros livros, e tenho estado a ouvir as vossas conversas. Estou satisfeito com o progresso do Ruburt, e estou satisfeito com as vossas reações ao livro.

Agora. Há vários pontos em particular que quero discutir convosco. Não sobre o meu livro, mas pontos relativos à vossa própria relação com o Adam. Dá-me um momento.

Agora. Podem continuar no mesmo nível de comunicação com o vosso amigo Adam, ou podem ir além desse nível para uma realidade ainda maior. Criaram a vossa versão do Adam... A versão que criaram sabe que a criaram. Segues-me?

([Tam:] "Sim.")

...mas não criaste a personalidade por trás do Adam...

(O ritmo do Seth estava a aumentar, e as minhas notas começaram a ficar para trás. O nosso gravador estava montado caso precisássemos de depender dele, por isso larguei estas notas e pus o gravador a funcionar. Ao fazer isto, claro, perdi algum material do Seth, mas o Tam e eu

concordámos que o Seth recapitularia qualquer dado perdido durante o resto da sessão.

(Portanto, a partir do próximo parágrafo, o resto da sessão é uma transcrição literal da gravação. A sessão é muito mais longa do que o habitual, já que o Seth não precisou de ir devagar para eu tomar notas, mas pôde avançar rapidamente. RFB.)

...Há mais para a tua personalidade lidar se continuares por essas linhas. No entanto, o próprio esforço para lidar com mais dados alarga a tua própria consciência e não a diminui.

Agora: tens a ponte psicológica de que falei na nossa sessão... Nunca vi tal máquina infernal *(Humiristicamente, referindo-se às minhas tentativas de ajustar corretamente o gravador).*

("Tem paciência. Vais ver mais." RFB.)

Estás a começar a formar esta ponte psicológica. Agora, quando a formas, fazes isso com a realização interior de que ela se estende de ti para fora e esperas que algo esteja do outro lado, ou a ponte seria inútil. No entanto, não identifiques a ponte com o que espera do outro lado. A ponte é uma ponte psicológica viva porque, neste tipo de comunicação, sentimentos e emoções estão envolvidos. Uma ponte de aço não te levaria a lado nenhum. Estás a tecer fios de energia psíquica, perceções e realizações, e também certas características de personalidade, para formar esta ponte para fora. Agora, estás a começar do teu lado e, ao fazê-lo, formas a versão inicial do teu Adam. Como tal, o Adam é altamente legítimo e uma ajuda.

No entanto, no outro lado há algo mais, e não há razão para continuar a construir a ponte a menos que pretendas atravessá-la. Quando começas a chegar ao outro lado, continuando a nossa analogia, e com boa sorte e perseverança, haverá alguém do outro lado a construir a sua própria ponte para encontrar a tua. Essa personalidade formará uma ponte da mesma forma que tu. No entanto, os dois encontrar-se-ão e fundir-se-ão. Terás uma estrutura sólida; então poderás comunicar. Mas a estrutura não é a outra personalidade.

Agora, usando a nossa analogia de uma ponte longa, estás aqui. *(O Seth-Jane gesticula indicando o lado do Tam na ponte imaginária.)* Assim, com o teu Adam, deves ou levá-lo contigo e formar o resto da tua ponte, com a alegria da aventura, nem sempre sabendo quem poderá estar do outro lado, a construir a sua própria estrutura; ou brincar com a versão do Adam,

caso em que não irás além de onde estás. Não te estou a dizer para fazer uma coisa ou outra. Estou apenas a apontar as possibilidades.

Agora: a personalidade no outro lado da ponte será a realidade por trás do Adam.

([Tam:] "Bem, é a mesma que mencionaste como estando nas águas no nosso exercício anterior?")

Correto.

([Tam:] "Então o Adam foi um passo nessa direção como resultado desse exercício?")

E também, percebes, porque estás a formar esta versão do Adam do teu lado, ele não entende a sua realidade.

([Tam:] "Ele é um sonho de uma realidade? Um sonho mútuo?")

Estás correto. E começou contigo e em resposta a informações e perceções interiores legítimas.

([Tam:] "Quando criança? Como sabes, o Adam afirma que nasceu na minha infância.")

Uma certa parte do Adam foi: a versão era... tinhas uma consciência corporal de natureza protetora, mas isto foi apenas uma parte de toda uma personalidade que ainda tem de aparecer. Agora, há uma razão para a estrutura da ponte. A estrutura da ponte exige exercício, compreensão e conhecimento de ambas as partes, portanto não haveria comunicação de natureza forte e válida até que a tua personalidade seja capaz de a sustentar, pois a ponte não seria suficientemente forte para aguentar. Caso contrário, haveria demasiadas implicações e dificuldades de personalidade que poderiam surgir.

Há sessões que tratam destas comunicações de ponte psicológica e seria útil se as lesses. Quero que percebas, no entanto, a validade da personalidade por trás do Adam, e a validade do Adam em relação a ti e a essa personalidade.

Agora: nos teus sonhos, a outra personalidade pode comunicar-se e sem a estrutura da ponte psicológica, mas apenas na realidade do sonho. Quando estiveres pronto, serás capaz de te lembrar desses encontros. Sugiro, portanto, que os escrevas de manhã. Ao longo do tempo, percebes, esses vão-se acumulando. Serás capaz de recordar várias mensagens e relacioná-las com a tua própria experiência. Segues-me?

([Tam:] "Sim.")

Agora: por estas razões, não quis que colocasses demasiada pressão sobre o Adam, esperando que ele fosse essa outra personalidade, ou criticando-o ao compará-lo com tal outra personalidade. Pois, novamente, ele é a tua versão disso, e ele é um caminho. Ele levar-te-á lá, se é para lá que queres ir.

Em grande parte, tal como está agora, ele surgiu de ti. Agora ele pode de facto desaparecer de volta para ti neste momento, e com pouco cuidado da tua parte. Ele não desapareceria como uma consciência interior. Existiria dentro da tua psique como uma pequena mas definida organização de características que continuariam dentro de si mesmas a reter um sentido de identidade. Ele também continuaria os seus dispositivos protetores para o teu próprio corpo físico. Não o sentirias excessivamente em falta se ele fizesse isto agora.

Se, no entanto, esperas demasiado dele sem dar tempo para que esta estrutura se forme, estás a drená-lo de energia e não o contrário. Pois tu criaste-o com uma certa quantidade de energia e não podes exigir mais do que lhe deste. Ao mesmo tempo, a estrutura psicológica ainda não se estendeu suficientemente para fora para que ele esteja a reunir energia suficiente do nosso outro lado simbólico: e por vezes estás a pedir-lhe que dê o salto. E depois ficas perturbado se, em vez disso, ele cair.

Novamente: podes seguir este processo até... Várias possibilidades mostram-se. Se seguires este processo, digamos, dois terços do caminho, então estás mais ou menos comprometido a ir o outro terço do caminho; comprometido em termos do teu próprio bem. Seria altamente difícil então puxar a tua ponte para trás e voltar a correr para a outra margem.

Mas também o Adam terá mudado, neste ponto. Ele estará a extrair energia dessa outra personalidade. Ele será capaz de fazer mais. Mas ele ainda será a tua versão. Mais tarde, se o processo continuar, farás contato válido com a personalidade para quem o Adam agora aponta. Essa personalidade então falará, comunicará através do Adam. O Adam então assumirá as características dessa outra personalidade. Ele ainda não será essa personalidade. Ele será, de facto, a ponte psicológica, a estrutura psicológica, a estrutura e a imagem através das quais essa personalidade pode comunicar. Segues-me?

([Tam:] "Muito bem.")

Bom. Não poderia dizer-te isto numa carta. Agora, não gosto do termo "eus ascendentes". Segues-me?

([Tam:] "Não exatamente." ou "Receio que não.")

Não gosto do termo... um eu mais elevado ou mais desenvolvido do que...

([Tam:] "Ah, entendo.")

Eus que ascendem como degraus... e ainda assim, para te falar inteligentemente, tenho de usar esta imagem por vezes. Portanto, quando te digo que esta outra personalidade por trás do Adam pode ser um eu futuro teu, de forma alguma estou a dizer-te que essa personalidade é uma parte da tua estrutura de personalidade como a pensas, ou como os teus psicólogos a pensam.

([Tam:] "Entendo.")

Tu, tal como te conheces, não crescerás para te tornares neste "eu superior". Este eu superior e tu existem simultaneamente. E ainda assim, as habilidades e o conhecimento deste "eu superior" podem tornar-se parte do teu próprio conhecimento consciente através da ponte psicológica de que falei.

Agora, fico contente por estares a dar um pontapé nas notas. *(Humiristicamente, para o RFB.)* Eu faço qualquer coisa, menos escrever as notas por ti.

([RFB:] "Gosto das notas, Seth.")

Mandava-te um par extra de dedos se conseguisse.

([RFB:] "Está bem.")

Quis esclarecer algumas destas questões para ti. *(Dirigido novamente ao Tam.)* Acredito que tens estado a remoer algumas delas. Também sinto que tens usado o Adam como bode expiatório e isso não é algo muito bondoso de se fazer. *(Sorriso.)*

([Tam:] "Por outro lado, eu não gostaria que nenhum desenvolvimento psíquico se interpusesse entre mim e a minha mulher... que se metesse entre qualquer sentimento que tenho pela minha mulher, que neste momento é ainda mais importante para mim do que qualquer um dos meus outros eus.")

Não há razão para que qualquer tal desenvolvimento se interponha entre vocês os dois. Em primeiro lugar, ele só se desenvolveria quando estivesses pronto e completamente preparado, e tal estado de prontidão e preparação não ocorreria se estivesses num estado de espírito em que temes o desenvolvimento pelas razões que acabaste de dar.

Vamos pôr-te a dançar pela ponte. *(Para a Eve:)* O teu conforto emocional é e deve ser importante para o nosso Aerofranz. Nenhum desenvolvimento ocorreria, ou deveria ocorrer, a menos que o clima emocional que envolve ambos estivesse pronto para tal desenvolvimento. No material que acabei de vos dar, mencionei que havia várias possibilidades. Isso não significa que tenham de tomar qualquer decisão consciente hoje ou amanhã.

Significa que estas estão latentes, são possibilidades que podem vir a explorar. Não explorarão tais possibilidades, não completarão a ponte a menos que os vossos próprios sentimentos emocionais estejam calmos.

Caso contrário, teriam uma ponte bem ondulante. *(Sorriso.)* Há componentes emocionais, às vezes em equilíbrio, muitas vezes não em equilíbrio, em qualquer personalidade como a pensam. Quando os dois vivem juntos, têm muitos mais elementos para integrar: novos equilíbrios. Isso altera e muda a realidade emocional de ambos. Traz possibilidades de vários tipos de criações e outros desenvolvimentos.

Algum dia teremos um grupo de sessões ou um capítulo num livro tratando dos níveis emocionais destas duas pessoas *(indica o RFB e a Jane)* e a relação com a atividade psíquica, os equilíbrios que são mantidos e alterados.

O teu ponto de vista emocional completo mudou —

([Tam:] "Queres dizer nesta vida, ou de uma relação anterior?")

Agora: no teu casamento e relação, todo o teu clima emocional mudou de direção. O dela mudou de direção, de forma que agora tens os dois juntos. Assim, em qualquer desenvolvimento ou trabalho psíquico que faças, não tens apenas a tua própria força emocional ou corrente, mas outra contigo. Como resultado, tens mais potencial, mais margem de manobra. Também, como resultado, qualquer coisa que um de vocês faça terá um efeito no outro, e notarão isto no trabalho psíquico. Quando estiveres altamente envolvido, sentirás força adicional da tua relação. Se houver alguma aversão forte, serás duplamente puxado para longe. Segues-me?

([Tam:] "Oh, sim.")

Em qualquer caso, não há necessidade de apressar onde jovens damas possam temer pisar. Tudo a seu tempo.

(Tam: "Estava correto, a informação que recebi do Adam sobre estarmos relacionados em vidas passadas?")

Dá-me um momento. Acredito que a informação estava correta na medida em que o Adam a conhece. Terei de verificar. Há uma diferença de trinta anos nas datas de nascimento. Avisar-te-ei e o Ruburt pode dar-nos a informação... Acredito que estou com o lado errado da família *(pausa).* Não tenho a certeza aqui, mas parece que temos um tio. Agora, isto está a complementar o material dado pelo Adam. Temos um tio que lida com vestimentas... se o termo é vestimentas, relacionado com a confecção de trajes de natureza cerimonial.

O tio parece ser de um ramo distante de uma família bem conhecida, o apelido parece ser composto por dois nomes, começando com D, talvez E. Depois, uma segunda parte desse nome começando com M. Voltaremos a isto. Vou deixar-vos fazer uma pausa. Talvez veja o que consigo obter sobre isso enquanto conversam...

(Pausa.)

Tenho várias sugestões, como sempre. A nossa nova noiva aqui não está tão preocupada com fenómenos psíquicos. Ela está apenas preocupada com o Adam. Isso passará com o tempo. Ela precisa de um papel a desempenhar: algo no qual possas participar e desenvolver-te *(diretamente para a Eve).* Seria bom tentares experiências no estado fora do corpo. Tens as tuas próprias capacidades para desenvolver. Não precisas ser uma Eva para o Adam.

Também podes encontrar muitas ligações entre atividade psíquica e cor e pintura, que te interessam. Agora vou dizer-te, nunca viste as cores de um arco-íris a menos que as tenhas visto de um estado fora do corpo. Se quiseres ver as cores de uma flor, ou meus caros amigos, de uma maçã, tens de sair do teu corpo para o fazer. Agora, não precisas sentir que as habilidades dele te excluem, ou que não tens as tuas próprias: ou que as habilidades dele o afastarão de ti, pois só o aproximariam. As tuas próprias capacidades estão aqui para serem usadas também, e de forma única.

Nunca viste o que é design até veres uma teia de aranha quando estás fora do corpo. Nunca viste o que é design até veres uma teia de aranha do ponto de vista da aranha. Agora podes aprender a fazer isto. Podes usar as tuas capacidades psíquicas para lançar a tua consciência para dentro da aranha. O teu corpo é um mecanismo muito útil e não sugiro que saias dele por muito tempo. No entanto, assim como a atmosfera da Terra esconde as condições no universo dos vossos cientistas, também as condições do corpo

vos cegam à verdadeira cor e design. Agora podes desenvolver-te desta forma.

Também podes desenvolver-te na mesma linha no estado de sonho se te deres a sugestão de que, quando estiveres a sonhar, verás a cor verdadeiramente e te lembrarás das cores que viste. Irás lembrá-las, e podes tentar reproduzi-las. Agora, estas cores não são como nada neste mundo. *(Com humor.)*

Portanto, não sintas que estas capacidades são só dele ou que não tens um papel, pois tens as tuas próprias habilidades e podes usá-las para os teus próprios propósitos. Podem ser parceiros nestes empreendimentos, como são parceiros noutros. Não precisas ficar para trás. Dá-nos um momento.

Agora tens algumas inclinações latentes de natureza musical, como mencionei antes, relacionadas com experiências de vidas passadas. Agora, simplesmente num espírito de diversão, percebes, podes usar as tuas capacidades, e eu darei dicas se as pedires. Podes usar as tuas capacidades para ouvir o tipo de música com que estiveste familiarizado em tempos. Essa música faz parte da tua experiência, embora a tenhas esquecido. Agora: quando ouvires essa música, tenta traduzi-la mentalmente em cor e design. E quando pensares em cor, então, sente o seu movimento.

O movimento tem som, embora não o oiças. O movimento tem música, embora não a oiças. O próprio movimento dos átomos e moléculas tem música. Quando pensares em cor, então, tenta ouvi-la, tenta sentir o movimento; depois podes usar tais experiências no teu trabalho artístico. Também podes sugerir sonhos nos quais ouvirás o tipo de música com que estiveste familiarizado.

Agora, o som da música sugerir-te-á cores e as próprias cores podem aparecer na tua mente como desenhos. Tudo isto envolve o uso dos sentidos interiores, envolve um exame do mundo interior. Tens de olhar para dentro com tanta admiração como olhas para fora, e então os dois mundos fundem-se. Segues-me?

([Eve:] "Sim.")

Agora, como esta nova aventura é uma parceria, lembra-te também de que nestes empreendimentos psíquicos deve haver uma parceria e não haverá dificuldade. Além disso, a energia envolvida no teu campo particular *(do Tam)* e nas atividades particulares dela beneficiar-vos-á a ambos. Cada um acrescentará à experiência do outro.

Agora *(para o RFB)*, espero que estejas a levar a sério parte disto.

([RFB:] "Sim.")

Eu reviro a minha própria rede de conhecidos artistas para teu benefício, e passo parte disto para ti. Há uma espontaneidade nativa aqui, na nossa senhora, que lida bem com cor transparente, que se relaciona de forma clara e simples. E acredito que ela tem estado preocupada com o que pode considerar, no fundo da sua mente, como a qualidade turva do Adam. Espero que estejamos a esclarecer isso nesta sessão. Ela também captou os teus pensamentos sobre o Adam *(para o Tam)* e, até certo ponto, foi influenciada por eles. Se alguma vez te sentiste ameaçado pelo Adam, então ela sentiria essa ameaça em dobro. Segues-me?

([Tam:] "Sim.")

Agora, ele continuaria a ser o indivíduo que é, tanto quanto qualquer um permanece o indivíduo que é. Ele não se transformaria no Adam. Eu faria aqui um comentário, mas não o farei.

(Risos e comentários difíceis de decifrar.)

Eu não veria nada de errado, por mim, com a transformação. Agora: até certo ponto, percebes, estás intuitivamente consciente da verdadeira natureza do Adam *(para a Eve aqui)*, e numa base intuitiva até te relacionas com o Adam que percebes dentro do Aerofranz, mas não percebes quando o estás a fazer. O Adam, neste respeito, seriam as qualidades superiores que por vezes sentes nele, o Aerofranz que conheces... Isto não significa que o Aerofranz, por si só, não tenha qualidades superiores. *(Com humor.)* Não estou a tentar roubar-lhe a sua própria natureza excecional. Mas para além dessas qualidades que reconheces, percebes intuitivamente outras qualidades e são essas de que estou a falar.

Também podes participar de outra forma. *(Para a Eve.)* Sair-te-ias muito bem — consigo ver agora, no entanto, que isto não te atrairá e é até certo ponto uma habilidade invulgar — mas sair-te-ias muito bem a encontrar animais perdidos. Terias um talento... particularmente para encontrar cães. Também te sairias muito bem a lidar com animais onde cuidasses deles e escolhesses lares para eles. Num nível, vejo que isto não te atrai. Noutro nível, no entanto, sair-te-ias muito bem. É um talento de experiências anteriores, um talento que talvez nunca uses. Podes acrescentá-lo à tua lista de conquistas. *(Com humor.)*

Da parte da nossa jovem noiva... uma espontaneidade na passividade. Quando te é permitido seres passiva, sentes-te livre para ser espontânea. A

passividade, no entanto, deve ser equilibrada da tua parte por uma ação mais assertiva no que diz respeito a reações habituais. Parte dessa assertividade pode ser satisfeita através do trabalho artístico, mas deve ser uma saída de ti: uma autoafirmação, uma expressão do eu — mas então dirigida para fora.

Mencionei algumas condições existentes no teu ambiente de trabalho. *(Eve.)* Dá-nos um momento. Parece haver uma mudança em três camadas diferentes: a primeira mudança, como mencionado anteriormente, começando aproximadamente daqui a três meses, seguida por mais duas mudanças, tanto de política como de algum pessoal. Se seguires com isso, ficarás bem. Agora estamos a falar aqui de probabilidades. No momento da segunda mudança, poderias decidir sair, interpretando mal o que está a acontecer. Parece haver uma mulher mais velha ligada à segunda mudança. Ela tem aproximadamente meia-idade, bem mais velha do que tu. Não tenho a certeza aqui, o nome Catherine vem-me à mente.

Quando o processo finalmente terminar, estarás dois passos à frente de onde estás agora, e dois passos ao longo deste caminho. Não estarás diretamente ligada ao mesmo departamento, mas de algum modo dois passos afastada dele, mas também estarás dois passos acima. Agora, uma dessas mudanças pode também dizer respeito a um jovem, ele sairá subitamente ou será um jovem que surgirá de repente no cenário. Apanho uma inicial T aqui. E em segundo plano, o nome Tom, ou um apelido, Thomas.

Não vos vejo muitas vezes. Estou a tentar acompanhar o que quero dizer-vos a ambos. O ponto mais importante que quero transmitir, já transmiti. Não queria que atravessassem a correr a ponte antes de ela estar completa.

([RFB:] "Podemos fazer uma pausa agora para rebobinar a fita?")

Podem, sim.

(Pausa.)

Esta será uma sessão muito curta porque já tiveram uma semana cheia. Terão a vossa viagem pela frente, e outras viagens que tenho reservadas para vocês. Há um pequeno ponto que quero mencionar. O Ruburt visitou o vosso quarto uma noite. *(Para a Eve.)*

Agora: é perfeitamente possível para ti, neste momento, visitar este quarto. Dá-te a sugestão.

([Tam:] "Oh, ótimo.")

Coloca a tua ênfase em estares neste quarto, e a viagem tomará conta de si mesma. Acredito que serás capaz de o fazer agora. *(Para o Tam.)* E tu *(para a Eve)* poderás ser capaz de o fazer agora. Se escolheres as circunstâncias adequadas e captares a ideia quando as condições forem boas, então podes fazê-lo agora.

Quero apenas que saibam que todos os tipos de energia e vitalidade são possíveis, que há todos os tipos de possibilidades para o vosso próprio desenvolvimento, que há energia disponível para vocês e podem aproveitá-la; e conhecimento disponível que podem usar. Esse conhecimento pode ser altamente prático e, em muitos casos, o sonhador é o indivíduo mais prático. Não precisam temer que este tipo de experiência vos afaste da realidade. Mostrar-vos-á uma realidade maior do que imaginam.

(A voz ficando bastante forte aqui.)

Ampliará os vossos conceitos, mudará as vossas ideias sobre o que é real e o que não é real, e o que pode ser e o que não pode ser; e o que vocês são e o que podem ser. Ambos podem descobrir a identidade maior que é a vossa, e sair da vossa própria imagem-sombra. Pois identificam-se com uma parte muito pequena da vossa verdadeira identidade. E quando usam a palavra "eu", não percebem o "eu" de que falam.

Há outras partes da vossa personalidade que têm conhecimento que podem usar. Há vantagens e são estas: à medida que se familiarizam com essas outras partes da vossa própria identidade, as vossas próprias capacidades de compreensão e aprendizagem expandem-se. Num trabalho de uma única vida, podem aprender o que, de outra forma, levaria três reencarnações a aprender. Todos estão basicamente envolvidos com uma coisa. Estão a aprender a usar energia de forma criativa. Estão a tentar descobrir quanta energia podem direcionar, o que podem criar. Podem descobrir essas respostas por vocês mesmos. Não podem descobri-las através da leitura, devem olhar dentro de vocês e abrir as vossas próprias portas. Este é um empreendimento alegre.

Devem começá-lo como uma criança que acorda de manhã. Não deve ser solene. Criam a vossa própria realidade, como já disse, mais vezes do que gostaria de recordar. Isto também se aplica aos vossos sentidos interiores. Quanto mais usam os vossos sentidos interiores, mais dados têm às vossas ordens.

Agora falo através do Ruburt. Olhando para ele, não me podem ver e, no entanto, sabem que estou aqui. *(A voz muito alta. Continua bastante alta ao longo da passagem seguinte.)*

(Alto:) A energia que varre por este corpo é apenas uma pequena sombra da energia que está ao meu comando e ao vosso comando. Essa energia pode ser traduzida em conhecimento, e quando é traduzida em conhecimento deve também ser traduzida em comportamento — então torna-se uma aventura psíquica. Então começam a usar a vossa consciência como devem usá-la.

Vocês são um "vocês" que tem uma consciência, e podem usar essa consciência como quiserem. Podem enviá-la para fora, usá-la como uma lanterna. Podem iluminar um universo com ela. Vocês não são a vossa consciência. Vocês são um eu que está consciente e que tem uma consciência. Agora quero que todos vocês, incluindo o meu amigo aqui *(Rob)*, contemplem a parte de vocês que tem esta consciência para usar. Parecerá que não há lugar para ir além desse ponto. E surgirá um dilema aparente. E, no entanto, o dilema levará a uma descoberta mais profunda. E, quando souberem o suficiente para devolver essa pergunta a mim, a que acabei de vos fazer, então terei mais para vos dizer sobre o dilema criativo inicial de que já falei.

E quero que saibam todos, se ainda não sabem, que a criatividade e a alegria e a maravilha que são inerentes a cada consciência estão presentes não apenas nas vossas mentes e na vossa consciência como a concebem, mas também na menor célula das vossas pontas dos dedos.

E quero que todos saibam que isto não é uma gravação e eu não preparei a minha lição com antecedência. Vim, de facto, para um encontro pessoal, e para cumprimentar os nossos convidados — e devem admitir que, para um cavalheiro tão velho como eu, ainda me resta alguma vitalidade. *(Muito alto aqui.)*

Não fazem ideia de como o Ruburt poderia usar esta vitalidade se apenas soubesse como o fazer. O nosso amigo viu como esta vitalidade pode ser traduzida num rugido vigoroso, ou para alimentar outras fornalhas e fazer outras conexões, como pode ser usada como combustível. Há sempre traduções de energia. Não estou a dizer "boa noite", mas podem fazer a vossa pausa.

(Pausa.)

Dou-vos todas as bênçãos que tenho para dar e manter-vos-ei debaixo de olho, a ambos. Uma calorosa boa noite.

([Tam:] "Boa noite, Seth, e muito obrigado mesmo—"
([Rob:] "Boa noite, Seth.")

SESSÃO 502

22 de Setembro de 1969

(John Bradley testemunhou a sessão. Tinha duas perguntas para Seth: uma sobre si próprio, outra sobre um cão recentemente falecido.)

Agora, boa noite - (*o John e eu:* "Boa noite, Seth.") -- e dêem-nos um momento com isso, pois há várias questões envolvidas. Vamos guardar a questão do animal para mais tarde. Trabalhemos em conjunto com isso, e depois dir-vos-ei, e poderão fazer perguntas.

Ora bem. (*Dirigindo-se ao John:*)

Você não se sente livre para se mover. Simbolicamente, não sente que tem liberdade de movimento e está a expressar isso através do mecanismo do corpo. Ficou realmente abalado quando decidiu deixar de fumar, mas isso aconteceu simplesmente porque sentiu inconscientemente uma perda. O fumo, em certa medida, tinha sido usado como um método de se confortar, uma forma de obter prazer. Quando abandonou o hábito e, ao voltar-se para a comida em busca de conforto, se negou a si próprio por medo de engordar, sentiu-se inconscientemente enganado.

Agora o conforto era necessário para que pudesse avançar em áreas onde até então sentia que não conseguia, e para lidar com os problemas, como bem sabe. Há razões pelas quais escolheu os sintomas específicos e razões para eles surgirem neste momento específico. Agora. Existia o sentimento, o medo interior, de que não tinha liberdade de movimento na esfera económica ou profissional – o medo, muito simplesmente, de não conseguir. Parte disso está relacionado com o simbolismo que inconscientemente atribuiu aos 40 anos, e aproxima-se dessa idade. Parte tem que ver com a sua avaliação da sua posição na empresa, e com a sua perceção do que poderia alcançar fora dela, caso a abandonasse.

(*Para mim:*)

Desacelere-me quando quiser.

("Ok.")

Parte disso também está ligado à sua avaliação das suas próprias competências e à crescente impaciência em usá-las mais plenamente – e ser devidamente remunerado por isso. (*Bem-humorado.*)

Durante algum tempo, considerou conscientemente vários caminhos possíveis, mas inconscientemente foi ficando cada vez mais alarmado e sentiu-se severamente prejudicado no seu progresso. Não expressou devidamente a sua amargura. De certa forma, escondeu isso da sua esposa, receando que ela o visse como menos viril ou menos dominante e, assim, se sentisse menos segura e mais frustrada. Inconscientemente, encarou isto como um fracasso pessoal: já não estava na dianteira, não só financeiramente, mas também em termos do poder que desejaria manter. Gostaria de "chutar para fora", mas sente que perdeu o impulso – daí os sintomas nos pés.

Agora, o que acontece é o seguinte: começou por querer expressar uma revolta, muitas vezes de forma explosiva. Mas ao mesmo tempo não o fez. Um grupo de músculos, portanto, tensionava-se para agir, enquanto outro tentava travar essa ação. Queria avançar, mas sentia que não podia, o que se refletiu na sua postura muito antes dos sintomas aparecerem. Todos os sentimentos são refletidos no corpo. Isto mostrou-se nos seus gestos e na maneira como andava. Alguns músculos ficaram habitualmente tensos e o equilíbrio alterado. Só depois de este estado se ter prolongado é que os sintomas se agravaram o suficiente para chamar a sua atenção. Estão a tentar transmitir-lhe algo.

Refletiu-se noutras partes do corpo também. Como observou, sentia-se subjetivamente desequilibrado e inseguro. Agora. Habituou-se a fumar para se confortar. Ao remover esse conforto, recusou substituir por outro e, ao mesmo tempo, não enfrentou o problema interno que tornava o conforto necessário. Vamos aprofundar esta questão, pois podem de facto livrar-se dos sintomas, mas gostaria de fazer uma observação antes. Quando comprou o cão, inconscientemente sentiu que o cão simbolizava o seu fracasso.

(John: "Porquê?")

Não queria um cão antes de ter espaço e uma casa maior, e anteriormente tinha adiado isso porque inconscientemente esperava ter mais terras num futuro próximo e previsível. Quando comprou o cão, e especialmente porque a sua esposa aceitou a ideia, temeu que ela também visse isso como sinal de que aceitava permanecer onde está por bastante

tempo. Ela sabia inconscientemente que consideraria isso um fracasso. Teremos muito mais a dizer. Entretanto, faça uma pausa, mas (*sorrindo*) mantenha-se connosco.

Agora. (*Para o John:*) Disse-lhe que formou o seu próprio corpo físico e a sua imagem. Alimentou pensamentos de imobilidade. Temia não conseguir avançar. Não sabia que passos dar. Criou limitações mentais. Usou a imaginação – uma ferramenta muito valiosa – contra si próprio. Via-se no futuro numa situação pior. Sentiu a sua liberdade ameaçada até que estas ideias começaram a predominar. Tentou lidar com elas conscientemente, mas acabou cada vez mais assustado, tentando dissociar-se delas. Contudo, faziam parte de si e procuravam expressão.

Quando algo corre mal com o seu corpo, ele tenta transmitir-lhe uma mensagem – e, quando a entende e faz o necessário, os sintomas deixam de ser precisos como meio de comunicação. O corpo está a dizer-lhe que tem um problema que não enfrentou e negou mentalmente, tornando-o físico através da linguagem simbólica do corpo. Dê-nos um momento. (*Pausa.*)

Toda a família sabia, inconscientemente, que o cão tinha de partir. Todos foram excessivamente simpáticos com o cão, para que ninguém percebesse conscientemente aquilo que sabiam inconscientemente – que via o cão como símbolo de fracasso. Era um segredo bem guardado, mas não totalmente inconsciente. Ninguém queria que o cão morresse, mas não foi por acaso que soltou a coleira, ou que a sua esposa o deixou escapar – simbolicamente estavam ligados. Dê-nos um momento. O ato foi simbólico, e o cão captou tudo através do seu próprio sentido de comunicação.

(O John: "Com que propósito? O que foi feito?")

Em primeiro lugar, nenhum de vós teria, a longo prazo, achado confortável viver com um animal que simbolizava o fracasso. Agora, sigamos. O fracasso estava a ser rejeitado. Agora, o cão era um cão de caça. Simbolicamente, associava a caça ao trabalho do homem na sociedade moderna. Não se sentiria livre para caçar com sucesso com aquele cão, porque ele representava uma caça mal-sucedida no mundo do trabalho. Cada membro da família captou isso. O cão tinha de ser amado, era uma forma de salvar as aparências. Ninguém queria que percebesse, mas era tudo a nível subconsciente. Aceitar o cão por qualquer período teria sido aceitar o fracasso. O cão teve de ir, mas tinha de parecer acidental – e assim foi.

Abordaremos a morte do cão mais tarde, mas dê-nos um momento mental. As atividades estão entrelaçadas e devo desenredá-las para si. Como disse o Rob, isto não significa que não possa ter um cão e apreciá-lo – mas com uma atitude diferente. Ficou particularmente assustado durante as férias por causa da inatividade. Despertaram-se velhos medos que nunca enfrentou conscientemente. Tem medo da inatividade física e mental, parte devido ao medo da doença da sua mãe. Sente que deve estar sempre em movimento para provar a si mesmo que consegue – e qualquer ameaça à sua mobilidade é sentida de forma exagerada.

Isto aplica-se simbolicamente e literalmente. Durante as férias, estes medos estavam presentes. Temeria, inconscientemente, perder o emprego e não conseguir outro à altura. Não suportaria ficar em casa sem ocupação. Este medo atormentou-o, e é uma das razões pelas quais os sintomas já o afetavam antes das férias. Este ano, as férias pareceram-lhe quase uma ameaça.

Focou-se emocionalmente no fracasso. Canalizou isso para várias áreas. O medo da doença da sua mãe tornou-o hipersensível à ideia de inatividade, fosse física ou laboral. Para se proteger, sentia necessidade de agir rapidamente, de avançar, tanto fisicamente como profissionalmente. Antigamente, sentia que podia atacar. Após os 35 anos, tornou-se mais cauteloso e começou a entreter pensamentos de fracasso – na sua própria opinião. Todas essas atitudes refletiram-se no seu corpo.

Dentro em breve farei uma pausa e depois continuarei. Um ponto: o medicamento que está a tomar atualmente não seria recomendado por mim -- (*o nosso gato Willy saltou para o colo da Jane, mas ela continuou a falar como o Seth enquanto o Willy procurava aconchegar-se.*) -- e dar-lhe-emos recomendações para que possa livrar-se dos sintomas. Isso exigirá algum esforço da sua parte, mas conseguirá.

Agora pode fazer a sua pausa. E guarde as suas perguntas (*sorriso*), pois, depois de lhe dar a receita, teremos a nossa conversa médico-paciente.

Agora. O problema não reside nas circunstâncias exteriores, mas na sua atitude mental perante elas, e nos padrões habituais de pensamento que aceitou. Tem total liberdade de movimento, tanto física como economicamente. Permitiu que pensamentos negativos dominassem e que os medos se tornassem predominantes. Estes medos foram depois simbolicamente expressos no corpo. Tem liberdade nas suas articulações, por exemplo. Vou tentar simplificar. Não quer aceitar o medo básico da

imobilidade. Tem medo do medo. Reconhece-o, mas não sabe como lidar com ele, o que o assusta ainda mais. Age inconscientemente, dificultando o movimento livre das articulações, que ficam enrijecidas pela inatividade. A rigidez convence-o de que as articulações são culpadas, agravando o problema e alimentando ainda mais o medo.

Se permitisses que isto continuasse sem controlo, então, gradualmente, as articulações inativas seriam aceites como um problema básico. Pensarias: "Se eu pudesse mover-me livremente, então poderia resolver todos os problemas", quando o verdadeiro ponto é: quando te sentires livre para resolver os problemas, não haverá sintomas físicos com que te preocupares. Agora. A cortisona pode ter algum valor temporário, mas, a longo prazo, apenas introduzirá outro elemento no sistema, ao qual o corpo terá de se ajustar, podendo levar a um agravamento dos sintomas mesmo depois de as causas desaparecerem.

Não sugiro que esta situação se mantenha durante muito tempo a um ritmo constante. A cortisona, até certo ponto, torna-se habitual – não em termos de formação de hábito, mas de rotina. Podes evitar esta situação interrompendo a sua toma de vez em quando, durante alguns dias. Pode proporcionar algum alívio, mas ao mesmo tempo o corpo vai-se habituando a um elemento mais ou menos artificial – não apenas enquanto composto químico. A cortisona é, digamos, como uma muleta. Não te tornes dependente dela.

Agora, podes inverter este processo. Foram hábitos negativos de pensamento, sentimentos e emoções reprimidas que te levaram a isto, e o mesmo processo, revertido, pode libertar-te. Posso dizer-te o que fazer e posso garantir-te que funciona. Contudo, cabe-te a ti dar seguimento. Tens, na tua mente, a imagem de ti mesmo com movimentos dificultados, articulações rígidas. Tens os medos que essa imagem evoca, e deves estar muito atento para não projetares essa ideia ou imagem no futuro.

Agora. Nos teus momentos livres, visualiza-te, mentalmente, a realizar facilmente atividades físicas normais, como antes. Recorda os sentimentos de liberdade e prazer, mas vê-os no presente. Não compares o teu estado atual com o que tinhas antes da doença. Visualiza-te, com a maior clareza possível, a dançar e a divertir-te.

Deves utilizar imagens mentais de mobilidade e ação. Ao mesmo tempo, repete muitas vezes para ti mesmo que és livre para te moveres. Não te forces nem te exijas nada. Apenas lembra-te de que foste tu quem

projetou essas ideias para as articulações e és tu quem as pode remover. (*Pausa.*) Dê-nos um momento.

Agora quero que fales mentalmente com as partes do teu corpo que te magoam. Quer sintas dor agora ou não, tens transmitido mensagens erradas a essas partes. Diz aos teus pés que os libertas. Que podem avançar. Diz a ti mesmo que és livre para seguir em frente. Não te digas que estás bem quando ainda sentes dor; não é isso que quero dizer. Deves, no entanto, perceber claramente que as tuas ideias são responsáveis.

(*Dá-nos um momento aqui.*) (*Longa pausa.*)

Deves encarar o facto de que estás – e estiveste – assustado, e que o medo é uma reação natural, mas que há formas saudáveis e construtivas de lhe responder. Podes enfrentar os teus problemas e lidar com eles. És livre para o fazer, e deves lembrar-te frequentemente disso, pois tens duvidado da tua capacidade para lidar com os problemas. (*Longa pausa.*)

Deves aceitar a tua situação como ela é, mudá-la, ou pelo menos sentir que tens capacidade para a mudar. Temeste não ter essa capacidade. (*Longa pausa.*) Pensaste que não irias progredir. Temeste, e ainda temes, que mudar de emprego pudesse negar algo à tua família. Agora. A longo prazo, a tua situação atual privar-vos-ia muito mais – refiro-me à situação física, à própria doença.

Tens todas as boas hipóteses de te livrares dos sintomas agora, mas deves começar imediatamente a usar a tua imaginação a teu favor, e não contra ti.

Há ainda outro ponto. Procuras conforto de um certo tipo e não o pedes à tua esposa. Novamente sentes que não deves precisar de conforto – temes que ela interprete essa necessidade como fraqueza ou que se assuste. Tens negado a ti próprio esse conforto, o que ajudaria a prevenir os períodos de depressão e a melancolia que surgem da tua resistência.

(*Dê-nos um momento.*) (*Pausa.*)

Ela é perfeitamente capaz de te oferecer esse conforto. Em parte, ela vê como seu papel oferecer apoio ao seu homem quando necessário. Normalmente, és tu que a impediste de desempenhar esse papel. Tens privado a ti mesmo em muitos aspetos, e a rigidez corporal é apenas mais uma dessas privações.

Temos ainda algumas recomendações. É difícil, numa única noite, dar-te todos os dados importantes. Tens reprimido os teus sentimentos há

muito tempo ou, no mínimo, tens hesitado em expressá-los livremente, e precisaremos de te alinhar novamente, de te libertar.

Agora, antes de terminarmos a sessão, quero deixar-te algumas sugestões práticas. Várias coisas são necessárias. Não forces, mas pelo menos por cinco minutos por dia, imagina da forma mais vívida possível que te moves normalmente e com facilidade – de qualquer maneira que queiras. Faz disso quase um jogo, sem peso ou seriedade excessiva.

Diz a ti mesmo várias vezes por dia que podes lidar com quaisquer problemas que tenhas. Não te martirizes constantemente com a situação laboral. Sempre que te apanhares a projetar fracasso no futuro, mesmo que seja apenas para amanhã, interrompe-te. Lembra-te de que os teus pensamentos moldam a tua realidade.

Sugiro também que expresses livremente amargura e descontentamento quando os sentires, sempre que possível. Se isso não for viável no momento, então imagina-o – imagina, por exemplo, a tua amargura como uma bola de futebol que chutas com todas as tuas forças. Este simples ato mental já irá ativar as pernas e os pés, prevenindo ainda mais rigidez nessas áreas.

(*Dá-nos um momento.*) (*Pausa.*)

A doença não foi imposta a ti – foi a tua criação, e também é tua liberdade revertê-la. Assim como moldaste o teu corpo, podes desfazer os danos.

Tenta tornar-te mais atento ao teu fluxo de consciência. Observa quando estás a dar a ti mesmo sugestões negativas. Se pensares "estou dorido", pergunta-te: "Com o quê estou realmente dorido?" Tens liberdade, múltiplas escolhas quanto à tua vida profissional. Estás a enfatizar demasiado os aspetos negativos, o que te faz sentir preso e impotente.

Estás também a subestimar o teu próprio valor, e tens feito isso de forma consistente há algum tempo. Serias o último a admitir, e as razões são profundas demais para explorarmos hoje. Esta subestimação leva-te a dar demasiada importância ao teu valor financeiro para a tua família. E é aí que reside também um medo básico. Para ti, o valor enquanto pessoa e homem parece aumentar proporcionalmente à tua situação financeira.

Há muito mais a dizer sobre isto. Tens alguma dúvida acerca do que discutimos?

(*O John:* "Como estão a progredir as coisas em relação à empresa, à luz do que disseste anteriormente?")

(*Dê-nos um momento.*)

As probabilidades continuam a funcionar como sempre, e dentro desse plano a grande maioria dos pontos que apresentei irão concretizar-se. Deves apenas ter em conta que podem ocorrer distorções em detalhes menores, mas o quadro geral mantém-se. Quanto à questão do tempo, como já deves ter reparado, os eventos podem acontecer corretamente, mas a avaliação temporal é mais incerta do meu ponto de vista.

(*O John:* "Disseste que ias falar sobre a morte do cão.")

(*Dá-nos um momento.*)

Agora. (*Pausa.*) Não há uma maneira simples de o dizer. Por um lado, o acidente foi, de facto, um acidente. Mas também havia, nesse dia, uma pessoa sintonizada de forma agressiva e com violência reprimida, predisposta a matar um animal ou outro. E, por outro lado, tinhas um animal que procurava amigos, sabendo bem que, de certa maneira, a amizade tinha acabado.

Ele sentiu a rejeição algum tempo antes, através de várias pistas dadas, e o animal sabia que a rejeição ocorreria, se não naquela ocasião, então noutra. Agora, o motorista queria atacar violentamente, mas não podia admitir isso a si mesmo, daí o caso acidental. O cão estava desconsolado e tão distraído quanto um ser humano poderia estar. O caso envolveu muitas pessoas e foi uma realidade construída por muitas delas. Agora, podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

(*O John:* "Mais uma pergunta, é tudo o que tenho.")

Está bem.

(*O John:* "O relatório que enviei na semana passada [à Searle.] Qual será o efeito disso?")

Agora. Haverá um efeito – não aquele que acredito que tenhas previsto, e não imediato. Preocupaste-os. És um problema para eles, como eles são para ti, mesmo quando ambos beneficiam mutuamente dos serviços prestados, e o teu relatório pode ajudar a tirar todos do gancho.

Pode libertar todos – eles também não sabem o que fazer contigo. Uma nova posição salvaria a face tanto para ti como para eles. Isso será considerado. Os efeitos seriam benéficos. Não haverá efeitos nocivos resultantes do evento. Já há muito tempo mencionei que o teu progresso pode não envolver necessariamente o segundo passo, o próximo passo óbvio. Eles poderiam muito bem surpreender-te com uma posição nova,

mas não seria inteiramente o que tinhas em mente em termos de abrangência.

(*Este foi, abruptamente, o fim da sessão. Os transes da Jane tinham sido bons. O John disse que os dados desta noite faziam sentido intuitivo para ele, e que não poderia discordar deles.*)

SESSÃO 503

A CONSCIÊNCIA DO FETO

(A Jane disse: Sinto-me esquisita de verdade. Sinto uma quantidade enorme de energia, ao meu redor. Também sinto o Seth por perto, mas ele ainda não se manifestou. Há uns minutos atrás sentia-me fatigada, ao fazer aquela apresentação. . .”

(A Jane acrescentou que, “Se eu abrisse a boca, acho que a minha voz ia extravasar, como se tivesse toda a energia e não soubesse o que fazer com ela.” Quando a sessão começou, porém, ela empregou a voz usual do Seth, e a mesma velocidade de ditado.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Bem, tenho várias observações de abertura a fazer. A Jane está mais aliviada do que percebes, por perceber que o livro é objeto da aprovação do Aerofranz (Tam Mossman, editor); mas mais por ela saber que fez um bom trabalho. Ela não tinha tanta certeza senão até há pouco. Entende as razões disso.

(“Sim.”)

Era extremamente importante para ela relatar toda esta experiência aos outros, e conseguir um bom começo na transmissão do material. A natureza dela é tal que a experiência tinha que ser partilhada com outros, e ela sabia que para conseguir isso ela precisa chegar a um termo com ela própria.

Verificaram-se mudanças no mês passado, extremamente importantes para a condição mental e espiritual dela, e junto com isso a libertação de energias mentais e psíquicas, e uma salutar concentração em todas as áreas do seu trabalho, com planos razoáveis e otimistas para o futuro.

A mudança de atitude e de desempenho que sofreram na vossa área pessoal, é sinal disso. Também foste de grande ajuda. Bem, sugiro que a

encorajes de forma jocosa a incrementar o movimento. Ela tem agora consciência clara, pela primeira vez, de certas áreas de rigidez, e percebe o medo por trás delas. Parte disso é simplesmente o facto de recear a dor caso um músculo de repente é abandonado. Ela sabe disso, mas com um encorajamento da tua parte, ativo mas jocoso, poderás conseguir muito nisso. O corpo está bastante preparado para obedecer, e mentalmente ela está preparada. É uma questão de tirares vantagem da oportunidade e de boas condições.

Somos capazes de falar de modo muito mais claro do que no passado sobre estas questões. A questão está em encorajar de forma divertida e espontânea o movimento ao mesmo tempo que se asseguram de não haver concentração nos movimentos que ainda se mostram um tanto dificultados. Estás a entender?

("Estou.")

Parte disso já teve lugar por sis ó no mês passado (Conforme a Jane notou), mas achei melhor não o mencionar, e creio ter razão para isso. Barreiras são derrubadas, entendes, sem a aplicação de nenhuma orientação consciente. Agora está muito bem.

Os exercícios de relaxamento de que ela falou são ótimos, caso sejam feito s de forma descontraída. Ela está mais conhecedora agora do que dizer ao corpo o que fazer. Bem, é uma questão de lhe permitir a liberdade de que goza.

Além disso, conforme tens vindo a fazer, mas de forma ainda mais ativa, encoraja-a delicadamente a expressar os sentimentos. Ela já começou a fazê-lo, mas um encorajamento da tua parte tem enorme significado para ela ao longo dessa linha, uma vez que ela ainda busca a aprovação ou reprovação da tua parte. Em qualquer dos casos deixa que ela saiba caso estejas em desacordo com o que ela diz, enquanto a encorajas a dizê-lo.

Eu menciono estas questões esta noite por o momento ser propício, e uma manipulação cabal agora ser apropriada. O corpo dela está pronto para se soltar, até mesmo áreas como os cotovelos, e ter ocorrido uma dispersão aí, razão porque a mobilidade devia ser encorajada.

Diz-lhe para pensar com carinho nas mãos, como tem vindo a fazer com relação a outras áreas do corpo. Ela tem-se sentido um tanto irritada com elas, e precisa perceber que se acham agora preparadas para trabalhar apropriadamente. Diz-lhe que agora está a gerir bem os assuntos dela.

Conforme as probabilidades se apresentam, vocês os dois vão entrar bem no trabalho de fora-do-corpo entre o presente momento e o começo do inverno. (Para mim:) Tens vindo a operar muito mais do que no passado, e em pouco tempo deves obter um conhecimento consciente, O provável é que chegues a tanto, ao perceberes que te projetaste, diversas vezes, antes de te tornares consciente do mecanismo de saída.

Permitiste-te com efeito encontrar-te com a vossa amiga Sue, e operar no apartamento num estado de projeção. As mudanças para melhor na relação pessoal que tens, física e psíquica com a Jane eram uma necessidade para a vossa parceria fora-do-corpo.

Bem, as energias da Jane estão a soltar-se, e assim que esse processo tem início, como já teve, aí toda a melhoria interior parecerá surgir de imediato, embora seja o resultado de vários meses. O trabalho psíquico terá início, e na verdade já teve. O desejo evidenciado na vossa vida por parte da Jane é muito importante. Ela devia dizer a ela própria que todas as outras tensões a podem deixar pela ponta dos dedos, sem recuarem, mas deixá-la por completo. Será uma ajuda ela imaginar a tensão a escorrer para fora através da ponta dos dedos. A ideia de ela usar o cabelo comprido *(sorriso)* neste momento particular é benéfica, por significar para ela o luxo tanto da sexualidade e do sensual, da extravagância sensual. Qualidades em direta oposição com a rigidez restritiva e puritana de que ela no passado foi herdeira.

Os cabelos soltos sugerem-lhe igualmente movimento. Quis transmitir-te este material por vir a ser um auxílio.

Uma outra pequena questão: A Jane devia continuar o contato psíquico e sensual com o seu corpo, e dar atenção às mensagens que ele lhe transmite. Isso é de importância vital.

Bem, vamos discutir um outro material, ou caso prefiras, posso discutir com respeito ao episódio dos pés. Deixo-o ao teu critério.

(“Bem, poderemos examinar um pouco a questão do pé?”

(Enquanto a Jane e eu estávamos de férias na Florida em Julho, apanhei um escaldão severo nos pés; durante vários dias tive dificuldade em caminhar, mas fui capaz de conduzir té casa a tempo e horas. O episódio ocorreu enquanto estávamos hospedados na casa do pai da Jane e da esposa dele em Daytona Beach. Achei bastante peculiar que só os meus pés tenham apresentado queimadura quando o resto do meu corpo esteve igualmente exposto. Também dei sugestão pela minha parte de crédito por

me poupar, em cima da hora, ao que poderia ter sido uma situação muito mais rigorosa, ao evitar possível incapacitação.)

Sentiste que a situação era demasiado perigosa (quente) para suportar. Receavas apanhar um escaldão. Sentiste-te mesmo receoso de perder o pé na atmosfera psíquica. Quiseste partir mas achaste melhor ficar, uma vez que a Jane vê o pai tão poucas vezes.

Por isso, o escaldão nos pés manteve-te lá, no entanto aceitaste a própria queimadura como símbolo do receio que sentiste de te queimares caso ficasses. Tornaste os pés mais suscetíveis aos raios do sol, esfregando sal na ferida, por assim dizer, ao te meteres na água no oceano.

Também buscavas uma desculpa, e uma que fosse boa, para não ires com o casal, não fosse tornar-se incontrolável. Os pés praticamente tomaram esses problemas a seu cargo. Essa foi igualmente a razão por que nenhum de vós usaram das vossas habilidades no combate ao mal. Ambos vocês, subconscientemente sabiam do propósito. Tu usaste de sugestão para controlar o sucedido, pelo que já era grave o suficiente para se prestar aos teus propósitos, ainda assim não suficientemente grave que te impedisse de conduzir de volta a casa quando quisesses.

(Não foi senão quando voltamos a Elmira que eu percebi que tínhamos perdido uma grande hipótese de usar as nossas capacidades. Falei em como devia ter hipnotizado a Jane, por exemplo, na Florida, tão logo percebemos a gravidade da situação - de modo a dar-me sugestões para uma recuperação extra rápida, etc. Contudo facto tão simples não nos ocorreu a nenhum dos dois enquanto estivemos em Daytona Beach.)

Preferiste gastar a maior parte do tempo na casa, embora aborrecido ou enojado, do que te colocares numa situação que sentiste literalmente comportar a possibilidade de desastre. Posso-te dizer com toda a franqueza que tais possibilidades existem. A visita, porém, correu pelo melhor, no geral. Era bastante necessário que visses a situação por aquilo que era, e fosses capaz de avaliar quaisquer eventos factos. Caso contrário a Jane ter-se-ia sentido sobrecarregada de lástima com os convites que teriam sido recebidos da parte da Midge.

("Da Midge?")

Teriam sido recebidos da parte da Midge, feitos pela Midge. Eles começaram antes da visita, lembras-te? A vossa visita serviu de comprovação para a Middge, porque embora te tenhas mostrado favorável,

ela viu que só podia fazer determinados avanços. Apanhaste um escaldão, estás a entender?

Tens alguma outra pergunta relacionada com isto?

("Não, não faz mal.")

A energia que a Jane sentiu, e sente, é dela. Ela está literalmente ansiosa por ir, por operar em pleno de novo, razão porque lhes dei esta noite um material para poderes apurar como ajudar melhor.

Ela vai-te ajudar nos vossos episódios fora-do-corpo. Ela mostrou-te aquilo que conhece. Depois empregarás os teus próprios métodos, e serás capaz de devolver a ajuda quando partilhares as tuas experiências. Também tens vindo a emitir formas de pensamento - mas isso é diferente de uma imagem astral.

Alguns dos modelos dos teus quadros brotaram de formas-pensamento emitidas por outros. Outras, de personalidades que se encontravam entre reincarnações.

Eu quis referir que os teus períodos de oração, como lhes chamas, renderam dividendos. Enquanto reténs os teus agendamentos, permite a espontaneidade nas demais atividades. Bem, isto já é algo -

(Cerca de duas páginas de material foram aqui apagadas.

(Resumindo: A Sue Mullin, agora Sue Watkins, um dos membros das aulas no P.E.S. da Jane, deixou três questões pendentes para serrem respondidas assim que for possível. Aqui está a primeira: Quando me projeto grávida, o meu corpo astral será de uma grávida; isto é, o corpo astral carrega a contraparte astral do feto ou o feto astral permanece no meu corpo físico dentro do feto físico? Será que a projeção astral removerá alguma da energia necessária ao sustento do feto?)

(A Jane leu as perguntas, e eu perguntei ao Seth:

("Podes-me dizer algo sobre a primeira pergunta da Sue, em relação ao corpo astral do feto?" A Jane não sabia que eu iria fazer qualquer uma dessas perguntas esta noite).

O feto tem a sua própria forma astral. Bem, essa forma astral pertence ao indivíduo, a personalidade que virá aa entrar nesta vida. Não é a mesma forma astral que existia em uma reencarnação "anterior." Esta matéria envolve muitas coisas complicadas e tentarei expressá-las de maneira simples.

Há uma enorme energia ligada ao feto. Em mais nenhuma altura da vida física será tanta energia utilizada de forma propositada, tão bem

orientada. É essa carga de energia, de proporções verdadeiramente cósmicas, que permite a irrupção inicial na matéria. A personalidade está atarefada a transformar literalmente uma informação infinita. Muito desse trabalho já foi feito durante o terceiro mês de gravidez. Tão rápido quanto a nova informação molde o feto e a estrutura física, o eu da encarnação anterior deve começar a retirar o domínio que exercia. Ele entra, pois, por breves trechos neste processo. Contudo, não se transforma no novo indivíduo.

Ele ajuda a formar o novo indivíduo, e então ele precisa retirar-se. A nova unidade do eu precisa ser livre e desimpedida por demandas que de outra forma poderiam ser exercidas sobre ela. O novo indivíduo tem uma memória profundamente soterrada das suas vidas passadas; mas a consciência pessoal do último eu reencarnado não se deve sobrepor a essa nova identidade. A nova personalidade, no seu pequeno corpo astral, visita outras porções da identidade total. Chega a receber lições de um certo tipo, mas constitui bastante o próprio eu.

("Ele projeta-se quando a Sue o faz, por exemplo?")

Talvez sim e talvez não. Não é forçado. Pode projetar-se inteiramente para outras áreas, enquanto a Sue está em algum lugar na sua forma astral. No entanto, a essa altura há uma associação muito robusta entre os dois. A um nível mais profundo, eles percebem as suas posições. A mãe sabe onde a criança está, mesmo quando não esteja ciente disso. A mãe pode ir à procura do filho numa projeção e trazê-lo de volta.

Muitos abortos naturais são causados quando a nova personalidade está a debater-se para construir a nova forma, e se projeta para junto de outros para obter conselhos; e é aconselhada a não regressar. Agora podem fazer um intervalo.

("Bem, acho melhor terminarmos.")

Nesse caso desejo-lhes uma boa noite.

("Foi deveras interessante.")

A questão que formulaste não ode ser respondida facilmente. A resposta levará a outras matérias que poderão ser seguidas se o desejarem.

("Obrigado Seth, e boa noite.")

SESSÃO 504

MAIS SOBRE A CONSCIÊNCIA DO FETO

29 de Setembro de 1969

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Bem, esta vai ser uma sessão resumida. Vocês precisa de descontrair um pouco, e vou-te dizer porquê. Vocês utilizaram uma quantidade indevida de energia na casa da tua mãe. Simbolicamente não gostaste de colocar as empanadas de proteção contra as tempestades, por sentires que talvez que fosse a última vez que fizesses isso, e que estivesses a vedar a casa. O simbolismo a tua ideia estava associado à tua visita. Não quiseste ser lembrado especialmente da condição do teu pai, e subconscientemente transpuseste a imagem de uma urna para a casa, pelo que vedando as janelas tu estavas a selar o caixão.

(Domingo, 28 de Setembro, a Jane, eu e a minha mãe visitamos o Pai no lar da região. Ao regressarmos no mesmo dia, eu baixei as telas e coloquei as empanadas de proteção para as tempestades na casa da família, em Sayre, Pensylvania. Apressei-me de modo a conseguir fazer o serviço e senti-me esgotado quando terminei. Não falei nisso à Jane.)

Isso representou o teu mero simbolismo subconsciente, mas tu não tinhas consciência dele, nem, consequentemente, dos efeitos que exerceu em ti, e assim menciono-o.

(Aqui está uma cópia do sonho que tive a 28 de Setembro, tirada do meu caderno de sonhos. Cor, muito esquecido. O Pai, eu e toda a família - Não creio que a Jane entrasse no sonho - decidimos todos deixar a realidade física juntos. Todos nos mostrávamos de acordo. Tínhamo-nos reunido na garagem nas traseiras da casa. Eu não tinha pesares, exceto o facto ode deixar de pintar mais quadros. Eramos todos da presente idade, exceto o Pai também se encontrar presente e muito ativo, a pé, etc.)

No sonho que tiveste situaste na perfeição a família na garagem, fora da casa fechada, estás a entender. A garagem também representou um símbolo, o local onde o veículo é guardado; e o carro da tua família ao não mais ser usado, representa um símbolo do corpo do teu pai, que ele em breve descartará.

O corpo do teu pai também representou um veículo ao te trazer e aos teus irmãos à existência física, e o sonho representou diversas coisas. Por um lado, um receio subconsciente bastante natural de que quando o pai-criador se desvanecer, o seu problema se desvanecer com ele. A um outro nível declarou efetivamente que a realidade psíquica da família desapareceria em larga medida da realidade física. À sua morte os teus pais levariam o peso maior dessa identidade, a identidade da família com eles. Tens perguntas?

(Que foi que o sonhos que a Jane teve com o Pai representou?)

(A Jane contara-me que tivera um sonho que envolvia o Pai na mesma noite de Domingo., 28 de Setembro. Ela tem-no anotado.)

Isso não foi um sonho, mas o primeiro reconhecimento claro da parte do teu pai de que ele estava pronto para deixar o plano físico por completo. Tu também captaste essa informação, que se tornou o ímpeto para o sonho que tiveste. Ele não tinha empreendido em definitivo a decisão antes. O papel (em que a Jane, no sonho que teve, viu que o meu jogou fora) representou as notas que o teu pai escreveu para ele próprio. O papel estava em branco. Não havia mais nada que ele tivesse a fazer aqui. Ele descartou o papel. Anteriormente ele mantivera-o não obstante estar em branco.

Bem, gostaria de acrescentar algo à discussão que começamos na nossa sessão anterior.

O feto vê o ambiente físico. A estrutura celular a essa altura responde à luz e ativa faculdades latentes na estrutura celular do corpo da mãe. Literalmente, ele vê através do corpo da mãe, e com o auxílio do corpo dela.

Não vê imagens nítidas, mas já começa a construir ideias de contornos e forma. Preciso não será dizer que as pálpebras também já vêm equipadas assim. Por outras palavras, vocês podem ver através das pálpebras fechadas. Estar tem consciência da luz e da sombra, dos contornos e da forma, embora precise aprender a distinguir estas porções do campo disponível da realidade que vocês aceitam como objetos, aquele campo disponível que não aceitam como tal.

Ele vê mais do que vocês veem, ou mais do que a mãe dele vê, por ainda não entender que vocês apenas aceitam certos padrões e rejeitam outros. Por altura do momento em que ele nasce, ele terá aprendido a aceitar a ideia que os pais têm do que a realidade é. Em grande parte começa a treinar-se para se focar somente no que vocês chamariam de

realidade física, embora ainda perceba parcialmente outros campos que vocês não aceitam. Ele só é reconhecido e as suas necessidades satisfeitas, quando se concentra numa realidade particular. Aí, aprende rapidamente a descartar as outras, por não lhe satisfazerem as finalidades físicas.

Bem, o feto também ouve, e o mesmo se aplica neste caso. Ele ouve enquanto ainda está dentro do útero, sons do ambiente físico, mas igualmente ouça sons dentro da faixa acessível de uma realidade que vocês não aceitam. Quando o bebé nasce, ele ainda ouve esses sons e vozes mas, também aqui, eles não respondem às suas necessidades físicas nem lhe trazem leite quando ele chora, pelo que ele gradualmente os descarta e foca-se na informação que mais se lhes prestam aos propósitos.

Durante algum tempo ele percebe literalmente muitos níveis de realidade, ao mesmo tempo e parte do que parece ser desorientação é simplesmente o resultado de confusão inicial, em face de tanta informação. De acordo com a situação e do indivíduo, o feto ainda pode receber mensagens de pessoas que conheceu no passado. Isto vem contribuir para a confusão, e torna-se uma questão de sobrevivência física ele ignorar em grande parte essas mensagens enquanto aprende a concentrar-se na realidade física.

Ele tem perfeita consciência das mudanças de temperatura, por exemplo, e do tempo. Está em comunicação telepática com animais e outras pessoas e, a um nível diferente numa espécie de comunicação com plantas e outras consciências similares. As plantas reagem fortemente ao aborto. No entanto, o feto também reage à morte de um animal da família e já se familiariza com as relações psíquicas inconscientes existentes dentro da família, muito antes de atingir o sexto mês.

As plantas numa dependência, ou numa casa também têm consciência clara do feto em crescimento; e as plantas também captam o facto de um membro da família estar doente, muitas vezes antes que ele ocorra antes dos sintomas físicos. São bastante sensitivos em relação à consciência presente na estrutura celular. As plantas também já saberão se o feto é masculino ou feminino, apesar da própria mão não o saber.

Bom, dá-nos um instante. *(Pausa.)* Há uma mulher que vai esperar o teu pai, para além da Ella. (Irmã falecida do Pai.) Uma mulher que ele conheceu antes de conhecer a tua mãe, mas com quem teve familiaridade posteriormente.

Ela foi uma realidade forte para ele posteriormente, em qualquer dos casos, e interrogou-se se ele não deveria ter casado com ela, em vez. Ela foi quer prima, ou alguém que ele conheceu que tinha uma ligação estreita qualquer com a família dele na área de que ele veio. O nome Anna soa forte aqui.

(O nome não me ajuda a identificar nenhuma pessoa assim. Sei muito pouco com respeito o início de vida do meu pai, ele nunca a discutiu.)

Dá-nos um instante. Ella foi a suficientemente forte para dar amor a outra, estás a entender, na relação que teve com o marido dela. A única a ser capaz de expressar uma relação estreita. Ela jamais esqueceu os irmãos, e vai esperar pelo teu pai.

Otis, *(o pai do meu pai)* foi mulher, nascida na Índia dois anos após a morte de Otis, que vai morrer em tenra idade no começo da puberdade. *(Pausa prolongada.)* Ele terá outras reencarnações, e eventualmente, nos vossos termos, tornar-se-á uma entidade forte por si só. Ele vai de verdade saudar o teu pai. Eles foram irmãos, e o teu pai de alguma forma ressentiu-se da mudança na relação apesar de ele ter optado por ela.

(Durante o último intervalo perguntei à Jane e o Seth poderia discutir duas questões. Quem iria saudar a chegada d pai por altura da sua morte; e a situação em torno de uma carta que a Jane recentemente recebeu de um professor de Cornell, que trabalha num projeto de deteção remota e pedia à Jane se fazia uma apresentação sobre Perceção Extra Sensorial para os seus alunos de pós-graduação.

Pessoalmente o Otis alcança desenvolvimento pela sua própria natureza em enormes surtos e começos; intuições; e depois precisa aprender a geri-los. Por vezes eles deixam-no sobrecarregado. É típico dele saltar de uma encarnação para outra, com uma mudança de sexo.

("Porque teremos a Jane e eu achado a sua fotografia tão impressionante?" Domingo, na casa de família em Sayre, encontrei uma cópia que o meu pai tinha mandado fazer de uma fotografia muito antiga do Otis. Estava numa caixa de charutos numa estante das traseiras, junto com outras miudezas e bugigangas. O Otis já nela parecia velho; o meu pai nasceu em 1890. A semelhança física patente entre o meu pai e o meu avó é impressionante. A fotografia do Otis exerceu um fascínio peculiar na Jane e em mim. Gostava de fazer um quadro a partir dela.)

Vocês reconheceram a entidade em que ele se vai tornar, e o mesmo reconheceu o teu pai, inconscientemente, quando tirou a fotografia. Ele

também te contatou uma vez através do tabuleiro Ouija. Vocês reconheceram a sua qualidade intuitiva. Ele ingere grandes visões intuitivas, e elas trazem-lhe sofrimento até que ele obtenha o seu significado. De modo que o sofrimento e o conhecimento andaram de mão dada.

(Tínhamos esquecido que vários anos atrás tínhamos contactado o avó através do tabuleiro Ouija.)

Dá-nos um momento. *(Pausa prolongada.)* Ele receava que o teu pai não fosse másculo. *(Pausa prolongada.)* Quanta informação pretendes? Podemos entrar na relação familiar ou não, conforme preferires.

("Nesse caso vamos voltar-nos para uma outra questão, do doutor da Univ. Cornell.")

Não é suficientemente significativo, a menos que queiras entrar a fundo no material que referiste inicialmente, em relação com a perceção e a base eletromagnética de toda perceção.

(No início dessa mesma noite, eu referira à Jane o interesse de longa data que sentia por afirmações do Seth havia uns anos, de que as perceções de Perceção Extra Sensorial tinham uma base eletromagnética. Fiquei curioso com respeito a isso por termos lido que nenhuma investigação alguma vez suscitara qualquer relação eletromagnética com a P.E.S. e interroguei-me sobre a construção do tipo certo de instrumentos, ou se ainda iriam surgir descobertas, etc.)

Acho que deveria voltar à informação sobre o feto.

("Okay.")

E assim poderemos prosseguir as duas discussões.

("Perfeitamente.")

Bem, existem estruturas eletromagnéticas, por assim dizer, que atualmente se acham presentes além (da deteção) dos vossos instrumentos (científicos). Elementos ou unidades que são os condutores básicos da perceção. Eles têm uma "vida" muito curta, segundo os vossos termos. Seu tamanho varia. Vários elementos podem combinar entre si, por exemplo; muitos elementos podem igualmente ser combinados. Para colocar isto da forma mais simples possível, não é tanto que se movam no espaço, mas que usam o espaço para me mover através dele. Há uma diferença.

De certa forma, isso envolve qualidades térmicas e leis de atração e repulsão. Esses elementos carregam o ar através do qual passam e atraem outros elementos na sua direção. Esses elementos não são estacionários da

mesma forma que, digamos, uma célula geralmente se mostra estacionária dentro do corpo. Mas mesmo uma célula apenas parece estacionária. Esses elementos não têm abrigo e são construídas em resposta à intensidade emocional.

Eles são uma forma que a intensidade emocional assume, e seguem as próprias regras de atração e repulsão. Tal como um ímã, entendes, atrai com os seus filamentos, também esses elementos atraem os seus próprios tipos e formam padrões que de seguida lhes parecem a vós perceção.

Bem, o feto utiliza esses elementos, e o mesmo faz toda consciência, inclusive a de uma planta. As células não apenas respondem à luz porque essa ser a ordem das coisas, mas por causa de um desejo emocional de perceber a luz se achar presente.

O desejo surge nesse outro nível na forma desses elementos ou unidades eletromagnéticas, que então causam uma sensibilidade à luz. Esses elementos dispõem de livre-arbítrio. Podem ser usados na perceção normal assim como no que vocês chamam de perceção extrassensorial. Eu vou discutir a sua natureza básica esta noite ou numa outra sessão, e gostaria de associar isso à questão do feto, uma vez que é claro que o feto se acha altamente envolvido com os mecanismos da perceção.

("Na próxima sessão, acho eu, embora isso seja interessantíssimo.")

Não significa que não possam ser improvisados instrumentos para perceber essas unidades. Os vossos cientistas estão simplesmente a colocar as perguntas erradas e não pensam em termos de tais estruturas dotadas de livre-arbítrio.

SESSÃO 505

13 de Outubro de 1969

(A Jane tem estado tão ocupada a terminar o manuscrito do livro dela sobre o material do Seth, para o enviar à Prentice-Hall, que não fizemos mais nenhuma sessão desde 29 de Setembro.

(Antes da sessão desta noite, 13 de Outubro, eu dissera que sentia curiosidade com respeito à interpretação que o Seth fez do sonho que eu tivera a 9 de Outubro. Ela será apresentada no sítio certo no texto. A Jane disse que o Seth ia falar sobre os elementos ou unidades eletromagnéticas discutidas na última sessão - que ela conseguia senti-lo ao redor dela.")

Boa noite.

Ora bem, esses elementos ou unidades de que falamos anteriormente são animações básicas que brotam da consciência. Falo agora da consciência que se acha em cada partícula física, qualquer que seja o seu tamanho; consciência molecular, consciência celular, bem como as maiores gestalts de consciência com as quais vocês normalmente estão mais familiarizados.

Devido ao vocabulário científico limitado que a Jane possui, isto torna-se um tanto difícil de explicar. Além disso, algumas das teorias que apresentarei nesta discussão serão completamente desconhecidas para vós.

Bem, essas emanações brotam tão naturalmente quanto a respiração e há outras comparações que podem ser feitas, na medida em que há um entrar e um sair e uma transformação dentro do elemento, assim como aquilo que chega aos pulmões, por exemplo, não é a mesma coisa que sai na expiração.

Poderiam comparar esses elementos, simplesmente por uma questão de analogia, ao sopro invisível da consciência. Esta analogia não levar-nos-á longe, mas isso será suficiente inicialmente para transmitirmos a ideia. A respiração é igualmente, conforme é óbvio, um pulsar e esses elementos operam por uma pulsação. Eles são emitidos pelas células, por exemplo, nas plantas, nos animais, nas rochas e assim por diante. Eles teriam cor, se vocês fossem capaz de percebê-los fisicamente.

Eles são eletromagnéticos, nos vossos termos, e seguem os seus próprios padrões de carga positiva e negativa, e também obedecem a certas leis do magnetismo. Nesse caso, o semelhante atrai em definitivo o

semelhante. As emanações são na realidade tons emocionais. As variações de tom, para todos os efeitos, são infinitas.

Essas unidades ou elementos encontram-se imediatamente abaixo do alcance da matéria física. Nenhuma delas é idêntica. No entanto, existe uma estrutura nesses elementos. Essa estrutura está além do alcance das qualidades eletromagnéticas, conforme os vossos cientistas as concebem.

A consciência realmente produz automaticamente essas emanações e elas são a base para todo tipo de perceção, tanto sensoriais em termos usuais, como extrassensoriais.

Estamos apenas a começar esta discussão. Mais tarde, vocês verão que estou simplificar-lhes a matéria, mas vocês não a compreenderá, a menos que comecemos desta maneira. Pretendo explicar a estrutura desses elementos ou unidades. Vamos parar um momento agora.

Essas emanações também podem aparecer como sons, e vocês serão capazes de as traduzir por sons muito antes de os vossos cientistas descobrirem o seu significado básico. Uma das razões porque não foram descobertos é precisamente por estarem habilmente camuflados dentro de todas as estruturas.

Por se encontrarem além do alcance da matéria, por terem uma estrutura, embora uma estrutura não física, e por serem dotados de natureza pulsante, podem expandir-se ou contrair-se. Eles podem envolver por completo, por exemplo, uma pequena célula ou retirar-se para o núcleo dela. Por outras palavras, eles combinam qualidades de uma unidade e de um campo.

Essa é uma outra razão por que eles permanecem um segredo para os cientistas ocidentais. A intensidade governa-lhes a atividade e o seu tamanho, uma vez que precisamos usar esse termo. (Pausa.) Dá-nos um momento. A intensidade governa-lhes não só a atividade e dimensão, mas a potência relativa da sua natureza magnética. Eles atrairão outras unidades dessas, por exemplo, de acordo com a intensidade do tom emocional da consciência particular em qualquer dado "ponto."

Essas unidades, obviamente, mudam constantemente. Se tivermos que falar em termos de tamanho, elas mudam constantemente de tamanho quando se expandem ou contraem. Teoricamente, não há limite, como vocês verão, para a sua taxa de contração e expansão. Elas também são absorventes. Elas emitem qualidades térmicas e essa é o único indício que os vossos cientistas receberam delas, até agora.

As suas características atraem-nos para uma troca constante. Grupos deles *(a Jane gesticulou; a fala dela mostrou-se inteiramente enfática e animada)*, agrupam-se, são literalmente selados, apenas para serem separados e dispersos de novo.

Bem, eles formam. . . a sua natureza está por trás do que é comumente conhecido como ar e usam-no para se deslocar. Por outras palavras, pode-se dizer que o ar é feito de animações de unidades dessas.

Vou tentar esclarecer isto mais tarde; mas o ar é o resultado da existência dessas unidades, formadas pela inter-relação das unidades nas posições e distância relativa que adotam umas das outras e o que vocês poderiam chamar de velocidade relativa do seu movimento. O ar é o que ocorre quando essas unidades se acham em movimento, e é em termos de clima que os seus efeitos eletromagnéticos aparecem com maior clareza aos cientistas, por exemplo.

Essas unidades ou elementos - vamos discuti-las na relação que têm, por exemplo, com uma rocha. A rocha é feita de átomos e moléculas, cada qual dotada da sua própria consciência. Isso forma uma gestalt de consciência de rocha.

Estas unidades são indiscriminadamente emitidas por vários átomos e moléculas, mas porções delas são igualmente dirigidas pela consciência generalizada da rocha, a informar a rocha quanto à natureza cambiante do seu ambiente, o ângulo de incidência do sol e as mudanças de temperatura, por exemplo, que se verificam quando não cai; mas mesmo no caso de uma rocha, mudam conforme o que é chamado tom emocional muda. na medida em que as unidades mudam, alteram o ar que as rodeiam, que é resultante da sua própria atividade.

(Nota do Tradutor: esta informação requer consulta da matéria referente ao papel que o homem desempenha no tempo.)

Emanam constantemente da rocha e retornam a ela com um movimento tão suave que haveria de parecer simultâneo. As unidades unem-se e até certo ponto fundem-se, com outras unidades emitidas, digamos, pela folhagem e todos os outros objetos. Há uma mistura constante e também uma atração e repulsão.

Vocês podem fazer uma pausa e logo prosseguiremos.

(A fala da Jane mostrou-se inteiramente enfática e otimista. O estado de transe dela foi bom.)

(Eis aqui o sonho que tive a 9 de Outubro, que pedi ao Seth para interpretar. "Cor. Sonhei que tinha uma verruga ou nódulo cancerígeno mesmo no topo do meu polegar direito, que me incomodava ao pegar no pincel. Tinha-o fazia muito tempo. Creio que um médico me dizia que era cancerígeno - não muito perigoso, mas que podia ser removido no consultório dele. Tinha que escalar uma escada comprida posta de encontro à parede de um edifício para chegar ao médico, e ao falar para ele eu precisava situar-me abaixo dele e olhar para cima. Ele parecia dominante, de rosto arredondado, e ter lentes de óculos grossas. Envergava um casaco branco, creio bem, e olhava para baixo para mim como uma coruja."

("Logo o polegar pareceu-me estar limpo. Examinei-o, e já não parecia carecer de intervenção.")

Bem, esta sessão não vai ser muito longa. A Jane te vindo a usar a energia dela no livro dela, e eu não o levo a mal.

("Que achas do livro?" A Jane enviou os primeiros 13 capítulos do Material Seth ao editor na segunda-feira, dia 13.)

Contudo, eu quis dar-lhes mais algum material esta noite ao longo destas linhas. . . Estou agradado com o livro. É um bom começo, e eu vou ter mais a dizer ao longo dessas linhas numa outra noite. O teu sonho é al marga medida explicado pela interpretação que a Jane fez.

(Logo após eu ter tido o sonho, a Jane deu-me a interpretação dela do que significava. Creio que ele se saiu bem, e concordei com a versão dela uma vez que me pareceu espontânea. Uma vez que a interpretação do Seth se mostra em concordância com a da Jane - embora mais detalhada - não será necessário apresentar aqui a interpretação da Jane, além de dizer que o sonho dizia respeito ao meu trabalho artístico e a assuntos relacionados.)

O medo foi um excesso de confiança na estrutura. Isso aconteceu-te numa tarde, três dias antes do sonho, quando estavas a trabalhar.

("Sabes em que quadro eu estava a trabalhar?")

Eu agradecia, meu caro amigo, que me permitisses prosseguir por ora, embora compreenda aquilo que pretendes saber. Isto não é reprimenda nenhuma *(A sorrir.)* Eu simplesmente não quis ser interrompido. Dá-nos um instante. Não sei qual era o quadro específico, embora envolvesse um objeto arredondado. Era, creio bem, uma das peças de fruta. A ideia

passou-te pelo pensamento mas tu não a captaste bem, mas deixou-te incomodado.

Creio que a sensação teve que ver com o receio da existência uma confiança exagerada na estrutura, neste caso, que poderia dificultar a sensação de movimento; por uma peça particular de fruta parecer tão perfeita na estrutura que de algum modo parecia cristalizada nela, e não conseguia voltear-se.

Tu ignoraste a sensação, e pode ter surgido um ligeiro sintoma físico ao mesmo tempo por tal razão. Isso poderá ter envolvido uma ameixa - creio que envolveu, e isso estava de algum modo ligado a levar-te a marcá-lo com o polegar no teu sonho.

Há uma velha canção de embalar que tu escutaste em criança: Não consigo captar com clareza, mas é qualquer coisa tipo Tom Tucker mais o seu polegar, e a linha seguinte tinha que ver com uma ameixa. Isso foi parte da associação que levou ao sonho. Conforme mencionado, a interpretação da Jane foi acertada. A escalada também esteve ligada à fruta, já que precisais trepar à árvore para a colher. O sonho não apresentou conotações de saúde, não teve esse tipo de significado. Tu reconheceste o receio que sentiste quando o viste no sonho objetivado no teu polegar, e então permitiste que desaparecesse.

(Eu perguntei que quadro tinha estado envolvido por querer ter a certeza com respeito aos dois mais recentes em que tenho trabalhado. O Seth comprovou que se tratava do da natureza-morta da fruta. A data de 9 de Outubro seria, creio bem, ou o dia em que iniciei esse quadro, ou logo após tê-lo iniciado. A informação é muito boa, e é apresentada de uma forma em que a Jane conscientemente - pelo menos - não pensa. Eu estava preocupado com a forma nesse quadro, e essa preocupação, associada à composição, rendeu-me uma boa contenda nesse quadro. Geralmente acho a forma e a composição fáceis.

(Desta vez tive que dar duro antes de resolver o problema após uns dois dias. O quadro está praticamente concluído agora, e parece bem-sucedido. É algo como um novo início para mim, e incorpora um monte de coisas. Aprendi a fazer os meus retratos durante o ano transato ou por aí. Não disse nada à Jane acerca da preocupação que sentia a respeito desse quadro; de facto, todos quantos o viram em progresso, mesmo no início, pareceram gostar dele, e comentado em especial a forma e a composição.

(De notar que o sonho eclodiu após eu resolver alguns dos problemas referidos atrás. Ainda me sentia um tanto contrafeito em relação às decisões a que tinha chegado por altura de 9 de Outubro, mas decidi ir de qualquer modo em frente por estar a elaborar o que provavelmente seria aspetos inócuos por essa altura.)

A figura do médico representou o seu eu artístico criativo e intuitivo, o teu eu potencial nesses termos, para quem te voltaste em busca de conselho e auxílio. Tinhas que trepar, simbolicamente, mas a escada, entende, era unidireccional em vez de torta, e isso comprova que o caminho se mostra desimpedido.

Além disso, havia alguém no todo da escada, a indicar tanto a fonte como o potencial das tuas potencialidades, assim como as tendências edificantes. Se ninguém estivesse lá, terias estado em apuros. Também estavas a abrir caminho para cima na escada, o que indica o conhecimento que tens de que os teus próprios esforços estão envolvidos.

Tu estavas sozinho, na tua própria escada, o que indicava a qualidade única dos resultados por que te esforças por obter. Quer dizer, não estás a imitar, e mais que isso, abrirás o teu caminho num segmento que mais ninguém tomou.

Tivesse sido um elevador, e teria assinalado um sucesso rápido, mas tampouco te deparaste com obstáculos no caminho, e os lanços, situados de forma regular, mostraram uma progressão firme. Não retrocedeste nem procedeste a falsos começos.

O sonho também mostra que estás a alcançar um bom contato com o teu lado criativo, e que eras capaz de utilizar o auxílio disponível. Bem, tens mais alguma pergunta a fazer?

("Muito rapidamente: Que é que pensas do pequeno quadro das árvores que pintei?" Fora por isso que anteriormente perguntei ao Seth qual o quadro a que se referia; eu estava justo a terminar esse quadro enquanto começava o da natureza-morta da fruta, a 9 de Outubro.)

Constitui uma expressão fluída, móbil da vitalidade que tu percebeste. Terá qualidades terapêuticas. Absorve e no entanto dá. Mostra espontaneidade, num modo de movimento fácil em vez de uma forma explosiva.

(Captei a ideia desta pequena paisagem enquanto conduzia pelo interior da Pensilvânia há umas semanas, numa das viagens regulares que a Jane, a minha mãe e eu fazemos para ir visitar o meu pai.

(Eu perguntei por não estar certo do que pensava dele.)

Tu vais saber posteriormente. Talvez a determinado momento possas pintar os traços de um homem que gostasse de ter lugar nessa paisagem. Pintaste uma mente ou espírito conforme aparece na forma de paisagem. Dá-nos um instante (Pausa).

Estas são simplesmente algumas sugestões. Podes pintar paisagens como se fossem retratos, e retratos como se fossem paisagens. O mero pensar nessa ideia e nas implicações que traz pode-te levar a ideias únicas, e há uma possibilidade de esbarrares com algo completamente novo. Não quero dizer que seja coisa demasiado significativa, mas uma contribuição bastante única. Se o rosto de uma pessoa particular fosse uma paisagem, que tipo de paisagem seria, por exemplo? Até mesmo as próprias maçãs do rosto podem sugerir montanhas ou vales. Mas, para além disso e em termos mais profundos, como haveria esse rosto de se traduzir caso não fosse um rosto mas uma paisagem? Que altura do dia haveria de sugerir? Que tipo de paisagem, deserto ou montanha, etc.?

A tua paisagem das árvores, por exemplo: de outra forma - que tipo de face evoca? Tu já vês até certo ponto que evoca um retrato. Estás a entender-me?

("Estou."

(Esta informação é excelente da parte do Seth, repleta de ideias evocativas e bom senso intuitivo. Eu tive em diversas ocasiões entretido ideias relacionadas, mas nunca as traduzi por uma forma concreta. Por causa disso sei que as não expus à Jane, enquanto tal. A ideia de conceber o rosto de uma pessoa como uma paisagem é ótima. Já estou a pensar em formas de traduzir as sugestões numa base consciente.)

Quando tiveres perguntas de carácter pessoal, uma vez que são bastante legítimas, procura adotar o hábito de dividir a sessão entre material teórico e as perguntas que tiveres a fazer. Dessa forma a continuidade ainda será mantida, e ainda por cima verás as tuas questões pessoais respondidas.

Bem, antes de me despedires, por teres a mão cansada, podes fazer um intervalo ou terminar a sessão, conforme desejes.

("Bem, receio termos que a terminar, então.")

Os meus calorosos votos para ambos.

("Foi muito interessante.")

A Jane vai sair-se bem com o resto do livro dela. Eu disse-lhe que ela estava mais aliviada do que imaginava, e boa noite.

SESSION 506
27 DE OUTUBRO DE 1969

(*Algum tempo depois das 21:00 sentámo-nos para ver se o Seth se manifestava. Disse à Jane que não precisava de fazer sessão, mas ela estava disposta, se o Seth assim decidisse. Tem trabalhado muitas horas no seu livro para a Prentice-Hall,* The Seth Material*, e faltam-lhe apenas um ou dois capítulos para reescrever.*)

(*No entanto, a Jane teve recentemente duas sessões excelentes e longas para a sua aula de PES, com o Seth e o Seth II, e incluindo material novo.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem. (*Pausa, uma de muitas.*) O Ruburt não precisa de se preocupar por ter faltado a algumas sessões regulares. Ele tem estado a exercitar a espontaneidade e, paradoxalmente, é sobre a espontaneidade que assenta a regularidade das nossas sessões. Percebes-me?

("Sim.")

(*Pausa.*) Ele está a ir bem com o livro. Dá-nos um momento.

As unidades (eletromagnéticas) de que tenho falado não têm qualquer "vida", entre aspas, específica, regular, preordenada. Não parecerão seguir muitos princípios científicos. Sendo a força intuitiva mesmo para lá do alcance da matéria, na qual a matéria se forma, não seguirão as leis da matéria, embora, por vezes, imitem as leis da matéria.

É quase impossível detetar uma unidade individual, pois, na sua dança de atividade, torna-se constantemente parte de outras unidades semelhantes, expandindo e contraindo, pulsando e mudando de intensidade, de força, e mudando de polaridade. Isto último é extremamente importante.

(*Pausa, uma de muitas.*)

Com o vocabulário limitado do Ruburt, isto é algo difícil de explicar, mas seria como se as posições dos vossos polos norte e sul mudassem constantemente, mantendo a mesma distância relativa entre si e, pela sua mudança de polaridade, desestabilizando o planeta — exceto que, devido à maior força comparativa nos polos das unidades (*gestos, tenta desenhar diagramas no ar*), uma nova estabilidade é quase imediatamente atingida após cada mudança. Está claro até aqui?

("Sim.")

A mudança de polaridade ocorre em ritmo com intensidades emocionais variáveis, ou energias emocionais, se preferires. (*Pausa.*) Podes usar EE.

(*Inclinando-se para a frente, a falar com humor.*)

A energia emocional "inicial", entre aspas, originária, que põe qualquer unidade dada em movimento, e a forma, faz com que a unidade se torne então um campo eletromagnético altamente carregado, com aquelas características de polaridades mutáveis acabadas de mencionar.

As polaridades variáveis são também causadas por atração e repulsão de outras unidades semelhantes, que podem estar anexadas ou destacadas.

Há um ritmo que está subjacente a toda esta mudança de polaridade e às mudanças de intensidades que ocorrem constantemente. Mas os ritmos têm a ver com a natureza da energia emocional em si, e não com as leis da matéria física.

Sem uma compreensão destes ritmos, a atividade das unidades pareceria fortuita, caótica, e pareceria não haver nada que mantivesse as unidades coesas. Na verdade, parecem estar a voar em direções opostas a velocidades tremendas. (*Gestos.*) O "núcleo", entre aspas — agora usando uma analogia celular — se estas unidades fossem células, o que não são, então seria como se o núcleo estivesse constantemente a mudar de posição, a voar para todas as direções, arrastando consigo o resto da célula. Acompanhas a analogia?

("Sim.")

As unidades estão obviamente dentro da realidade de todas as células. Agora. (*Pausa.*) O ponto de iniciação é a parte básica da unidade, tal como o núcleo é a parte importante da célula. O ponto iniciador é a energia emocional originária, única, individual e específica, ou EE (*pausa*), que forma qualquer unidade dada. Torna-se a via de entrada na matéria física.

É o recanto inicial de três lados, do qual toda a matéria tem de brotar. O ponto inicial forma os três lados à sua volta; (*gestos; pausa.*) Há uma natureza explosiva à medida que a energia emocional nasce.

O efeito de três lados, formado instantaneamente, conduz a um efeito que é algo como fricção, mas o efeito faz (*gestos*) com que os três lados mudem de posição, de modo que acabas com um efeito triangular, fechado, com o ponto inicial dentro do triângulo. Agora, compreende que isto não é uma forma física.

("Sim.")

(*Pausa.*) O ponto de energia, o ponto EE, daqui em diante, muda constantemente a forma da unidade, mas o procedimento que acabei de referir tem primeiro de ocorrer. A unidade pode tornar-se circular, por exemplo. Ora, estas intensidades de EE, formando as unidades, acabam por transformar todo o espaço disponível naquilo que elas são. Certas

intensidades e certas posições de polaridade entre e entre as unidades, e grandes agrupamentos das unidades, comprimem energia em forma sólida.

A energia emocional dentro das unidades é obviamente o fator motivador, e vês então porque é que a energia emocional pode de facto estilhaçar um objeto físico. Podes fazer a tua pausa.

(*10:10. A Jane saiu do transe com suficiente rapidez, embora tivesse sido um bom transe. Por vezes a sua entrega tornou-se bastante rápida. Disse que sentia o Seth a empurrá-la para que deixasse o material passar com a maior clareza possível, "sem o distorcer até ficar irreconhecível."*)

(*A Jane também teve imagens enquanto dava parte deste material, geralmente onde se indica que usou gestos; mas achou muito difícil pô-las em palavras.*)

(*Normalmente, disse a Jane, "esquece-se" assim que a sessão termina, tenha ou não tido imagens enquanto a realiza; a menos que eu pergunte especificamente. A Jane disse que, quando tem imagens, estas lhe parecem tão naturais durante a sessão que não pensa em mencioná-las depois — estão a caminho de saída assim que a sessão termina.*)

(*Por vezes, disse, as mesmas imagens voltam-lhe quando relê uma sessão em particular; então reconhece-as.*)

(*A Jane fez questão de referir que, no que toca à comutação de polaridades das unidades ELM: "Isto não é apenas com o norte e o sul a trocarem, mas opostos em qualquer ponto da orla do círculo que usei como ilustração — como este e oeste invertidos, etc."*)

(*10:26.*)

Agora. A intensidade da energia emocional original controla a atividade, a força, a estabilidade e o tamanho relativo da unidade; a cadência da sua pulsação, e o seu poder de atrair e repelir outras unidades, e a sua capacidade de se combinar com outras unidades. Agora, o comportamento destas unidades muda da seguinte maneira. (*Pausa.*)

Quando uma unidade está no ato de se combinar com outra unidade, alinha os seus componentes de uma forma característica. Quando se está a separar de outras unidades, alinhará os seus componentes de maneira diferente. As polaridades mudam, em cada caso, dentro da própria unidade.

Ela alterará as suas polaridades no seu interior, adotando o desenho de polaridade da unidade para a qual está a ser atraída, e mudará a sua polaridade para longe desse desenho ao quebrar o contacto.

Toma, por exemplo, cinco mil dessas unidades, alinhadas entre si, formadas em conjunto. Continuariam, claro, invisíveis. Mas, se as pudesses ver, cada unidade individual teria os seus polos alinhados da mesma maneira. Pareceria uma única unidade — digamos que é de forma circular —, então pareceria como um pequeno globo, com os polos alinhados como na vossa terra.

Se essa grande unidade fosse então atraída para outra unidade maior, circular, com os polos a correr de este para oeste, nos vossos termos, então a primeira unidade mudaria os seus próprios polos, e todas as unidades dentro dela fariam o mesmo. (*Pausa.*)

Agora, o ponto de energia estaria a meio caminho entre esses polos, independentemente da sua posição, e ele forma os polos. Eles giram, portanto, em torno do ponto de energia. (*Gesto.*) O ponto de energia é, no essencial, indestrutível.

A sua intensidade, porém, pode variar em graus surpreendentes, de modo que poderia, relativamente falando, ser demasiado fraco, ou recuar (*pausa*), não ser forte o suficiente para formar a base da matéria; mas projetar-se, talvez, para outro sistema onde seja necessária menor intensidade para a "materialização", entre aspas.

Ora, estas unidades também podem ganhar tanta intensidade e força que formam estruturas relativamente (*sublinhado*) permanentes dentro do vosso sistema, por causa da energia assombrosa que as sustenta. O vosso Stockridge…

(O Seth fez uma pausa; a Jane franziu o sobrolho, como quem procura uma palavra.)

("Oak Ridge?")

Não. (*Gesto.*) Os vestígios de templos…

("Oh. Baalbek?")

… Eram locais de estudos relativos às estrelas.

("Observatórios?")

Observatórios.

("Sim?" Pensei que provavelmente sabia a palavra que o Seth/A Jane procurava, mas não tive tempo para pensar e escrever.)

As unidades, assim carregadas de energia emocional intensiva, formaram padrões para a matéria que retiveram a sua força. Agora, estas unidades, embora apareçam dentro do vosso sistema, podem também ter outra realidade fora dele, propulsionando as unidades de energia emocional através do mundo da matéria por inteiro.

(*Pausa.*) As unidades de energia, como te disse, são relativamente indestrutíveis. Podem, no entanto, perder ou ganhar poder, recuar para intensidades inferiores à matéria, ou atravessar a matéria, aparecendo como matéria ao fazê-lo, e projetando-se através do vosso sistema. Trataremos dessa porção da sua atividade em separado. Em tais casos, porém, estão obviamente num ponto de transição e num estado de devir. Agora podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

(*As luzes da casa piscaram momentaneamente, mas não se apagaram.*)

("Acho que vamos terminar.")

Quis dar-te este material.

("É muito interessante.")

É apenas um começo. Eu dispensaria as analogias se não precisasses delas. Uma afetuosa boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(10:45. A Jane recordou as luzes da casa a piscar brevemente, dizendo que nesse momento estava "a caminho de sair" do transe.)

(Depois de conversarmos um pouco, deduzi que o Seth/A Jane tinha estado a tentar chegar à palavra Stonehenge — significando os antigos monólitos de pedra druidas, dispostos em círculo, em Inglaterra, etc. A Jane disse então que essa era a palavra que o Seth tentara levá-la a dizer. Não sabia porque não a conseguira dizer em transe, visto que conhece a palavra e aquilo que significa, etc.)

SESSÃO 507

10 DE NOVEMBRO DE 1969

(Esta sessão foi realizada para obter respostas a duas perguntas que tínhamos para o Seth. Ambas diziam respeito ao livro da Jane sobre o material do Seth, que ela está a acabar. Uma pergunta tinha a ver com a pintura a óleo mostrando duas cabeças masculinas, que eu pintei em 1965. A outra dizia respeito ao teste do envelope realizado na 300ª sessão. A Jane está a abordar ambos os pontos no Capítulo Oito do seu livro.)

(A Jane disse que não estava muito disposta para fazer uma sessão. Tinha sido um dia agitado para ambos. Desde ontem à noite que estávamos a discutir as ilustrações para o livro, e ambas as perguntas acima diziam respeito a ilustrações.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Vamos dar-vos alguma informação sobre o teste do envelope.

(O 76º, na 300ª sessão, a 7 de novembro de 1966.)

Uma parte está sempre ligada ao todo do qual faz parte. A partir da secção rasgada, então, para mim, o todo estava presente, a página inteira; e a partir de partes do todo, o todo pode ser lido ou compreendido. E com liberdade suficiente de um lado, e treino do outro, o Ruburt, falando por mim, poderia dar-vos a cópia inteira do The New York Times a partir de um canto rasgado.

(Esta, então, era a pergunta. O objeto do envelope para o teste em questão era um pedaço rasgado de uma página escondida do The New

York Times. O pedaço era pequeno em relação à página, que eu não vi. [Escondendo-o no estúdio enquanto os meus olhos estavam fechados, etc.] No entanto, quando o Seth, através da Jane, deu os resultados do teste, muitos dados precisos foram dados sobre a página completa que estava na sala de trás, bem como sobre o pequeno objeto no envelope na mão da Jane durante a sessão. Queríamos saber como tal coisa era possível.)

Isto não envolve projeção. *(Algo sobre o qual tínhamos refletido esta tarde.)* Havia outras questões, relacionadas com as próprias características mentais do Ruburt. Agora é verdade que, em termos gerais, material de natureza emocional tem na verdade uma vitalidade mais forte, e é mais fácil de percecionar. Para além disso, no entanto, o Ruburt não tem *(sorriso)* amor por detalhes, e usará sempre os detalhes como pistas para ver aonde o levam. Ele não ficaria satisfeito simplesmente por dar os detalhes sobre os fragmentos de papel tal como tu os deste. Isto é bastante automático, esta tendência, e a natureza da sua vida mental. Usamos isto, espero eu, com vantagem, nas nossas sessões de outras maneiras, e terei mais a dizer sobre isso.

Nos testes, no entanto, também tentámos utilizar esta característica. Tentámos usá-la, já que não podíamos negá-la, nem fui contra ela, uma vez que as capacidades do Ruburt são o que tenho para trabalhar e através do qual trabalhar, além, claro, das minhas próprias. Por isso usámos isso naquele teste para alargar o quadro, e trazer mais detalhes que vos deram uma imagem bastante completa, dados respeitáveis, de uma forma que era bastante natural para o Ruburt.

Não foi necessária projeção.

A página era inteira para mim, independentemente da parte usada como item. O Ruburt teve um desempenho bastante fraco naqueles itens de teste que eram sem significado, comparativamente falando, no que diz respeito aos vossos resultados. No entanto, ele saltava para fora dos dados sem sentido em busca de informações bastante válidas ligadas a eles, embora muitas vezes não pudessem confirmar isso. *(Pausa, uma das muitas curtas, etc.)* Agora eu estava a ensiná-lo, e fui acompanhando os seus interesses e inclinações naturais. A antipatia que ele tinha pelos testes não vinha tanto da ideia em si, mas da ideia de se concentrar em detalhes apenas por serem detalhes.

Apenas nesses momentos, durante esse tipo de teste, é que ele se tornava antagónico. Têm perguntas sobre este material?

("Não, isso parece cobrir muito bem.")

(Havia perguntas, mas parecia que os dados acima dariam à Jane a informação de que precisava para o seu livro, etc.)

(Sorriso.) Podes dizer-lhe que, embora ele não saiba, tem uma compreensão subconsciente muito boa de detalhes, que depois junta e sintetiza. *(Pausa.)* Se ele compreender os usos criativos dos detalhes, então não será tão conscientemente antagónico a eles. Agora. Tens perguntas sobre isto?

("Não.")

Dá-nos um momento. *(Pausa às 21h29.)*

O retrato é de Rob e Jane. Estes não são retratos de vocês próprios como personalidades passadas, nos vossos termos, ou de eus reencarnatórias particulares. São representações pictóricas dos eus inteiros que vocês são. Nos vossos termos, os eus que são a soma das vossas personalidades reencarnatórias. Esses eus inteiros, então, fazem parte da vossa entidade. Os vossos eus prováveis também fazem parte da vossa entidade, no entanto. Se quiserem pensar em termos de guias, entre aspas "anjos", então têm a realidade por trás desses termos. Jane e Rob são os nomes que uso para vocês, pois esses nomes em si implicam os vossos objetivos maiores. Essas personalidades estão conscientes da vossa existência presente e dão-vos conselhos quando estão no estado de sono. São uma fonte de força. Podes recorrer ao conhecimento deles, e também podes recorrer ao conhecimento dos teus próprios eus reencarnatórios, "passados" *(entre aspas)* e "futuros".

("Sim.")

Assim como aquela porção do jornal era um todo do jornal inteiro, e ali estava para ser lido, também está o eu completo presente nas porções da tua personalidade que conheces. Isto dá-te a informação que pediste?

("Sim. Uma pergunta: ao olhar para a pintura, qual das duas cabeças representa, por exemplo, o meu eu completo?")

Agora. O Ruburt é o loiro. *(Ambos são homens.)*

("Vais dizer algo para o apêndice do livro?")

(Com isto eu queria perguntar ao Seth se ele planeava ditar um capítulo, ou pelo menos algumas páginas, para o livro da Jane sobre o material. A Jane e eu já tínhamos falado sobre isso antes. Mas pode-se ver que o Seth não responde diretamente à pergunta.)

Haverá mais material sobre as unidades (ELM) de que temos falado. *(A Jane poderá usar este material no apêndice.)* Queria dizer-te que, quando o Ruburt enviar o seu livro, tentaremos dar-te mais informações sobre o material da galeria de arte.

("Sem pressa.")

Agora faremos uma pausa. Sugiro que, mais tarde, o Ruburt estude novamente toda a série de testes, pois há lições a serem aprendidas ali que ainda vos escaparam.

(21h42. O transe da Jane tinha sido bom. É verdade que ainda podemos aprender com a série de testes do envelope, que cobriu um ano. Ao revermos os resultados de dois itens para o capítulo da Jane sobre testes no seu novo livro, ficámos agradavelmente surpreendidos ao desenterrar mais alguns excelentes dados que tínhamos ignorado antes, etc...)

(Achámos os dados do Seth esta noite sobre a reação da Jane aos testes muito interessantes. Falei sobre casos que lemos, onde a hipnose era usada para fazer o sujeito concentrar-se apenas no item do teste, ignorando quaisquer outros dados, mesmo que relevantes. A discussão desviou-se para a nossa curiosidade sobre como a Jane se sairia nessas condições, quando o Seth retomou abruptamente às 21h50.)

Esse caminho não daria os resultados que podes pensar com o Ruburt, ou com qualquer outra pessoa. Quando esse caminho funciona, é porque consciente ou inconscientemente as sugestões dadas seguem as inclinações naturais. Nas perceções extrassensoriais, por assim dizer, como nas chamadas perceções normais, as inclinações básicas da personalidade ditam o tipo de informação que será procurada em qualquer campo disponível de dados. As inclinações básicas podem ser ampliadas, por exemplo, mas não completamente redirecionadas, a menos que haja um impulso extraordinário. *(Longa pausa.)*

Há muitas áreas de conhecimento em que qualquer indivíduo dado não tem interesse. Ele não se dará ao trabalho de usar a perceção normal para as obter. Grande parte do material sobre perceção que tenho dado torna este ponto bastante claro. *(Pausa.)* O Ruburt tem razão. Eu dou-lhe acesso a grandes campos de foco, ajudo-o a mudar a energia que usa na perceção para outras direções, a direcioná-la para dentro. Tornei informação disponível para ele. Depois, de acordo com as suas características básicas,

ele usou essa informação em conformidade. Dei-lhe empurrões para o guiar na direção certa. Tens perguntas?

(Formulei mal a pergunta: "A hipnose alcançaria esse nível da tua perceção?")

(Pausa.) Estás a perguntar se eu seria alcançado se o Ruburt fosse hipnotizado?

("Não exatamente. Estava a perguntar-me se a hipnose influenciaria a forma como o Ruburt *deixaria sair a informação.")*

Não sugeriria que fosse usada.

("Não. Eu também não gostaria de a usar.")

(Há muito tempo, a Jane e eu discutimos este método de obter dados em transe e decidimos não o usar por várias razões. Agora temos a certeza de que foi uma boa decisão.)

Acredito que a resposta está implícita numa declaração que fiz esta noite.

("Sim." (Pausa.) "Percebo.")

Podem encerrar a sessão ou fazer uma pausa, como preferirem.

("Vamos fazer a pausa e ver o que acontece.")

(O transe da Jane tinha sido bom, mas ela saiu rapidamente. Não se lembrava dos dados. Às 22h17, a Jane sentou-se para ver se a sessão retomaria. Não retomou. Enquanto esperávamos, ela disse-me que se sentia "muito leve, como se pudesse flutuar para algum lugar". A Jane disse que na verdade não queria falar pelo "entidade do Seth" esta noite, se era isso que estava a tentar fazer, por isso sugeri que parasse. A Jane disse que "as coisas eram significativas na sala", uma frase que já usou antes quando se preparava para falar pela "entidade do Seth", ou Seth II, como às vezes lhe chamamos.)

SESSÃO 508

20 DE NOVEMBRO DE 1969

(A sessão está incompleta no que diz respeito às notas. Foi realizada principalmente para que o Rich Conz, do Elmira Star-Gazette, pudesse fotografar a Jane em transe. Queríamos as fotos para o livro da Jane sobre o material do Seth, que está agora praticamente terminado. O Rich também trouxe consigo provas de contato das fotos que tirou da Jane e de mim ontem à tarde.)

(A sessão também foi testemunhada pela Diane Sorino, uma amiga do Rich. A Jane e eu sentámo-nos para a sessão por volta das 20h45, para ver se haveria sessão, etc. O Rich nunca tinha visto uma sessão antes, embora estivesse algo consciente do que iria acontecer.)

(O Rich tirou quarenta fotos, a maioria das quais saiu bem, como vimos mais tarde. Algumas delas são excelentes. A maioria mostra a Jane em transe, de vários ângulos; eu apareço em algumas para mostrar o nosso procedimento de tomar notas, etc. Ficámos muito satisfeitos com elas.)

(A sessão começou de forma bastante normal, mas pouco depois uma interação entre o Rich e o Seth começou a aparecer. O ritmo do Seth também acelerou consideravelmente, e comecei a ficar para trás. Mas mais do que isso, as palavras não conseguem realmente registar a troca muito humorística que se desenvolveu entre o Rich e o Seth. Vi a Jane, como Seth, rir-se muito mais do que nunca antes em transe. O Seth fez a maior parte da conversa, como de costume; e cada vez mais a sua atenção ficou fixada no Rich, à medida que este circulava, tirando foto após foto, com flash. A interação entre os dois tornou-se tão engraçada e rápida que larguei as notas e rendi-me ao riso.)

(O Rich estava meio envergonhado e meio sério; no auge da troca entre os dois, as falas do Seth para o Rich eram tão rápidas que eu não podia esperar conseguir registá-las. Depois de as fotos terminarem, o Seth também voltou várias vezes para responder a algumas das perguntas do Rich. A sessão em si, entre as investidas ao Rich, foi dirigida ao Rich e à Diane, respondendo a perguntas que eles tinham feito antes do início.)

(O Rich fez algumas boas perguntas. O Seth disse-nos que tinha sido católico em duas vidas passadas. Noutra vida passada, o Seth disse que tinha sido membro de uma religião que já não existia nos nossos termos;

que ele contaria à Jane e a mim sobre isso algum dia, e que acharíamos muito interessante.)

(As notas que se seguem são literais, ou quase, a menos que indicado de outra forma. São dadas porque há vários pontos nelas de interesse para a Jane. O Rich começou a tirar fotos cerca de cinco minutos depois de a sessão começar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. Se isso deixa o Ruburt nervoso por lhe tirarem fotografias, a mim não me incomoda, e dou-vos as boas-vindas *(Rich e Diane)* à nossa sessão. Tenho algumas observações a fazer ao nosso amigo Ruburt para abrir a sessão. Parece-me que, a esta altura, ele já poderia aprender a confiar nos seus impulsos. Ele não sentiu vontade de fazer palestras ou de se ligar ao grupo por agora, e, de facto, ainda não chegou o momento. Ele estará envolvido com essa organização. Diz-lhe que eu disse para não intelectualizar nesses casos, mas seguir os seus impulsos originais.

(Esta passagem surge de uma chamada muito recente da Betty Taylor, do grupo Spiritual Frontiers Fellowship, para a Jane, sobre uma visita de fim de semana a Pawling, Nova Iorque, no início de dezembro, e uma possível digressão de palestras pelo nordeste. A Betty ofereceu-se para marcar a digressão da Jane, etc.)

Agora. Dá-nos um momento. Quero esclarecer alguns pontos sobre o teu retrato da velha, que estás a usar no livro. É um retrato de vida passada, embora a roupa seja interpretativa da tua parte. Esta foi uma existência na qual foste mãe de cinco, como já te disse. No entanto, a existência foi há bastante tempo, antes de Cristo, daí que, vês, a própria roupa não se aplique. Ora, esta foi uma vida no Médio Oriente. Há também outros retratos que farás envolvendo a tua família dessa época. Dá-nos um momento, para outros dados...

Agora. Viveste até à velhice, e isso era bastante incomum. Um dos teus filhos foi líder de uma tribo. Outro tornou-se um membro importante de uma tribo mongoloide. Tiveste vários sonhos envolvendo este episódio em particular. Se te deres as sugestões adequadas, podes lembrar-te de alguns detalhes dessa existência; e também sugerir informação em sonhos.

(Não tenho qualquer recordação onírica desta vida. A minha recordação de sonhos tem estado muito fraca ultimamente, etc.)

Agora. Estou satisfeito com o livro, e disse à turma do Ruburt *(na semana passada)* que em breve começarei a escrever o meu próprio. *(Sorriso.)*

("Ótimo.")

Agora. Quando eu começar o meu livro—

(O Seth interrompeu-se agora e começou a falar para o Rich enquanto ele se movia em volta da Jane. Agora o Seth estava apenas a começar a prestar atenção à atividade à sua volta. Humoristicamente, a Jane abanou um dedo para o Rich.)

—Podes tirar fotografias minhas para a capa do meu livro—e eu vou dar uma palavrinha por ti... Só não me peças para olhar para o passarinho.

Podes dizer, Rob, ao nosso Aerofranz *(Tam Mossman)* que, se ele precisar de um esboço, eu asseguro-me de que ele tenha um esboço único.

("Provavelmente ele vai querer um.")

Isto de forma alguma irá dificultar o livro do próprio Ruburt.

(A Jane e o Tam têm discutido o segundo livro dela para a Prentice-Hall; o assunto possivelmente será sobre sonhos, Seth e projeção astral.)

("Vais ter os dois livros a andar ao mesmo tempo?")

Podemos fazer ambos ao mesmo tempo. *(Humoristicamente:)* Ele *(Jane)* não precisa de datilografar o meu próprio livro a menos que aprenda a escrever melhor, no entanto. Diz-lhe para se dar sugestões adequadas sobre o meu projeto. Ele tem-me adiado um pouco nisso.

("Eu bem suspeitava.")

Gostaria que o livro, o meu, tivesse aproximadamente o mesmo comprimento que aquele que ele acabou de terminar. Terá 20 capítulos, e eu escreverei os títulos para eles. Também assegurarei que todas as informações adequadas sejam dadas a tempo, e tentarei garantir que o Ruburt tenha as experiências que deve ter para poder escrever o seu próximo livro.

("Ele certamente ficará satisfeito por ouvir isso.")

Espero bem que sim. Diz-lhe que ele é tão teimoso fora do corpo como é quando está dentro dele.

Agora. Vou fazer uma pausa e deixar o nosso fotógrafo sofredor descansar as suas mãos cansadas.

(A Jane saiu rapidamente do transe, embora tenha dito que foi um bom transe. Não se lembrava de ter sido incomodada pelas fotografias nem

pelo flash, etc.; em transe, não deu qualquer sinal, por exemplo, de que o flash interferisse de algum modo.)

(Durante a pausa, tanto o Rich como a Diane fizeram perguntas que o Seth procurou responder até certo ponto. No entanto, o ritmo tornou-se rapidamente demasiado rápido para as minhas notas; por causa disto, e das situações engraçadas entre o Rich e o Seth, acabei por desistir de tomar notas. A sessão em si durou talvez até às 22h15. Mas com o Seth a voltar várias vezes para falar ao Rich e à Diane, foi perto da meia-noite até a coisa toda terminar.)

(Segue-se aqui alguns excertos dos comentários do Seth após a sessão ter retomado.)

Agora. O Ruburt é um professor neste nível de realidade, assim como eu sou um professor noutro nível de realidade... *(Para a Diane:)* portanto, se vieres às aulas dele, haverá mais do que apenas histórias bonitas de reencarnação para ti, pois tens de aprender a trabalhar e desenvolver as tuas próprias capacidades.

A personalidade humana envolve mais do que três dimensões. Há capacidades que não usas, por isso tens de aprender quais são. Esta é uma parte da tua personalidade que te fala nos teus sonhos. Esta é a parte interior de ti...

... Tens um eu completo, um eu multidimensional do qual a tua personalidade presente é uma pequena parte. É tua responsabilidade expandir a tua consciência, utilizar essas capacidades...

Isto não é a esperança do indivíduo... Mas representa a esperança da raça neste momento — que precisas de usar essas capacidades...

Então podes alcançar, podes sentir a realidade de outras personalidades. Então podes comunicar com elas... Não podes comunicar com os teus semelhantes a menos que saibas quem és e o que és, e a menos que possas construir uma ponte de ti para os outros.

—Agora, não há limitações para o eu. Não há topo nem fundo para o eu... Direi pelo menos que és limitado como eu apenas pelo que percebes. Mesmo fisicamente és mais do que sabes, pois os químicos que são o teu corpo, e os átomos e moléculas e o ar que sai dos teus pulmões... tornam-se parte da tua atmosfera nesta sala...

... Mas os teus pensamentos também têm uma realidade que não conheces. Têm uma realidade que não percebes. Agora vou dar-te um curso

rápido. Os átomos e as moléculas nesta cadeira, percebes, e na câmara do nosso amigo, todos têm uma consciência...

(Muito foi perdido aqui.) ... Agora, se vieres à aula, deves começar a pensar profundamente sobre tais assuntos... Deves viajar através da tua própria consciência, pois então descobrirás que estás a fazer a tua própria viagem através de um espaço diferente. Tens de navegar...

(Para o Rich, após uma pausa entre 21h36-21h45:) Mais vale rico do que pobre... Agora. Achas este tipo de coisa estranho, porque não percebes que vocês próprios existem independentemente dos vossos corpos físicos... *(etc.)*

SESSÃO 509

O INCONSCIENTE, DE JUNG

24 de Novembro de 1969

(Hoje a Jane andou a ler a Psicologia Experimental, de Carl Gustav Jung, primeira edição Americana, publicada pelos herdeiros de Jung em 1968. Não tínhamos pedido ao Seth que comentasse.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem, há um grande aspeto, subestimado por todos os vossos psicólogos quando eles enumeram os atributos ou características a consciência. Vou associar este material à nossa discussão das nossas unidades de energia eletromagnética, uma vez que existe uma conexão íntima.

Vamos começar pelo Jung. Ele supõe que a consciência deva ser organizada em torno de uma estrutura de ego. E o que ele chama de inconsciente, não organizado de forma tão egotista, ele considera desprovido de consciência de um eu. Ele fornece um bom argumento ao dizer que o ego não pode conhecer diretamente material inconsciente. Contudo, ele não entende, nem os vossos outros psicólogos, o que eu sempre lhes disse - que existe um ego interno e que é esse ego interno que organiza o que Jung chamaria de material inconsciente.

Uma vez mais, quando vocês estão num estado diferente do estado de vigília normal, quando vocês esquecem este eu quotidiano, vocês estão, ainda assim, conscientes e alerta. Bloqueiam apenas a memória do ego do estado de vigília. Assim, quando os atributos da consciência são apontados,

a criatividade é amplamente ignorada. Em vez disso, é atribuída principalmente ao inconsciente. O que quero dizer é que o inconsciente é consciente. A criatividade é, pois, um dos atributos e aspetos mais importantes da consciência. Diferenciemos, pois, entre a consciência normal do ego e a consciência que apenas parece inconsciente a esse ego.

Ora bem, o ego interior é o organizador da experiência que Jung chamaria de inconsciente. O ego interior é outro termo para definir o que nós chamamos eu interior. Assim como o ego externo manipula no âmbito da realidade física, também o ego interno ou *Eu* organiza e manipula no âmbito da realidade interna. O ego interno cria aquela realidade física com a qual o ego externo por sua vez lida.

Bem, todo o trabalho ricamente criativo, original, que é feito por este *Eu* interior, não é inconsciente. É propositado, é altamente dotado de discernimento, e realizado pelo ego interior consciente, de que ego exterior é apenas uma sombra e não ao contrário, estás a entender?

O lado escuro do *eu* para Jung é o ego, não o inconsciente. A tapeçaria complexa, finitamente variada e incrivelmente rica do "inconsciente" de Jung, dificilmente poderia ser inconsciente. É o produto de uma consciência interior com muito mais senso de identidade e propósito que o ego do estado de vigília. É a ignorância desse ego do estado de vigília e o seu enfoque limitado que o leva a ver a dita atividade inconsciente parecer caótica.

O ego consciente brota efetivamente do "inconsciente," mas o inconsciente, mas uma vez que inconsciente é o criador do ego, ele é forçosamente muito mais consciente do que a sua prole. O ego simplesmente não é consciente o suficiente para ser capaz de comportar o vasto conhecimento que diz respeito ao *Eu* consciente de que brota.

É este *Eu* interior que, a partir do conhecimento maciço e alcance ilimitado da sua consciência, que forma o mundo físico e proporciona estímulo para manter o ego exterior constantemente na tarefa da conscientização. É o *Eu* interior, que aqui chamamos de Eu interior, que organiza, inicia, projeta e controla as unidades de EE *(energia eletromagnética)* de que falamos, e transforma energia em objetos, e em matéria.

A energia desse *Eu* interior é dirigida e usada para formar a partir de si próprio, a partir de componentes da sua experiência interna, uma contraparte material na qual o ego externo pode então encenar o seu papel.

O ego externo tem lugar principalmente no papel, e encena a peça que o eu interior escreveu. O que não quer dizer que o ego externo seja um mero fantoche. Significa que o ego externo é muito menos consciente do que o ego interno, que a perceção que tem é mais baixa, é muito menos estável, embora faça uma grande demonstração de estabilidade; que brota do *Eu* interior e, portanto, tem menos, ao invés de mais, consciência.

O eu exterior recebe a papinha feita e recebe apenas os sentimento e emoções e somente a informação com que pode lidar. Essa informação é apresentada de forma altamente especial, geralmente em termos de informação coletada pelos sentidos físicos.

O *Eu* interior é obviamente não só consciente, mas consciente de si, tanto na sua individualidade apartada dos outros, como uma individualidade que é parte de todas as outras consciências. Nos vossos termos, ele permanece constantemente ciente, tanto de sua ação distinta como da sua unidade. O ego externo não tem consciência contínua de nada.

Com frequência esquece-se si próprio. Quando ele é sacudido por uma forte emoção, ele parece perder-se; há unidade, pois, mas nenhum senso de separação. Quando mantém o seu senso de individualidade com mais vigor, deixa de ter consciência da unidade que tem. O ego interno está sempre consciente de ambos os aspetos da sua realidade. No sentido mais profundo esse ego interno é organizado em torno do seu aspeto primário, que é a criatividade. Ele traduz constantemente os componentes da sua gestalt em realidade, quer na realidade física através das unidades eletromagnéticas que referi, ou noutras realidades igualmente válidas.

Agora podem fazer uma pausa que já continuamos. . .

(Durante o nosso intervalo, eu levantei a questão, em voz alta, se o Jung havia mudado de ideia desde a sua morte física.)

Bem, as unidades de EE (energia eletromagnética) são as formas que a experiência básica assume quando dirigidas por este Eu interior. Estas, então formam objetos físicos, matéria física. A matéria é a forma que a experiência básica assume quando se intromete nos sistemas tridimensionais. A matéria é a forma dos vossos sonhos. Os vossos sonhos, sentimentos e emoções transformam-se literalmente em matéria física com um propósito definido por esse *Eu* interior.

Um *Eu* interior individual, pelo esforço enorme constante de grande intensidade criativa, coopera com todos os outros eus interiores para formar e manter a realidade física que vocês conhecem, pelo que a realidade física

é um produto ou um derivado de u Eu interno altamente consciente e criativo.

Os edifícios parecem ser construídos de rocha, pedra ou aço. Eles parecem bastante permanente aos sentidos físicos. Eles estão na verdade a oscilar, gestalts de EE altamente carregadas em constante movimento, organizadas e mantidas pelos esforços coletivos por parte dos *eus* internos. São emoções cristalizadas, estados subjetivos solidificados, a que foi dada materialização física.

Assim, os poderes da consciência não são claramente compreendidos, nem os seus aspetos multidimensionais. Conforme lhes disse, o *Eu* é literalmente ilimitado. Cada indivíduo tem o seu papel a desempenhar na projeção dessas unidades de EE na realidade física. Por isso, a matéria física pode ser legitimamente descrita como uma extensão do *Eu,* assim como o corpo físico é uma projeção do *Eu* interior.

Bem, é óbvio que o corpo cresce em torno do *Eu* interno, e que as árvores crescem a partir do chão, ao passo que os edifícios não brotam como flores por seu próprio acordo; assim o Eu interior tem vários métodos de criação e usa unidades EE de maneiras diferentes, como vocês verão quando continuarmos com a discussão.

Tendo determinado a realidade física como uma dimensão na qual ele se projetará, o *Eu* interior, antes de mais, tem o cuidado de construir e manter a base física de que tudo dependerá - aquelas propriedades físicas da terra que poderão ser chamadas de naturais.

Começamos, numa medida bastante limitada, a explicar esse fenómeno numa sessão recente. O interior possui um vasto e infinito reservatório de que se vale em termos de conhecimento e experiência. Todos os tipos de escolha se acham ao dispor e a diversidade da matéria física é um reflexo dessa profunda fonte de variedade.

Com as estruturas naturais formadas e mantidas, outras propriedades físicas secundárias, construções secundárias, são projetadas. A experiência subjetiva mais profunda, básica e duradoura, no entanto, é traduzida nesses elementos naturais: o vasto horizonte que sustenta a vida física.

Bem, vamos continuar esta discussão na nossa próxima sessão.

Jung expandiu alguns dos seus conceitos pouco antes de morrer.

(Inclinando-se para a frente, numa ênfase bem-humorada).

Alterou uma boa quantidade deles mudou desde então. Agora, podes fazer uma pausa ou terminar a sessão conforme preferires.

("Faremos uma pausa.")

(A Jane disse que achou que o ditado havia demorado cerca de dez minutos, em vez dos vinte e cinco que realmente demorou.)

Terminaremos a sessão em breve.

Bastará dizer, entretanto, que no futuro o que lhes estou a dizer será mais conhecido. Os homens familiarizar-se-ão até certo ponto com a sua própria identidade interior, com outras formas da sua própria consciência.

Ao longo dos tempos, algumas pessoas reconheceram o facto de que há uma consciência de si e propósito em certos sonhos e estados de sonho, e sustentaram, mesmo no estado de vigília, o senso de continuidade desse *Eu* interior. Para esses, não é possível identificar-se mais inteiramente com a consciência do ego. Obviamente, eles tornam-se mais conscientes de si próprios como mais. Quando tal compreensão é alcançada, o ego pode aceitá-la, pois para sua surpresa, ele descobre que não é menos consciente mas mais consciente, e que as suas limitações se dissipam.

Agora, não é verdade e eu enfatizo isso fortemente, que o chamado material inconsciente, em face de alguma liberdade, você desviar energia do ego organizado de forma egotística numa personalidade normal. Antes pelo contrário, o ego é reabastecido de forma bastante direta. É o medo de que o "inconsciente" seja caótico que leva os psicólogos a fazer tais afirmações, mas também há algo na natureza daqueles que praticam a psicologia, um fascínio em muitos casos, já predispostos que estão para o medo do chamado "inconsciente" na direta proporção da sua atração por eles.

O ego mantém sua estabilidade, a sua aparente estabilidade e a sua saúde com a constante sustância subconsciente e inconsciente que recebe. Demasiada sustância não o mata. Estás a acompanhar-me?

("Estou.")

Somente quando essa sustância, por alguma razão, é reduzida a um grau considerável, o ego é ameaçado pela inanição. . . Temos mais a dizer sobre a relação que o ego tem com o chamado "inconsciente." Numa personalidade saudável, o *Eu* interior facilmente projeta toda a experiência em unidades de EE, que se traduzem numa realidade. Assim, a matéria física atua como feedback, retorno. Agora vamos acabar a nossa sessão a menos que tenhas algum pergunta.

("Acho que não. Foi muito interessante.")

Os meus mais calorosos cumprimentos e uma boa noite para vocês os dois.

SESSÃO 510
19 DE JANEIRO DE 1970

(Esta é a primeira sessão regular realizada desde 24 de novembro de 1969, embora o Seth tenha falado ocasionalmente na aula de ESP desde então.

(Nas últimas duas semanas, a Jane entregou a versão final do seu livro, The Seth Material, à Prentice-Hall. Pediram-lhe que fizesse um livro sobre Seth, sonhos e reencarnação.

(Aqui estão algumas notas de corroboração sobre as páginas 436-437 da última sessão, relativas ao nosso convite para uma festa dada pelo Tom Hartley no sábado, 29 de novembro. As previsões do Seth, e os próprios dados da Jane, dados durante a pausa, foram muito bem confirmados.

(O Seth falou sobre dois homens ligados a mim no passado de várias maneiras; eu encontraria esses homens na festa. De facto, encontrei dois desses homens, e estavam juntos, como o Seth previu. São Don Simmons e Pete Tomoski, colegas meus de escola secundária em Sayre, PA; não os via há 33 anos [1937]. Descobri que são amigos do Tom Hartley, algo totalmente desconhecido e inesperado para mim.

(Ambos os homens aproximaram-se de mim na festa, em momentos separados, e apresentaram-se; ambos me reconheceram e chamaram-me pelo nome; eu não reconheci nenhum deles. O Seth poderia desenvolver este material, pois eu não sei como um destes homens "influenciou a minha vida a certa altura", etc. Também não consegui fazer qualquer ligação com as iniciais ou letras dadas, D A R...

(Pete e Don foram juntos de carro de Sayre para Elmira; "juntos", como mencionado pelo Seth.)

(Os próprios dados da Jane, dados durante a pausa, também foram muito bons. Vê a descrição das suas imagens interiores durante a sessão. O Don Simmons encaixava muito bem na descrição dela de um rosto redondo, bastante pequeno, com orelhas junto à cabeça, sem óculos, um rosto "nu". No entanto, na festa, não me lembro de a Jane ter saltado de reconhecimento quando encontrou o Don Simmons...

(O Bill Gallagher, que também estava na festa, perguntou-se se o Pete Tomoski, barbeiro de profissão, usava uma peruca. Isto foi altamente interessante, pois os dados da Jane especulavam sobre a imagem interior com "sem cabelo dos lados, ou talvez careca". No entanto, não necessariamente careca, acrescentou a Jane, para mim, na altura. Verificando depois com a esposa do Tom Hartley após a festa, a Jane soube com certeza que o Pete Tomoski usa uma peruca, sendo autoconsciente da sua calvície porque é barbeiro...

(Nota: os dados da Jane mencionavam uma imagem de apenas uma pessoa, enquanto ela sentia que duas estavam envolvidas, ou "presentes". Ela deu uma descrição física da sua imagem interior, que o Don Simmons encaixava bem. No entanto, a parte sobre o cabelo aplica-se ao amigo do Don, o Pete; a quem, presumivelmente, "a Jane não pôde oferecer nada".)

(A Jane começou a falar pelo Seth com uma voz média, com pausas, com os olhos abertos e muito escuros a maior parte do tempo; muitos e variados gestos, etc.)

Ora bem *(sorriso)* — Bem-vindos depois das vossas longas férias.

("Boa noite, Seth.")

Agora tenho várias observações preliminares a fazer, antes da parte principal da nossa sessão.

Quando há um forte rapport entre vocês os dois, então isso ajuda ambos de várias maneiras importantes. Ambos geram automaticamente mais energia positiva do que os dois poderiam gerar separadamente. Segues-me aqui?

("Sim.")

A vossa comida é mais nutritiva. *(Pausa.)* Quando o Ruburt pensa em ti de maneira amorosa enquanto prepara a comida, certas alterações são operadas na comida de forma que ela é efetivamente trazida a um maior estado de perfeição relativa. Os vossos próprios corpos também a utilizam mais eficazmente.

Agora, se houver discussões à mesa, esse benefício real é reduzido. Não devem ficar perturbados com as notícias, particularmente durante uma refeição. Isso afetará a vossa digestão, mas, mais importante ainda, reduzirá a nutrição que recebem.

Quando os dois estão em rapport, fazem mais bem um ao outro do que, digamos, durante períodos de oração em que há menos rapport em

toda a situação. Os períodos de oração, ou o seu equivalente, tornam-se muito mais eficazes quando estão em bom rapport de outra forma.

(Para mim.) O teu abscesso gengival já tinha começado a formar-se antes de visitares a tua mãe *(ontem, domingo, 18 de janeiro)*, mas foi especificamente causado pela refeição lá. A refeição trouxe-o à tona, por assim dizer. Sugestão irá removê-lo. Três copos de leite, gordo, não magro, também ajudarão, tomados num dia. Isto tem um efeito curativo em determinados tecidos e um efeito calmante nos ácidos envolvidos.

Agora. Tenho ajudado o Ruburt. A energia que colocaria nas sessões tem sido investida em algumas conversas privadas com ele enquanto dorme. Isso resultou em perceções necessárias da parte dele que por si mesmas causarão a libertação de energia do eu interior.

(Nos últimos dias, a Jane tem-me contado sobre uma sequência de perceções e realizações que tem experienciado, tanto a dormir como acordada. Ela sente que estas são muito benéficas e começou a colocá-las em prática imediatamente. Ela sente que ultimamente percebeu um grupo de verdades que antes não compreendia, etc.)

Estou a trabalhar noutro material neste momento que vos será dado *(pausa)*, e por isso terão de ter paciência comigo por alguns momentos.

(Pausa.)

Por exemplo, gostaria de vos dar uma ideia do conteúdo do meu próprio livro. Muitos temas estarão envolvidos. O livro incluirá uma descrição da forma como está a ser escrito; os procedimentos necessários para que as minhas próprias ideias possam ser faladas pelo Ruburt, ou, aliás, traduzidas de todo, em termos vocais. *(Pausa longa.)*

Não tenho um corpo físico, e, no entanto, vou escrever um livro. O primeiro capítulo explicará como e porquê.

(Por esta altura, o ritmo da Jane tinha abrandado consideravelmente, e os seus olhos estavam frequentemente fechados. Ela fazia muitas pausas, algumas delas longas.)

O próximo capítulo descreverá aquilo a que podem chamar o meu ambiente atual; as minhas atuais *(entre aspas)* "características", os meus associados — e podem dizer ao vosso Aerofranz *(Tam Mossman)* que sorri enquanto usei a palavra. Com ela, refiro-me àqueles outros com quem tenho contato.

O capítulo seguinte descreverá o meu trabalho e aquelas dimensões de realidade para onde ele me leva, pois, à medida que viajo para a vossa

realidade, também viajo para outras, para cumprir aquele propósito que é o meu para preencher.

O capítulo seguinte tratará do meu passado nos vossos termos, e de algumas dessas personalidades que fui e conheci. Ao mesmo tempo, deixarei claro que não há passado, presente ou futuro, e explicarei que não há contradição, mesmo que eu possa falar em termos de existências passadas. Isto pode, possivelmente, ocupar dois capítulos.

O próximo capítulo contará a história do nosso encontro, tu *(para mim)*, o Ruburt e eu, do meu ponto de vista, claro, e das maneiras como contactei a consciência interior do Ruburt muito antes de qualquer um de vocês saber algo sobre fenómenos psíquicos ou a minha existência.

(Pausa.) O próximo capítulo tratará da experiência de qualquer personalidade no momento da morte, e das muitas variações sobre esta experiência básica. Usarei algumas das minhas próprias mortes como exemplos.

O capítulo seguinte tratará da existência após a morte, com as suas muitas variações. Ambos estes capítulos tocarão na reencarnação à medida que ela se aplica à morte, e alguma ênfase também será dada à morte no final da última reencarnação.

O próximo capítulo tratará das realidades emocionais do amor e do parentesco entre personalidades; o que acontece a estas durante reencarnações sucessivas *(pausa)*, pois algumas caem pelo caminho e outras são mantidas.

O próximo capítulo tratará da vossa realidade física tal como me aparece a mim e a outros como eu. Este capítulo conterá alguns pontos bastante fascinantes, pois não só formam a realidade física que conhecem, como também estão a formar outros ambientes igualmente válidos em outras realidades pelas vossas presentes ideias, desejos e emoções.

O próximo capítulo tratará da validade eterna dos sonhos como portais para essas outras realidades, e como áreas abertas através das quais o eu interior vislumbra as muitas facetas da sua experiência e comunica com outros níveis da sua realidade.

O próximo capítulo abordará ainda mais este tema, à medida que relato as várias formas como entrei nos sonhos de outros, tanto como instrutor quanto como guia.

O capítulo seguinte tratará dos métodos básicos de comunicação que são usados por qualquer consciência, segundo o seu grau, seja ou não

física. Isto levará aos métodos básicos de comunicação usados pelas personalidades humanas tal como as compreendem, e destacará essas comunicações interiores como existindo independentemente dos sentidos físicos *(pausa)*, que são meramente extensões físicas da perceção interior.

Contarei ao leitor como ele vê o que vê, ou ouve o que ouve, e porquê. Espero mostrar, ao longo de todo o livro, que o próprio leitor é independente da sua imagem física; e espero, eu mesmo, dar-lhe alguns métodos que comprovem a minha tese.

O próximo capítulo relacionará a experiência que tive em todas as minhas existências com aqueles gestalts piramidais de que falo no material, e com a minha própria relação com a personalidade que vocês chamam Seth Dois, e com consciências multidimensionais muito mais evoluídas do que eu.

A minha mensagem ao leitor será: "basicamente, não és mais uma personalidade física do que eu sou, e ao contar-te a minha realidade estou a contar-te a tua própria."

Agora podem fazer uma pausa.

(21h50. A Jane saiu facilmente do transe, embora tivesse sido um bom transe. Disse que sabia, desde o início da sessão, que o Seth estava "a levar-me mais fundo". Sabia que o Seth estava a falar sobre o seu próprio livro projetado e evitou bloqueios, etc. Não tinha estado a usar sugestões no esforço para obter este material esta noite.

(Enquanto conversávamos, a Jane recordou que ontem "teve um pequeno pressentimento" de que poderia estar pronta para o material do Seth sobre o seu próprio livro; a Jane ligou esta informação às perceções recentes que tem alcançado. 22h05.)

Agora. Haverá um capítulo sobre as religiões do mundo, sobre as distorções e verdades dentro delas; os três Cristos; e alguns dados sobre uma religião perdida *(pausa; uma de muitas)*, pertencente a um povo sobre o qual não têm informação. Essas pessoas viveram num planeta no mesmo espaço que o vosso planeta agora ocupa, *(entre aspas)* "antes" de o vosso planeta existir. Elas destruíram-no pelo seu próprio erro, e aqui reencarnaram quando o vosso planeta estava preparado. As suas memórias *(longa pausa)* tornaram-se a base para o nascimento da religião tal como a pensam agora.

(Longa pausa às 22h15.)

Haverá um capítulo sobre deuses prováveis e sistemas prováveis. Haverá um capítulo de perguntas e respostas.

Haverá um capítulo final no qual pedirei ao leitor que feche os olhos e se torne consciente da realidade em que eu existo, e da sua própria realidade interior. Darei os métodos. Neste capítulo, convidarei o leitor a usar os seus sentidos interiores, a ver-me à sua própria maneira. *(Longa pausa.)*

Embora as minhas comunicações venham exclusivamente através do Ruburt em todos os momentos, para proteger a integridade do material, convidarei o leitor a tornar-se consciente de mim como uma personalidade, para que então possa perceber que a comunicação de outras realidades é possível, e que ele próprio está, portanto, aberto a perceções que não são físicas.

Agora este é o meu esboço para o livro e contém meramente um esboço das minhas intenções. Não estou a dar um esboço mais completo, pois não quero que o Ruburt me antecipe.

As dificuldades envolvidas em tais comunicações serão dadas de forma completa. Será deixado claro que as chamadas comunicações paranormais vêm de vários níveis de realidade, e que essas comunicações descrevem a realidade em que existem. Portanto, descreverei a minha e outras das quais tenho conhecimento.

Isto não quer dizer que não existam outras dimensões das quais eu seja ignorante. Vou ditar o livro durante as nossas sessões. *(Longa pausa.)* Podem fazer uma pausa e eu continuarei brevemente.

(22h29. Mais uma vez, o transe da Jane tinha sido bom. A última pausa dela tinha sido bastante longa; quando mencionei isto, a Jane disse que achava que o Seth estava a tentar transmitir o título do seu livro; ao mesmo tempo, a Jane estava no processo de sair do transe. Novamente, o ritmo tinha sido lento, os olhos frequentemente fechados.

Recomeço num ritmo mais rápido às 22h32.)

Agora. Não vos vou reter.

Este é o título para o nosso livro *(sorriso:)* Seth Speaks: (dois pontos) the Eternal Validity of the Soul *(A Valididade Eterna da Alma).* Estou a usar o termo alma, pois terá um significado instantâneo para a maioria dos leitores. *(Longa pausa.)* Sugiro que te equipes com algumas boas canetas. Pede ao nosso amigo Ruburt para, gentilmente, enviar o meu esboço, em meu nome, ao nosso amigo Aerofranz. *(Sorriso.)*

Desejo-vos uma calorosa boa noite. Os meus melhores votos para ambos. Estou satisfeito com a nossa nova empreitada. Agora diz ao Ruburt que este livro de forma alguma irá interferir com a sua própria escrita, nem com o livro dos sonhos do Seth, nem com o seu romance, nem com a poesia que ele em breve começará novamente. Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Têm perguntas?

("Não. Tens feito um excelente trabalho.")

(Depois de terminado o transe, a Jane disse que não tinha estado a tentar pensar em títulos para o próprio livro do Seth, etc., nem tinha estado a especular sobre o seu conteúdo.)